REG: 515
LIV: 01
PÁG: 16
PROC: 586

365

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569, P.1/705

TÍTULO DA PEÇA : "O PAGADOR DE PROMESSAS"

AUTOR DA PEÇA : "ALFREDO DIAS GOMES"

| | | DISTRIBUIÇÃO |
|---|---|---|
| PROTOCOLOS: | 12199/82-DCDP | |
| 43091/68-DFSP | 2393/83/DCDP | |
| 06603/68-DR-GB | 3000/85-SR/RS - ILONA CHRISTENSEN NAM. REQUER. | |
| 10811/70-DFSP | | |
| 21130/71-DFSP | | |
| 1087/73-SRA | | |
| 35840/73-SRA | | |
| 39971/73-SRA | | |
| 45000/73-SRA | | |
| 16481/73-TODP-DR/GB | | |
| 08994/74-SRA | | |
| 20921/75-SRA | | |
| 68410/75-SRA | | |
| 30856/76-SRA | | |
| 38423/76-SRA | | |
| 05170/77-DCDP | | |
| 10107/78-SRA | | |
| 28825/79-SRA | | |

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
D. DP 208
Fls. N.º
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.2564

JF

# O PAGADOR DE PROMESSAS

Dias Gomes

GRUPO TEATRO ACADEMIA

Juiz de Fora - MG

DPF
DIDP
Fls. N.º 310
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564/P.3

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

## PRIMEIRO QUADRO

*Uma pequena praça, onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da ribalta, outra à esquerda, ao fundo, de frente para a platéia, subindo, enladeirada e sinuosa, no perfil de velhos sobrados coloniais. Na esquina da rua da direita, vemos a fachada de uma igreja relativamente modesta, com uma escadaria de quatro ou cinco degraus. Numa das esquinas da ladeira, do lado oposto, há uma vendola, onde também se vende café, refresco, cachaça, etc.; a outra esquina da ladeira é ocupada por um sobrado cuja fachada forma ligeira barriga pelo acúmulo de andares não previsto inicialmente. O calçamento da ladeira é irregular e na fachada dos sobrados vêem-se alguns azulejos estragados pelo tempo. Enfim, é uma paisagem tipicamente baiana, da Bahia velha e colonial, que ainda hoje resiste à avalanche urbanística moderna.*

*Devem ser, aproximadamente, quatro e meia da manhã. Tanto a igreja como a vendola estão com suas portas cerradas. Vem de longe o som dos atabaques dum candomblé distante, no toque de Iansan. Decorrem alguns segundos até que Zé-do-Burro surja, pela rua da direita, carregando nas costas uma enorme e pesada cruz de madeira. A passos lentos,*

DPF DCDP Fls. N.º 211 Rubrica

*cansado, entra na praça, seguido de Rosa, sua mulher. Ele é um homem ainda moço, de 30 anos presumíveis, magro, de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um "quê" de infantilidade. Seus gestos são lentos, preguiçosos, bem como sua maneira de falar. Tem barba de dois ou três dias e traja-se decentemente, embora sua roupa seja mal talhada e esteja amarrotada e suja de poeira. Rosa parece pouco ter de comum com ele. É uma bela mulher, embora seus traços sejam um tanto grosseiros, tal como suas maneiras. Ao contrário do marido, tem "sangue quente", revelando, logo à primeira vista, uma insatisfação sexual e uma ânsia recalcada de romper com o ambiente em que se sente sufocar. Veste-se como uma provinciana que vem à cidade, mas também como uma mulher que não deseja ocultar os encantos que possui.*

*Zé-do-Burro vai até o centro da praça e aí pousa a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está exausto. Enxuga o suor da testa.*

ZÉ

*(Olhando a igreja)* É essa. Só pode ser essa.

*Rosa pára também, junto aos degraus, cansada, enfastiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma.*

ROSA

E agora? Está fechada.

ZÉ

É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

ROSA

Esperar? Aqui?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.4

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

ZÉ

Não tem outro jeito.

ROSA

*(Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato).* Estou com cada bolha dágua no pé que dá medo.

ZÉ

Eu também. *(Num ritus de dor, despe uma das mangas do paletó)* Acho que os meus ombros estão em carne viva.

ROSA

Bem feito. Você não quis botar almofadinhas. como eu disse.

ZÉ

*(Convicto)* Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinhas.

ROSA

Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.

ZÉ

Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.

ROSA

Não usou porque não deixaram.

ZÉ

Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez

DPF DCDP Fls. N.º 12 Rubrica

o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: — Ah, você é o Zé-do-Burro, aquele que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.

ROSA

Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta? Já não chega?...

ZÉ

Sei não... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia.

*Ele sobe um ou dois degraus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição.*

ROSA

Que é que você está procurando?

ZÉ

Qualquer coisa escrita... pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.

ROSA

E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?

ZÉ

É que pode não ser essa.

ROSA

Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse? Uma igreja pequena, numa praça, perto duma ladeira...



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.5

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

ZÉ

*(Corre os olhos em volta)* Se a gente pudesse perguntar a alguém...

ROSA

Essa hora está todo o mundo dormindo. *(Olha-o quase com raiva)*. Todo o mundo... menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. *(Levanta-se e procura convencê-lo)* Escute, Zé... já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama?...

ZÉ

E a cruz?

ROSA

Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia...

ZÉ

Podem roubar...

ROSA

Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus? Pra que serve uma cruz?

ZÉ

Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou: se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. Sete léguas.

ROSA

Pra quê? Você explicava à santa que tinha sido roubado, ela não ia fazer questão.

UPF
D. 0213
Fls. N.º 02
Rubrica

ZÉ

É o que você pensa. Quando você vai pagar uma conta no armarinho e perde o dinheiro no caminho, o turco perdoa a dívida? Uma ova!

ROSA

Mas você já pagou a sua promessa, já trouxe uma cruz de madeira da roça até à igreja de Santa Bárbara. Está aí a igreja de Santa Bárbara, está aí a cruz. Pronto. Agora, vamos embora.

ZÉ

Mas aqui não é a igreja de Santa Bárbara. A igreja é da porta pra dentro.

ROSA

Oxente! Mas a porta está fechada e a culpa não é sua. Santa Bárbara deve saber disso, que diabo.

ZÉ

*(Pensativo)* Só se eu falasse com ela e explicasse a situação.

ROSA

Pois então... fale!

ZÉ

*(Ergue os olhos para o céu, medrosamente e chega a entreabrir os lábios, como se fosse dirigir-se à santa. Mas perde a coragem)* Não, não posso.

ROSA

Por quê, homem?! Santa Bárbara é tão sua amiga... Você não está em dia com ela?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.6

Serviço de Censura de Diversões
D. P. F.
SR/MG

ZÉ

Estou, mas esse negócio de falar com santo é muito complicado. Santo nunca responde em língua de gente, não se pode saber o que ele pensa. E além do mais, isso também não é direito. Eu prometi levar a cruz até dentro da igreja, tenho que levar. Andei sete léguas. Não vou me sujar com a santa por causa de meio metro.

ROSA

E pra você não se sujar com a santa, eu vou ter que dormir no chão, no "hotel do padre". *(Olha-o com raiva e vai deitar-se num dos degraus da escada da igreja)* E se tudo isso ainda fosse por alguma coisa que valesse a pena...

ZÉ

Você podia não ter vindo. Quando eu fiz a promessa, não falei em você, só na cruz.

ROSA

Agora você diz isso. Dissesse antes.

ZÉ

Não me lembrei. Você também não reclamou...

ROSA

Sou sua mulher. Tenho que ir pra onde você for.

ZÉ

Então...

*Rosa ajeita-se da melhor maneira possível no degrau, enquanto Zé-do-Burro, não menos cansado do que ela, faz um esforço sobre-humano para não adormecer. Cochila, montando guarda à sua cruz. Subitamente, irrompem na praça Marli*

DPF
Fls. N.º 214
Rubrica

*e Bonitão. Ela tem, na realidade, vinte e oito anos, mas aparenta mais dez. Pinta-se com algum exagero, mas mesmo assim não consegue esconder a tez amarelo-esverdeada. Possui alguns traços de uma beleza doentia, uma beleza triste e suicida. Usa um vestido muito curto e decotado, já um tanto gasto e fora de moda, mas ainda de bom efeito visual. Seus gestos e atitudes refletem o conflito da mulher que quer libertar-se de uma tirania que, no entanto, é necessária ao seu equilíbrio psíquico — a exploração de que é vítima por parte de Bonitão vem, em parte, satisfazer um instinto maternal frustrado. Há em seu amor e em seu aviltamento, em sua degradação voluntária, muito de sacrifício maternal, ao qual não falta, inclusive, um certo orgulho. Bonitão é insensível a tudo isso. Ele é frio e brutal em sua "profissão". Encara a exploração a que submete Marli e outras mulheres, como um direito que lhe assiste, ou melhor, um dom que a natureza lhe concedeu, juntamente com seus atributos físicos. Em seu entender, sua beleza máscula e seu vigor sexual, aliados a um direito natural de subsistir, justificam plenamente seu modo de vida. É de estatura um pouco acima da média, forte e de pele trigueira, amulatada. A ascendência negra é visível, embora os cabelos sejam lisos, reluzentes de gomalina e os traços regulares, com exceção dos lábios grossos e sensuais e das narinas um tanto dilatadas. Veste-se sempre de branco, colarinho alto, sapatos de duas cores. Descem a ladeira, ela na frente, a passos rápidos. Ele a segue, como se viessem já de uma discussão.*

BONITÃO

Espere. Não adianta andar depressa.

MARLI

É melhor discutirmos isso em casa.

BONITÃO

*(Alcança-a e obriga a parar torcendo-lhe violentamente o braço)* Não, vamos resolver aqui mesmo. Não tenho nada que discutir com você.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.7

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. - SR/MG

MARLI

*(Livra-se dele com um safanão, mas seu rosto se contrai dolorosamente)* Estúpido!

BONITÃO

Ande, vamos deixar de mas-mas. Passe pra cá o dinheiro.

MARLI

*(Tira do bolso do vestido um maço de notas e entrega a ele)* Não podia esperar até chegar em casa?

BONITÃO

*(Conta as notas, rapidamente)* Só deu isto?

MARLI

Só. A noite hoje não foi boa. Você viu, o "castelo" estava vazio.

BONITÃO

E aquele galego que estava conversando com você quando cheguei?

MARLI

Um boa-conversa. Queria se fretar comigo. Ficou mangando a noite toda e não se resolveu...

BONITÃO

*(Mete subitamente a mão no decote de Marli e tira de entre os seios uma nota)* Sua vaca!

*Ele faz menção de dar-lhe um bofetão, ela corre e refugia-se atrás da cruz. Zé-do-Burro desperta de sua semi-sonolência.*

DPF DCDP Fls. N.º 215 Rubrica

MARLI

Eu precisava desse dinheiro. Pra pagar o quarto, você sabe.

BONITÃO

Não gosto de ser tapeado. Por quê não pediu?

MARLI

E você dava?

BONITÃO

Claro que não. *(Guarda o dinheiro na carteira)* Isso ia fazer falta no meu orçamento. Tenho compromissos e você bem sabe que não gosto de pedir dinheiro emprestado. É uma questão de feitio.

MARLI

E eu, que faço pra pagar o quarto? Já devo dois meses e a dona anda me olhando atravessado.

BONITÃO

*(Indiferente)* É um problema seu. Tenho muita coisa em que pensar.

MARLI

Eu sei, eu sei no que você pensa...

BONITÃO

*(Sorri e há em seu sorriso uma sombra de ameaça)* Penso, por exemplo, que você, de três meses pra cá, está fazendo muito pouco. A Matilde está fazendo quase o dobro...



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.8

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SP/MG

MARLI

*(Compreende a ameaça, avança para ele sacudida pelo ciúme e pelo receio de perdê-lo)* Eu sei, você está dando em cima daquela arreganhada. Ela mesma anda dizendo.

BONITÃO

Eu não dou em cima de mulher nenhuma, você sabe disso. É uma questão de princípios.

MARLI

Quer dizer que é ela quem está dando em cima de você!

BONITÃO

Ela perguntou se eu estava precisando de dinheiro.

MARLI

*(Ansiosamente)* E você?...

BONITÃO

Eu só pedi umas informações de ordem técnica: arrecadação diária, etc...

MARLI

*(Agarra-o freneticamente pelos braços)* Bonitão, você não aceitou o dinheiro dela, aceitou?! Você não aceitou o dinheiro daquela vagabunda!

BONITÃO

*(Olha-a friamente)* E que tinha, se aceitasse? Eu também preciso viver.

DPF DCDP Fls. N.º 216 Rubrica

MARLI

O que eu lhe dou não chega?

BONITÃO

Você compreende, eu também tenho ambições. Se eu não tivesse qualidades, bem. Mas eu sei que tenho qualidades. É justo que viva de acordo com essas qualidades.

MARLI

Mas o que lhe falta? Eu não tenho lhe dado tudo que você me pede? Se fôr preciso, dou mais ainda. Não pense que é por medo de que você me largue pela Matilde, não. *(Alisa sua roupa e admira-o, maternalmente)* É porque tenho prazer em ver você vestido com a roupa que eu dei, com os sapatos que eu comprei e com a carteira recheada de notas que eu ganhei pra você. Tenho orgulho, sabe?

BONITÃO

*(Desvencilha-se dela)* Pois então veja se na próxima vez não esconde dinheiro no decote. Tenho certeza de que a Matilde não é capaz de um gesto feio desses.

MARLI

Ela é capaz de coisas muito piores. Se você quiser, eu lhe conto...

BONITÃO

*(Bruscamente)* Não quero ouvir nada. Quero é que você vá pra casa.

MARLI

*(Decepcionada)* Você não vai comigo?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.9

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. - GR/MG

BONITÃO

Não, vou ficar um pouco mais por aqui. Vá na frente que daqui a pouco eu apareço por lá.

MARLI

*(Enciumada)* E o que é que você vai ficar fazendo na rua a uma hora dessas?

BONITÃO

*(Com muita seriedade)* Ora, mulher, eu preciso trabalhar! *(Acende um cigarro, abstraindo-se da presença de Marli, que o fita como a um cão escorraçado pelo dono. Só então este se mostra intrigado com a cruz no meio da praça. Examina-a curiosamente e por fim dirige-se a Zé-do-Burro)* É sua?

*Zé balança a cabeça em sinal afirmativo. Marli vai até à escada da igreja, senta-se num degrau, sem se incomodar com Rosa, deitada mais acima, tira os sapatos e movimenta os dedos doloridos.*

BONITÃO

*(Nota a igreja, faz uma associação de idéias)* Encomenda?

ZÉ

Não, promessa.

BONITÃO

*(A princípio parece não entender, depois ri)*. Gozado.

ZÉ

Não acho.

DPF DCDP Fls. N.° Rubrica

BONITÃO

Não falei por mal. Eu também sou meio devoto. Até uma vez fiz promessa pra Santo Antônio...

ZÉ

Casamento?

BONITÃO

Não, ela era casada.

ZÉ

E conseguiu a graça?

BONITÃO

Consegui. O marido passou uma semana viajando...

ZÉ

E o senhor pagou a promessa?

BONITÃO

Não, pra não comprometer o santo.

ZÉ

Nunca se deve deixar de pagar uma promessa. Mesmo quando é dessas de comprometer o santo. Garanto que da próxima vez Santo Antônio vai se fingir de surdo. E tem razão.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.10

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F. SR/DPF

BONITÃO

O senhor compreende, Santo Antônio ia ficar mal se soubessem que foi ele quem fez o trouxa viajar. *(Nota que Marli ainda não se foi)* Que é que você ainda está fazendo aí?

MARLI

Esperando você.

BONITÃO

*(Vai a ela)* Já lhe disse que vou depois. Vai ficar agora grudada em mim?

MARLI

*(Levanta-se)* Escute, Bonitão... você não podia deixar eu ficar ao menos com aquela nota?

BONITÃO

Já lhe disse que não. Não insista.

MARLI

Mas eu preciso pagar o quarto!

BONITÃO

O quarto é seu, não é meu.

MARLI

Mas o dinheiro é meu. É justo que eu fique ao menos com algum.

BONITÃO

É justo por quê?

DPF DCDP Fls. N.º 218 Rubrica

MARLI

Porque fui eu que trabalhei.

BONITÃO

E desde quando trabalhar dá direito a alguma coisa? Quem lhe meteu na cabeça essas idéias? *(Olha-a de cima a baixo, com desconfiança)* Está virando comunista?

*Marli fita-o com ódio e sai bruscamente pela direita. Bonitão acompanha-a com o olhar e depois sorri, tira o dinheiro do bolso e torna a contá-lo.*

ZÉ

*(Cândidamente)* Esse dinheiro... é dela mesmo?

BONITÃO

*(Guarda o dinheiro)* Bem, esta é uma maneira de olhar as coisas. E toda coisa tem pelo menos duas maneiras de ser olhada. Uma de lá prá cá, outra, de cá pra lá. Entendeu?

ZÉ

Não...

BONITÃO

Não vale a pena explicar. É uma questão de sensibilidade.

ZÉ

O senhor é... marido dela?

BONITÃO

Não, sou assim uma espécie de fiscal do imposto de renda. *(Sobe, como se fosse sair, mas se detém diante de Rosa, cujo vestido, levantado, deixa ver um palmo de coxa)*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.11

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. - Rubrica

ROSA

*(Abre os olhos, sentindo que está sendo observada)* Que é?

BONITÃO

Nada... estava só olhando...

*Rosa conserta o vestido.*

BONITÃO

Não deve ser lá muito confortável essa cama...

*Rosa olha-o com raiva.*

BONITÃO

*(Olha-a mais detidamente)* E olhe que você bem merece coisa melhor.

ROSA

Diga isso a ele. *(Aponta Zé-do-Burro)*

BONITÃO

A ele?

ROSA

Meu marido.

BONITÃO

Ah, você também veio pagar promessa...

ROSA

Eu não, ele. E por causa dele estou dormindo aqui, no batente de uma igreja, como qualquer mendiga. *(Senta-se)*

DPF DCDP Fls. N.º 213 Rubrica

Zé

Não deve faltar muito para abrir a igreja. O senhor sabe que horas são?

Bonitão

*(Consulta o relógio)* Um quarto para as cinco.

Zé

Sabe a que horas abre a igreja?

Bonitão

Não, não é bem o meu ramo.

Zé

Mas às seis horas deve ter missa. Hoje é dia de Santa Bárbara...

Rosa

*(Ressentida)* As seis horas. Tenho que agüentar mais de uma hora ainda neste batente duro. E a promessa não é minha!

Bonitão

É capaz da porta da sacristia já estar aberta.

Zé

O senhor acha?

Bonitão

Padre acorda cedo.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.12

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. (F.) Rubrica

Zé

Às cinco horas?

Bonitão

Então; tem que se preparar para a missa das seis.

Zé

É verdade.

Bonitão

Por quê o senhor não vai ver?

Zé

É... *(Hesita um pouco)*

Bonitão

A porta é do lado de lá.

Zé

Rosa, você vigia a cruz, eu vou dar a volta, não demoro. *(Sai)*

Bonitão

Pode ir sem susto que eu ajudo a tomar conta de sua cruz. *(Depois que Zé-do-Burro sai)* Das duas.

Rosa

Só que uma ele carrega nas costas e a outra... se quiser que vá atrás dele. *(Levanta-se)*

DPF DCDP Fls. N.º 226 Rubrica

BONITÃO

E você não é mulher para andar atrás de qualquer homem... Ao contrário, é uma cruz que qualquer um carrega com prazer.

ROSA

*(Com recato, mas no fundo envaidecida)* Ora, me deixe.

BONITÃO

Palavra. Seu marido não lhe faz justiça. Isso não é trato que se dê a uma mulher, mesmo sendo mulher da gente.

ROSA

Se ele faz pouco de mim, faz pouco do que é dele.

BONITÃO

Não discuto. Só acho que você não é mulher para dormir em batente de igreja. Tem qualidades pra exigir mais: boa cama, com colchão e melhor companhia.

ROSA

Não fale em cama pra quem tem o corpo moído, como eu.

BONITÃO

Tão cansada assim?

ROSA

Duas noites sem dormir, sete léguas no calcanho.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.13

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

BONITÃO

Sete léguas? Quantos quilômetros?

ROSA

Sei lá... Só sei que sete vezes amaldiçoei aquele dia em que fui roubar caju com ele na roça dos padres.

BONITÃO

Ah, foi assim...

ROSA

A gente faz cada besteira.

BONITÃO

Quanto tempo faz?

ROSA

Oito anos.

BONITÃO

E você casou com ele?

ROSA

Casei.

BONITÃO

Sem gostar?

ROSA

*(Depois de um tempo)* Gostava, sim. Sabe, na roça, o homem é feio, magro, sujo e mal vestido. Ele até que era dos melhores. Tinha um sítio...

DPF DIDOP Fls. N.º 321 Rubrica

BONITÃO

E daí?

ROSA

Daí, eu achei que ele garantia tudo que eu queria da vida: homem e casa. A gente quando é franga, com licença da palavra, tem merda na cabeça.

BONITÃO

*(Algo interessado)* Ele tem um sítio, é?

ROSA

Tinha, agora tem só um pedaço. Dividiu o resto com os lavradores pobres.

BONITÃO

Por quê?

ROSA

Fazia parte da promessa.

BONITÃO

Que é que está esperando? Virar santo?

ROSA

Não brinque. Pelo caminho tinha uma porção de gente querendo que ele fizesse milagre. E não duvide. Ele é capaz de acabar fazendo. Se não fosse a hora, garanto que tinha uma romaria aqui, atrás dele.

BONITÃO

Depois de cumprir a promessa, ele vai voltar pra roça?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.14

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SP/MG

ROSA

Vai.

BONITÃO

E você?

ROSA

Também. Por quê?

BONITÃO

Se você viesse pra cidade, eu podia lhe garantir um bonito futuro...

ROSA

Fazendo o quê?

BONITÃO

Isso depois se via.

ROSA

Eu não sei fazer nada.

BONITÃO

*(Segura-a por um braço)* Mulheres com você não precisam saber coisa alguma, a não ser o que a natureza ensinou...

*Rosa puxa o braço bruscamente, depois de manter, por alguns segundos, um olhar de desafio.*

ROSA

Não faça isso! Ele pode voltar de repente.

DPF DCDP Fls. N.º 222 Rubrica

BONITÃO

Ele deve ter ido acordar o padre. *(Volta a aproximar-se dela)*

ROSA

*(Desvencilha-se dele novamente)* Me solte. *(Volta a sentar-se na escada)* Eu queria era dormir. Dava a vida por uma cama, com um lençol branco, e uma bacia dágua quente onde meter os pés.

BONITÃO

Eu posso lhe arranjar um hotelzinho aqui perto.

*Rosa lança-lhe um olhar hostil.*

BONITÃO

Isso sem segundas intenções, só pra você dormir, descansar dessa romaria.

ROSA

Não quero me meter em encrencas.

BONITÃO

Não há nenhum perigo de encrenca. Sou muito cotado com o porteiro do hotel e tenho boas relações com a polícia. Nesta zona, todos respeitam o Bonitão.

ROSA

*(Quase sensualmente)* Bonitão...

BONITÃO

*(Vaidoso)* É um apelido.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.15

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

ROSA

*(Olha-o de cima a baixo).*

BONITÃO

*(Senta-se junto dela).*

ROSA

Não chegue perto, estou muito suada.

BONITÃO

No hotel tem banheiro. Para quem andou sete léguas, um banho de chuveiro e depois uma cama com colchão de mola...

ROSA

Colchão de mola mesmo?

BONITÃO

Então...

ROSA

Nunca dormi num colchão de mola. Deve ser bom.

BONITÃO

Uma delícia.

*Entra Zé-do-Burro pela direita. Bonitão levanta-se.*

ZÉ

Tudo fechado. Tem jeito não.

DPF DCDP Fls. N.º 223 Rubrica

ROSA

*(Revoltada)* E eu que agüente este batente duro até Deus sabe lá que horas.

ZÉ

Paciência, Rosa. Seu sacrifício fica valendo.

ROSA

Pra quem? Pra Santa Bárbara? Eu não fiz promessa nenhuma.

ZÉ

Oxente! Melhor ainda. Amanhã, quando você fizer, a santa já está lhe devendo.

ROSA

Nunca vi santo pagar dívida. *(Volta a deitar-se no degrau)*

BONITÃO

*(Assumindo um ar tão eclesiástico quanto possível)* A senhora faz mal em ser tão descrente. Quem sabe se Santa Bárbara já não está providenciando o pagamento dessa dívida? E quem sabe se não escolheu a mim pra pagador?

ZÉ

*(Muito ingenuamente)* O senhor não era fiscal do imposto de renda? Agora é pagador de Santa Bárbara...

BONITÃO

Meu caro, com o custo de vida aumentando dia a dia, a gente tem que se virar. Mas não é esse o caso. Digo que Santa Bárbara já deve estar tratando de liquidar o débito



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.16

Censura de Diversões Públicas - Serviço D. P. F. SP

hoje contraído com sua senhora, porque me fez passar por aqui esta noite.

ZÉ

Não vejo nada de mais nisso.

BONITÃO

Porque o senhor não sabe que eu posso, em cinco minutos, arranjar uma boa cama, com colchão de mola, num hotel perto daqui.

ZÉ

Pra ela?

BONITÃO

E pro senhor também.

ZÉ

Eu não posso. Tenho que esperar abrir a igreja. Se soubesse que não iam roubar a cruz...

BONITÃO

*(Rapidamente)* Oh, não, a cruz não deve ficar sozinha. Esta zona está cheia de ladrões. A cruz é de madeira e a madeira está caríssima.

ZÉ

É o que eu acho. Não devo sair daqui.

BONITÃO

Mas eu posso ficar tomando conta, enquanto o senhor e sua senhora vão descansar.

DPF DCDP Fls. N.º 224 Rubrica

ZÉ

O senhor?

BONITÃO

E por quê não?

ZÉ

Mas a igreja pode demorar a abrir. Pelo menos uma hora ainda.

BONITÃO

Eu espero. Sua esposa me contou a caminhada que fizeram, o senhor carregando nas costas essa cruz através de léguas e léguas, para cumprir uma promessa. Isso me comoveu.

ZÉ

Mas não é justo. Não foi o senhor quem fez a promessa.

ROSA

Ele está querendo ajudar, Zé.

ZÉ

Mas não é direito. Eu prometi cumprir a promessa sozinho, sem ajuda de ninguém. E essa história de dormir no hotel não está no trato.

BONITÃO

E sua senhora está no trato?

ZÉ

Rosa? Não, ela pode ir.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 17

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. - SP/MG

BONITÃO

Nesse caso, se quiser que eu leve sua senhora... Ao menos ela descansa enquanto espera pelo senhor.

ZÉ

Você quer, Rosa? Quer ir esperar por mim no hotel? *(Volta-se para Bonitão)* É hotel decente?

BONITÃO

*(Fingindo-se ofendido)* Ora, o senhor acha que eu ia indicar...

ZÉ

Desculpe, é que sempre ouvi dizer que aqui na cidade...

BONITÃO

Pode confiar em mim.

ZÉ

É longe daqui?

BONITÃO

Não, basta subir aquela ladeira...

ZÉ

Que é que você diz, Rosa?

ROSA

*(Percebendo o jogo de Bonitão)* Quero não, Zé. Prefiro ficar aqui com você.

DPF DCDP Fls. N.º 826 Rubrica

ZÉ

Inda agora mesmo você estava se queixando.

BONITÃO

Não é pra menos. Deve estar exausta. Sete léguas.

ZÉ

Afinal de contas, você tem razão, a promessa é minha, não é sua. Vá com o moço, não tenha acanhamento.

BONITÃO

Eu vou com ela até lá, apresento ao porteiro, que é meu conhecido — sim, porque uma mulher sozinha, o senhor sabe, eles não deixam entrar — depois volto para lhe dizer o número do quarto. Daqui a pouco, depois de cumprir a sua promessa, o senhor vai pra lá.

ZÉ

Se o senhor fizesse isso, era um grande favor. Eu não posso me afastar daqui.

BONITÃO

Nem deve. Primeiro, Santa Bárbara.

ROSA

Zé, é melhor eu ficar com você.

ZÉ

Pra quê, Rosa? Assim você vai logo descansar numa boa cama, não precisa ficar aí deitada nesse batente frio.

BONITÃO

Um perigo! Pode pegar uma pneumonia.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.18

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SR/MG

ROSA

*(Inicia a saída. Pára, hesitante. Pressente o perigo que vai correr. Procura, com o olhar, fazer Zé-do-Burro compreender o seu receio)* Zé...

ZÉ

Ah, sim. *(Enfia a mão no bolso, tira um maço de notas)* Pode ser que precise pagar adiantado...

ROSA

*(Recebe o dinheiro. Magoada com a falta de ciúmes do marido)* Talvez seja melhor, depois de entregar a cruz, você mandar também rezar uma missa em ação de graças...

ZÉ

*(Levando a sério a sugestão)* É, não é má idéia.

*Rosa sobe a ladeira e Bonitão a segue.*

BONITÃO

*(Saindo)* Volto num minuto.

ZÉ

Está bem.

*Senta-se ao pé da cruz e procura uma meneira de apoiar o corpo sobre ela. Aos poucos, é vencido pelo sono. As luzes se apagam em resistência.*

DPF DCDP Fls. Nº 926 Rubrica

## SEGUNDO QUADRO

*As luzes voltam a acender-se, lentamente, até dia claro. Ouvem-se, distante, ruídos esparsos da cidade que acorda. Um ou outro buzinar, foguetes estouram saudando Iansan, a Santa Bárbara nagô, e o sino da igreja começa a chamar para a missa das seis. Mas nada disso acorda Zé-do-Burro. Entra, pela ladeira, a Beata. Toda de preto, véu na cabeça, passinho miúdo, vem apressada, como se temesse chegar atrasada. Passa por Zé-do-Burro e a cruz sem notá-los. Pára diante da escada e resmunga.*[1]

---

BEATA

Porta fechada. É sempre assim. A gente corre, com medo de chegar atrasada e quando chega aqui a porta está fechada. Por que não abrem primeiro a porta, pra depois tocar o sino? Não, primeiro tocam o sino, depois abrem a porta. Isso é esse sacristão. *(Pára de resmungar ao ver a cruz. Ajeita os óculos, como se não acreditasse no que está vendo. Aproxima-se e examina detalhadamente a cruz e o seu dono ador-*

[1] Fica a critério da direção utilizar neste quadro figurantes que descerão a ladeira e entrarão na igreja.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.19

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

*mecido. Sua expressão é da maior estranheza)* Virgem Santíssima!

*Neste momento, abre-se a porta da igreja e surge o sacristão. É um homem de perto de 50 anos. Sua mentalidade, porém, anda aí pelos quatorze. Usa óculos de grossas lentes, é míope. O cabelo teima em cair-lhe na testa, acentuando a aparência de retardado mental. Ele parece bêbedo de sono. Boceja largamente, ruidosamente, depois de abrir a primeira banda da porta. Espreguiça-se e solta um longo gemido. Depois que abre toda a porta, encosta-se por um momento no portal e cochila, sem dar pela Beata, que se aproxima.*

BEATA

*(Dá-lhe uma leve cotovelada)* Ei, rapaz...

SACRISTÃO

*(Desperta muito assustado)* Sim, Padre, já vou!...

BEATA

Que padre coisa nenhuma.

SACRISTÃO

Ah, é a senhora...

BEATA

Vou me queixar ao Padre Olavo dessa sua mania de bater o sino antes de abrir a porta da igreja. Eu ouço o toque, venho pondo as tripas pela boca, chego aqui, e a porta ainda está fechada.

SACRISTÃO

Também por quê a senhora vem logo na missa das seis? Por que não vem mais tarde?

DPF DCDP Fls. N.º 2221 Rubrica

BEATA

Porque quero. Por que não é da sua conta. *(Aponta para a cruz)* Que é isso?

SACRISTÃO

Isso o quê?

BEATA

Está vendo não? Uma cruz enorme no meio da praça...

SACRISTÃO

*(Apura a vista)* Ah, sim... agora percebo... É uma cruz de madeira... e parece que há um homem dormindo junto dela.

BEATA

Vista prodigiosa a sua! Claro que é uma cruz de madeira e que há um homem junto dela. O que eu quero saber é a razão disso.

SACRISTÃO

Não sei. Como quer que eu saiba? Por que a senhora não pergunta a ele?

BEATA

*(Bruscamente)* Eu é que não vou perguntar coisa nenhuma!

SACRISTÃO

Talvez ele tenha desgarrado da procissão.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.20

Censura de Diversões Públicas - Serviço D. P. F. Fl. Sr.

BEATA

Que procissão? de Santa Bárbara? A procissão ainda não saiu. E já viu alguém carregar cruz em procissão? Nem na do Senhor Morto. *(Benze-se e entra apressadamente na igreja)*

*O Sacristão aproxima-se de Zé-do-Burro, curioso. É quando entra Bonitão, pela ladeira. Ele vê a igreja aberta, estranha.*

BONITÃO

Oxente...

SACRISTÃO

*(Olha-o aparvalhado)* É uma cruz mesmo...

BONITÃO

E que pensou você que fosse? Um canhão? *(Aproxima-se de Zé do Burro)* Sono de pedra... Não acordou nem com os foguetes de Santa Bárbara. Dizem que é assim que dormem as pessoas que têm a consciência tranqüila e a alma leve. *(Cínico)* Eu também sou assim, quando caio na cama é um sono só. *(Sacode Zé-do-Burro)* Camarado... oh, meu camarado!

ZÉ

*(Desperta)* Oh, já é dia...

BONITÃO

Já. E a igreja já está aberta, você pode entregar o carreto.

ZÉ

*(Levanta-se, com dificuldade, os músculos adormecidos e doloridos)* É verdade...

DPF DCDP Fls. N.º 228 Rubrica

BONITÃO

Eu voltei aqui pra lhe dizer o número do quarto de sua mulher. É o 27. Um bom quarto, no segundo andar. *(Apressadamente)* Pelo menos foi o que o porteiro me garantiu.

ZÉ

Ah, obrigado.

BONITÃO

O hotel é aquele ali, o primeiro, logo depois de subir a ladeira e dobrar à direita. Hotel Ideal. Eu demorei um pouco porque fiquei jogando damas com o porteiro.

SACRISTÃO

*(Interessado)* Ganhou?

BONITÃO

Empatamos.

SACRISTÃO

Ah, eu também sou louco por damas!

BONITÃO

*(Examina-o de cima a baixo)* Francamente, ninguém diz...

*Padre Olavo surge na porta da igreja.*

SACRISTÃO

*(Como se tivesse sido surpreendido em falta)* Padre Olavo!...



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.21

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. - MG

ZÉ

Preciso falar com ele.

*Sacristão dirige-se apressadamente à igreja. Pára na porta, ante o olhar intimidador de Padre Olavo. É um padre moço ainda. Deve contar, no máximo, quarenta anos. Sua convicção religiosa aproxima-se do fanatismo. Talvez, no fundo, isto seja uma prova de falta de convicção e uma auto-defesa. Sua intolerância — que o leva, por vezes, a chocar-se contra princípios de sua própria religião e a confundir com inimigos aqueles que estão de seu lado — não passa, talvez, de uma couraça com que se mune contra uma fraqueza consciente.*

PADRE

*(Para o Sacristão)* Que está fazendo aí?

SACRISTÃO

*(A guisa de defesa)* Estava conversando com aqueles homens.

PADRE

E eu lá dentro à sua espera para ajudar à missa. *(Repara em Bonitão e Zé-do-Burro)* Quem são?

SACRISTÃO

Não sei. Um deles quer falar com o senhor.

ZÉ

*(Adianta-se)* Sou eu, Padre. *(Inclina-se, respeitoso e beija-lhe a mão)*

PADRE

Agora está na hora da missa. Mais tarde, se quiser...

DPF DCDP Fls. N.º 229 Rubrica

ZÉ

É que eu vim de muito longe, Padre. Andei sete léguas.

PADRE

Sete léguas? Para falar comigo?

ZÉ

Não, pra trazer esta cruz.

PADRE

*(Olha a cruz, detidamente)* E como a trouxe, num caminhão?

ZÉ

Não, Padre, nas costas.

SACRISTÃO

*(Expandindo infantilmente a sua admiração)* Menino!

PADRE

*(Lança-lhe um olhar enérgico)* Psiu! Cale a boca! *(Seu interesse por Zé-do-Burro cresce)* Sete léguas com essa cruz nas costas. Deixe ver seu ombro.

*Zé-do-Burro despe um lado do paletó, abre a camisa e mostra o ombro. Sacristão espicha-se todo para ver e não esconde a sua impressão.*

SACRISTÃO

Está em carne viva!

PADRE

*(Parece satisfeito com o exame)* Promessa?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.22

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SP/MG

ZÉ

*(Balança afirmativamente a cabeça)* Pra Santa Bárbara. Estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO

Deve ter recebido dela uma graça muito grande!

*Padre faz um gesto nervoso para que o Sacristão se cale.*

ZÉ

Graças a Santa Bárbara, a morte não levou o meu melhor amigo.

PADRE

*(Padre parece meditar profundamente sobre a questão)* Mesmo assim, não lhe parece um tanto exagerada a promessa? E um tanto pretensiosa também?

ZÉ

Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo, não. É toma lá, dá cá. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.

PADRE

Foi por causa desse... Nicolau, que você fez a promessa?

ZÉ

Foi. Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO

Santa Bárbara! A árvore caiu em cima dele?!

DPF DCDP Fls. N.º 230 Rubrica

ZÉ

Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Ele chegou em casa, escorrendo sangue de meter medo! Eu e minha mulher tratamos dele, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE

Uma hemorragia.

ZÉ

Só estancou quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE

*(Enojado)* Mas meu filho, isso é atraso! Uma porcaria!

ZÉ

Foi o que o doutor disse quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE

Sem dúvida.

ZÉ

Eu tirei. Ele limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E quéde que o doutor fazia o sangue parar? Ensopava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não acaba mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou pra mim e gritou: corre, homem de Deus, vai buscar mais bosta de vaca, senão ele morre!

PADRE

E... o sangue estancou?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.23

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

ZÉ

Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigário não sabia? Não sendo de vaca, de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.

PADRE

Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.

ZÉ

Bem, o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pôde se levantar. Foi a primeira vez que isso aconteceu, em seis anos: eu saí, fui fazer compras na cidade, entrei no Bar do Jacob pra tomar uma cachacinha, passei na farmácia de "seu" Zequinha pra saber das novidades — tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou, porque quem quisesse saber onde eu estava, era só procurar Nicolau. Se eu ia na missa, ele ficava esperando na porta da igreja...

PADRE

Na porta? Por que ele não entrava? Não é católico?

ZÉ

Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não é por isso que ele não entra na igreja. É porque o vigário não deixa *(Com grande tristeza)* Nicolau teve o azar de nascer burro, de quatro patas.

PADRE

Burro?! Então esse... que você chama de Nicolau, é um burro?! Um animal?!

DPF DCDP Fls. N. 231 Rubrica

ZÉ

Meu burro, sim senhor.

PADRE

E foi por ele, por um burro, que fez essa promessa?

ZÉ

Foi. É bem verdade que eu não sabia que era tão difícil achar uma igreja de Santa Bárbara, que ia precisar andar sete léguas pra encontrar uma, aqui na Bahia.

BONITÃO

*(Que assistiu a toda a cena, um pouco afastado, solta uma gargalhada grosseira)* Ele se estrepou...

*Padre Olavo olha-o, surpreso, como se só agora tivesse notado a sua presença, Bonitão pára de rir quase de súbito, desarmado pelo olhar enérgico do padre.*

ZÉ

Mas mesmo que soubesse, eu não deixava de fazer a promessa. Porque quando vi que nem as rezas do preto Zeferino davam jeito...

PADRE

Rezas? Que rezas?

ZÉ

Seu vigário me disculpe, mas eu tentei de tudo. Preto Zeferino é rezador afamado na minha zona: sarna de cachorro, bicheira de animal, peste de gado, tudo isso ele cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo o mundo diz. E eu mesmo, uma vez, estava com uma dor de cabeça danada, que



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 24

Censura de Diversões Públicas - Serviço de Censura - D.P.F.

não havia meio de passar. Chamei Preto Zeferino, ele disse que eu estava com o Sol dentro da cabeça. Botou uma toalha na minha testa, derramou uma garrafa dágua, rezou uma oração, o sol saiu e eu fiquei bom.

PADRE

Você fez mal, meu filho. Essas rezas são orações do demo.

ZÉ

Do demo, não senhor.

PADRE

Do demo, sim. Você não soube distinguir o bem do mal. Todo homem é assim. Vive atrás do milagre em vez de viver atrás de Deus. E não sabe se caminha para o céu ou para o inferno.

ZÉ

Para o inferno? Como pode ser, Padre, se a oração fala em Deus? *(Recita)* "Deus fez o Sol, Deus fez a luz, Deus fez toda a claridade do Universo grandioso. Com Sua Graça eu te benzo, te curo. Vai-te Sol, da cabeça desta criatura para as ondas do Mar Sagrado, com os santos poderes do Padre, do Filho e do Espírito Santo." Depois rezou um Padre Nosso e a dor de cabeça sumiu no mesmo instante.

SACRISTÃO

Incrível!

PADRE

Meu filho, esse homem era um feiticeiro.

ZÉ

Como feiticeiro, se a reza é pra curar?

DPF DCDP Fls. N.º 232 Rubrica

PADRE

Não é para curar, é para tentar. E você caiu em tentação.

ZÉ

Bem, eu só sei que fiquei bom. *(Noutro tom)* Mas com o Nicolau não houve reza que fizesse ele levantar. Preto Zeferino botou o pé na cabeça do coitado, disse uma porção de orações e nada. Eu já estava começando a perder a esperança. Nicolau de orelhas murchas, magro de se contar as costelas. Não comia, não bebia, nem mexia mais com o rabo pra espantar as moscas. Eu vi que nunca mais ia ouvir os passos dele me seguindo por toda a parte, como um cão. Até me puseram um apelido por causa disso: Zé-do-Burro. Eu não me importo. Não acho que seja ofensa. Nicolau não é um burro como os outros. É um burro com alma de gente. E faz isso por amizade, por dedicação. Eu nunca monto nele, prefiro andar a pé ou a cavalo. Mas de um modo ou de outro ele vem atrás. Se eu entrar numa casa e me demorar duas horas, duas horas ele espera por mim, plantado na porta. Um burro desses, seu padre, não vale uma promessa?

PADRE

*(Secamente, contendo ainda a sua indignação)* Adiante.

ZÉ

Foi então que comadre Miúda me lembrou: por que eu não ia no candomblé de Maria de Iansan?

PADRE

Candomblé?!

ZÉ

Sim, é um candomblé que tem duas léguas adiante da minha roça. *(Com a consciência de quem cometeu uma falta,*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P 25

Censura de Diversões Públicas - SR/MG

*mas não muito grave)* Eu sei que seu Vigário vai ralhar comigo. Eu também nunca fui muito de freqüentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Contei pra Mãe-de-Santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com Iansan, dona dos ráios e das trovoadas. Iansan tinha ferido Nicolau, pra ela eu devia fazer uma obrigação, quer dizer: uma promessa. Mas tinha que ser uma promessa bem grande, porque Iansan, que tinha ferido Nicolau com um raio, não ia voltar atrás por qualquer bobagem. E eu me lembrei então que Iansan é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça até a Igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.

PADRE

*(Como se anotasse as palavras)* Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a...

ZÉ

A Santa Bárbara.

PADRE

A Iansan!

ZÉ

É a mesma coisa...

PADRE

*(Grita)* Não é a mesma coisa! *(Controla-se)* Mas continue.

ZÉ

Prometi também dividir minhas terras com os lavradores pobres, mais pobres que eu.

DPF DCDP Fls. N.º 233 Rubrica

PADRE

Dividir? Igualmente?

ZÉ

Sim, padre, igualmente.

SACRISTÃO

E Nicolau... quero dizer, o burro, ficou bom?

ZÉ

Sarou em dois tempos. Milagre. Milagre mesmo. No outro dia, já estava de orelha em pé, relinchando. E uma semana depois todo mundo me apontava na rua "Lá vai Zé-do-Burro com o burro de novo atrás!" *(Ri)* E eu nem dava confiança. E Nicolau muito menos. Só eu e ele sabíamos do milagre. *(Como que retificando)* Eu, ele e Santa Bárbara.

PADRE

*(Procurando, inicialmente, controlar-se)* Em primeiro lugar, mesmo admitindo a intervenção de Santa Bárbara, não se trataria de um milagre, mas apenas de uma graça. O burro podia ter-se curado sem intervenção divina.

ZÉ

Como, Padre, se ele sarou de um dia pro outro...

PADRE

*(Como se não o ouvisse)* E além disso, Santa Bárbara, se tivesse de lhe conceder uma graça, não iria fazê-lo num terreiro de candomblé!

ZÉ

É que na capela do meu povoado não tem uma imagem de Santa Bárbara. Mas no candomblé tem uma imagem de Iansan, que é Santa Bárbara...



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564.P.26

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

PADRE

*(Explodindo)* Não é Santa Bárbara! Santa Bárbara é uma santa católica. O senhor foi a um ritual fetichista. Invocou uma falsa divindade e foi a ela que prometeu esse sacrifício!

ZÉ

Não, Padre, foi a Santa Bárbara. Foi até a igreja de Santa Bárbara que prometi vir com a minha cruz! E é diante do altar de Santa Bárbara que vou cair de joelhos daqui a pouco, pra agradecer o que ela fez por mim!

PADRE

*(Dá alguns passos de um lado para outro, de mão no queixo e por fim detém-se diante de Zé-do-Burro, em atitude inquisitorial)* Muito bem. E que pretende fazer depois... depois de cumprir a sua promessa?

ZÉ

Que pretendo? Voltar pra minha roça, em paz com a minha consciência e quite com a santa.

PADRE

Só isso?

ZÉ

Só.

PADRE

Tem certeza? Não vai pretender ser olhado como um novo Cristo?

ZÉ

Eu?!

DPF DCDP Fls. N.º 234 Rubrica

PADRE

Sim, você. Você que acaba de repetir a Via Crucis, sofrendo o martírio de Jesus. Você que, presunçosamente, pretende imitar o Filho de Deus...

ZÉ

*(Humildemente)* Padre, eu não quis imitar Jesus!

PADRE

Mentira! Eu gravei suas palavras! Você mesmo disse que prometeu carregar uma cruz *tão pesada quanto a de Cristo.*

ZÉ

Sim, mas isso...

PADRE

Isso prova que você está sendo submetido a uma tentação ainda maior.

ZÉ

Qual, Padre?

PADRE

A de igualar-se ao Filho de Deus.

ZÉ

Não, Padre.

PADRE

Por quê então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade? Não, para salvar um burro!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 27

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

ZÉ

Padre, Nicolau...

PADRE

E um burro com nome cristão! Um quadrúpede, um irracional!

*A Beata sai da igreja e fica assistindo à cena, do alto da escada.*

ZÉ

Mas Padre, não foi Deus quem fez também os burros?

PADRE

Mas não à Sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou seu Filho. Foi por nós, por você, por mim, pela Humanidade.

ZÉ

*(Angustiadamente tenta explicar-se)* Padre, é preciso explicar que Nicolau não é um burro comum. O senhor não conhece Nicolau, por isso... É um burro com alma de gente.

PADRE

Pois nem que tenha alma de anjo, nesta igreja não entrará com essa cruz! *(Dá as costas e dirige-se à igreja. O sacristão trata logo de segui-lo).*

ZÉ

*(Em desespero)* Mas Padre, eu prometi levar a cruz até o altar-mor! Preciso cumprir a minha promessa!

DPF DCDB N.º 335 Fls. Rubrica

PADRE

Fizesse-a então numa igreja. Ou em qualquer parte, menos num antro de feitiçaria.

ZÉ

Eu já expliquei...

PADRE

Não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao Diabo!

ZÉ

Padre...

PADRE

Um ritual pagão, que começou num terreiro de candomblé, não pode terminar na nave de uma igreja!

ZÉ

Mas Padre, a igreja...

PADRE

A igreja é a casa de Deus. Candomblé é o culto do Diabo!

ZÉ

Padre, eu não andei sete léguas para voltar daqui. O senhor não pode impedir a minha entrada. A igreja não é sua, é de Deus!

PADRE

Vai desrespeitar a minha autoridade?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 28

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.F.P.

ZÉ

Padre, entre o senhor e Santa Bárbara, eu fico com Santa Bárbara.

PADRE

*(Para o Sacristão)* Feche a porta. Quem quiser assistir à missa que entre pela porta da sacristia. Lá não dá para passar essa cruz. *(Entra na igreja)*

*A Beata entra também apressadamente, atrás do padre.*

*O Sacristão, prontamente, começa a fechar a porta da igreja, enquanto Zé-do-Burro, no meio da praça, nervos tensos, olhos dilatados, numa atitude de incompreensão e revolta, parece disposto a não arredar pé dali. Bonitão, um pouco afastado, observa, tendo nos lábios um sorriso irônico. A porta da igreja se fecha de todo, enquanto um foguetório tremendo saúda Iansan.*

CAI O PANO LENTAMENTE.

DPF DCDB Fls. N.º 236 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.29

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. SR/MG

P. 570

## PRIMEIRO QUADRO

*Aproximadamente, duas horas depois. Abriu-se a vendola e o Galego aparece trepado num caixote, amarrando um cordão com bandeirolas vermelhas e brancas que vai da porta da venda ao sobrado do lado oposto. Zé e sua cruz continuam no meio da praça. Ouve-se um pregão: "Bei-ju... olha o bei-ju!" Logo após, surge no alto da ladeira uma preta em trajes típicos, com um tabuleiro na cabeça. Ela desce a ladeira e ao passar pelo Galego saúda.*

---

MINHA TIA

Iansan lhe dê um bom dia.

GALEGO

*(Espanhol) Gracias,* Minha Tia.

*Minha Tia vai até a igreja e aí, junto aos degraus, pára.*[1]

[1] A critério da direção e em momentos em que não prejudiquem a ação, transeuntes cruzarão a praça, durante todo o ato.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.30

MINHA TIA

*(Para o Galego)* Quer vir aqui dar uma mãozinha pra sua tia, meu branco?

*Galego apressa-se a ir ajudá-la. Retira primeiro o cavalete, que está sobre o tabuleiro, abre-o, depois ajuda-a a tirar o tabuleiro da cabeça e colocá-lo em cima do cavalete.*

MINHA TIA

Santa Bárbara lhe pague. *(Nota Zé-do-Burro)* Oxente! Que é aquilo?

GALEGO

No sei. Já estava acá quando abri a venda. Parece maluco. *(Volta a pregar as bandeirolas, enquanto Minha Tia põe-se a arrumar o fogareiro, procura acendê-lo).*

*Desce a ladeira, passo mole, preguiçoso, Dedé Cospe-Rima. Mulato, cabeleira pixaim, sob o surrado chapéu-coco — um adorno necessário à sua profissão de poeta-comerciante. Traz, em baixo do braço, uma enorme pilha de folhetos: abecês, romances populares em versos. E dois cartazes, um no peito, outro nas costas. Num se lê: "ABC da Mulata Esmeralda — uma obra-prima" e no outro "Saiu agora, tá fresso ainda!" "O que o cego Jeremias viu na Lua".*

DEDÉ

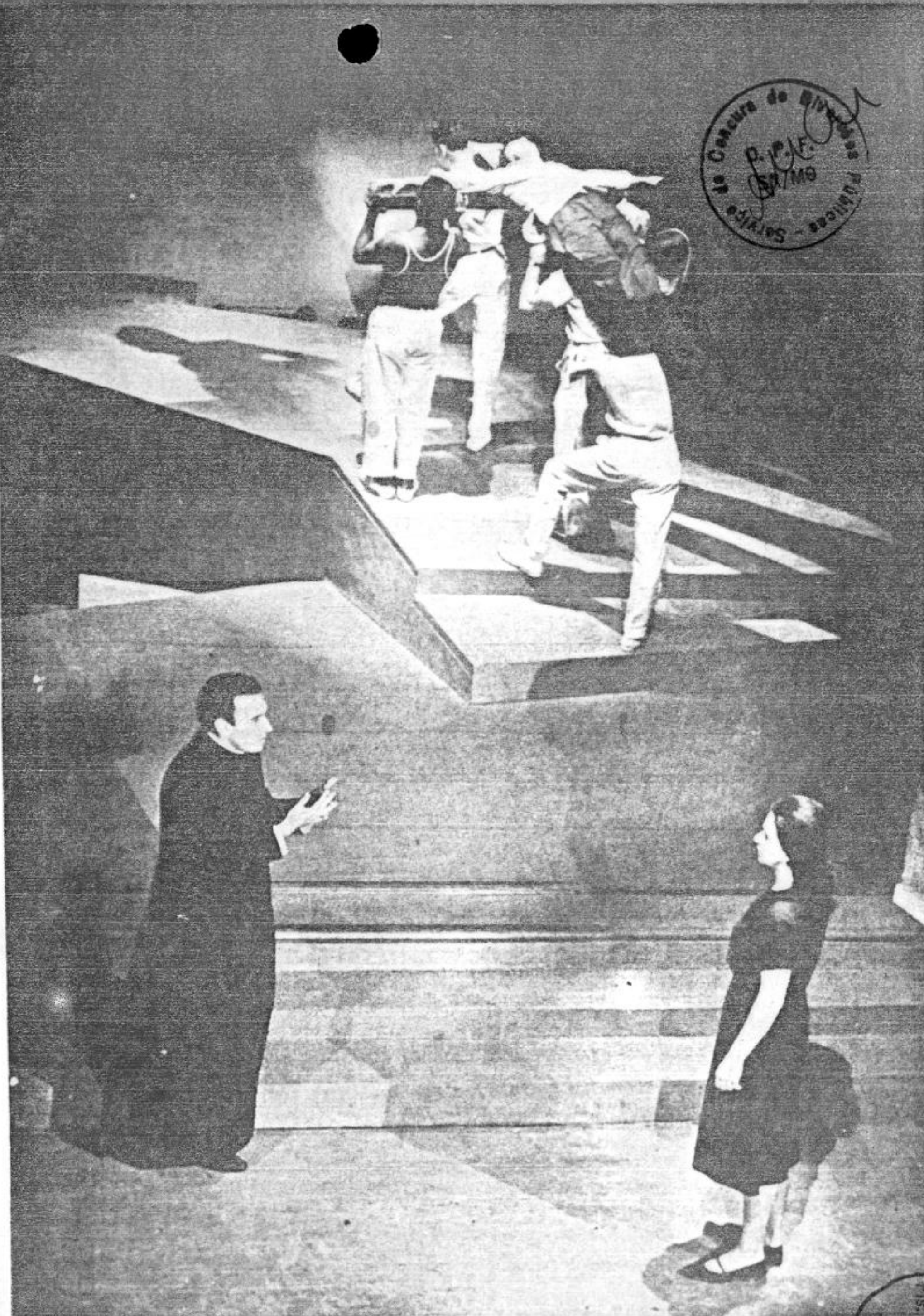
*(declama)*

Bom dia, Galego amigo!
dia assim eu nunca vi;
para saudar Iansan,
Não repare eu lhe pedi:
me empreste por obséquio
dois dedos de parati.

GALEGO

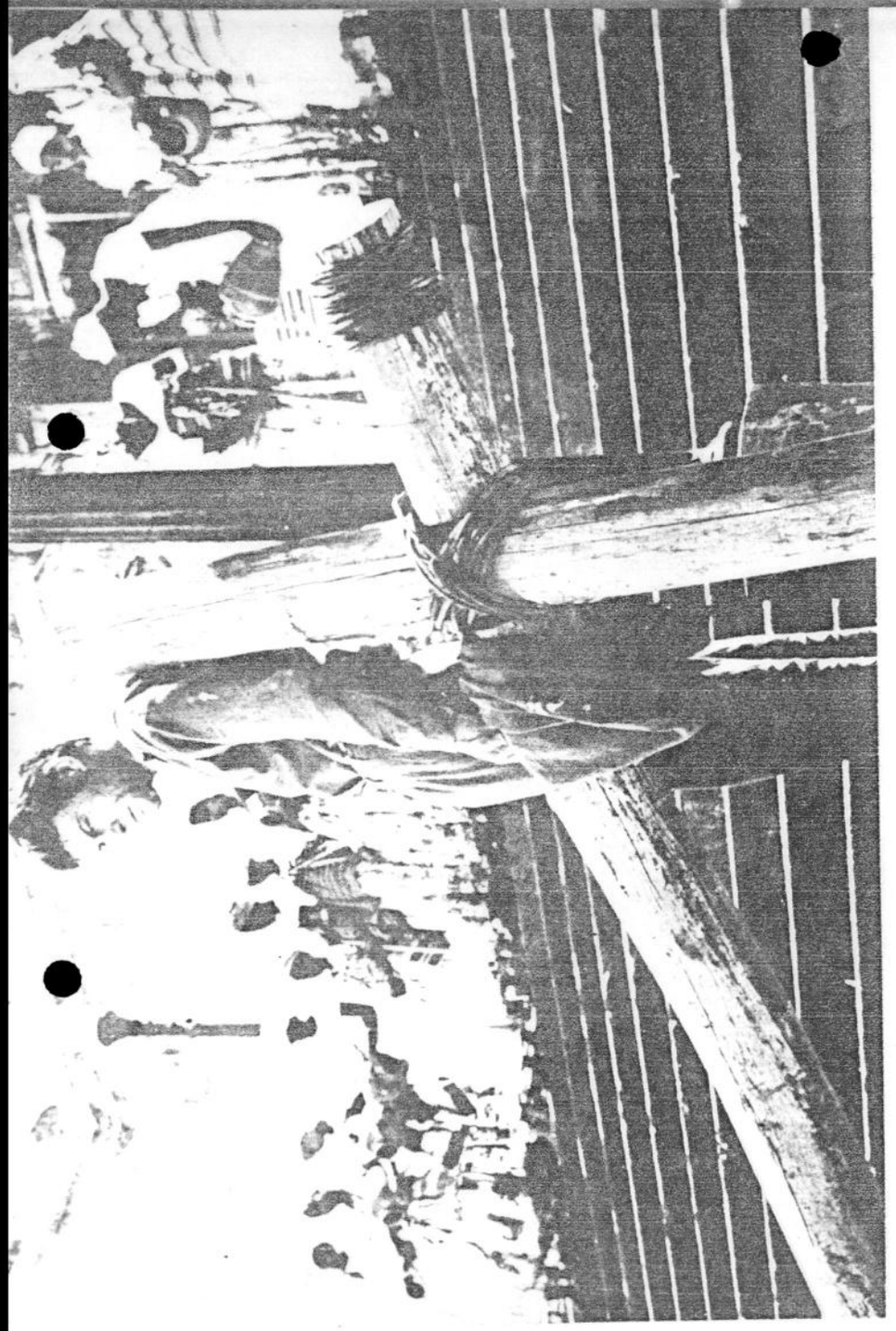
É, com esta história de hacer versos, usted sempre me leva na conversa, *(entra na venda e dá a volta por trás do*





*Cena da versão dirigida por José Renato para o* Teatro Nacional de Comédia

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.
DCDP DPF N.º 237 Fls. Rubrica



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0561, P. 31

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. (F.)

*balcão)* Es buena mesmo essa del cego Jeremias? *(Serve o parati).*

DEDÉ

*(Bombástico, teatral)* Uma epopéia. Uma nova Ilíada, onde Tróia é a Lua e o cavalo de Tróia é o cavalo de São Jorge! *(Tira um exemplar e coloca sobre o balcão)* Em paga do parati.

GALEGO

Si, pero... yo prefiro la otra, la da mulata Esmeralda.

DEDÉ

Uma prova de bom gosto, Galego! *(Troca os folhetos)* É também uma obra-prima. Lembra Castro Alves, modéstia à parte. *(Bebe o parati de um trago. Refere-se às bandeirinhas)* Bandeirinhas vermelhas e brancas, as cores de Iansan. Depois diz que não crê em candomblé.

GALEGO

Yo no creo, pero hay quem crea. E yo soy um comerciante...

DEDÉ

Somos dois! *(Estende novamente o cálice)* Mais uma dose. Esta eu pago amanhã. *(Galego faz cara feia, mas enche de novo o cálice).*

*A Beata entra da direita e detém-se junto a Minha Tia, ao ver Zé-do-Burro. Mostra-se surpresa e indignada.*

BEATA

É o cúmulo! Ainda está aí!



DPF DCDP Fls. N.º 238 Rubrica

MINHA TIA

Não vai abrir a igreja hoje, Iaiá? Dia de Santa Bárbara...

BEATA

*(Lança um olhar acusador a Zé-do-Burro)*. Não enquanto esse indivíduo não for embora.

MINHA TIA

Que foi que ele fez?

BEATA

Quer entrar com essa cruz na igreja.

MINHA TIA

Só isso?

BEATA

E você acha pouco? Acha que Padre Olavo ia permitir?

MINHA TIA

Oxente! Por que não? Foi promessa que ele fez?

BEATA

Foi. Mas promessa de candomblé. Pra uma tal de Iansan... que Deus me perdoe. *(Benze-se. Dirige-se para a esquerda e ao passar por Zé-do-Burro insulta-o)* Hereje *(Sobe a ladeira, seguida do olhar de comovedora incompreensão de Zé-do-Burro)*.

DEDÉ

*(Ouviu a conversa. Para o Galego)* Vou ver se Minha Tia me fia um abará. *(Atravessa a praça. Não sem mostrar-se intrigado e curioso ao passar por Zé-do-Burro)* Bom dia, Minha Tia!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564.P.32

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F.

MINHA TIA

Bom dia, seu Dedé. *(Oferece)* Acarajé, abará, beiju... Vem benzer!

DEDÉ

*(Aponta)* Um abará. Pago daqui a pouco, quando entrar o primeiro dinheiro.

MINHA TIA

Eu já sabia... *(Entrega o abará embrulhado numa folha de bananeira)*.

DEDÉ

*(Referindo-se a Zé-do-Burro)* Que história é essa?

MINHA TIA

O senhor ouviu?

DEDÉ

Ouvi.

MINHA TIA

*(Com respeito)* Obrigação pra Iansan... *(Toca com as pontas dos dedos o chão e a testa)*.

DEDÉ

Por isso o Padre não deixou ele entrar?

MINHA TIA

É... coitado.

DEDÉ

Chegou a fechar a porta.



DPF DCDP Fls. N.º 239 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 33

Serviço de Censura de Diversões Públicas - MG

MINHA TIA

O senhor entende?

DEDÉ

Entendo não.

MINHA TIA

O Padre é um homem tão bom.

DEDÉ

A senhora acha?

MINHA TIA

Então. Ele é tão amigo dos pobres, faz tanta caridade. Sei não.

*O Guarda entra pela direita. Vai direto a Zé-do-Burro. É um homem que procura safar-se dos problemas que se lhe apresentam. Sua noção do dever coincide exatamente com o seu temor à responsabilidade. Seu maior desejo é de que nada aconteça, a fim de que a nada ele tenha que impor a sua autoridade. No fundo, essa autoridade o constrange terrivelmente e mais ainda o dever de exercê-la.*

GUARDA

Olá, amigo.

ZÉ

Olá.

GUARDA

*(Refere-se à cruz)* É para a procissão de Santa Bárbara?



ZÉ

Não.

GUARDA

Porque a procissão não sai daqui, sai do Mercado aqui perto e vai até à igreja da Saúde.

ZÉ

Não tenho nada com essa procissão.

GUARDA

E o senhor está aqui fazendo o quê? Esperando a festa? Ainda é muito cedo. São oito e meia da manhã. Só na parte da tarde é que isso pega fogo.

ZÉ

Estou aqui desde quatro e meia da manhã.

GUARDA

Quatro e meia?! *(Coça a cabeça, preocupado)* O senhor deve ser um devoto e tanto! Mas acontece que escolheu um mau lugar...

ZÉ

A culpa não é minha.

GUARDA

Sim, eu sei, não foi o senhor quem inventou a festa de Santa Bárbara. Mas eu também não tenho culpa de ser guarda. Minha obrigação é facilitar o trânsito, tanto quanto possível.



DPF Fls. N.º 240 Rubrica

ZÉ

Sinto muito, mas não posso sair daqui.

GUARDA

*(Sua paciência começa a esgotar-se)* Ai, ai, ai, ai ai... Eu estou querendo me entender com o senhor...

*(Irritando-se também um pouco)* Eu também estou querendo me entender com o senhor e com todo o mundo. Mas acho que ninguém me entende.

*Dedé Cospe-Rima, que assistiu a toda a cena, não resiste à curiosidade e vem presenciá-la mais de perto. Minha Tia também acompanha tudo com interesse.*

ZÉ

Aquela mulher me chamou de hereje, o Padre fechou a porta da igreja como se eu fosse Satanás em pessoa. Eu, Zé-do-Burro, devoto de Santa Bárbara.

DEDÉ

Mas afinal, o que é que o senhor quer?

ZÉ

Que me deixem colocar esta cruz dentro da igreja, nada mais. Depois, prometo ir embora. E já estou vexado mesmo por isto!

DEDÉ

Foi promessa. Promessa que ele fez.

GUARDA

*(Raciocina, operação que lhe parece custar tremendo esforço físico)* Promessa... Colocar a cruz dentro da igreja. Não vejo dificuldade nenhuma nisso. Fala-se com o padre e...



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.34

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. SP/MG

ZÉ

Se o senhor conseguir que ele abra a porta e me deixe entrar, está tudo resolvido.

GUARDA

*(Pensa mais um pouco, vê que não há outra maneira de resolver o problema, decide-se)* Pois bem, eu vou falar com ele. *(Dirige-se à porta da igreja, ante os olhares de grande expectativa do Galego, de Dedé, de Minha Tia).*

DEDÉ

Não vou lá ajudar também porque eu e esse padre estamos de relações cortadas. *(Sai)*

GUARDA

*(Bate várias vezes, sem resultado, encosta o rosto na porta e chama)* Padre? Abra um instante, por favor!

*Segundos após, abre-se uma fresta e surge por ela a cabeça do Sacristão, receoso.*

GUARDA

Quero falar com o padre.

SACRISTÃO

*(Certifica-se de que não há perigo, abre um pouco mais a porta).*

Entre!

*Guarda tira o quepe e entra. Sacristão fecha a porta rapidamente. Rosa desce a ladeira. Vem um pouco apressada, como se temesse não mais encontrá-lo ali. Mas quando vê Zé-do-Burro, diminui o passo, tranqüiliza-se em parte. Não perde, entretanto, um certo ar culposo, que procura disfarçar.*



DPF DCDP Fls. N.º 241 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.35

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

ROSA

Você ainda está aí! *(Nota a igreja fechada)* A igreja não abriu?

ZÉ

Abriu, sim. Mas o Padre não quer me deixar entrar com a cruz.

ROSA

Por quê?

ZÉ

*(Balança a cabeça, na maior infelicidade)* Não sei, Rosa, não sei... Há duas horas que tento compreender... mas estou tonto, tonto como se tivesse levado um coice no meio da testa. Já não entendo nada. Parece que me viraram velo avesso e estou vendo as coisas ao contrário do que elas são. O céu no lugar do inferno, o demônio no lugar dos santos.

ROSA

*(Refletindo na própria experiência)* É isso mesmo. De repente, a gente percebe que é outra pessoa. Que sempre foi outra pessoa. É horrível.

ZÉ

Mas não é possível, Rosa. Eu sempre fui um homem de bem. Sempre temi a Deus.

ROSA

*(Concentrada em seu problema)* Zé, isso está parecendo castigo!



ZÉ

Castigo? Castigo por quê? Por eu ter feito uma promessa tão grande? Por ter sido no terreiro de Maria de Iansan? Mas se Santa Bárbara não estivesse de acordo com tudo isso, não tinha feito o milagre.

ROSA

Zé, esqueça Santa Bárbara. Pense um pouco em nós.

ZÉ

Em nós?

ROSA

Em mim, Zé.

ZÉ

Em você?

ROSA

Sim, Zé, em mim, sua mulher.

ZÉ

Que é que você quer? Não dormiu, não descansou?

ROSA

*(Sem fitá-lo)* Zé, vamos embora daqui.

ZÉ

Agora?

ROSA

Sim, agora mesmo.



DPF DCDP Fls. N.º 242 Rubrica

ZÉ

Não posso. Você sabe que eu não posso voltar antes de chegar ao fim da promessa. Não ia ter sossego o resto da vida.

ROSA

Você acredita demais nas coisas.

ZÉ

É porque você não pensa no que pode acontecer.

ROSA

Mais do que já aconteceu?

ZÉ

Que aconteceu? A caminhada, as noites sem dormir, e agora ser xingado como a figura do diabo? Tudo isso é nada, comparado com o castigo que pode vir.

ROSA

Mas se o Padre não quer deixar você entrar com a cruz, que é que você ainda vai ficar fazendo aqui?

ZÉ

O Guarda foi falar com ele. Estou esperando. *(Como que desculpando-se por não pensar na situação dela)* Você, se quiser, pode ir comer qualquer coisa.

ROSA

*(Ante a impossibilidade de comunicar a ele o seu problema)* Já tomei café no hotel.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 36
Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F. MG

ZÉ

Não era bom o hotel que aquele camarada arranjou?

ROSA

Muito bom. Tinha até pia no quarto e colchão de mola.

ZÉ

Fiquei um pouco preocupado.

ROSA

*(Ferida pela falta de ciúmes dele)* Comigo?

ZÉ

Você num hotel, sozinha. Cidade grande, a gente nunca sabe. Se bem que o moço garantiu que era hotel de família.

ROSA

Não tinha então que ter cuidado. O moço era de toda confiança. Tão amável, tão prestativo...

REPÓRTER

*(Entra acompanhado do Fotógrafo)* Lá está ele. *(Vai a Zé, enquanto o Fotógrafo circula à procura de ângulos. O Repórter é vivo e perspicaz. Dirige um cumprimento entusiasta a Zé-do-Burro)* Bom dia, amigo! *(aperta efusivamente a mão de Zé-do-Burro)* Parabéns! O senhor é um herói.

ZÉ

*(Olha-o com estranheza)* Herói?



DPF DCDP Fls. N.º 243 Rubrica

REPÓRTER

*(Com entusiasmo)* Sim, sete léguas carregando esta cruz. *(Calcula o peso)* Pesada, hem? Sete léguas... quarenta e dois quilômetros. A maior marcha que eu fiz foi de vinte e quatro quilômetros, no Serviço Militar. E o fuzil não pesava tanto assim. *(Ri, mas seu riso murcha como um balão, ante o ar de desconfiança de Rosa e Zé-do-Burro)* Oh, desculpe... eu sei que o senhor fez uma promessa. A comparação não foi muito feliz. *(Para o Fotógrafo)* Carijó, pode bater uma chapa. *(Posa de frente para Zé-do-Burro, de caderno e lápis em punho)* Finja que está falando comigo.

ZÉ

*(Começa a impacientar-se)* Fingir que estou falando... pra quê?

REPÓRTER

E dentro de algumas horas o Brasil inteiro vai saber. O senhor vai ficar famoso.

ZÉ

*(Contrariado)* Mas eu não quero ficar famoso, eu quero...

ROSA

*(Interrompe, em tom de repreensão)* Que é isso, Zé. Seja mais delicado com o moço. Ele é da gazeta...

REPÓRTER

Mulher dele?

ROSA

Sou. Também andei sete léguas — meu pé tem cada calo dágua deste tamanho.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.37

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

REPÓRTER

Maravilhoso. E em quanto tempo cobriram o percurso?

ROSA

*(Não entendeu)* Como?

REPÓRTER

Quero dizer: quando saíram de lá, de sua cidade?

ROSA

Da roça? Saímos ontem de manhãzinha. Cinco horas da manhã.

REPÓRTER

A que horas chegaram aqui?

ROSA

Antes das cinco de hoje.

REPÓRTER

Fizeram o percurso então em 24 horas. Com uma cruz que deve pesar?... *(Olha interrogativamente para Zé-do-Burro)*

ZÉ

*(Contrariado)* Não sei, não pesei.

REPÓRTER

Por menos que pese, é um "record"! Sob este aspecto, podemos considerar um grande feito esportivo. Uma prova de resistência física... *(para Rosa)* e de dedicação...

*Rosa sorri, envaidecida, sentindo-se heroína também.*



DPF Fls. N.º 244 Rubrica

REPÓRTER

Mas como nasceu a idéia dessa... peregrinação? *(As perguntas são feitas a Zé-do-Burro, mas este recusa-se a respondê-las).*

ROSA

Não nasceu idéia nenhuma. O burro adoeceu, ia morrer — ele fez promessa pra Santa Bárbara.

REPÓRTER

O burro? Que burro?

ROSA

O Nicolau.

ZÉ

*(Irritado)* Por quê? O senhor também vai achar que o meu burro não vale uma promessa?

REPÓRTER

Não, de modo algum... eu... eu apenas não sabia... Então, tudo isso... quarenta e dois quilômetros... a cruz... tudo por causa de um burro. *(Repentinamente, antevendo o interesse que despertará a reportagem)* Fabuloso!

ROSA

E não foi só isso. Ele prometeu também repartir o sítio com aquela cambada de preguiçosos.

ZÉ

Que preguiçosos. Gente que quer trabalhar e não tem terra.

REPÓRTER

Repartir o sítio... Diga-me, o senhor é a favor da reforma agrária?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 38

ZÉ

*(Não entende)* Reforma agrária? Que é isso?

REPÓRTER

É o que o senhor acaba de fazer em seu sítio. Redistribuição das terras entre os lavradores pobres.

ZÉ

E não estou arrependido, moço. Fiz a felicidade de um bocado de gente e o que restou pra mim dá e sobra.

REPÓRTER

*(Toma notas)* É a favor da reforma agrária.

ZÉ

É bem verdade que se o meu burro não tivesse ficado doente, eu não tinha feito isso.

REPÓRTER

Mas, e se todos os proprietários de terra fizessem o mesmo. Se o governo resolvesse desapropriar as terras e dividi-las entre os camponeses?

ZÉ

Ah, era muito bem feito. Cada um deve trabalhar o que é seu.

REPÓRTER

*(Anota)* É contra a exploração do homem pelo homem. O senhor pertence a algum partido político?

ZÉ

*(Com alguma vaidade, dissimulada num sorriso modesto)* Já quiseram me fazer vereador. Qual...

ROSA

O que atrapalhou foi o burro.

REPÓRTER

O burro? Por quê?

ROSA

Aonde ele vai, o burro vai atrás. Se ele fosse eleito, o burro também tinha que ser.

REPÓRTER

É, mas desta vez, "seu"...

ZÉ

Zé-do-Burro, seu criado.

REPÓRTER

... "seu" Zé-do-Burro, o senhor será eleito com burro e tudo. *(Confidencial)* Escute aqui, será que essa história de promessa não é um golpe para impressionar o eleitorado?...

ZÉ

*(Ofendido)* Golpe?!

REPÓRTER

E de mestre! Avalio a agitação que o senhor fez com isso. Pelas estradas, no caminho até aqui, deve ter-se juntado uma verdadeira multidão para vê-lo passar.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.39

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D.P.F.

ZÉ

É, tinha...

ROSA

Muito moleque também.

REPÓRTER

E imaginem a volta! A chegada à sua cidade, em carro aberto, banda de música, foguetes!

ZÉ

O senhor está maluco? Não vai haver nada disso.

REPÓRTER

Vai. Vai porque o meu jornal vai promover. Só faço questão de uma coisa: que o senhor nos dê a exclusividade. Que não conceda entrevistas a mais ninguém. *(Noutro tom)* É claro que o senhor terá uma compensação... *(Faz com o indicador e o polegar um gesto caracteristico)* e também a publicidade. Primeira página, com fotografias o senhor e sua senhora, mandaremos fotografar também o burro — em poucas horas o senhor será um herói nacional.

ZÉ

*(Profundamente contrariado)* Moço, eu acho que o senhor não me entendeu. Ninguém ainda me entendeu...

REPÓRTER

*(Sem lhe dar atenção)* O diabo foi o senhor ter escolhido um dia como o de hoje. Sábado. Amanhã é domingo, o jornal não sai. Só segunda-feira. E o nosso Departamento de Promoções precisaria preparar a coisa. Podemos dar o furo na edição de hoje, mas o barulho mesmo só segunda-feira. Quando o senhor pretende voltar?



DPF DCDP Fls. N.º 246 Rubrica

ZÉ

Por mim, já estava de volta.

*Abre-se parcialmente a porta da igreja. O Sacristão deixa o Guarda passar e torna a fechá-la. O Guarda vem ao encontro de Zé-do-Burro, que o aguarda sem muita esperança.*

GUARDA

*(Balança a cabeça, desanimado)* Não consegui nada.

ZÉ

O senhor falou com o Padre?

GUARDA

Falei, argumentei, não adiantou. E ainda tive que ouvir um sermão deste tamanho. Ele acha que, em vez de ir pedir pra deixar o senhor entrar na igreja, eu devia era levá-lo preso. Claro que eu não vou fazer isso, mas o senhor bem que podia ter arranjado uma promessinha menos complicada.

ROSA

Também acho.

GUARDA

Porque não adianta o senhor ficar aqui; o padre já disse que não abre a porta e não abre mesmo — eu conheço ele.

REPÓRTER

Ótimo! Mas isso é ótimo! Assim temos um pretexto para adiar a entrega da cruz para segunda-feira. Dará tempo então de organizarmos tudo. As entrevistas, as apresentações no rádio e a sua volta triunfal com batedores e banda de música!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.40

ZÉ

*(Cada vez mais contrariado e mais infeliz)* Moço, eu vim a pé e vou voltar a pé.

ROSA

*(Ela vislumbrou nas palavras do Repórter uma possibilidade confusa de libertação, ouviu-as num entusiasmo crescente)* Oxente! Não seja estúpido, homem! O moço está querendo ajudar a gente.

ZÉ

Então ele que me ajude a convencer o vigário a abrir a porta.

REPÓRTER

Eu vou já entrevistar o vigário. Mas fique certo de uma coisa: seja qual for o seu objetivo, uma publicidadezinha não fará mal algum... *(Pisca o olho para Zé-do-Burro, que não percebe a insinuação)* Carijó, bata mais uma chapa. *(Para Zé-do-Burro)* Quer fazer o favor de carregar a cruz? *(Para Rosa)* A senhora também.

*Zé-do-Burro fica indeciso, sem palavras para traduzir a sua indignação.*

ROSA

Vamos, Zé! *(Empurra-o para baixo da cruz e coloca-se a seu lado, numa atitude forçada).*

*O Guarda também procura, discretamente, aparecer na fotografia. A cena é caricatural, com Rosa escancarando-se num sorriso de dentifrício, Zé-do-Burro vergado ao peso da cruz e de sua imensa infelicidade. E o Guarda, de peito estufado, disputando honrosamente a sua participação no acontecimento.*



Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.
DPF
Fls. Nº 247
Rubrica

GALEGO

*(Sai da venda, apressado e dirige-se ao Fotógrafo)* Um momento! O senhor não podia fazer aparecer também o meu estabelecimento? Sabe, uma publicidadezinha...

*Fotógrafo coloca-se de molde a aparecer, no fundo, a venda. Galego corre para junto do balcão e posa.*

REPÓRTER

Ótimo. Pode bater, Carijó.

*O Fotógrafo bate a chapa.*

REPÓRTER

Obrigado. Esta vai sair hoje na primeira página. *(Para o Fotógrafo)* Vamos agora entrevistar o vigário.

GUARDA

É melhor o senhor ir pela porta da sacristia.

ZÉ

Eu levo o senhor até lá.

REPÓRTER

*(Não gosta da idéia)* Não, acho melhor o senhor esperar aqui...

ZÉ

*(Com decisão)* Mas eu quero ir com o senhor.

SACRISTÃO

*(Cede, de má vontade)* Está bem. *(Sai, com Zé-do-Burro e o Fotógrafo)*

*Ouvem-se buzinas insistentes.*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.41

Serviço de Censura de Diversões Públicas - DPF - SR/MG

GUARDA

Garanto que agora o Padre vai abrir a igreja. Não há quem não tenha medo da imprensa. *(Olha na direção da direita)* Eu vou pra lá, que a coisa está piorando. *(Sai pela direita).*

*Bonitão desce a ladeira e pára na vendola. Rosa o vê e não esconde a sua emoção.*

BONITÃO

*(Para o Galego)* Uma dupla.

GALEGO

Olá, Bonitão. Usted por aqui "de madrugada"... *(Serve a cachaça).*

ROSA

*(Vai à venda e encosta-se no balcão, ao lado de Bonitão)* Um café, moço...

BONITÃO

Ainda?...

ROSA

Ainda.

BONITÃO

Não sei como você agüenta.

ROSA

Eu também não.

BONITÃO

Ele desconfiou de alguma coisa?



DPF DCDP Fls. N.º 248 Rubrica

ROSA

Nada. Ele só pensa na cruz e na promessa.

BONITÃO

Sabe que eu fui pra casa dormir e não consegui?

ROSA

Por quê?

BONITÃO

Fiquei pensando em você.

ROSA

Melhor que não pense.

BONITÃO

Está arrependida?

ROSA

Estou.

BONITÃO

Agora é um pouco tarde.

ROSA

Não é não. Uma noite a gente pode apagar.

BONITÃO

A gente pode apagar uma porção de noites. Isso não deixa marca.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.92

Serviço de Censura de Diversões Públicas - DPF/MG

ROSA

Em mim deixou. Nem sei como ele não vê. Dá até raiva. Dá vontade de contar tudo.

BONITÃO

Não é má idéia. Ele não é homem violento. Podia era largar você aqui na cidade e voltar sozinho pra roça. Isso resolvia tudo.

ROSA

Resolvia o quê?

BONITÃO

Sua vida. Você tem futuro.

ROSA

Adianta não. Minha sina é essa mesma. Às vezes eu tenho vontade, sim, de arrumar a trouxa e ganhar a estrada. Mas não tenho coragem. E se tivesse, não ia saber pra onde ir.

BONITÃO

Quando eu era menino, fui guia de cego...

ROSA

Não estou cega. E sabia muito bem o que estava fazendo. Como sei também que sou capaz de fazer de novo, se ele não me levar daqui. Mesmo sem querer.

BONITÃO

Se você não se livrar dele, vai acabar idiota como ele.



DPF DCDP Fls. N.º 219 Rubrica

ROSA

*(Procurando uma justificativa para sua falta de coragem)* Ele precisa de mim.

BONITÃO

Ele tem o burro.

ROSA

Estúpido!

BONITÃO

Não quis comparar...

ROSA

Ele é muito homem, fique sabendo!

BONITÃO

Se é assim, por que você tem tanta sede?...

ROSA

*(Sente-se cada vez mais empurrada para ele, como para um abismo, e não há nela, precisamente, um desejo de resistir ao salto definitivo. Há apenas a imensa fraqueza da criatura humana no momento das grandes decisões)* Que tinha você de aparecer aqui de novo?

BONITÃO

Foi você quem veio falar comigo.

ROSA

Você me obriga a fazer o que eu não quero.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.43

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D.P.F. SR/MG

BONITÃO

*(Ri, cônscio de seu poder de sedução)* Que culpa tenho eu de ter nascido com tantas qualidades?

*Ela vai voltar ao centro da praça. Ele a segura pelo braço.*

BONITÃO

*(Baixo)* Espere...

ROSA

*(Idem)* Está louco?

BONITÃO

Pelo jeito, ele ainda vai ficar muito tempo aí. Entendeu?

ROSA

*(Solta-se dele com um safanão)* Não entendo nada. Você é doido e eu estou ficando doida também.

BONITÃO

Ele não pode sair de junto da cruz. Mas você pode. Pode ir descansar no hotel, ou mesmo ir rezar em outra igreja, pedir a outro santo pra ajudar a convencer o padre a abrir a porta... Um reforço sempre é bom...

*Entra Zé-do-Burro. Rosa e Bonitão disfarçam.*

MINHA TIA

*(Detendo-o)* E então?...

ZÉ

Eles não quiseram que eu entrasse. Acham melhor falar com o Padre em particular.



DPF DCDP Fls. N.º 250 Rubrica

MINHA TIA

*(Assume uma atitude de extrema cumplicidade)* Meu filho, eu sou "ekédi" no candomblé da Menininha. Mais logo o terreiro está em festa. Você fez obrigação pra Iansan, Iansan está lá pra receber!

ZÉ

*(Ele não entende)* Como?...

MINHA TIA

Eu levo você lá! Você leva a cruz e a santa recebe! Você fica em paz com ela!

ZÉ

Iansan...

MINHA TIA

Foi ela quem lhe atendeu!

ZÉ

Mas a igreja...

MINHA TIA

Mande o padre pro inferno! Leve a sua cruz no terreiro! Eu vou com você!

ZÉ

*(Hesita um pouco e por fim reage com veemência)* Não, não foi num terreiro que eu disse que ia levar a cruz, foi numa igreja de Santa Bárbara.

MINHA TIA

Santa Bárbara é Iansan. E Iansan está lá! Vai baixar nos seus cavalos! Vamos!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.44

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. - M.J.

ZÉ

Não. Não é a mesma coisa. Não é a mesma coisa.

*Abre-se a porta da igreja e surgem Repórter, Fotógrafo e Sacristão.*

REPÓRTER

*(Para o Sacristão)* O senhor acha que o padre não deixa mesmo ele entrar?

SACRISTÃO

O senhor não ouviu ele dizer? É Satanás! Satanás sob um dos seus múltiplos disfarces!

REPÓRTER

Satanás disfarçado em Jesus Cristo... acho que é um pouco forte. Em todo caso, isso é lá com ele. Eu confesso que não sou muito entendido na matéria. O que interessa é mantê-lo aqui, pelo menos até segunda-feira. Se for preciso, mandarei vir comida e bebida. Contanto que ele não vá embora antes de segunda-feira.

*Zé-do-Burro dá um passo em direção à igreja. Sacristão assusta-se.*

SACRISTÃO

Com licença, senhores, com licença. *(Entra e fecha a porta, precipitadamente).*

*Fotógrafo vai à vendola.*

REPÓRTER

*(Indo a Zé-do-Burro)* Nada feito, meu camarada. O padre é uma rocha. *(Procura estimulá-lo a resistir)* Mas ele vai acabar cedendo. Se você não arredar pé daqui, ele vai ter que abrir a igreja. Eu lhe garanto. Agora a causa não é somente sua, é também do nosso jornal. E sendo do nosso jornal, é do povo!



DPF DCDP Fls. N.º 251 Rubrica

*Zé-do-Burro olha-o como se procurasse inutilmente entender um ser vindo de outro planeta.*

REPÓRTER

Eu o aconselho a resistir. Afinal de contas, é um direito. Direito que o senhor adquiriu em 42 quilômetros de "via crucis". Eu confio no senhor. *(Para Rosa)* Leia o meu jornal hoje à tarde. Vai ser um estouro. *(Sai seguido do Fotógrafo)*

BONITÃO

Jornalistas, é?

ROSA

É. *(Com vaidade)* Tiraram o meu retrato. Será que vão publicar mesmo?

BONITÃO

Se estivesse nua, eu garantia. Assim... não sei.
*Neste momento, entra Marli pela direita. Ao ver Bonitão junto a Rosa, avança para ele em atitude agressiva.*

MARLI

Eu sabia!... Tinha que estar atrás de algum rabo de saia!

BONITÃO

Que é que você veio fazer aqui?

MARLI

Venho saber por que o senhor não apareceu em casa esta noite.

BONITÃO

Que casa?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.45

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. MG

MARLI

A minha casa!

BONITÃO

Estava indisposto. Fui para o meu hotel.

MARLI

*(Mede Rosa de alto a baixo)* Sim, eu estou vendo a sua "indisposição".

BONITÃO

*(Em voz contida, mas enérgico)* Não faça escândalo!

MARLI

Por quê? Está com medo do marido dela?

BONITÃO

Não estou com medo de ninguém, mas não vou deixar você fazer a senhora passar vexame.

MARLI

*(Irônica)* A senhora... Se ela é senhora, eu sou donzela...

BONITÃO

*(Autoritário)* Marli, me obedeça!

MARLI

Está querendo bancar o machão na frente dela, é?



DPF DCDP Fls. N.º 2512 Rubrica

BONITÃO

Eu não tenho nada com ela!

MARLI

Você passou a noite com ela!

*O rosto de Zé-do-Burro se cobre de sombras e ele busca nos olhos de Rosa uma explicação. Ela não o fita.*

BONITÃO

*(Segura Marli por um braço, violentamente)* Vamos pra casa!

MARLI

Não! Primeiro quero tirar isso a limpo. Quero que essa vaca saiba que você é meu. *(Com orgulho)* Meu! *(Grita para Rosa)* Esta roupa foi comprada com o meu dinheiro! Esta e todas que ele tem!

BONITÃO

*(Perde a paciência, ameaçador)* Se você não for pra casa imediatamente, nunca mais eu deixo você me dar nada!

MARLI

*(Deixando-se arrastar por ele na direção da direita)* Ele é meu, ouviu? Fique com seu beato e deixe ele em paz! É meu homem! É meu homem!

*Há uma pausa terrivelmente longa, na qual Zé-do-Burro apenas fita Rosa, silenciosamente, sob o impacto da cena. Em seu olhar, lê-se a dúvida, a incredulidade e sobretudo o pavor diante de um mundo que começa a desmoronar. As luzes se apagam em resistência.*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 46

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. SP/MO

## SEGUNDO QUADRO

*Três horas da tarde. Zé-do-Burro e Rosa continuam no meio da praça. Minha Tia com seu tabuleiro, na porta da igreja, o Galego na venda, Dedé Cospe-Rima entra da direita.*

---

DEDÉ

"ABC da Mulata Esmeralda", romance completo contando toda a vida de Esmeralda, desde o nascimento, no Beco das Inocências, até a morte, por trinta facadas, na Rua da Perdição. *(Oferece a Zé-do-Burro)* 10 cruzeiros...

*Zé-do-Burro recusa com um gesto.*

DEDÉ

*(Lê, declamando)*



DPF DCDP Fls. N.º 253 Rubrica

Ai, meu Senhor do Bonfim
Dai-me muita inspiração,
dai-me rima e muita métrica
pra fazer a descrição
das penas de Esmeralda
na Rua da Perdição.

*(Para Zé-do-Burro)* Estava pensando... sabe que essa sua briga com o Padre dava um abecê? Quer, eu escrevo.

ZÉ

*(Com decisão)* Não.

DEDÉ

Por quê não quer? Abecê em versos, ficava bonito...

ZÉ

Não.

DEDÉ

Versos que, modéstia à parte, são lidos pela Bahia inteira. *(Com intenção)* Inclusive pelo Padre Olavo. E não é por me gabar, meu camarado, mas aqui como me vê, poeta pela graça da Virgem e do Senhor do Bonfim, eu sou um homem temido! Quando eu anuncio que vou escrever um folheto contando as bandalheiras desse ou daquele deputado... ah, menino, não tarda o fulano me procurar pra adoçar meus versos. *(Faz com os dedos um sinal característico de dinheiro)*. Se eu anunciar nesta tabuleta que vou escrever o "ABC de Zé-do-Burro", tenho certeza que o Padre abre logo a porta e vem ele mesmo carregar a cruz.

*Zé olha-o com desconfiança.*

ROSA

Que é preciso pra isso?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.47

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

DEDÉ

Bem, o consentimento dele, em primeiro lugar. E em segundo, sabe... papel está pela hora da morte, a tipografia está cobrando os olhos da cara...

ROSA

Ah, é preciso pagar.

DEDÉ

Aí uns cinco contos pra ajudar. *(Vai a Zé)* Mas garanto o resultado.

ZÉ

*(Vigorosamente)* Não quero que faça nada.

DEDÉ

Olhe que o senhor se arrepende. Garanto que basta anunciar, o Padre se borra todo.

ZÉ

*(Irritado)* Não quero, já disse!

DEDÉ

Está bem. Quem perde é o senhor. O senhor e a poesia nacional.

*Mestre Coca desce a ladeira, gingando e pára na vendola. É um mulato alto, musculoso e ágil. Veste calças brancas "boca de sino" e camisa de meia.*

COCA

Buenas.

GALEGO

Ôpa!



DPF DCDP Fls. N.º 564 Rubrica

DEDÉ

Boa tarde, Mestre Coca.

COCA

Dedé Cospe-Rima, precisa arranjar um serviço de homem, meu camarado... *(Para o Galego)* Me dá um porongo. *(Galego serve a cachaça. Ouvem-se trovões longínquos)* Dia de Santa Bárbara, tem que roncar trovoada.

DEDÉ

Já largou a estiva, Mestre Coca?

COCA

Já. Descarreguei um cargueiro holandês até a uma hora e caí no mundo. Hoje, dia de Iansan, não é dia de carregar pêso, é dia de vadiar.

DEDÉ

Vamos ter capoeira hoje?

COCA

Mais logo. Mais logo vamos ter vadiação. Vou jogar com Manoelzinho Sua-Mãe. *(Nota Zé-do-Burro)* Me disseram que tinha aqui um homem querendo entrar na igreja com uma cruz e o Padre não queria deixar.

GALEGO

É esse aí.

COCA

Mas lugar de cruz não é dentro da igreja?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.48

Serviço de Censura de Diversões Públicas

DEDÉ

É, mas parece que a cruz é pra Iansan, e o Padre não gostou da história.

COCA

E fechou a porta?

DEDÉ

Não é de admirar. Outro dia ele não quis proibir que eu vendesse meus livros aqui na porta da igreja?

COCA

Por quê?

DEDÉ

Disse que o "ABC da Mulata Esmeralda" era indecente. Falou isso num sermão. E de lá pra cá, essas beatas quando passam por mim viram a cara, como se eu fosse a pintura do Cão.

GALEGO

No me gustan los padres. Pero esse está haciendo um buen servicio. Por causa dele a freguesia aumentou e já fui até fotografado.

DEDÉ

Se ele quisesse, eu fazia o Padre abrir a porta em dois tempos.

GALEGO

Nada. Deixa el hombre aí. Quanto mais demorar, mejor...



DPF DCDP Fls. N.º 255 Rubrica

DEDÉ

Vou dar um pulo até o Mercado de Santa Bárbara.

COCA

Ah, lá a festança já começou é de-hoje. Capoeira, roda de samba... está bom que está danado .

DEDÉ

Tem turista?

COCA

Vi uns gringos.

DEDÉ

Vou até lá. *(Sobe a ladeira com os folhetos embaixo do braço).*

ROSA

*(Para o marido)* Sabe que horas são? Três horas da tarde. Você não está com fome?

ZÉ

Não. Vá ali na mulher do tabuleiro, compre qualquer coisa pra você. *(Tira do bolso uma nota)*

*Rosa toma a nota e vai a Minha Tia.*

MINHA TIA

Que é, iaiá?

ROSA

Qualquer coisa pra matar a fome.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.49

Censura do Divertimento Público — D.P.F.

MINHA TIA

Precisa mesmo. É de hoje que vosmincês estão aí...

ROSA

Desde manhã cedo.

MINHA TIA

*(Fitando Zé-do-Burro com simpatia e incredulidade)* E ele parece um homem tão bom...

SECRETA

*(O "tira" clássico. Chapéu enterrado até os olhos, mãos nos bolsos, inspira mais receio que respeito. À primeira vista, tanto pode ser o representante da lei, como o fugitivo da lei. Entra pela direita e atravessa a cena, lentamente, em direção à vendola. Ao passar por Zé-do-Burro, demora nele um olhar de desabusada curiosidade).* Uma dupla. *(Olha em torno, procurando alguém, consulta o relógio).*

ROSA

*(Durante a entrada do Secreta, esteve escolhendo alguns quitutes no tabuleiro da baiana. Recebe-os agora, embrulhados em folha de banana, das mãos da preta. Paga).*

MINHA TIA

Diga a ele que não desanime, Iansan tem força!

*Rosa ri, leva os quitutes para Zé-do-Burro. Este recusa com um gesto. Entra da direita o Guarda, com um jornal na mão.*

GUARDA

Vejam! Primeira página com retrato e tudo! *(Mostra o jornal a Rosa, que corre ansiosamente)*



DPF DCDP Fls. N.º 256 Rubrica

ROSA

Meu retrato?

GUARDA

Eu também saí.

ROSA

*(Examina o retrato)* Hum... o senhor saiu muito bem. A cópia fiel!

GUARDA

*(Sorri, vaidoso)* É, eu acho que saí bem. Vou levar pra minha mulher.

ROSA

Quem saiu mal fui eu. *(Faz uma careta de desagrado)* Horrível.

GUARDA

Não ligue. Fotografia de gazeta é assim mesmo.

ZÉ

*(Sua atitude para com Rosa é agora de recalcada e surda revolta. Embora ele não pareça ter certeza ainda de sua infidelidade, instintivamente começa a perceber que ela se encontra do outro lado, do lado daqueles que, por este ou aquele motivo, não o compreendem, ou fingem não compreendê-lo)* Afinal, que é que diz aí?

GUARDA

*(Como se só agora lhe ocorresse ler a reportagem)* Ah, sim... *(lê)* "O novo Messias prega a revolução".



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P50

ZÉ

*(Estranha)* Revolução?... *(Espicha o pescoço e lê por cima do ombro do guarda)*.

GUARDA

É, revolução. Está aqui. *(Continua)* "Sete léguas carregando uma cruz, pela reforma agrária e contra a exploração do homem pelo homem." *(Entreolham-se sem entender)*.

ZÉ

Eu bem achei que aquele camarada não era certo da bola...

GUARDA

*(Continuando a ler)* "Para o vigário da paróquia de Santa Bárbara, é Satanás disfarçado. Quem será afinal Zé-do-Burro? Um místico ou um agitador? O povo o olha com admiração e respeito, pelos caminhos por onde passa com sua cruz, mas o vigário expulsa-o do templo. No entanto, Zé-do Burro está disposto a lutar até o fim." Acho que o moço não entendeu bem o seu caso. *(Olha-o com certa desconfiança)* Ou então fui eu que não entendi. *(Dá o jornal a Zé-do-Burro)* Podem ler. Mas não joguem fora. *(Iniciando a saída)* Quero levar pra casa. *(Sai)*.

ROSA

Zé, não estou gostando disso.

ZÉ

Nem eu.

ROSA

Não entendi bem o que botaram na gazeta, mas uma coisa me diz que isso não é bom.



Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.F. - MG
DPF DCDP Fls. Nº 207 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, PS

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

ZÉ

*(Não esconde o ressentimento que guarda dela)* Bem Maria de Iansan disse. A promessa tinha que ser bem grande. Com certeza Santa Bárbara achou que não era bastante o que eu prometi e está cobrando o restante. *(Fita Rosa)* Ou está me castigando por eu ter prometido tão pouco.

ROSA

Então eu também estou sendo castigada...

ZÉ

Ou pode ser que esteja me fazendo passar por tudo isso pra me experimentar. Pra ver se eu desisto da promessa. Santa Bárbara está me tentando... e ainda há pouco quase que eu caio.

ROSA

Quando?

ZÉ

Quando aquela sujeita disse tudo aquilo. O sangue me subiu na cabeça e se eu me deixo tentar tinha matado um homem ou uma mulher. Ia preso e não podia cumprir a promessa. Pensei nisso, naquela hora, e agüentei tudo calado. Foi uma prova. Tudo isso é uma provação.

ROSA

*(Agarrando-se a uma justificativa para sua própria falta)* Deve ser, sim. É a única explicação pra tudo que aconteceu. Santa Bárbara me usou pra pôr você à prova.

ZÉ

Mas Santa Bárbara não tinha feito isso se não conhecesse você melhor que eu...



ROSA

*(Veemente)* Eu senti, Zé, senti que havia uma vontade mais forte do que a minha me empurrando pra lá... E você ajudando. Você também é culpado. Eu não queria ir e você insistia. Não é pra me desculpar, mas se tudo é obra de Santa Bárbara, o que é que eu podia fazer?

ZÉ

Podia resistir à tentação, como eu tenho resistido.

ROSA

Era diferente. Não era a mim que ela estava pondo à prova. Era a você. E se ela é santa, se ela pode fazer milagre, pode me obrigar a fazer o que eu não quero, como obrigou. Pode botar o diabo no meu corpo, como botou. Mas isso não vai acontecer mais. Acho até que isso nem aconteceu. Pois se foi uma provação divina...

ZÉ

*(Não muito convencido)* Esse assunto nós vamos resolver depois, na volta. *(Lê o jornal)*

*Entra Bonitão pela direita e vai diretamente à vendola. Aproxima-se do Secreta. Traz um jornal em baixo do braço.*

BONITÃO

*(Em voz baixa, disfarçadamente)* Você veio depressa. *(Para o Galego)* Uma dose.

*Galego serve.*

SECRETA

*(Idem)* Que é que você quer falar comigo? Se é sobre a sua volta à Polícia...



DPF DCDP Fls. N.º 253 Rubrica

BONITÃO

*(Corta, sorrindo)* Não, nada disso. Nem estou pensando mais em voltar. Estou muito bem de vida.

SECRETA

Mas tome cuidado. Estão com sua ficha em dia...

BONITÃO

*(Ri)* Não acredito. Vocês vivem comendo mosca. Olha aí... *(Indica, com o olhar, Zé-do-Burro)* No meu tempo, esse cabra já estava no xilindró. *(Noutro tom)* E vocês me expulsaram...

SECRETA

Quem é ele?

BONITÃO

*(Mostrando o jornal)* Tome, leia... Vocês nem lêem gazeta e querem estar em dia. *(O Secreta põe-se a ler o jornal atentamente, dando de vez em quando, uma mirada para Zé-do-Burro, como a comprovar as afirmativas. Bonitão atira uma nota sobre o balcão)*

SECRETA

Você já conversou com ele?

BONITÃO

Já. O homem é perigoso. Banca o anjo de procissão, mas não é à-toa que o padreco dali de frente fechou a igreja e jurou que ele não entra.

SECRETA

É, mas a coisa é esquisita.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P-52

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

BONITÃO

Eu, se fosse você, "guardava" ele por uns dias.

SECRETA

Também não pode ser assim. Tenho que investigar, depois comunicar ao Comissário.

BONITÃO

Qual, vocês não sabem trabalhar. Dá o flagra no homem!

SECRETA

Flagra de quê? Ele não está fazendo nada...

BONITÃO

Como não? Agitação social!

SECRETA

Venha comigo.

BONITÃO

*(Iniciando a passagem)* Ele vai lhe contar a história de um burro, mas não vá nessa conversa.

GALEGO

*(Para Mestre Coca)* Policia... Estão querendo prender el hombre!

COCA

Está certo, não. Fazer promessa não é crime.

*Zé-do-Burro recebe Bonitão e Secreta com desconfiança. Rosa mostra certo constrangimento diante de Bonitão. Este apresenta o Secreta.*



DPF DCDP Fls. N.º 259 Rubrica

BONITÃO

Um amigo. Quer conversar com vocês. Quer ajudar.

SECRETA

Olá!

ZÉ

*(Dentro dele, uma revolta de proporções imprevisíveis começa a crescer)* Ajudar... todo o mundo quer ajudar... *(Arrebata o jornal das mãos de Rosa e o faz em pedaços)*

ROSA

*(Assustada)* Não faça isso, homem! É do Guarda! Ele pediu pra guardar!

ZÉ

O Guarda também quer ajudar. *(Repete como uma obcessão)* Todos querem ajudar... *(Seu olhar, que começa a ser agora um olhar de fera acuada, cai sobre Bonitão)* Todos...

SECRETA

O senhor sabe que suas idéias são muito perigosas?

ZÉ

Perigosas?

SECRETA

O senhor não devia dizer isso no jornal. E muito menos aqui, em praça pública. Porque isso pode lhe dar muita aporrinhação.

ZÉ

Mais do que já tive?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.53

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. Sylvio

SECRETA

Por muito menos, tenho visto muita gente ir parar no xadrez.

ROSA

Xadrez?

SECRETA

Estou avisando como amigo.

ZÉ

Amigo. Já vi que estou cercado de amigos. É amigo por todo o lado. Cada qual querendo ajudar mais do que o outro.

SECRETA

O senhor é um revoltado.

ZÉ

Não era, não. Mas estou ficando.

SECRETA

É por isso que está aqui desde esta madrugada?

ZÉ

É. *(Inflamando-se)* E daqui não saio enquanto não fizer com que todo mundo me entenda! Todo mundo!

SECRETA

Como pretende fazer isso?

ZÉ

Como... sei lá... mas tem de haver um jeito... tem de haver um jeito... *(Desesperado)* A vontade que eu tenho



DPF DCDP Fls. N.º 260 Rubrica

é de jogar uma bomba... *(Inicia um gesto, como se atirasse uma bomba contra a igreja, mas o braço se imobiliza no ar, ele percebe a heresia que ia proferir, deixa o braço cair e ergue os olhos para o céu)* Que Deus me perdoe! *(Secreta e Bonitão trocam olhares significativos. Zé-do-Burro avança dois ou três passos em direção à igreja, isola-se do grupo e grita a plenos pulmões)* Padre! Padre! *(Dedé desce a ladeira e fica assistindo à cena, curioso)* Padre, eu andei sete léguas pra vir até aqui! Deus é testemunha! Ainda não comi hoje... e não vou comer até que abra a porta! Um dia, dois... um mês... vou morrer de fome na porta da sua igreja, Padre!

*Galego deixa a vendola e vem para o meio da praça, no momento em que surgem também na ladeira dois tocadores de berimbau, de instrumento em punho. Colocam-se ao lado de Mestre Coca e ficam apreciando.*

ZÉ

*(Gritando, alucinadamente)* Padre, é preciso que me ouça, Padre!

*Abre-se de súbito a porta da igreja e entra o Padre. O Sacristão atrás dele, amedrontado. Grande silêncio. O Padre avança até o começo da escada.*

PADRE

Que pretende com essa gritaria? Desrespeitar esta casa, que é a casa de Deus?

ZÉ

Não, Padre, lembrar somente que ainda estou aqui com a minha cruz.

PADRE

Estou vendo. E essa insistência na heresia mostra o quanto está afastado da igreja.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.54

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D.P. 98

ZÉ

Está bem, Padre. Se for assim, Deus vai me castigar. E o senhor não tem culpa.

PADRE

Tenho, sim. Sou um sacerdote. Devo zelar pela glória do Senhor e pela felicidade dos homens.

ZÉ

Mas o senhor está me fazendo tão infeliz, Padre!

PADRE

*(Sinceramente convicto)* Não! Estou defendendo a sua felicidade, impedindo que se perca nas trevas da bruxaria.

ZÉ

Padre, eu não tenho parte com o Diabo, tenho com Santa Bárbara.

PADRE

*(Agora para toda a praça)* Estive o dia todo estudando esse caso. Consultei livros, textos sagrados. Naquele burro está a explicação de tudo. É Satanás! Só mesmo Satanás podia levar alguém a ridicularizar o sacrifício de Jesus.

ROSA

Não, Padre, não!

PADRE

Por quê não?



DPF DCDP Fls. N.º 261 Rubrica

ROSA

Porque eu conheço ele. É um bom homem. Até hoje só fez o bem.

PADRE

Lúcifer também foi anjo.

ROSA

É até bom demais. Nunca fez mal a ninguém, nem mesmo a um passarinho. É capaz de repartir o que é dele com os outros. De deixar de comer até... pra dar de comer a um burro. É um homem bom, isso eu garanto.

PADRE

Como pode garantir?

ROSA

Sou mulher dele. Vivo com ele. Durmo na mesma cama, como na mesma mesa.

PADRE

Isso não quer dizer nada...

ROSA

*(Com mais veemência)* Como é que não?!

*Entra o Guarda da direita e se detém no meio da praça*

PADRE

Lúcifer iludiu o Senhor até o último momento! *(Leva o dedo em riste)* Mas eu conheço seus adeptos! Mesmo quando se disfarçam sob a pele do cordeiro! Mesmo quando se escondem atrás da cruz de Cristo! A mesma cruz que querem destruir! Mas não destruirão! Não destruirão!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.55

Censura de Diversões Públicas - Serviço SR/MG

*Neste momento, entra Monsenhor. O Padre está no auge de sua cólera. Ao ver Monsenhor, seu braço se imobiliza no ar, como ante uma aparição sobrenatural.*

PADRE

Monsenhor!

SACRISTÃO

Monsenhor Otaviano!

PADRE

*(Grita para a praça)* Deixem passar Monsenhor!

*Todos abrem passagem e se curvam respeitosamente. Monsenhor avança para a igreja. Ao passar por Zé-do-Burro, este lhe cai aos pés e beija-lhe a mão.*

MONSENHOR

*(Paternal, magnânimo) Já sei. Estou tratando do seu caso. (Entra na igreja, seguido dos seminaristas, do Padre e do Sacristão. Fecha-se a porta).*

GUARDA

É Monsenhor Otaviano! Deve ter vindo a mando do Arcebispo!

ROSA

E o Padre ficou apavorado quando viu ele, reparou?

DEDÉ

Com certeza o Arcebispo mandou puxar as orelhas do Padre.

MINHA TIA

Bem feito!



DPF DCDP Fls. N.º 262 Rubrica

GALEGO

Bem feito, nada. Se deixam el hombre entrar, prejudicam nuestro negócio.

ZÉ

*(Com esperança)* Será?... será que o Arcebispo chegou a saber?!

GUARDA

Ora, a cidade inteira já sabe! O rádio já deu!

COCA

Não se fala noutra coisa, da Cidade Baixa até a Cidade Alta!

ZÉ

E ele vir até aqui por causa disso...

ROSA

É porque veio trazer alguma ordem. E ordem do Arcebispo!

DEDÉ

Mandou o Padre deixar de ser besta.

COCA

Mandou abrir a porta!

MINHA TIA

Eu disse: Iansan tem força! Agora ele vai entrar! Vai entrar!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.56

Serviço de Censura de Diversões Públicas

ZÉ

Eu sabia que Santa Bárbara não ia me desamparar!

*Abre-se a porta da igreja. Surgem Monsenhor e Padre, seguidos do Sacristão. Há um grande silêncio de expectativa.*

MONSENHOR

Venho aqui a pedido de Monsenhor Arcebispo. S. Excia. está muito preocupado com o vulto que está tomando este incidente e incumbiu-me, pessoalmente, de resolver a questão. A fim de dar uma prova de tolerância da igreja para com aqueles que se desviam dos cânones sagrados...

ZÉ

*(Interrompe)* Padre, eu sou católico. Não entendo muita coisa do que dizem, mas queria que o senhor entendesse que eu sou católico. Pode ser que eu tenha errado, mas sou católico.

MONSENHOR

Pois bem. Vamos lhe dar uma oportunidade. Se é católico, renegue todos os atos que praticou por inspiração do Diabo e volte ao seio da Santa Madre Igreja.

ZÉ

*(Sem entender)* Como, Padre?

MONSENHOR

Abjure a promessa que fez, reconheça que foi feita ao Demônio, atire fora essa cruz e venha, sozinho, pedir perdão a Deus.

ZÉ

*(Cai num terrivel conflito de consciência)* O senhor acha mesmo que eu devia fazer isso?!



DPF DCDP Fls. N.º 263 Rubrica

MONSENHOR

É a sua única maneira de salvar-se. A igreja católica concede a nós, sacerdotes, o direito de trocar uma promessa por outra.

ROSA

*(Incitando-o a ceder)* Zé... talvez fosse melhor...

ZÉ

*(Angustiado)* Mas Rosa... se eu faço isso, estou faltando à minha promessa. Seja Iansan, seja Santa Bárbara, estou faltando...

MONSENHOR

Com a autoridade de que estou investido, eu o liberto dessa promessa, já disse. Venha fazer outra.

PADRE

Monsenhor está dando uma prova de tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da Igreja e a sua própria intransigência.

ZÉ

*(Pausa)* O senhor me liberta... mas não foi ao senhor que eu fiz a promessa, foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como castigo, quando eu voltar pra minha roça não vou encontrar meu burro morto.

MONSENHOR

Decida! Renega ou não renega?

MINHA TIA

Êparrei! Maleme pra ele, minha mãe!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.57

Censura de Diversões Públicas - Serviço de

COCA

Maleme!

ZÉ

Não! Não posso fazer isso! Não posso arriscar a vida do meu burro!

PADRE

Então é porque você acredita mais na força do Demônio do que na força de Deus! É porque tudo que fez foi mesmo por inspiração do Diabo!

MONSENHOR

Nada mais posso fazer então. *(Atravessa a praça e sai).*

ZÉ

*(Corre na direção de Monsenhor)* Monsenhor! Me deixe explicar! *(No auge do desespero)* Me deixe explicar!

PADRE

Que ninguém agora nos acuse de intolerantes. E que todos se lembrem das palavras de Jesus: "Porque surgirão falsos Cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam a muitos".

ZÉ

Padre, eu não quero enganar ninguém.

PADRE

Enganaria a muitos, sim. E muitos o seguiriam ao sair daqui.



DPF DCDP Fls. N.º 2764 Rubrica

ZÉ

Eu não quero que ninguém me siga!

PADRE

Mas seguiriam, como já o seguiram pelas estradas, sem saber que seguiam a Satanás!

ZÉ

*(Subitamente fora de si, corre para a cruz, levanta-a nos braços como um ariete e grita)* Padre! Por Santa Bárbara ou por Satanás, vou colocar esta cruz dentro da igreja, custe o que custar!

PADRE

*(Ante a decisão que vê estampada no rosto de Zé-do-Burro, recua, amedrontado)* Eis a prova: um católico não ameaça invadir a casa de Deus! Guarda! Prenda esse homem! *(E ante a investida de Zé-do-Burro, que caminha para a igreja, corre seguido do Sacristão e cerra a porta no momento mesmo em que Zé sobe os degraus. Este, revoltado e vencido, atira a cruz contra a porta. A cruz tomba, estrondosamente, sobre a escada. Zé-do-Burro senta-se num dos degraus e esconde o rosto entre as mãos).*

COCA

*(Para os tocadores de berimbau)* Fiquem aqui. Vou chamar o resto do pessoal. *(Sobe a ladeira).*

BONITÃO

*(Para o Secreta)* Que está esperando? Não está convencido ainda?...

SECRETA

*(Faz um sinal afirmativo com a cabeça)* Espere... *(Sai pela direita)*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.58

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. - MG

ROSA

*(Que percebeu a troca de palavras entre o Secreta e Bonitão) Espere o que? Quem é ele?*

BONITÃO

Um secreta.

ROSA

*(Começando a compreender)* Polícia! Você...? Você denunciou...?!

BONITÃO

Daqui a pouco, você vai ficar livre desse idiota.

ROSA

*(Horroriza-se ante a idéia da traição)* Você não devia ter feito isso! Não devia!

BONITÃO

É pro seu bem. Pro nosso bem.

ROSA

*(Angustiada pelo conflito de consciência que se apossa dela)* Não... assim, não! Eu não queria assim!

BONITÃO

Agora... está feito.

*Rosa se debate em seu conflito: de um lado, sua noção de lealdade gerando um repúdio natural à delação. Do outro, todos os seus recalques sexuais, sua ânsia de libertação, de realização mesmo, como mulher, que Bonitão veio despertar. Enquanto isso, Zé-do-Burro, sentado nos degraus da*



DPF DCDP Fls. N.º 296 Rubrica

*igreja, sofre uma crise nervosa. Soluça convulsivamente. Os tocadores de berimbau fazem gemer a corda de seus instrumentos.*

*E lentamente, enquanto as luzes de cena se apagam,* CAI O PANO.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.59

# Terceiro Ato

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.60

Censura de Diversões Públicas - Serviço de
D. P. F.

*Entardecer. A praça está cheia de gente. Na escadaria da igreja, Zé-do-Burro e Rosa. Na vendola, o Galego. À frente da vendola, formou-se uma roda de capoeira. Dois tocadores de berimbau, um de pandeiro e um de reco-reco, sentados num banco, e os "camarados", formando um círculo, ao centro do qual, de cócoras, diante dos músicos, estão Mestre Coca e Manoelzinho Sua-Mãe. Dedé Cospe-Rima está entre os componentes da roda e Minha Tia não se encontra em cena. Choram os berimbaus e Rosa, dominada pela curiosidade, aproxima-se da roda.*

MESTRE DO CORO

*(Canta):*

Sinhazinha que vende aí?
Vendo arroz do Maranhão
Meu sinhô mandô vendê
Na terra do Salomão.
Aruandê
Camarado.



DPF
DCDP
Fls. N.º 264
Rubrica

CORO

Ê ê
Aruandê
Camarado.

MESTRE

Galo cantô

CORO

Ê, ê
Aruandê
Camarado

MESTRE

Cocorocô

CORO

Ê, ê
Aruandê
Camarado

MESTRE

Goma de gomá

CORO

Ê, ê
Goma de gomá
Camarado

MESTRE

Ferro de matá



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.61

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

CORO

Ê, ê
Ferro de matá
Camarado

MESTRE

É faca de ponta

CORO

Ê, ê
Faca de ponta
Camarado

MESTRE

Vamos embora.

CORO

Ê, ê
Vamos embora
Camarado

MESTRE

Pro mundo afora

CORO

Ê, ê
Pro mundo afóra
Camarado

MESTRE

Dá volta ao mundo



DPF DCDP Fls. N.º 268 Rubrica

CORO

Ê, ê
Volta do mundo
Camarado.

*E tem início o jogo. Mestre Coca e Manoelzinho Sua-Mãe percorrem a roda virando o corpo sobre as mãos e começam a luta-dança, cuja coreografia é ditada pelo toque do berimbau.*

DEDÉ

*(Grita)* Quero ver um "rabo de arraia", Mestre Coca!

UMA VOZ

Manoelzinho Sua-Mãe é porreta no aú!

OUTRA VOZ

Eu queria vê isso à véra.

MESTRE DO CORO

Quem te ensinô essa mandinga?
Foi o nego de sinhá.
O nego custô dinhêro,
dinhêro custô ganhá,
Camarado.

CORO

Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.

MESTRE DO CORO

Amanhã é dia santo,
dia de corpo de Deus
Quem tem roupa vai na missa,
quem não tem faz como eu.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.62

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SP/MG

CORO

Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.

MESTRE DO CORO

Minino, quem foi teu mestre?
quem te ensinô a jogá?
— Sô discip'o que aprendo
meu mestre foi Mangangá,
na roda que ele esteve,
outro mestre lá não há,
Camarado.

CORO

Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.

*Rosa, apreensiva, nervosa, desinteressa-se da capoeira: vai até a ladeira, olha para o alto, ansiosamente, como se esperasse alguém, depois volta para junto do marido. Muda o ritmo do jogo.*

MESTRE DO CORO

Panha a laranja no chão, tico-tico
ái, se meu amô fô s'imbora eu não fico

CORO

Panha a laranja no chão, tico-tico

MESTRE DO CORO

Minha camisa é de renda de bico

CORO

Panha a laranja no chão, tico-tico



DPF DCDP Fls. N.º 264 Rubrica

MESTRE DO CORO

Ái, se meu amô fô s'imbora eu não fico

*E novamente muda o jogo, agora rápido, com os dois jogadores empenhando-se em golpes de espantosa agilidade, no ritmo cada vez mais acelerado da música.*

MESTRE DO CORO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuá

CORO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuá

MESTRE DO CORO

Vou pidi a Santa Bárbara
Pra ela me ajudá

CORO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuá[1]

*Esse estribilho é repetido várias vezes em ritmo cada vez mais rápido, até que Minha Tia surge no alto da ladeira e merca, num canto sonoro.*

MINHA TIA

Óia, o ca-ru-ru!

*Cessam de repente o canto e o acompanhamento. Os jogadores param de jogar.*

[1] A capoeira não deve durar mais que dois minutos, a fim de não quebrar a continuidade dramática da peça.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567/1 P.63

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F.

MINHA TIA

É o caruru de Santa Bárbara, minha gente!

*A roda de capoeira se desfaz, alegremente. Todos cercam Minha Tia, que vai instalar seu tabuleiro no local costumeiro, ajudada pelos capoeiristas. Apenas os músicos continuam nos seus bancos e Mestre Coca vai à vendola. Rosa também permanece junto ao marido, demonstrando um nervosismo, uma ansiedade crescente.*

DEDÉ

O primeiro caruru é meu, Minha Tia!

*Minha Tia enche um prato e coloca-o de lado, no chão.*

DEDÉ

Pra quem é esse?

MINHA TIA

É pra Santa. *(Enche outro prato, dá a Dedé)* Agora sim, é seu.

*Dedé recebe o prato e dirige-se à vendola.*

COCA

*(Tira do bolso uma nota e coloca-a sobre o balcão)* Aposto cem.

GALEGO

*(Coloca uma nota sobre a de Mestre Coca)* Casado.

COCA

Fica na mão de quem? *(Dedé vem se aproximando)* De Dedé Cospe-Rima.



DPF DCDP Fls. 276 N.º Rubrica

DEDÉ

Também quero entrar nessa aposta.

COCA

O Galego diz que o padreco não deixa o homem entrar. Eu digo que vai acabar entrando, hoje mesmo, com cruz e tudo.

GALEGO

Entra nada. Yo conheço esse padre. Moça com vestido decotado no entra nesta igreja. Yo mismo já vi ele parar la missa até que uma turista americana, de calças compridas, se retirasse...

DEDÉ

E eu digo que o homem entra, mas não hoje, amanhã. O Padre quer humilhar ele primeiro, mas depois vai ficar com medo dele ir se queixar pra Santa Bárbara e vai abrir a porta.

GALEGO

Pero usteds no entenderam la cosa. Ele no fez promessa para Santa Bárbara. Fez para Iansan, num candomblé.

COCA

E que tem isso?

GALEGO

Tem que candomblé és candomblé e igreja és igreja.

COCA

E a Santa não é a mesma?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.64

Censura do Divertimento Público - Serviço de D.P.F.

DEDÉ

Não, o Galego tem razão. A santa pode ser a mesma, mas o Padre tem medo da concorrência e quer defender o seu negócio.

COCA

Mas não adianta. Iansan tem força. O homem entra.

GALEGO

Nem Iansan nem todos os orixás do candomblé fazem ele entrar.

DEDÉ

Entra, sim. Amanhã ele entra. *(Num tom de mistério)* E não se admirem se for eu que fizer ele entrar...

GALEGO

Usted?

DEDÉ

Sim, eu, Dedé Cospe-Rima.

COCA

E como?

DEDÉ

Ah, isso é segredo profissional.

COCA

Então, se ele entrar hoje, ganho eu. Se entrar amanhã, ganha você. Se não entrar, ganha o Galego.



DPF DCDP Fls. N.º 271 Rubrica

DEDÉ

Fechado.

COCA

Bota cem pratas. *(Estende a mão)*

DEDÉ

*(Segura o prato com uma das mãos, com a outra remexe os bolsos)* Não tenho ainda não, mas de noite eu lhe dou.

COCA

*(Desconfiado)* Vê lá, hem? *(Dá o dinheiro ao Galego)* Por via das dúvidas, fica com o dinheiro, Galego.

MANOELZINHO

*(Aproxima-se de Mestre Coca)* Tu tá um bicho na capoeira, Mestre Coca.

COCA

Você é quem diz.

MANOELZINHO

Tinha ido pro mercado, pensando que ia ser lá a vadiação. Lá me disseram que tinha vindo todo mundo pra cá.

COCA

Por causa do homem da cruz.

MANOELZINHO

Diz que ele quer cumprir obrigação pra Iansan.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.65

Censura de Diversões Públicas - Serviço - D. P. F.

UM CAPOEIRA

Quer botar essa cruz lá dentro da igreja.

OUTRO CAPOEIRA

E já quiseram até prender ele.

MANOELZINHO

Só por causa disso?

UM CAPOEIRA

Então.

MANOELZINHO

Não pode!

COCA

Não pode e não vão fazer. O homem não fez nada.

DEDÉ

*(Aproxima-se de Zé-do-Burro)* Amanhã... amanhã você entra, meu camarada. Lhe garanto. Vou hoje pra casa escrever a história desse padre. Sei umas coisas dele... e se precisar a gente inventa. Amanhã vou chegar aqui com uma tabuleta: "Aguardem! O padre que fechou a casa de Deus"! Vai ver se ele abre ou não abre a porta. Ou abre ou vai ter que me passar uma gaita pra não publicar os versos. *(Pisca o olho e afasta-se)*.

MINHA TIA

*(Para Rosa)* Não quer também, iaiá?



DPF DCDP Fls. N.º 272 Rubrica

ROSA

Não.

MINHA TIA

Caruru de Santa Bárbara. Antigamente a gente fazia isso e era de graça. Hoje, com a vida do jeito que está, a gente tem mesmo é que cobrar.

GALEGO

*(Atravessa a praça com um prato de sanduiches na mão e vai a Zé-do-Burro)* Pero yo no cobro nada. *(Oferece)*. Oferta da casa.

ZÉ

Pra mim?

GALEGO

Si, para usted. Cachorro quente. Después trarê un cafezito.

ZÉ

Não, obrigado.

GALEGO

Pode aceitar sin constrangimento. E podemos até hacer un negócio. Se usted promete no arredar pé de acá, yo me comprometo a fornecer comida e bebida gratuitamente para los dos.

ZÉ

Não, não tenho fome.

GALEGO

*(Muito preocupado)* Pero, asi usted no poderá resistir!



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.66

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

ZÉ

Não importa.

GALEGO

*(Oferece a Rosa)* A senhora não quer?...

ROSA

Não estou com vontade.

GALEGO

*(Encolhe os ombros, conformado)* Bien... *(Volta à venda)*

ZÉ

*(Ele observa a intranqüilidade indisfarçável de Rosa, que a todo o momento olha assustada para a ladeira ou para a rua, esperando ver surgir a polícia)* Que é que você tem?

ROSA

Nada. Queria era ir embora.

ZÉ

Sozinha?

ROSA

Não, com você.

ZÉ

*(Com intenção)* Pensei que estivesse farta de mim.

ROSA

*(Nervosamente)* Estou farta é dessa palhaçada. Estamos aqui bancando os bobos. Toda essa gente está rindo de



DPF DCDP Fls. 73 N.º Rubrica

nós, Zé! Quem não está rindo, está querendo se aproveitar. É uma gente má, que só pensa em fazer mal. *(Sacode-o pelos ombros, como para chamá-lo à realidade)* Largue a cruz onde está, Zé, e vamos embora pra nossa roça, antes que seja tarde demais!

ZÉ

De que é que você está com medo?

ROSA

De tudo.

ZÉ

Não é de você mesma?

ROSA

Também! Mas já não sou eu quem corre perigo, é você.

ZÉ

Que perigo?

ROSA

Você não vê? Não sente? Não respira? Está no ar!... E cada minuto que passa, aumenta o perigo. *(Olha para todos os lados, como fera acuada)* Esta praça está ficando cada vez menor... como se eles estivessem fechando todas as saídas. *(Volta-se para ele, com veemência)* Vamos embora, Zé, enquanto é tempo!

ZÉ

*(Desconfiado)* Que deu em você assim de repente?

ROSA

Não é de repente, desde que chegamos que eu estou querendo voltar. Você foi que teimou em ficar. Por mim, você



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.67

Censura de Diversões Públicas - Serviço D. P. F. SP

tinha largado aí essa cruz e voltado no mesmo pé. *(Com intenção)* A esta hora, já estava na estrada, longe daqui, e nada tinha acontecido.

ZÉ

Você acha que depois de andar sete léguas eu ia voltar sem cumprir a promessa?

ROSA

Você já pagou essa promessa, Zé. Não é sua culpa se há gente sempre disposta a ver Demônios em toda a parte, até mesmo naqueles que estão do lado deles e que odeiam também o Demônio. É gente que vai acabar enxergando na própria sombra a figura do Diabo.

*Entreabre-se a porta da igreja e surge na fresta, a cabeça do Sacristão, que, ao ver Zé-do-Burro, torna a entrar e fechar a porta.*

ROSA

Está vendo? O Padre mandou ver se você ainda está aqui; não vai abrir a porta enquanto a gente não for embora. Vamos, Zé!

ZÉ

*(Reage com irritação, procurando combater em si mesmo o desejo de ceder)* Não, já disse que não. Só arredo pé daqui depois de levar a cruz lá dentro da igreja.

*O Secreta entra da direita e atravessa a praça em direção à vendola, observando, dissimuladamente, Zé-do-Burro. Ao vê-lo, Rosa não esconde sua inquietação. Acompanha-o com um olhar amedrontado até a vendola.*

SECRETA

*(Para o Galego)* Uma meladinha.

*Galego serve a cachaça com mel.*



DPF Fls. 474 Rubrica

ZÉ

*(Notando a apreensão de Rosa)* Que foi?

ROSA

Ele não é nosso amigo.

ZÉ

E que tem isso?

ROSA

Ouvi dizer que é da Polícia.

ZÉ

Não sou nenhum criminoso, não fiz mal a ninguém.

ROSA

Por isso mesmo que eu tenho medo, porque você não sabe fazer mal... e eles sabem!

*Mestre Coca e Manoelzinho vão à vendola, encostam-se no balcão junto do Secreta.*

GALEGO

Que van hacer com o homem?

SECRETA

Deixe que eu cuido disso.

COCA

Mas ele não fez nada...

SECRETA

*(Lança a Mestre Coca um olhar de intimidação)* E é melhor não se meterem onde não são chamados.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P-68

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F. S.

*Secreta bebe a cachaça de um trago, coloca uma moeda sobre o balcão e volta a atravessar a cena, com ar misterioso, saindo pela rua da direita. Mestre Coca e Manoelzinho trocam um olhar de solidariedade.*

ROSA

Ele só veio ver se a gente ainda estava aqui. Vamos aproveitar, antes que ele volte.

ZÉ

Deixe de bobagem. Não sou menino que quando brinca com fogo mija na cama. *(Põe-se a picar fumo com uma faquinha).*

MARLI

*(Entra da direita, atravessa a cena, lentamente, num andar provocante).*

DEDÉ

*(Referindo-se a Marli)* Boa moça... Só que casou com a humanidade...

*Mestre Coca ri.*

MARLI

*(Na venda, para o Galego)* Viu Bonitão?

GALEGO

Já esteve aqui várias vezes, hoy.

MARLI

*(Referindo-se a Rosa)* Eu sei... e sei também o motivo.



DPF DCDP Fls. N.º 245 Rubrica

GALEGO

Festa de Iansan?...

MARLI

Não é bem Iansan, é outro orixá...

ROSA

*(Para Zé-do-Burro)* Vou ali, preciso falar com aquela mulher.

ZÉ

Que é que você ainda tem que falar com ela? Não lhe basta a vergonha que ela lhe fez passar?

ROSA

Mas eu preciso, Zé! Eu preciso! *(Vai à vendola. Zé-do-Burro a segue com um olhar de profunda desilusão)* Preciso falar com você.

MARLI

*(Hostil estranhando)* Comigo?

ROSA

Ou melhor, com ele, Bonitão. Onde ele está?

MARLI

Sujeita sem vergonha. Dá em cima do meu homem e ainda tem o descaramento de vir me pedir pra dizer onde ele está! Não lhe basta o seu? Precisa do meu pra se contentar?

ROSA

Não preciso do seu homem pra nada. Quero só falar com ele, pra evitar uma desgraça.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.69

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P.

MARLI

*(Ameaçadora)* Se você quer mesmo evitar uma desgraça, o melhor é deixar ele em paz.

ROSA

Mas eu tenho que falar com ele. Juro que é assunto sério.

MARLI

Você pode enganar o trouxa do seu marido. Mas a mim, não!

ROSA

Onde ele mora?

MARLI

Mora comigo.

ROSA

Mentira. Eu sei que ele mora num hotel.

MARLI

Pois vá lá atrás dele, pra ver o que lhe acontece.

ROSA

*(Reagindo)* Pare com isso que eu não tenho medo de você.

MARLI

Nem eu de você.

*As duas se olham desafiadoramente a ponto de quase se atracarem. Zé-do-Burro, que ouviu a discussão, aproxima-se.*



DPF DCDP Fls. N.º 276 Rubrica

ZÉ

Rosa, você perdeu a cabeça? Não sabe qual é o seu lugar? Discutindo na rua com uma... *(completa a frase com um gesto de desprezo).*

MARLI

Com uma o quê, seu beato pamonha? Carola duma figa! A mulher dando em cima do homem da gente e ele aí agarrado com essa cruz! Isso também faz parte da promessa?

ROSA

Cale essa boca! Não se meta com ele. Ele não tem nada com isso!

MARLI

Não tem! Não é seu marido?

ROSA

É, mas não se rebaixa a discutir com você.

MARLI

*(Mede-o de cima a baixo, com mais desprezo ainda)* Corno manso! *(Dá-lhe as costas, bruscamente e sobe a ladeira).*

*Galego solta uma gargalhada, que corta de súbito, ante o olhar ameaçador de Zé-do-Burro. Este, num gesto instintivo, ergue a pequena faca de picar fumo.*

ROSA

Zé!

GALEGO

*(Intimidado)* Perdon... no se puede dar confiança a essas mujeres...



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.70

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. DPF SR/MG

ZÉ

*(Para Rosa, num tom que revela sua desilusão, sua revolta e sua decisão de não mais deixar-se iludir)* Esta noite a gente vai embora.

ROSA

E por que não agora?

ZÉ

Vamos deixar passar o dia de Santa Bárbara.

ROSA

De noite, talvez seja tarde.

ZÉ

Tarde pra quê?

ROSA

Pra voltar!

ZÉ

O que você ainda queria falar com aquele sujeito?

ROSA

Pedir pra ele deixar você em paz.

ZÉ

A mim?

ROSA

Ele denunciou você à Polícia.



DPF DCDP Fls. N.º 247 Rubrica

ZÉ

Mas eu sou um homem de bem. Nunca tive nada com a Polícia.

ROSA

Eu sei. Mas eles torcem as coisas. Confundem tudo. *(Angustiada)* Zé! Ouça o que eu digo. A gente devia ganhar a estrada agora mesmo. Neste minuto.

*O Repórter e o Fotógrafo entram pela direita, a tempo de ouvirem a última "fala" de Rosa.*

REPÓRTER

Eh, que é isso? Já estão pensando em ir embora?!

ZÉ

*(Hostil)* Vou embora quando quiser, não tenho que dar conta disso a ninguém. *(Dá as costas ao Repórter, ostensivamente e volta para junto da cruz, na escadaria da igreja. O Fotógrafo conversa qualquer coisa com os componentes da roda de capoeira e sai seguido de Mestre Coca e mais três ou quatro).*

REPÓRTER

Vocês não estão falando sério, não? Sim, porque eu espero que vocês cumpram o que prometeram. Meu jornal está cumprindo. Já tomei todas as providências para que sua estada aqui até segunda-feira seja a mais agradável possível.

ROSA

Como?

*Neste instante, entram os capoeiristas conduzindo primeiro uma tenda de pano já armada e em seguida um colchão de molas. Na tenda, há um letreiro: Oferta da Casa da Lona. No colchão há outro: Gentileza da Loja Sonho Azul. Com*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.71

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SR/MJ

*enorme espanto de Zé-do-Burro e Rosa, eles colocam a barraca no meio da praça e o colchão dentro da barraca.*

REPÓRTER

Fomos aos nossos clientes e eles se dispuseram prontamente a colaborar conosco.

*Entra o Fotógrafo trazendo uma mesinha e um aparelho de rádio de pilha, que coloca também na barraca.*

ZÉ

*(Surpreso)* O senhor trouxe essas coisas... pra nós?

REPÓRTER

Bem, julgamos que um pouco de fonforto durante esses dias não reduzirá o valor de sua promessa. Além disso, segunda-feira, depois da entrada triunfal na igreja, o senhor percorrerá a cidade em carro aberto, com batedores, num percurso que irá daqui até a redação do nosso jornal. De lá, irá ao Palácio do Governo, onde será recebido pelo Governador. *(Zé vai dizer qualquer coisa e ele o interrompe)* Já sei: vai dizer que se o vigário de Santa Bárbara não o deixa entrar em sua igreja, o Governador vai também lhe bater com a porta na cara. Não se preocupe. Já estamos mexendo os pausinhos. E se o senhor puder dizer uma palavrinha a favor do candidato oficial nas próximas eleições, estará tudo arranjado.

ROSA

Por favor, leve tudo isso daqui. Nós estamos de partida.

REPÓRTER

De partida? Não, não pode ser, isso seria um desastre para mim! O jornal já fez despesas, já compramos foguetes, contratamos uma banda de música para a volta...



DPF DCDP Fls. N.º 248 Rubrica

ROSA

A volta vai ser hoje mesmo.

REPÓRTER

Hoje?! Mas não dá tempo!... Não está nada preparado... O que é que a senhora pensa? Que é assim tão simples organizar uma promoção de venda? É muito fácil pegar uma cruz, jogar nas costas e andar sete léguas. Mas um jornal é uma coisa muito complexa. Mobilizar todos os departamentos para dar cobertura... e depois, eu já lhe disse, amanhã é domingo, não tem jornal!

ROSA

*(Irritando-se)* E qual é o meu?! Que se dane o seu jornal! Eu quero é ir embora daqui! O Zé tem razão, vocês todos querem ajudar, ajudar... ajudam mas é a desgraçar a vida da gente.

REPÓRTER

Está precisando de alguma ajuda... particular?

ROSA

Estou. A Polícia anda rondando a praça.

REPÓRTER

A Polícia?

ROSA

Um secreta. Estão querendo levar ele preso.

REPÓRTER

Por quê?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.72

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. - S.C.D.P.

ROSA

*(Pensa um pouco)* Talvez porque ele é bom demais. E o resto é gente safada.

REPÓRTER

Hum... bem me pareceu que por trás dessa história do burro, da promessa, havia qualquer coisa... uma intenção oculta e um objetivo político. A Polícia, naturalmente, percebeu também.

ROSA

Mas ele não tem nenhuma intenção, a não ser a de pagar a promessa!

REPÓRTER

*(Sorri, descrente)* É claro que a senhora não vai dizer. Nem ele também. Mas podem contar comigo e com o meu jornal. Se ele for preso, daremos toda a cobertura. Abriremos manchetes na primeira página. Será uma maravilha para ele!

ROSA

Maravilha! Maravilha ser preso?!

REPÓRTER

Todo líder precisa ser preso pelo menos uma vez!

ROSA

Eu acho que o senhor é maluco. O senhor, esse padre, a Polícia, todos. E eu também, se não me cuidar, vou acabar ficando.

*(Olha, ansiosamente, para o alto da ladeira)*



DPF DCDP Fls. N.º 279 Rubrica

REPÓRTER

*(Chama de parte o Fotógrafo)* Prepare-se, que daqui a pouco é capaz de haver um bafafá.

*Rosa, angustiada, volta para junto do marido.*

ROSA

Desista, Zé. Desista.

ZÉ

Por que você não senta aqui e espera até a hora de ir embora?

ROSA

*(Senta-se num degrau)* É, o jeito é esperar.

DEDÉ

*(Vai a eles com seus folhetos)* E enquanto espera, deve aproveitar para melhorar sua cultura. O "ABC da Mulata Esmeralda", modéstia à parte, é uma verdadeira jóia da literatura brasileira. Por 10 cruzeiros apenas, o senhor poderá ler os mais inspirados versos que uma mulata jamais inspirou. *(Zé-do-Burro balança negativamente a cabeça. Dedé vai a Minha Tia).*

DEDÉ

Poesia está muito por baixo, Minha Tia. Quem está por cima é o caruru. *(Aproxima-se da roda de capoeira. Zé-do-Burro sobe um ou dois degraus, fita, revoltado, a porta cerrada).*

MINHA TIA

*(Para Zé-do-Burro)* Não desanime, moço. Hoje é dia de Iansan, mulher de Xangô, Orixá dos ráios e das tempestades. Mais logo, nos terreiros, ela está descendo no corpo



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569, P.73

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SR/MG

dos seus cavalos. Vai falar com ela, moço, vai pedir a proteção de Iansan, que tudo quanto é porta há-de se abrir. *(Ouvem-se trovões mais fortes que da vez anterior)* Óia!... *(Aponta para o céu)* Iansan está falando!... *(Abaixa-se toca o chão com a ponta dos dedos, depois a testa e saúda Iansan)* Êparrei, minha mãe!

*Neste momento, surge Bonitão na ladeira. Rosa levanta-se, movida por uma mola. Zé-do-Burro, com os olhos pregados na porta da igreja, não o vê. Não vê que os olhares de Rosa e Bonitão se cruzam de um extremo a outro da praça. E que ele, da ladeira, faz para ela um gesto, convidando-a a acompanhá-lo. Rosa hesita, presa de tremendo conflito. Olha para Zé-do-Burro, para Bonitão. Este a espera, certo de que ela acabará por ir ao seu encontro. Minha Tia, Galego e Dedé percebem o que se passa e aguardam atentamente. Vendo que ela não se decide, Bonitão dá de ombros, sorri e acena num gesto curto de despedida. Inicia a subida da ladeira, mas pára depois de dar dois ou três passos, fora do ângulo visual de Rosa e Zé-do-Burro. Ela, como que atraída por um ímã, inicia o movimento para segui-lo, quando Zé-do-Burro volta-se.*

ZÉ

Aonde vai, Rosa?

ROSA

*(Detém-se)* Vou ali, já volto.

ZÉ

Ali aonde?

ROSA

No hotel onde dormi. Lembrei agora que esqueci lá o meu lenço. *(Avança mais na direção da ladeira).*

ZÉ

Rosa!



DPF DCDP Fls. N.º 280 Rubrica

ROSA

*(Pára, já na altura da ladeira, vê Bonitão à sua espera.)* Que é?

ZÉ

*(Num apelo e numa advertência que é quase uma súplica)* Deixe esse lenço pra lá!

ROSA

*(Hesita ainda um pouco)* Não posso, Zé. Eu preciso dele!

ZÉ

Compro outro pra você, Rosa!

ROSA

Pra quê, Zé, gastar dinheiro à toa... é daquele que eu gosto (*Sobe a ladeira*).

*Bonitão passa o braço pela cintura dela e os dois saem. Galego e Dedé Cospe-Rima trocam olhares significativos.*

DEDÉ

*(Canta)*

Quem corta e prepara o pau,
quem cava e faz a gamela,
toma a si todo o trabalho
e depois fica sem ela...

*O sino da igreja começa a tocar as Ave-Marias. A Beata surge no alto da ladeira, apressada. Ao passar pela roda de capoeira, que novamente se anima, tem um ar de repulsa e indignação.*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0829
P.74
Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. - SR/MG

BEATA

Falta de respeito! Bem em frente da igreja. Este mundo está perdido!

MINHA TIA

*(Oferece)* Caruru, Iaiá?

BEATA

*(Pára junto a ela)* Quê?

MINHA TIA

Caruru de Iansan...

BEATA

*(Como se ouvisse o nome do Diabo)* Iansan?! E que é que eu tenho com dona Iansan? Sou católica apostólica romana, não acredito em bruxarias!

MINHA TIA

Adiscurpe, Iaiá, mas Iansan e Santa Bárbara não é a mesma coisa?

BEATA

Não é não senhora! Santa Bárbara é uma santa. E Iansan é... é coisa de candomblé, que Deus me perdôe! *(Benze-se repetidas vezes e sai)*

CORO

Quem corta e prepara o pau
Quem cava e faz a gamela,
Toma a si todo trabalho
E depois fica sem ela.

*Mestre Coca, entra correndo.*



DPF
DCDP
Fls. N.º 281
Rubrica

COCA

*(A Zé-do-Burro)* Meu camarado, trate de ir embora! Estão lhe arrumando uma patota!

ZÉ

O quê?

COCA

Chegou um carro da Polícia! Eles estão com o Padre, na sacristia.

MINHA TIA

Vieram por causa dele?

COCA

Então!

ZÉ

Mas eu não roubei, não matei ninguém!

DEDÉ

Quer um conselho? Experiência própria: com a Polícia, é melhor fugir do que discutir.

COCA

Andé depressa que nós agüentamos eles aqui até você ganhar o mundo!

ZÉ

Não, eu não vou fugir como qualquer criminoso, se estou com a minha consciência tranqüila.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0527
P.75
Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.
DPF DCDP N.º R 82 Fls. Rubrica

DEDÉ

Ele não se separa da cruz.

COCA

A gente esconde a cruz.

MINHA TIA

E de noite ele leva ela pra Iansan.

COCA

Vamos todo mundo levar! Todos os capoeiras da Bahia!

MINHA TIA

É a mesma coisa, meu filho! Iansan é Santa Bárbara. Eu lhe mostro lá no "pêji" a imagem da santa.

COCA

É preciso se decidir, meu camarado! Antes que seja tarde.

ZÉ

*(Balança a cabeça, sentindo-se perdido e abandonado)* Santa Bárbara me abandonou! Porque, eu não sei... não sei!

ROSA

*(Desce a ladeira correndo)* Zé! Não adianta... não adianta mais... Falei com ele, mas não adianta A Polícia já está aí! Vem cercar a praça!

COCA

Eu não disse?

DEDÉ

É preciso andar depressa, meu irmão!

MINHA TIA

Some daqui, meu filho!

ROSA

Vamos, Zé!

ZÉ

Santa Bárbara me abandonou, Rosa!

ROSA

Se ela abandonou você, abandone também a promessa. Quem sabe se não é ela mesma que não quer que você cumpra o prometido?

ZÉ

Não... mesmo que ela me abandone, eu preciso ir até o fim. Ainda que já não seja por ela... que seja só pra ficar em paz comigo mesmo.

*Subitamente, abre-se a porta da igreja e entram o Delegado, o Secreta, o Guarda, o Padre e o Sacristão.*

SECRETA

*(Aponta para Zé-do-Burro)* É esse aí. *(Avança para Zé-do-Burro, seguido do Delegado e do Guarda).*

GUARDA

*(Como que se desculpando)* Eu já cansei de pedir a ele pra sair daqui, seu Delegado, não adiantou.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564/ P.76

DELEGADO

*(Faz o Guarda calar com um gesto autoritário)* Seus documentos.

ZÉ

*(Estranha)* Documentos?...

DELEGADO

Carteira de identidade.

ZÉ

Tenho não.

DELEGADO

Outra carteira, outro documento qualquer.

ZÉ

Moço, eu vim só pagar uma promessa. A Santa me conhece, não precisava trazer carteira de identidade.

DELEGADO

*(Sorri irônico)* Pagar uma promessa... Pensa que nós somos idiotas.

SECRETA

Não demora e ele conta a história do burro.

DELEGADO

Ele vai contar essas histórias todas mas é na Delegacia. Vamos, acompanhe-me.



DPF DCDP Fls. N.º 283 Rubrica

ZÉ

*(Seu olhar vai do Delegado ao Secreta e ao Guarda, sem entender o que se passa)* Acompanhar o senhor... pra quê?

DELEGADO

Mais tarde você verá. Sou delegado deste distrito. Obedeça.

ZÉ

Não posso. Não posso sair daqui.

DELEGADO

Não pode por quê?

COCA

Promessa, seu Delegado. Ele é crente.

DELEGADO

O Padre disse que ele ameaçou invadir a igreja. Pediu garantias.

SECRETA

Eu mesmo ouvi ele dizer que ia jogar uma bomba. Todo mundo aqui é testemunha!

DELEGADO

Uma bomba, hem... Vamos à Delegacia, quero que o senhor me explique isso tudo direitinho.

SECRETA

Vamos. *(Segura Zé-do-Burro por um braço mas este se desvencilha)* Que é? Vai reagir?



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.77

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. Rubrica

GUARDA

*(Apaziguador)* Acho melhor o senhor obedecer...

DELEGADO

Se ele reagir, pior para ele. Não estou disposto a perder tempo e conheço de sobra esses tipos. Só se entregam mesmo é à bala.

ROSA

Não!

ZÉ

Os senhores devem estar enganados. Devem estar me confundindo com outra pessoa. Sou um homem pacato, vim só pagar uma promessa que fiz a Santa Bárbara. *(Aponta para o Padre)* Aí está o vigário para dizer se é mentira minha!

PADRE

É mentira, sim! E não somente mentira, também um sacrilégio!

ZÉ

Padre, o senhor não pode dizer que é mentira, que eu não fiz essa promessa!

PADRE

Sim, talvez tenha feito, por inspiração de Satanás. Há quem diga que não estamos mais em época de acreditar em bruxas. No entanto, elas ainda existem. Mudaram talvez de aspecto, como Satanás mudou de métodos. É mais difícil combatê-las agora, porque são inúmeros os seus disfarces. Mas o objetivo de todas continua a ser um só: a destruição da Santa Madre Igreja!



DPF DCDP Fls. Nº 284 Rubrica

DELEGADO

Padre, este homem...

PADRE

Este homem teve todas as oportunidades para arrepender-se. Deus é testemunha de que fiz todo o possível para salvá-lo. Mas ele não quer ser salvo. Pior para ele.

DELEGADO

*(Que ganhou decisão com o sermão do Padre)* Sim, pior para ele. *(Avança um passo na direção de Zé-do-Burro, que recua e fica encurralado contra a parede).*

ZÉ

*(Decidido a resistir)* Não. Ninguém vai me levar preso! Não fiz nada pra ser preso!

DELEGADO

Se não fez não tem o que temer, será solto depois. Vamos à Delegacia.

ROSA

Não, Zé, não vá!

GUARDA

É melhor... na Delegacia o senhor explica tudo.

DEDÉ

Não caia nessa, meu camarado.

ZÉ

Agora eu decidi: só morto me levam daqui. Juro por Santa Bárbara, só morto.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567,P.78

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F.

SECRETA

*(Vê a faca na mão de Zé-do-Burro)* Tome cuidado, Chefe, que ele está armado! *(Observa a atitude hostil dos capoeiras)* E essa gente está do lado dele!

COCA

Estamos mesmo. E aqui vocês não vão prender ninguém!

DELEGADO

Não vamos por quê?

MANOELZINHO

Porque não está direito!

DELEGADO

Estão querendo comprar barulho?

COCA

Vocês que sabem...

DELEGADO

Não se metam, senão vão se dar mal!

SECRETA

E é melhor que se afastem.

ROSA

Zé!

ZÉ

Me deixe, Rosa! Não venha pra cá!



DPF DCDP Fls. N.º 285 Rubrica

*Zé-do-Burro, de faca em punho, recua em direção à igreja. Sobe um ou dois degraus, de costas. O Padre vem por trás e dá uma pancada em seu braço, fazendo com que a faca vá cair no meio da praça. Zé-do-Burro corre e abaixa-se para apanhá-la. Os policiais aproveitam e caem sobre ele para subjugá-lo. E os capoeiras caem sobre os policiais para defendê-lo. Zé-do-Burro desaparece na onda humana. Ouve-se um tiro. A multidão se dispersa como num estouro de boiada. Fica apenas Zé-do-Burro no meio da praça, com as mãos sobre o ventre. Ele dá ainda um passo em direção à igreja e cai morto.*

ROSA

*(Num grito)* Zé! *(corre para ele)*

PADRE

*(Num começo de reconhecimento de culpa)* Virgem Santíssima!

DELEGADO

*(Para o Secreta)* Vamos buscar reforço. *(Sai, seguido do Secreta e do Guarda).*

*O Padre desce os degraus da igreja, em direção do corpo de Zé-do-Burro.*

ROSA

*(Com rancor)* Não chegue perto!

PADRE

Queria encomendar a alma dele...

ROSA

Encomendar a quem? Ao Demônio?

*O Padre baixa a cabeça e volta ao alto da escada. Bonitão surge na ladeira. Mestre Coca consulta os companheiros*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.79

*com o olhar. Todos compreendem a sua intenção e respondem afirmativamente com a cabeça. Mestre Coca inclina-se diante de Zé-do-Burro, segura-o pelos braços, os outros capoeiras se aproximam também e ajudam a carregar o corpo. Colocam-no sobre a cruz, de costas, com os braços estendidos, como um crucificado. Carregam-no assim, como numa padiola e avançam para a igreja. Bonitão segura Rosa por um braço, tentando levá-la dali. Mas Rosa o repele com um safanão e segue os capoeiras. Bonitão dá de ombros e sobe a ladeira. Intimidados, o Padre e o Sacristão recuam, a Beata foge e os capoeiras entram na igreja com a cruz, sobre ela o corpo de Zé-do-Burro. O Galego, Dedé e Rosa fecham o cortejo. Só Minha Tia permanece em cena. Quando uma trovoada tremenda desaba sobre a praça.*

MINHA TIA

*(Encolhe-se toda, amedrontada, toca com as pontas dos dedos o chão e a testa)* Êparrei, minha mãe!

E O PANO CAI LENTAMENTE.

FIM



Serviço de Censura de Diversões Públicas
DPF
DCDP
Fls. N.º 286
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 80

D.F.S.P.
043091 | 31 JUL 68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — GB
TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DR = GB

Of. nº 294/68 Em 27 de JULHO de 1968.

Do Chefe da Turma de Censura de Diversões Públicas - DR/GB
Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-DPF-
Assunto: sôbre peças teatrais

Senhor Chefe,

Cumprindo determinações dêsse SCDP, encaminho a V.Sa. os textos das peças teatrais intituladas "MORTE E VIDA SEVERINA", de João Cabral de Mello Neto; "O TIGRE", de Murray // Schisgal;" A HORA DA VERDADE", de Lewis John Carlino; "ALELUIA", de Ronaldo Trigueiros; "O PAGADOR DE PROMESSAS", de Alfredo / Dias Gomes; "ANTIGONA", de Sófocles; "NULO RESPONDER", de Cazionilio Gomes de Oliveira, a fim de serem examinadas por êsse Serviço.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa.os protestos de estima e distinta consideração.

MARINA DE MELLO FERREIRA
Chefe da TCDP-DR/GB

SRA. - DA. - D. F. S. P.
RECEBI 12/31/ 1968 AS 17 HS.
ASS.
CHEFE PUBLICAÇÃO RECEBIMENTO (SSP)

BR DFANBSB PR.TEA.PTE. 0564, P.81

3
V

# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092. de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 · 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Encaminhe-se para Brasília
Em 25-7-68
Maria M. Tenório

Rio de Janeiro, 25 de Julho de 1968

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S., para fins de CENSURA, duas cópias da peça:

O PAGADOR DE PROMESSA - de Alfredo Dias Gomes

próxima apresentação da PEQUENO TEATRO POPULAR

no Teatro ALVORADA -Nietroi

com estreia marcada para o dia 24 de Agosto de 1968

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS — RIO

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - GB
CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 6603
DATA 25 / 07 / 1968
ASSINATURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.82

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

**SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**
**TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES**

4
M

LAUDO CENSÓRIO

Título: OPAGADOR DE PROMESSA

Nome do Autor: ALFREDO DIAS GOMES

Nome do Tradutor:

Gênero: D rama

Entrecho: A conhecidíssima peça O Pagador de Promessa, que, filmada, propiciou ao Brasil seu maior premio em festival cinematográfico: A Palma de Ouro, no festival de Cannes. Zé do Burro faz uma promessa de levar da roça até a Igreja de Santa Bárbara uma grande druz, no ombro, caso não morresse seu burro Nicolau. Era seu maior amigo. O burro não morr e êle cumpre a Promessa. Só que o padre não o deixa depostr a cruz no interior da nave, porque a promessa foi feita num terreiro, a Iansan, equivalente a Santa Bárbara. A luta tôda desenvolve-se no interesse de Zé do Burro e de outras pessoas para convencer o padre a deixar introduzir a cruz na Igreja. Tudo em vão. No final, em meio a um tiroteio, falece Zé do Burro.

Apreciação moral

A estória realmente faz u ma crítica mordaz à Igreja. Mas a crítica já foi aceitana filmagem da peça e na sua própria exibição. Não é a primeira vez que se pede a liberação do espetáculo. Já foi exibido muitas vezes. Não vejo motivo, a esta altura, a não ser liberar o espetáculo para maior de dezoito anos.

Observações:

Classificação final: Pela liber.ão para maiores de dezoito anos.

Brasília-DF. em 17 de Outubro de 1968

Censor Federal - matrícula n.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564 P.83

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Raicador, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: O PAGADOR DE PROMESSA

AUTOR: Alfredo Dias Gomes

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 18 (dezoito) anos

OBS.

Em 14/outubro/68

Chefe da TCTC

VISTO:

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em 15/10/68

Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acôrdo com voto do Censor

Em 16 Out. 68.

CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0524.1.89

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

# TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 515/68

PEÇA -/::: O PAGADOR DE PROMESSA :::/-

ORIGINAL DE ALFREDO DIAS GOMES

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 16 de OUTUBRO de 19 69

Brasília 16 de OUTUBRO de 19 68

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

**M. J. – D. P. F.**

# CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.85

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 16, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada – O PAGADOR DE PROMESSA –

Original de ALFREDO DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de PEQUENO TEATRO AMADOR

Tendo sido censurada em 14 de OUTUBRO D de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA SCDP.

Brasília, 16 de OUTUBRO de 19 68

– JOSÉ SAMPAIO BRABA –
Chefe de Turma de Censores de Teatro e Congeneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.86

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

COPIA PARA CONTRÔLE DO D.C.T

6
01

DELEGADO REGIONAL
SDR- ALAGOAS

166-TCTC 19 08 69

RERA TELEGRAMA DIRETOR RADIO DIFUSORA DE ALAGOAS VG SOLICITO INFORMAR-LHE QUE AINDA NÃO RECEBEMOS PEDIDO CENSURA " PAGADOR DE PROMESSAS" DE DIAS GOMES PT DEVERAH ENVIAR REQUERIMENTO VG DIREITOS AUTORAIS E ESCRITOS PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA CHEFE SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.89

Excelentissimo Senhor Chefe do Departamento de Censura e Diversões Públicas

Eu, Sabino Romariz, radialista, brasileiro, casado com domicilio em Maceió, solicito de V.Excia. a liberação da peça Teatral de Dias Gomes, O PAGADOR DE PROMESSAS, para apresentações em Maceió, nos dias 6, 7, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 26 e 27 de Setembro no Teatro Deodoro. Para tanto, anexamos 1 original e 3 cópias do texto da citada peça.

Nestes Têrmos

Peço Deferimento.

Maceió, 28 de Agôsto de 1969.

Sabino Romariz

Pelo Teatro Cultura "Os Independentes".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.88
(Original)

ZÉ - É essa. Só pode ser essa.
ROSA- E agora ? Está fechada.
ZÉ - É cedo ainda. Vamos esperar que abra.
ROSA- Esperar ? Aqui ?
ZÉ - Não tem outro jeito.
ROSA- Estou com cada bôlha dágua no pé que dá mêdo.
ZÉ - Eu também. Acho que os meus ombros estão em carne viva.
ROSA- Bem feito. Você não quis botar almofadinhas, como eu disse.
ZÉ - Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinhas.
ROSA- Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.
ZÉ - Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E / Jesus não usou almofadinhas.
ROSA- Não usou porque não deixaram.
ZÉ - Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez o santo olha, consulta/ lá os seus assentamentos e diz:- Ah, você é o Zé-do-Burro, aquêle que que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E / tem mais: santo é como gringo, passou calote nim, todos os outros ficam sabendo.
ROSA- Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta ? Já / não chega ?...
ZÉ - Sei não ... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter / sempre as contas em dia.
ROSA- Que é que você está procurando ?
ZÉ - Qualquer coisa escrita...pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.
ROSA- E você já viu igrja com letreiro na porta, homem ?
ZÉ - É que pode não ser essa...
ROSA- Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse ? Uma igreja pequena, numa praça, perto duma ladeira...
ZÉ - Se a gente pudesse perguntar a algém ...
ROSA- Essa hora está todo mundo dormindo. Todo o mundo...menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. Escute, Zé... já que a igrja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra / dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama ?
ZÉ - E a cruz ?
ROSA- Você deixava a cruz aí e amnhã, de dia...
ZÉ - Podem roubar...
ROSA- Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus? Pra que serve uma cruz?
ZÉ - Tem tanta maldade no mundo.Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa.E você já pensou: se me roubassem a cruz eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. Sete léguas.
ROSA- Pra que? Você explicava à santa que tinha sido roubado, ela não ia fa-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.89

ZÉ - É o você pensa. Quando você vai pagar uma conta no armarinho e perde o dinheiro no caminho, o turco perdôa a dívida ? Uma óva|

ROSA - Mas você já pagou a sua promessa, já trouxe uma cruz de madeira da roça até à igreja de Santa Bárbara. Está aí a igreja de Santa Bárbara, está/ aí a cruz. Pronto. Agora, vamos embora.

ZÉ - Mas aqui não é a igrja de Santa Bárbara. A igreja é da porta pra dentro

ROSA - Oxente| Mas a porta está fechada e a culpa não é sua. Santa Bárbara deve saber disso, que diabo.

ZÉ - Só se eu falasse com ela e explicasse a situação...

ROSA - Pois então... fale|

ZÉ - Não não posso...

ROSA - Por que, homem?| Santa Bárbara é tão sua amiga...Você não está em dia / com ela ?

ZÉ - Estou, mas êsse negócio de falar com santo é muito complicado. Santo / nunca responde em língua da gente...não se pode saber o que êle pensa E além do mais, isso também não é direito. Eu prometi levar a cruz até dentro da igreja, tenho que levar. Andei sete léguas. Não vou me sujar com a santa por causa de meio metro.

ROSA - E pra você não se sujar com a santa, eu vou ter que dormir no chão, no "hotel do padre". E se tudo isso ainda fosse por alguma coisa que valesse a pena...

ZÉ - Você podia não ter vindo. Quando eu fiz a promessa, não falei em você, só na cruz.

ROSA - Agora você diz isso. Dissesse antes...

ZÉ - Não me lembrei. Você também não reclamou...

ROSA - Sou sua mulher. Tenho que ir pra onde você fôr...

ZÉ - Então...

BONITÃO - Espere. Não adianta andar depressa...

MARLI - É melhor discutirmos isso em casa.

BONITÃO - Não, vamos resolver aqui mesmo. Não tenho nada que discutir com você

Marli - Estúpido |

BONITÃO - Ande, vamos deixar de mas-mas. Passe pra cá o dinheiro.

MARLI - Não podia esperar até chegar em casa ?

BONITÃO - Só deu isto ?

MARLI - Só. A noite hoje não foi boa. Você viu, o "castelo" estava vazio.

BONITÃO - E aquêle galego que estava conversando com você quando chequei ?

MARLI - Um boa coversa. Queria se fazer comigo. Ficou mangando a noite tôda/ e não se resolveu...

BONITÃO - Sua vaca |

MARLI - Eu precisava dêsse dinheiro. Pra pagar o quarto, você sabe.

BONITÃO - Não gosto de ser tapeado. Por que não pediu ?

MARLI - E você dava ?

BONITÃO - Claro que não. Isso ia fazer falta no meu orçamento.Tenho compromissos e você bem sabe que não gosto de pedir dinheiro emprestado. É / uma questão de feitio.

MARLI - E eu, que faço pra pagar o quarto? Já devo dois meses e a dina anda/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.90

BONITÃO - É um problema seu. Tenho muita coisa em que pensar.
MARLI - Eu sei, eu sei no você pensa...
BONITÃO - Penso, por exemplo, que você, de três meses pra cá, está fazendo muito pouco. A Matilde está fazendo quase o dôbro...
MARLI - Eu se, você está dando em cima daquela arreganhada. Ela mesma anda á dizendo.
BONITÃO - Eu não dou em cima de mulher nenhuma, você sabe disso. É uma questão de princípios.
MARLI - Quer dizer que é ela quem está dando em cima de você ¦
BONITÃO - Ela perguntou se eu estava precisando de dinheiro.
MARLI - E você ?....
BONITÃO - Eu só pedi umas informaçoes de ordem técnica: arrecadação diária, etc
MARLI - Bonitão, você não aceitou o dinheiro dela, aceitou? Você não aceitou/ o dinheiro daquela vagabunda ¦
BONITÃO - E que tinha se aceitasse? Eu também preciso viver.
MARLI - Mas o que eu lhe dou não chega ?|
[redacted]ITÃO - Você compreende, eu também tenho ambições. Se eu não tivesse qualidades, bem. Mas eu sei que tenho qualidades. É justo que viva de acôrdo com essas qualidades.
MARLI - Mas que lhe falta? Eu não tenho lhe dado tudo que você me pede? Se / fôr preciso, dou mais ainda. Não pense que é por mêdo de que você me largue pela Matilde, não. É porque tenho prazer em ver você vestido / com a roupa que eu dei, com os sapatos que em comprei e com a carteira de notas que eu ganhei pra você. Tenho orgulho, sabe ?
BONITÃO - Pois então veja se na próxima vez não esconde dinheiro no decote. Tenho certeza de que a Matilde não é capaz de um gesto feio dêsses.
MARLI - Ela é capaz de coisas muito piores. Se você quiser, eu lhe conto ...
BONITÃO - Não quero ouvir nada. Quero é que você vá pra casa.
[redacted]RLI - Você não vai comigo ?
[redacted]NITÃO - Não, vou ficar um pouco mais por aqui. Vá na frente que daqui a pouco eu apareço por lá.
MARLI - E o que é que você vai ficar fazendo na rua a uma hora dessas ?
BONITÃO - Ora, mulher, eu preciso trabalhar| É sua ?
BONITÃO - Encomenda ?
ZÉ - Não promessa.
BONITÃO - Gozado.
ZÉ - Não acho.
BONITÃO - Não falei por mal. Eu também sou meio devoto. Até uma vez fiz promessa pra Santo Antônio...
ZÉ - Casamento ?
BONITÃO - Não, ela era casada.
ZÉ - E conseguiu a graça ?
BONITÃO - Consegui. O marido passou uma semana viajando...
ZÉ - E o senhor pagou a promessa ?
BONITÃO - Não, pra não comprometer o santo.
ZÉ - Nunca se deve deixar de pagar uma promessa. [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.91

BONITÃO - Osenhor compreende, Santo Antônio ia ficar mal se soubessem que foi êle quem dez o trouxa viajar. Que é que você ainda está fazendo aí?

MARLI - Esperando você.

BONITAO - Já lhe disse que vou depois. Vai ficar agora grudada em mim ?

MARLI - Escute, Bonitão... você não podia deixar eu ficar ao menos com aquela nota ?

BONITÃO - Já lhe disse que não. Não insista.

MARLI - Mas eu preciso pagar o quarto |

BONITÃO - O quarto é seu, não é meu.

MARLI - Mas o dinheiro é meu. É justo que eu fique ao menos com algum.

BONITÃO - É justo por que ?

MARLI - Porque fui eu que trabalhei.

Bonitão - E desde quando trabalhar dá direito a alguma coisa ? Quem lhe meteu/ na cabeça essas ídeias ? Está virando comunista ?

ZÉ - Êsse dinheiro... é dela mesmo ?

BONITÃO - Bem, esta é uma maneira de olhar as coisas. E Tôda coisa tem pelo menos duas maneiras de ser olhada. Uma de lá prá cá, outra, de cá pra/ lá. Entendeu ?

ZÉ - Não...

BONITÃO - Não vale a pena explicsr. É uma questão de sensibilidade.

ZÉ - O senhor é ..marido dela ?

BONITÃO - Não sou assim uma espécie de fiscal do impôsto de renda.

ROSA - Que é ?

BONITÃO - Nada... estava só olhando...

BONITÃO - Não deve ser lá muito confortável essa cama...

BONITÃO - E olhe que você bem merece coisa melhor.

ROSA - Diga isso a êle.

BONITÃO - A êle ?

ROSA - Meu marido.

BONITÃO - Ah, você também veio pagar promessa...

ROSA - Eu não, êle. E por causa dêle estou dormindo aqui, no batente de uma igreja, como qualquer mendiga.

ZÉ - Não deve faltar muito para abrir a igreja. O senhor sabe que horas / são ?

BONITÃO - Um quarto para as cinco.

ZÉ - Sabe a que horas abre a igreja ?

BONITÃO - Não, é bem o meu ramo...

ZÉ - Mas às seis horas deve ter missa. Hoje é o dia de Santa Bárbara...

ROSA - Às seis horas. Tenho que aguentar mais de uma hora ainda neste batente duro. E a promessa não é minha |

BONITÃO - É capaz da porta da sacristia já estar aberta.

ZÉ - O senhor acha ?

BONITÃO - Padre acorda cedo...

ZÉ - Às cinco horas ?

BONITÃO - Então; tem que se preparar para a missa das seis.

ZÉ - É Verdade...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.92

ZÉ - É...

BONITÃO - A porta é do lado de lá ...

ZÉ - Rosa, você vigia a cruz, eu vou dar a volta...não demoro.

BONITÃO - Pode ir sem susto que eu ajudo a tomar conta de sua cruz ... das duas.

ROSA - Só que uma êle carrega nas costas e a outra... se quiser que vá atrás dêle.

BONITÃO - E você não é mulher para andar atrás de qualquer homem...ao contrário é uma cruz que qualquer um carrega com prazer...

ROSA - Ora, me deixe.

BONITÃO - Palavra. Seu marido não lhe faz justiça. Isso não é trato que se dê / a uma mulher... mesmo sendo mulher da gente.

ROSA - Se êle faz pouco de mim, faz pouco do que é dêle.

BONITÃO - Não discuto.Só acho que você não é mulher para dormir em batente de/ igreja.Tem qualidades para exigir mais: boa cama, com colchão e melhor companhia.

ROSA - Não fale em cama pra quem tem o corpo moído, como eu.

BONITÃO - Tão cansada assim ?

ROSA - Duas noites sem dormir, sete léguas no calcanho...

BONITÃO - Sete léguas ? Quantos quilometros ?

ROSA - Sei lá ... só sei que sete vêzes amaldiçoei aquêle dia em que fui roubar caju com êle na roça dos padres...

BONITÃO - Ah, foi assim...

ROSA - A gente faz cada besteira...

BONITÃO - Quanto tempo faz ?

ROSA - Oito anos...

BONITÃO - E você casou com êle ?

ROSA - CAsei.

BONITÃO - Sem gostar ?

ROSA - Gostava, sim. Sabe, na roça, o homem é feio, magro, sujo e mal vestido.Êle até que era dos melhores. Tnha um sítio...

BONITÃO - E daí ?

ROSA - Daí, eu achei que êle garantia tudo que eu queria da vida: homem e casa. A gente quando é franga, com liçença da palavra, tem merda na cabeça.

BONITÃO - Êle tem um sítio, é ?

ROSA - Tinha, agora tem só um pedaço. Dividiu o resto com os lavradores pobres.

BONITÃO - Por que ?

ROSA - Fazia parte da promessa.

BONITÃO - Que é que está esperando ? Virar santo ?

ROSA - Não brinque. Pelo caminho tinha uma porção de gente querendo que êle fixesse milagre. E não duvide. Êle é capaz de acabar fazendo. Se / não fosse a hora, garanto que tinha uma romaria aqui, atrás dêle.

BONITÃO - Depois de cumprir a promessa, êle vai voltar pra roça ?

ROSA - Vai.

BONITÃO - E você ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.93

ROSA - Também. Por que ?
BONITÃO - Se você viesse pra cidade, eu podia lhe garantir um bom futuro...
ROSA - Fazendo o que ?
BONITÃO - Isso depois se via.
ROSA - Eu não sei fazer nada.
BONITÃO - Mulheres como você não precisam saber coisa alguma, a não ser o que a natureza ensinou...
ROSA - Não faça isso! Êle pode voltar de repente.
BONITÃO - Êle deve ter ido acordar o padre.
ROSA - Me solte. Eu queria era dormir. Dava a vida por uma cama...com um / lençol branco... e uma bacia dágua quente onde meter os pés.
BONITÃO - Eu posso lhe arranjar um hotelzinho aqui perto...
BONITÃO - Isso sem segundas intenções... só pra você dormir,descansar dessa / romaria.
ROSA - Não quero me meter em encrencas.
BONITÃO - Não há nunhum perigo de encrenca. Sou muito cotado com o porteiro/ do hotel e tenho boas relações com a polícia.Nesta zona, todos respeitam o Bonitão.
ROSA - Bonitão...
BONITÃO - É um apelido...
ROSA - Não chegue perto, estou muito suada.
BONITÃO - No hotel tem banheiro...pra quem andou sete léguas, um banho de chuveiro e depois uma cama com colchão de mola...
ROSA - Colchão de mola mesmo ?
BONITÃO - Então...
ROSA - Nunca dormi num colchão de mola. Deve ser bom.
BONITÃO - Uma delícia...
ZÉ - Tudo fechado.Tem jeito não.
ROSA - E eu que aguente êste batente duro até Deus sabe lá que horas.
ZÉ - Paciência, Rosa. Seu sacrifício fica valendo.
ROSA - Pra quem ? Pra Santa Bárbara ? Eu não fiz promessa nenhuma.
ZÉ - Oxente | Melhor ainda. Amanhã. quando você fizer, a santa já está / lhe devendo |
ROSA - Nunca vi santo pagar dívida
BONITÃO - A senhora faz mal em ser tão descrente.Quem sabe se Santa Bárbara / já não está providenciando o pagamento dessa dívida? E quem sabe se não escolheu a mim pra pagador ?
ZÉ - O senhor não era fiscal do impôsto de Renda? Agora é pagador de Santa Bárbara...
BONITÃO - Meu caro, com o custo de vida aumentando dia a dia. a gente tem que se virar.Mas não é êsse o caso. Digo que Santa Bárbara já deve estar tratando de liquidar o débito hoje contrído com sua senhora, / porque me faz passar por aqui esta noite.
ZÉ - Não vejo nada de mais nisso.
BONITÃO - Porque o senhor não sabe que eu posso, em cinco minutos, arranjar/ uma boa cama, com colchão de mola, num hotel perto daqui.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.49

ZÉ - Eu não posso. Tenho que esperar abrir a igreja. Se soubesse que não iam roubar a cruz...

BONITÃO -Oh, não a cruz não deve ficar sozinha. Esta zona está cheia de ladrões. A cruz é de madeira e a madeira está caríssima.

ZÉ - É o que eu acho. Não devo sair daqui.

BONITÃO -Mas eu posso ficar tomando conta, enquanto o senhor e sua senhora / vão descansar.

ZÉ - O senhor ?

BONITÃO - E porque não ?

ZÉ - Mas i igreja pode demorar a abrir. Pelo menos uma hora ainda.

BONITÃO - Eu espero. Sua espôsa me contou a caminhada que fizeram, o senhor / carregando nas costas essa cruz atrvés de léguas e léguas, para cumprir uma promessa. Isso me comoveu.

ZÉ - Mas não é justo. Não foi o senhor quem fez a promessa.

ROSA - Êle está querendo ajudar, Zé.

ZÉ - Mas não é direito. Eu prometi cumprir a promessa sózinho, sem ajuda de ninguém.E essa história de dormir no hotel não está no trato.

BONITÃO - E sua senhora está no trato ?

ZÉ - Rosa ? Não, ela pode ir.

BONITÃO Nesse caso, se quiser que eu leve sua senhora...ao menos ela descansa emquanto espera pelo senhor.

ZÉ - Você quer Rosa? Quer ir esperar por mim no hotel? É hotel decente ?

BONITÃO - Ora, o senhor acha que ia indicar...

ZÉ - Desculpe, é que sempre ouvi dizer que aqui na cidade...

BONITÃO - Pode confiar em mim.

ZÉ - É longe daqui ?

BONITÃO - Não. basta subir aquela ladeira...

ZÉ - Que é que você diz,Rosa ?

ROSA - Quero não, Zé. Prefiro ficar aqui com você.

ZÉ - Inda agora mesmo você estava se queixando.

BONITÃO - Não é pra menos. Deve estar ezausta. Sete léguas.

ZÉ - Afinal de contas, você tem razão, a promessa é minha, não é sua. Vá com o moço, não tenha acanhamento.

BONITÃO - eu vou com ela até lá, apresento ao porteiro, que é meu conhecido - - sim, porqie uma nulher sózinha, o senhor sabe, êles não deixam entrar - depois volto para lhe dizer o número do quarto. Aqui a pouco depois de cumprir sua promessa, o senhor vai pra lá.

ZÉ - Se o senhor fizesse isso, era um grnade favor. Eu não posso me afastar daqui.

BONITÃO - Nen deve. Primeiro, Santa Bárbara.

ROSA - Zé, é melhor eu ficar com você...

ZÉ - Pra que, Rosa? Assim você vai logo descansar uma boa cama, não precisa ficar aí deitada nesse batente frio.

BONITÃO - Um perigo! Pode pegar uma pneumonia.

ROSA - ZÉ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0561,P.95

ROSA - Talvez seja melhor, depois de entregar a cruz, você mandar também rezar uma missa em ação de graça...

ZÉ - É, não é má idéia.

BONITÃO - Volto num minuto.

ZÉ - Está bem.

BEATA - Porta fechada. É sempre assim. A gente corre, com mêdo de chegar atrazada e qundo chega aqui a porta está fechada. Por que não abrem / primeiro a porta, pra depois tocar o sino? Não, primeiro tocam o sino, depois abrem a porta. Isso é êsse sacristão. Virgem Santíssima |

BEATA - Ei, rapaz...

SACRISTÃO- Sim, padre, já vou |...

BEATA - Que padre coisa nenhuma...

SACRISTÃO - Ah, é a senhora...

BEATA - Vou me queixar ao padre Olavo dessa sua mania de bater o sino antes de abrir a porta da igrja.Eu ouço o toque, venho pondo as tripas pela bôca, chego aqui a porta ainda está fechada.

SACRISTÃO - Também por que a senhora vem logo na missa das seis? Por que não vem mais tarde ?

BEATA - Porque quero.Porque não é da sua conta. Que é isso ?

SACRISTÃO - Isso o que ?

BEATA - Está vendo não ? Uma cruz enorme no meio da praça...

SACRISTÃO - Ah, sim...agora percebo é uma cruz de madeira... e parece que há / um homem dormindo junto dela...

BEATA - Vista prodigiosa a sua | Claro que é uma cruz de madeira e que há um homem junto dela. O que eu quero saber é a razão disso.

SACRISTÃO - Não sei... como quer que eu saiba? Por que a senhora não pergunta a êle ?

BEATA - Eu é que não vou perguntar coisa nenhuma|

SACRISTÃO - Talvez êle tenha desgarrado da procissão...

BEATA - Que procissão ? De Santa Bárbara ? A procissão ainda não saiu. E já viu alguém carregar cruz em procissão ? Nem na do Senhor Morto.

BONITÃO - Oxente...

SACRISTÃO - É uma cruz mesmo...

BONITÃO - E que pensou você que fosse ? Um canhão ? Sono de pedra... não acordou nem com os foguetes de Santa Bárbara. Dizem que é assim / que dormem as pessoas que tem a conciencia tranquila e a alma leve... Eu tambem sou assim, qundo caio na cama é um sono só. Camarada... oh, meu camarado|...

ZÉ - Oh, já é dia...

BONITÃO - Já. E a igreja já está aberta, você pode entregar o carreto.

ZÉ - É verdade...

BONITÃO - Eu voltei aqui pra lhe dizer o número do quarto de sua mulher. É o 27. Um bom quarto, no segundo andar. Pelo menos foi o que o / portêiro me garantiu.

ZÉ - Ah, obrigado...

BONITÃO - O hotel é aquêle ali, o primeiro, logo depois de subir a ladeira e sobrar a direita. Hotel Ideal. Eu demorei um pouco porque fiquei

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.96

SACRISTÃO - Ganhou ?

BONITÃO - Empatamos.

SACRISTÃO - Ah, eu também sou louco por damas |

BONITÃO - Francamente, ningém diz...

SACRISTÃO - Padre Olavo |...

ZÉ - Preciso falar com êle...

PADRE - Que está fazendo aí ?

SACRISTÃO - Estava conversando com aquêles homens.

PADRE - E eu lá dentro a sua espeara para ajudar à missa. Quem são ?

SACRISTÃO - Não sei. Um dêles quer falar com o senhor.

ZÉ - Sou eu, padre.

PADRE - Agora está na hora da missa. Mais tarde, se quiser...

ZÉ - É que eu vim de muito longe, Padre. Andei sete léguas...

PADRE - Sete léguas para falar comigo ?

ZÉ - Não, pra trazer esta cruz.

PADRE - E como a troxe... num caminhão?

ZÉ - Não, Padre, nas costas.

SACRISTÃO - Menino |

PADRE - Psiu | Cale a bôca| Sete léguas com essa cruz nas costas. Deixe ver seu ombro.

SACRISTÃO - Está em carne viva |

PADRE - Promessa ?

ZÉ - Pra Santa Bárbara. Estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO - Deve ter recebido dela uma graça muito grande |

ZÉ - Graças a Santa Bárbara , a morte não levou o meu melhor amigo.

PADRE - Mesmo assim não lhe parece um tanto exagerada a promessa ? E tanto pretenciosa também ?

ZÉ - Nada disso, seu padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por áí. Mas comigo, nãp. É toma lá, da cá, Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.

PADRE - Foi por causa desse... Nicolau, que você fêz a promessa ?

ZÉ - Foi. Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO - Santa Bárbara | A árvore caiu em cima dele ?

ZÉ - Só um galho, que bateu de respão na cabeça. Êle chegou em casa, escorrendo sangue de meter mêdo | Eu e minha mulher tratamos dêle, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE - Uma hemorragia.

ZÉ - Só estancou quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE - Mas meu filho, isso é atraso| Uma porcaria|

ZÉ - Foi o que o doutor disse qundo chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE - Sem dúvida.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.97



ZÉ - Eu tirei. Êle limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E quéde que o doutor fazia o sangue parar ? Ensopava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não acaba mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou pra mim e gritou: corre homem de Deus, vai buscar mais bosta de vaca, senão ele morre!

PADRE - E .. .o sangue estancou ?

ZÉ - Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigário sabia ? Não sendo de vaca, de cavalo castrado tambem serve. Mas há quem prefira teia de aranha.

PADRE - Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.

ZÉ - Bem, o sangue entancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguimte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu / saí de casa e Nicolau ficou. Não poude se levantar. Foi a primeira vez que issi aconteceu, em seis anos: eu saí fui fazer compras na cidade, entri n o Bar do Jacob pra tomar uma cachacinha, passei na farmácia de "seu" Zequinha pra saber das novidades - tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou, porque quem quisesse saber onde eu estava, era só procurar Nicolau. Se eu ia na missa, êle ficava esperando na porta da igreja...

PADRE - Na porta ? Por que êle não entrava? Não é católico?

ZÉ - Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. / Mas não é isso que êle não entra na igreja. É porque o vigário não deixa. Nicolau teve o azar de nascer burro... de quatro patas.

PADRE - Burro ?! Então êsse... que você chama de Nicolau, é um burro ?! Um animal !!

ZÉ - Meu burro...sim senhor.

PADRE - E foi por êle, por um burro, que fêz essa promessa ?

ZÉ - Foi... é bem verdade que eu não sabia que era tão difícil achar uma igreja de Santa Bárbara, que ia precisar andar sete léguas pra encontrar uma, aqui na Bahia...

BONITÃO - Êle se estrepou...

ZÉ - Mas mesmo que soubesse, eu não deixava de fazer a promessa. Porque quando vi que nen as rezas do prêto Zeferino davam jeito...

ZÉ - Seu vigário me desculpe... mas eu tentei de tudo. Prêto Zeferino é rezador afamado na minha zona:Sarna de cachorro. bicheira de animal, peste de gado, tudo isso êle cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo o mundo diz... e eu mesmo, uma vez, estava com / uma dor de cabeça danada, que não havia meio de passar... Chamei / preto Zeferino, êle disse que eu estava com o sol dentro da cabeça. Botou uma toalha na minha testa, derramou uma garrfa dágua, rezou / uma oração, o sol saiu e eu fiquei bom.

PADRE - Vpcê fêz mal, meu filho. Essas rezas são orações do demo.

ZÉ - Do demo, não senhor.

PADRE - Do demo, sim. Você não soube distinguir o bem do mal.Todo homem é / assim. Vive atrás do milagre em vez de viver atrás de Deus. E não / sabe se caminha para o céu ou para o inferno.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.98

ZÉ - Para o inferno ? Como pode ser, padre se a oração fala em Deus? "Deus fêz os sol, Deus fêz a luz Deus fêz a claridade do Universo grandioso. Com sua Graça eu te benzo, te curo. Vai-te Sol, da cabeça desta criatura para as ondas do Mar Sagrado, com os santos poderes do Padre, do Filho e do Espirito Santo". Depois rezou um Padre Nosso e a dor de cabeça sumiu mesmo istante.

SACRISTÃO - Incrível |

PADRE - Meu filho, êsse homem era um feiticeiro.

ZÉ - Como feiticeiro, se a reza é para curar ?

PADRE - Não é para curar, é para tentar. E você caiu em tentação.

ZÉ - Bem, eu só sei que fiquei bom. Mas com o Nicolau não houve raza que fizesse êle levantar. Prêto Zeferino botou o pé na cabeça do coitado, disse uma porção de orações e nada. Eu já estava começando a pé perder a esperança. Nicolaude orelhas murchas, magro de se contar / as costelas. Não comia, não bebia, nem mexia mais com o rabo para / espantar as moscas. Eu vi que nunca mais ia ouvir os passos dêle / me segundo por tôda a parte, como um cão. Até me puseram um apelido por causa disso: Zé-do-Burro. Eu não me importo. Não acho que seja ofensa. Nicolau não é um burro como os outros. É um burro com alma de gente. E faz isso por amizade, por dedicaçõao. Eu nunca monto nêle, / prefero andar a pé ou a cavalo. Mas de um modo ou de outro, êle vem atrás. Se eu entrar numa casa e me demorar duas horas, duas horas / êle espera por mim, plantado na porta. Um burro dêsses, sei padre, / não vale uma promessa ?

PADRE - Adiante.

ZÉ - Foi então que comadre Miuda me lembrou: por que eu não ia no candomblé de Maria de Iansan ?

PADRE - Candomblé ?|

ZÉ - Sim é um candomblé que tem duas léguas adiante da minha roça. Eu / seique seu vigário vai ralhar comigo. Eu também nunca fui muito de / frequentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Contei pra Mãe de Santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com Iansan, dona dos ráios e das trovoadas. Iansan tinha ferido Nicolau... pra ela eu devia fazer uma obrigação, quer dizer: uma promessa. Mas tinha que ser uma promessa bem grande, porque Iansan, que tinha ferido Nicolau com um raio, não ia voltar atrás por qualquer bobagem. E eu me lembri então que Iansan é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça / até a Igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.

PADRE - Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a ...

ZÉ - A Santa Bárbara.

PADRE - A Iansan|

ZÉ - É a mesma coisa...

PADRE - Não é a mesma coisa| Mas continue.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.99



ZÉ - Prometi também dividir minhas terras com os lavradores pobres, mais pobres que eu.

PADRE - Dividir? Igualmente ?

ZÉ - Sim, padre, igulamente.

SACRISTÃO - E Nicolau... quero dizer, o burro, ficou bom ?

ZÉ - Sarou em dois tempos. Milagre. Milagre mesmo. No outro dia já estava de orelha em pé, relinchando. E uma semana depois todo o mundo me apontava na rua:- " La vai Zé-do-Burro com o burro de nôvo atrás E eu nem dava confiança. E Nicolau muito menos. Só eu e êle sabíamos do milagre. Eu êle e Santa Bárbara.

PADRE - Em primeiro lugar, mesmo admitindo a intervenção de Santa Bárbara, não se trataria de um milagre, mas apenas de uma graça. O burro podia ter-se curado sem intervenção divina.

ZÉ - Como, Padre, se êle sarou de um dia pro outro...

PADRE - E além disso, Santa Bárbara, se tivesse de lhe cobceder uma graça, não iria fazê-lo num terreiro de candomblé!

ZÉ - É que na capela do meu povoado não tem uma imagem de Santa Bárbara. Mas no candoblé tem uma imagem de Iansan, que é Santa Bárbara...

PADRE - Não é Santa Bárbara! Santa Bárbara é uma santa católica! O senhor foi a um ritual fetichista. Invocou uma falsa divindade e foi a / ela que prometeu êsse sacrificio!

ZÉ - Não padre, foi a Santa Bárbara! Foi até a igreha de Santa Bárbara que prometi vir com a minha cruz! E é diante do altar de Santa / Bárbara que vou cair de joelhos daqui a pouco, pra agradecer o que ela fêz por mim!

PADRE - Muito bem. E que pretende fazer depois...depois de cumprir a sua promessa ?

ZÉ - Que pretendo ? Voltar pra munha roça, em paz com a minha conciência e quites com a sabta.

PADRE - Só isso ?

ZÉ - Só...

PADRE - Tem certeza? Não vai pretender ser olhado como um novo Cristo ?

ZÉ - Eu ?

PADRE - Sim, você. Você que acaba de repetir a Via Crueis, sofrendo o martírio de Jesus. Você que presunçosamente, pretende imitar o Filho de Deus...

ZÉ - Padre... eu não quis imitar Jesus...

PADRE - Mentira! Eu gravei suas palavras! Você mesmo disse que prometeu ~~ea~~ carregar uma cruz tão pesada quanto a de Cristo.

ZÉ - Sim, mas isso...

PADRE - Isso prova que você está sendo submetido a uma tentação ainda maior

ZÉ - Qual, padre ?

PADRE - A de igualar-se ao Filho de Deus.

ZÉ - Não, padre.

PADRE - Por que então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade? Não, para salvar um burro.!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.100

ZÉ - Padre, Nicolau...

PADRE - E um burro com nome cristão| Um quadrúpede, um irracional|

ZÉ - Mas padre, não foi Deus quem fez também os burros ?

PADRE - Mas não à Sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou seu filho. Foi por nós, por você, por mim, pela Humanidade|

ZÉ - Padre, é preciso explicar que Nicolau não é um burro comum... o / senhor não conhece Nicolau, por issi... é um burro cal alma de gente...

PADRE - Pois nen que tenha alma de anjo, nesta igrja você não entrará com/ essa cruz|

ZÉ - Mas padre... eu prometi levar a cruz até o altar-mor| Preciso cumprir a minha promessa|

PADRE - Fizesse-a então numa igreja. Ou em qualquer parte, menos num antro de feitiçaria.

ZÉ - Eu já expliquei...

PADRE - Não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao diabo|

ZÉ - Padre...

PADRE - Um ritual pagão, que começou num terreiro de candomblé, não pode / terminar na nave de uma igrja|

ZÉ - Mas padre, a igreja...

PADRE - A igrja é a casa de Deus. Candomblé é o culto do diabo|

ZÉ - Padre, eu não andei sete léguas para voltar daqui. O senhor não / pode impedir a minha entrada. AIgreja não é sua, é de Deus.

PADRE - Vai desrespeitar a munha autoridade ?

ZÉ - Padre, entre o senhor e Sanata Bárbara, eu fico com Santa Bárbara.

PADRE - Feche a porta. Quem quiser assistir à m ssa que entre pela porta da sacristia. Lá não dá para passar essa cruz.

---

- XI -

Minha Tia - Iansan lhe dê um bom dia.

GALEGO - Gracias, Minha tia.

MINHA TIA - Quer vir aqui dar uma mãozinha pra sua tia, meu branco?

MINHA TIA - Santa Bárbara lhe pague. Oxente| Qye é aquilo ?

GALEGO - Não sei. Já estava acá quando abri a venda. Parece maluco.

DEDÉ - Bom dia. galego amigo|
dia assim eu nunca vi;
para saudar Iansan,
não repare eu lhe pedi:
me empreste por obseqmio
dois dedos de parati.

GALEGO - É, com esta história de hacer versos, usted sempre me leva na conversa,. É boa mesmo essa del cego Jeremias ?

DEDÉ - Uma epopéia. Uma nova Ilíada, onde Tróia é a Lua e o cavalo de / Tróia é o cavalo de São Jorge| Em paga do parati.

GALEGO - Si, pero...yo prefiro la otra,la da mulata Esmeralda.

DEDÉ - Uma prova de bom gosto, Galego| É também uma obra prima.Lembra /

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.101



- Castro Alves, modéstia à parte. Banderinhas vermelhas e brancas, a as corês de Iansan. Depois diz que não cre em candomblé.

GALEGO - - Yo no creo, pero hay quem crea. E yo soy um comercinate...

DEDÉ - - Somos dois| Mais uma dose. Esta eu pago amanhã.

BEATA - É o cúmulo| Ainda está aí|

MINHA TIA - Não vai abrir a igreja hoje, Iaiá ? Dia de Santa Bárbara...

BEATA - Não enquanto êsse indivíduo não fôr embora.

MINHA TIA - Que foi que êle fêz ?

BEATA - Quer entrar com essa cruz na igreja.

MINHA TIA - Só isso ?

BEATA - E você acha pouco ? Acha que Padre Olavo ia permitir ?

MINHA TIA - Oxente | Por que não ? Foi promessa que êle fêz ?

BEATA - Foi. Mas promessa de candomblé. Pra uma tal de Iansan... que / Deus me perdôe. Hereje|

DEDÉ - Vou ver se Minha Tia me fia uma abará. Bom dia Minha Tia|

MINHA TIA - Bom dia, seu Dedé. Acarajé, abará, beiju... vem benzer|

DEDÉ - Um abará. Pago daqui a pouco, quando entrar o primeiro dinheiro

MINHA TIA - Eu já sabia...

DEDÉ - Que história é essa ?

MINHA TIA - O senhor ouviu ?

DEDÉ - Ouvi.

MINHA TIA - Obrigação pra Iansan...

DEDÉ - Por isso o padre não deixou êle entrar ?

MINHA TIA - É... coitadp.

DEDÉ - Chegou a fechar a porta.

MINHA TIA - O senhor entende ?

DEDÉ - Entendo não.

MINHA TIA - O padre é um homem tão bom.

DEDÉ - A senhora acha ?

Minha Tia - Então. Êle é tão amigo dos pobres, faz tanta caridade. Sei não.

GUARDA - Olá, amigo.

ZÉ - Olá.

GUARDA - É para a procissão de Santa Bárbara ?

ZÉ - Não.

GUARDA - Porque a procissão não sai daqui, sai do Mercado aqui perto e / vai até à igreja da Saúde.

ZÉ - Não tenho nada com eesa procissão.

GUARDA - E o senhor está aqui fazendo o que ? Esperando a festa ? Ainda / é muito cedo. São oito e meia da manhã.Só na parte da tarde é/ que isso pega fogo.

ZÉ - Estou aqui desde quatro e meia da manhã.

GUARDA - Quatro e meia ? O senhor deve ser um devoto e tanto| Mas acontece que, escolheu um mal lugar...

ZÉ - A culpa não é minha

GUARDA - Sim, eu sei, não foi so senhor quem inventou a festa de Santa / Bárbara. Mas eu também não tenho culpa de ser guarda. Minha obrigação é facilitar o transito, tahto qunto possivel.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.102

ZÉ - Sinto muito, mas não posso sair daqui.

GUARDA - Ai, ai, ai, ai, ai... eu estou querendo me entender com o senhor...

ZÉ - Eu também estou querendo me entender com o senhor e com todo o mundo. Mas acho que ninguem me entende.

ZÉ - Aquela mulher me chamou de hereje, o padre fechou a porta da igreja como se eu fosse Satanás em pessoa. Eu, Zé-do-Burro, devoto de Santa Bárbara.

DEDÉ - Mas afinal o que é que o senhor quer ?

ZÉ - Que me deixem colocar esta cruz dentro da igreja, nada mais. Depois prometo ir embora. E já estou vexado mesmo por isto|

DEDÉ - Foi promessa. Promessa que êle fêz.

GUARDA - Promessa... colocar a cruz dentro da igreja... Não vejo dificuldade nenhuma nisso. Fala-se com o padre e ...

ZÉ - Se o senhor conseguir que êle abra a porta e me deixe entrar, está tudo resolvido.

GUARDA - Pois bem, eu vou falar com êle.

DEDÉ - Não vou lá ajudar também porque eu e esse padre estamos de relações cortadas.

GUARDA - Padre ? Abra um istante, por favor|

GUARDA - Quero falar com o padre.

SACRISTÃO-Entre|

ROSA - Você ainda está aí| A igrja não abriu ?

ZÉ - Abriu, sim. Mas o padre não quer me deixar entrar com a cruz.

ROSA - Por que ?

ZÉ - Não sei Rosa, não sei... Há duas hotas que tento comprender... mas estou tonto como se tivesse levado um coice no meio da testa. Já / não entendo nada...parece que me viraram pelo avesso e estou vendo as coisas ao contrário do que elas são. O céu no lugar do inferno.. o demômio no lugar dos santos.

ROSA - É isso mesmo. De repente, a gente percebe que é outra pessoa. Que / sempre foi outra pessoa... é horrivel.

ZÉ - Mas não é possivel, Rosa. Eu sempre fui um homem de bem. Sempre temi a Deus.

ROSA - Zé, isso está parecendo castigo.|

ZÉ - Castigo? Castigo por que ? Por eu ter feito uma promessa tão grande? Por ter sido no terreiro de Maria de Iansan? Mas se Santa Bárbara / não estivesse de acôrdo com tudo isso, não tinha feito o milagre.

ROSA - Zpe, esqueça Santa Bárbara. Pense um pouco em nós.

ZÉ - Em nós ?

ROSA - Em mim, Zé.

ZÉ - Em você ?

ROSA - Sim Zé, em mim sua mulher.

ZÉ - Que e quer você quer ? Não dormiu, não descansou ?

ROSA - Zé, vamos embora daqui.

ZÉ - Agora ?

ROSA - Sim, agora mesmo.

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.103

ZÉ - Não posso. Você sabe que eu não posso voltar entes de chegar ao fim da promessa. não ia ter sossêgo o resto da vida.

ROSA - Você acredita demais nas coisas.

ZÉ - É por que você não pensa no que pode acontecer.

ROSA - Mas do que já aconteceu ?

ZÉ - Que aconteceu ? A caminhada, as noites sem dormir, e agora ser xingado como a figura do diabo? Tudo isso é nada, comparando com o castigo qie pode vir.

ROSA - Mas se o padre não quer deixar você entrar com a cruz, que é que / voce ainda vai ficar fazendo aqui ?

ZÉ - O guarda foi falar com êle. Estou esperando. Você, se quiser pode ir comer qualquer coisa.

ROSA - Já tomei o café no hotel.

ZÉ - Não era bom o hotel que aquele camarada arranjou ?

ROSA - Muito bom. Tinha até pia no quarto e colchão de mola.

ZÉ - Fiquei um pouco preocuoado.

ROSA - Comigo ?

ZÉ - Você num hotel, sózinha. Cidade grande, a gente nunca sabe. Se bem que o moço garantiu que era hotel de família.

ROSA - Não tinha então que ter cuidado. O moço era de tôda confiança. Tão amável, tão prestativo...

REPÓRTER - Lá está êle. Bom dia amigo! Parabéns ! O senhor é um héroi!

ZÉ - Heroi ?

REPÓRTER - Sim, sete léguas carregando esta cruz. Pesada hein ? Sete léguas... quarenta e dois quilometros. A maior marcha que eu fiz foi de vinte e quatro quilômetros, no Serviço Militar. E o fuzil não pesava / tanto assim. Oh, desculpe... eu sei que o senhor fêz uma promessa. A comparação não foi muito feliz... Carijó poder bater uma chapa. Finja que está falando comigo.

ZÉ - Fingir que estou falnado por que ?

FOTÓGRAFO- Agora...

REPORTER - E dentro de algumas horas o Brasil inteiro vai saber. O senhor vai ficar famoso.

ZÉ - Mas não quero ficar famoso, eu quero...

ROSA - Que é isso Zé ? Seja mais delicado com o moço. Ele é da gazeta...

REPORTER - Mulher dêle ?

ROSA - Sou Também andei sete léguas - meu pé tem cada calo dágua dêste tamanho.

REPÓRTER - Maravilhoso. E em quanto tempo cobriram o percurso ?

ROSA - Como ?

REPÓRTER - Quero dizer: qunado sauram de lá, de sua cidade ?

ROSA - Da roça. Saimos ontem de manhãzinha, cinco horas da manhã.

REPÓRTER - A que hpras chegaram aqui ?

ROSA - Antes das cinco ?

REPÓRTER - Fizeram o percurso então em 24 hs. Com cruz que deve pesar ?

ZÉ - Não sei, não pesei.

REPORTER - Por menos que pese, é um "record"! Sobre este aspecto, podemos con

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.104

- cação

REPÓRTER - Mas como nasceu a ídeia dessa... perigrinação?

ROSA - Não nasceu ideia nenhuma. O burro adoeceu, ia morrer- êle fez promessa pra Santa Bárbara.

REPÓRTER - O burro ? Que Burro ?

ROSA - O Nicolau.

ZÉ - Por que ? Ose senhor também vai achar que o burro não vale uma promessa ?

REPÓRTER - Não, de modo algum... eu... eu apenas não sabia...então, tudo isso / quarenta e dois quilometros... a cruz...tudo por causa de um burro.. Fabuloso |

ROSA - E não foi só isso. Êle prometeu também repartir o sítio com aquela - cambada de preguiçosos.

ZÉ - Que preguiçosos. Gente que quer trabalhar e não tem terra.

REPÓRTER - Repartir o sítio... diga-me, o senhor é a favor da reforma agrária ?

ZÉ - Reforma agrária ? Que é isso ?

REPÓRTER - É o que o senhor acaba de fazer em seu sítio. Redistribuição das terras entre aquêles que não as possuem.

ZÉ - E não estou arrependido, moço. Fiz a felicidade de um bocado de gente e o que restou pra mim dá e sobra.

REPÓRTER - É a favor da reforma agrária.

ZÉ - É bem verdade que se o meu burro não tivesse ficado doente, eu não / tinha feito isso...

REPÓRTER - Mas, e se todos os propietários de terra fizessem o mesmo. Se o govêrno resolvesse desapropiar as terras e dividi-las entre os camponeses ?

ZÉ - Ah, era muito bem feito. Cada um deve trabalhar o que é seu.

REPÓRTER - É contra a exploração do homem pelo homem. O senhor pertence a algum partido político ?

ZÉ - Já quiseram me fazer vereador... qual...

ROSA - O que trapalhou foi o burro.

REPÓRTER - O burro ? Por que ?

ROSA - Aonde êle vai, o burro vai atrás. Se êle fôsse eleito, o burro também tinha que ser...

REPÓRTER - É, mas desta vez, " seu "....

ZÉ - Zé-do-Burro, seu criado.

REPORTER - "seu"Zé-do Burro, o senhor será eleito com burro e tudo. Escute aqui, será essa história da promessa não é golpe para impressionar o eleitorado ?

ZÉ - Golpe ?

REPÓRTER - E de mestre| Avalio a agitação que o senhor fêz com isso. Pelas estradas, no caminho até aqui, deve ter-se juntado uma verdadeira multidão para vê-lo passar.

ZÉ - É, tinha...

ROSA - Muito moleque também.

REPÓRTER - E imaginem a volta | A chegada à sua cidade, em carro aberto, banda de musica, foguetes|

ZÉ - O senhor está maluco ? Não vai haver nada disso.

REPÓRTER - Vai. Vai porque o meu jornal vai promover. Só faço questão de uma coisa: que o senhor nos dê a exclusividade. Que não conceda entrevista a mais ningem . É claro que o senhor terá uma compensação... e - também a publicidade. Primeira página, com fotografias, o senhor e / sua senhora...mandaremos fotografar também o burro - em poucas horas o senhor será um heroi nacional|

ZÉ - Moço, eu acho que o senhor não me entendeu...ninguem ainda me entendeu...

REPÓRTER - O diabo foi o senhor ter escolhido um dia como o de hoje, Sábado. A manha é domingo, o jornal não sai. Só segunda-feira. E o nosso Departamento de Promoções precisaria preparar a coisa... podemos dar o furo na edeção de hoje, mas o barulho mesmo só segunda-feira.Quando/ o senhor pretende voltar ?

ZÉ - Por mim já estava de volta.

GUARDA - Não consegui nada.

ZÉ - O senhor falou com o padre ?

GUARDA - Falei, argumentei...não adiantou. E ainda tive que ouvir um sermão / deste tamanho. Êle acha que, em vez de ir pedir para o senhor entrar na igreja, eu devia era levá-lo prêso. Claro que eu não vou fazer isso, mas o senhor bem que podia ter arranjado uma promessinha menos / complicada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.105



ROSA - Também acho.
GUARDA - Porque não adianta o senhor ficar aqui; o padre já disse que não abre mesmo - eu conheço êle.
REPÓRTER - Ótimo | Mas isso é otimo| Assim temos um pretexto para adiar a entrega da cruz para segunda feira. Dará tempo então de organizar-mos tudo. As entrevistas, as apresentações no rádio... e a sua volta / triunfal com batedores e banda de musica|
ZÉ - Moço, eu vim a pé e vou voltar a pé.
ROSA - Oxente| Não seja estúpido, homem| O moço está querendo ajudar a gente.
ZÉ - Então êle que me ajude a convecer o vigário a brir a porta...
REPÓRTER - Eu vou já entrevistar o vigário. Mas fique certo de uma coisa: seja qual for o seu objetivo, uma publicidadezinha não fará mal algum... Carijó, basta mais uma chapa. Quer fazer o favor de carregar a cruz A senhora Também.
ROSA - Vamos, Zé |
GALEGO - Um momento| O senhor não podia fazer parecer também o meu estabelecimento ? Sabe... uma publicidadezinha...
REPÓRTER - Ótimo. Pode bater, Carijó.
REPÓRTER - Obrigado. Esta vai sair hoje na primera página. Vamos agora entre - vistar o vigário.
GUARDA - É melhor o senhor ir pela porta da sacristia.
ZÉ - Eu levo o senhor até lá.
REPÓRTER - Não, acho melhor o senhor esperar aqui...
[redacted] - Mas eu quero ir com o senhor.
REPÓRTER - Está bem.
GUARDA - Garanto que agora o padre vai abrir a igreja. Não há quem não tenha mêdo da imprensa.Eu vou pra lá, que a coisa está piorando.
BONITÃO - Uma dupla.
GALEGO - Olá Bonitão. Usted por aqui " de madrugada "...
ROSA - Um café, moço...
BONITÃO - Ainda ?
ROSA - Ainda.
BONITÃO - Não sei como você aguenta.
ROSA - Eu também não.
BONITÃO - Êle desconfiou de alguma coisa ?
ROSA - Nada. Êle só pensa na cruz e na promessa.
BONITÃO - Sabe que eu fui pra casa dormir e não consegui ?
ROSA - Por que ?
BONITÃO - Fiquei pensando em você.
ROSA - Melhor que não pense.
BONITÃO - Está arrependida ?
[redacted]SA - Estou.
[redacted]NITÃO - Agora é um pouco tarde.
ROSA - Não é não. Uma noite a gente pode apagar.
BONITÃO - A gente pode apagar uma porção de noites. Isso não deixa marca.
ROSA - Em mim deixou. Nem como êle não vê. Dá até raiva. Dá vontade de contar tudo.
BONITÃO - Não é má ídeia. Êle não é homem violemto. Podia era largar você / aqui na cidade e voltar sózonho prá roça. Isso resolvia tudo.
ROSA - Resolvia o que ?
BONITÃO - Sua vida. Você tem futuro.
ROSA - Adianta não. minha sina é essa mesma. às vêzes eu tenho vontade, / sim, de arrumar a trouxa e ganhar a estrada. Mas não tenho coragem. E se tivesse, não ia saber pra onde ir...
BONITÃO - Quando eu era menino, fui guia de cego...
ROSA - Não estou cega. E sabia muito bem i que estava fazendo.. Como sei / também que sou capaz de fazer de novo, se ele não me levar daqui. Mesmo sem querer.
BONITÃO - Se você não se livrar dêle, vai acabar idiota como êle.
ROSA - Êle precisa de mim.
BONITÃO - Êle tem o burro.
ROSA - Estúpido|
BONITÃO - Não quis comparar...
ROSA - Êle é muito homem, fique sabendo|
BONITÃO - Se é assim, por que você tem tanta sêde ?
ROSA - Que tinha você de aparecer aqui de novo ?
BONITÃO - Foi você quem veio falar comigo.

0569, P.106



ROSA - Você me obriga a fazer o que eu não quero.
BONITÃO - Que culpa tenho eu de ter nascido com tantas qualidades ?
BONITÃO - Espere...
ROSA - Está louco ?
BONITAO - Pelo jeito, êle ainda vai ficar muito tempo aí. Entendeu ?
ROSA - Não entendo nada. Você é doido e eu estou ficando doida também.
BONITÃO - Êle não pode air de junto da cruz. Mas voce pode... pode ir descansar no hotel... ou mesmo ir rezar em outra igreja, pedir a outro santo pra ajudar a convecer o padre a abrir a porta... Um reforço sempre é bom...
MINHA TIA- E então ?....
ZÉ - Êles não quiseram que eu entrasse. Acham melhor falar com o padre em particular...
MINHA TIA- Meu filho, eu sou "ekédi" no candonblé da Menininha. Mais logo o terreiro está em festa. Você fêz obrigação pra Iansan, está Iansan está lá pra receber |
ZÉ - Como ?...
MINHA TIA- Eu levo você lá | Você leva a cruz e a santa recebe| Você fica em paz com ela|
ZÉ - Iansan...
MINHA TIA- Foi ela quem lhe atendeu |
ZÉ - Mas a igreja...
MINHA TIA - Mande o padre pro inferno| Leve a sua cruz no terreiro | Eu vou com você |
ZÉ - Não, não foi num terreiro que eu disse que ia levar a cruz, foi numa igreja. Numa igreja de Santa Bárbara.
MINHA TIA - Santa Bárbara é Iansan. E Iansan está lá| Vai baixar nos seus cavalos | Vamos |
ZÉ - Não. Não é a mesma coisa. não é a mesma coisa.
REPÓRTER - O senhor acha que o padre não deixa mesmo êle entrar ?
SACRISTÃO - O senhor não ouviu êle dizer? É Satanás| Satanás sob um dos seus múltiplos disfaces|
REPÓRTER - Satanás dis farçado em Jesus Cristo...acho que é um pouco forte. Em todo caso, issi é lá com ele. Eu confesso que não sou muito entendido na matéria. O que interessa é mante-lo aqui, pelo menos até segunda feira. Se for preciso, mandarei vir comida e bebida. Contanto que êle não vá embora antes de segunda feira.
SACRISTAO - Com liçença, senhores, com liçença.
REPÓRTER - Nada feito, meu camarada. O padre é uma rocha. Mas êle vai acabar cedendo. Se você não arredar pé daqui, êle vai ter que abrir a igreja.Eu lhe garanto. Agora a causa não é somente sua, é também / do nosso jornal. E sendo do nosso Jornal, é do povo |
REPORTER - Eu o aconselho a resistir. Afinal de contas, é um direito.Direito que o senhor adquiriu em 42 quilômetros de "via crueis".Eu confio no senhor. Leia o meu jornal hoje à tarde. Vai ser um estouro
BONITÃO - Jornalista é ?
ROSA - É. Tiraram o meu retrato. Será que vão publicar mesmo ?
BONITÃO - Se estivesse nua, eu garantia. ssim... não sei.
MARLI - Eu sabia | ...Tinha que estar atrás de algun rabo de saia |
BONITÃO - Que pe que voce vem fazer aqui ?
MARLI - Venho saber porque o senhor não apareceu em casa esta noite.
BONITÃO - Que casa ?
MARLI - A minha casa ?
BONITÃO - Estava indisposto. Fui para o meu hotel.
MARLI - Sim, eu estou vendo a sua "indisposição ".
BONITÃO - Não faça escândalo |
MARLI - Por quê ? Está com Mêdo do marido dela ?
BONITÃO - Não estou com mêdo de ninguém, mas não vou deixar você fazer a / senhora passar vexame.
MARLI - A senhora ... se ela é senhora, eu sou donzela...
BONITÃO - Marli, me obedeça |
MARLI - Está querendo bancar o machão na frente dela, é ?
BONITÃO - Eu não tenho nada com ela |
MARLI - Você passou a noite com ela |
BONITÃO - Vamos para casa |
MARLI - Não | Primeiro quero tirar isso a limpo. Quero que essa vaca saiba que você é meu. Meu| Esta roupa foi comprada com o meu dinheiro | Esta e tôdas as que êle tem |
BONITÃO - Se voce não for para casa imediatamente, nunca mais eu deixo você me dar nada |

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0551,P.107

MARLI - Êle é meu ouviu? Fique com seu beato e êle em paz| É meu homem | É meu homem |

DEDÉ - "ABC da Mulata Esmeralda ", ramance completo contando tôda a vida de Esmeralda, desde o nascimento, no Bêco das Inocências, até a morte, por trinta facadas, na Rua da Perdição. 10 cruzeiros ...

DEDÉ - Ai, meu senhor do Bonfim,
dai-me muita inspiração,
dai-me rima e muita métrica
pra fazer a descrição
das penas de esmeraldas
na Rua da Perdição.
Estava pensando...sabe que essa sua briga com o Padre dava um abecê? Quer, eu escrevo.

ZÉ - Não.

DEDÉ - Por que não quer ? Abecê em versos, ficava bonito...

ZÉ - Não.

DEDÉ - Versos que, modéstia à parte, são lidos pela Bahia inteira, Inclusive pelo Padre Olavo... e não é por me gabar, meu camarada, mas aqui como me ver, poeta pela graça da virgem e do senhor do Bomfim, eu / sou um homem temido |Quando eu anucio que vou escrever um folheto / contando as bandalheiras desse oe daquele deputado...ah, menino, não tarda o fulano me procurar pra adoçar meus versos. Se eu anunciar / nesta tabuleta que vou escrever a "ABC de Zé-do-Burro ", tenho cer - teza que o padre abre logo a porta e vem êle mesmo carregar a cruz.

ROSA - Que é preciso pra isso ?

DEDÉ - Bem, o consentimento dele, em primeiro lugar. E em seguida, sabe... papel está pela hora da morte, a tipografia está cobrando os olhos / da cara...

ROSA - Ah, é preciso pagar...

DEDÉ - Aí uns cinco contos pra ajudar. Mas garanto o resultado.

ZÉ - Não quero que faça nada.

DEDÉ - Olhe que o senhor se arrepende. Garanto que basta anunciar, o padre se borra todo...

ZÉ - Não quero já disse|

DEDÉ - Está bem. Quem perde é o senhor. O senhor e a Poesia Nacional.

COCA - Buenas.

GALEGO - Ôpa |

DEDÉ - Boa tarde, Mestre Coca.

COCA - DEDÉ Cospe-Rima... precisa arranjar um serviço de homem, meu camarada... Me dá um porongo. Dia de Santa Bárbara... tem que roncar trovoada.

DEDÉ - Já largou a estiva, Mestre Coca ?

COCA - Já. Descarreguei um cargueiro holandês até a uma hora e caí no mundo Hoje, dia de Iansan, não é dia de carregar pêso, é dia de vadiar.

DEDÉ - Vamos ter capoeira hoje ?

COCA - Mais logo. Mais logo vamos ter vadiação. Vou jogar com Manoelzinho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.108

- Sua - Mãe. Me disseram que tinha aqui um homem querendo entrar na igreja com uma cruz e o padre não queria deixar...

GALEGO - É êsse aí.

COCA - Mas lugar de cruz não é dentro da igreja ?

DEDÉ - É, mas parece que a cruz é pra Iansan, e o Padre não gostou da história.

COCA - E fechou a porta ?

DEDÉ - Não é de admirar. Outro dia êle não quis proibir que eu vendesse meus livros aqui na porta da igreja ?

COCA - Por que ?

DEDÉ - Disse que o "ABC da Mulata Esmeralda" era indecente. Falou isso num sermão. E de lá pra cá êssas beatas quando passam por mim / viram a cara, como se eu fosse a pintura do Cão.

GALEGO - No me gustan los padres. Pero êsse está haciendo um buen serviço. Por causa dêle a freguesia aumentou e já fui fotografado.

DEDÉ - Se êle quisesse, eu fazia o Padre abrir a porta em dois tempos.

GALEGO - Nada. Deixa el hombre aí. Quanto mais demorar, mejor...

DEDÉ - Vou dar um pulo até a Mercado de Santa Bárbara...

COCA - Ah, lá a festança já começou é de hoje. Capoeira, roda de samba ... está bom que está danado.

DEDÉ - Tem turista ?

COCA - Vi uns gringos.

DEDÉ - Vou até lá.

ROSA - Sabe que horas são ? Três horas da tarde. Você não está com fome

ZÉ - Não. Vá ali na mulher do tabuleiro, compre qualquer coisa pra você.

MINHA TIA - Que é, Iaiá ?

ROSA - Qualquer coisa pra matar a fome.

Minha TIA - Precisa mesmo. É de hoje que vosmicês estão aí...

ROSA - Desde manhã cedo.

MINHA TIA - E êle parece um homem tão bom...

SECRETA - Uma dupla.

MINHA TIA - Diaga a êle que não desanime, Iansan tem força|

GUARDA - Vejam| Primera página com retrato e tudo |

ROSA - Meu retrato ?

GUARDA - Eu também saí.

ROSA - Hum... o senhor saiu muito bem ... a cópia fiel |

GUARDA - É ... eu acho que saí bem... vou levar pra munha mulher.

ROSA - Quem saiu mal fui eu... Horrivel.

GUARDA - Não ligue. Fotografia de gazeta é assim mesmo.

ZÉ - Afinal, que é que diz aí ?

GUARDA - Ah, sim... " O novo Messias prega a revolução ".

ZÉ - Revolução ?

GUARDA - É, revolução. Está aqui. Sete léguas carregando uma cruz, pela / reforma agrária e contra a exploração do homem pelo homem.

ZÉ - Eu bem achei que aquele camarada não era certo da bola...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0524,P.104

GUARDA - Para o vigário da paroquia de Santa Bárbara, é Satanás disfarçado. Quem será afinal Zé-do-Burro? Um místico ou um agitador? O povo olha com adimiração e respeito, pelos caminhos por onde passa com sua cruz, mas o vigário expulsa-o do templo. No entanto, Zé-do-Burro está disposto a lutar até o fim| Acho que o moço não entendeu bem o seu caso. Ou então fui eu quem não entendi.Podem ler. / Mas não joguem fora. Quero levar para casa.

ROSA - Zé, não estou gostando disso.

ZÉ - Nem eu.

ROSA - Não entendi bem o que botaram na gazeta, mas, uma coisa me diz que isso não é bom.

ZÉ - Bem Maria de Iansan dise. A promeesa tinha que ser bem grande... com certeza Santa Bárbara achou que não era bawtante o que eu prometi e está cobrando o restante. Ou está me castigando por eu ter prometindo tão pouco.

ROSA - Então eu também estou sendo castigada...

ZÉ - Ou pode ser que esteja me fazebdo passar por tudo isso para me experimentar. Para ver se eu desisto da promessa, Santa Bárbara está me tendando... e ainda há pouco quase eu caio.

ROSA - Quando ?

ZÉ - Quando aquela sujeita disse tudo aquilo. O sangue me subiu na cabeça e se eu me deixo tentar tinha matado um homem ou uma mulher... Ia preso... e não podia cumprir a promessa. Pensei nisso, naquela hora, e aguentei tudo calado. Foi uma prova. Tudo isso é uma provação.

ROSA - Deve ser, sim. É a única explicação pra tudo que aconteceu. Santa Bárbara me usou pra pôr você à prova.

ZÉ - Mas Santa Bárbara não teria feito isso se não conhecesse você melhou que eu...

ROSA - Eu sntim Zé... senti que havia uma vontade mais forte do que a minha me empurrando pra lá...E você ajudando. Você também é culpado. Eu não queria ir e você insistia. Não é pra me desculpar, mas se tudo é obra de Santa Bárbara, o que é que eu podia fazer ?

ZÉ - Podia resistir à tentação, como eu tenho resistido.

ROSA - Era diferente. Não era a mim que ela estava pondo à prova. Era a você. E se ela é santa, se ela pode fazer milagre, pode me obrigar a fazer o que eu não quero, como obrigou. Pode botar o diabo no meu corpo, como botou. Mas isso não vai acontecer mais. Acho até que isso nen aconteceu. Pois se foi um provaççao divina...

ZÉ - Êsse assunto nós vamos resolver depois, na volta.

BONITÃO - Você veio depressa. Uma dose.

SECRETA - Que é que você quer falar comigo ? Se é sôbre a sua volta à Policia...

BONITÃO - Não, nada disso. Nem estou pensando mais em voltar. Estou muito / bem de vida.

SECRETA - Mas tome cuidado. Estaõ com sua ficha em dia...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.110

BONITÃO - Não acredito. Vocês vivem comemdo môsca. Olha aí...No meu tempo, êsse cabra já estava no xilindró. E vocês me expulsaram...

SECRETA - Quem é êle ?

BONITÃO - Tome leia... Vocês nem lêem gazeta e querem estar em dia.

SECRETA - Você já conversou com êle ?

BONITÃO - Já. O homem é perigoso. Banca o anjo de procissão, mas não é atôa que o padreco dali de drente fechou a igreja e jurou que êle não / entra.

SECRETA - É, mas a coisa é esquesita.

BONITÃO - Eu, se fôsse você, " guardava" êle por uns dias...

SECRETA - Também não pode ser assim. Tenho que investigar, depois comunicar ao comissário.

BONITÃO - Qual, vocês não sabem trabalhar. Dá o flagra no homem !

SECRETA - Flagra de que ? Êle não está fazendo nada...

BONITÃO - Como não ? Agitação Social!

SECRETA - Venha comigo.

BONITÃO - Êle vai lhe contar a história de um burro, mas não vá nessa conversa.

GSLEGO - Polícia... estão querendo prender o el humbre !

COCA - Está certo, não. Fazer promessa não pe crime.

BONITÃO - Um amigo. Quer conversar com vocês...quer ajufar.

SECRETA - Olá.

ZÉ - Ajudar... todo o mundo quer ajudar...

ROSA - N ão faça isso homem ! É do guarda! Êle pediu pra guardar !

ZÉ - O guarda também quer ajudar. Todos querem ajudar... Todos...

SECRETA - O senhor sabe que suas ideías são muito perigosas ?

ZÉ - Perigosas ?

SECRETA - O senhor não devia dizer isso no jornal. E muito menos aqui, em praça pública. Porque isso pode lhe dar muita aporrinhação.

ZÉ - Mais do que tive ?

SECRETA - Por muito menos, tenho visto muita gente ir parar no xadrez.

ROSA - XADREZ ?

SECRETA - Estou avisando como amigo.

ZÉ - Amigo. Já vi que estou cercado de amigos, É amigo por todo o lado.. Cada qual querendo ajudar mais do que o outro.

SECRETA - O senhor é um revoltado.

ZÉ - Não era, não. Mas estou ficando.

SECRETA - É por isso que está aqui desde esta madrugada ?

ZÉ - É E daqui não saio enquanto não fizer com que todo mundo me entenda Todo mundo !

SECRETA - Como pretende fazer isso ?

ZÉ - Como sei lá... mas tem de haver um jeito... temde haver um jeito... A vontade que eu tenho é de jogar uma bomba... Que Deus pe perdoe ! Padre ! Padre! Padre, eu andei sete léguas pra vir até aqui! Deus é testemunha! Ainda não comi hoje... e não vou comer até que abra a porta! Um dia, dois... um mês...vou morrer de fome na porta da sua

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0561, P.111

ZÉ - Padre, é preciso que me ouça, padre |

PADRE - Que pretende com eesa gritaria? Desrespeitar esta casa, que é a casa de Deus ?

ZÉ - Não padre, lembrar sómente que inda estou aqui com a minha cruz.

PADRE - Estou vendo. E essa insistência na heresia mostra o quanto está afastado da Igreja.

ZÉ - Está bem, padre. Se fôr assim, Deus vai me castigar. E o senhor não tem culpa.

PADRE - Tenho, sim. Sou um sacerdote. Devo zelar pela glória do Senhor e pela felicidade dos homens.

ZÉ - Mas o senhor está me fazendo tão infeliz Padre|

PADRE - Não| Estou defendendo a sua felicidade, impedindo que se perca nas trevas da bruxaria.

ZÉ - Padre, eu não tenho parte com o Diabo, tenho com Santa Bárbara.

PADRE - Estive o dia todo estudando êste caso. Consultei licros, textos sagrados. Naquêle burro está a explicação de tudo. É Satanás | Só mesmo Satanás podia levar alguém a ridicularizar o sacrificio de Jesu.

ROSA - Não, padre, não|

PADRE - Por que não ?

ROSA - Por que eu conheço êle. É um bom homem. Até hoke só fêz o bem.

PADRE - Lúcifer também foi ãnjo.

ROSA - É até bom demais. Nunca fêz mal a ninguem, nem mesmo a um passarinho. É capaz de repartir o que é dêle com os outros. De deixar de comer até ... prá dar de comer a um burro. É um homem bom, isso eu garanto.

PADRE - Como pode garantir ?

ROSA - Sou mulher dêle. Vivo com êle. Durmo na mesma cama, como na mesma mesa.

PADRE - Isso não quer dizer nada...

ROSA - Como é que não ?

PADRE - Lúcifer iludiu o senhor até o último momento| Mas eu conheço seus adeptos| Mesmo qundo se disfarçam sob a pele do cordeiro| Mesmo quando se escondem atrás da cruz de Cristo| A mesma cruz que se ~~escondem~~ querem destruir| Mas não destruirão | Não destruirão |

PADRE - Monsenhor |

SACRISTÃO- Monsenhor Otaviano |

PADRE - Dexem passr Monsenhor |

MONSENHOR- Já sei. Estou tratando do seu caso.

GUARDA - É Monsenhor Otaviano| Deve ter vindo a mandado do Arcebispo |

ROSA - E o padre ficou apavorado quando viu êle, reparou ?

DEDÉ - Com certeza o Arcebispo mandou puxar as orelhas do Padre.

MINHA TIA- Bem feito |

GALEGO - Bem feito nada. Se deixarem el hombre entrar, prejudicam nuestro negócio.

ZÉ - Será ? ... será que o Arcebispo chegou a saber ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.112

GUARDA - Ora, a cidade já sabe| O rádio já deu|
COCA - Não se fala noutra coisa, da cidade Baixa até a Cidade alta |
ZÉ - E êle vir até aqui por causa disso...
ROSA - É poque veio trazer alguma ordem. E ordem do Arcebispo|
DEDÉ - Mandou o padre deixar de ser besta.
COCA - Mandou abrir a porta |
MINHA TIA - Eu disse: Iansan tem fôrça | Agora êle vai encontrar| Vai encontrar|
ZÉ - Eu sabia que Santa Bárbara não ia me desamparar |
MONSENHOR - Venho aqui a pedido de Monsenhor Arcebispo. S. Excia. está muito preoculpado com o vulto que estpa tomando êste incidante e incubiu-me, pessoalmente, de resolver a questão. Afim de dar uma prova da tolerância da igreja para com aquêles que se desviam dos / Cânones sagrados...
ZÉ - Padre, eu sou católico. Não entendo muita coisa do que dizem, / mas queria que o senhor entendesse que eu sou católico.Pode ser que eu tenha errado, mas sou católico.
MONSENHOR - Pois bem. Vamos lhe dar uma oportunidade. Se é católico, renegue todos os atos que praticou por inspiração do Diabo e volte ao seio da Santa Madre Igreja.
ZÉ - Como, padre ?
MONSENHOR - Abjure a promessa que fez, reconheça que foi feita ao demônio, atire fora essa cruz e venha, sózinho, pedir perdão a Deus.
ZÉ - O senhor acha mesmo que eu devia fazer isso ?....
MONSENHOR - É a unica ~~esperança~~ maneira de salvar-se. A igreja católica concede a nós, sacerdotes, o direito de trocar uma promessa por outra.
ROSA - ZÉ ... talvez fôsse melhor...
ZÉ - Mas Rosa... se eu faço isso, estou faltando à minha promessa... seja Iansan, seja Santa Bárbara... estou faltando...
MONSENHOR - Com a autoridade de que estou investindo, eu o liberto dessa promessa, já disse. Venha fazer outra...
PADRE - Monsenhor está dando uma prova de tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da igreja e a sua própia intransigência.
ZÉ - O senhor me liberta...mas não foi ao senhor que eu fiz a promessa foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como castigo, quando eu voltar pra minha roça não vou encontrar meu burro morto ?
MONSENHOR - DEcida | Renega ou não ren ega ?
MINHA TIA - Êparrei| Maleme pra êle, minha mãe |
COCA - MAleme |
ZÉ - Não | Não posso fazer isso| Não posso arricar a vida do meu burro
PADRE - Então é porque você acredita mais na fôrça do demônio doque na - fôrça de Deus| É porque tudo que fêz foi mesmo por inspiração do diabo |
MONSENHOR - Nada mais posso fazer então.

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.113

PADRE - Que ninguem agora nos acuse de intolerantes. E que todos se lembrem das palavras de Jesus: "Porque surjirão falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e pridígios, que, se possível força, enganariam a muitos."

ZÉ - Padre, eu não quero enganar ninguém.

PADRE - Enganaria a muitos, sim. E muitos o segueriam ao sair daqui.

ZÉ - Eu não quero que ninguém me siga !

PADRE - Mas seguiriam, como já o seguiram pelas estradas, sem saber que seguiam a Satanás !

ZÉ - Padre! Por Santa Bárbara ou por Satanás, vou colocar esta cruz dentro da igreja, custe o que custar.!

PADRE - Eis a prova: um católico não ameaça invadir a casa de Deus! Guarda! Prenda êsse homem!

COCA - Fiquem aqui. Vou chamar o rsto do pessoal...

BONITÃO - Que está esperando? Não está convencido ainda ?...

SECRETA - Espere...

ROSA - Espere o que ? Quem é êle ?

BONITÃO - Um secreta.

ROSA - Polícia! Você ? ... Você denunciou...?

BONITÃO - Daqui a pouco, você vai ficar livre dêsse idiota.

ROSA - Você não devia ter feito isso! Não devia!

BONITÃO - É pro seu bem. Pro nosso bem.

ROSA - Não ... assim, não! Eu não queria assim !

BONITÃO - Agora.. está feito.

- III -

MESTRE DO CÔRO - Sinhazinha que vende aí ?
Vendo arroz do Maranhão
Meu sinhô mandou vendê
Na terra do Salamão.
Aruandeê
Camarado.

CÔRO - É ê
Aruandê
CAmarado

MESTRE - Galo cantô

CÔRO - Ê ê
Aruandê
Camarado.

MESTRE - Cocorocó

CÔRO - Ê ê
Aruandê
Camarado

MESTRE - Goma de gomá

CÔRO - Ê ê
Goma de gomá
Camarado.

MESTRE - Ferro de matá

CÔRO - Ê ê
Ferro de matá
Camarado

MESTRE - É faca de ponta

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.114



MESTRE - Vamos embora
CÔRO - Ê ê
Vamos embóra
Camarado
MESTRE - Pro mundo afóra
CÔRO - Ê ê
Pro mundo afóra
Camarado
MESTRE - Dá volta ao mundo
CÔRO - Ê ê
Volta do mundo
Camarado

DEDÉ - Quero ver um "rabo d'arraia", Mestre Coca !

UMA VOZ - Manoêlzinho Sua Mãe é porreta no aú !

OUTRA VOZ - Eu queria vê isso à véra.

MESTRE - Quem te ensinô essa mandiga ?
- Foi o nêgo de sinhá
O nego custô dinheiro,
Dinheiro custo ganhá,
Camarado.
CÔRO - Cai, caim Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.
MESTRE - Amanhã é dia santo,
dia de corpo de Deus
Quem tem roupa vai na missa,
quem não tem faz como eu.
CÔRO - Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.
MESTRE - Menino, quem foi teu mestre?
Quem te ensinô a jogá?
- Só discip'p que aprendo
meu mestre foi Mangangá,
na roda que êle esteve,
outro mestre lá não há,
Camarado.
CÔRO - Cai, caim Catarina,
sarta do má, vem vê Dalina.
MESTRE - Panha a laranja no chão, tico-tico
ái se meu amô fô s'imbora eu não fico
CÔRO - Ponha a laranja no chão tico-tico
MESTRE - Minha camisa é de renda de bico
CÔRO - Panha laranja no chão, tico*yico
MESTRE - Ái, se meu amô fô s'imbora eu não fico
MESTRE - Santa Bárbara que relampue
Santa Bárbara que relampuá
MÔRO - Santa Bárbara que relampue
Santa Bárbara que relampuá
MESTRE - Vou pidi a Santa Bárbara
Pra ela me ajudár
CÔRO - Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuá
Minha Tia - Óia, o ca-ru-ru !
MINHA TIA - É o carurú de anta Bárbara, minha gente !
DEDÉ - O primeiro carurí é meu minha Tia !
DEDÉ - Pra quem é êsse ?
MINHA TIA - É pra Santa. Agora sim é seu.
COCA - Aposto cem.
GALEGO - Casado.
COCA - Fica na mão de quem ? De Dedé Cospe-Rima.
DEDÉ - Também quero estrar nessa aposta.
COCA - O galego diz que o padreco não deixa o homem entrar. Eu digo que vai acabar entrando, hoje mesmo, com a cruz e tudo.
GALEGO - Entra nada. Yo conheço êsse padre. Moça com vestido decotado no n entra nesta igreja. Yo mismo já vi êle parar a missa até que uma turista americana, de calças cumpridasm se retirasse...
DEDÉ - E eu digo que o homem entra, mas não hoje, amanhã. O padre quer - humilhar êle primeiro, mas depois vai ficar com medo dele ir se queixar pra Santa Brarbara e vai abrir a porta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.115

GALEGO - Pero usteds no entenderam la cosa. Êle no fez promessa pra Santa Bárbara. Fez para Iansan, num candomblé.

COCA - E que tem isso ?

GALEGO - Tem, que candomblé és candomblé e igreja és igreja.

COCA - E a Santa não é a mesma ?

DEDÉ - Não, o Galego tem razão. A santa pode ser a mesma, mas o padre tem mêdo da concorrência e quer defender o seu negócio.

COCA - Mas não adianta. Iansan tem fôrça. O homem entra.

GALEGO - Nen Iansan nen todos os orixás do candomblé fazem êle entrar.

DEDÉ - Entra, sim. Amanhã êle entra. E não se admirem se fôr eu que fizer êle entrar...

GALEGO - Ustend ?

DEDÉ - Sim, eu, Dedé Cospe-Rima.

COCA - E como ?

DEDÉ - Ah, isso é segrêdo profissional...

COCA - Então, se êle entrar hoje, ganho eu. Se entrar amnhã, gabha você. Se não entrar, ganha o Galego.

DEDÉ - Fechado.

COCA - Bota cem pratas.

DEDÉ - Não tenho ainda não mas de noite eu lhe dou.

COCA - Vê lá, Hein ? Por via dasx dúvidas, fica com o dinheiro, Galego.

MANOELZINHO - Tu tá um bicho na capoeira, Mestre Coca.

COCA - Você é quem diz.

MANOELZINHO - Tinha ido lá pro mercado, pensando que ia ser lá a vadiação. Lá me disseram que tinha vindo todo mundo pra cá...

COCA - Por causa do homem da cruz.

MANOELZONHO - Diz que êle quer cumprir obrigação pra Iansan...

UM CAPOEIRA - Quer botar essa cruz lá dentro da igreja.

OUTO CAPOEIRA - E já quiseram até prender- êle.

MANOELZINHO - Só por causa disso ?

Um CAPOEIRA - Então.

MANOELZONHO - Não pode |

COCA - Não pode e não vão fazer. O homem não fêz nada.

DEDÉ - Amanhã... amanhã você entra, meu camarada. Lhe garanto. Vou hoje pra casa escrever a historia dêsse padre. Sei umas coisas dele. e se precisar a gente inventa. Amanhã vou chegar aqui com uma / tabuleta: " Aguardem| O padre que fechou a casa de Deus" |Vai / ver se êle abre ou não abre a porta. Ou abre ou vai ter que me passar uma gaita pra não publicar os versos.

MINHA TIA - Não quer também, iaiá ?

ROSA - Não.

MINHA TIA - É Caruru de Santa Bárbara. Antigamente a gente fazia isso e era / de graça. Hoje, com a vida do jeito que está, a gente tem mesmo é que cobrar.

GALEGO - Pero yo no cobro nada. Oferta da Casa.

ZÉ - Pra mim ?

GALEGO - Si, para usted. Cachorro quente. Despus trarê um cafezito.

ZÉ - Não, obrigado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.116

- Se usted promete no aredar pé de acá, yo me comprometo a fornecer comida e bebida gratuitamente para los dos.

ZÉ - Não não tenho fome.

GALEGO - Pero, asi usted no poderá resistir |

ZÉ - Não Importa.

GALEGO - A senhora não quer ?

ROSA - Não estou com vontade.

GALEGO - Bien...

ZÉ - Que é que você tem ?

ROSA - Nada. Queria era ir embora.

ZÉ - Sózinha ?

ROSA - Não, com você.

ZÉ - Pensei que estivesse farta de mim.

ROSA - Estou farta é dessa palhaçada. Estamps aqui bancando os bobos. Tôda essa gente está rindo de nós, Zé| Quem não está rindo, está querendo se aproveitar | É uma gente mám que só pensa em fazer mal. Largue a cruz inde está, Zé, e vamos embora pra nossa roça, antes que seja tarde demais |

ZÉ - De que é que você está com MEdo ?

ROSA - De tudo.

ZÉ - Não é de você mesma ?

ROSA - Também| Mas já não sou eu quem corre perigo, é você.

ZÉ - Que perigo ?

ROSA - Você não vê ? Não sente ? Não respira ? Está no ar|... E cada minuto que passa, aumenta o perigo. Esta praça está ficando cada vez menor... como se êles estivessem fechando tôdas as saídas. Vamos embora, ZÉ, enquanto é tempo |

ZÉ - Que deu em você assim de repente ?

ROSA - Não é de repente, desde que chegamos que eu estou querendo voltar. Você foi que teimou em ficar. Por mim, você tinha largado áí essa cruz e voltado no mesmo pé. A esta hora, já estava na estrada, longe daqui, e nada tinha acontecido...

ZÉ - Você acha que depois de andar sete léguas eu ia voltar sem cumprir a promessa ?

ROSA - Você já pagou essa promessa, Zé. Não é sua culpa se há gente sempre disposta a ver demonios em tôda parte, até mesmo naquele que estão do seu lado e que odeiam também o demônio. É gente que vai acabar enxergando na própia sombra a figura do diabo.

ROSA - Está vendo ? O padre mandou ver se você ainda estava aqui; não vai abrir a porta enquanto a gente não fôr embora. Vamos, Zé|

ZÉ - Não já disse que não. Só arredo pé daqui depois de levar a cruz lá dentro da igreja.

SECRETA - Uma meladinha.

ZÉ - Que há ?

ROSA - Êle não é nosso amigo.

ZÉ - E que tem isso ?

ROSA - Ouvi dizer que é da polícia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.117

ROSA - Por isso mesmo é que eu tenho mêdo, porque você não sabe fazer mal e êles sabem |

GALEGO - Que van hacer com o homem ?

SECRETA - Deixe que eu cuido disso.

COCA - Mas êle não fez nada...

SECRETA - E é melhor nãi se meterem onde não são chamados.

ROSA - Êle só veio ver se a gente ainda estava aqui... vamos aproveitar, antes que êle volte.

ZÉ - Deixe de bobagem. Não sou menino que quando brinca com fogo mija / na cama.

MARLI -

DEDÉ - Boa moça... Só que.. casou com a humanidade...

MARLI - Viu Bonitão ?

GALEGO - Já estêve aqui várias vêzes, hoy.

MARLI - Eu sei... e sei também o motivo.

GALEGO - Festa de Iansan ?

MARLI - Não é bem Iansan, é outro orixá...

ROSA - Vou ali, preciso falr com aquela mulher.

ZÉ - Que é que você ainda tem que falr com ela ? Não lhe basta a vergonha que ela lhe fêz passar ?

ROSA - Mas eu preciso, Zé | Eu preciso| Preciso falar com você.

MARLI - Comigo ?

ROSA - Ou melhor, com êle, Bonitão. Onde está êle ?

MARLI - Sujeita sem vergonha. Dá em cima do meu homem e ainda tem o descaramento de vir me pedir pra dizer onde êle está| Não lhe basta o seu ? Precisa do meu pra se contentar ?

ROSA - Não preciso do seu homem pra nada, Quero só falar com êle, pra evitar uma desgraça.

MARLI - Se você quer mesmo evitar uma desgraça, o melhor é deixar êle em = paz.

ROSA - Mas eu tenho que falar com êle. Juro que é assunto sério.

MARLI - Você pede enganar o trouxa do seu marido. Mas a mim, não |

ROSA - Onde êle mora ?

MARLI - Mora comigo.

ROSA - Mentira. Eu sei que êle mora num ho el.

MARLI - Pois vá lá atrás dêle, pra ver o que lhe acontece.

ROSA - Pare com isso que eu não tenho mêdo de você.

MARLI - Nem eu de você.

ZÉ - Rosa, você perdeu a cabeça ? Não sabe qual é o seu lugar ? Discutindo na rua com uma...

MARLI - Com uma o que, seu beato pamonha? Carola duma figa| A mulher dando em cima do homem da gente e êle agarrado aí com essa cruz| Isso tb também faz parte da promessa ?

ROSA - Cale essa boca | Não se meta com êle. Êle não tem nada com isso.

MARLI - Não tem | Não é seu marido ?

ROSA - É, mas não se rebaixa a discutir com você.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.118

GALEGO - Perdon... no se puede dar confiança a essas mujeres...
ZÉ - Esta noite a gente vai embora.
ROSA - E porque não agora ?
ZÉ - Vamos deixar passar o dia de Santa Bárbara.
ROSA - De noite, talvez seja tarde...
ZÉ - Tarde pra que ?
ROSA - Pra voltar |
ZÉ - O aue você ainda queria falar com aquêle sujeito ?
ROSA - Pedir pra êle deixar você em paz.
ZÉ - A mim ?
ROSA - Êle denunciou você a polícoa.
ZÉ - Mas eu sou um homem de bem. Nunca tive nada com a polícia.
ROSA - Eu sei. Mas êles torcem as coisas. Confundem tudo. ZÉ| Ouça o que eu digo. A gente devia ganhar a estrada agora mesmo. Neste minuto.
REPÓRTER - Eh, que é isso ? Já estão pensando em ir embora ?
ZÉ - Vou enbora quando quiser, não tenho que dar conta disso a ninguem,
REPÓRTER - Vocês não estão falndo sério, não ? ...Sim, porque eu espero que vocês cumpram o que prometeram. Meu jornal está cumprindo. Já tomei todas as provodências para que sua estada aqui até segunda-feita seja a mais agrádavel possível.
RoSA - Como ?
REPORTER - Fomos aos nossos clientes e êles se dospuzeram prontatemente a colaborar conosco.
ZÉ - O senhor trouxe essas coisas ... pra nós ?
REPÓRTER - Bem... julgamos que um pouco de conforto durante êsses dias não redizirá também o valor de sua promessa. Além dissom segunda-fera depois da entrada triunfal na igreja, o senhor percorrerá a cidade em carro aberto, com batedores, num percurso que irá ao Palácio do Govêrno, onde será recebido p/Governador. Já sei: vai dizer que se o vigário de Santa Bárbara não deixar entrar em sua igreja, o governador vai também lhe boter com a porta na cara. Não se preocupe. Já estamos mexendo os pausinhos. E se o senhor puder dizer uma palavrinha a favor do candidato oficial nas próximas eleições, estará tudo arranjado.
ROSA - Por favor, leve tudo isso daqui. Nós estamos de partida.
REPÓRTER - De partida? Não, não pode ser... isso seria um desastre para mim. O jornal já fêz despesas... já compramos foguetes, contratamos um banda de música para a volta...
ROSA - A volta vai ser hoje mesmo.
REPÓRTER - Hoje ? Mas não dá tempo |... Não está nada preparado... O que é / que a senhora pensa ? Que é assim tão simples organizar uma promoçao de venda ? é muito facil pegar uma cruz , jogar nas costas e andar sete léguas. Mas um jornal é uma coisa muito complexa. / Mobilizar todos os departamentos para dar cobertura... e depois / eu já lhe disse, amnhã é domingo, não tem jornal |
ROSA - E qual é o meu ? Que se dane o seu jornal| Eu quero ir embora /

RR DFANBSB NS.CPR.TE... 0069, P.119

REPÓRTER - Está precinsando de alguma ajuda... particular ?
ROSA - Estou. A polícia anda rodando a praça.
REPÓRTER - A Policia ?
ROSA - Um secreat. Estão querendo levar êle preso.
REPÓRTER - Por que ?
ROSA - Talvez porque êle é bom demais... E o resto é gente safada |
REPÓRTER - É claro que a senhora não vai dizer. Nem êle também. Mas podem contar comigo e com o meu jornal. Se êle fôr preso, daremos tôda a cobertura. Abriremos manchetes na promeira página. Será uma maravilha para êle |
ROSA - Maravilha | Maravilha ser prêso ?
REPÓRTER - Todo lider precisa ser prêso pelo menos uma vez |
ROSA - Lider...eu acho que o senhor é maluco. O senhor, êsse padre, a pilicia, todos. E eu também, se não me cuidar, vou acabar ficando.
REPORTER - Prepare-se que daqui a pouco é capaz de haver um bafafá...
ROSA - Desista, Zé. Dezista.
ZÉ - Por que você não senta aqui e espera até a hira de ir embora ?
ROSA - É, o jeito é esperar ...
DEDÉ - E enaquanto espera, deve aprovditar para melhorar sua cultura. O "ABC da Mulata Esmeralda", modestia à parte, é u ma verdadeora jóia de literatura brasileira. Por 10 cruzeiros apenas, o senhor poderá ler os mais inspirados versos que uma mulata jamis inspirou.
DÉDÉ - Poesia está muito por baixo, Minha Tin. Quem está por cima é p caruru.
MINHA TIA - Não desanime, môço. Hoje é dia de Iansan, mulher de Xangô, orixá dos ráios e das tempestades. Mais logo, nos terreiros, ela está descendo no corpo dos seus cavalos. Vai falar co, ela, moço, vai pedir a proteção da Iansan, que tudo quanto ~~fexxxes~~ é porta há-de se abrir. Óia |Iansan está falando |Êparrei, minha mãe |
ZÉ - Aonde vai Rosa, ?
ROSA - Vou ali, já volto.
ZÉ - Ali aonde ?
ROSA - No hotel onde dormi. Lembrei agora que enqueci lá o meu lenço.
ZÉ - Rosa |
ROSA - Que é ?
ZÉ - Deixe êsse lenço pra lá |
ROSA - Não posso, Zé. eu preciso dêle |
ZÉ - Eu compro outro pra você, Rosa |
ROSA - Pra que, Zé, gastar dinheiro atôa... é daquele que eu gosto |
DEDÉ - Quem corta e prepara o pau,
quem cava e faz a gamela,
toma a si todo o trabalho
e depois fica sem ela...
BEATA - Falta de respeito | Bem em frente da igreja. Êste mundo está perdido |
MINHA TIA - CAruru, Iaiá ?
BEATA - ~~QUE~~ ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.120

BEATA - Iansan ? E que é que eu tenho com dona Iansan ? Sou católica apostolica rimana, não acredito em bruxaria |

MINHA TIA - Adiscurpe, Iaiá, mas Iansan e Santa Bárbara não é a mesma coisa ?

BEATA - Não é não senhora| Santa Bárbara é uma santa . E Iansan é... é / coisa de candomblé, que Deus me perdôe |

CÔRO - Quem corta e prapara o pau
Quem cava e faz a gamela,
Toma a si todo o t abalho
E depois fica sem ela.

COCA - Meu camarada, trate de ir embora| estão lhe arrumando uma patota|

ZÉ - O que ?

COCA - Chegou um carro da polícia | Êles estão com o Padre, na sacristia.

MINHA TIA - Vieram por causa dêle ?

COCA - Então |

ZÉ - Mas se eu não roubei, não matei nunguém |

DEDÉ - Quer um conselho ? Experiência própria: com a policia, é melhor fugir do que discutir.

COCA - Anande depressa que nós aguentamos êles aqui até você ganhar o mundo|

ZÉ - Não eu não vou fugir como qualquer criminoso, se estou com a minha / conciência tranquila.

DEDÉ - Êle não se separa da cruz.

COCA - A gente esconde a cruz.

MINHA TIA - E de noite êle leva pra Iansan.

COCA - Vamos todo mindo levar| Todos os capoeiras da Bahia |

MINHA TIA- É a mesma coisa, meu filho | Iansan é Santa Bárbara.Eu lhe mostro lá no "pÊji " a imagem da santa.

COCA - É preciso de decidir, meu camarado | Antes que seja tarde.

ZÉ - Santa Bárbara me abandanou| Por que, eu não sei... não sei |

ROSA - Zé | Não adianta... não adianta mais...Falei com êle, mas não adianta. A polícia já está aí | Ve, cercar a praça |

COCA - Eu nãi disse ?

DEDÉ - É preciso andar depressa meu irmão |

MINHA TIA - Some daqui meu filho|

ROSA - Vamos Zé |

ZÉ - Santa Bárbara me abandanou, Rosa |

ROSA - Se ela abandanou você, abandone também a promessa. Quem sabe se não é êla mesma que não quer que você cumpra o prometido ?

ZÉ - Não ... mesmo que ela me abandone... eu preciso ir até o fim... ainda da que não swja por ela... que seja só pra ficar e, paz comigo mesmo.

SECRETA - É êsse aí.

GUARDA - Eu já cansei de pedir a êle pra sair daqui, seu Delegado, não adiantou...

DELEGADO - Seus documentos.

ZÉ - Documentos ?

DELEGADO - Carteira de identidade.

ZÉ - Tenho não...

ZÉ - Moço, eu vim só pagar uma promessa. A Santa Bárbara me conhece, não precisava trazer carteira de identidade.

DELEGADO -Pagar uma promessa ... pensa que nós somos idiotas.

SECRETA - Não demora e êle conta a história do burro...

DELEGADO - Êle vai contar êssas historias todas mas é na delegacia. Vamos, acompanhe-me.

ZÉ - Acompanhar o senhor... pra que ?

DELEGADO - Mais tarde você verá. Sou delegado dêste distrito. Obedeça.

ZÉ - Não posso Não posso sair daqui.

DELEGADO - Não pode por que ?

COCA - Promessa, seu Delegado. Êle é crente.

DELEGADO - O padre disse que êle ameaçou invadir a igreja. Pediu garantias.

SECRETA - Eu mesmo ouvi ele dizer que ia jogar uma bomba. Todo mundo aqui é testemunha !

DELEGADO - Uma bomba, hein... Vamos à Delegacia... quero que o senhor me explique i so tudo direitinho.

SECRETA - Vamos. Que é vai reagir ?

GUARDA - Acho melhoro senhor obedecer...

DELEGADO - Se êle reagir, pior para êle. Não estou disposto a perder tempo e conheço de sobra êsses tipos. Só se entrgam mesmo é a bala.

ROSA - Não !

ZÉ - Os senhores devem estar enganados. Devem estar me confundindo com outra pessoa. Sou um homem pacato, vim só pagar uma promessa que fiz a Santa Bárbara. Aí está o vigário para dizer se é mentira minha !

PADRE - É mentira, sim ! E não somdnte mentira, também um sacrilégio !

ZÉ - Padre, o senhor não pode dizer que é mentira, que eu não fiz essa promessa !

PADRE - Sim, talvez tenha feitom por inspiraçao de Satanás! Há quem diga que não estamos mais em época de acreditar em brixarias. No entanto, elas ainda existem ! Mudaram talvez de aspecto, como Satanás mudou de métodos. É mais difícil combate-las agora, porque são inúmeras seus disfarces. Mas o objetivo de tôdas continua a ser um só: a destruição da Santa Madre Igreja !

DELEGADO -Padre, êste homem...

PADRE - Êste homem teve tôdas as opourtunidades para arrepender-se. Deus é testemunha de que fiz todo o possível para salvá-lo. Mas êle não quer sersalvo. Pior para êle.

DELEGADO - Sim, pior para êle.

ZÉ - Não ! Ninguém vai me levar prêso ! Não fiz nada pra ser prêso!

DELEGADO - SE não fez ~~nãm~~ tem o que temer, será sôlto depois. Vamos à Delegacia.

ROSA - Não Zé, não vá !

GUARDA - É melhor,,, na delegacia o senhor explica tudo.

DEDÉ - Não caia nessa, meu camarado.

ZÉ - Agora eu decidi: so morto me levam daqui. Juro por Santa Bárbara, só morto.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.122

COCA - Estamos mesmo. E aqui vocês não vão prender ninguém !

DELEGADO - Não vamos por que ?

MANOELZINHO - Porque não está direito. !

DELEGADO - Estão querendo comprar barulho ?

COCA - Vocês que sabem...

DELEGADO - Não se meta, se não vão se dar nal !

SECRETA - E é melhor que se afastem.

ROSA - ZÉ !

ZÉ - Me deixe, Rosa ! Não venha cá!

ROSA - ZÉ !

PADRE - Virgem Sahtíssima !

DELEGADO - Vamos buscar reforço.

ROSA - Não chegue perto !

PADRE - Queria encomendar a alma dêle...

ROSA - Encomendar a quem ? Ao demônio ?

MINHA TIA - Êparrei, minha mãe !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0869, P.123

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

# TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 1838/69

PEÇA " O PAGADOR DE PROMESSA "

ORIGINAL DE " ALFREDO DIAS GOMES "

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 15 de SETEMBRO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS
ECP

Brasília, 02 de OUTUBRO de 1969

Chefe do S. C. D. P. - ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J. – D.P.F.

# CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 1 folha nº 58, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O PAGADOR DE PROMESSA "

Original de ALFREDO DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO UNIVERSITÁRIO "ROCHA POMBO" - LONDRINA - PARANÁ

Tendo sido censurada em 10 de SETEMBRO de 1969 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18(DEZOITO) ANOS .-.-.-. CONDICIONADO AO EXAME DE ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME O § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

OBS: ÊSTE CERTIFICADO SÒMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 02 de OUTUBRO de 1969

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567 fl.124

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.125

64

EXMO. SR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - BRASÍLIA.

ALEX SOARES DE ALMEIDA, ABAIXO ASSINADO, DIRETOR DO TURP - TEATRO UNIVERSITÁRIO "ROCHA POMBO", ÓRGÃO DO DIRETÓRIO ACADÊMICO "ROCHA POMBO", DOS ALUNOS DA FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS/ DE LONDRINA, VEM, PELO PRESENTE, RESPEITOSAMENTE, REQUERER V.EXª. SE DIGNE CONCEDER LIBERAÇÃO DA PEÇA "O PAGADOR DE PROMESSAS", DE DIAS GOMES, PARA APRESENTAÇÃO NO CONCURSO DE TEATRO DO II FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DE LONDRINA, PARA O QUE PREENCHE TODOS OS REQUISITOS NECESSÁRIOS.

N. TERMOS
P. DEFERIMENTO

LONDRINA, 16 DE SETEMBRO DE 1969

Recebi
em 2/10/69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 126

# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1969

Ilmo Sr.
ABINOAN DE SIQUEIRA
DD. Diretor do Departamento de Cultura
LONDRINA-PR

Senhor Diretor,

Com a presente acusamos o recebimento de s/C de 18, que passamos a responder.

= CONCURSO DE TEATRO DO II FESTIVAL UNIVERSITÁRIO

Das peç as programadas para o Concurso de Teatro do II FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DE LONDRINA, a SBAT não pode autorizar, as que se seguem, pelos motivos que indicaremos:

O ASSALTO - de José Vicente - a peça está presa ao repertório de Cia Profissional, sob regime de exclusividade;

ANGUSTIA- o sr. Henrique de Aragão não é nosso associado.

O TROCO - Está nas mesmas condições a peça do sr. DOMINGOS PELLEGRINI JR.

A SBAT AUTORIZA, com direitos autorais cobrados na base de 10% da receita bruta de cada espetáculo, com o mínimo garantido de NCr$ 30,00 (TRINTA CRUZEIROS NOVOS), por espetáculo, as seguintes peças:

O PAGADOR DE PROMESSAS - de Alfredo Dias Gomes;
EM MOEDA CORRENTE DO PAIS- de Abili P. de Almeida
O SANTO INQUÉRITO- de Alfredo Dias Gomes.

ARENA CONTA TIRADENTES, peça musicada de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, é autorizada nas seguintes bases:

15% da receita bruta de cada espetáculo, com o mínimo garantido de NCr$ 45,00 (QUARENTA E CINCO CRUZEIROS NOVOS) por espetáculo.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,

p. Djalma Bittencourt
Diretor Administrativo
Agnello Macedo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.127

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas
(SCDP)

Eu, Abaixo assinado, na qualidade de Diretor Artístico do TEATRO PARAENSE SANTA CRUZ, com séde nesta cidade, sito á Avenida Almirante Barroso, nº 1743, no Bairro do Marco, venho mui respeitosamente solicitar a liberação da peça " O PAGADOR DE PROMESSAS ", de autoria do escritor Dias Gomes, de gênero dramático e com linguagem do texto com expressões de caráter pornográficos, para ser a mesma encenada pelo grupo em aprêço, e para qual enviamos três (3) cópias do têxto, assim como a autorização do autor da citada peça.

Belém, 25 de Dezembro de 1969.

a) Lucivaldo da Silva Almeida

Lucivaldo da Silva Almeida

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.128

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

**SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**
**TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES**

# P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O PAGADOR DE PROMESSA

b) Título original:

c) Autor: ALFREDO DIAS GOMES

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: DEZOITO ANOS, CONFORME CLASSIFICAÇÃO ANTERIOR.

II) Análise

a) Gênero: PEÇA JÁ CENSURADA PELO SCDP E COM CERTIFICADOS EXPEDIDOS ANTERIORMENTE, SOB NÚMEROS 515/68, DE 16 DE OUTUBRO DE 1968, E 1743/69, DE

b) Argumento: 15 DE SETEMBRO DE 1969. A MIM ME COUBE COMPARAR OS TEXTOS. VERIFICANDO ESTAREM RIGOROSAMENTE IDÊNTICOS, SUGIRO SEJA A PEÇA LIBERADA COM A CLASSIFICAÇÃO ANTERIOR, OU SEJA, DE IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS.-

c) 1 - Mensagem:

2 - Impressão final:

d) Diálogos:

e) Cenas:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 129

f) Personagens:

g) Valor educativo:

III) Conclusão

Brasília, 1º de OUTUBRO de 1969.

Wilson Dori

Sr. Chefe da Seção de Censura

Técnico de Censura - Cart. nº 013

WILSON DE QUEIROZ GARCIA.

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Ce nsura WILSON DE QUEIROZ GARCIA, que cotejou os escritos.

T ÍTULO:- O PAGADOR DE PROMESSA

AUTOR:- Alfredo Dias Gomes

RESTRIÇÃO: 18 anos

OBS. Cert. válidos até 15/09/74.

Em, 1º/Out/69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

À consideração do senhor Chefe do SCDP.
Em 1º/10/69

Em 1º Out 69
Expedir certificados

DPF-SAv. 192

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 130

S enhor Chefe,

É de se notar que mandamos a peça para liberação, quase que em cima da hora. Acontece que não nos adiantamos por sabermos através de Jornais do Rio que a peça que levaremos estava sendo levada no Estado do Rio.

Agracecemos sinceramente a presteza do atendimento,

Manaus, 28 de agôsto de 1965

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.131

29
de

**SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**
**TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES**

# P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O PAGADOR DE PROMESSAS

b) Título original:

c) Autor: Alfredo Dias Gomes

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: DEZOITO ANOS.

II) Análise

a) Gênero: Comédia em três atos, narrando a odisséia do "Zé do Burro", um camponês

b) Argumento: que faz uma promessa com Santa Bárbara para salvar o seu burro Nicolau, e conseguindo o seu intento, faz um percurso de sete léguas carregando uma grande cruz de madeira até a igreja da Santa, mas em lá chegando, esbarra com a intransigência do Padre Olavo, que diz não ter a promessa valor religioso, por ter sido feita num terreiro de Candomblé de Iansan.

c) 1 - Mensagem: O tema é já conhecido internacionalmente, pois deu lugar ao filme do mesmo nome, de Anselmo Duarte, que ganhou o primeiro prêmio de Cinema Internacional , a Palma de Ouro . Ademais, é peça já anteriormente censurada e liberada por êste SCDP, razão pela qual sou de acôrdo que ela

2 - Impressão final: seja liberada, com a mesma classificação anteriormente dada, ou seja, de IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS.

d) Diálogos:

e) Cenas:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 132

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, 10 de setembro de 1969.

Wilson Garcia

Técnico de Censura - Cart. nº 013.

Sr. Chefe da Seção de Censura — Wilson de Queiroz Garcia.

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura WILSON DE QUEIROZ GARCIA, que a examinou.

TÍTULO:- O PAGADOR DE PROMESSA

AUTOR:- Alfredo Dias Gomes

RESTRIÇÃO: 18 anos

Em, 10Set69

JOSE CAMPAIO BRAGA
TOTC-SC/SCDP

À consideração do
Senhor chefe do SCDP.
Em 11/9/69

Em 12Set 69.
Expeça-se certidão

DPF-SAv. 192

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.133

50

# CENSURA FEDERAL

# TEATRO

Certificado Nº 1743/69

PEÇA -/::: O PAGADOR DE PROMESSAS :::/-

ORIGINAL DE ALFREDO DIAS GOMES

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 15 de SETEMBRO de 1974

Brasília, 15 de SETEMBRO de 1969

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

MG/

M.J. – D.P.F.

# CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 55, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada – O PAGADOR DE PROMESSAS –.

Original de DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de REQUERIDA PELO SR. SABINO RAMARIZ – MACEIO-AL

Tendo sido censurada em 10 de SETEMBRO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS – CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º ART. 1º LEI 5536/68.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPTS DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 15 de SETEMBRO de 19 69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564 P.134

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 135

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

51

**SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**
**TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES**

# P A R E C E R

I) Documentação xxx

a) Título em Português: "O PAGADOR DE PROMESSAS "

b) Título original: ~~xxx~~

c) Autor: ALFREDO DIAS GOMES

d) Tradutor: ~~xxx~~

e) Diretor: ~~xxx~~

f) Produtor: ~~xxx~~

g) Companhia: xxx

h) Classificação da Censura: PROIBIDA PARA MENORES DE 18 ANOS .....

II) Análise ~~Trata-se de um tema que deve ser visto no sentido de superar os conflitos que existem, dando uma visão crítica das soluções.....~~

a) Gênero: DRAMA.....

b) Argumento: ~~Não se pode discutir a luta do individuo contra estruturas sociais ou religiosas, porque é um assunto complexo e difícil de ser analisado.~~ O PAGADOR DE PROMESSAS, continuará sendo um sucesso no teatro e no cinema, se bem que apresente forte crítica à intransigência religiosa // ~~que,ainda existe no Brasil.~~ Zé do Burro,não foi um caso clínico, desempenhou seu papel com maestria no princípio e no fim da peça.A história ~~reflete a necessidade que temos de interessar-nos pelo homem para que, não se torne um problema social ou psicológico e seja vencido.....~~

c) 1 - Mensagem: É um exemplo da linha nova adotada pelo teatro moderno// ~~para discutir~~ , apresentando ao mesmo tempo uma demonstração clara do que existe de inútil.....

2 - Impressão final: Apresenta um modo desconcertante de começar uma ação/ e depois outra, sem entretanto levar os espectadores a formar uma impressão ~~fragmentada,porque sobrepuja a dispersão e prende novamente a atenção do público.....~~

d) Diálogos: Rompem a dramaturgia rotineira sem eliminar o realismo da caracterização.....

e) Cenas: ~~Superiores as que são normalmente apresentadas, embora existam de um certo modo, algumas que possam pertubar o desenrolar da peça sem entretanto condenar os personagens ao fracasso.....~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 6561, P. 136

f) Personagens: Rosa, não teve uma elevação trágica a contento, tornou-se irritante diante de um marido fraco, cujas qualidades simpaticas reco// nhecem como sendo um castigo do céu o fracasso sexual da espôsa. Boni// tão, ilustra muito bem o tipo mórbido que se encontra em tôda parte....

g) Valor educativo: Os méritos da produção, apresentam e abrem novas perspe ctiva ao teatro.....

III) Conclusão O PAGADOR DE PROMESSAS, não é uma obra-prima, sem dúvida algu/ ma merece louvores. Com tôda sua improvisação, é uma peça sôbre gente / que pensa e sabe o que sente. Os atores sabem interpretar esta gente / que, se mistura no teatro da própria vida e não sabem se deve ser ou / não ser. O escritor mistura propositadamente o teatro e a vida, espe// rando que o público participe e compreenda a peça com a realidade que/ vem se deparando sôbre que é e o que não real. No final, podemos sen/ tir tôda sériedade da mensagem e da extroardinária capacidade do aut

Brasília, 31 de janeiro de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 063.....

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO, ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O VOTO DO TÉCNICO DE CENSURA CREDENCIADO LUIZ BEZERRA TAVARES, QUE A EXAMINOU:

TÍTULO :- O PAGADOR DE PROMESSAS
AUTOR :- DIAS GOMES
REST. :- 18 ANOS

EM, 02-02-70

TCTC-SC-SCDP

De acordo
3/2/70

À CHEFIA DA SCDP

NADA VEMOS QUE POSSA OBSTAR A LIBERAÇÃO.

3.2.70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 137

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL
# TEATRO

Certificado Nº 2228/70

PEÇA -:::/ O PAGADOR DE PROMESSAS /:::-

ORIGINAL DE DIAS GOMES

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 03 de FEVEREIRO de 1975

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

Brasília, 03 de FEVEREIRO de 1970

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

Serviço de Censura de Diversões Públicas D. P. F.

M. J. – D. P. F.

# CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 70, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ O PAGADOR DE PROMESSAS /:::-

Original de DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO PARAENSE STª.CRUZ - BELÉM - PA.

Tendo sido censurada em 31 de JANEIRO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.- -CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRITP DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 03 de FEVEREIRO de 1970

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, p. 138

JOSÉ HOLANDA CAVALCANTI
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.134

D.F.S.P.
010811 30 MAR 70

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DO PARÁ

53

OFICIO Nº 441/70/GAB/DR/PARÁ

Belém-Pará, em 23.03.70

Do: DELEGADO REGIONAL DO DPF/PARÁ
Ao: EXMO. SR. DIRETOR GERAL DO DPF
Assunto: DEVOLUÇÃO (Faz)
Anexo: A PEÇA TEATRAL " O PAGADOR DE PROMESSAS".
Ref: MEM. Nº 36/70-SCDP, DE 04.02.70.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P. 270/70 31/3/70

SCDP 30/3/70

Senhor Diretor Geral:

Restituimos a documentação anexa, depois de terem sido cumpridas as determinações contidas no memorando da referência.

2. Anexamos a mesma, o relatório da Chefia da TCDP/DR/PARÁ.

3. Solicitamos a devolução desta documentação, depois que pela SCDP, sejam autenticadas com carimbo o texto e suas páginas.

RAUL DA SILVA MOREIRA - CORONEL
DELEGADO REGIONAL DO DPF / PARÁ

SRA. DA - D.F.S.P.
RECEBI - 30/3/70 ÀS 11 HS
SUBSEÇÃO RECEBIMENTO

EXMO. SR.
GENERAL WALTER PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE
DD. DIRETOR GERAL DO DPF

MECB/.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.140

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DO PARÁ

5/4
04

TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO ESTADO DO PARÁ

AGENTE AUX: GERALDO SOARES BARBOSA
DATA : 23 DE MARÇO DE 1970
ASSUNTO : RELATÓRIO ( FAZ )
REFERÊNCIA: " O PAGADOR DE PROMESSAS "

TEXTO: Em atenção ao solicitado no Memorando nº 36/70-TCDP de 04/02/70, tenho a relatar que, o ensaio geral da peça teatral " O PAGADOR DE PROMESSAS ", de autoria de DIAS GOMES, correspondeu a forma e ao espírito do texto liberado por essa / TCTC, com proibição para menóres até 18 anos, conforme verificação desta TCDP.

Em seu todo o referido ensaio geral cumpriu rigorosamente o que preceitua o art. 50 do Decreto Lei nº 20.493 de 24 de janeiro de 1.946.

Geraldo Soares Barbosa
AGENTE AUX:GERALDO SOARES BARBOSA
CHEFE DA TCDP/DR/PARÁ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.141

117/TCTC

02-abril-1970

Chefe do SCDP
Sr. Delegado Regional do DPF/PARÁ
Providências (solicita).

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que, através da TCDP dessa DR, sejam entregues ao responsável pelo Teatro Paraense Sta. Cruz, o script e o certificado anexos da peça teatral intitulada "O PAGADOR DE PROMESSAS", original de Dias Gomes, dispensada a exigencia do exame do ensaio geral, uma vez que o mesmo já foi assistido, conforme relatório enviado a êste SCDP.

Atenciosamente,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR.
Chefe do SCDP

AP/ap

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.142

56

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

Certificado Nº 2582/70

PEÇA - O PAGADOR DE PROMESSAS -

ORIGINAL DE DIAS GOMES

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 15 de SETEMBRO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

Brasília, 18 de MAIO de 1970

Chefe do S. C. D. P.

PROF. WILSON A. DE AGUIAR

ap/

M. J. – D.P.F.

# CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.143

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 80, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada "O PAGADOR DE PROMESSAS";

Original de DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO DOS AMIGOS - VIAMÃO - R.G.DO SUL (CX.POSTAL 57).

Tendo sido censurada em 18 de MAIO de 1970 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS .x.x.x CONDICIONADA AO EXame DO ENSAIO GERAL .x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 18 de MAIO de 1970

CHEFE DA SEÇ.CENSURA

Serviço de Censura de Diversões P.F.

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF.SAv.7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.144

244
19.5.70

CHEFE DO SCDP

SR. DELEGADO REGIONAL DO DPF/RGS

PROVIDÊNCIAS (SOLICITA)

SR. DELEGADO,

SOLICITO SUAS PROVIDÊNCIAS, NO SENTIDO DE QUE SEJAM CUMPRIDAS PELA TCDP, DESSA DR, AS SEGUINTES DETERMINAÇÕES DE CARÁTER TÉCNICO DÊSTE SERVIÇO:

1. ASSISTIR AO ENSÁIO GERAL DA PEÇA "O PAGADOR DE PROMESSAS", AUTORIA DE DIAS GOMES ;

2. DEVERÁ SER ENVIADO A ÊSTE SCDP, RELATÓRIO MINUCIOSO A RESPEITO DO ENSAIO GERAL; PORÉM, OS CERTIFICADOS PODERÃO SER ENTREGUES E A PEÇA LIBERADA PARA A EXIBIÇÃO, CASO A IMPROPRIEDADE CONCEDIDA POR ÊSTE SERVIÇO ESTEJA DE ACÔRDO COM O OBSERVADO DURANTE A ENCENAÇÃO.

ATENCIOSAMENTE,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 145

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

# P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O pagador de promessa ## 

b) Título original: 

c) Autor: Dias Gomes ## 

d) Tradutor: 

e) Diretor: 

f) Produtor: 

g) Companhia: 

h) Classificação da Censura: 18 (dezoito) anos ## 

II) Análise

a) Gênero: 

b) Argumento: Do conteúdo original com os já aprovados pelo SCDP (certs. 515/68, 1745/69, 1838/69 e 2228/69), suponho poder ser mantida a mesma classificação, smj ## 
DF 18.V.70

c) 1 - Mensagem: 

2 - Impressão final: 

d) Diálogos: 

e) Cenas: 

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0567, P. 146

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

21/5/70

Brasília, ____ de _____ de 19____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

AO SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO EMCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA= CARLOS LÚCIO DE MENEZES, QUE A EXAMINOU= =A DOCUMENTAÇÃO ESTÁ EM ORDEM=

TÍTULO= O PAGADOR DE PROMESSAS
AUTOR = DIAS GOMES
REST. = 18 ANOS.

EM, 18/MAIO/970

De acôrdo.
21.5.70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.147

59

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL E DE SEGURANÇA NACIONAL
6/6/70
S.C.D.P
7/5/70

Ao
Chefe da Polícia Federal S.C.D.P.
Ed. BNDE 4º andar.
BRASILIA

O abaixo assinado, presidente do grupo Cultura, Esportes, Teatro dos Amigos de Viamão (CETAV), vem solicitar de Vv.Ss. proceder a censura da peça teatral "O Pagador de Promessas", da autoria de Dias Gomes, em 3 atos, que será apresentada na cidade de Viamão RS, no Cine São Carlos, e posteriormente em outras cidades do interior do Estado, no mês de agôsto do corrente ano. Para tal, encaminha três originais devidamente liberados pela S.B.A.T.

N. Têrmos
P.E. Deferimento

Viamão, 24 de abril de 1970.

Pedro Luiz Juchem
Pedro Luiz Juchem- Pres. CETAV

Parecer anexo
SF 18 V 70
18

End. CETAV- caixa postal 57, Viamão RS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0369, P.148

60

# SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

**Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.**

**AUTORIZAÇÃO PARA**
**REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70 - SP № 16998

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Pagador de Promessas

Original de Alfredo Dias Gomes

Música de

Tradução de

No Teatro Diversos Cidade Sorocaba - São Paulo

Emprêsa Fed. Baixa Sorocabana Pela Cia.

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de % da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

**Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.**

**Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.**

São Paulo 24 de Maio de 19 71

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS SUCURSAL SÃO PAULO 24 MAI 1971

(pela SBAT)

**Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.**

BR.DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.149

# Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

**Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:**

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

**Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:**

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

**Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:**

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

**Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:**

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

**Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:**

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

**Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:**

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

**Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:**

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

**Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:**

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.151

S. B. A. T.

Peça liberada exclusivamente para

CETAV

e para fins de Censura. Sua apresentação em teatro, rádio, televisão, e outros meios de comunicação, depende do pagamento prévio dos direitos autorais.

P. Alegre, 20 de abril de 1970

S. B. A. T.

R. G. SUL SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569, P. 152

# O Pagador de Promessas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.153

Coleção
TEATRO HOJE
Direção de
DIAS GOMES
*Série Autores Nacionais:*
Volume 7

VOLUMES PUBLICADOS
*Série Autores Nacionais:*
Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar — SE CORRE O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME
Flávio Rangel e Millôr Fernandes — LIBERDADE, LIBERDADE, (2.ª ed.)
Dias Gomes — O SANTO INQUÉRITO
*Série Autores Estrangeiros:*
Bertolt Brecht — O SR. PUNTILA E SEU CRIADO MATTI, trad. de Millôr Fernandes

*Série Teoria e História:*
Paolo Chiarini — BERTOLT BRECHT

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS
*Série Autores Estrangeiros:*
Sófocles — ÉDIPO REI, trad. de Mário da Gama Kury

*Série Teoria e História:*
Bertolt Brecht — TEATRO DIALÉTICO
Erwin Piscator — TEATRO POLÍTICO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 154

DIAS GOMES

# O Pagador de Promessas

3ª EDIÇÃO

civilização
brasileira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.185

DO MESMO AUTOR:

(publicados por esta Editôra)

A INVASÃO e A REVOLUÇÃO DOS BEATOS — Coleção Vera Cruz

O BERÇO DO HERÓI — Coleção Vera Cruz

O SANTO INQUÉRITO — Coleção Teatro Hoje

(publicado na revista *Cláudia*)

ODORICO

*Montagem de capa:*
MARIUS LAURITZEN BERN

É proibida qualquer representação desta peça em Teatro, Rádio, Televisão, ou sua reprodução por quaisquer meios mecânicos, no original ou em adaptação, sem o consentimento do Autor.

*Copyright by Dias Gomes, Rio de Janeiro*
Direitos desta edição reservados à
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
*Rua 7 de Setembro, 97*
*Rio de Janeiro*

1967

Impresso no Brasil
*Printed in Brazil*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, R 156

# O PAGADOR DE PROMESSAS

obteve os seguintes prêmios:

Prêmio Nacional de Teatro, 1960 (I.N.L.)
Prêmio Governador do Estado, 1960 (S. Paulo)
Prêmio Melhor Peça Brasileira, 1960 — (A.P.C.T.)
Prêmio "Padre Ventura", 1962 (C.I.C.T.)
Prêmio Melhor Autor Brasileiro, 1962 — (A.B.C.T.)
Prêmio Govêrno do Estado da Guanabara, 1962
Laureada no III Festival Internacional de Teatro, em Kalsz, Polônia.

*Em versão cinematográfica*:

"Palma de Ouro", do Festival de Cannes, 1962
1º Prêmio do Festival de S. Francisco (EUA)
"Critic's Award" do Festival de Edimburgo, Escócia, 1962
1º Prêmio do Festival da Venezuela, 1962
Laureada no Festival de Acapulco, México, 1962
Prêmio "Saci", 1962 (São Paulo)
Prêmio Governador do Estado, 1962 — (S. Paulo)
Prêmio Cidade de São Paulo, 1962
Prêmio Humberto Mauro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 157

*Para*
*Janete, com amor.*
*Para Pascoal Longo*
*e Edison Carneiro.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569 P. 158

PERSONAGENS:

Zé-do-Burro
Rosa
Marli
Bonitão
Padre
Sacristão
Guarda
Beata
Galego
Minha tia
Repórter
Fotógrafo
Dedé Cospe-Rima
Secreta
Delegado
Mestre Coca
Monsenhor
Manoelzinho Sua-Mãe
e a Roda de Capoeira

Ação: Salvador
Época: atual

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569, P. 159

Aquêles que se comovem com a ternura de *O Idiota*, de Dostoiévski; aquêles que sentem o desamparo de *Woyzeck*, de Buchner; aquêles que sabem como é difícil afirmar-se a pureza e a inocência num mundo dominado pelas maquinações da linguagem — vão sofrer com o destino de Zé-do-Burro e aplaudir a profunda humanidade da peça *O pagador de promessas*. O dramaturgo baiano Dias Gomes impõe-se como um dos talentos mais legítimos do teatro brasileiro, anunciando sua revelação uma obra de rara qualidade. Agrada ao crítico surpreender num texto de teatro o verdadeiro ficcionista, que alia à virtude da criação de uma ótima estória o domínio dos meios cênicos.

Imaginem um homem que, para cumprir uma promessa, divide seu sítio com os lavradores pobres e carrega uma cruz no percurso de sete léguas, com o objetivo de depositá-la no interior de uma Igreja de Santa Bárbara. Como o padre não lhe permite o ingresso no templo, Zé-do-Burro, depois que é obrigado a esperar longamente que o abram, obstina-se em permanecer diante da porta, na esperança de que se convençam de seus propósitos santificados.

A dúvida religiosa era simples: a promessa fôra feita a Iansan, figura da crendice popular, que, embora sinônimo de

R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 160

Santa Bárbara, não participa exatamente da hagiografia cristã. O incidente criado assume, com o correr das horas, as proporções da cidade, e o pacato Zé-do-Burro torna-se vítima de uma tragédia, tanto no sentido das notas policiais da imprensa, como no técnico, dado ao gênero teatral. Uma bala precipitada liquida-o, ao fim do conflito. No mesmo espírito irônico manipulado pelos trágicos gregos, Zé-do-Burro, que não conseguira entrar vivo na igreja, é transportado morto ao seu interior, em cima da cruz que pretendera carregar. Mas é natural que se indague: por que o herói fêz tão estranha promessa? Por que teima em cumpri-la, até o fim, apesar de ter sido desobrigado por um ministro da Igreja? A resposta espantará, talvez, pela simplicidade: Zé-do-Burro quer agradecer a cura de Nicolau. Quem é Nicolau? Um burro, seu companheiro dileto, que não o largava hora nenhuma do dia ou da noite.

Não se considere ingênua ou inverossímil a trama, porque assenta num episódio estranho aos nossos hábitos civilizados. Zé-do-Burro é homem primário (simplório, se quiserem), natural do sertão da Bahia e pagando a promessa numa igreja de Salvador. Tôda a sua psicologia (se se deve chamar psicologia, sem pedantismo, às suas reações de criatura essencialmente popular e destituída de raciocínio complexo) se define pela crença na intervenção sobrenatural, que não permite depois, da parte dêle, recuo estratégico ou argumento sofista. Por nada dêste mundo deixaria de cumprir o compromisso assumido com a santa. A figura patética e pungente de Zé-do-Burro, que tem inexitável feitio cômico aos olhos profanos, é a mola para a configuração do universo teatral da peça. O autor joga muito bem com a falta de defesa do herói, numa situação em que desde logo se avolumam outros interêsses, para mostrar a desproteção do homem num mundo governado por fôrças que lhe são superiores. Acha-se implicado aí, sem dúvida, o próprio conceito de tragédia.

Os poderes que esmagam Zé-do-Burro não se definem como meros instrumentos opressores, mas têm a sua parte de razão, como convém a tôda peça que não se satisfaz com a dicotomia vilões-herói. Estranhamente, são Rosa, sua mulher, e o padre, que pela investidura religiosa deveria melhor compreendê-lo, que traçam o caminho da perda de Zé-do-Burro. Os outros coatores, que acabam por sufocar o protagonista,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.161

interpõem-se no entrêcho em conseqüência da falha inicial dêles. Não tivesse Rosa ingressado no mecanismo corrupto da cidade, defenderia com êxito o marido. Esquecesse o padre um pouco os preceitos teologais e se inspirasse verdadeiramente na caridade cristã, e evitaria que se consumasse a catástrofe. Está claro que *O pagador de promessas* constitui uma crítica ao formalismo clerical, que inscreve sob uma mesma rubrica problemas tão diferentes. O apêgo a certas aparências e o culto rigoroso da razão, em casos como o de Zé-do-Burro, tornam-se, inevitàvelmente, formas de intolerância, embora tudo se faça para negá-la. Essa intolerância erige-se, na peça, em símbolo da tirania de qualquer sistema organizado contra o indivíduo desprotegido e só. Em favor da atitude dos sacerdotes (que estão desdobrados em padre e monsenhor, para estabelecer-se a unidade da Igreja), diz, antes de mais nada, a tentativa de desobrigar Zé-do-Burro da promessa, conciliando o interêsse religioso com seu propósito obstinado. Desculpa o desfêcho, ademais, a cegueira comum diante dos acontecimentos inapeláveis. A maioria de nossas ações ou omissões traz potencialmente o germe dos resultados fatais. O cotidiano incumbe-se de mergulhá-las no território imenso das possibilidades irrealizadas, acinzentando as côres que se anunciavam vigorosas. A indolência do coração provoca, quase sempre, apenas o sentimento indefinido de uma oportunidade que se perdeu, de um caminho que não se explorou, ou a idéia menos cômoda e pouco freqüente de um destino frustrado, quando não a total impermeabilidade à presença do outro. Se as circunstâncias conduzem à catástrofe — que é ainda exceção, apesar das ordens injustas que governam o mundo — acorda-se já tarde, sem meios para sanar o processo destruidor. Aceita-se, por isso, que os ministros da Igreja, que não estão pintados como caricaturas da intolerância e da espessura mental, sejam o obstáculo à realização pacífica do herói. Não é fácil aos comparsas de uma comédia pressentir que ela se dirige para o desfêcho trágico.

As outras personagens, num texto que, pela sua natureza, precisaria fazer o levantamento de uma cidade, dificilmente fugiriam ao epíteto de "máscaras". Vai aí um elogio e uma restrição. Restrição quanto a um aspecto: a prostituta Marli, o Bonitão, a Beata, o comerciante Galego, o Repórter e o Secreta, entre outros, não se individualizam, como alguns

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, p. 162

dos seus próprios nomes o indicam. Não se distinguem da generalidade de idênticos tipos, armazenados no lugar comum da literatura. O autor serve-se das caracterizações amplas, que se bastam nos traços superficiais e estereotipados. O elogio decorre, paradoxalmente, dêsse procedimento: as personagens farsescas constituem um contraste com o destino trágico de Zé-do-Burro. Ora funcionando como côro, ora como veículo da perda do protagonista, formam o pano de fundo da coletividade, insensível ao drama do indivíduo. Sugerem, com razão, o comentário de Rosa: "vocês todos querem ajudar... ajudam mas é a desgraçar a vida da gente". O inconseqüente "baile de máscaras" se transforma, à medida que a ação progride, numa dança sinistra à volta do herói.

Analisando-se o entrecho do ponto de vista moral, é obrigatória a conclusão segundo a qual tôdas as personagens são culpadas da morte de Zé-do-Burro: a cidade inteira colabora no crime. Mesmo que a mulher e os sacerdotes sejam responsáveis num grau mais elevado, os figurantes anônimos, atraídos pela simples curiosidade, também contribuem para o desenlace, ao constituírem o cenário sem o qual as desavenças talvez se resolvessem em têrmos satisfatórios. Todos sabemos que as brigas alcançam maior gravidade na presença de testemunhas, instigadoras da vaidade e de outros sentimentos menores. A bisbilhotice também mata Zé-do-Burro. *O pagador de promessas* faz o inventário, com criteriosa seleção, das criaturas representativas do sistema opressor.

No mecanismo desencadeado, Zé-do-Burro serve de pretexto para as mais diferentes explorações. Em tôdas as esferas, repercute seu ânimo impávido. Bonitão vale-se do apêgo dêle ao burro para roubar-lhe a mulher. O Galego está satisfeito com o movimento criado na praça, porque significa mais negócios para a sua venda. O Repórter encontra excelente matéria para a manchete de primeira página. Uma casa comercial fornece tenda e colchão, eficaz recurso publicitário que não se disfarça com a excusa de minorar a canseira de Zé-do-Burro. O Secreta age contra êle, estimulado pelo dinheiro que lhe dá Bonitão. Adquire particular graça, nesse processo, o sensacionalismo deturpador da imprensa, personificada pelo Repórter. Depois de dirigir perguntas capciosas a Zé-do-Burro (respondidas com a inocência que, na

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.163

visão deformada de quem lida com as diversas facetas do oportunismo, só pode parecer esperteza superior), fixa na seguinte manchete o tímido herói: "O nôvo Messias prega a Revolução". O burburinho fictício, criado à volta de Zé-do-Burro, lembra-nos a cruel história da fita *A montanha dos sete abutres*.

Dá maior pungência à peça a simpatia que o espectador desde logo sente pelo herói. Dias Gomes foi hábil, tènicamente, ao fazer que o público adotasse a perspectiva de Zé-do-Burro e se solidarizasse com êle, na melancólica jornada. Para alcançar êsse resultado, coloca-o com a cruz, ao lado da mulher, no recesso da madrugada, longe ainda do alarido diurno. Podemos assim conhecer seus verdadeiros motivos, e com êle sofrer o absurdo do crime.

O problema atinge o pleno rendimento teatral pela concentração adotada. As unidades tradicionais eram imprescindíveis para que fôsse compacta a impressão de esmagamento. Do círculo privado, transfere-se a ação para o público, permitindo essa passagem que o conflito, que em outras circunstâncias se tornaria rarafeito, alimente contìnuamente os três atos. A própria cruz ganha, com o progredir das cenas, o sentido simbólico dos objetos prosaicos e presenças desconcertantes do teatro de vanguarda, como em *Comment s'en débarasser*, de Ionesco. Apenas aqui, acrescenta-se à trama o sabor irônico, por ser a cruz o objeto incômodo.

A capoeira, cuja utilização, numa peça passada em Salvador, poderia ser interpretada como desejo de pitoresco ou recurso ao folclórico, por falta de fôlego dramático, parece-nos justificável, na estrutura concebida. Além de ser dia de festa de Santa Bárbara, a multidão curiosa nunca se imobiliza num só sentimento. O interêsse, a compaixão e a solidariedade alternam-se com o cansaço e a indiferença, e é plausível que, a certa altura, se deixe Zé-do-Burro completamente de lado, e na pirotecnia gratuita dos movimentos lúdicos, até se tropece na cruz. A peça, entretanto, nunca se desvincula dos costumes regionais, e não envereda pela generalização abstratizante.

O diálogo vivo, sêco, pontilhando de efeitos cômicos insuspeitados, as deixas curtas, dinamiza o entrecho para que êle flua com necessidade e vença a possível monotonia da si-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0561, P164

tuação, que se equaciona desde o início e não mais se altera. Certamente Dias Gomes não esgotou tôdas as virtualidades da história e um pouco mais de carne sustentaria melhor a corporeidade cênica de algumas personagens. As virtudes do texto, contudo, são tão superiores, que não cabe insistir nas deficiências.

Uma das qualidades literárias das melhores peças brasileiras de nossos dias está exatamente no despojamento das procuras rebuscadas e na transposição realista da *linguagem* das várias classes e dos grupos sociais. Êsse caminho, iniciado em nosso moderno teatro por *Vestido de noiva*, continuou em *A moratória*, *A compadecida* e *Êles não usam black-tie*. *O pagador de promessas* inscreve-se nessa linha e traz novas fontes à tradição teatral que se vem criando, e de que êsses textos fornecem as principais coordenadas.

SÁBATO MAGALDI

Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 23-7-1960.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.165

# Nota do Autor

*O homem, no sistema capitalista, é um ser em luta contra uma engrenagem social que promove a sua desintegração, ao mesmo tempo que aparenta e declara agir em defesa de sua liberdade individual. Para adaptar-se a essa engrenagem, o indivíduo concede levianamente, ou abdica por completo de si mesmo.* O Pagador de Promessas *é a estória de um homem que não quis conceder — e foi destruído. Seu tema central é, assim, o mito da liberdade capitalista. Baseada no princípio da liberdade de escolha, a sociedade burguesa não fornece ao indivíduo os meios necessários ao exercício dessa liberdade, tornando-a, portanto, ilusória. Claro, há também a intolerância, o sectarismo, o dogmatismo, que fazem com que vejamos inimigos naqueles que, de fato, estão do nosso lado. Há, sobretudo, a falta de uma linguagem comum entre os homens. Tudo isso tornando impossível a dignidade humana. São peças da engrenagem homicida.*

*Como Zé do Burro, cada um de nós tem suas promessas a pagar. A Deus ou ao Demônio, a uma Idéia. Em uma palavra, à nossa própria necessidade de entrega, de afirmação. E cada um de nós tem pela frente o seu "Padre Olavo". Êle não é um símbolo de intolerância religiosa, mas de intolerân-*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.166

cia universal. Veste batina, podia vestir farda ou toga. É padre, podia ser dono de um truste. E Zé-do-Burro, crente do interior da Bahia, podia ter nascido em qualquer parte do mundo, muito embora o sincretismo religioso e o atraso social, que provocam o conflito ético, sejam problemas locais, façam parte de uma realidade brasileira. O Pagador de Promessas não é uma peça anticlerical — espero que isso seja entendido. Zé-do-Burro é trucidado não pela Igreja, mas por tôda uma organização social, na qual sòmente o povo das ruas com êle confraterniza e a seu lado se coloca, inicialmente por instinto e finalmente pela conscientização produzida pelo impacto emocional de sua morte. A invasão final do templo tem nítido sentido de vitória popular e destruição de uma engrenagem da qual, é verdade, a Igreja, como instituição, faz parte.

O Pagador de Promessas é uma fábula. Sua estória é inteiramente imaginária, não obstante esteja tôda ela construída sôbre elementos folclóricos ou sociológicos que exprimem uma realidade. O sincretismo religioso que dá motivo ao drama é fato comum nas regiões brasileiras que, ao tempo da escravidão, receberam influências de cultos africanos. Não podendo praticar livremente êsses cultos, procuravam os escravos burlar a vigilância dos senhores brancos, fingindo cultuar santos católicos, quando, na verdade, adoravam deuses nagôs. Assim, buscavam uma correspondência entre êstes e aquêles — Oxalá (o maior dos orixás) identificou-se com Nosso Senhor do Bonfim, o santo de maior devoção da Bahia. Oxossi, deus da caça, achou o seu símile em São Jorge, Exu, orixá malfazejo, foi equiparado ao diabo cristão. E assim por diante. Por isso, várias festas católicas, na Bahia (como em vários Estados do Brasil), estão impregnadas de fetichismo, com danças, jogos e cantos de origem africana. Entre elas a de Santa Bárbara (Iansan na mitologia negra) que serve de cenário ao drama. É evidente que a Igreja Católica reage a êsse sincretismo. E a posição de Padre Olavo é perfeitamente lógica, dentro dos princípios de defesa da religião cristã, muito embora revele uma intolerância também inerente a êsse culto.

Mas o que nos interessa não é o dogmatismo cristão, a intolerância religiosa — é a crueldade de uma engrenagem social construída sôbre um falso conceito de liberdade. Zé-do-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.167

*Burro, por definição, é um homem livre. Por definição, apenas. O que nos importa é a exploração de que êle é vítima — exploração que constitui também um dos alicerces da sociedade em que vivemos.*

O Pagador de Promessas *nasceu, principalmente, dessa consciência que tenho de ser explorado e impotente para fazer uso da liberdade que, em princípio, me é concedida. Da luta que travo com a sociedade, quando desejo fazer valer o meu direito de escolha, para seguir o meu próprio caminho e não aquêle que ela me impõe. Do conflito interior em que me debato permanentemente, sabendo que o preço da minha sobrevivência é a prostituição total ou parcial. Zé-do-Burro faz aquilo que eu desejaria fazer — morre para não conceder. Não se prostitui. E sua morte não é inútil, não é um gesto de afirmação individualista, porque dá consciência ao povo, que carrega o seu cadáver como bandeira.*

*D. G.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 168

# Primeiro Ato

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 169

# PRIMEIRO QUADRO

*Uma pequena praça, onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da ribalta, outra à esquerda, ao fundo, de frente para a platéia, subindo, enladeirada e sinuosa, no perfil de velhos sobrados coloniais. Na esquina da rua da direita, vemos a fachada de uma igreja relativamente modesta, com uma escadaria de quatro ou cinco degraus. Numa das esquinas da ladeira, do lado oposto, há uma vendola, onde também se vende café, refrêsco, cachaça, etc.; a outra esquina da ladeira é ocupada por um sobrado cuja fachada forma ligeira barriga pelo acúmulo de andares não previsto inicialmente. O calçamento da ladeira é irregular e na fachada dos sobrados vêem-se alguns azulejos estragados pelo tempo. Enfim, é uma paisagem tipicamente baiana, da Bahia velha e colonial, que ainda hoje resiste à avalanche urbanística moderna.*

*Devem ser, aproximadamente, quatro e meia da manhã. Tanto a igreja como a vendola estão com suas portas cerradas. Vem de longe o som dos atabaques dum candomblé distante, no toque de Iansan. Decorrem alguns segundos até que Zé-do-Burro surja, pela rua da direita, carregando nas costas uma enorme e pesada cruz de madeira. A passos lentos,*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.170

*cansado, entra na praça, seguido de Rosa, sua mulher. Êle é um homem ainda môço, de 30 anos presumíveis, magro, de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um "quê" de infantilidade. Seus gestos são lentos, preguiçosos, bem como sua maneira de falar. Tem barba de dois ou três dias e traja-se decentemente, embora sua roupa seja mal talhada e esteja amarrotada e suja de poeira. Rosa parece pouco ter de comum com êle. É uma bela mulher, embora seus traços sejam um tanto grosseiros, tal como suas maneiras. Ao contrário do marido, tem "sangue quente", revelando, logo à primeira vista, uma insatisfação sexual e uma ânsia recalcada de romper com o ambiente em que se sente sufocar. Veste-se como uma provinciana que vem à cidade, mas também como uma mulher que não deseja ocultar os encantos que possui.*

*Zé-do-Burro vai até o centro da praça e aí pousa a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está exausto. Enxuga o suor da testa.*

---

ZÉ

*(Olhando a igreja)* É essa. Só pode ser essa.

*Rosa pára também, junto aos degraus, cansada, enfastiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma.*

ROSA

E agora? Está fechada.

ZÉ

É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

ROSA

Esperar? Aqui?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 171

ZÉ

Não tem outro jeito.

ROSA

*(Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato)*. Estou com cada bôlha dágua no pé que dá mêdo.

ZÉ

Eu também. *(Num ritus de dor, despe uma das mangas do paletó)* Acho que os meus ombros estão em carne viva.

ROSA

Bem feito. Você não quis botar almofadinhas, como eu disse.

ZÉ

*(Convicto)* Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinhas.

ROSA

Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.

ZÉ

Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.

ROSA

Não usou porque não deixaram.

ZÉ

Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez

R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0561, P. 172

o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: — Ah, você é o Zé-do-Burro, aquêle que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.

ROSA

Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta? Já não chega?...

ZÉ

Sei não... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia.

*Êle sobe um ou dois degraus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição.*

ROSA

Que é que você está procurando?

ZÉ

Qualquer coisa escrita... pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.

ROSA

E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?

ZÉ

É que pode não ser essa.

ROSA

Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse? Uma igreja pequena, numa praça, perto duma ladeira...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 173

ZÉ

*(Corre os olhos em volta)* Se a gente pudesse perguntar a alguém...

ROSA

Essa hora está todo o mundo dormindo. *(Olha-o quase com raiva)*. Todo o mundo... menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. *(Levanta-se e procura convencê-lo)* Escute, Zé... já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama?...

ZÉ

E a cruz?

ROSA

Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia...

ZÉ

Podem roubar...

ROSA

Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus? Pra que serve uma cruz?

ZÉ

Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou: se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de nôvo com ela nas costas da roça até aqui. Sete léguas.

ROSA

Pra quê? Você explicava à santa que tinha sido roubado, ela não ia fazer questão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.174

ZÉ

É o que você pensa. Quando você vai pagar uma conta no armarinho e perde o dinheiro no caminho, o turco perdoa a dívida? Uma ova!

ROSA

Mas você já pagou a sua promessa, já trouxe uma cruz de madeira da roça até à igreja de Santa Bárbara. Está aí a igreja de Santa Bárbara, está aí a cruz. Pronto. Agora, vamos embora.

ZÉ

Mas aqui não é a igreja de Santa Bárbara. A igreja é da porta pra dentro.

ROSA

Oxente! Mas a porta está fechada e a culpa não é sua. Santa Bárbara deve saber disso, que diabo.

ZÉ

*(Pensativo)* Só se eu falasse com ela e explicasse a situação.

ROSA

Pois então... fale!

ZÉ

*(Ergue os olhos para o céu, medrosamente e chega a entreabrir os lábios, como se fôsse dirigir-se à santa. Mas perde a coragem)* Não, não posso.

ROSA

Por quê, homem?! Santa Bárbara é tão sua amiga... Você não está em dia com ela?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.175

ZÉ

Estou, mas êsse negócio de falar com santo é muito complicado. Santo nunca responde em língua de gente, não se pode saber o que êle pensa. E além do mais, isso também não é direito. Eu prometi levar a cruz até dentro da igreja, tenho que levar. Andei sete léguas. Não vou me sujar com a santa por causa de meio metro.

ROSA

E pra você não se sujar com a santa, eu vou ter que dormir no chão, no "hotel do padre". *(Olha-o com raiva e vai deitar-se num dos degraus da escada da igreja)* E se tudo isso ainda fôsse por alguma coisa que valesse a pena...

ZÉ

Você podia não ter vindo. Quando eu fiz a promessa, não falei em você, só na cruz.

ROSA

Agora você diz isso. Dissesse antes.

ZÉ

Não me lembrei. Você também não reclamou...

ROSA

Sou sua mulher. Tenho que ir pra onde você fôr.

ZÉ

Então...

*Rosa ajeita-se da melhor maneira possível no degrau, enquanto Zé-do-Burro, não menos cansado do que ela, faz um esfôrço sôbre-humano para não adormecer. Cochila, montando guarda à sua cruz. Sùbitamente, irrompem na praça Marli*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569, P. 176

*e Bonitão. Ela tem, na realidade, vinte e oito anos, mas aparenta mais dez. Pinta-se com algum exagêro, mas mesmo assim não consegue esconder a tez amarelo-esverdeada. Possui alguns traços de uma beleza doentia, uma beleza triste e suicida. Usa um vestido muito curto e decotado, já um tanto gasto e fora de moda, mas ainda de bom efeito visual. Seus gestos e atitudes refletem o conflito da mulher que quer libertar-se de uma tirania que, no entanto, é necessária ao seu equilíbrio psíquico — a exploração de que é vítima por parte de Bonitão vem, em parte, satisfazer um instinto maternal frustrado. Há em seu amor e em seu aviltamento, em sua degradação voluntária, muito de sacrifício maternal, ao qual não falta, inclusive, um certo orgulho. Bonitão é insensível a tudo isso. Êle é frio e brutal em sua "profissão". Encara a exploração a que submete Marli e outras mulheres, como um direito que lhe assiste, ou melhor, um dom que a natureza lhe concedeu, juntamente com seus atributos físicos. Em seu entender, sua beleza máscula e seu vigor sexual, aliados a um direito natural de subsistir, justificam plenamente seu modo de vida. É de estatura um pouco acima da média, forte e de pele trigueira, amulatada. A ascendência negra é visível, embora os cabelos sejam lisos, reluzentes de gomalina e os traços regulares, com exceção dos lábios grossos e sensuais e das narinas um tanto dilatadas. Veste-se sempre de branco, colarinho alto, sapatos de duas côres. Descem a ladeira, ela na frente, a passos rápidos. Êle a segue, como se viessem já de uma discussão.*

BONITÃO

Espere. Não adianta andar depressa.

MARLI

É melhor discutirmos isso em casa.

BONITÃO

*(Alcança-a e obriga a parar torcendo-lhe violentamente o braço)* Não, vamos resolver aqui mesmo. Não tenho nada que discutir com você.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.177

MARLI

*(Livra-se dêle com um safanão, mas seu rosto se contrai dolorosamente)* Estúpido!

BONITÃO

Ande, vamos deixar de mas-mas. Passe pra cá o dinheiro.

MARLI

*(Tira do bôlso do vestido um maço de notas e entrega a êle)* Não podia esperar até chegar em casa?

BONITÃO

*(Conta as notas, ràpidamente)* Só deu isto?

MARLI

Só. A noite hoje não foi boa. Você viu, o "castelo" estava vazio.

BONITÃO

E aquêle galego que estava conversando com você quando cheguei?

MARLI

Um boa-conversa. Queria se fretar comigo. Ficou mangando a noite tôda e não se resolveu...

BONITÃO

*(Mete sùbitamente a mão no decote de Marli e tira de entre os seios uma nota)* Sua vaca!

*Êle faz menção de dar-lhe um bofetão, ela corre e refugia-se atrás da cruz. Zé-do-Burro desperta de sua semi-sonolência.*

R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.178

MARLI

Eu precisava dêsse dinheiro. Pra pagar o quarto, você sabe.

BONITÃO

Não gosto de ser tapeado. Por quê não pediu?

MARLI

E você dava?

BONITÃO

Claro que não. *(Guarda o dinheiro na carteira)* Isso ia fazer falta no meu orçamento. Tenho compromissos e você bem sabe que não gosto de pedir dinheiro emprestado. É uma questão de feitio.

MARLI

E eu, que faço pra pagar o quarto? Já devo dois meses e a dona anda me olhando atravessado.

BONITÃO

*(Indiferente)* É um problema seu. Tenho muita coisa em que pensar.

MARLI

Eu sei, eu sei no que você pensa...

BONITÃO

*(Sorri e há em seu sorriso uma sombra de ameaça)* Penso, por exemplo, que você, de três meses pra cá, está fazendo muito pouco. A Matilde está fazendo quase o dôbro...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.179

MARLI

*(Compreende a ameaça, avança para êle sacudida pelo ciúme e pelo receio de perdê-lo)* Eu sei, você está dando em cima daquela arreganhada. Ela mesma anda dizendo.

BONITÃO

Eu não dou em cima de mulher nenhuma, você sabe disso. É uma questão de princípios.

MARLI

Quer dizer que é ela quem está dando em cima de você!

BONITÃO

Ela perguntou se eu estava precisando de dinheiro.

MARLI

*(Ansiosamente)* E você?...

BONITÃO

Eu só pedi umas informações de ordem técnica: arrecadação diária, etc...

MARLI

*(Agarra-o frenèticamente pelos braços)* Bonitão, você não aceitou o dinheiro dela, aceitou?! Você não aceitou o dinheiro daquela vagabunda!

BONITÃO

*(Olha-a friamente)* E que tinha, se aceitasse? Eu também preciso viver.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0565,P.180

MARLI

O que eu lhe dou não chega?

BONITÃO

Você compreende, eu também tenho ambições. Se eu não tivesse qualidades, bem. Mas eu sei que tenho qualidades. É justo que viva de acôrdo com essas qualidades.

MARLI

Mas o que lhe falta? Eu não tenho lhe dado tudo que você me pede? Se fôr preciso, dou mais ainda. Não pense que é por mêdo de que você me largue pela Matilde, não. *(Alisa sua roupa e admira-o, maternalmente)* É porque tenho prazer em ver você vestido com a roupa que eu dei, com os sapatos que eu comprei e com a carteira recheada de notas que eu ganhei pra você. Tenho orgulho, sabe?

BONITÃO

*(Desvencilha-se dela)* Pois então veja se na próxima vez não esconde dinheiro no decote. Tenho certeza de que a Matilde não é capaz de um gesto feio dêsses.

MARLI

Ela é capaz de coisas muito piores. Se você quiser, eu lhe conto...

BONITÃO

*(Bruscamente)* Não quero ouvir nada. Quero é que você vá pra casa.

MARLI

*(Decepcionada)* Você não vai comigo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 181

BONITÃO

Não, vou ficar um pouco mais por aqui. Vá na frente que daqui a pouco eu apareço por lá.

MARLI

*(Enciumada)* E o que é que você vai ficar fazendo na rua a uma hora dessas?

BONITÃO

*(Com muita seriedade)* Ora, mulher, eu preciso trabalhar! *(Acende um cigarro, abstraindo-se da presença de Marli, que o fita como a um cão escorraçado pelo dono. Só então êste se mostra intrigado com a cruz no meio da praça. Examina-a curiosamente e por fim dirige-se a Zé-do-Burro)* É sua?

*Zé balança a cabeça em sinal afirmativo. Marli vai até à escada da igreja, senta-se num degrau, sem se incomodar com Rosa, deitada mais acima, tira os sapatos e movimenta os dedos doloridos.*

BONITÃO

*(Nota a igreja, faz uma associação de idéias)* Encomenda?

ZÉ

Não, promessa.

BONITÃO

*(A princípio parece não entender, depois ri)*. Gozado.

ZÉ

Não acho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 182

BONITÃO

Não falei por mal. Eu também sou meio devoto. Até uma vez fiz promessa pra Santo Antônio...

ZÉ

Casamento?

BONITÃO

Não, ela era casada.

ZÉ

E conseguiu a graça?

BONITÃO

Consegui. O marido passou uma semana viajando...

ZÉ

E o senhor pagou a promessa?

BONITÃO

Não, pra não comprometer o santo.

ZÉ

Nunca se deve deixar de pagar uma promessa. Mesmo quando é dessas de comprometer o santo. Garanto que da próxima vez Santo Antônio vai se fingir de surdo. E tem razão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 056 4/P. 183

BONITÃO

O senhor compreende, Santo Antônio ia ficar mal se soubessem que foi êle quem fêz o trouxa viajar. *(Nota que Marli ainda não se foi)* Que é que você ainda está fazendo aí?

MARLI

Esperando você.

BONITÃO

*(Vai a ela)* Já lhe disse que vou depois. Vai ficar agora grudada em mim?

MARLI

*(Levanta-se)* Escute, Bonitão... você não podia deixar eu ficar ao menos com aquela nota?

BONITÃO

Já lhe disse que não. Não insista.

MARLI

Mas eu preciso pagar o quarto!

BONITÃO

O quarto é seu, não é meu.

MARLI

Mas o dinheiro é meu. É justo que eu fique ao menos com algum.

BONITÃO

É justo por quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569, P.184

MARLI

Porque fui eu que trabalhei.

BONITÃO

E desde quando trabalhar dá direito a alguma coisa? Quem lhe meteu na cabeça essas idéias? *(Olha-a de cima a baixo, com desconfiança)* Está virando comunista?

*Marli fita-o com ódio e sai bruscamente pela direita. Bonitão acompanha-a com o olhar e depois sorri, tira o dinheiro do bôlso e torna a contá-lo.*

ZÉ

*(Cândidamente)* Êsse dinheiro... é dela mesmo?

BONITÃO

*(Guarda o dinheiro)* Bem, esta é uma maneira de olhar as coisas. E tôda coisa tem pelo menos duas maneiras de ser olhada. Uma de lá prá cá, outra, de cá pra lá. Entendeu?

ZÉ

Não...

BONITÃO

Não vale a pena explicar. É uma questão de sensibilidade.

ZÉ

O senhor é... marido dela?

BONITÃO

Não, sou assim uma espécie de fiscal do impôsto de renda. *(Sobe, como se fôsse sair, mas se detém diante de Rosa, cujo vestido, levantado, deixa ver um palmo de coxa)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.185

ROSA

*(Abre os olhos, sentindo que está sendo observada)* Que é?

BONITÃO

Nada... estava só olhando...

*Rosa conserta o vestido.*

BONITÃO

Não deve ser lá muito confortável essa cama...

*Rosa olha-o com raiva.*

BONITÃO

*(Olha-a mais detidamente)* E olhe que você bem merece coisa melhor.

ROSA

Diga isso a êle. *(Aponta Zé-do-Burro)*

BONITÃO

A êle?

ROSA

Meu marido.

BONITÃO

Ah, você também veio pagar promessa...

ROSA

Eu não, êle. E por causa dêle estou dormindo aqui, no batente de uma igreja, como qualquer mendiga. *(Senta-se)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.182

ZÉ

Não deve faltar muito para abrir a igreja. O senhor sabe que horas são?

BONITÃO

*(Consulta o relógio)* Um quarto para as cinco.

ZÉ

Sabe a que horas abre a igreja?

BONITÃO

Não, não é bem o meu ramo.

ZÉ

Mas às seis horas deve ter missa. Hoje é dia de Santa Bárbara...

ROSA

*(Ressentida)* Às seis horas. Tenho que agüentar mais de uma hora ainda neste batente duro. E a promessa não é minha!

BONITÃO

É capaz da porta da sacristia já estar aberta.

ZÉ

O senhor acha?

BONITÃO

Padre acorda cedo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.187

ZÉ

Às cinco horas?

BONITÃO

Então; tem que se preparar para a missa das seis.

ZÉ

É verdade.

BONITÃO

Por quê o senhor não vai ver?

ZÉ

É... *(Hesita um pouco)*

BONITÃO

A porta é do lado de lá.

ZÉ

Rosa, você vigia a cruz, eu vou dar a volta, não demoro. *(Sai)*

BONITÃO

Pode ir sem susto que eu ajudo a tomar conta de sua cruz. *(Depois que Zé-do-Burro sai)* Das duas.

ROSA

Só que uma êle carrega nas costas e a outra... se quiser que vá atrás dêle. *(Levanta-se)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 188

BONITÃO

E você não é mulher para andar atrás de qualquer homem... Ao contrário, é uma cruz que qualquer um carrega com prazer.

ROSA

*(Com recato, mas no fundo envaidecida)* Ora, me deixe.

BONITÃO

Palavra. Seu marido não lhe faz justiça. Isso não é trato que se dê a uma mulher, mesmo sendo mulher da gente.

ROSA

Se êle faz pouco de mim, faz pouco do que é dêle.

BONITÃO

Não discuto. Só acho que você não é mulher para dormir em batente de igreja. Tem qualidades pra exigir mais: boa cama, com colchão e melhor companhia.

ROSA

Não fale em cama pra quem tem o corpo moído, como eu.

BONITÃO

Tão cansada assim?

ROSA

Duas noites sem dormir, sete léguas no calcanho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.189

BONITÃO

Sete léguas? Quantos quilômetros?

ROSA

Sei lá... Só sei que sete vêzes amaldiçoei aquêle dia em que fui roubar caju com êle na roça dos padres.

BONITÃO

Ah, foi assim...

ROSA

A gente faz cada besteira.

BONITÃO

Quanto tempo faz?

ROSA

Oito anos.

BONITÃO

E você casou com êle?

ROSA

Casei.

BONITÃO

Sem gostar?

ROSA

*(Depois de um tempo)* Gostava, sim. Sabe, na roça, o homem é feio, magro, sujo e mal vestido. Êle até que era dos melhores. Tinha um sítio...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.190

BONITÃO

E daí?

ROSA

Daí, eu achei que êle garantia tudo que eu queria da vida: homem e casa. A gente quando é franga, com licença da palavra, tem merda na cabeça.

BONITÃO

*(Algo interessado)* Êle tem um sítio, é?

ROSA

Tinha, agora tem só um pedaço. Dividiu o resto com os lavradores pobres.

BONITÃO

Por quê?

ROSA

Fazia parte da promessa.

BONITÃO

Que é que está esperando? Virar santo?

ROSA

Não brinque. Pelo caminho tinha uma porção de gente querendo que êle fizesse milagre. E não duvide. Êle é capaz de acabar fazendo. Se não fôsse a hora, garanto que tinha uma romaria aqui, atrás dêle.

BONITÃO

Depois de cumprir a promessa, êle vai voltar pra roça?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.191

ROSA

Vai.

BONITÃO

E você?

ROSA

Também. Por quê?

BONITÃO

Se você viesse pra cidade, eu podia lhe garantir um bonito futuro...

ROSA

Fazendo o quê?

BONITÃO

Isso depois se via.

ROSA

Eu não sei fazer nada.

BONITÃO

*(Segura-a por um braço)* Mulheres com você não precisam saber coisa alguma, a não ser o que a natureza ensinou...

*Rosa puxa o braço bruscamente, depois de manter, por alguns segundos, um olhar de desafio.*

ROSA

Não faça isso! Êle pode voltar de repente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.192

BONITÃO

Êle deve ter ido acordar o padre. *(Volta a aproximar-se dela)*

ROSA

*(Desvencilha-se dêle novamente)* Me solte. *(Volta a sentar-se na escada)* Eu queria era dormir. Dava a vida por uma cama, com um lençol branco, e uma bacia dágua quente onde meter os pés.

BONITÃO

Eu posso lhe arranjar um hotelzinho aqui perto.

*Rosa lança-lhe um olhar hostil.*

BONITÃO

Isso sem segundas intenções, só pra você dormir, descansar dessa romaria.

ROSA

Não quero me meter em encrencas.

BONITÃO

Não há nenhum perigo de encrenca. Sou muito cotado com o porteiro do hotel e tenho boas relações com a polícia. Nesta zona, todos respeitam o Bonitão.

ROSA

*(Quase sensualmente)* Bonitão...

BONITÃO

*(Vaidoso)* É um apelido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.193

ROSA

*(Olha-o de cima a baixo).*

BONITÃO

*(Senta-se junto dela).*

ROSA

Não chegue perto, estou muito suada.

BONITÃO

No hotel tem banheiro. Para quem andou sete léguas, um banho de chuveiro e depois uma cama com colchão de mola...

ROSA

Colchão de mola mesmo?

BONITÃO

Então...

ROSA

Nunca dormi num colchão de mola. Deve ser bom.

BONITÃO

Uma delícia.

*Entra Zé-do-Burro pela direita. Bonitão levanta-se.*

ZÉ

Tudo fechado. Tem jeito não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567,P.194

ROSA

*(Revoltada)* E eu que agüente êste batente duro até Deus sabe lá que horas.

ZÉ

Paciência, Rosa. Seu sacrifício fica valendo.

ROSA

Pra quem? Pra Santa Bárbara? Eu não fiz promessa nenhuma.

ZÉ

Oxente! Melhor ainda. Amanhã, quando você fizer, a santa já está lhe devendo.

ROSA

Nunca vi santo pagar dívida. *(Volta a deitar-se no degrau)*

BONITÃO

*(Assumindo um ar tão eclesiástico quanto possível)* A senhora faz mal em ser tão descrente. Quem sabe se Santa Bárbara já não está providenciando o pagamento dessa dívida? E quem sabe se não escolheu a mim pra pagador?

ZÉ

*(Muito ingênuamente)* O senhor não era fiscal do impôsto de renda? Agora é pagador de Santa Bárbara...

BONITÃO

Meu caro, com o custo de vida aumentando dia a dia, a gente tem que se virar. Mas não é êsse o caso. Digo que Santa Bárbara já deve estar tratando de liquidar o débito

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.195

hoje contraído com sua senhora, porque me fêz passar por aqui esta noite.

ZÉ

Não vejo nada de mais nisso.

BONITÃO

Porque o senhor não sabe que eu posso, em cinco minutos, arranjar uma boa cama, com colchão de mola, num hotel perto daqui.

ZÉ

Pra ela?

BONITÃO

E pro senhor também.

ZÉ

Eu não posso. Tenho que esperar abrir a igreja. Se soubesse que não iam roubar a cruz...

BONITÃO

*(Ràpidamente)* Oh, não, a cruz não deve ficar sòzinha. Esta zona está cheia de ladrões. A cruz é de madeira e a madeira está caríssima.

ZÉ

É o que eu acho. Não devo sair daqui.

BONITÃO

Mas eu posso ficar tomando conta, enquanto o senhor e sua senhora vão descansar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.196

ZÉ

O senhor?

BONITÃO

E por quê não?

ZÉ

Mas a igreja pode demorar a abrir. Pelo menos uma hora ainda.

BONITÃO

Eu espero. Sua espôsa me contou a caminhada que fizeram, o senhor carregando nas costas essa cruz através de léguas e léguas, para cumprir uma promessa. Isso me comoveu.

ZÉ

Mas não é justo. Não foi o senhor quem fêz a promessa.

ROSA

Êle está querendo ajudar, Zé.

ZÉ

Mas não é direito. Eu prometi cumprir a promessa sòzinho, sem ajuda de ninguém. E essa história de dormir no hotel não está no trato.

BONITÃO

E sua senhora está no trato?

ZÉ

Rosa? Não, ela pode ir.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.197

BONITÃO

Nesse caso, se quiser que eu leve sua senhora... Ao menos ela descansa enquanto espera pelo senhor.

ZÉ

Você quer, Rosa? Quer ir esperar por mim no hotel? *(Volta-se para Bonitão)* É hotel decente?

BONITÃO

*(Fingindo-se ofendido)* Ora, o senhor acha que eu ia indicar...

ZÉ

Desculpe, é que sempre ouvi dizer que aqui na cidade...

BONITÃO

Pode confiar em mim.

ZÉ

É longe daqui?

BONITÃO

Não, basta subir aquela ladeira...

ZÉ

Que é que você diz, Rosa?

ROSA

*(Percebendo o jôgo de Bonitão)* Quero não, Zé. Prefiro ficar aqui com você.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.198

ZÉ

Inda agora mesmo você estava se queixando.

BONITÃO

Não é pra menos. Deve estar exausta. Sete léguas.

ZÉ

Afinal de contas, você tem razão, a promessa é minha, não é sua. Vá com o môço, não tenha acanhamento.

BONITÃO

Eu vou com ela até lá, apresento ao porteiro, que é meu conhecido — sim, porque uma mulher sòzinha, o senhor sabe, êles não deixam entrar — depois volto para lhe dizer o número do quarto. Daqui a pouco, depois de cumprir a sua promessa, o senhor vai pra lá.

ZÉ

Se o senhor fizesse isso, era um grande favor. Eu não posso me afastar daqui.

BONITÃO

Nem deve. Primeiro, Santa Bárbara.

ROSA

Zé, é melhor eu ficar com você.

ZÉ

Pra quê, Rosa? Assim você vai logo descansar numa boa cama, não precisa ficar aí deitada nesse batente frio.

BONITÃO

Um perigo! Pode pegar uma pneumonia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.056 4,P.199

ROSA

*(Inicia a saída. Pára, hesitante. Pressente o perigo que vai correr. Procura, com o olhar, fazer Zé-do-Burro compreender o seu receio)* Zé...

ZÉ

Ah, sim. *(Enfia a mão no bôlso, tira um maço de notas)* Pode ser que precise pagar adiantado...

ROSA

*(Recebe o dinheiro. Magoada com a falta de ciúmes do marido)* Talvez seja melhor, depois de entregar a cruz, você mandar também rezar uma missa em ação de graças...

ZÉ

*(Levando a sério a sugestão)* É, não é má idéia.

*Rosa sobe a ladeira e Bonitão a segue.*

BONITÃO

*(Saindo)* Volto num minuto.

ZÉ

Está bem.

*Senta-se ao pé da cruz e procura uma meneira de apoiar o corpo sôbre ela. Aos poucos, é vencido pelo sono. As luzes se apagam em resistência.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564/P. 200

## SEGUNDO QUADRO

*As luzes voltam a acender-se, lentamente, até dia claro. Ouvem-se, distante, ruídos esparsos da cidade que acorda. Um ou outro buzinar, foguetes estouram saudando Iansan, a Santa Bárbara nagô, e o sino da igreja começa a chamar para a missa das seis. Mas nada disso acorda Zé-do-Burro. Entra, pela ladeira, a Beata. Tôda de prêto, véu na cabeça, passinho miúdo, vem apressada, como se temesse chegar atrasada. Passa por Zé-do-Burro e a cruz sem notá-los. Pára diante da escada e resmunga.*[1]

---

BEATA

Porta fechada. É sempre assim. A gente corre, com mêdo de chegar atrasada e quando chega aqui a porta está fechada. Por que não abrem primeiro a porta, pra depois tocar o sino? Não, primeiro tocam o sino, depois abrem a porta. Isso é êsse sacristão. *(Pára de resmungar ao ver a cruz. Ajeita os óculos, como se não acreditasse no que está vendo. Aproxima-se e examina detalhadamente a cruz e o seu dono ador-*

[1] Fica a critério da direção utilizar neste quadro figurantes que descerão a ladeira e entrarão na igreja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569.P.201

*mecido. Sua expressão é da maior estranheza)* Virgem Santíssima!

*Neste momento, abre-se a porta da igreja e surge o Sacristão. É um homem de perto de 50 anos. Sua mentalidade, porém, anda aí pelos quatorze. Usa óculos de grossas lentes, é míope. O cabelo teima em cair-lhe na testa, acentuando a aparência de retardado mental. Êle parece bêbedo de sono. Boceja largamente, ruidosamente, depois de abrir a primeira banda da porta. Espreguiça-se e solta um longo gemido. Depois que abre tôda a porta, encosta-se por um momento no portal e cochila, sem dar pela Beata, que se aproxima.*

BEATA

*(Dá-lhe uma leve cotovelada)* Ei, rapaz...

SACRISTÃO

*(Desperta muito assustado)* Sim, Padre, já vou!...

BEATA

Que padre coisa nenhuma.

SACRISTÃO

Ah, é a senhora...

BEATA

Vou me queixar ao Padre Olavo dessa sua mania de bater o sino antes de abrir a porta da igreja. Eu ouço o toque, venho pondo as tripas pela bôca, chego aqui, e a porta ainda está fechada.

SACRISTÃO

Também por quê a senhora vem logo na missa das seis? Por que não vem mais tarde?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564.P.202

BEATA

Porque quero. Por que não é da sua conta. (*Aponta para a cruz)* Que é isso?

SACRISTÃO

Isso o quê?

BEATA

Está vendo não? Uma cruz enorme no meio da praça...

SACRISTÃO

*(Apura a vista)* Ah, sim... agora percebo... É uma cruz de madeira... e parece que há um homem dormindo junto dela.

BEATA

Vista prodigiosa a sua! Claro que é uma cruz de madeira e que há um homem junto dela. O que eu quero saber é a razão disso.

SACRISTÃO

Não sei. Como quer que eu saiba? Por que a senhora não pergunta a êle?

BEATA

*(Bruscamente)* Eu é que não vou perguntar coisa nenhuma!

SACRISTÃO

Talvez êle tenha desgarrado da procissão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 203

BEATA

Que procissão? de Santa Bárbara? A procissão ainda não saiu. E já viu alguém carregar cruz em procissão? Nem na do Senhor Morto. *(Benze-se e entra apressadamente na igreja)*

*O Sacristão aproxima-se de Zé-do-Burro, curioso. É quando entra Bonitão, pela ladeira. Êle vê a igreja aberta, estranha.*

BONITÃO

Oxente...

SACRISTÃO

*(Olha-o aparvalhado)* É uma cruz mesmo...

BONITÃO

E que pensou você que fôsse? Um canhão? *(Aproxima-se de Zé do Burro)* Sono de pedra... Não acordou nem com os foguetes de Santa Bárbara. Dizem que é assim que dormem as pessoas que têm a consciência tranqüila e a alma leve. *(Cínico)* Eu também sou assim, quando caio na cama é um sono só. *(Sacode Zé-do-Burro)* Camarado... oh, meu camarado!

ZÉ

*(Desperta)* Oh, já é dia...

BONITÃO

Já. E a igreja já está aberta, você pode entregar o carreto.

ZÉ

*(Levanta-se, com dificuldade, os músculos adormecidos e doloridos)* É verdade...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.204

BONITÃO

Eu voltei aqui pra lhe dizer o número do quarto de sua mulher. É o 27. Um bom quarto, no segundo andar. *(Apressadamente)* Pelo menos foi o que o porteiro me garantiu.

ZÉ

Ah, obrigado.

BONITÃO

O hotel é aquêle ali, o primeiro, logo depois de subir a ladeira e dobrar à direita. Hotel Ideal. Eu demorei um pouco porque fiquei jogando damas com o porteiro.

SACRISTÃO

*(Interessado)* Ganhou?

BONITÃO

Empatamos.

SACRISTÃO

Ah, eu também sou louco por damas!

BONITÃO

*(Examina-o de cima a baixo)* Francamente, ninguém diz...

*Padre Olavo surge na porta da igreja.*

SACRISTÃO

*(Como se tivesse sido surpreendido em falta)* Padre Olavo!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.205

ZÉ

Preciso falar com êle.

*Sacristão dirige-se apressadamente à igreja. Pára na porta, ante o olhar intimidador de Padre Olavo. É um padre môço ainda. Deve contar, no máximo, quarenta anos. Sua convicção religiosa aproxima-se do fanatismo. Talvez, no fundo, isto seja uma prova de falta de convicção e uma auto-defesa. Sua intolerância — que o leva, por vêzes, a chocar-se contra princípios de sua própria religião e a confundir com inimigos aquêles que estão de seu lado — não passa, talvez, de uma couraça com que se mune contra uma fraqueza consciente.*

PADRE

*(Para o Sacristão)* Que está fazendo aí?

SACRISTÃO

*(À guisa de defesa)* Estava conversando com aquêles homens.

PADRE

E eu lá dentro à sua espera para ajudar à missa. *(Repara em Bonitão e Zé-do-Burro)* Quem são?

SACRISTÃO

Não sei. Um dêles quer falar com o senhor.

ZÉ

*(Adianta-se)* Sou eu, Padre. *(Inclina-se, respeitoso e beija-lhe a mão)*

PADRE

Agora está na hora da missa. Mais tarde, se quiser...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0563,P206

ZÉ

É que eu vim de muito longe, Padre. Andei sete léguas.

PADRE

Sete léguas? Para falar comigo?

ZÉ

Não, pra trazer esta cruz.

PADRE

*(Olha a cruz, detidamente)* E como a trouxe, num caminhão?

ZÉ

Não, Padre, nas costas.

SACRISTÃO

*(Expandindo infantilmente a sua admiração)* Menino!

PADRE

*(Lança-lhe um olhar enérgico)* Psiu! Cale a bôca! *(Seu interêsse por Zé-do-Burro cresce)* Sete léguas com essa cruz nas costas. Deixe ver seu ombro.

*Zé-do-Burro despe um lado do paletó, abre a camisa e mostra o ombro. Sacristão espicha-se todo para ver e não esconde a sua impressão.*

SACRISTÃO

Está em carne viva!

PADRE

*(Parece satisfeito com o exame)* Promessa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 207

ZÉ

*(Balança afirmativamente a cabeça)* Pra Santa Bárbara. Estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO

Deve ter recebido dela uma graça muito grande!

*Padre faz um gesto nervoso para que o Sacristão se cale.*

ZÉ

Graças a Santa Bárbara, a morte não levou o meu melhor amigo.

PADRE

*(Padre parece meditar profundamente sôbre a questão)* Mesmo assim, não lhe parece um tanto exagerada a promessa? E um tanto pretensiosa também?

ZÉ

Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo, não. É toma lá, dá cá. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.

PADRE

Foi por causa dêsse... Nicolau, que você fêz a promessa?

ZÉ

Foi. Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO

Santa Bárbara! A árvore caiu em cima dêle?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.208

ZÉ

Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Êle chegou em casa, escorrendo sangue de meter mêdo! Eu e minha mulher tratamos dêle, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE

Uma hemorragia.

ZÉ

Só estancou quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE

*(Enojado)* Mas meu filho, isso é atraso! Uma porcaria!

ZÉ

Foi o que o doutor disse quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE

Sem dúvida.

ZÉ

Eu tirei. Êle limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E quéde que o doutor fazia o sangue parar? Ensopava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não acaba mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou pra mim e gritou: corre, homem de Deus, vai buscar mais bosta de vaca, senão êle morre!

PADRE

E... o sangue estancou?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.209

ZÉ

Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigário não sabia? Não sendo de vaca, de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.

PADRE

Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.

ZÉ

Bem, o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pôde se levantar. Foi a primeira vez que isso aconteceu, em seis anos: eu saí, fui fazer compras na cidade, entrei no Bar do Jacob pra tomar uma cachacinha, passei na farmácia de "seu" Zèquinha pra saber das novidades — tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou, porque quem quisesse saber onde eu estava, era só procurar Nicolau. Se eu ia na missa, êle ficava esperando na porta da igreja...

PADRE

Na porta? Por que êle não entrava? Não é católico?

ZÉ

Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não é por isso que êle não entra na igreja. É porque o vigário não deixa *(Com grande tristeza)* Nicolau teve o azar de nascer burro, de quatro patas.

PADRE

Burro?! Então êsse... que você chama de Nicolau, é um burro?! Um animal?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.210

ZÉ

Meu burro, sim senhor.

PADRE

E foi por êle, por um burro, que fêz essa promessa?

ZÉ

Foi. É bem verdade que eu não sabia que era tão difícil achar uma igreja de Santa Bárbara, que ia precisar andar sete léguas pra encontrar uma, aqui na Bahia.

BONITÃO

*(Que assistiu a tôda a cena, um pouco afastado, solta uma gargalhada grosseira)* Êle se estrepou...

*Padre Olavo olha-o, surprêso, como se só agora tivesse notado a sua presença, Bonitão pára de rir quase de súbito, desarmado pelo olhar enérgico do padre.*

ZÉ

Mas mesmo que soubesse, eu não deixava de fazer a promessa. Porque quando vi que nem as rezas do prêto Zeferino davam jeito...

PADRE

Rezas? Que rezas?

ZÉ

Seu vigário me disculpe, mas eu tentei de tudo. Prêto Zeferino é rezador afamado na minha zona: sarna de cachorro, bicheira de animal, peste de gado, tudo isso êle cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo o mundo diz. E eu mesmo, uma vez, estava com uma dor de cabeça danada, que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.211

não havia meio de passar. Chamei Prêto Zeferino, êle disse que eu estava com o Sol dentro da cabeça. Botou uma toalha na minha testa, derramou uma garrafa dágua, rezou uma oração, o sol saiu e eu fiquei bom.

PADRE

Você fêz mal, meu filho. Essas rezas são orações do demo.

ZÉ

Do demo, não senhor.

PADRE

Do demo, sim. Você não soube distinguir o bem do mal. Todo homem é assim. Vive atrás do milagre em vez de viver atrás de Deus. E não sabe se caminha para o céu ou para o inferno.

ZÉ

Para o inferno? Como pode ser, Padre, se a oração fala em Deus? *(Recita)* "Deus fêz o Sol, Deus fêz a luz, Deus fêz tôda a claridade do Universo grandioso. Com Sua Graça eu te benzo, te curo. Vai-te Sol, da cabeça desta criatura para as ondas do Mar Sagrado, com os santos podêres do Padre, do Filho e do Espírito Santo." Depois rezou um Padre Nosso e a dor de cabeça sumiu no mesmo instante.

SACRISTÃO

Incrível!

PADRE

Meu filho, êsse homem era um feiticeiro.

ZÉ

Como feiticeiro, se a reza é pra curar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.212

PADRE

Não é para curar, é para tentar. E você caiu em tentação.

ZÉ

Bem, eu só sei que fiquei bom. *(Noutro tom)* Mas com o Nicolau não houve reza que fizesse êle levantar. Prêto Zeferino botou o pé na cabeça do coitado, disse uma porção de orações e nada. Eu já estava começando a perder a esperança. Nicolau de orelhas murchas, magro de se contar as costelas. Não comia, não bebia, nem mexia mais com o rabo pra espantar as môscas. Eu vi que nunca mais ia ouvir os passos dêle me seguindo por tôda a parte, como um cão. Até me puseram um apelido por causa disso: Zé-do-Burro. Eu não me importo. Não acho que seja ofensa. Nicolau não é um burro como os outros. É um burro com alma de gente. E faz isso por amizade, por dedicação. Eu nunca monto nêle, prefiro andar a pé ou a cavalo. Mas de um modo ou de outro êle vem atrás. Se eu entrar numa casa e me demorar duas horas, duas horas êle espera por mim, plantado na porta. Um burro dêsses, seu padre, não vale uma promessa?

PADRE

*(Sêcamente, contendo ainda a sua indignação)* Adiante.

ZÉ

Foi então que comadre Miúda me lembrou: por que eu não ia no candomblé de Maria de Iansan?

PADRE

Candomblé?!

ZÉ

Sim, é um candomblé que tem duas léguas adiante da minha roça. *(Com a consciência de quem cometeu uma falta,*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 213

*mas não muito grave)* Eu sei que seu Vigário vai ralhar comigo. Eu também nunca fui muito de freqüentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Contei pra Mãe-de-Santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com Iansan, dona dos ráios e das trovoadas. Iansan tinha ferido Nicolau, pra ela eu devia fazer uma obrigação, quer dizer: uma promessa. Mas tinha que ser uma promessa bem grande, porque Iansan, que tinha ferido Nicolau com um raio, não ia voltar atrás por qualquer bobagem. E eu me lembrei então que Iansan é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça até a Igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.

PADRE

*(Como se anotasse as palavras)* Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a...

ZÉ

A Santa Bárbara.

PADRE

A Iansan!

ZÉ

É a mesma coisa...

PADRE

*(Grita)* Não é a mesma coisa! *(Controla-se)* Mas continue.

ZÉ

Prometi também dividir minhas terras com os lavradores pobres, mais pobres que eu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.214

PADRE

Dividir? Igualmente?

ZÉ

Sim, padre, igualmente.

SACRISTÃO

E Nicolau... quero dizer, o burro, ficou bom?

ZÉ

Sarou em dois tempos. Milagre. Milagre mesmo. No outro dia, já estava de orelha em pé, relinchando. E uma semana depois todo mundo me apontava na rua "Lá vai Zé-do-Burro com o burro de nôvo atrás!" *(Ri)* E eu nem dava confiança. E Nicolau muito menos. Só eu e êle sabíamos do milagre. *(Como que retificando)* Eu, êle e Santa Bárbara.

PADRE

*(Procurando, inicialmente, controlar-se)* Em primeiro lugar, mesmo admitindo a intervenção de Santa Bárbara, não se trataria de um milagre, mas apenas de uma graça. O burro podia ter-se curado sem intervenção divina.

ZÉ

Como, Padre, se êle sarou de um dia pro outro...

PADRE

*(Como se não o ouvisse)* E além disso, Santa Bárbara, se tivesse de lhe conceder uma graça, não iria fazê-lo num terreiro de candomblé!

ZÉ

É que na capela do meu povoado não tem uma imagem de Santa Bárbara. Mas no candomblé tem uma imagem de Iansan, que é Santa Bárbara...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.215

PADRE

*(Explodindo)* Não é Santa Bárbara! Santa Bárbara é uma santa católica. O senhor foi a um ritual fetichista. Invocou uma falsa divindade e foi a ela que prometeu êsse sacrifício!

ZÉ

Não, Padre, foi a Santa Bárbara. Foi até a igreja de Santa Bárbara que prometi vir com a minha cruz! E é diante do altar de Santa Bárbara que vou cair de joelhos daqui a pouco, pra agradecer o que ela fêz por mim!

PADRE

*(Dá alguns passos de um lado para outro, de mão no queixo e por fim detém-se diante de Zé-do-Burro, em atitude inquisitorial)* Muito bem. E que pretende fazer depois... depois de cumprir a sua promessa?

ZÉ

Que pretendo? Voltar pra minha roça, em paz com a minha consciência e quite com a santa.

PADRE

Só isso?

ZÉ

Só.

PADRE

Tem certeza? Não vai pretender ser olhado como um nôvo Cristo?

ZÉ

Eu?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567,P.216

PADRE

Sim, você. Você que acaba de repetir a Via Crucis, sofrendo o martírio de Jesus. Você que, presunçosamente, pretende imitar o Filho de Deus...

ZÉ

*(Humildemente)* Padre, eu não quis imitar Jesus!

PADRE

Mentira! Eu gravei suas palavras! Você mesmo disse que prometeu carregar uma cruz *tão pesada quanto a de Cristo.*

ZÉ

Sim, mas isso...

PADRE

Isso prova que você está sendo submetido a uma tentação ainda maior.

ZÉ

Qual, Padre?

PADRE

A de igualar-se ao Filho de Deus.

ZÉ

Não, Padre.

PADRE

Por quê então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade? Não, para salvar um burro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.217

ZÉ

Padre, Nicolau...

PADRE

E um burro com nome cristão! Um quadrúpede, um irracional!

*A Beata sai da igreja e fica assistindo à cena, do alto da escada.*

ZÉ

Mas Padre, não foi Deus quem fêz também os burros?

PADRE

Mas não à Sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou seu Filho. Foi por nós, por você, por mim, pela Humanidade.

ZÉ

*(Angustiadamente tenta explicar-se)* Padre, é preciso explicar que Nicolau não é um burro comum. O senhor não conhece Nicolau, por isso... É um burro com alma de gente.

PADRE

Pois nem que tenha alma de anjo, nesta igreja não entrará com essa cruz! *(Dá as costas e dirige-se à igreja. O sacristão trata logo de segui-lo).*

ZÉ

*(Em desespêro)* Mas Padre, eu prometi levar a cruz até o altar-mor! Preciso cumprir a minha promessa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.218

PADRE

Fizesse-a então numa igreja. Ou em qualquer parte, menos num antro de feitiçaria.

ZÉ

Eu já expliquei...

PADRE

Não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao Diabo!

ZÉ

Padre...

PADRE

Um ritual pagão, que começou num terreiro de candomblé, não pode terminar na nave de uma igreja!

ZÉ

Mas Padre, a igreja...

PADRE

A igreja é a casa de Deus. Candomblé é o culto do Diabo!

ZÉ

Padre, eu não andei sete léguas para voltar daqui. O senhor não pode impedir a minha entrada. A igreja não é sua, é de Deus!

PADRE

Vai desrespeitar a minha autoridade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 219

ZÉ

Padre, entre o senhor e Santa Bárbara, eu fico com Santa Bárbara.

PADRE

*(Para o Sacristão)* Feche a porta. Quem quiser assistir à missa que entre pela porta da sacristia. Lá não dá para passar essa cruz. *(Entra na igreja)*

*A Beata entra também apressadamente, atrás do padre.*

*O Sacristão, prontamente, começa a fechar a porta da igreja, enquanto Zé-do-Burro, no meio da praça, nervos tensos, olhos dilatados, numa atitude de incompreensão e revolta, parece disposto a não arredar pé dali. Bonitão, um pouco afastado, observa, tendo nos lábios um sorriso irônico. A porta da igreja se fecha de todo, enquanto um foguetório tremendo saúda Iansan.*

CAI O PANO LENTAMENTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.220

# Segundo Ato

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.221

## PRIMEIRO QUADRO

*Aproximadamente, duas horas depois. Abriu-se a vendola e o Galego aparece trepado num caixote, amarrando um cordão com bandeirolas vermelhas e brancas que vai da porta da venda ao sobrado do lado oposto. Zé e sua cruz continuam no meio da praça. Ouve-se um pregão: "Bei-ju... olha o bei-ju!" Logo após, surge no alto da ladeira uma prêta em trajes típicos, com um tabuleiro na cabeça. Ela desce a ladeira e ao passar pelo Galego saúda.*

---

MINHA TIA

Iansan lhe dê um bom dia.

GALEGO

*(Espanhol) Gracias,* Minha Tia.

*Minha Tia vai até a igreja e aí, junto aos degraus, pára.*[1]

[1] A critério da direção e em momentos em que não prejudiquem a ação, transeuntes cruzarão a praça, durante todo o ato.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.222

MINHA TIA

*(Para o Galego)* Quer vir aqui dar uma mãozinha pra sua tia, meu branco?

*Galego apressa-se a ir ajudá-la. Retira primeiro o cavalete, que está sôbre o tabuleiro, abre-o, depois ajuda-a a tirar o tabuleiro da cabeça e colocá-lo em cima do cavalete.*

MINHA TIA

Santa Bárbara lhe pague. *(Nota Zé-do-Burro)* Oxente! Que é aquilo?

GALEGO

No sei. Já estava acá quando abri a venda. Parece maluco. *(Volta a pregar as bandeirolas, enquanto Minha Tia põe-se a arrumar o fogareiro, procura acendê-lo).*

*Desce a ladeira, passo mole, preguiçoso, Dedé Cospe-Rima. Mulato, cabeleira pixaim, sob o surrado chapéu-côco — um adôrno necessário à sua profissão de poeta-comerciante. Traz, em baixo do braço, uma enorme pilha de folhetos: abecês, romances populares em versos. E dois cartazes, um no peito, outro nas costas. Num se lê: "ABC da Mulata Esmeralda — uma obra-prima" e no outro "Saiu agora, tá fresso ainda!" "O que o cego Jeremias viu na Lua".*

DEDÉ

*(declama)*

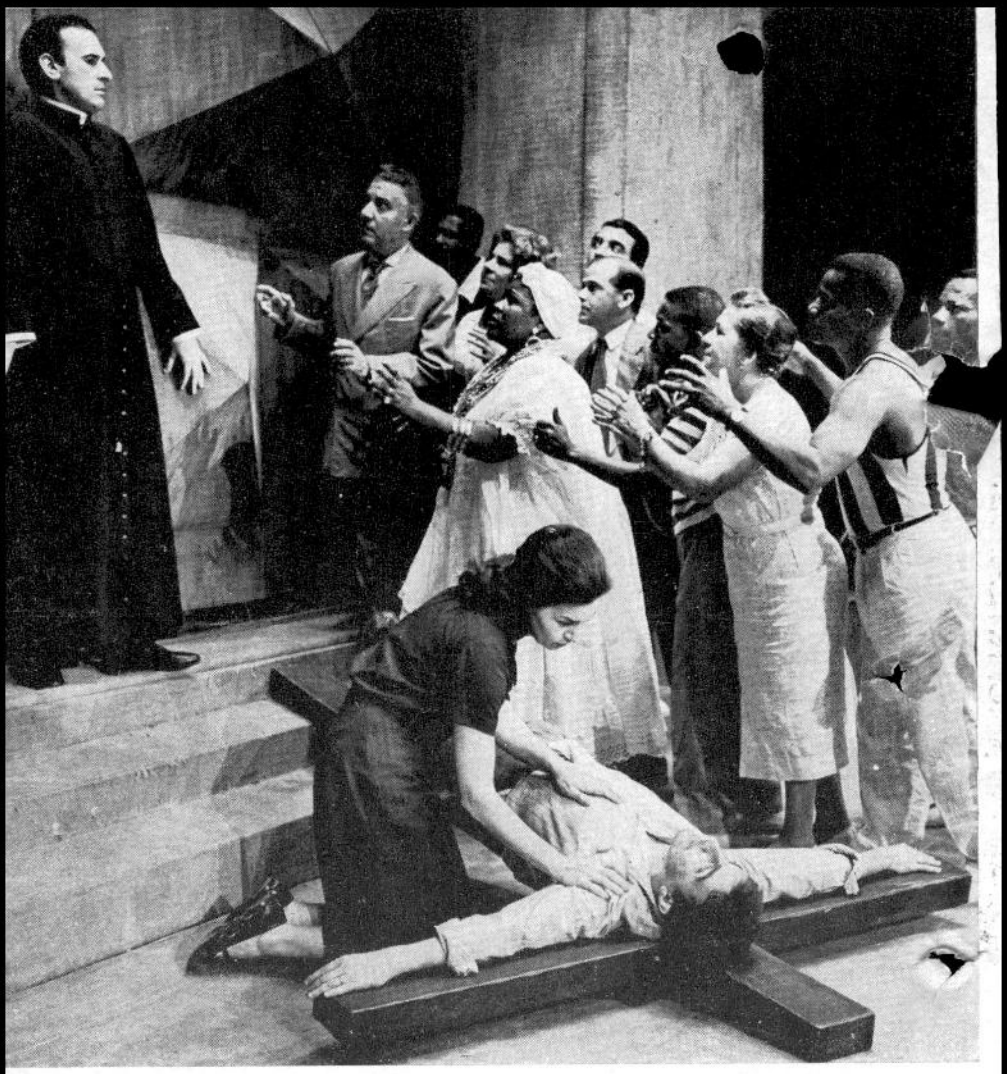
Bom dia, Galego amigo!
dia assim eu nunca vi;
para saudar Iansan,
Não repare eu lhe pedi:
me empreste por obséquio
dois dedos de parati.

GALEGO

É, com esta história de hacer versos, usted sempre me leva na conversa, (*entra na venda e dá a volta por trás do*

*Cena da versão dirigida por José Renato para o Teatro Nacional de Comédia*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564_P_223



*Outra cena do espetáculo do TNC, com Luiz Linhares, Beatriz Veiga e Sebastião Vasconcelos*

*Antes de ser montada em Washington,* O Pagador de Promessa *foi representada no* Berkshire Playhouse, *de Stockbridge, Massachusetts. A foto reproduz cena desta versão*

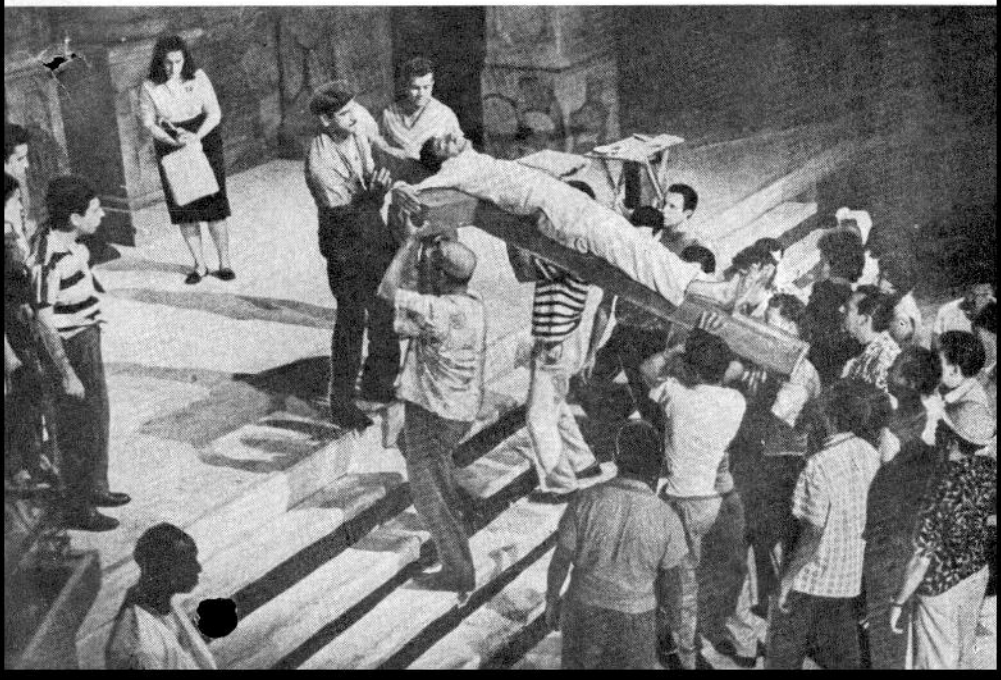
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 224

*Leonardo Vilar numa cena da versão cinematográfica de Anselmo Duarte*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

*Cena de uma das versões de* O Pagador de Promessas, *na Polônia, onde a peça foi laureada no III Festival de Kalsz*

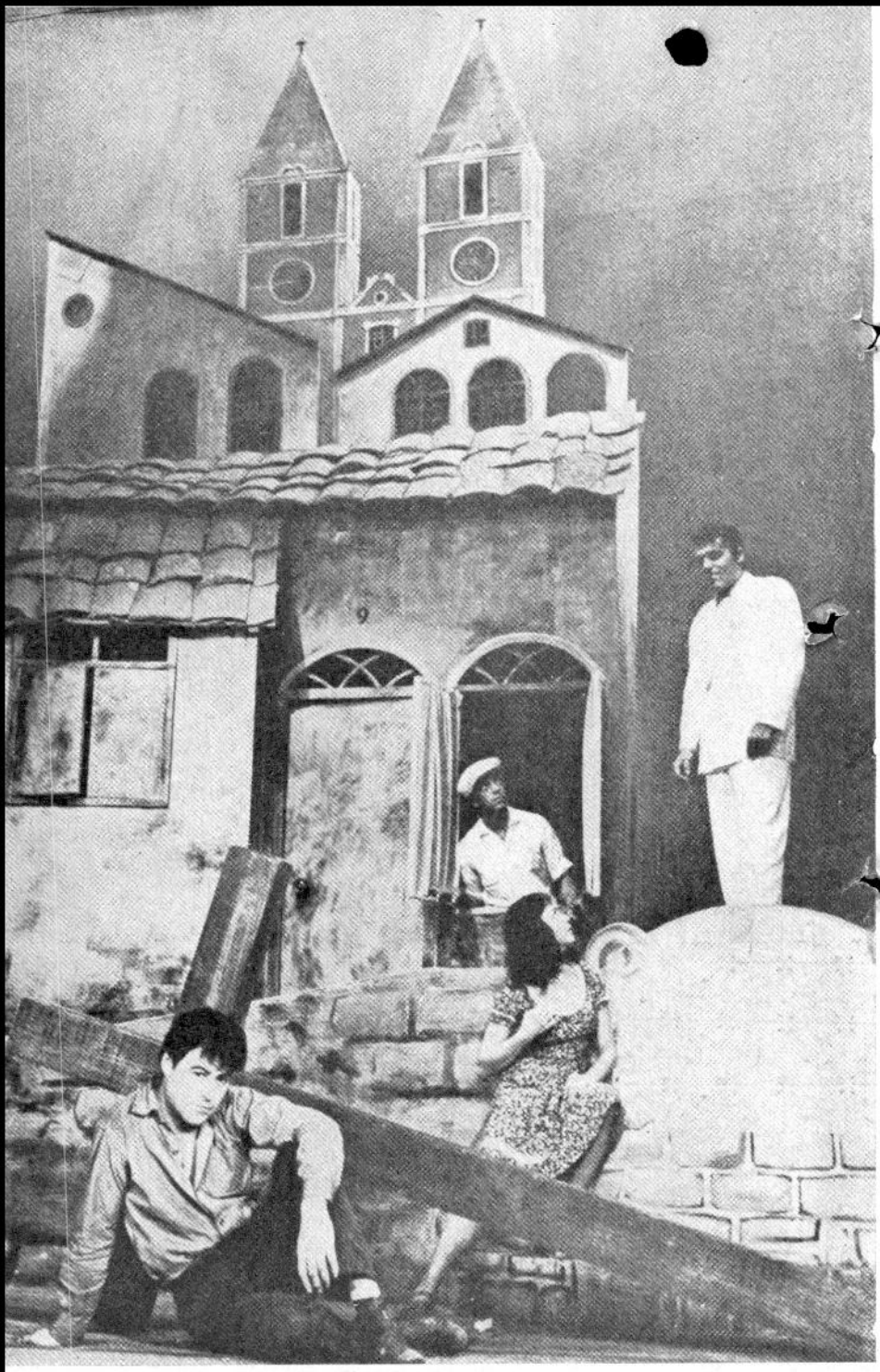
*Momento de* O Pagador de Promessas *na montagem cubana*



*Maurício Nabuco e Natália Timberg no espetáculo do TBC*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567/P.028.

*Cena final de* O Pagador de Promessas *quando levada pelo* Teatro de Amadores de Pernambuco



*Cena da versão brasileira dirigida por Flávio Rangel para o* Teatro Brasileiro *de Comédia, em São Paulo, que lançou a peça*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.231

*balcão)* Es buena mesmo essa del cego Jeremias? *(Serve o parati).*

DEDÉ

*(Bombástico, teatral)* Uma epopéia. Uma nova Ilíada, onde Tróia é a Lua e o cavalo de Tróia é o cavalo de São Jorge! *(Tira um exemplar e coloca sôbre o balcão)* Em paga do parati.

GALEGO

Si, pero... yo prefiro la otra, la da mulata Esmeralda.

DEDÉ

Uma prova de bom gôsto, Galego! *(Troca os folhetos)* É também uma obra-prima. Lembra Castro Alves, modéstia à parte. *(Bebe o parati de um trago. Refere-se às bandeirinhas)* Bandeirinhas vermelhas e brancas, as côres de Iansan. Depois diz que não crê em candomblé.

GALEGO

Yo no creo, pero hay quem crea. E yo soy um comerciante...

DEDÉ

Somos dois! *(Estende novamente o cálice)* Mais uma dose. Esta eu pago amanhã. *(Galego faz cara feia, mas enche de nôvo o cálice).*

*A Beata entra da direita e detém-se junto a Minha Tia, ao ver Zé-do-Burro. Mostra-se surprêsa e indignada.*

BEATA

É o cúmulo! Ainda está aí!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.232

MINHA TIA

Não vai abrir a igreja hoje, Iaiá? Dia de Santa Bárbara...

BEATA

*(Lança um olhar acusador a Zé-do-Burro)*. Não enquanto êsse indivíduo não fôr embora.

MINHA TIA

Que foi que êle fêz?

BEATA

Quer entrar com essa cruz na igreja.

MINHA TIA

Só isso?

BEATA

E você acha pouco? Acha que Padre Olavo ia permitir?

MINHA TIA

Oxente! Por que não? Foi promessa que êle fêz?

BEATA

Foi. Mas promessa de candomblé. Pra uma tal de Iansan... que Deus me perdoe. *(Benze-se. Dirige-se para a esquerda e ao passar por Zé-do-Burro insulta-o)* Hereje *(Sobe a ladeira, seguida do olhar de comovedora incompreensão de Zé-do-Burro)*.

DEDÉ

*(Ouviu a conversa. Para o Galego)* Vou ver se Minha Tia me fia um abará. *(Atravessa a praça. Não sem mostrar-se intrigado e curioso ao passar por Zé-do-Burro)* Bom dia, Minha Tia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, f. 233

MINHA TIA

Bom dia, seu Dedé. *(Oferece)* Acarajé, abará, beiju... Vem benzer!

DEDÉ

*(Aponta)* Um abará. Pago daqui a pouco, quando entrar o primeiro dinheiro.

MINHA TIA

Eu já sabia... *(Entrega o abará embrulhado numa fôlha de bananeira).*

DEDÉ

*(Referindo-se a Zé-do-Burro)* Que história é essa?

MINHA TIA

O senhor ouviu?

DEDÉ

Ouvi.

MINHA TIA

*(Com respeito)* Obrigação pra Iansan... *(Toca com as pontas dos dedos o chão e a testa).*

DEDÉ

Por isso o Padre não deixou êle entrar?

MINHA TIA

É... coitado.

DEDÉ

Chegou a fechar a porta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564/P.234

MINHA TIA

O senhor entende?

DEDÉ

Entendo não.

MINHA TIA

O Padre é um homem tão bom.

DEDÉ

A senhora acha?

MINHA TIA

Então. Êle é tão amigo dos pobres, faz tanta caridade. Sei não.

*O Guarda entra pela direita. Vai direto a Zé-do-Burro. É um homem que procura safar-se dos problemas que se lhe apresentam. Sua noção do dever coincide exatamente com o seu temor à responsabilidade. Seu maior desejo é de que nada aconteça, a fim de que a nada êle tenha que impor a sua autoridade. No fundo, essa autoridade o constrange terrìvelmente e mais ainda o dever de exercê-la.*

GUARDA

Olá, amigo.

ZÉ

Olá.

GUARDA

*(Refere-se à cruz)* É para a procissão de Santa Bárbara?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.235

ZÉ

Não.

GUARDA

Porque a procissão não sai daqui, sai do Mercado aqui perto e vai até à igreja da Saúde.

ZÉ

Não tenho nada com essa procissão.

GUARDA

E o senhor está aqui fazendo o quê? Esperando a festa? Ainda é muito cedo. São oito e meia da manhã. Só na parte da tarde é que isso pega fogo.

ZÉ

Estou aqui desde quatro e meia da manhã.

GUARDA

Quatro e meia?! *(Coça a cabeça, preocupado)* O senhor deve ser um devoto e tanto! Mas acontece que escolheu um mau lugar...

ZÉ

A culpa não é minha.

GUARDA

Sim, eu sei, não foi o senhor quem inventou a festa de Santa Bárbara. Mas eu também não tenho culpa de ser guarda. Minha obrigação é facilitar o trânsito, tanto quanto possível.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 236

ZÉ

Sinto muito, mas não posso sair daqui.

GUARDA

*(Sua paciência começa a esgotar-se)* Ai, ai, ai, ai ai... Eu estou querendo me entender com o senhor...

*(Irritando-se também um pouco)* Eu também estou querendo me entender com o senhor e com todo o mundo. Mas acho que ninguém me entende.

*Dedé Cospe-Rima, que assistiu a tôda a cena, não resiste à curiosidade e vem presenciá-la mais de perto. Minha Tia também acompanha tudo com interêsse.*

ZÉ

Aquela mulher me chamou de hereje, o Padre fechou a porta da igreja como se eu fôsse Satanás em pessoa. Eu, Zé-do-Burro, devoto de Santa Bárbara.

DEDÉ

Mas afinal, o que é que o senhor quer?

ZÉ

Que me deixem colocar esta cruz dentro da igreja, nada mais. Depois, prometo ir embora. E já estou vexado mesmo por isto!

DEDÉ

Foi promessa. Promessa que êle fêz.

GUARDA

*(Raciocina, operação que lhe parece custar tremendo esfôrço físico)* Promessa... Colocar a cruz dentro da igreja. Não vejo dificuldade nenhuma nisso. Fala-se com o padre e...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 237

ZÉ

Se o senhor conseguir que êle abra a porta e me deixe entrar, está tudo resolvido.

GUARDA

*(Pensa mais um pouco, vê que não há outra maneira de resolver o problema, decide-se)* Pois bem, eu vou falar com êle. *(Dirige-se à porta da igreja, ante os olhares de grande expectativa do Galego, de Dedé, de Minha Tia).*

DEDÉ

Não vou lá ajudar também porque eu e êsse padre estamos de relações cortadas. *(Sai)*

GUARDA

*(Bate várias vêzes, sem resultado, encosta o rosto na porta e chama)* Padre? Abra um instante, por favor!

*Segundos após, abre-se uma fresta e surge por ela a cabeça do Sacristão, receoso.*

GUARDA

Quero falar com o padre.

SACRISTÃO

*(Certifica-se de que não há perigo, abre um pouco mais a porta).*

Entre!

*Guarda tira o quepe e entra. Sacristão fecha a porta ràpidamente. Rosa desce a ladeira. Vem um pouco apressada, como se temesse não mais encontrá-lo ali. Mas quando vê Zé-do-Burro, diminui o passo, tranqüiliza-se em parte. Não perde, entretanto, um certo ar culposo, que procura disfarçar.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564 P. 238

ROSA

Você ainda está aí! *(Nota a igreja fechada)* A igreja não abriu?

ZÉ

Abriu, sim. Mas o Padre não quer me deixar entrar com a cruz.

ROSA

Por quê?

ZÉ

*(Balança a cabeça, na maior infelicidade)* Não sei, Rosa, não sei... Há duas horas que tento compreender... mas estou tonto, tonto como se tivesse levado um coice no meio da testa. Já não entendo nada. Parece que me viraram velo avesso e estou vendo as coisas ao contrário do que elas são. O céu no lugar do inferno, o demônio no lugar dos santos.

ROSA

*(Refletindo na própria experiência)* É isso mesmo. De repente, a gente percebe que é outra pessoa. Que sempre foi outra pessoa. É horrível.

ZÉ

Mas não é possível, Rosa. Eu sempre fui um homem de bem. Sempre temi a Deus.

ROSA

*(Concentrada em seu problema)* Zé, isso está parecendo castigo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 239

ZÉ

Castigo? Castigo por quê? Por eu ter feito uma promessa tão grande? Por ter sido no terreiro de Maria de Iansan? Mas se Santa Bárbara não estivesse de acôrdo com tudo isso, não tinha feito o milagre.

ROSA

Zé, esqueça Santa Bárbara. Pense um pouco em nós.

ZÉ

Em nós?

ROSA

Em mim, Zé.

ZÉ

Em você?

ROSA

Sim, Zé, em mim, sua mulher.

ZÉ

Que é que você quer? Não dormiu, não descansou?

ROSA

*(Sem fitá-lo)* Zé, vamos embora daqui.

ZÉ

Agora?

ROSA

Sim, agora mesmo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.240

ZÉ

Não posso. Você sabe que eu não posso voltar antes de chegar ao fim da promessa. Não ia ter sossêgo o resto da vida.

ROSA

Você acredita demais nas coisas.

ZÉ

É porque você não pensa no que pode acontecer.

ROSA

Mais do que já aconteceu?

ZÉ

Que aconteceu? A caminhada, as noites sem dormir, e agora ser xingado como a figura do diabo? Tudo isso é nada, comparado com o castigo que pode vir.

ROSA

Mas se o Padre não quer deixar você entrar com a cruz, que é que você ainda vai ficar fazendo aqui?

ZÉ

O Guarda foi falar com êle. Estou esperando. *(Como que desculpando-se por não pensar na situação dela)* Você, se quiser, pode ir comer qualquer coisa.

ROSA

*(Ante a impossibilidade de comunicar a êle o seu problema)* Já tomei café no hotel.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 241

ZÉ

Não era bom o hotel que aquêle camarada arranjou?

ROSA

Muito bom. Tinha até pia no quarto e colchão de mola.

ZÉ

Fiquei um pouco preocupado.

ROSA

*(Ferida pela falta de ciúmes dêle)* Comigo?

ZÉ

Você num hotel, sòzinha. Cidade grande, a gente nunca sabe. Se bem que o môço garantiu que era hotel de família.

ROSA

Não tinha então que ter cuidado. O môço era de tôda confiança. Tão amável, tão prestativo...

REPÓRTER

*(Entra acompanhado do Fotógrafo)* Lá está êle. *(Vai a Zé, enquanto o Fotógrafo circula à procura de ângulos. O Repórter é vivo e perspicaz. Dirige um cumprimento entusiasta a Zé-do-Burro)* Bom dia, amigo! *(aperta efusivamente a mão de Zé-do-Burro)* Parabéns! O senhor é um herói.

ZÉ

*(Olha-o com estranheza)* Herói?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 272

REPÓRTER

*(Com entusiasmo)* Sim, sete léguas carregando esta cruz. *(Calcula o pêso)* Pesada, hem? Sete léguas... quarenta e dois quilômetros. A maior marcha que eu fiz foi de vinte e quatro quilômetros, no Serviço Militar. E o fuzil não pesava tanto assim. *(Ri, mas seu riso murcha como um balão, ante o ar de desconfiança de Rosa e Zé-do-Burro)* Oh, desculpe... eu sei que o senhor fêz uma promessa. A comparação não foi muito feliz. *(Para o Fotógrafo)* Carijó, pode bater uma chapa. *(Posa de frente para Zé-do-Burro, de caderno e lápis em punho)* Finja que está falando comigo.

ZÉ

*(Começa a impacientar-se)* Fingir que estou falando... pra quê?

REPÓRTER

E dentro de algumas horas o Brasil inteiro vai saber. O senhor vai ficar famoso.

ZÉ

*(Contrariado)* Mas eu não quero ficar famoso, eu quero...

ROSA

*(Interrompe, em tom de repreensão)* Que é isso, Zé. Seja mais delicado com o môço. Êle é da gazeta...

REPÓRTER

Mulher dêle?

ROSA

Sou. Também andei sete léguas — meu pé tem cada calo dágua dêste tamanho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 243

REPÓRTER

Maravilhoso. E em quanto tempo cobriram o percurso?

ROSA

*(Não entendeu)* Como?

REPÓRTER

Quero dizer: quando saíram de lá, de sua cidade?

ROSA

Da roça? Saímos ontem de manhãzinha. Cinco horas da manhã.

REPÓRTER

A que horas chegaram aqui?

ROSA

Antes das cinco de hoje.

REPÓRTER

Fizeram o percurso então em 24 horas. Com uma cruz que deve pesar?... *(Olha interrogativamente para Zé-do-Burro)*

ZÉ

*(Contrariado)* Não sei, não pesei.

REPÓRTER

Por menos que pese, é um "record"! Sob êste aspecto, podemos considerar um grande feito esportivo. Uma prova de resistência física... *(para Rosa)* e de dedicação...

*Rosa sorri, envaidecida, sentindo-se heroína também.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.244

REPÓRTER

Mas como nasceu a idéia dessa... peregrinação? *(As perguntas são feitas a Zé-do-Burro, mas êste recusa-se a respondê-las).*

ROSA

Não nasceu idéia nenhuma. O burro adoeceu, ia morrer — êle fêz promessa pra Santa Bárbara.

REPÓRTER

O burro? Que burro?

ROSA

O Nicolau.

ZÉ

*(Irritado)* Por quê? O senhor também vai achar que o meu burro não vale uma promessa?

REPÓRTER

Não, de modo algum... eu... eu apenas não sabia... Então, tudo isso... quarenta e dois quilômetros... a cruz... tudo por causa de um burro. *(Repentinamente, antevendo o interêsse que despertará a reportagem)* Fabuloso!

ROSA

E não foi só isso. Êle prometeu também repartir o sítio com aquela cambada de preguiçosos.

ZÉ

Que preguiçosos. Gente que quer trabalhar e não tem terra.

REPÓRTER

Repartir o sítio... Diga-me, o senhor é a favor da reforma agrária?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.295

ZÉ

*(Não entende)* Reforma agrária? Que é isso?

REPÓRTER

É o que o senhor acaba de fazer em seu sítio. Redistribuição das terras entre os lavradores pobres.

ZÉ

E não estou arrependido, môço. Fiz a felicidade de um bocado de gente e o que restou pra mim dá e sobra.

REPÓRTER

*(Toma notas)* É a favor da reforma agrária.

ZÉ

É bem verdade que se o meu burro não tivesse ficado doente, eu não tinha feito isso.

REPÓRTER

Mas, e se todos os proprietários de terra fizessem o mesmo. Se o govêrno resolvesse desapropriar as terras e dividi-las entre os camponeses?

ZÉ

Ah, era muito bem feito. Cada um deve trabalhar o que é seu.

REPÓRTER

*(Anota)* É contra a exploração do homem pelo homem. O senhor pertence a algum partido político?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564/P.256

ZÉ

*(Com alguma vaidade, dissimulada num sorriso modesto)* Já quiseram me fazer vereador. Qual...

ROSA

O que atrapalhou foi o burro.

REPÓRTER

O burro? Por quê?

ROSA

Aonde êle vai, o burro vai atrás. Se êle fôsse eleito, o burro também tinha que ser.

REPÓRTER

É, mas desta vez, "seu"...

ZÉ

Zé-do-Burro, seu criado.

REPÓRTER

... "seu" Zé-do-Burro, o senhor será eleito com burro e tudo. *(Confidencial)* Escute aqui, será que essa história de promessa não é um golpe para impressionar o eleitorado?...

ZÉ

*(Ofendido)* Golpe?!

REPÓRTER

E de mestre! Avalio a agitação que o senhor fêz com isso. Pelas estradas, no caminho até aqui, deve ter-se juntado uma verdadeira multidão para vê-lo passar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.247

ZÉ

É, tinha...

ROSA

Muito moleque também.

REPÓRTER

E imaginem a volta! A chegada à sua cidade, em carro aberto, banda de música, foguetes!

ZÉ

O senhor está maluco? Não vai haver nada disso.

REPÓRTER

Vai. Vai porque o meu jornal vai promover. Só faço questão de uma coisa: que o senhor nos dê a exclusividade. Que não conceda entrevistas a mais ninguém. *(Noutro tom)* É claro que o senhor terá uma compensação... *(Faz com o indicador e o polegar um gesto característico)* e também a publicidade. Primeira página, com fotografias o senhor e sua senhora, mandaremos fotografar também o burro — em poucas horas o senhor será um herói nacional.

ZÉ

*(Profundamente contrariado)* Môço, eu acho que o senhor não me entendeu. Ninguém ainda me entendeu...

REPÓRTER

*(Sem lhe dar atenção)* O diabo foi o senhor ter escolhido um dia como o de hoje. Sábado. Amanhã é domingo, o jornal não sai. Só segunda-feira. E o nosso Departamento de Promoções precisaria preparar a coisa. Podemos dar o furo na edição de hoje, mas o barulho mesmo só segunda-feira. Quando o senhor pretende voltar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564/P.248

ZÉ

Por mim, já estava de volta.

*Abre-se parcialmente a porta da igreja. O Sacristão deixa o Guarda passar e torna a fechá-la. O Guarda vem ao encontro de Zé-do-Burro, que o aguarda sem muita esperança.*

GUARDA

*(Balança a cabeça, desanimado)* Não consegui nada.

ZÉ

O senhor falou com o Padre?

GUARDA

Falei, argumentei, não adiantou. E ainda tive que ouvir um sermão dêste tamanho. Êle acha que, em vez de ir pedir pra deixar o senhor entrar na igreja, eu devia era levá-lo prêso. Claro que eu não vou fazer isso, mas o senhor bem que podia ter arranjado uma promessinha menos complicada.

ROSA

Também acho.

GUARDA

Porque não adianta o senhor ficar aqui; o padre já disse que não abre a porta e não abre mesmo — eu conheço êle.

REPÓRTER

Ótimo! Mas isso é ótimo! Assim temos um pretexto para adiar a entrega da cruz para segunda-feira. Dará tempo então de organizarmos tudo. As entrevistas, as apresentações no rádio e a sua volta triunfal com batedores e banda de música!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.249

ZÉ

*(Cada vez mais contrariado e mais infeliz)* Môço, eu vim a pé e vou voltar a pé.

ROSA

*(Ela vislumbrou nas palavras do Repórter uma possibilidade confusa de libertação, ouviu-as num entusiasmo crescente)* Oxente! Não seja estúpido, homem! O môço está querendo ajudar a gente.

ZÉ

Então êle que me ajude a convencer o vigário a abrir a porta.

REPÓRTER

Eu vou já entrevistar o vigário. Mas fique certo de uma coisa: seja qual fôr o seu objetivo, uma publicidadezinha não fará mal algum... *(Pisca o ôlho para Zé-do-Burro, que não percebe a insinuação)* Carijó, bata mais uma chapa. *(Para Zé-do-Burro)* Quer fazer o favor de carregar a cruz? *(Para Rosa)* A senhora também.

*Zé-do-Burro fica indeciso, sem palavras para traduzir a sua indignação.*

ROSA

Vamos, Zé! *(Empurra-o para baixo da cruz e coloca-se a seu lado, numa atitude forçada).*

*O Guarda também procura, discretamente, aparecer na fotografia. A cena é caricatural, com Rosa escancarando-se num sorriso de dentifrício, Zé-do-Burro vergado ao pêso da cruz e de sua imensa infelicidade. E o Guarda, de peito estufado, disputando honrosamente a sua participação no acontecimento.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0064,P.250

GALEGO

*(Sai da venda, apressado e dirige-se ao Fotógrafo)* Um momento! O senhor não podia fazer aparecer também o meu estabelecimento? Sabe, uma publicidadezinha...

*Fotógrafo coloca-se de molde a aparecer, no fundo, a venda. Galego corre para junto do balcão e posa.*

REPÓRTER

Ótimo. Pode bater, Carijó.

*O Fotógrafo bate a chapa.*

REPÓRTER

Obrigado. Esta vai sair hoje na primeira página. *(Para o Fotógrafo)* Vamos agora entrevistar o vigário.

GUARDA

É melhor o senhor ir pela porta da sacristia.

ZÉ

Eu levo o senhor até lá.

REPÓRTER

*(Não gosta da idéia)* Não, acho melhor o senhor esperar aqui...

ZÉ

*(Com decisão)* Mas eu quero ir com o senhor.

SACRISTÃO

*(Cede, de má vontade)* Está bem. *(Sai, com Zé-do-Burro e o Fotógrafo)*

*Ouvem-se buzinas insistentes.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 251

GUARDA

Garanto que agora o Padre vai abrir a igreja. Não há quem não tenha mêdo da imprensa. *(Olha na direção da direita)* Eu vou pra lá, que a coisa está piorando. *(Sai pela direita).*

*Bonitão desce a ladeira e pára na vendola. Rosa o vê e não esconde a sua emoção.*

BONITÃO

*(Para o Galego)* Uma dupla.

GALEGO

Olá, Bonitão. Usted por aqui "de madrugada"... *(Serve a cachaça).*

ROSA

*(Vai à venda e encosta-se no balcão, ao lado de Bonitão)* Um café, môço...

BONITÃO

Ainda?...

ROSA

Ainda.

BONITÃO

Não sei como você agüenta.

ROSA

Eu também não.

BONITÃO

Êle desconfiou de alguma coisa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.252

ROSA

Nada. Êle só pensa na cruz e na promessa.

BONITÃO

Sabe que eu fui pra casa dormir e não consegui?

ROSA

Por quê?

BONITÃO

Fiquei pensando em você.

ROSA

Melhor que não pense.

BONITÃO

Está arrependida?

ROSA

Estou.

BONITÃO

Agora é um pouco tarde.

ROSA

Não é não. Uma noite a gente pode apagar.

BONITÃO

A gente pode apagar uma porção de noites. Isso não deixa marca.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.253

ROSA

Em mim deixou. Nem sei como êle não vê. Dá até raiva. Dá vontade de contar tudo.

BONITÃO

Não é má idéia. Êle não é homem violento. Podia era largar você aqui na cidade e voltar sòzinho pra roça. Isso resolvia tudo.

ROSA

Resolvia o quê?

BONITÃO

Sua vida. Você tem futuro.

ROSA

Adianta não. Minha sina é essa mesma. Às vêzes eu tenho vontade, sim, de arrumar a trouxa e ganhar a estrada. Mas não tenho coragem. E se tivesse, não ia saber pra onde ir.

BONITÃO

Quando eu era menino, fui guia de cego...

ROSA

Não estou cega. E sabia muito bem o que estava fazendo. Como sei também que sou capaz de fazer de nôvo, se êle não me levar daqui. Mesmo sem querer.

BONITÃO

Se você não se livrar dêle, vai acabar idiota como êle.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564 P.254

ROSA

*(Procurando uma justificativa para sua falta de coragem)* Êle precisa de mim.

BONITÃO

Êle tem o burro.

ROSA

Estúpido!

BONITÃO

Não quis comparar...

ROSA

Êle é muito homem, fique sabendo!

BONITÃO

Se é assim, por que você tem tanta sêde?...

ROSA

*(Sente-se cada vez mais empurrada para êle, como para um abismo, e não há nela, precisamente, um desejo de resistir ao salto definitivo. Há apenas a imensa fraqueza da criatura humana no momento das grandes decisões)* Que tinha você de aparecer aqui de nôvo?

BONITÃO

Foi você quem veio falar comigo.

ROSA

Você me obriga a fazer o que eu não quero.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.255

BONITÃO

*(Ri, cônscio de seu poder de sedução)* Que culpa tenho eu de ter nascido com tantas qualidades?

*Ela vai voltar ao centro da praça. Êle a segura pelo braço.*

BONITÃO

*(Baixo)* Espere...

ROSA

*(Idem)* Está louco?

BONITÃO

Pelo jeito, êle ainda vai ficar muito tempo aí. Entendeu?

ROSA

*(Solta-se dêle com um safanão)* Não entendo nada. Você é doido e eu estou ficando doida também.

BONITÃO

Êle não pode sair de junto da cruz. Mas você pode. Pode ir descansar no hotel, ou mesmo ir rezar em outra igreja, pedir a outro santo pra ajudar a convencer o padre a abrir a porta... Um refôrço sempre é bom...

*Entra Zé-do-Burro. Rosa e Bonitão disfarçam.*

MINHA TIA

*(Detendo-o)* E então?...

ZÉ

Êles não quiseram que eu entrasse. Acham melhor falar com o Padre em particular.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 256

MINHA TIA

*(Assume uma atitude de extrema cumplicidade)* Meu filho, eu sou "ekédi" no candomblé da Menininha. Mais logo o terreiro está em festa. Você fêz obrigação pra Iansan, Iansan está lá pra receber!

ZÉ

*(Êle não entende)* Como?...

MINHA TIA

Eu levo você lá! Você leva a cruz e a santa recebe! Você fica em paz com ela!

ZÉ

Iansan...

MINHA TIA

Foi ela quem lhe atendeu!

ZÉ

Mas a igreja...

MINHA TIA

Mande o padre pro inferno! Leve a sua cruz no terreiro! Eu vou com você!

ZÉ

*(Hesita um pouco e por fim reage com veemência)* Não, não foi num terreiro que eu disse que ia levar a cruz, foi numa igreja de Santa Bárbara.

MINHA TIA

Santa Bárbara é Iansan. E Iansan está lá! Vai baixar nos seus cavalos! Vamos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 257

ZÉ

Não. Não é a mesma coisa. Não é a mesma coisa.

*Abre-se a porta da igreja e surgem Repórter, Fotógrafo e Sacristão.*

REPÓRTER

*(Para o Sacristão)* O senhor acha que o padre não deixa mesmo êle entrar?

SACRISTÃO

O senhor não ouviu êle dizer? É Satanás! Satanás sob um dos seus múltiplos disfarces!

REPÓRTER

Satanás disfarçado em Jesus Cristo... acho que é um pouco forte. Em todo caso, isso é lá com êle. Eu confesso que não sou muito entendido na matéria. O que interessa é mantê-lo aqui, pelo menos até segunda-feira. Se fôr preciso, mandarei vir comida e bebida. Contanto que êle não vá embora antes de segunda-feira.

*Zé-do-Burro dá um passo em direção à igreja. Sacristão assusta-se.*

SACRISTÃO

Com licença, senhores, com licença. *(Entra e fecha a porta, precipitadamente).*

*Fotógrafo vai à vendola.*

REPÓRTER

*(Indo a Zé-do-Burro)* Nada feito, meu camarada. O padre é uma rocha. *(Procura estimulá-lo a resistir)* Mas êle vai acabar cedendo. Se você não arredar pé daqui, êle vai ter que abrir a igreja. Eu lhe garanto. Agora a causa não é sòmente sua, é também do nosso jornal. E sendo do nosso jornal, é do povo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, f. 258

*Zé-do-Burro olha-o como se procurasse inùtilmente entender um ser vindo de outro planêta.*

REPÓRTER

Eu o aconselho a resistir. Afinal de contas, é um direito. Direito que o senhor adquiriu em 42 quilômetros de "via crucis". Eu confio no senhor. *(Para Rosa)* Leia o meu jornal hoje à tarde. Vai ser um estouro. *(Sai seguido do Fotógrafo)*

BONITÃO

Jornalistas, é?

ROSA

É. *(Com vaidade)* Tiraram o meu retrato. Será que vão publicar mesmo?

BONITÃO

Se estivesse nua, eu garantia. Assim... não sei.

*Neste momento, entra Marli pela direita. Ao ver Bonitão junto a Rosa, avança para êle em atitude agressiva.*

MARLI

Eu sabia!... Tinha que estar atrás de algum rabo de saia!

BONITÃO

Que é que você veio fazer aqui?

MARLI

Venho saber por que o senhor não apareceu em casa esta noite.

BONITÃO

Que casa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P 259

MARLI

A minha casa!

BONITÃO

Estava indisposto. Fui para o meu hotel.

MARLI

*(Mede Rosa de alto a baixo)* Sim, eu estou vendo a sua "indisposição".

BONITÃO

*(Em voz contida, mas enérgico)* Não faça escândalo!

MARLI

Por quê? Está com mêdo do marido dela?

BONITÃO

Não estou com mêdo de ninguém, mas não vou deixar você fazer a senhora passar vexame.

MARLI

*(Irônica)* A senhora... Se ela é senhora, eu sou donzela...

BONITÃO

*(Autoritário)* Marli, me obedeça!

MARLI

Está querendo bancar o machão na frente dela, é?

EBR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.260

BONITÃO

Eu não tenho nada com ela!

MARLI

Você passou a noite com ela!

*O rosto de Zé-do-Burro se cobre de sombras e êle busca nos olhos de Rosa uma explicação. Ela não o fita.*

BONITÃO

*(Segura Marli por um braço, violentamente)* Vamos pra casa!

MARLI

Não! Primeiro quero tirar isso a limpo. Quero que essa vaca saiba que você é meu. *(Com orgulho)* Meu! *(Grita para Rosa)* Esta roupa foi comprada com o meu dinheiro! Esta e tôdas que êle tem!

BONITÃO

*(Perde a paciência, ameaçador)* Se você não fôr pra casa imediatamente, nunca mais eu deixo você me dar nada!

MARLI

*(Deixando-se arrastar por êle na direção da direita)* Êi é meu, ouviu? Fique com seu beato e deixe êle em paz! É meu homem! É meu homem!

*Há uma pausa terrìvelmente longa, na qual Zé-do-Burro apenas fita Rosa, silenciosamente, sob o impacto da cena. Em seu olhar, lê-se a dúvida, a incredulidade e sobretudo o pavor diante de um mundo que começa a desmoronar. As luzes se apagam em resistência.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 261

## SEGUNDO QUADRO

*Três horas da tarde. Zé-do-Burro e Rosa continuam no meio da praça. Minha Tia com seu tabuleiro, na porta da igreja, o Galego na venda, Dedé Cospe-Rima entra da direita.*

---

DEDÉ

"ABC da Mulata Esmeralda", romance completo contando tôda a vida de Esmeralda, desde o nascimento, no Bêco das Inocências, até a morte, por trinta facadas, na Rua da Perdição. *(Oferece a Zé-do-Burro)* 10 cruzeiros...

*Zé-do-Burro recusa com um gesto.*

DEDÉ

*(Lê, declamando)*

R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0567, P. 262

Ai, meu Senhor do Bonfim
Dai-me muita inspiração,
dai-me rima e muita métrica
pra fazer a descrição
das penas de Esmeralda
na Rua da Perdição.

*(Para Zé-do-Burro)* Estava pensando... sabe que essa sua briga com o Padre dava um abecê? Quer, eu escrevo.

ZÉ

*(Com decisão)* Não.

DEDÉ

Por quê não quer? Abecê em versos, ficava bonito...

ZÉ

Não.

DEDÉ

Versos que, modéstia à parte, são lidos pela Bahia inteira. *(Com intenção)* Inclusive pelo Padre Olavo. E não é por me gabar, meu camarado, mas aqui como me vê, poeta pela graça da Virgem e do Senhor do Bonfim, eu sou um homem temido! Quando eu anuncio que vou escrever um folheto contando as bandalheiras dêsse ou daquele deputado... ah, menino, não tarda o fulano me procurar pra adoçar meus versos. *(Faz com os dedos um sinal característico de dinheiro)*. Se eu anunciar nesta tabuleta que vou escrever o "ABC de Zé-do-Burro", tenho certeza que o Padre abre logo a porta e vem êle mesmo carregar a cruz.

*Zé olha-o com desconfiança.*

ROSA

Que é preciso pra isso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 263

DEDÉ

Bem, o consentimento dêle, em primeiro lugar. E em segundo, sabe... papel está pela hora da morte, a tipografia está cobrando os olhos da cara...

ROSA

Ah, é preciso pagar.

DEDÉ

Aí uns cinco contos pra ajudar. *(Vai a Zé)* Mas garanto o resultado.

ZÉ

*(Vigorosamente)* Não quero que faça nada.

DEDÉ

Olhe que o senhor se arrepende. Garanto que basta anunciar, o Padre se borra todo.

ZÉ

*(Irritado)* Não quero, já disse!

DEDÉ

Está bem. Quem perde é o senhor. O senhor e a poesia nacional.

*Mestre Coca desce a ladeira, gingando e pára na vendola. É um mulato alto, musculoso e ágil. Veste calças brancas "bôca de sino" e camisa de meia.*

COCA

Buenas.

GALEGO

Ôpa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.264

DEDÉ

Boa tarde, Mestre Coca.

COCA

Dedé Cospe-Rima, precisa arranjar um serviço de homem, meu camarado... *(Para o Galego)* Me dá um porongo. *(Galego serve a cachaça. Ouvem-se trovões longínquos)* Dia de Santa Bárbara, tem que roncar trovoada.

DEDÉ

Já largou a estiva, Mestre Coca?

COCA

Já. Descarreguei um cargueiro holandês até a uma hora e caí no mundo. Hoje, dia de Iansan, não é dia de carregar pêso, é dia de vadiar.

DEDÉ

Vamos ter capoeira hoje?

COCA

Mais logo. Mais logo vamos ter vadiação. Vou jogar com Manoelzinho Sua-Mãe. *(Nota Zé-do-Burro)* Me disseram que tinha aqui um homem querendo entrar na igreja com uma cruz e o Padre não queria deixar.

GALEGO

É êsse aí.

COCA

Mas lugar de cruz não é dentro da igreja?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 265

DEDÉ

É, mas parece que a cruz é pra Iansan, e o Padre não gostou da história.

COCA

E fechou a porta?

DEDÉ

Não é de admirar. Outro dia êle não quis proibir que eu vendesse meus livros aqui na porta da igreja?

COCA

Por quê?

DEDÉ

Disse que o "ABC da Mulata Esmeralda" era indecente. Falou isso num sermão. E de lá pra cá, essas beatas quando passam por mim viram a cara, como se eu fôsse a pintura do Cão.

GALEGO

No me gustan los padres. Pero êsse está haciendo um buen servicio. Por causa dêle a freguesia aumentou e já fui até fotografado.

DEDÉ

Se êle quisesse, eu fazia o Padre abrir a porta em dois tempos.

GALEGO

Nada. Deixa el hombre aí. Quanto mais demorar, mejor...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.266

DEDÉ

Vou dar um pulo até o Mercado de Santa Bárbara.

COCA

Ah, lá a festança já começou é de-hoje. Capoeira, roda de samba... está bom que está danado .

DEDÉ

Tem turista?

COCA

Vi uns gringos.

DEDÉ

Vou até lá. *(Sobe a ladeira com os folhetos embaixo do braço).*

ROSA

*(Para o marido)* Sabe que horas são? Três horas da tarde. Você não está com fome?

ZÉ

Não. Vá ali na mulher do tabuleiro, compre qualquer coisa pra você. *(Tira do bôlso uma nota)*

*Rosa toma a nota e vai a Minha Tia.*

MINHA TIA

Que é, iaiá?

ROSA

Qualquer coisa pra matar a fome.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,1.267

MINHA TIA

Precisa mesmo. É de hoje que vosmincês estão aí...

ROSA

Desde manhã cedo.

MINHA TIA

*(Fitando Zé-do-Burro com simpatia e incredulidade)* E êle parece um homem tão bom...

SECRETA

*(O "tira" clássico. Chapéu enterrado até os olhos, mãos nos bolsos, inspira mais receio que respeito. À primeira vista, tanto pode ser o representante da lei, como o fugitivo da lei. Entra pela direita e atravessa a cena, lentamente, em direção à vendola. Ao passar por Zé-do-Burro, demora nêle um olhar de desabusada curiosidade).* Uma dupla. *(Olha em tôrno, procurando alguém, consulta o relógio).*

ROSA

*(Durante a entrada do Secreta, estêve escolhendo alguns quitutes no tabuleiro da baiana. Recebe-os agora, embrulhados em fôlha de banana, das mãos da preta. Paga).*

MINHA TIA

Diga a êle que não desanime, Iansan tem fôrça!

*Rosa ri, leva os quitutes para Zé-do-Burro. Êste recusa com um gesto. Entra da direita o Guarda, com um jornal na mão.*

GUARDA

Vejam! Primeira página com retrato e tudo! *(Mostra o jornal a Rosa, que corre ansiosamente)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569, P-268

ROSA

Meu retrato?

GUARDA

Eu também saí.

ROSA

*(Examina o retrato)* Hum... o senhor saiu muito bem. A cópia fiel!

GUARDA

*(Sorri, vaidoso)* É, eu acho que saí bem. Vou levar pra minha mulher.

ROSA

Quem saiu mal fui eu. *(Faz uma carêta de desagrado)* Horrível.

GUARDA

Não ligue. Fotografia de gazeta é assim mesmo.

ZÉ

*(Sua atitude para com Rosa é agora de recalcada e surda revolta. Embora êle não pareça ter certeza ainda de sua infidelidade, instintivamente começa a perceber que ela se encontra do outro lado, do lado daqueles que, por êste ou aquêle motivo, não o compreendem, ou fingem não compreendê-lo)* Afinal, que é que diz aí?

GUARDA

*(Como se só agora lhe ocorresse ler a reportagem)* Ah, sim... *(lê)* "O nôvo Messias prega a revolução".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.6564, P.269

ZÉ

*(Estranha)* Revolução?... *(Espicha o pescoço e lê por cima do ombro do guarda).*

GUARDA

É, revolução. Está aqui. *(Continua)* "Sete léguas carregando uma cruz, pela reforma agrária e contra a exploração do homem pelo homem." *(Entreolham-se sem entender).*

ZÉ

Eu bem achei que aquêle camarada não era certo da bola...

GUARDA

*(Continuando a ler)* "Para o vigário da paróquia de Santa Bárbara, é Satanás disfarçado. Quem será afinal Zé-do-Burro? Um místico ou um agitador? O povo o olha com admiração e respeito, pelos caminhos por onde passa com sua cruz, mas o vigário expulsa-o do templo. No entanto, Zé-do Burro está disposto a lutar até o fim." Acho que o môço não entendeu bem o seu caso. *(Olha-o com certa desconfiança)* Ou então fui eu que não entendi. *(Dá o jornal a Zé-do-Burro)* Podem ler. Mas não joguem fora. *(Iniciando a saída)* Quero levar pra casa. *(Sai).*

ROSA

Zé, não estou gostando disso.

ZÉ

Nem eu.

ROSA

Não entendi bem o que botaram na gazeta, mas uma coisa me diz que isso não é bom.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.270

ZÉ

*(Não esconde o ressentimento que guarda dela)* Bem Maria de Iansan disse. A promessa tinha que ser bem grande. Com certeza Santa Bárbara achou que não era bastante o que eu prometi e está cobrando o restante. *(Fita Rosa)* Ou está me castigando por eu ter prometido tão pouco.

ROSA

Então eu também estou sendo castigada...

ZÉ

Ou pode ser que esteja me fazendo passar por tudo isso pra me experimentar. Pra ver se eu desisto da promessa. Santa Bárbara está me tentando... e ainda há pouco quase que eu caio.

ROSA

Quando?

ZÉ

Quando aquela sujeita disse tudo aquilo. O sangue me subiu na cabeça e se eu me deixo tentar tinha matado um homem ou uma mulher. Ia prêso e não podia cumprir a promessa. Pensei nisso, naquela hora, e agüentei tudo calado. Foi uma prova. Tudo isso é uma provação.

ROSA

*(Agarrando-se a uma justificativa para sua própria falta)* Deve ser, sim. É a única explicação pra tudo que aconteceu. Santa Bárbara me usou pra pôr você à prova.

ZÉ

Mas Santa Bárbara não tinha feito isso se não conhecesse você melhor que eu...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.271

ROSA

*(Veemente)* Eu senti, Zé, senti que havia uma vontade mais forte do que a minha me empurrando pra lá... E você ajudando. Você também é culpado. Eu não queria ir e você insistia. Não é pra me desculpar, mas se tudo é obra de Santa Bárbara, o que é que eu podia fazer?

ZÉ

Podia resistir à tentação, como eu tenho resistido.

ROSA

Era diferente. Não era a mim que ela estava pondo à prova. Era a você. E se ela é santa, se ela pode fazer milagre, pode me obrigar a fazer o que eu não quero, como obrigou. Pode botar o diabo no meu corpo, como botou. Mas isso não vai acontecer mais. Acho até que isso nem aconteceu. Pois se foi uma provação divina...

ZÉ

*(Não muito convencido)* Êsse assunto nós vamos resolver depois, na volta. *(Lê o jornal)*

*Entra Bonitão pela direita e vai diretamente à vendola. Aproxima-se do Secreta. Traz um jornal em baixo do braço.*

BONITÃO

*(Em voz baixa, disfarçadamente)* Você veio depressa. *(Para o Galego)* Uma dose.

*Galego serve.*

SECRETA

*(Idem)* Que é que você quer falar comigo? Se é sôbre a sua volta à Polícia...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.272

BONITÃO

*(Corta, sorrindo)* Não, nada disso. Nem estou pensando mais em voltar. Estou muito bem de vida.

SECRETA

Mas tome cuidado. Estão com sua ficha em dia...

BONITÃO

*(Ri)* Não acredito. Vocês vivem comendo môsca. Olha aí... *(Indica, com o olhar, Zé-do-Burro)* No meu tempo, êsse cabra já estava no xilindró. *(Noutro tom)* E vocês me expulsaram...

SECRETA

Quem é êle?

BONITÃO

*(Mostrando o jornal)* Tome, leia... Vocês nem lêem gazeta e querem estar em dia. *(O Secreta põe-se a ler o jornal atentamente, dando de vez em quando, uma mirada para Zé-do-Burro, como a comprovar as afirmativas. Bonitão atira uma nota sôbre o balcão)*

SECRETA

Você já conversou com êle?

BONITÃO

Já. O homem é perigoso. Banca o anjo de procissão, mas não é à-tôa que o padreco dali de frente fechou a igreja e jurou que êle não entra.

SECRETA

É, mas a coisa é esquisita.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 273

BONITÃO

Eu, se fôsse você, "guardava" êle por uns dias.

SECRETA

Também não pode ser assim. Tenho que investigar, depois comunicar ao Comissário.

BONITÃO

Qual, vocês não sabem trabalhar. Dá o flagra no homem!

SECRETA

Flagra de quê? Êle não está fazendo nada...

BONITÃO

Como não? Agitação social!

SECRETA

Venha comigo.

BONITÃO

*(Iniciando a passagem)* Êle vai lhe contar a história de um burro, mas não vá nessa conversa.

GALEGO

*(Para Mestre Coca)* Polícia... Estão querendo prender el hombre!

COCA

Está certo, não. Fazer promessa não é crime.

*Zé-do-Burro recebe Bonitão e Secreta com desconfiança. Rosa mostra certo constrangimento diante de Bonitão. Êste apresenta o Secreta.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 274

BONITÃO

Um amigo. Quer conversar com vocês. Quer ajudar.

SECRETA

Olá!

ZÉ

*(Dentro dêle, uma revolta de proporções imprevisíveis começa a crescer)* Ajudar... todo o mundo quer ajudar... *(Arrebata o jornal das mãos de Rosa e o faz em pedaços)*

ROSA

*(Assustada)* Não faça isso, homem! É do Guarda! Êle pediu pra guardar!

ZÉ

O Guarda também quer ajudar. *(Repete como uma obcessão)* Todos querem ajudar... *(Seu olhar, que começa a ser agora um olhar de fera acuada, cai sôbre Bonitão)* Todos...

SECRETA

O senhor sabe que suas idéias são muito perigosas?

ZÉ

Perigosas?

SECRETA

O senhor não devia dizer isso no jornal. E muito menos aqui, em praça pública. Porque isso pode lhe dar muita aporrinhação.

ZÉ

Mais do que já tive?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.285

SECRETA

Por muito menos, tenho visto muita gente ir parar no xadrez.

ROSA

Xadrez?

SECRETA

Estou avisando como amigo.

ZÉ

Amigo. Já vi que estou cercado de amigos. É amigo por todo o lado. Cada qual querendo ajudar mais do que o outro.

SECRETA

O senhor é um revoltado.

ZÉ

Não era, não. Mas estou ficando.

SECRETA

É por isso que está aqui desde esta madrugada?

ZÉ

É. *(Inflamando-se)* E daqui não saio enquanto não fizer com que todo mundo me entenda! Todo mundo!

SECRETA

Como pretende fazer isso?

ZÉ

Como... sei lá... mas tem de haver um jeito... tem de haver um jeito... *(Desesperado)* A vontade que eu tenho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 276

é de jogar uma bomba... *(Inicia um gesto, como se atirasse uma bomba contra a igreja, mas o braço se imobiliza no ar, êle percebe a heresia que ia proferir, deixa o braço cair e ergue os olhos para o céu)* Que Deus me perdoe! *(Secreta e Bonitão trocam olhares significativos. Zé-do-Burro avança dois ou três passos em direção à igreja, isola-se do grupo e grita a plenos pulmões)* Padre! Padre! *(Dedé desce a ladeira e fica assistindo à cena, curioso)* Padre, eu andei sete léguas pra vir até aqui! Deus é testemunha! Ainda não comi hoje... e não vou comer até que abra a porta! Um dia, dois... um mês... vou morrer de fome na porta da sua igreja, Padre!

*Galego deixa a vendola e vem para o meio da praça, no momento em que surgem também na ladeira dois tocadores de berimbau, de instrumento em punho. Colocam-se ao lado de Mestre Coca e ficam apreciando.*

ZÉ

*(Gritando, alucinadamente)* Padre, é preciso que me ouça, Padre!

*Abre-se de súbito a porta da igreja e entra o Padre. O Sacristão atrás dêle, amedrontado. Grande silêncio. O Padre avança até o comêço da escada.*

PADRE

Que pretende com essa gritaria? Desrespeitar esta casa, que é a casa de Deus?

ZÉ

Não, Padre, lembrar sòmente que ainda estou aqui com a minha cruz.

PADRE

Estou vendo. E essa insistência na heresia mostra o quanto está afastado da igreja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0567, f. 339

ZÉ

Está bem, Padre. Se fôr assim, Deus vai me castigar. E o senhor não tem culpa.

PADRE

Tenho, sim. Sou um sacerdote. Devo zelar pela glória do Senhor e pela felicidade dos homens.

ZÉ

Mas o senhor está me fazendo tão infeliz, Padre!

PADRE

*(Sinceramente convicto)* Não! Estou defendendo a sua felicidade, impedindo que se perca nas trevas da bruxaria.

ZÉ

Padre, eu não tenho parte com o Diabo, tenho com Santa Bárbara.

PADRE

*(Agora para tôda a praça)* Estive o dia todo estudando êsse caso. Consultei livros, textos sagrados. Naquele burro está a explicação de tudo. É Satanás! Só mesmo Satanás podia levar alguém a ridicularizar o sacrifício de Jesus.

ROSA

Não, Padre, não!

PADRE

Por quê não?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0569, P.278

ROSA

Porque eu conheço êle. É um bom homem. Até hoje só fêz o bem.

PADRE

Lúcifer também foi anjo.

ROSA

É até bom demais. Nunca fêz mal a ninguém, nem mesmo a um passarinho. É capaz de repartir o que é dêle com os outros. De deixar de comer até... pra dar de comer a um burro. É um homem bom, isso eu garanto.

PADRE

Como pode garantir?

ROSA

Sou mulher dêle. Vivo com êle. Durmo na mesma cama, como na mesma mesa.

PADRE

Isso não quer dizer nada...

ROSA

*(Com mais veemência)* Como é que não?!

*Entra o Guarda da direita e se detém no meio da praça*

PADRE

Lúcifer iludiu o Senhor até o último momento! *(Leva o dedo em riste)* Mas eu conheço seus adeptos! Mesmo quando se disfarçam sob a pele do cordeiro! Mesmo quando se escondem atrás da cruz de Cristo! A mesma cruz que querem destruir! Mas não destruirão! Não destruirão!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567,P.299

*Neste momento, entra Monsenhor. O Padre está no auge de sua cólera. Ao ver Monsenhor, seu braço se imobiliza no ar, como ante uma aparição sobrenatural.*

PADRE

Monsenhor!

SACRISTÃO

Monsenhor Otaviano!

PADRE

*(Grita para a praça)* Deixem passar Monsenhor!

*Todos abrem passagem e se curvam respeitosamente. Monsenhor avança para a igreja. Ao passar por Zé-do-Burro, êste lhe cai aos pés e beija-lhe a mão.*

MONSENHOR

*(Paternal, magnânimo) Já sei. Estou tratando do seu caso. (Entra na igreja, seguido dos seminaristas, do Padre e do Sacristão. Fecha-se a porta).*

GUARDA

É Monsenhor Otaviano! Deve ter vindo a mando do Arcebispo!

ROSA

E o Padre ficou apavorado quando viu êle, reparou?

DEDÉ

Com certeza o Arcebispo mandou puxar as orelhas do Padre.

MINHA TIA

Bem feito!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567,P 280

GALEGO

Bem feito, nada. Se deixam el hombre entrar, prejudicam nuestro negócio.

ZÉ

*(Com esperança)* Será?... será que o Arcebispo chegou a saber?!

GUARDA

Ora, a cidade inteira já sabe! O rádio já deu!

COCA

Não se fala noutra coisa, da Cidade Baixa até a Cidade Alta!

ZÉ

E êle vir até aqui por causa disso...

ROSA

É porque veio trazer alguma ordem. E ordem do Arcebispo!

DEDÉ

Mandou o Padre deixar de ser bêsta.

COCA

Mandou abrir a porta!

MINHA TIA

Eu disse: Iansan tem fôrça! Agora êle vai entrar! Vai entrar!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.281

ZÉ

Eu sabia que Santa Bárbara não ia me desamparar!

*Abre-se a porta da igreja. Surgem Monsenhor e Padre, seguidos do Sacristão. Há um grande silêncio de expectativa.*

MONSENHOR

Venho aqui a pedido de Monsenhor Arcebispo. S. Excia. está muito preocupado com o vulto que está tomando êste incidente e incumbiu-me, pessoalmente, de resolver a questão. A fim de dar uma prova de tolerância da igreja para com aquêles que se desviam dos cânones sagrados...

ZÉ

*(Interrompe)* Padre, eu sou católico. Não entendo muita coisa do que dizem, mas queria que o senhor entendesse que eu sou católico. Pode ser que eu tenha errado, mas sou católico.

MONSENHOR

Pois bem. Vamos lhe dar uma oportunidade. Se é católico, renegue todos os atos que praticou por inspiração do Diabo e volte ao seio da Santa Madre Igreja.

ZÉ

*(Sem entender)* Como, Padre?

MONSENHOR

Abjure a promessa que fêz, reconheça que foi feita ao Demônio, atire fora essa cruz e venha, sòzinho, pedir perdão a Deus.

ZÉ

*(Cai num terrível conflito de consciência)* O senhor acha mesmo que eu devia fazer isso?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.282

MONSENHOR

É a sua única maneira de salvar-se. A igreja católica concede a nós, sacerdotes, o direito de trocar uma promessa por outra.

ROSA

*(Incitando-o a ceder)* Zé... talvez fôsse melhor...

ZÉ

*(Angustiado)* Mas Rosa... se eu faço isso, estou faltando à minha promessa. Seja Iansan, seja Santa Bárbara, estou faltando...

MONSENHOR

Com a autoridade de que estou investido, eu o liberto dessa promessa, já disse. Venha fazer outra.

PADRE

Monsenhor está dando uma prova de tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da Igreja e a sua própria intransigência.

ZÉ

*(Pausa)* O senhor me liberta... mas não foi ao senhor que eu fiz a promessa, foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como castigo, quando eu voltar pra minha roça não vou encontrar meu burro morto.

MONSENHOR

Decida! Renega ou não renega?

MINHA TIA

Êparrei! Maleme pra êle, minha mãe!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 283

COCA

Maleme!

ZÉ

Não! Não posso fazer isso! Não posso arriscar a vida do meu burro!

PADRE

Então é porque você acredita mais na fôrça do Demônio do que na fôrça de Deus! É porque tudo que fêz foi mesmo por inspiração do Diabo!

MONSENHOR

Nada mais posso fazer então. *(Atravessa a praça e sai).*

ZÉ

*(Corre na direção de Monsenhor)* Monsenhor! Me deixe explicar! *(No auge do desespêro)* Me deixe explicar!

PADRE

Que ninguém agora nos acuse de intolerantes. E que todos se lembrem das palavras de Jesus: "Porque surgirão falsos Cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fôra, enganariam a muitos".

ZÉ

Padre, eu não quero enganar ninguém.

PADRE

Enganaria a muitos, sim. E muitos o seguiriam ao sair daqui.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 284

ZÉ

Eu não quero que ninguém me siga!

PADRE

Mas seguiriam, como já o seguiram pelas estradas, sem saber que seguiam a Satanás!

ZÉ

*(Sùbitamente fora de si, corre para a cruz, levanta-a nos braços como um aríete e grita)* Padre! Por Santa Bárbara ou por Satanás, vou colocar esta cruz dentro da igreja, custe o que custar!

PADRE

*(Ante a decisão que vê estampada no rosto de Zé-do-Burro, recua, amedrontado)* Eis a prova: um católico ameaça invadir a casa de Deus! Guarda! Prenda êsse homem! *(E ante a investida de Zé-do-Burro, que caminha para a igreja, corre seguido do Sacristão e cerra a porta no momento mesmo em que Zé sobe os degraus. Êste, revoltado e vencido, atira a cruz contra a porta. A cruz tomba, estrondosamente, sôbre a escada. Zé-do-Burro senta-se num dos degraus e esconde o rosto entre as mãos).*

COCA

*(Para os tocadores de berimbau)* Fiquem aqui. Vou chamar o resto do pessoal. *(Sobe a ladeira).*

BONITÃO

*(Para o Secreta)* Que está esperando? Não está convencido ainda?...

SECRETA

*(Faz um sinal afirmativo com a cabeça)* Espere... *(Sai pela direita)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.28

ROSA

*(Que percebeu a troca de palavras entre o Secreta e Bonitão) Espere o que? Quem é êle?*

BONITÃO

Um secreta.

ROSA

*(Começando a compreender)* Polícia! Você...? Você denunciou...?!

BONITÃO

Daqui a pouco, você vai ficar livre dêsse idiota.

ROSA

*(Horroriza-se ante a idéia da traição)* Você não devia ter feito isso! Não devia!

BONITÃO

É pro seu bem. Pro nosso bem.

ROSA

*(Angustiada pelo conflito de consciência que se apossa dela)* Não... assim, não! Eu não queria assim!

BONITÃO

Agora... está feito.

*Rosa se debate em seu conflito: de um lado, sua noção de lealdade gerando um repúdio natural à delação. Do outro, todos os seus recalques sexuais, sua ânsia de libertação, de realização mesmo, como mulher, que Bonitão veio despertar. Enquanto isso, Zé-do-Burro, sentado nos degraus da*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.286

*igreja, sofre uma crise nervosa. Soluça convulsivamente. Os tocadores de berimbau fazem gemer a corda de seus instrumentos.*

*E lentamente, enquanto as luzes de cena se apagam,* CAI O PANO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 287

# Terceiro Ato

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.088

*Entardecer. A praça está cheia de gente. Na escadaria da igreja, Zé-do-Burro e Rosa. Na vendola, o Galego. À frente da vendola, formou-se uma roda de capoeira. Dois tocadores de berimbau, um de pandeiro e um de reco-reco, sentados num banco, e os "camarados", formando um círculo, ao centro do qual, de cócoras, diante dos músicos, estão Mestre Coca e Manoelzinho Sua-Mãe. Dedé Cospe-Rima está entre os componentes da roda e Minha Tia não se encontra em cena. Choram os berimbaus e Rosa, dominada pela curiosidade, aproxima-se da roda.*

MESTRE DO CÔRO

*(Canta):*

Sinhazinha que vende aí?
Vendo arroz do Maranhão
Meu sinhô mandô vendê
Na terra do Salomão.
Aruandê
Camarado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 284

CÔRO

Ê ê
Aruandê
Camarado.

MESTRE

Galo cantô

CÔRO

Ê, ê
Aruandê
Camarado

MESTRE

Cocorocô

CÔRO

Ê, ê
Aruandê
Camarado

MESTRE

Goma de gomá

CÔRO

Ê, ê
Goma de gomá
Camarado

MESTRE

Ferro de matá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 290

CÔRO

Ê, ê
Ferro de matá
Camarado

MESTRE

É faca de ponta

CÔRO

Ê, ê
Faca de ponta
Camarado

MESTRE

Vamos embora.

CÔRO

Ê, ê
Vamos embora
Camarado

MESTRE

Pro mundo afora

CÔRO

Ê, ê
Pro mundo afóra
Camarado

MESTRE

Dá volta ao mundo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567,P.291

CÔRO

Ê, ê
Volta do mundo
Camarado.

*E tem início o jôgo. Mestre Coca e Manoelzinho Sua-Mãe percorrem a roda virando o corpo sôbre as mãos e começam a luta-dança, cuja coreografia é ditada pelo toque do berimbau.*

DEDÉ

*(Grita)* Quero ver um "rabo de arraia", Mestre Coca!

UMA VOZ

Manoelzinho Sua-Mãe é porreta no aú!

OUTRA VOZ

Eu queria vê isso à véra.

MESTRE DO CÔRO

Quem te ensinô essa mandinga?
Foi o nêgo de sinhá.
O nêgo custô dinhêro,
dinhêro custô ganhá,
Camarado.

CÔRO

Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.

MESTRE DO CÔRO

Amanhã é dia santo,
dia de corpo de Deus
Quem tem roupa vai na missa,
quem não tem faz como eu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.121

CÔRO

Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.

MESTRE DO CÔRO

Minino, quem foi teu mestre?
quem te ensinô a jogá?
— Sô discip'o que aprendo
meu mestre foi Mangangá,
na roda que êle estêve,
outro mestre lá não há,
Camarado.

CÔRO

Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.

*Rosa, apreensiva, nervosa, desinteressa-se da capoeira: vai até a ladeira, olha para o alto, ansiosamente, como se esperasse alguém, depois volta para junto do marido. Muda o ritmo do jôgo.*

MESTRE DO CÔRO

Panha a laranja no chão, tico-tico
ái, se meu amô fô s'imbora eu não fico

CÔRO

Panha a laranja no chão, tico-tico

MESTRE DO CÔRO

Minha camisa é de renda de bico

CÔRO

Panha a laranja no chão, tico-tico

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564/P.293

MESTRE DO CÔRO

Ái, se meu amô fô s'imbora eu não fico

*E novamente muda o jôgo, agora rápido, com os dois jogadores empenhando-se em golpes de espantosa agilidade, no ritmo cada vez mais acelerado da música.*

MESTRE DO CÔRO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuá

CÔRO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuá

MESTRE DO CÔRO

Vou pidi a Santa Bárbara
Pra ela me ajudá

CÔRO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuá[1]

*Êsse estribilho é repetido várias vêzes em ritmo cada vez mais rápido, até que Minha Tia surge no alto da ladeira e merca, num canto sonoro.*

MINHA TIA

Óia, o ca-ru-ru!

*Cessam de repente o canto e o acompanhamento. Os jogadores param de jogar.*

1 A capoeira não deve durar mais que dois minutos, a fim de não quebrar a continuidade dramática da peça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 294

MINHA TIA

É o caruru de Santa Bárbara, minha gente!

*A roda de capoeira se desfaz, alegremente. Todos cercam Minha Tia, que vai instalar seu tabuleiro no local costumeiro, ajudada pelos capoeiristas. Apenas os músicos continuam nos seus bancos e Mestre Coca vai à vendola. Rosa também permanece junto ao marido, demonstrando um nervosismo, uma ansiedade crescente.*

DEDÉ

O primeiro caruru é meu, Minha Tia!

*Minha Tia enche um prato e coloca-o de lado, no chão.*

DEDÉ

Pra quem é êsse?

MINHA TIA

É pra Santa. *(Enche outro prato, dá a Dedé)* Agora sim, é seu.

*Dedé recebe o prato e dirige-se à vendola.*

COCA

*(Tira do bôlso uma nota e coloca-a sôbre o balcão)* Aposto cem.

GALEGO

*(Coloca uma nota sôbre a de Mestre Coca)* Casado.

COCA

Fica na mão de quem? *(Dedé vem se aproximando)* De Dedé Cospe-Rima.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 295

DEDÉ

Também quero entrar nessa aposta.

COCA

O Galego diz que o padreco não deixa o homem entrar. Eu digo que vai acabar entrando, hoje mesmo, com cruz e tudo.

GALEGO

Entra nada. Yo conheço êsse padre. Môça com vestido decotado no entra nesta igreja. Yo mismo já vi êle parar la missa até que uma turista americana, de calças compridas, se retirasse...

DEDÉ

E eu digo que o homem entra, mas não hoje, ama[illegible] O Padre quer humilhar êle primeiro, mas depois vai fi[illegible] com mêdo dêle ir se queixar pra Santa Bárbara e vai abrir a porta.

GALEGO

Pero usteds no entenderam la cosa. Êle no fêz promessa para Santa Bárbara. Fêz para Iansan, num candomblé.

COCA

E que tem isso?

GALEGO

Tem que candomblé és candomblé e igreja és igreja.

COCA

E a Santa não é a mesma?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 296

DEDÉ

Não, o Galego tem razão. A santa pode ser a mesma, mas o Padre tem mêdo da concorrência e quer defender o seu negócio.

COCA

Mas não adianta. Iansan tem fôrça. O homem entra.

GALEGO

Nem Iansan nem todos os orixás do candomblé fazem êle entrar.

DEDÉ

Entra, sim. Amanhã êle entra. *(Num tom de mistério)* E não se admirem se fôr eu que fizer êle entrar...

GALEGO

Usted?

DEDÉ

Sim, eu, Dedé Cospe-Rima.

COCA

E como?

DEDÉ

Ah, isso é segrêdo profissional.

COCA

Então, se êle entrar hoje, ganho eu. Se entrar amanhã, ganha você. Se não entrar, ganha o Galego.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567, P.249

DEDÉ

Fechado.

COCA

Bota cem pratas. *(Estende a mão)*

DEDÉ

*(Segura o prato com uma das mãos, com a outra remexe os bolsos)* Não tenho ainda não, mas de noite eu lhe dou.

COCA

*(Desconfiado)* Vê lá, hem? *(Dá o dinheiro ao Galego)* Por via das dúvidas, fica com o dinheiro, Galego.

MANOELZINHO

*(Aproxima-se de Mestre Coca)* Tu tá um bicho na capoeira, Mestre Coca.

COCA

Você é quem diz.

MANOELZINHO

Tinha ido pro mercado, pensando que ia ser lá a vadiação. Lá me disseram que tinha vindo todo mundo pra cá.

COCA

Por causa do homem da cruz.

MANOELZINHO

Diz que êle quer cumprir obrigação pra Iansan.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 248

UM CAPOEIRA

Quer botar essa cruz lá dentro da igreja.

OUTRO CAPOEIRA

E já quiseram até prender êle.

MANOELZINHO

Só por causa disso?

UM CAPOEIRA

Então.

MANOELZINHO

Não pode!

COCA

Não pode e não vão fazer. O homem não fêz nada.

DEDÉ

*(Aproxima-se de Zé-do-Burro)* Amanhã... amanhã você entra, meu camarada. Lhe garanto. Vou hoje pra casa escrever a história dêsse padre. Sei umas coisas dêle... e se precisar a gente inventa. Amanhã vou chegar aqui com uma tabuleta: "Aguardem! O padre que fechou a casa de Deus"! Vai ver se êle abre ou não abre a porta. Ou abre ou vai ter que me passar uma gaita pra não publicar os versos. *(Pisca o ôlho e afasta-se).*

MINHA TIA

*(Para Rosa)* Não quer também, iaiá?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 299

ROSA

Não.

MINHA TIA

Caruru de Santa Bárbara. Antigamente a gente fazia isso e era de graça. Hoje, com a vida do jeito que está, a gente tem mesmo é que cobrar.

GALEGO

*(Atravessa a praça com um prato de sanduiches na mão e vai a Zé-do-Burro)* Pero yo no cobro nada. *(Oferece)*. Oferta da casa.

ZÉ

Pra mim?

GALEGO

Si, para usted. Cachorro quente. Después trarê un cafezito.

ZÉ

Não, obrigado.

GALEGO

Pode aceitar sin constrangimento. E podemos até hacer un negócio. Se usted promete no arredar pé de acá, yo me comprometo a fornecer comida e bebida gratuitamente para los dos.

ZÉ

Não, não tenho fome.

GALEGO

*(Muito preocupado)* Pero, asi usted no poderá resistir!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, p.30

ZÉ

Não importa.

GALEGO

*(Oferece a Rosa)* A senhora não quer?...

ROSA

Não estou com vontade.

GALEGO

*(Encolhe os ombros, conformado)* Bien... *(Volta à venda)*

ZÉ

*(Êle observa a intranqüilidade indisfarçável de Rosa, que a todo o momento olha assustada para a ladeira ou para a rua, esperando ver surgir a polícia)* Que é que você tem?

ROSA

Nada. Queria era ir embora.

ZÉ

Sòzinha?

ROSA

Não, com você.

ZÉ

*(Com intenção)* Pensei que estivesse farta de mim.

ROSA

*(Nervosamente)* Estou farta é dessa palhaçada. Estamos aqui bancando os bobos. Tôda essa gente está rindo de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569, P.301

nós, Zé! Quem não está rindo, está querendo se aproveitar. É uma gente má, que só pensa em fazer mal. *(Sacode-o pelos ombros, como para chamá-lo à realidade)* Largue a cruz onde está, Zé, e vamos embora pra nossa roça, antes que seja tarde demais!

ZÉ

De que é que você está com mêdo?

ROSA

De tudo.

ZÉ

Não é de você mesma?

ROSA

Também! Mas já não sou eu quem corre perigo, é você.

ZÉ

Que perigo?

ROSA

Você não vê? Não sente? Não respira? Está no ar!... E cada minuto que passa, aumenta o perigo. *(Olha para todos os lados, como fera acuada)* Esta praça está ficando cada vez menor... como se êles estivessem fechando tôdas as saídas. *(Volta-se para êle, com veemência)* Vamos embora, Zé, enquanto é tempo!

ZÉ

*(Desconfiado)* Que deu em você assim de repente?

ROSA

Não é de repente, desde que chegamos que eu estou querendo voltar. Você foi que teimou em ficar. Por mim, você

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564 f. 30

tinha largado aí essa cruz e voltado no mesmo pé. *(Com intenção)* A esta hora, já estava na estrada, longe daqui, e nada tinha acontecido.

ZÉ

Você acha que depois de andar sete léguas eu ia voltar sem cumprir a promessa?

ROSA

Você já pagou essa promessa, Zé. Não é sua culpa se há gente sempre disposta a ver Demônios em tôda a parte, até mesmo naquêles que estão do lado dêles e que odeiam também o Demônio. É gente que vai acabar enxergando na própria sombra a figura do Diabo.

*Entreabre-se a porta da igreja e surge na fresta, a cabeça do Sacristão, que, ao ver Zé-do-Burro, torna a entrar e fecha a porta.*

ROSA

Está vendo? O Padre mandou ver se você ainda está aqui; não vai abrir a porta enquanto a gente não fôr embora. Vamos, Zé!

ZÉ

*(Reage com irritação, procurando combater em si mesmo o desejo de ceder)* Não, já disse que não. Só arredo pé daqui depois de levar a cruz lá dentro da igreja.

*O Secreta entra da direita e atravessa a praça em direção à vendola, observando, dissimuladamente, Zé-do-Burro. Ao vê-lo, Rosa não esconde sua inquietação. Acompanha-o com um olhar amedrontado até a vendola.*

SECRETA

*(Para o Galego)* Uma meladinha.

*Galego serve a cachaça com mel.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569,P.303

ZÉ

*(Notando a apreensão de Rosa)* Que foi?

ROSA

Êle não é nosso amigo.

ZÉ

E que tem isso?

ROSA

Ouvi dizer que é da Polícia.

ZÉ

Não sou nenhum criminoso, não fiz mal a ninguém.

ROSA

Por isso mesmo que eu tenho mêdo, porque você não sabe fazer mal... e êles sabem!

*Mestre Coca e Manoelzinho vão à vendola, encostam-se no balcão junto do Secreta.*

GALEGO

Que van hacer com o homem?

SECRETA

Deixe que eu cuido disso.

COCA

Mas êle não fêz nada...

SECRETA

*(Lança a Mestre Coca um olhar de intimidação)* E é melhor não se meterem onde não são chamados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.304

*Secreta bebe a cachaça de um trago, coloca uma moeda sôbre o balcão e volta a atravessar a cena, com ar misterioso, saindo pela rua da direita. Mestre Coca e Manoelzinho trocam um olhar de solidariedade.*

ROSA

Êle só veio ver se a gente ainda estava aqui. Vamos aproveitar, antes que êle volte.

ZÉ

Deixe de bobagem. Não sou menino que quando brinca com fogo mija na cama. *(Põe-se a picar fumo com uma faquinha).*

MARLI

*(Entra da direita, atravessa a cena, lentamente, num andar provocante).*

DEDÉ

*(Referindo-se a Marli)* Boa môça... Só que casou com a humanidade...

*Mestre Coca ri.*

MARLI

*(Na venda, para o Galego)* Viu Bonitão?

GALEGO

Já estêve aqui várias vêzes, hoy.

MARLI

*(Referindo-se a Rosa)* Eu sei... e sei também o motivo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.305

GALEGO

Festa de Iansan?...

MARLI

Não é bem Iansan, é outro orixá...

ROSA

*(Para Zé-do-Burro)* Vou ali, preciso falar com aquela mulher.

ZÉ

Que é que você ainda tem que falar com ela? Não lhe basta a vergonha que ela lhe fêz passar?

ROSA

Mas eu preciso, Zé! Eu preciso! *(Vai à vendola. Zé-do-Burro a segue com um olhar de profunda desilusão)* Pr falar com você.

MARLI

*(Hostil estranhando)* Comigo?

ROSA

Ou melhor, com êle, Bonitão. Onde êle está?

MARLI

Sujeita sem vergonha. Dá em cima do meu homem e ainda tem o descaramento de vir me pedir pra dizer onde êle está! Não lhe basta o seu? Precisa do meu pra se contentar?

ROSA

Não preciso do seu homem pra nada. Quero só falar com êle, pra evitar uma desgraça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0064 P. 306

MARLI

*(Ameaçadora)* Se você quer mesmo evitar uma desgraça, o melhor é deixar êle em paz.

ROSA

Mas eu tenho que falar com êle. Juro que é assunto sério.

MARLI

Você pode enganar o trouxa do seu marido. Mas a mim, não!

ROSA

Onde êle mora?

MARLI

Mora comigo.

ROSA

Mentira. Eu sei que êle mora num hotel.

MARLI

Pois vá lá atrás dêle, pra ver o que lhe acontece.

ROSA

*(Reagindo)* Pare com isso que eu não tenho mêdo de você.

MARLI

Nem eu de você.

*As duas se olham desafiadoramente a ponto de quase se atracarem. Zé-do-Burro, que ouviu a discussão, aproxima-se.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.307

ZÉ

Rosa, você perdeu a cabeça? Não sabe qual é o seu lugar? Discutindo na rua com uma... *(completa a frase com um gesto de desprêzo).*

MARLI

Com uma o quê, seu beato pamonha? Carola duma figa! A mulher dando em cima do homem da gente e êle aí agarrado com essa cruz! Isso também faz parte da promessa?

ROSA

Cale essa bôca! Não se meta com êle. Êle não tem nada com isso!

MARLI

Não tem! Não é seu marido?

ROSA

É, mas não se rebaixa a discutir com você.

MARLI

*(Mede-o de cima a baixo, com mais desprêzo ainda)* Côrno manso! *(Dá-lhe as costas, bruscamente e sobe a ladeira).*

*Galego solta uma gargalhada, que corta de súbito, ante o olhar ameaçador de Zé-do-Burro. Êste, num gesto instintivo, ergue a pequena faca de picar fumo.*

ROSA

Zé!

GALEGO

*(Intimidado)* Perdon... no se puede dar confiança a essas mujeres...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P-308

ZÉ

*(Para Rosa, num tom que revela sua desilusão, sua revolta e sua decisão de não mais deixar-se iludir)* Esta noite a gente vai embora.

ROSA

E por que não agora?

ZÉ

Vamos deixar passar o dia de Santa Bárbara.

ROSA

De noite, talvez seja tarde.

ZÉ

Tarde pra quê?

ROSA

Pra voltar!

ZÉ

O que você ainda queria falar com aquêle sujeito?

ROSA

Pedir pra êle deixar você em paz.

ZÉ

A mim?

ROSA

Êle denunciou você à Polícia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 056, P.309

ZÉ

Mas eu sou um homem de bem. Nunca tive nada com a Polícia.

ROSA

Eu sei. Mas êles torcem as coisas. Confundem tudo. *(Angustiada)* Zé! Ouça o que eu digo. A gente devia ganhar a estrada agora mesmo. Neste minuto.

*O Repórter e o Fotógrafo entram pela direita, a tempo de ouvirem a última "fala" de Rosa.*

REPÓRTER

Eh, que é isso? Já estão pensando em ir embora?!

ZÉ

*(Hostil)* Vou embora quando quiser, não tenho que dar conta disso a ninguém. *(Dá as costas ao Repórter, ostensivamente e volta para junto da cruz, na escadaria da igreja. O Fotógrafo conversa qualquer coisa com os componentes da roda de capoeira e sai seguido de Mestre Coca e mais três ou quatro).*

REPÓRTER

Vocês não estão falando sério, não? Sim, porque eu espero que vocês cumpram o que prometeram. Meu jornal está cumprindo. Já tomei tôdas as providências para que sua estada aqui até segunda-feira seja a mais agradável possível.

ROSA

Como?

*Neste instante, entram os capoeiristas conduzindo primeiro uma tenda de pano já armada e em seguida um colchão de molas. Na tenda, há um letreiro: Oferta da Casa da Lona. No colchão há outro: Gentileza da Loja Sonho Azul. Com*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.36

*enorme espanto de Zé-do-Burro e Rosa, êles colocam a barraca no meio da praça e o colchão dentro da barraca.*

REPÓRTER

Fomos aos nossos clientes e êles se dispuseram prontamente a colaborar conosco.

*Entra o Fotógrafo trazendo uma mesinha e um aparelho de rádio de pilha, que coloca também na barraca.*

ZÉ

*(Surprêso)* O senhor trouxe essas coisas... pra nós?

REPÓRTER

Bem, julgamos que um pouco de fonfôrto durante êsses dias não reduzirá o valor de sua promessa. Além disso, segunda-feira, depois da entrada triunfal na igreja, o senhor percorrerá a cidade em carro aberto, com batedores, num percurso que irá daqui até a redação do nosso jornal. De lá, irá ao Palácio do Govêrno, onde será recebido pelo Governador. *(Zé vai dizer qualquer coisa e êle o interrompe)* Já sei: vai dizer que se o vigário de Santa Bárbara não o deixa entrar em sua igreja, o Governador vai também lhe bater com a porta na cara. Não se preocupe. Já estamos mexendo os pausinhos. E se o senhor puder dizer uma palavrinha a favor do candidato oficial nas próximas eleições, estará tudo arranjado.

ROSA

Por favor, leve tudo isso daqui. Nós estamos de partida.

REPÓRTER

De partida? Não, não pode ser, isso seria um desastre para mim! O jornal já fêz despesas, já compramos foguetes, contratamos uma banda de música para a volta...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564 P. 317

ROSA

A volta vai ser hoje mesmo.

REPÓRTER

Hoje?! Mas não dá tempo!... Não está nada preparado... O que é que a senhora pensa? Que é assim tão simples organizar uma promoção de venda? É muito fácil pegar uma cruz, jogar nas costas e andar sete léguas. Mas um jornal é uma coisa muito complexa. Mobilizar todos os departamentos para dar cobertura... e depois, eu já lhe disse, amanhã é domingo, não tem jornal!

ROSA

*(Irritando-se)* E qual é o meu?! Que se dane o seu jornal! Eu quero é ir embora daqui! O Zé tem razão, vocês todos querem ajudar, ajudar... ajudam mas é a desgraçar a vida da gente.

REPÓRTER

Está precisando de alguma ajuda... particular?

ROSA

Estou. A Polícia anda rondando a praça.

REPÓRTER

A Polícia?

ROSA

Um secreta. Estão querendo levar êle prêso.

REPÓRTER

Por quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.312

ROSA

*(Pensa um pouco)* Talvez porque êle é bom demais. E o resto é gente safada.

REPÓRTER

Hum... bem me pareceu que por trás dessa história do burro, da promessa, havia qualquer coisa... uma intenção oculta e um objetivo político. A Polícia, naturalmente, percebeu também.

ROSA

Mas êle não tem nenhuma intenção, a não ser a de pagar a promessa!

REPÓRTER

*(Sorri, descrente)* É claro que a senhora não vai dizer. Nem êle também. Mas podem contar comigo e com o meu jornal. Se êle fôr prêso, daremos tôda a cobertura. Abriremos manchetes na primeira página. Será uma maravilha para êle!

ROSA

Maravilha! Maravilha ser prêso?!

REPÓRTER

Todo líder precisa ser prêso pelo menos uma vez!

ROSA

Eu acho que o senhor é maluco. O senhor, êsse padre, a Polícia, todos. E eu também, se não me cuidar, vou acabar ficando.

*(Olha, ansiosamente, para o alto da ladeira)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0561, P.313

REPÓRTER

*(Chama de parte o Fotógrafo)* Prepare-se, que daqui a pouco é capaz de haver um bafafá.

*Rosa, angustiada, volta para junto do marido.*

ROSA

Desista, Zé. Desista.

ZÉ

Por que você não senta aqui e espera até a hora de ir embora?

ROSA

*(Senta-se num degrau)* É, o jeito é esperar.

DEDÉ

*(Vai a êles com seus folhetos)* E enquanto espera, deve aproveitar para melhorar sua cultura. O "ABC da Mulata Esmeralda", modéstia à parte, é uma verdadeira jóia da literatura brasileira. Por 10 cruzeiros apenas, o senhor poderá ler os mais inspirados versos que uma mulata jamais inspirou. *(Zé-do-Burro balança negativamente a cabeça. Dedé vai a Minha Tia).*

DEDÉ

Poesia está muito por baixo, Minha Tia. Quem está por cima é o caruru. *(Aproxima-se da roda de capoeira. Zé-do-Burro sobe um ou dois degraus, fita, revoltado, a porta cerrada).*

MINHA TIA

*(Para Zé-do-Burro)* Não desanime, môço. Hoje é dia de Iansan, mulher de Xangô, Orixá dos ráios e das tempestades. Mais logo, nos terreiros, ela está descendo no corpo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.317

dos seus cavalos. Vai falar com ela, môço, vai pedir a proteção de Iansan, que tudo quanto é porta há-de se abrir. *(Ouvem-se trovões mais fortes que da vez anterior)* Óia!... *(Aponta para o céu)* Iansan está falando!... *(Abaixa-se toca o chão com a ponta dos dedos, depois a testa e saúda Iansan)* Êparrei, minha mãe!

*Neste momento, surge Bonitão na ladeira. Rosa levanta-se, movida por uma mola. Zé-do-Burro, com os olhos pregados na porta da igreja, não o vê. Não vê que os olhares de Rosa e Bonitão se cruzam de um extremo a outro da praça. E que êle, da ladeira, faz para ela um gesto, convidando-a a acompanhá-lo. Rosa hesita, prêsa de tremendo conflito. Olha para Zé-do-Burro, para Bonitão. Êste a espera, certo de que ela acabará por ir ao seu encontro. Minha Tia, Galego e Dedé percebem o que se passa e aguardam atentamente. Vendo que ela não se decide, Bonitão dá de ombros, sorri e acena num gesto curto de despedida. Inicia a subida da ladeira, mas pára depois de dar dois ou três passos, fora do ângulo visual de Rosa e Zé-do-Burro. Ela, como que atraída por um ímã, inicia o movimento para segui-lo, quando Zé-do-Burro volta-se.*

ZÉ

Aonde vai, Rosa?

ROSA

*(Detém-se)* Vou ali, já volto.

ZÉ

Ali aonde?

ROSA

No hotel onde dormi. Lembrei agora que esqueci lá o meu lenço. *(Avança mais na direção da ladeira).*

ZÉ

Rosa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0567, P. 36

ROSA

*(Pára, já na altura da ladeira, vê Bonitão à sua espera)* Que é?

ZÉ

*(Num apêlo e numa advertência que é quase uma súplica)* Deixe êsse lenço pra lá!

ROSA

*(Hesita ainda um pouco)* Não posso, Zé. Eu preciso dêle!

ZÉ

Compro outro pra você, Rosa!

ROSA

Pra quê, Zé, gastar dinheiro à toa... é daquele que eu gosto (*Sobe a ladeira*).

*Bonitão passa o braço pela cintura dela e os dois saem. Galego e Dedé Cospe-Rima trocam olhares significativos.*

DEDÉ

*(Canta)*

Quem corta e prepara o pau,
quem cava e faz a gamela,
toma a si todo o trabalho
e depois fica sem ela...

*O sino da igreja começa a tocar as Ave-Marias. A Beata surge no alto da ladeira, apressada. Ao passar pela roda de capoeira, que novamente se anima, tem um ar de repulsa e indignação.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.316

BEATA

Falta de respeito! Bem em frente da igreja. Êste mundo está perdido!

MINHA TIA

*(Oferece)* Caruru, Iaiá?

BEATA

*(Pára junto a ela)* Quê?

MINHA TIA

Caruru de Iansan...

BEATA

*(Como se ouvisse o nome do Diabo)* Iansan?! E que é que eu tenho com dona Iansan? Sou católica apostólica romana, não acredito em bruxarias!

MINHA TIA

Adiscurpe, Iaiá, mas Iansan e Santa Bárbara não é a mesma coisa?

BEATA

Não é não senhora! Santa Bárbara é uma santa. E Iansan é... é coisa de candomblé, que Deus me perdôe! *(Benze-se repetidas vêzes e sai)*

CÔRO

Quem corta e prepara o pau
Quem cava e faz a gamela,
Toma a si todo trabalho
E depois fica sem ela.

*Mestre Coca, entra correndo.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564 P.317

COCA

*(A Zé-do-Burro)* Meu camarado, trate de ir embora! Estão lhe arrumando uma patota!

ZÉ

O quê?

COCA

Chegou um carro da Polícia! Êles estão com o Padre, na sacristia.

MINHA TIA

Vieram por causa dêle?

COCA

Então!

ZÉ

Mas eu não roubei, não matei ninguém!

DEDÉ

Quer um conselho? Experiência própria: com a Polícia, é melhor fugir do que discutir.

COCA

Ande depressa que nós agüentamos êles aqui até você ganhar o mundo!

ZÉ

Não, eu não vou fugir como qualquer criminoso, se estou com a minha consciência tranqüila.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 318

DEDÉ

Êle não se separa da cruz.

COCA

A gente esconde a cruz.

MINHA TIA

E de noite êle leva ela pra Iansan.

COCA

Vamos todo mundo levar! Todos os capoeiras da Bahia!

MINHA TIA

É a mesma coisa, meu filho! Iansan é Santa Bárbara. Eu lhe mostro lá no "pêji" a imagem da santa.

COCA

É preciso se decidir, meu camarado! Antes que seja tarde.

ZÉ

*(Balança a cabeça, sentindo-se perdido e abandonado)* Santa Bárbara me abandonou! Porque, eu não sei... não sei!

ROSA

*(Desce a ladeira correndo)* Zé! Não adianta... não adianta mais... Falei com êle, mas não adianta. A Polícia já está aí! Vem cercar a praça!

COCA

Eu não disse?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.319

DEDÉ

É preciso andar depressa, meu irmão!

MINHA TIA

Some daqui, meu filho!

ROSA

Vamos, Zé!

ZÉ

Santa Bárbara me abandonou, Rosa!

ROSA

Se ela abandonou você, abandone também a promessa. Quem sabe se não é ela mesma que não quer que você cumpra o prometido?

ZÉ

Não... mesmo que ela me abandone, eu preciso ir até o fim. Ainda que já não seja por ela... que seja só pra ficar em paz comigo mesmo.

*Sùbitamente, abre-se a porta da igreja e entram o Delegado, o Secreta, o Guarda, o Padre e o Sacristão.*

SECRETA

*(Aponta para Zé-do-Burro)* É êsse aí. *(Avança para Zé-do-Burro, seguido do Delegado e do Guarda).*

GUARDA

*(Como que se desculpando)* Eu já cansei de pedir a êle pra sair daqui, seu Delegado, não adiantou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.320

DELEGADO

*(Faz o Guarda calar com um gesto autoritário)* Seus documentos.

ZÉ

*(Estranha)* Documentos?...

DELEGADO

Carteira de identidade.

ZÉ

Tenho não.

DELEGADO

Outra carteira, outro documento qualquer.

ZÉ

Môço, eu vim só pagar uma promessa. A Santa me conhece, não precisava trazer carteira de identidade.

DELEGADO

*(Sorri irônico)* Pagar uma promessa... Pensa que nós somos idiotas.

SECRETA

Não demora e êle conta a história do burro.

DELEGADO

Êle vai contar essas histórias tôdas mas é na Delegacia. Vamos, acompanhe-me.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 321

ZÉ

*(Seu olhar vai do Delegado ao Secreta e ao Guarda, sem entender o que se passa)* Acompanhar o senhor... pra quê?

DELEGADO

Mais tarde você verá. Sou delegado dêste distrito. Obedeça.

ZÉ

Não posso. Não posso sair daqui.

DELEGADO

Não pode por quê?

COCA

Promessa, seu Delegado. Êle é crente.

DELEGADO

O Padre disse que êle ameaçou invadir a igreja. Pediu garantias.

SECRETA

Eu mesmo ouvi êle dizer que ia jogar uma bomba. Todo mundo aqui é testemunha!

DELEGADO

Uma bomba, hem... Vamos à Delegacia, quero que o senhor me explique isso tudo direitinho.

SECRETA

Vamos. *(Segura Zé-do-Burro por um braço mas êste se desvencilha)* Que é? Vai reagir?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.322

GUARDA

*(Apaziguador)* Acho melhor o senhor obedecer...

DELEGADO

Se êle reagir, pior para êle. Não estou disposto a perder tempo e conheço de sobra êsses tipos. Só se entregam mesmo é à bala.

ROSA

Não!

ZÉ

Os senhores devem estar enganados. Devem estar me confundindo com outra pessoa. Sou um homem pacato, vim saldar uma promessa que fiz a Santa Bárbara. *(Aponta para o Padre)* Aí está o vigário para dizer se é mentira minha!

PADRE

É mentira, sim! E não sòmente mentira, também um sacrilégio!

ZÉ

Padre, o senhor não pode dizer que é mentira, que eu não fiz essa promessa!

PADRE

Sim, talvez tenha feito, por inspiração de Satanás. Há quem diga que não estamos mais em época de acreditar em bruxas. No entanto, elas ainda existem. Mudaram talvez de aspecto, como Satanás mudou de métodos. É mais difícil combatê-las agora, porque são inúmeros os seus disfarces. Mas o objetivo de tôdas continua a ser um só: a destruição da Santa Madre Igreja!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569, P.323

DELEGADO

Padre, êste homem...

PADRE

Êste homem teve tôdas as oportunidades para arrepender-se. Deus é testemunha de que fiz todo o possível para salvá-lo. Mas êle não quer ser salvo. Pior para êle.

DELEGADO

*(Que ganhou decisão com o sermão do Padre)* Sim, pior para êle. *(Avança um passo na direção de Zé-do-Burro, que recua e fica encurralado contra a parede).*

ZÉ

*(Decidido a resistir)* Não. Ninguém vai me levar preso! Não fiz nada pra ser prêso!

DELEGADO

Se não fêz não tem o que temer, será sôlto depois. Vamos à Delegacia.

ROSA

Não, Zé, não vá!

GUARDA

É melhor... na Delegacia o senhor explica tudo.

DEDÉ

Não caia nessa, meu camarado.

ZÉ

Agora eu decidi: só morto me levam daqui. Juro por Santa Bárbara, só morto.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.324

SECRETA

*(Vê a faca na mão de Zé-do-Burro)* Tome cuidado, Chefe, que êle está armado! *(Observa a atitude hostil dos capoeiras)* E essa gente está do lado dêle!

COCA

Estamos mesmo. E aqui vocês não vão prender ninguém!

DELEGADO

Não vamos por quê?

MANOELZINHO

Porque não está direito!

DELEGADO

Estão querendo comprar barulho?

COCA

Vocês que sabem...

DELEGADO

Não se metam, senão vão se dar mal!

SECRETA

E é melhor que se afastem.

ROSA

Zé!

ZÉ

Me deixe, Rosa! Não venha pra cá!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.6567,P. 325

*Zé-do-Burro, de faca em punho, recua em direção à igreja. Sobe um ou dois degraus, de costas. O Padre vem por trás e dá uma pancada em seu braço, fazendo com que a faca vá cair no meio da praça. Zé-do-Burro corre e abaixa-se para apanhá-la. Os policiais aproveitam e caem sôbre êle para subjugá-lo. E os capoeiras caem sôbre os policiais para defendê-lo. Zé-do-Burro desaparece na onda humana. Ouve-se um tiro. A multidão se dispersa como num estouro de boiada. Fica apenas Zé-do-Burro no meio da praça, com as mãos sôbre o ventre. Êle dá ainda um passo em direção à igreja e cai morto.*

ROSA

*(Num grito)* Zé! *(corre para êle)*

PADRE

*(Num começo de reconhecimento de culpa)* Virgem Santíssima!

DELEGADO

*(Para o Secreta)* Vamos buscar reforço. *(Sai, seguido do Secreta e do Guarda).*

*O Padre desce os degraus da igreja, em direção do corpo de Zé-do-Burro.*

ROSA

*(Com rancor)* Não chegue perto!

PADRE

Queria encomendar a alma dêle...

ROSA

Encomendar a quem? Ao Demônio?

*O Padre baixa a cabeça e volta ao alto da escada. Bonitão surge na ladeira. Mestre Coca consulta os companheiros*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.32

*com o olhar. Todos compreendem a sua intenção e respondem afirmativamente com a cabeça. Mestre Coca inclina-se diante de Zé-do-Burro, segura-o pelos braços, os outros capoeiras se aproximam também e ajudam a carregar o corpo. Colocam-no sôbre a cruz, de costas, com os braços estendidos, como um crucificado. Carregam-no assim, como numa padiola e avançam para a igreja. Bonitão segura Rosa por um braço, tentando levá-la dali. Mas Rosa o repele com um safanão e segue os capoeiras. Bonitão dá de ombros e sobe a ladeira. Intimidados, o Padre e o Sacristão recuam, a Beata foge e os capoeiras entram na igreja com a cruz, sôbre ela o corpo de Zé-do-Burro. O Galego, Dedé e Rosa fecham o cortejo. Só Minha Tia permanece em cena. Quando uma trovoada tremenda desaba sôbre a praça.*

MINHA TIA

*(Encolhe-se tôda, amedrontada, toca com as pontas dos dedos o chão e a testa)* Êparrei, minha mãe!

E O PANO CAI LENTAMENTE.

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 327

*O Pagador de Promessas* foi apresentado, pela primeira vez, no dia 29 de julho de 1960, no Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo, com os seguintes intérpretes:

Zé-do-Burro / *Leonardo [illegible]*
Rosa / *Natália Timb[illegible]*
Marli / *Cleyde Yaconis*
Bonitão / *Maurício Nabuco*
Padre Olavo / *Elísio de Albuquerque*
Sacristão / *Odavlas Petti*
Guarda / *Stênio Garcia*
Beata / *Amélia Bittencourt*
Galego / *Jorge Ovalle*
Minha Tia / *Jacyra Sampaio*
Repórter / *Altamiro Martins*
Dedé Cospe-Rima / *Jorge Chai*
Secreta / *Moacyr Marchesi*
Delegado / *Marcello Bittencourt*
Mestre Coca / *Jean Thurret*
Monsenhor / *Sérgio Dantas*
Manoelzinho Sua-Mãe / *Batista Oliveira*
Roda de capoeira / *Assis — Ananias — Vicente — Félix — João — Jorge.*

Direção de FLÁVIO RANGEL

Cenário e figurinos de CYRO DEL NERO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 328

Esta obra foi executada nas oficinas da Companhia Gráfica LUX, rua Frei Caneca, 224 — Rio de Janeiro, para Editôra Civilização Brasileira S. A.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 329

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.330

Alfredo Dias Gomes

62

Primeiro Ato

ZÉ - (Olhando a igreja) É essa. Só pode ser essa. (Rosa pára também, junto aos degraus, cansada, enfastiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma).

ROSA - E agora? Está fechada.

ZÉ - É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

ROSA - Esperar? Aqui?...

Zé - Não tem outro jeito.

ROSA - (Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato) Estou com cada bôlha d'água no pé que dá mêdo.

ZÉ - Eu também. (Contorce-se num ritus de dor. Despe uma das mangas do paletó) Acho que os meus ombros estão em carne viva.

ROSA - Bem feito. Você não quis botar almofadinhas, como eu disse.

ZÉ - (Convicto) Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinhas.

ROSA - Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.

ZÉ - Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.

ROSA - Não usou porque não deixaram.

ZÉ - Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: - Ah, você é o Zé-do-Burro, aquêle que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.

ROSA - Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta? Já não chega? ...

ZÉ - Sei não... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia. (Êle sobe um ou dois degraus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição).

ROSA - Que é que você está procurando?

ZÉ - Qualquer coisa escrita... pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.

ROSA - E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?

ZÉ - É que pode não ser essa...

ROSA - Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse? Uma igreja - pequena, numa praça, perto duma ladeira...

ZÉ - (Corre os olhos em volta) Se a gente pudesse perguntar a alguém...

ROSA - Essa hora está todo o mundo dormindo. (Olha-o quase com raiva). Todo o mundo... menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. (Levanta-se e procura convencê-lo) Escute, Zé... já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama?...

ZÉ - E a cruz?

ROSA - Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia...

ZÉ - Podem roubar...

ROSA - Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus? Pra que serve uma cruz?

ZÉ - Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou: se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. Sete léguas.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
24 MAI 1971
SUCURSAL SÃO PAULO
AUTORIZAÇÃO S.B.A.T. Nº 16998

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0561, P.331

MEMORANDO Nº 481 em 02 julho 1971

Do: Chefe da Seção de Censura do SCDP
Ao: Sr. Chefe da TCDP-DR-DPF/ SP
As: Providências ( solicita )

Senhor Chefe:

Solicito as suas providencias no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: **O PAGADOR DE PROMESSAS**
Autor: **ALFREDO DIAS GOMES**
Intrs: **FED.DE TEATRO AMADOR DA BAIXA SOROCABANA**
Endrç: **SÃO PAULO -SP**

Atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe da Seção de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564 P.332

D.F.S.P.
021130 11 JUN 71

ILMO. SR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL. BRASILIA.

A FEDERAÇÃO DE TEATRO AMADOR DA BAIXA SOROCABANA, vem requerer se digne V.S. mandar proceder a censura do texto abaixo qualificado, para o que junta os documentos de lei.

NOME: O PAGADOR DE PROMESSAS

AUTOR: DIAS GOMES

LOCAL: SOROCABA.

Nestes Termos.

P. Deferimento.

São Paulo, 4 de Junho de 1971.

DPF — DA — SRA
Recebido 11/6/71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.333

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO O PAGADOR DE PROMESSAS - PEÇA TEATRAL -

AUTOR - DIAS GOMES

PARECER

TENDO EM VISTA TRATAR-SE DE PEÇA BASTANTE DIVULGADA EM NOSSO PAÍS, INCLUSIVE MOTIVO DE FILME, CONCORDAMOS PLENAMENTE COM A IMPROPRIEDADE ANTERIORMENTE CONCEDIDA, ISTO É, IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 ANOS .

BRASÍLIA, 23 DE JUNHO DE 1971

- CONSTANCIO MONTEBELLO -
INSP. DE DIV. PÚBLICAS DO EST. DE S. PAULO - REQUISITADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 334

Sr. Chefe:

Trata-se de peça já liberada por êste SCDP obtendo a mesma classificação: 18 anos

DF. 25.6.71

[signature]

De acôrdo
Em: 28/6/71
[signature]

Libere-se.
[signature]
28.6.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569, P. 335

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

# TEATRO

Certificado Nº 3912/71

PEÇA * O PAGADOR DE PROMESSAS *

ORIGINAL DE ALFREDO DIAS GOMES

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

VÁLIDO ATÉ 28 de JUNHO de 1976

Brasilia, 28 de JUNHO de 1971

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

**M.J.– D.P.F.**

**CERTIFICADO DO S.C.D.P.**

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 23, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada *O PAGADOR DE PROMESSAS*

Original de ALFREDO DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de FED.DE TEATRO AMADOR DA BAIXA SOROCABANA -S.PAULO

Tendo sido censurada em 23 de JUNHO de 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS :::::: CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL :::::

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 28 de JUNHO de 19 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXXX

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P. 336

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.337

MJ-DPF-SRA/BSB
-8 JAN 1974 001087
RECEBIDO POR

03/dez 67

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

BRASILIA

EU Vilza Maria Gamba

Residente a Rua (Av.) Santa Catarina

N.o 74 Apto. casa 5 Estado Civil solteira

venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar

a Peça: O Pagador de Promessas

Autoria de: Dias Gomes

Trad. (Adap.)

Que será representada a partir do ~~dia~~ fevereiro de 1973 /

na Cidade Santo André Estado S.P.

pelo Grupo ou Empresa Grupo de Teatro Amador do C.E.S.A

com Cobrança de Ingressos.

Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.

& Autorização da SBAT N.o

Nos referidos termos

P. deferimento

Vilza Gamba

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.338

03/vp 68

# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

*Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920*
*Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores*
*Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3° andar — End. Teleg. SBAT-RIO*
*Rio de Janeiro — Brasil.*

SÃO PAULO
~~Rio de Janeiro~~, 19 de DEZEMBRO de 19 72

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA ( 3 ) cópias da peça:
"O PAGADOR DE PROMESSAS"

DE: DIAS GOMES

próxima apresentação da TEATRO AMADOR DO COLÉGIO ESTADUAL DE SANTO ANDRÉ. no Teatro TEATROMUNICIPAL CONCHITA DE M MORAES
com estréia marcada para o dia FEVEREIRO DE 1973

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
19 DEZ 1972
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

Djalma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569, P. 339

05/ul 69

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO: O PAGADOR DE PROMESSA

P A R E C E R Nº 231/73

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS
Autor: Alfredo Dias Gomes

Procedendo ao exame do texto enviado à Censura pelo TEATRO AMADOR DO COLÉGIO ESTADUAL DE SANTO ANDRÉ - SP, constatei que o mesmo mantém-se fiel aos "scripts" que se encontram em nossos arquivos.

Isto posto, sou pela liberação do texto para menores de 18 (dezoito) anos, critério que vem sendo adotado pela DCDP para a obra em questão.

Brasília, 12 de janeiro de 1973

José do Carmo Andrade

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564 P.340

70
04/01/73

S. C. T. C.

TÍTULO: O PAGADOR DE PROMESSAS

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : SIM

Cls. Estária anterior: 18 ANOS

Praça: SÃO PAULO

DF. 09/1/73

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: J. Carmo

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 10/01/73 a 12/01/73

OBS:

DF. 10/01/73 Wanda

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Emitir certificados de conformidade com o abaixo disposto:

1. Quantidade: 2 (dois)
2. Natureza: Mais Vias
3. Grupo: Teatro Amador do Colégio Estadual de Santo André
4. Local p/ encam.: SR/SP
5. Impressão: Preto s/ cores
6. Prazo Validade: 28/06/76

Em: 12/01/73

DFSCTC

4) CHEFE S. C.

Sr. Diretor
Face ao pa-
recer de fls. 5.
dezoito anos
Em 10.1.73

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 11/1/1973
Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.341

016/73-SC/DCDP 12 JANEIRO 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL/SP

" O PAGADOR DE PROMESSAS "

DIAS GOMES

: SUPERINTENDENTE,

TEATRO MUNICIPAL COCHITA DE MORAES.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0369, P. 342

515/73

- O PAGADOR DE PROMESSAS

: DIAS GOMES

28 JUNHO 76

15 JANEIRO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS 18

- ROGÉRIO NUNES -

01 16

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, p. 343

O PAGADOR DE PROMESSAS.

: DIAS GOMES

TEATRO AMADOR DO COLÉGIO ESTADUAL DE SANTO ANDRÉ - SP -

12 JANEIRO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: UILZA MARIA GAMBA

15 JANEIRO 73

MH

- DEUSDETH PURLANAQUI -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.344

# SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

**Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.**

**AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL** Série 3/70 **Nº** 21276

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: ..."O PAGADOR DE PROMESSAS":-.....

.....

Original de ..Dias Gomes:-.....

Música de ...-X-X-.....-XX-XO.....-X-X-X

Tradução de ..-X-X-.....-X-X-X.....-X-X-X

No Teatro-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-. Cidade -X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-.

Emprêsa -X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X Pela Cia.-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-.

nos dias PARA SER CENSURADA:-.....

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de-X-X-.%-X-X-X-X-X-. -X-X-X-X-da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$-X-X-X-X-X-X. por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

**Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.**

**Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.**

.....Brasília, DF., .....23... de .....abril..... de 19.73.

**Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.**

.....

**(pela SBAT)**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564 P. 345

# Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

**Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:**

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

**Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:**

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

**Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:**

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

**Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:**

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

**Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:**

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

**Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:**

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

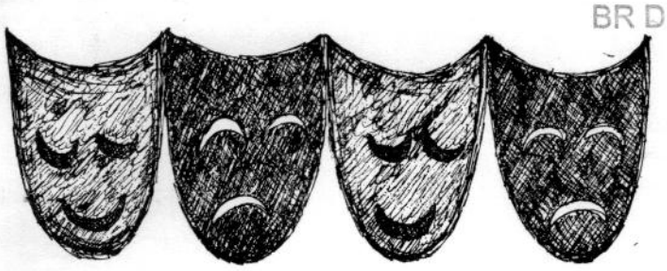
**Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:**

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

**Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:**

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569 P. 346



MJ - DPF - SRA/BSB
-9 JUL 15 34 nº 035640

Ilmo. Sr.
Chefe de Censura do Distrito Federal
Brasilia

Prezado Senhor:

Venho, por intermédio deste, pedir à V. S. se digne censurar a peça abaixo descriminada, para ser representada pelo TEBA - Teatro do Estudante de Barretos.

Peça: O Pagador de Promessas
Autor: Dias Gomes
Atos -3

Sem mais no momento, despede com protestos da mais alta estima e distinta consideração.

Barretos, 16 de Abril de 1973

José Expedito Marques
Vice Presidente da Fetavarig
Avenida 27 nº 364
Barretos - Est. de São Paulo

**Federação de Teatro Amador do Vale do Rio Grande**
**FETAVARIG** **BARRETOS**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 347

S. C. T. C.

TÍTULO: O PAGADOR DE PROMESSAS

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : Sim

Cls. Estária anterior: 18 anos

Praça: BARRETOS - SP

DF. 10 7 73

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Graciete

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 11/07/73 a 13/07/73

OBS:

DF. 11/07/73

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 4889/73 - Deferido (18) Anos - sem cortes, condicionado, entretanto, ao ensaio geral.

Solicita-se os certificados, observada a validade para exibições.

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) CHEFE S. C.

SR. Diretor.

De acordo com o parecer nº 4889/73 - Dezoito anos.

Em 19/07/73

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 20/07/1973

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567, P. 348

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 4889/73

**Título:** O PAGADOR DE PROMESSA

**Classificação Etária:** 18(DEZOITO)

**Espécie:** Peça teatral **Com cortes:** Não

**Boa Qualidade:** -- **Livre P/Exportação:** --

**Dublado:** -- **Legendado:** --

**Vedada a Exploração Comercial:** --

**Cenas:** À vista do ensaio geral

**Época:** Atual **Gênero:** Drama

**Linguagem:** Comum

**Tema:** Sócio-religioso

**Personagem:** Ingênuos, ignorantes, infiéis, libertinos, oportunistas, intransigentes.

**Mensagem:** Negativa

**Enredo:** Um indivíduo caminha sete léguas com uma cruz para depositá-la numa igreja de Santa Bárbara. Como a promessa fora feita a Iansan figura que a crendice popular associa a Santa Bárbara na religião Católica, o padre recusa a permissão para a sua entrada na igreja. Teimosamente o homem permanece a frente do templo, pois não entende a atitude do sacerdote, dando azo a que oportunistas o utilizem como meio de promoção pessoal e, é morto ao final, vítima da cupidez, ambição e intolerância de muitos.

**1 — Cortes:**

**2 — Conclusão:** Peça já liberada anteriormente, conforme certificados anexos ao processo, com a impropriedade para menores de 18 anos. Considerando a identidade do presente texto com os anteriores e de acordo com o Art. 10 da Lei 5536, peço a manutenção da faixa etária, ou seja, proibido para menores de 18 anos.

Brasília, 16 de julho de 1973

GRACIETE MORENO DA SILVA

DPF—507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.349

592/73-SCTC/SC/DCDP. 18/07 3

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

" O PAGADOR DE PROMESSA "

Alfredo Dias Gomes

SUPERINTENDENTE

em Barretos/SP.

FVAN/apf

515/73

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.350

" O PAGADOR DE PROMESSAS "

DIAS GOMES

28 JUNHO 76

19 JULHO 73

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

18

01 16

" O PAGADOR DE PROMESSAS "

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.351

DIAS GOMES

TEATRO DO ESTUDANTE DE BARRETOS - TEBA - SP

16 JULHO 73

.PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO " SCRIPT " DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: JOSÉ EXPEDITO MARQUES.

19 JULHO 73

DEUSDETH BURLAMAQUI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0564, P.352

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

BRASILIA

DPF - SRA/BSB
25 JUL 1620 73 039971
RECEBIDO POR .....

*EU* ADONIS DE JOSAPHAT SORAGGI

*Residente a Rua (Av.)* Fradique Coutinho

*N.o* 623 *Apto.* B/62 *Estado Civil* casado

*venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar*

*a Peça:* O PAGADOR DE PROMESSAS

*Autoria de:* DIAS GOMES

*Trad. (Adap.)* -:-

*Que será representada a partir do dia* 15 / 09 / 73

*na Cidade* São Paulo *Estado* S.Paulo

*pelo Grupo ou Empresa* TEATRO EXPERIMENTAL ATLAS

sem
~~com~~ *Cobrança de Ingressos.*

*Junto segue 3 (Trêis) cópias do Texto.*

*& Autorização da SBAT N.o* 39952 série 3/70

*Nos referidos termos*

*P. deferimento*

Soraggi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.353

# SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

**Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.**

**AUTORIZAÇÃO PARA**
**REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70 Nº 39952

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: "O Pagador de Promessas"

Original de Dias Gomes

Música de

Tradução de

No Teatro Ind. Dulles Cidade São Paulo

Emprêsa Pela Cia.

nos dias p/efeitos de censura

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de % da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

**Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.**

**Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.**

São Paulo 19 de de 19

**Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.**

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
★ JUL 1973 ★
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:
(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564 f.354

# Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

**Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:**

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

**Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:**

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

**Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:**

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

**Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:**

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

**Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:**

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

**Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:**

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

**Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:**

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

**Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:**

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.355

S. C. T. C.

TÍTULO: O PAGADOR DE PROMESSAS

GÊNERO: Peça Teatral

1) S. ARQUIVO

Documentação: Em Ordem

Já liberada? : Sim

Cls. Estária anterior: 18 anos

Praça: S. Paulo - SP

DF. 27/07/73

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: C. Leiva

Técnico de Censura: —

Técnico de Censura: —

Data para Exame: de 1º/08/73 a 2/8/73

OBS:

DF. 31/07/73 O Barbosa

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 5810/73 - Dezoito (18) Anos - sem cortes, condicionado, entretanto, ao ensaio geral.

Emita-se os certificados, observada a validade dos anteriores.

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) ~~CHEFE S. C.~~

SR. Diretor

De acordo com o parecer nº 5810/73 - Dezoito (18) anos.

Em 10/8/73

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 10/8/1973

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0562, P. 356

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 5810/75

Título: "O PAGADOR DE PROMESSA"
Autor: A.Dias Gomes

Classificação Etária: 18 anos

Espécie: Peça teatral Com cortes: N ã o

Boa Qualidade: - - - Livre P/Exportação: - - -

Dublado: - - - Legendado: - - -

Vedada a Exploração Comercial: N ã o

Cenas: Condicionadas ao ensaio geral

Época: Atual Gênero: Drama

Linguagem: Comum - popular

Tema: Sócial

Personagem: Fanáticos - intransigentes - infiéis

Mensagem: N e g a t i v a

Enredo: Fervoroso católico faz promessa para Iansã - caso seu burro morra - de carregar uma enorme cruz até a igreja Santa Bárbara(Iansã), distando sete léguas. Lá chegando, o padre não permite sua entrada, visto que a promessa fôra feita num "terreiro". A intransigência chega ao auge - com o apôio da massa - sendo o pagador de promessa morto.

1 — Cortes: NÃO

2 — Conclusão:

- V I R E -

DPF—507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567/P.357

CONCLUSÃO - 1 - Sendo o texto anteriormente liberado, várias vêzes, com a impropriedade para maiores de 18 anos, opino pela manutenção da citada faixa etária.

2 - Salvo alguns senões, de somenos, o presente texto confere com o original - ante o confronto feito.

3 - Esta peça - de grande receptividade entre nós e no exterior - reflete o nosso meio social, particularmente no que diz respeito as intransigências da Igreja, competindo, por outro lado, as cenas ao respectivo ensaio geral.

Brasília, 2 de agôcto de 1973

CORRÊA LIMA
Tec. de Cens.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567, P.358

83

667/73-SCTC/SC/DCDP 08/AGOSTO 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - SÃO PAULO

"O PAGADOR DE PROMESSA"

"ALFREDO DIAS GOMES"

SUPERINTENDENTE:

BARRETOS/SP

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.559

515/73

# O PAGADOR DE PROMESSAS

DIAS GOMES

28 JUNHO 76

10 AGOSTO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS
18

ROGERIO NUNES

O PAGADOR DE PROMESSAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.360

DIAS GOMES

TEATRO EXPERIMENTAL ATLAS = SP

ADONIS DE JOSAPHAT SORAGGI

02 AGOSTO 73

. PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DE SEU " SCRIPT " DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

10 AGOSTO 73

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,f.361

MJ-DPF-SRA/DPF
16 AGO 1044 73 045000
RECEBIDO POR

DPF - SRA
fl. n.º
Rub.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. 400
Ref.prot. 16481/73

Em, 14 de agosto de 1.973

Senhor Diretor

De conformidade com as ordens em vigor, encaminho a V.Sª., para fins de exame censório, o texto, em tres vias , da peça " O PAGADOR DE PROMESSAS", acompanhado da autorização da SBAT.

Ao ensejo renovo a V.Sª. os protestos de estima e consideração.

ORESTO MANNARINO
Chefe do SCDP/SR/GB

Ilmº Sr.
Rogério Nunes
DD. Diretor da DCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.362

MJ-DPF-TCDP/SR/GB
14 AGO 1973 016481
RECEBIDO POR

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Diversões Públicas do DPF
Brasília - D.F.

ADILSON LUIZ CUNHA DE AGUIAR MARIZ, abaixo assinado, residente à Rua Americana, nº 52, aptº 101, Cachambi representando o grupo de Teatro da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara, sito à Avenida 28 de sstembro, nº 87 - Guanabara, solicito a V.Sa. censura do texto fs peça "O Pagador de Promessa", de Dias Gomes, juntando para tal, 3 vias do script.

Rio de Janeiro,14 de agosto de 1973.

Adilson Luiz Cunha de Aguiar Mariz

ADILSON LUIZ CUNHA DE AGUIAR MARIZ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.363

87
N104

# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

*Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920*
*Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores*
*Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO*
*Rio de Janeiro — Brasil.*

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 19 73

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA ( TRES ) cópias da peça:

O PAGADOR DE PROMESSAS

DE: Dias Gomes

próxima apresentação da GRUPO DE TEATRO DA ESCOLA DE MEDICINA DA UNIV. DO EST. DA GUANABARA no Teatro DA UNIVERSIDADE DA UEG com estréia marcada para o dia 29 de Setembro de 1973

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

por Djalma Bittencourt
Superintendente

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.364

# TEATRO

88 05

TÍTULO O PAGADOR DE PROMESSAS

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 18 anos

Praça RIO DE JANEIRO - GB

Obs.:

DF. 17 / 8 / 73

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 6695/73 - Dezoito (18) Anos - sem cortes, condicionado, entretanto, ao ensaio geral.

Emita-se os certificados, observada a validade dos anteriores.

3873

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor:

De acordo com o parecer 6695/73, sugiro liberação para menores de 18 (dezoito) anos.

30/8/73.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 30/8 1973

Rogério Nunes

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,v.365

69 06

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

Brasília, 22 de agosto de 1973

6695/73

Nesta data procedi ao confronto da peça:" O pagador de promessas" de autoria de Alfredo Dias Gomes e verifiquei que os textos são iguais, no entanto, o último script descreve os cenários, não acontecendo o mesmo com o primeiro. Sugiro sua liberação mantendo a impropriedade já estipulada, ou seja: 18(dezoito) anos.

Gláucia Baena Soares

Gláucia Baena Soares.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0 567, P. 366

757/73-SCTC/SC/DCDP 27/agosto 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - GUANABARA

" O PAGADOR DE PROMESSAS "

" DIAS GOMES "

SUPERINTENDENTE:

TEATRO DA UEG/GB.

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.367

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

04. 521/73 - GB

586

Da : Técnica de Censura Sonia Maria Galo Mendes
Para: O Sr. Chefe de SCDP/DR/GB
Assunto : Ensaio-geral de "O Pagador de Promessas", de Dias Gomes
Data: 28/9/73

Atividade amadora, extra-curricular, exercida pelo Grupo de Teatro da Faculdade de Ciências Médicas da UEG, sem intuito lucrative.

Original de Dias Gomes, "O Pagador de Promessas " é a história de um indivíduo de alma pura, altruísta, que em sua ingenuidade se checa com as maldades e arbitrariedades da vida. Zé de Burro, sertanejo nordestino, promete num terreiro de Iansan, levar uma cruz de madeira até a Igreja de Santa Bárbara, pelo restabelecimento de burro Nicolau, seu fiel amigo . Em seu pequeno mundo de tolerância e ingenuidade, faz uma promessa à semelhança da Paixão de Cristo, o que lhe causou séries problemas e a intransigência das autoridades eclesiásticas. É a Igreja que se mantém numa posição ortodoxa, não procurando entender o sincretismo religioso inerente à essência da fé nordestina, são os aproveitadores, que se valem do incidente para obter vantagens econômicas.

Mantida a impropriedade dada por Brasília , liberando o espetáculo para maiores de dezoito anos .

Guanabara , 01 de outubro de 1973

Sonia Maria Galo Mendes

Sonia Maria Galo Mendes

ENCAMINHE-SE À
D.C.D.P.-DPF-BSB/DF.

ORESTO MANNARINO
CHEFE DO S.C.D.P.-SR/GB.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0561, P.368

515/73

" O PAGADOR DE PROMESSAS "

DIAS GOMES

28 JUNHO 76

30 AGOSTO 73

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS 18

" O PAGADOR DE PROMESSAS "

DIAS GOMES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.369

GRUPO DE TEATRO DA ESCOLA DE MEDICINA DA UNIV. DO EST. DA GUANABARA.

ADILSON LUIZ DE AGUIAR MARIZ

29 AGOSTO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

30 AGOSTO 73

mfs.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569.P.370

of 6068

586

São Paulo, 13 de setembro de 1973

Ao: Chefe do SCDP/SR/SP
De: Técnico de Censura
Assunto: Ensaio geral - "O pagador de promessas"

Senhor Chefe,

Compareci em 12 de setembro , do corrente ano, às dependências de recreação do Departamento Social de Indústrias Villares, Auto estrada de Interlagos,4455, Santo Amaro, para proceder ao exame censório do ensaio geral da peça teatral "O pagador de promessas", de Dias Gomes, encenado pelo grupo teatral da citada firma.

Informo a V.S. que em relação ao :

TEXTO - não houve a menor alteração, tendo sido transmitido fielmente.
Seu conteúdo aborda os contrastes entre cultural rural e urbana, contradições religiosas e sociais, problemas existênciais.

Elementos de encenação - foram apresentados corretamente, de acordo com as determinações censórias. Nada apresentaram de impróprio ou inconveniente.

Concordando com a classificação determinada pela DCDP-Brasília, "impróprio para menores de 18 anos", sem cortes, opino por sua liberação.

Solange M. T. Hernandes
Téc. de Censura nº 334

Departamento de Polícia Federal
Censura Federal
De acôrdo com o parecer do Censor
M. Marcílio Nogueira

Departamento de Polícia Federal
Censura Federal
De acôrdo com o parecer do Censor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.371

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
**Superintendência Regional no Amazonas**

MJ-DPF-SRA/AM
13 FEV 1005 008994
RECEBIDO POR

02

OF.Nº 170/74-SCDP.SR/AM. Manaus, 11 de fevereiro de 1 974

Senhor Diretor:

Pelo presente, encaminho a Vossa Senhoria ' uma adaptação da peça teatral "O PAGADOR DE PROMESSAS" autoria de Alfredo Diaz Gomes, para fins de liberação. A adaptação é de Odenildo ' Texeira Sena o requerente.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria ' protestos de estima e aprêço.

ÁLVARO PEREIRA MOTA
A/ Chefe do SCDP.SR/AM.

ILMO. SR.
DR. ROGÉRIO NUNES
MD. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.
BRASÍLIA = D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.372

03

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS

ODENILDO TEIXEIRA SENA, brasileiro, solteiro, estudante universitário, residente à rua 5 de Setembro, nº 482 no Bairro de São Raimundo, em Manaus, Estado do Amazonas, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sa., se digne a examinar a peça O PAGADOR DE PROMESSAS, tendo momo autor Alfredo Dias Gomes a fim de que seja levada à cena. A presente cópia trata-se de uma adaptação do solicitante.

Nêstes Têrmos

P. Deferimentos

MANAUS(AM), 08 de fevereiro de 1.974.

ODENILDO TEIXEIRA SENA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.373

O PAGADOR DE PROMESSAS - Dias Gomes - Adpt. odesena

Ao subir o pano, a cena está quase às escuras. Apenas um jato de luz da esquerda, lança alguma claridade sobre o cenário. Mesmo assim, após habituar a vista, o espectador identificará facilmente uma pequena praça onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da ribalta, outra à esquerda, ao fundo, de frente para a platéia, subindo, enladeirada e sinuosa. Na esquina da rua da direita, vemos a fachada de uma igreja relativamente modesta, com uma escadaria de quatro ou cinco degráus. Numa das esquinas da ladeira, do lado oposto, há uma vendola, onde também se vende café, refresco, cachaça, etc; a outra esquina da ladeira é ocupada por um sobrado cuja fachada forma ligeira barriga pelo acúmulo de andares não previsto inicialmente. O calçamento da ladeira é irregular e na fachada dos sobrados vêem-se alguns azulejos estragados pelo tempo. Envim, é uma paisagem tipicamente baiana, da Bahia velha e colonial, que ainda hoje resiste à avalanche urbanística moderna.

Devem ser, aproximadamente, quatro e meia da manhã. Tanto a igreja como a vendola estão com suas portas cerradas. Vem de longe o som dos atabaques dum candomblé distante, no toque de Iansan. Decorrem alguns segundos até que Zé do Burro surja, pela rua da direita, carregando nas costas uma enorme e pesada cruz de madeira. A passos lentos, cansado, entra na praça seguido de Rosa, sua mulher. Êle é um homem ainda moço, de 3o anos presumíveis, magro, de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um "quê" de infantilidade. Seus gestos são lentos, preguiçosos, bem como sua maneira de falar. Tem barba de dois ou três dias e traja-se decentemente, embora sua roupa seja mal talhada e esteja amarrotada e suja de poeira. Rosa parece pouco ter de comum com êle. É uma bela mulher, embora seus traços sejam um tanto grosseiros, tal como suas maneiras. Ao contrário do marido, tem "sangue quente". É agressiva em seu "sexy", revelando, logo à primeira vista, uma insatisfação sexual e uma ânsia recalcada de romper com o ambiente em que se sente sufocar. Veste-se como uma provinciana que vem à cidade, mas também como uma mulher que não deseja ocultar os encantos que possui.

Zé do Burro vai até o centro da praça e aí pousa a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está exausto. Enxuga o suor da testa.

Zé - (olhando a igreja) É essa. Só pode ser essa. (Rosa pára também, junto aos degráus, cansada, enfastiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma).

ROSA - E agora? Está fechada.

ZÉ - É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

ROSA - Esperar aqui?

ZÉ - Não tem outro jeito.

ROSA - (olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degráus. Tira o sapato) Estou com cada bolha dágua no pé que dá medo.

ZÉ - Eu também. (Contorce-se num ritus de dor. Desde uma das mangas do paletó) - Acho que os meus ombros estão em carne viva.

ROSA - Bem feito. Você não quís botar almofadinhas, como eu disse.

BR.DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.374

REPRESENTAÇÃO DA
SEAT
AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.375

98

# TEATRO

TÍTULO O PAGADOR DE PROMESSAS.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 18

Praça MANAUS - AM

Obs.:

DF. 14/02/74

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor.
18 anos.
Em, 28-02-74.
Manoel F. Guido
p/ chefe do S.C.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 13324/74 - Dezoito (18) Anos - sem cortes, condicionado, todavia, ao exame do ensaio geral.
Emita-se os certificados, observada a validade dos anteriores.
22/02/74

O. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe de ...

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 28/02/1974.
Manoel F. Guido
Rogério Nunes

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.376

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 13324/74

Título: "O PAGADOR DE PROMESSA"

AUTOR: A.DIAS GOMES

Classificação Etária: 18 ANOS

Espécie: PEÇA TEATRAL Com cortes: N Ã O

Boa Qualidade: = = = Livre P/Exportação: = = =

Dublado: ORIGINAL EM PORTUGUÊS Legendado: = = =

Vedada a Exploração Comercial: N Ã O

---

Cenas: À vista do ensaio geral

Época: Atual Gênero: Drama

Linguagem: Acessível

Tema: Social

Personagem: Fanáticos intrangigentes infiéis

Mensagem: Negativa

Enredo: Contido no respectivo processo

- C o n c l u s ã o -

Havendo coincidência na confrontação, sugerimos a manutenção da mesma faixa etária - imprópria para menores de 18 anos.

1 — Cortes:

Brasília, 21 de fevereiro de 74

- CORREA LIMA -
Tec. de Cens.

2 — Conclusão:

DPF—507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.377

122/74-SCTC/SC-DCDP 22.02 4

Superintendente Regional do DPF no Amazonas

- O PAGADOR DE PROMESSAS -

DIAS GOMES

Superintendente:

em Manaus

FVAN/aga

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 376

515/74

: O PAGADOR DE PROMESSAS

: DIAS GOMES

28 JUNHO 76

27 FEVEREIRO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

18

HUGO PENNA DA SILVA - INSP. POL. FEDERAL.
- SUBSTITUTO.

: O PAGADOR DE PROMESSAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 379

: DIAS GOMES

. ODENILDO T. SENA

:

ODENILDO T. SENA

21 FEVEREIRO 74.

. PROIBIDO PARA MENORES 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

27 FEVEREIRO 74

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO
SUBSTITUTO.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 380

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional no Amazonas

586

# R E L A T Ó R I O

Assunto: PEÇA TEATRAL
Data: 24.04.74

Junte-se ao processo
SR 24/04/74

ROGÉRIO NUNES
Diretor do DCDP

Senhor Diretor:

Cumprindo determinação de Vossa Senhoria, o SCDP/SR/AM, compareceu ao ensaio geral da peça teatral O PAGADOR DE PROMESSAS, autoria de Antônio Dias Gomes e adaptação de Odenildo Sena, no Centro Social do Bairro de Santo Antônio.

Não havendo nenhuma alteração, que justificasse a não validade do certificado, foi entregue o "script", ficando ainda o interessado ciente do que perceitua o Art. 11 e § único da Lei nº 5536 de 21 de novembro de 1968.

É o que tenho a relatar

ÁLVARO PEREIRA MOTA
Chefe do SCDP.SR/AM - substituto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0504, P. 381

DPF-SRA

J-DPF-SRA/BSB
14 ABR 16 35 20921

FICHADO S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR

Em, 8 de abril de 1975.

Of. 240/75-GD

Do Diretor da Escola Técnica Federal do Paraná

Ao DD. Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal.

Assunto: Solicitação (faz)

De ordem
Ao Arquivo.
Em, 15.04.75
Chefe
Ch. Ev. Serv. Adm.

Senhor Diretor:

Pelo presente, encaminhamos a V.Sa. os originais da peça "O Pagador de Promessas" de autoria de Dias Gomes que será encenada pelo TETEF - Teatro da Escola Técnica Federal do Paraná na 2ª quinzena de maio do corrente ano.

Vimos, pois, solicitar a V.Sa. a liberação da censura para a apresentação da citada peça.

Agradecendo a amável atenção de V.Sa. aproveitamos o ensejo para apresentar os protestos da nossa estima e apreço.

Ivo Mezzadri
Diretor

LCP/sm.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0964,P.382

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

OF. Nº 758/75-SCDP/SR/PR Em 09 de abril de 1975.

Do Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná

Ao Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça teatral para censura (encaminha)

Senhor Diretor,

Pelo presente, apraz-nos encaminhar a V. Sª. 03 (três) vias da peça teatral intitulada "O PAGADOR DE PROMESSAS", de Alfredo Dias Gomes, para fins de censura.

Aproveitando o ensejo, renovamos a V. Sª. os protestos de respeitosa consideração e subido apreço.

D. Divaldo Pacheco de Oliveira

Bel. Divaldo Pacheco de Oliveira.
Superintendente Regional do DPF/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 383

# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

#05
01

CURITIBA , 09 de ABRIL de 19 75

OF.Nº 008/75-PR.

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

"O PAGADOR DE PROMESSAS"

Original de ALFREDO DIAS GOMES

Tradução de

Próxima apresentação de GRUPO DE TEATRO DA ESCOLA TÉCN. FEDERAL PR.

Teatro GUAÍRA E ESC. TÉCNICA Cidade PARANÁ E STA. CATARINA

Estado

A estréia está prevista para 1A QUINZENA DE MAIO/75

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

2.000 x 2 em bls. 50/50
Janeiro 75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.389

# TEATRO

TÍTULO "O PAGADOR DE PROMESSAS"

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem
Clas. Anterior 18 anos
Praça Parana
Obs.:

DF. 16/04/75
W. Weiss
Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 2884/75.
1 — À S.C.T. para emitir certificado com impropriedade para menores de 18 anos, sem cortes, todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.
2 — À consideração do Sr. Chefe do S.C.
em 23/04/75

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

"A consideração do Senhor Diretor im propriedade 18 anos, sem cortes.
Em 29/04/75

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 29/04/1975

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,D.385

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

8

107

PARECER Nº 2884/75

TÍTULO: O PAGADOR DE PROMESSAS - DIAS GOMES.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos.

Feita a comparação dos textos da peça O Pagador de Promessas, de autoria do sr. Alfredo Dias Gomes, constatei tratar-se de peça já censurada e liberada conforme certificado nº2582/70, Portanto sugiro a mesma classificação anterior ou seja proibido para menores de 18 anos.

Brasília, 23 de abril de 1975

CARLOS ALBERTO CRUZ DE SOUZA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.386

104

327/75-SCTC/SC/DCDP.

Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná

" O PAGADOR DE PROMESSAS "

ALFREDO DIAS GOMES

Superintendente:

no PARANÁ-PR

MFCG/jev

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.387

104

515

O PAGADOR DE PROMESSAS

ALFREDO DIAS GOMES

25 ABRIL 80

25 ABRIL 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.388

: O PAGADOR DE PROMESSAS

: ALFREDO DIAS GOMES

ODENILDO T. SENA
TEATRO DA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO PARANÁ - PR -
23 ABRIL 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::::::

REQUERENTE: IVO MEZZADRI

25 ABRIL 75 MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

mhf

586

Natal

MJ-DPF-SRA/BSB

28 NOV 15 16 75 068410

Ilmoº Senhor
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Brasília-DF.

Autorizo em caráter excepcional, devendo o interessado apresentar a regularização do processo de Censura da peça. Em 28 nov 75

Senhor Chefe,

O abaixo assinado, ILDEU DE ARAÚJO, brasileiro, maior, residente a Q.N.J.- 21, lote 14, Taguatinga-Norte-DF, mui respeitosamente requer de V.Sª. autorização para encenar a peça teatral " O PAGADOR DE PROMESSAS " dia 29 do corrente as 20.00 hrs no salão da Igreja Santa Terezinha, SHIS Norte em Taguatinga, cuja peça acha-se liberada por esse Serviço de Censura com classificação etária de 18 anos, sem cortes.

N. Termos,

P. Deferimentos,

Brasília, 28 de novembro 1.975

Ildeu de Araújo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.389

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 390

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

Brasília, 28 de novembro de 1.975

Ilmo Senhor
Ildeu de Araújo
Nesta

Referente: Expediente protocolo nº 068410/75 SRA/BSB

Prezado Senhor,

Com referência a seu expediente acima referenciado, comunico a V.Sª. que fica autorizado a encenação da "Peça Pagador de Promessas" , de Dias Gomes as 20.00 hrs do dia 29 de novembro de 1.975 no Salão Cultural da Igreja de Santa Terezinha em Taguatinga-Norte. Com impropriedade para menores de 18 anos.

Atenciosamente,

ROGÉRIO NUNES
Diretor/DCDP.

Recebi o original
Em 28/11/75
Ildeu de Araújo
ILDEU DE ARAÚJO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.341

SRA/FICHADO

MJ - DPF - SRA/BSB

30 ABR 0931 76 017361

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

OF.
Nº. 1125/76-SCDP/SR/SP

Em, 29 de abril de 1976

De ordem
Ao Arquivo
Em 30.4.76
p/ Chefe Serv. Adm.

FICHADO
S.A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.Sa., uma via do texto das peças teatrais "PORTUGAL, CHORANDO E RINDO" original de Cardoso Silva, "BEIJO NO ASFALTO" original de N. Rodrigues, "E O CIRCO CHEGOU..." original de W. Zarur, "CONTO DE NOITE DE SERÃO" original de Nilza C. Vandenbrande, "UM GRITO PARADO NO AR" original de G. Guarnieri, "UMA GARGALHADA EM QUATRO TEMPOS" original de Zé Branco e Altair Soares, "O PAGADOR DE PROMESSAS" original de Dias Gomes, "O ALMEIO" original de Wilson R. Vicente, "ASSIM SEJA, AMÉM" original de Waldir Leão de Matos, "AS DESGRAÇAS DE UMA CRIANÇA" original de Martins Pena, "IRENE" original de Pedro Block.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

MARIA SYLVIA BARRETO NOGUEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.392



# + O PAGADOR DE PROMESSAS +

Alfredo DIAS GOMES.

**Personagens :**

Zé-do-Burro
Rosa
Marli
Bonitão
Padre
Sacristão
Guarda
Beata
Galego
Minha Tia
Repórter
Fotógrafo
Dedé Cospe-Rima
Secreta
Delegado
Mestre Coca
Monsenhor
Manoelzinho Sua-Mãe
e a Roda de Capoeira

+ + + + + + +

Ação : Salvador

Época : Atual.

+ + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + + +

## PRIMEIRO ATO

**Primeiro Quadro :**

Zé : (Olhando a Igreja) - É essa. Só pode ser essa.
Rosa : E agora ? Está fechada.
Zé : É cedo ainda. Vamos esperar que abra.
Rosa : Esperar ? Aqui ?
Zé : Não tem outro jeito !
Rosa : Estou com cada bolha-dágua no pé, que dá medo.
Zé : Eu também. Acho que os meus ombros estão em carne viva.
Rosa : Bem feito ! Você não quis botar almofadinhas, como eu disse.
Zé : Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinhas.
Rosa : Então : se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.
Zé : Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.393



Rosa : Não usou porque não deixaram.
Zé : Não. Nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez, o santo ol olha, consulta lá os seus assentamentos e diz : - Ah! você é o Zé-do-Burro, aquele que já me passou a perna ! E agora vem me fazer nova promessa . Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa ! E tem mais : santo é eg mo gringo : passou calote num, todos os outros ficam sabendo.
Rosa : Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois dessa? Já não chega ?
Zé : Sei não...a gente nunca sabe o que vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia.
Rosa : Que é que você está procurando ?
Zé : Qualquer coisa escrita...pra gente saber se essa é mesmo a Igreja de Santa Bárbara.
Rosa : E você já viu Igreja com letreiro na porta, homem ?
Zé : É que pode não ser esta...
Rosa : Claro que é essa. Não lembra que o vigário disse ? Uma Igreja pequena, perto de ma ladeira, numa praça...
Zé : Se a gente pudesse perguntar a alguém...
Rosa : Essa hora está todo o mundo dormindo. Todo o mundo...menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. Escute, Zé...já que a Igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar para dormir. Você já pensou que beleza, agora, numa cama ?
Zé : E a cruz ?
Rosa : Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia...
Zé : Podem roubar...
Rosa : Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus ? Pra que serve uma cruz ?
Zé : Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou ? Se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas, daroça até aqui. Sete léguas.
Rosa : Pra que ? Você explicava à Santa que tinha sido roubado, ela não ia fazer questão.
Zé : É o que você pensa. Quando você vai pagar uma conta no armarinho e perde o dinheiro no caminho, o turco perdoa a dívida ? Uma ova !
Rosa : Mas você já pagou a sua promessa, já trouxe uma cruz de madeira dar roça até a Igreja de Santa Bárbara. Está aí a Igreja de Santa Bárbara, está aí a cruz. Pronto. Agora vamos embora.
Zé : Mas aqui não é a Igreja de Santa Bárbara. A Igreja é da porta para dentro.
Rosa : Oxente ! Mas a porta está fechada e a culpa não é sua. Santa Bárbara deve saber disso, que diabo .
Zé : Só se eu falasse com ela e explicasse a situação...
Rosa : Pois então...fale !
Zé : Não, não posso...
Rosa : Por quê, homem ? Santa Bárbara é tão sua amiga...Você não está em dia com ela ?
Zé : Estou, mas esse negócio de falar com santo é muito complicado. Santo nunca responde em língua da gente...não se pode saber

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.394



o que ele pensa. E, além do mais,isso também não é direito. Eu prometi levar a cruz até dentro da igreja, tenho que levar. Andei sete léguas. Não vou me sujar com a santa por causa de
XXXX : meio metro.
Rosa : E pra você não se sujar com a santa, eu vou ter que dormir no chão, no "hotel do padre". E se tudo isso ainda fosse por alguma coisa que valesse a pena...
Zé : Você podia não ter vindo. Quando eu fiz a promessa,não falei em você, só na cruz.
Rosa : Agora você diz isso. Dissesse antes...
Zé : Não me lembrei. Você também não reclamou...
Rosa : Sou tua mulher. Tenho que ir pra onde você for...
Zé : Então...

Entram Marli e Bonitão

Bonitão : Espere. Não adianta andar depressa...
Marli : É melhor discutirmos isso em casa.
Bonitão : Não, vamos resolver aqui mesmo. Não tenho nada que discutir com você...
Marli : Estúpido !
Bonitão : Ande, vamos deixar de mas-mas. Passe para cá o dinheiro.
Marli : Não podia esperar até chegar em casa ?
Bonitão : Só deu isso ?
Marli : Só. A noite hoje não foi boa. Você viu : o "castelo" estava vazio.
Bonitão : E aquele galego que estava conversando com você quando cheguei ?
Marli : Uma boa conversa. Queria se fretar comigo. Ficou mangando a noite toda e não se resolveu...
Bonitão : Sua vaca !
Marli : Eu precisava desse dinheiro. Pra pagar o quarto, você sabe !
Bonitão : Não gosto de ser tapeado. Por que não pediu ?
Marli : E você dava ?
Bonitão : Claro que não ! Isso ia fazer falta no meu orçamento. Tenho compromissos e você bem sabe que não gosto de pedir dinheiro emprestado. É uma questão de feitio.
Marli : E eu, que faço pra pagar o quarto ? Já devo dois meses e a dona anda me olhando atravessado.
Bonitão : É um problema seu ! Tenho muita coisa em que pensar.
Marli : Eu sei, eu sei no que você pensa...
Bonitão : Penso, por exemplo, que você, de três meses para cá, anda fazendo muito pouco. A Matilde está fazendo quase o dobro...
Marli : Eu sei, você está dando em cima daquela arreganhada. Ela mesma anda dizendo.
Bonitão : Eu não dou em cima de mulher nenhuma, você sabe disso. É uma questão de princípios.
Marli : Quer dizer que é ela que está dando em cima de você ?
Bonitão : Ela perguntou se eu não estava precisando de dinheiro.
Marli : E você ?
Bonitão : Eu só pedi umas informações de ordem técnica: arrecadação diária etc...
Marli : Bonitão, você [illegible] aceitou ? Você
Bonitão : E que tinha se aceitasse ? Eu também preciso viver.
Marli : Mas o que eu lhe dou não chega ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0864, P. 345



Bonitão : Você compreende, eu também tenho ambições. Se eu não tivesse qualidades, bem. Mas eu sei que tenho qualidades. É justo que viva de acordo com essas qualidades.

Marli : Mas o que lhe falta ? Eu não tenho lhe dado tudo que você me pede ? Se for preciso, dou mais ainda. Não pense que é por medo de você me largar pela Matilde, não. É porque tenho prazer em ver você vestido com a roupa que lhe dei, com os sapatos que comprei e com a carteira recheada de notas que eu ganhei pra você. Tenho orgulho, sabe ?

Bonitão : Pois então veja se na próxima vez não esconde dinheiro no decote. Tenho certeza de que a Matilde não é capaz de um gesto feio desses.

Marli : Ela é capaz de coisas muito piores. Se você quiser, eu lhe conto...

Bonitão : Não quero ouvir nada. Quero é que você vá pra casa.

Marli : Você não vai comigo ?

Bonitão : Não, vou ficar um pouco mais por aqui. Vá na frente que daqui a pouco eu apareço por lá.

Marli : E o que é que você vai ficar fazendo na rua a uma hora dessas ?

Bonitão : Ora, mulher, eu preciso trabalhar.
(Só então vê a cruz. A Zé-do-Burro) - É sua ?
Encomenda ?

Zé : Não, promessa.

Bonitão : Gozado.

Zé : Não acho.

Bonitão : Não falei por mal. Eu também sou meio devoto. Até uma vez fiz promessa pra Santo Antônio...

Zé : Casamento ?

Bonitão : Não, ela era casada.

Zé : E conseguiu a graça ?

Bonitão : Consegui. O marido passou uma semana viajando...

Zé : E o senhor pagou a promessa ?

Bonitão : Não, pra não comprometer o santo.

Zé : Nunca se deve deixar de pagar uma promessa. Mesmo quando é dessas de comprometer o santo. Garanto que da próxima vez, Santo Antônio vai se fingir de surdo. E tem razão.

Bonitão : O senhor compreende; Santo Antônio ia ficar mal se soubessem que foi ele quem fêz o trouxa viajar. - Que é que você ainda está fazendo aí ?

Marli : Esperando você.

Bonitão : Já lhe disse que vou depois. Vai, agora, ficar grudada em mim ?

Marli : Escute, Bonitão...você não podia deixar eu ficar ao menos com aquela nota ?

Bonitão : Já lhe disse que não. Não insista !

Marli : Mas eu preciso pagar o quarto !

Bonitão : O quarto é seu, não é meu.

Marli : Mas o dinheiro é meu. É justo que eu fique ao menos com algum.

Bonitão : É justo, por quê ?

Marli : Porque fui eu que trabalhei.

Bonitão : E desde quando trabalhar dá direito a alguma coisa ? Quem lhe meteu na cabeça essas idéias ? Está virando comunista ?

Zé : Esse dinheiro...é dela mesmo ?

Bonitão : Bem, esta é uma maneira de olhar as coisas. E toda a coisa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0164, P. 396



tem, pelo menos, duas maneiras de ser olhada. Uma de lá para cá e outra de cá pra lá. Entendeu ?

Zé : Não....

Bonitão : Não vale a pena explicar. É uma questão de sensibilidade.

Zé : O senhor é....marido dela ?

Bonitão : Não, sou assim uma espécie de fiscal do imposto de renda.

Rosa : Que é ?

Bonitão : Nada, estava só olhando...
Não deve ser lá muito confortável essa cama...
E olhe, que você bem merece coisa melhor...

Rosa : Diga isso a ele.

Bonitão : A ele ?

Rosa : Meu marido.

Bonitão : Ah! Você também veio pagar promessa ? ....

Rosa : Eu não, ele ! E por causa dele estou dormindo aqui, no batente da uma Igreja, como qualquer mendiga.

Zé : Não deve faltar muito para abrir a Igreja. O senhor sabe que horas são ?

Bonitão : Um quarto para as cinco.

Zé : Sabe a que horas abre a Igreja ?

Bonitão : Não, não é bem o meu ramo...

Zé : Mas às seis horas deve ter missa. Hoje é o dia de Santa Bárbara...

Rosa : Às seis horas. Tenho que aguentar mais de uma hora ainda neste batente duro. E a promessa não é minha!

Bonitão : É capaz da porta da sacristia já estar aberta.

Zé : O senhor acha ?

Bonitão : Padre acorda cedo...

Zé : Às cinco horas ?

Bonitão : Então; tem que se preparar para a Missa das seis.

Zé : É verdade...

Bonitão : Por quê o senhor não vai ver ?

Zé : É...

Bonitão : A porta é do lado de lá....

Zé : Rosa, você vigia a cruz, eu vou dar a volta, não demoro...

Bonitão : Pode ir sem susto que eu ajudo a tomar conta de sua cruz... das duas.

Rosa : Só que uma ele carrega nas costas e a outra... se quiser, que vá atrás dele.

Bonitão : E você não é mulher para andar atrás de qualquer homem... ao contrário, é uma cruz que qualquer um carrega com prazer...

Rosa : Ora, me deixe.

Bonitão : Palavra. Seu marido não lhe faz justiça. Isso não é trato que se dê a uma mulher...mesmo sendo mulher da gente.

Rosa : Se ele faz pouco de mim, faz pouco do que é dele.

Bonitão : Não discuto. Só acho que você não é mulher para dormir em batente de Igreja. Tem qualidades para exigir mais : boa cama, com colchão e melhor companhia.

Rosa : Não fale em cama pra quem tem o corpo moído, como eu.

Bonitão : Tão cansada assim ?

Rosa : Duas noites sem dormir, sete léguas no calcanho...

Bonitão : Sete léguas ? Quantos quilômetros ?

Rosa : Sei lá...só sei que sete vezes amaldiçoei aquele dia em que fui roubar caju com ele na roça dos padres...

Bonitão : Ah, foi assim...

Rosa : A gente faz cada besteira...

Bonitão : Quanto tempo faz ?

Rosa : Oito anos...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.397



Bonitão : E você casou com ele ?
Rosa : Casei.
Bonitão : Sem gostar ?
Rosa : Gostava, sim. Sabe, na roça, o homem é feio, magro, sujo, mal vestido. Ele até que era dos melhores. Tinha um sítio...
Bonitão : E daí ?
Rosa : Daí, eu achei que ele garantia tudo que eu queria na vida: homem e casa. A gente quando é franga, com licença da palavra, tem merda na cabeça.
Bonitão : Ele tem um sítio, é ?
Rosa : Tinha, agora só tem um pedaço. Dividiu o resto com os lavradores pobres.
Bonitão : Por quê ?
Rosa : Fazia parte da promessa.
Bonitão : Que é que está esperando ? Virar santo ?
Rosa : Não brinque. Pelo caminho tinha uma porção de gente querendo que el fizesse milagre. E não duvide. Ele é capaz de acabar fazendo. Se não fosse a hora, garanto que tinha uma romaria aqui atrás dele.
Bonitão : Depois de cumprir a promessa ele vai voltar pra roça ?
Rosa : Vai.
Bonitão : E você ?
Rosa : Também. Por quê ?
Bonitão : Se você viessa pra cidade, eu podia lhe garantir um bonito futuro...
Rosa : Fazendo o quê ?
Bonitão : Isso depois se via.
Rosa : Eu não sei fazer nada.
Bonitão : Mulheres como você não precisam saber coisa alguma, a não ser o que a natureza ensinou...
Rosa : Não faça isso! Ele pode voltar de repente.
Bonitão : Ele deve ter ido acordar o Padre.
Rosa : Me solte. Eu queria era dormir. Dava a vida por uma cama... com um lençol branco... e uma bacia dágua quente onde meter os pés.
Bonitão : Eu posso lhe arranjar um hotelzinho aqui perto... Isso, sem segundas intenções...só pra você dormir, descansar a dessa romaria.
Rosa : Não quero me meter em encrencas.
Bonitão : Não há perigo nenhum de encrenca. Sou muito cotado com o porteiro do hotel e tenho boas relações com a polícia. Nesta zona, todos respeitam o Bonitão.
Rosa : Bonitão...
Bonitão : É um apelido...
Rosa : Não chegue perto, estou muito suada.
Bonitão : No hotel tem banheiro...para quem andou sete léguas, um banho de chuveiro e depois uma cama com colchão de mola...
Rosa : Colchão de mola mesmo ?
Bonitão : Então...
Rosa : Nunca dormi em colchão de mola. Deve ser bom.
Bonitão : Uma delícia...

Entra Zé-do-Burro.

Zé : Tudo fechado. Tem jeito não.
Rosa : E eu que agüente este batente duro até Deus sabe lá que horas.
Zé : Paciência, Rosa. Seu sacrifício fica valendo.
Rosa : Pra quem? Pra Santa Bárbara? Eu não fiz promessa nenhuma.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.398



Zé : Oxente ! Melhor ainda. Amanhã, quando você fizer,a santa já está lhe devendo !
Rosa : Nunca vi santo pagar dívida.
Bonitão : A senhora faz mal em ser tão descrente. Quem sabe se Santa Bárbara já não está providenciando o pagamento da dívida ? E quem sabe se não escolheu a mim pra pagador ?
Zé : O senhor não era fiscal de imposto de renda ? Agora é pagador de Santa Bárbara ?
Bonitão : Meu caro, com o custo de vida aumentando dia a dia, a gente tem que se virar. Mas não é esse o caso. Digo que Santa Bárbara já deve estra tratando de liquidar o débito hoje contraído com sua senhora, porque me faz passar por aqui esta noite.
Zé : Não vejo nada de mais nisso.
Bonitão : Porque o senhor não sabe o que eu posso, em cinco minutos, arranjar uma boa cama, com colchão de mola, num hotel perto daqui.
Zé : Pra ela ?
Bonitão : E pro senhor também.
Zé : Eu não posso. Tenho que esperar abrir a Igreja. Se soubesse que não iam roubar a cruz...
Bonitão : Oh, não, a cruz não deve ficar sozinha. Esta zona está cheia de ladrões. A cruz é de madeira e madeira está caríssima...
Zé : É o que eu acho. Não devo sair daqui.
Bonitão : Mas eu posso ficar tomando conta, enquanto o senhor e sua senhora vão descansar.
Zé : O senhor ?
Bonitão : E por quê não ?
Zé : Mas a igreja pode demorar para abrir. Pelo menos uma hora ainda.
Bonitão : Eu espero. Sua esposa me contou a caminhada que fizeram, o senhor carregando nas costas essa cruz, através de léguas e léguas, para cumprir uma promessa. Isso me comoveu.
Zé : Mas não é justo. Não foi o senhor quem fez a promessa.
Rosa : Ele está querendo ajudar, Zé.
Zé : Mas não é direito. Eu prometi cumprir a promessa sozinho, sem ajuda de ninguém. E essa história de dormir no hotel não está no trato.
Bonitão : E sua senhora, está no trato ?
Zé : Rosa ? Não, ela pode ir.
Bonitão : Nesse caso,se quiser que eu leve sua senhora... ao menos ela descansa enquanto espera pelo senhor.
Zé : Você quer ir, Rosa ? Quer ir esperar por mim no hotel ? É hotel decente ?
Bonitão : Ora, o senhor acha que eu ia indicar...
Zé : Desculpe,é que sempre ouvi dizer que aqui na cidade....
Bonitão : Pode confiar em mim.
Zé : É longe daqui ?
Bonitão : Não, basta subir aquela ladeira.
Zé : Que é que você diz, Rosa ?
Rosa : Quero não, Zé. Prefiro ficar aqui com você.
Zé : Inda agora mesmo você estava se queixando.
Bonitão : Não é pra menos. Deve estar exausta. Sete léguas...
Zé : Afinal de contas, você tem razão, a promessa é minha, não é sua. Vá com o moço, não tenha acanhamento.
Bonitão : Eu vou com ela até lá,apresenta ao porteiro que é meu conhe-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.399


cido, - sim, porque uma mulher sozinha, o senhor sabe, eles não deixam entrar - depois volto para lhedizer o número do quarto. Daqui a pouco, depois de cumprir a sua promessa, o senhor vai pra lá

Zé : Se o senhor fizesse isso, era um grande favor. Eu não posso me afastar daqui.

Bonitão : Nem deve. Primeiro, Santa Bárbara.

Rósa : Zé, é melhor eu ficar com você...

Zé : Pra quê, Rosa ? Assim você vai logo descansar numa boa cama, não precisa ficar aí deitada nesse batente frio...

Bonitão : Um perigo ! Pode pegar uma pneumonia.

Rosa : Zé...

Zé : Ahn, sim. Pode ser que precise pagar adiantado...

Rosa : Talvez seja melhor, depois de entregar a cruz, você mandar também rezar uma missa em ação de graças...

Zé : É, não é má idéia.

Bonitão : Volto num minuto.

Zé : Está bem.

## SEGUNDO QUADRO

Beata : Porta fechada. É sempre assim. A gente corre, com medo de chegar atrasada e quando chega aqui, a porta está fechada. Por que não abrem primeiro a porta, pra depois tocar o sino ? Não. Primeiro tocam o sino, depois abrem a porta. Isso é esse sacristão.
Virgem Santíssima ! - Ei, rapaz...

Sacristão : Sim, Padre, já vou...

Beata : Que padre, coisa nenhuma...

Sacristão : Ah, é a senhora....

Beata : Vou me queixar ao padre Olavo dessa sua mania de bater o sino antes de abrir a porta da Igreja. Eu cuço o toque, venho pondo as tripas pela boca, chego aqui e a porta ainda está fechada.

Sacristão : Também, por quê a senhora vem logo na missa das seis ? Por quê não vem mais tarde ?

Beata : Porque quero. Porque não é da sua conta. Que é isso ?

Sacristão : Isso o que ?

Beata : Está vendo não ? Uma cruz enorme no meio da praça...

Sacristão : Ah, sim,...agora percebo...é uma cruz de madeira... e parece que há um homem dormindo junto dela....

Beata : Vista prodigiosa a sua! Claro que é uma cruz de madeira e que há um homem junto dela. O que eu quero, é saber a razão disso.

Sacristão : Não sei... como quer que eu saiba ? Por quê a senhora não pergunta a ele ?

Beata : Eu é que não vou perguntar coisa nenhuma !

Sacristão : Talvez ele tenha desgarrado da procissão...

Beata : Que procissão ? De Santa Bárbara ? A procissão ainda não saiu. E já viu alguém carregar cruz em procissão ? Nem na do Senhor Morto.

Bonitão : Oxente !

Sacristão : É uma cruz mesmo....

Bonitão : E que pensou você que era ? Um canhão ? Sono de pedra... não acordou nem com os foguetes de Santa Bárbara. Dizem que é assim que dormem as pessoas que têm a consciência

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.400



tranqüila e a alma leve...Eu também sou assim,quando caio na cama é um sono só. Camarado...oh,meu camarado!

Zé : Oh,já é dia...

Bonitão : Já. E a igreja já está aberta,você pode entregar o carreto.

Zé : É verdade.

Bonitão : Eu voltei aqui pra lhe dizer o número do quarto de sua mulher É o 27. Um bom quarto,no segundo andar. Pelo menos foi o que o porteiro me garantiu.

Zé : Ah,obrigado...

Bonitão : O hotel é aquele alimo primeiro,logo depois de subir a ladeira e dobrar à direita.Hotel Ideal. Eu demorei um pouco porque fiquei jogando damas com o porteiro.

Sacristão : Ganhou?

Bonitão : Empatamos.

Sacristão : Ah,eu também sei jogar damas!

Bonitão : Francamente,ninguém diz...

Sacristão : Pe. Olavo!

Zé : Preciso falar com ele.

Padre : Que está fazendo aí?

Sacristão : Estava conversando com aqueles homens.

Padre : E eu lá dentro a sua espera para ajudar a missa. Quem são?

Sacristão: Não sei. Um deles quer falar com o senhor.

Zé : Sou eu padre.

Padre : Agora está nahora da missa. Maistarde,se quizer...

Zé : É que eu vim de muito longe Pe. Andei sete léguas...

Padre : Sete léguas? Para falar comigo?

Zé : Não,para trazer esta cruz.

Padre : E como atreveu... Num caminhão?

Zé : Não,Pe.,nas costas

Sacristão : Menino!

Padre : Psiu! Cale a boca! Sete léguas com esta cruz nas costas. Deixe ver o seu ombro.

Sacristão : Está em carne viva!

Padre : Promessa?

Zé : Para Santa Barbara. Estava esperando abrir a igreja...

Sacristão : Deve ter recebido dela uma graça muito grande.

Zé : Graça a santa Barbara a morte não levou o meu melhor amigo.

Padre : Mesmo assim,não lhe parece um tanto exagerada a promessa? E um tanto pretenciosa também?

Zé : Nada disso,seu padre. Promessa é promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece o preço,recebe a mercadoria tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo,não. É toma lá,dá cá. Quando Nicolau adoeceu,o senhor não calcula como eu fiquei.

Padre : Foi por causa dessa... Nicolau,que você fez a promessa?

Zé : Foi. Nicolau foi ferido,seu padre,por uma árvore que caiu num dia de tempestade.

Sacristão : Santa Bárbara! A árvore caiu em cima dele?!

Zé : Só um galho,que bateu de rapão na cabeça. Ele chegou em casa escorrendo sangue de meter medo! Eu e minha mulher tratamos dele,mas o sangue não havia meio de estancar.

Padre : Uma hemorragia.

Zé : Só estancou quando eu fui no curral,peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.401



Padre : Mas meu filho,isso é atraso! Uma porcaria!
Zé : Foi o que o doutor disse quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida,que senão Nicolau ia morrer.
Padre : Sem dúvida.
Zé : Eu tirei. Ele limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E quede que fazia o sangue o sangue parar? Ensopava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não acaba mais. Lá pelas tantas,o homenzinho virou para mim e gritou: Correr,homem de Deus,vai buscar mais bosta de vaca,senão ele morre!
Padre : E...o sangue estancou?
Zé : Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigario sabia? Não sendo de vaca,de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.
Padre : Adiante,adiante. Não estou interessado nessa medicina.
Zé : Bem,o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pode se levantar. Foi a primeiravezque isso aconteceu em seis anos: eu saí fui fazer compras na cidade,entrei no bar do Jacob prá tomar uma cafezinha,passei na farmácia do seu Zequinha pra saber das novidades-tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou,porque quem quisesse saber onde eu estava era só procurar o Nicolau. Se eu ia na missa ele estava esperando na porta...
Padre : Na porta? Por que ele não entrava? Não é católico?
Zé : Tendo uma alma tão boa,Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não é por isso que ele não entra naigreja. É porque o vigário não deixa. Nicolau teve o azar de nascer burro... quatro patas.
Padre : Burro?! Então esse...que você chama de Nicolau é um burro?! Um animal?!
Zé : Meu burro sim sim senhor.
Padre : E foi por ele,por um burro,que fez essa promessa?
Zé : Foi...É bem verdade que eu não sabia que era tão difícil achar uma igreja de Santa Bárbara que ia precisar andar sete léguas para achar uma,aqui na Bahia...
Benitão : Ele se estrepou...
Zé : Mesmo que soubesse,eu não deixava de fazer a promessa. Porque quando vi que nem as rezas do preto Severino davam jeito...
Padre : Rezas?! Que rezas?!
Zé : Seu vigário me desculpe...Mas eu tentei de tudo. Preto Zeferino é rezador afamado na minha zona: sarna de cachorro,bicheira de animal,peste de gado,tudo isso ele cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo mundo diz...e eu mesmo,uma vez,estava com uma dor de cabeça danada que não havia meio de passar...chamei preto Zeferino,ele disse q o eu estava com o Sol dentro da cabeça. Botou a toalha na minha testa,derramou uma garrafa d'água,rezou uma oração,o sol saiu e eu fiquei bem.
Padre : Você fez mal meu filho. Essas rezas são orações do demo.
Zé : Do demo,não senhor.
Padre : Do demo sim. Voce não soube distinguir o bem do mal. Todo homem é assim. Vive atrás do milagre em vez de viver atrás de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 402



de Deus. E não sabe se caminha para o céu ou para o inferno.

Zé : Para o inferno? Como pode ser, Padre, se a oração fala em Deus?

"Deus fez o Sol, Deus fez a luz, Deus fêz toda a claridade do Universo grandioso. Com sua Graça eu te benzo, te curo. Vai - te Sol, da cabeça desta criatura para as ondas do Mar Sagrado, com os santos poderes do Padre, do Filho e do Espírito Santo". Depois rezou um Padre Nosso e a dor de cabeça sumiu no mesmo instante.

Sacristão: Incrível!

Padre : Meu filho, esse homem era um feiticeiro.

Zé : Como feiticeiro, se a reza é pra curar?

Padre : Não é para curar, é para tentar. E você caiu em tentação.

Zé : Bem, eu só sei que fiquei bom. Mas com o Nicolau não houve reza que fizesse ele levantar. Preto Zeferino botou o pé na - cabeça do coitado, disse uma porção de orações e nada. Eu já estava começando a perder a esperança. Nicolau de orelhas murchas, magro de se contar as costelas. Não comia, não bebia, nem mexia mais com o rabo para espantar as moscas. Eu vi - que nunca mais ia ouvir os passos dele me seguinto por toda a parte, como um cão. Até me puzeram um apelido por causa - disso: Zé-do-Burro. Eu não me importo. Não acho que seja - ofensa. Nicolau não é um burro como os outros. É um burro com alma de gente. E faz isso por amizade, por dedicação. Eu nunca monto nele, prefiro andar a pé ou a cavalo. Mas de um modo ou de outro, ele vem atrás. Se eu entrar numa casa e me demorar duas horas, duas horas ele espera por mim, plantado - na porta. Um burro desses, seu padre, não vale uma promessa?

Padre : Adiante.

Zé : Foi então que comadre Miúda me lembrou: por que eu não ia no candomblé de Maria de Iansan?

Padre : Candomblé?

Zé : Sim, é um candomblé que tem duas léguas adiante da minha roça. Eu sei que seu Vigário vai ralhar comigo. Eu também nunca fui muito de frequentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Contei pra Mãe-de-Santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com Iansan, dona dos raios e das trovoadas. Iansan tinha ferido Nicolau...pra ela eu devia fazer uma obrigação, quer dizer: uma promessa. Mas - tinha que ser uma promessa bem grande, porque Iansan, que tinha ferido Nicolau com um raio, nãoia voltar atrás por qualquer bobagem. E eu me lembrei então que Iansan é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça até a igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo. ...

Padre : Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a...

Zé : A Santa Bárbara.

Padre : A Iansan! ...

Zé : É a mesmo coisa...

Padre : Não é a mesma coisa! Mas continue.

Zé : Prometi também dividir minhas terras com os lavradores pobres, mais pobres que eu.

Padre : Dividir? Igualmente?

Zé : Sim, padre, igualmente.

Sacristão: E Nicolau...quero dizer, o burro, ficou bom?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.403



Zé : Sarou em dois tempos. Milagre. Milagre mesmo. No outro dia já estava de orelha em pé,relinchando. E uma semana depois todo mundo me apontava na rua: "Lá vai Zé-do-Burro com o burro de novo atrás!" E eu nem dava confiança. E Nicolau muito menos. Só eu e ele sabíamos do milagre. Eu,ele e Santa Bárbara.

Padre : Em primeiro lugar,mesmo admitindo a intervenção de Santa Bárbara,não se trataria de um milagre,mas apenas de uma graça. O burro podia ter-se curado sem intervenção divina.

Zé : Como,Padre,se ele sarou de um dia pro outro...

Padre : E além disso,Santa Bárbara,se tivesse de lha conceder uma graça,não iria fazê-lo num terreiro de candomblé!

Zé : É que na capela do meu povoado não tem uma imagem de Santa Bárbara. Mas no candomblé tem uma imagem de Iansan,que é Santa Bárbara...

Padre : Não é Santa Bárbara!Santa Bárbara é uma santa católica! O Senhor foi a um ritual fetichista. Invocou uma falsa divindade e foi a ela que prometeu esse sacrifício!

Zé : Não,Padre,foi a Santa Bárbara que prometi vier com a minha cruz! E é diante do altar de Santa Bárbara que vou cair de joelhos daqui a pouco,pra agradecer o que ela fez por mim!

Padre : Muito bem. E que pretende fazer depois...depois de cumprir a sua promessa?

Zé : Que pretendo? Voltar pra minha roça,em paz com a minha consciência e quite com a santa.

Padre : Só isso?

Zé : Só...

Padre : tem certeza? Não vai pretender ser olhado como um novo Cristo?

Zé : Eu?!

Padre : Sim,você. Você que acaba de reptir a Via Crucis,sofrendo o martírio de Jesus. Você que,presunçosamente,pretende imitar o Filho de Deus...

Zé : Padre...Eu não quis imitar Jesus...

Padre : Mentira! Eu gravei suas palavras! Você mesmo disse que pretendeu carregar uma cruz tão pesada quanto a de Cristo.

Zé : Sim,mas isso...

Padre : Isso prova que você esta sendo submetido a uma tentação ainda maior.

Zé : Qual,Padre?

Padre : A de igualar-se ao Filho de Deus.

Zé : Não,Padre.

Padre : Por que então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade? Não,para slavar um burro!

Zé : Padre,Nicolau...

Padre : É um burro com nome gristão! Um quadrupede,um irracional!

Zé : Mas,Padre, não foi Deus quem fez também os burros?

Padre : Mas não à Sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou seu Filho. Foi por nós,por você,por mim,pela Humanidade.

Zé : Padre,é preciso explicar que Nicolau não é um burro comum... o senhor não conhece Nicolau,por isso...é um burro com alma de gente...

Padre : Pois nem que tenha alma de anjo,nesta igreja você não entrará com essa cruz!

Zé : Mas Padre...eu prometi levar a cruz até o altar-mor! Preciso cumprir minha promessa!

Padre : Fizesse-a então numa igreja. Ou em qualquer parte,menos num

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.401



Zé : Padre...
Padre : Um ritual pagão, que começou num terreiro de candomblé, não pode terminar na nave de uma igreja!
Zé : Mas Padre, a igreja...
Padre : A igreja é a casa de Deus. Candomblé é o culto do diabo!
Zé : Padre, eu não andei sete léguas para voltar daqui. O senhor não pode impedir a minha entrada. A igreja não é sua, é de Deus!
Padre : Vai desrespeitar a minha autoridade?
Zé : Padre, entre o senhor e Santa Bárbara, eu fico com Santa Bárbara.
Padre : (para o sacristão) Feche a porta. Quem quizer assistir à missa que entre pela porta da sacristia. Lá não dá parapassar essa cruz.

## SEGUNDO ATO
### PRIMEIRO QUADRO

Minha Tia : Iansan lhe dê um bom dia.
Galego : Gracias, Minha Tia.
M.T. : Quer vir aqui dar uma mãozinha pra sua tia, meu branco? Santa Bárbara lhe pague. Oxente! Que é aquilo?
Galego : Não sei. Já estava acá quando abri a venda. Parece maluco.
Dedé : Bom dia, Galego amigo!/dia assim eu nunca vi;/para saudar - Iansan,/não repare eu lhe pedi:/me empreste por obséquio/ dois dedos de parati.
Galego : É, com esta história de hacer versos, usted sempre me leva na conversa. É boa mesmo essa del cego jeremias?
Dedé : Uma epopéia. Uma nova Ilíada, onde Troia é a Lua e o cavalo de Tróia é o cavalo de São Jorge! Em paga do parati.
Galego : Si, pero...jo prefiro la otra, la da mulata Esmeralda.
Dedé : Uma prova de bom gosto Galego! É também uma obra prima. Lembra Castro Alves, modéstia à parte. Bandeirinhas vermelhas e brancas, as cores de Iansan. Depois diz que não crê em candomblé.
Galego : Yo no creo, pero hay quem crea. E yo soy um comerciante...
Dedé : Somos dois! Mais uma dose. Esta eu pago amanhã.
Beata : É o cúmulo! Ainda está aí!
M.T. : Não vai abrir a igreja hoje, Iaiá? Dia de Santa Bárbara...
Beata : Não enquanto esse indivíduo não for embora.
M.T. : Que foi que êle fez?
Beata : Quer entrar com essa cruz na igreja.
M.T. : Só isso?
Beata : Você acha pouco? Acha que Padre Clavo ia permitir?
M.T. : Oxeate! Por que não? Foi promessa que ele fez?
Beata : Foi. Mas promessa de candomblé. Pra uma tal de Iansan...que Deus me perdoe. Hereje!
Dedé : Vou ver se minha tia me fia um abará. Bom dia, Minha Tia*
M.T. : Bom dia seu Dedé. Arajé, abará, beiju...Vem benzer!
Dedé : Um abará. Pago daqui a pouco, quando entrar o primeiro dinheiro.
M.T. : Eu já sabia...
Dedé : Que história é essa?
M.T. : O senhor ouviu?
Dedé : Ouvi.
M.T. : Obrigação pra Iansan...
Dedé : Por isso o Padre não deixou ele entrar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.405



M.T. : É...Coitado.

Dedé : Chegou a fechar a porta.

M.T. : O senhor entende?

Dedé : Entendo não.

M.T. : O padre é um homem tão bom.

Dedé : A senhora acha?

M.T. : Então. Ele é tão amigo dos pobres,faz tanta caridade. Sei não

Guarda : Olá,amigo.

Zé : Olá.

Guarda : É para a procissão de santa Bárbara?

Zé : Não.

Guarda : Porque aprocissão não sai daqui,sai do mercado aqui perto e vai até a igreja da saúde.

Zé : Não tenha nada com essa procissão.

Guarda : E o senhor está aqui fazendo o que? Esperando a festa? Ainda é muito cedo. São oito e meiada manhã. Só na parte da tarde- que isso pega fogo

Zé : Estou aqui desde as quatro e meia da manhã.

Guarda : Quatro e meia? O senhor deve ser um devoto e tanto! Mas acontece que escolheu um mau lugar...

Zé : A culpa não é minha.

Guarda : Sim,eu sei,não foi o senhor que inventou a festa de santa Bárbara. Mas eu também não tenho culpa de ser guarda. Minha —— obrigação é facilitar o trânsito,tanto quanto possível.

Zé : Sinto muito,mas não posso sair daqui.

Guarda : Ai,ai,ai,ai,ai... Estou querendo me entender com o senhor...

Zé : Eu também estou querendo entender com o senhor e com todo — mundo. Masacho que ninguém me entende. Aquela mulher me chamou de herege,o padre fechou a porta de igreja como se eu fosse satanás em pessoa. Eu,Zé do Burro,devoto de Santa Bárbara.

Dedé : mas afinal,que é queo senhor quer?

Zé : Que me deixem colocar essa cruz dentro da igreja,nada mais. Depois,prometo ir embora. E já estou fazado mesmo por isso.

Dedé : Foi promessa. Promessa que êle fez.

Guarda : Promessa...Colocar a cruz dentro da igreja...Não vejo dificuldade nenhuma nisso. Fala-se com o padre e...

Zé : Se o senhor conseguir que ele abra a porta e me deixe entrar- está tudo resolvido.

Guarda : Pois bem,eu vou falar com ele.

Dedé : Não vou lá ajudar também porque eu e este padre estamos de relações cortadas.

Guarda : Padre! Abra um instante por favor: Quero falar com o padre.

Sacristão : Entre.

Rosa : Você ainda está aí. A igreja não abriu?

Zé : Abriu,sem. Mas o padre não quer me deixar entrar com a cruz.

Rosa : Porque?

Zé : Não sei Rosa,não sei...Há duas horas que tendo compreender...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.406



mas estou tonto, tonto como se tivesse levado um coice no meio da testa. Já não entendo nada...parece que me viraram pelo avesso e estou vendo as coisas ao contrário do que elas são.- O céu no lugar do inferno...o demônio no lugar dos santos.

Rosa : É isso mesmo. De repente, a gente percebe que é outra pessoa Que sempre foi outra pessoa...é horrível.

Zé : Mas não é possíbel, Rosa. Eu sempre fui um homem de bem. Sempre temi a Deus,

Rosa : Zé, isso está parecendo castigo!

Zé : Castigo? Castigo por que? Por eu ter feito uma promessa tão grande? Mas se Santa Bárbara não estivesse de acordo com tudo isso, não tinha feito o milagre.

Rosa : Zé, esqueça Santa Bárbara. Pense um pouco em nós.

Zé : Em nós?

Rosa : Em mim, Zé.

Zé : Em você?

Rosa : Sim Zé, em mim, sua mulher.

Zé : Que é que você quer? Não dormiu, não descansou?

Rosa : Zé, vamos embora daqui.

Zé : Agora?

Rosa : Sim, agora mesmo.

Zé : Não posso. Você sabe que eu não posso voltar antes de chegar ao fim da promessa. Não ia ter sossego o resto da vida.

Rosa : Você acredita demais nas coisas.

Zé : É porque você não pensa no que pode acontecer.

Rosa : Mais do que já aconteceu?

Zé : Que aconteceu? A caminhada, as noites sem dormir, e agora ser xingado como a figura do diabo? Tudo isso é nada, comparado com o castigo que pode vir.

Rosa : Mas se o Padre não quer deixar você entrar com a cruz, que é que você ainda vai ficar fazendo aqui?

Zé : O Guarda foi falar com ele. Estou esperando. Você, se quiser, pode ir comer qualquer coisa.

Rosa : Já tomei café no hotel.

Zé : Não era bom o hotel que aquele camarada arranjou?

Rosa : Muito bom. Tinha até pia no quarto e colchão de mola.

Zé : Fiquei um pouco preocupado.

Rosa : Comigo?

Zé : Você num hotel, sozinha. Cidade grande, a gente nunca sabe. Se bom que o moço garantiu que era hotel de família.

Rosa : Não tinha então que ter cuidado. O moço era de toda confiança. Tão amável, tão prestativo...

Reporter : Lá está ele. Bom dia amigo! Parabéns! O senhor é um heroi.

Zé : Heroi?

Repórter : Sim, sete léguas carregando esta cruz. Pesada hem? Sete léguas quarenta e dois quilometros. A maior maratona que eu fiz foi de vinte e quatro quilometros, no Serviço Militar. E o fusil não pesava tanto assim. Oh, desculpe...eu sei que o senhor fez uma promessa. A comparação não foi muito feliz...Carijó, pode bater uma chapa. Finja que está falando comigo.

Zé : Fingir que estou falando...pra que?

Repórter : E dentro de algumas horas o Brasil inteiro vai saber. O senhor vai ficar famoso.

Zé : Mas eu não quero ficar famoso, eu quero...

Rosa : Que é isso Zé. Seja mais delicado com o moço. Ele é da faze

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.407



... gazeta...
Repórter: Mulher dele?
Rosa : Seu. Também andei sete léguas-meu pé tem cada calo dágua deste tamanho.
Repórter: Maravilhoso. E em quanto tempo cobriram o percurso?
Rosa : Como?
Repórter: Quero dizer: quando saíram de lá, de sua cidade?
Rosa : Saimos da roça, entem de manhãzinha. Cinco horas da manhã.
Repórter: A que horas chegaram aqui?
Rosa : Antes das cinco.
Repórter: Fizeram o percurso então em 24 horas. Com uma cruz que deve pesar?...
Zé : Não sei, não pesei.
Repórter: Por menos que pese, é um "record"! Sob este aspecto, podemos considerar um grande feito espertivo. Uma prova de resistência física... e de aplicação...
Repórter: Mas como nasceu a idéia dessa... preregrinação?
Rosa : Não nasceu idéia nenhuma. O burro adoeceu, ia morrer-ele fez promessa pra Santa Bárbara.
Repórter: Burro? Que burro?
Rosa : O Nicolau.
Zé : Por que? O senhor também vai achar que o meu burro não vale uma promessa? ... ... ...
Repórter: Não, de modo algum... eu... eu apenas não sabia... então, tudo isso... quarenta e dois quilometros... a cruz... tudo por causa de um burro... Fabuloso!
Rosa : E não foi só isso. Ele prometeu também repartir o sítio com aquela cambada de preguiçosos.
Zé : Que preguiçosos. Gente que quer trabalhar e não tem terra.
Repórter: Repartir o sítio... diga-me, o senhor é a favor da reforma agrária?
Zé : Reforma agrária? Que é isso?
Repórter: É o que o senhor acaba de fazer em seu sítio. Redistribuição das terras entre aqueles que não as possuem.
Zé : Eu não estou arrependido, moço. Fiz a felicidade de um bocado de gente e o que restou para mim dá e sobra.
Repórter: É a favor da reforma agrária.
Zé : É bem verdade que se o meu burro não tivesse ficado doente, eu não tinha feito isso...
Repórter: Mas, e se todos os proprietários de terra fizessem o mesmo. Se o governo resolvesse desapropriar as terras e dividi-las entre os camponeses?
Zé : Ah, era muito bem feito. Cada um deve trabalhar o que é seu.
Repórter: É contra a exploração do homem pelo homem. O senhor pertence a algum partido político? ... ...
Zé : Já quiseram me fazer vereador... qual...
Rosa : O que atrapalhou foi o burro.
Repórter: O burro, por que?
Rosa : Aonde ele vai o burro vai atrás. Se ele fosse eleito, o burro também tinha que ser...
Repórter: É, mas desta vez, seu...
Zé : Zé-do-burro, seu criado.
Repórter: ..."seu" Zé-do-Burro, o senhor será eleito com burro e tudo. Escute aqui, será que essa história da promessa não é um golpe para impressionar os eleitores?
Zé : Golpe?!
Repórter: E de mestre! Avalio a gitação que o senhor fez com isso. Pe-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.408


Pelas estradas,no caminho até aqui,deve ter-se juntado uma verdadeira multidão para vê-lo passar.

Zé : É,tinha...

Rosa : Muito moleque também.

Repórter: Imaginem a volta!A chegada à sua cidade,em carro aberto,banda de música,foguetes!

Zé : Osenhor esta maluco? Não vai haver nada disso.

Repórter: Vai. Vai porque o meu jornal vai promover. Só faço questão de uma coisa: que o senhor nos dê a exclusividade. Que não conceda entrevista a maisninguém. É claro que o senhor tera uma compensação...e também a publicidade. Primeira página,com fotografia o senhor e sua senhora...mandaremos fotografar também o burro- em poucas horas o senhor será um herói nacional.

Zé : Moço,eu acho que o senhor não me entendeu...ninguém ainda me entendeu...

Repórter: O diabo foi o senhor ter escolhido um dia como o de hoje. Sábado. Amanhã é domingo,o jornal não sai. Só segunda-feira. E o nosso departamento de promoções precisaria preparar a coisa... podemos dar o furo na edição de hoje,mas o barulho mesmo só — segunda-feira. Quando o senhor pretende voltar?

Zé : Por mim já estava de volta.

Guarda : Não consegui nada.

Zé : O senhor falou com o padre.

Guarda : Falei,argumentei...não adiantou. E ainda tive que ouvir um sermão deste tamanho. Ele acha que,em vez de ir pedir para deixar o senhor entrar naigreja,eu devia era levá-lo preso. Claro que eu não vou fazer isso,mas o senhor bem que podia ter arranjado uma promessinha menos complicada.

Rosa : Também acho.

Guarda : Porque não adianta o senhor ficar aqui; o padre já disse que- que não abre a porta e não abre mesmo-eu conheço ele.

Repórter: Ótimo!Mas isso é ótimo! Assim temos um pretexto para adiar a entrega da cruz para segunda-feira. Dará tempo então de organizarmos tudo. As entrevistas,as apresentações no rádio...a sua volta triunfal com batedores e banda de música!

Zé : Moço,eu vim a pé e vou voltar a pé.

Rosa : Oxente! Não seja estúpido,home! O moço esta querendo ajudar a- gente.

Zé : Então ele que me ajude a convencer o vigário a abrir a porta..

Repórter: Eu vou entrevistar o vigário. Mas fique certo de uma coisa: se qual for o seu objetivo,uma publicidadezinha não fará mal algu Carijó,bata mais uma chapa. Quer fazer o favor de carregar a cruz? A senhora também.

Rosa : Vamos Zé!

Galego : Um momento! O senhor não podia fazer aparecer também o meu estabelecimento? Sabe...uma publicidadezinha...

Repórter: Ótimo. Pode bater,Carijó. Obrigado. Esta vai sair hoje na primeira página. Vamos agora entrevistar o vigário.

Guarda : É melhor o senhor ir pela porta da sacristia.

Zé : Eu levo o senhor la.

Repórter: Não,acho melhor o senhor esperar aqui...

Zé : Mas eu quero ir com o senhor.

Repórter: Está bem.

Guarda : Garanto que agora o padre vai abrir a igreja. Não há quem não tenhamedo da imprensa. Eu vou para lá,que a coisa está piorar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0561,P.409



Bonitão : (para Galego) Uma dupla...
Galego : Olá, Bonitão. Usted por aqui "de madrugada"...
Rosa : Um café, moço...
Bonitão : Ainda?...
Rosa : Ainda.
Bonitão : Não sei como você aguenta.
Rosa : Eu também não.
Bonitão : Ele desconfiou de alguma coisa?
Rosa : Nada. Ele só pensa na cruz e na promessa.
Bonitão : Sabe que eu fui pra casa dormir e não consegui?
Rosa : Por que?
Bonitão : Pensando em você.
Rosa : Melhor que não pense.
Bonitão : Está arrependida?
Rosa : Estou.
Bonitão : Agora é um pouco tarde.
Rosa : Não é não. Uma noite a gente pode apagar.
Bonitão : A gente pode apagar uma porção de noites. Isso não deixa marca.
Rosa : Em mim deixou. Nem sei como ele não vê. Dá até raiva.— Dá vontade de contar tudo.
Bonitão : Não é má idéia. Ele não é homem violento. Podia era largar você aqui na cidade e voltar sozinho pra roça. Isso resolvia tudo.
Rosa : Resolvia o que?
Bonitão : Sua vida. Você tem futuro.
Rosa : Adianta não. Minha sina é essa mesma. Às vezes eu tenho vontade, sim, de arrumar a trouxa e ganhar a estrada Mas não tenho coragem. E se tivesse, não ia saber para onde ir.
Bonitão : Quando eu era menino, fui guia de cego...
Rosa : Eu não estou cega. E sabia muito bem o que estava fazendo. Como sei também que sou capaz de fazer de novo, se ele não me levar daqui. Mesmo sem querer.
Bonitão : Se você não se livrar dele, vai acabar idiota como ele.
Rosa : Ele precisa de mim.
Bonitão : Ele tem o burro.
Rosa : Estúpido.
Bonitão : Não quis comparar...
Rosa : Ele é muito homem, fique sabendo!
Bonitão : Se é assim, por que você tem tanta sede?...
Rosa : Que tinha você de aparecer aqui de novo?
Bonitão : Foi você que veio falar comigo.
Rosa : Você me obriga a fazer o que eu não quero.
Bonitão : Que culpa tenho eu de ter nascido com tantas qualidades?
Bonitão : Espere...
Rosa : Está louco?
Bonitão : Pelo jeito, ele ainda vai ficar muito tempo aí. Entendeu?
Rosa : Não entendo nada. Você é doido e eu estou ficando doida também.
Bonitão : Ela não pode sair de junto da cruz. Mas você pode...pode ir descansar no hotel...ou mesmo ir rezar em outra igreja, pedir a outro santo pra ajudar a convencer o padre a abrir a porta...Um reforço sempre é bom...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.416



M;T. : E então?
Zé : Eles não quizeram que eu entrasse. Acham melhor falar com o padre em particular...
M.T. : Meu filho, eu sou "ekédi" no candomblé da menininha. Mais logo o terreiro está em festa. Você fez obrigação pra Iansan, Iansan está para receber.
Zé : Como?
M.T. : Eu levo você lá. Você leva a cruz e Santa Bárbara recebe Você fica em paz com ela.
Zé : Iansan?
M.T. : Foi ela que lhe atendeu.
Zé : Mas é a igreja...
M.T. : Mande o padre pro inferno. Leve a sua cruz no terreiro. Eu vou com você.
Zé : Não, não foi num terreiro que eu disse que ia levar a cruz, foi numa igreja, numa igreja de Santa Bárbara.
M.T. : Santa Bárbara é Iansan. E Iansan está lá. Vai abaixar nos seus cavalos. Vamos.
Zé : Não. Não é a mesma coisa.
Repórter : O senhor acha mesmo que o padre não ia deixar ele entrar
Sacristão : O senhor não ouviu ele dizer? É satanás. Satanás sob um de seus multiplos disfarses.
Repórter : Satanás disfarçado em Jesus Cristo...acho que é um pouco forte. Em todo caso, isso é lá com ele. Eu confesso que não sou muito entendido na matéria. O que interessa é mante-lo aqui pelo menos até segunda-feira. Se for preciso, mandarei comida e bebida. Contanto que ele não vá embora segunda- feira.
Sacristão :: Com licensa, senhores, com licensa.
Repórter : Nada feito,meu camarada. O padre é uma rocha. Mas ele vai acabar cedendo. Se você não arredar pé daqui,ele vai ter que abrir a igreja. Eu lhe garanto. Agora a causa não é somente sua,é também do nosso jornal. E,sendo do nosso - jornal,é do povo! Eu o aconselho resistir. Afinal de contas,é um direito. Direito que o senhor adquiriu em 42 -- quiolmetros de "via crucis". Eu confio no senhor. Leia o meu jornal hoje a tarde. Vai ser um estouro.
Bonitão : Jornalista,é?
Rosa : É. Tiraram o meu retrato. Será que vão publicar mesmo?
Bonitão : Se estivesse nua,eu garantia. Assim...não sei.
Marli : Eu sabia!...Tinha que estar atrás de algum rabo de saia!
Bonitão : O que é que você vem fazera aqui?
Marli : Venho saber porque o senhor não apareceu em casa esta -- noite.
Bonitão : Que casa?
Marli : A minha casa!
Bonitão : Eu estava indisposto. Fui para o meu hotel.
Marli : Sim,eu estou vendo a sua indisposição.
Bonitão : Não faça escândalo.
Marli : Porque? está com medo do marido dela?
Bonitão : Não estou com medo de ninguém,mas não vou deixar voce fazer a senhora passar vexame.
Marli : A senhora...se ela é senhora,eu sou donzela...
Bonitão : Marli,me obedeça.
Marli : Está querendo bancar o machão na frente dela é?
Bonitão : Eu não tenho nada com ela!
Marli : Você passou a noite com ela.
Bonitão : Vamos para casa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.411



Marli : Não,primeiro quero tirar isso a limpo. Quero que essa vaca saiba que você é meu. Meu! Esta roupa foi comprada com o meu dinheiro! Esta e todas as que ele tem!

Bonitão : Se você não for para casa imediatamente,nunca mais euxdeixo você me dar nada!

Marli : Ele é meu,ouviu? Fique com seu beato e deixe ele em paz!- É meu homem!Meu homem!

## SEGUNDO QUADRO

Dedé : "ABC da Mulata Esmeralda",romance completo contando toda a vida de Esmeralda,desde o nascimento,no Beco das Inocências até a morte,por trinta facadas,na Rua da Perdição. 10 cruzeiros...Ai,meu Senhor do Bonfim,/dai-me muita inspiração,/dai-me rima e muita métrica/pra fazer a descrição/das penas de Esmeralda/na rua da Perdição. Estava pensando...- sabe que essa sua briga com o Padre dava um abecê? Quer,-- eu escrevo.

Zé : Não.

Dedé : Por que não quer? Abecê em versos,ficava bonito...

Zé : Não.

Dedé : Versos que,modéstia à parte,são lidos pela Bahia inteira. Inclusive pelo Padre Olavo...e não é por me gabar,meu camarada,mas aqui como me ve,poeta pela graça da Virgem e do - Senhor do Bonfim,eu sou um homem temido! Quando eu anuncio que vou escrever um soneto contando as bandalheiras desse- ou daquele deputado...ha,menino,não tarda o fulano me procurar pra adoçar meus versos. Se eu anunciar nesta tabuleta que vou escrever o "ABC de Zé-do-Burro",tenho certeza-- que o Padre abre logo a porta e vem ele mesmo carregar a-- cruz.

Rosa : Que é preciso prá isso?

Dedé : Bem,o consentimento dele,em primeiro lugar. E em segundo,- sabe,...papel esta pela hora da morte,a tipografia está cobrando os olhos da cara...

Rosa : Ah,é preciso pagar...

Dedé : Aí uns cinco contos pra ajudar. Mas garanto o resultado.

Zé : Não quero que faça nada.

Dedé : Olhe que o senhor se arrepende. Garanto que basta anunciar, o Padre se borra todo...

Zé : Não quero,já disse!

Dedé : Está bem. Quem perde é o senhor. O senhor e a Poesia nacional.

Coca : Buenas.

Galego : Opa!

Dedé : Boa tarde.Mestre Coca.

Coca : Dedé Cospe-Rija...precisa arranjar um serviço de homem,meu camarada...Me da um porongo. Dia de Santa Bárbara...tem que roncar trovoada.

Dedé : Já largou a estiva,Mestre Coca?

Coca : Já. Descarreguei um cargueiro holandês até à uma hora e caí no mundo. Hoje,dia de Iansan,nao é dia de carregar peso,é - dia de vadiar.

Dedé : Vamos ter capoeira hoje.

Coca : Mais logo. Mais logo vamos ter vadiação. Vou jogar com Manoelzinho Sua-Mãe. Me disseram que tinha aqui um homem que rendo entrar na igreja co uma cruz e o Padre não queria - deixar...

Galego : É esse aí.

Coca : Mas lugar de cruz é dentro da igreja?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.412



Dedé : É,mas parece que o cruz é para Iansan,e o Padre não gostou da história.
Coca : E fechou a porta?
Dedé : Não é de admirar. Outro dia ele não quis proibir que eu vendesse meus livros aqui na porta da igreja?
Coca : Por quê?
Dedé : Disse que o "ABC da Mulata Esmeralda" era indecente. Falou isso num sermão. E de lá pra cá essas beatas quando passam por mim viram a cara,como se eu fosse a pintura do Cão.
Galego : No me gustan los padres. Pero esse está haciendo um buen servicio. Por causa dele a freguesia aumentou e já fui até fotografado.
Dedé : Se ele quisesse,eu fazia o Padre abrir a porta em dois tempos.
Galego : Nada deixa el hombre ai. Quanto mais demorar,mejor...
Dedé : Vou dar um pulo até o mercado de Santa Bárbara.
Coca : Ah,lá a festança já começou é de hoje. Capoeira,roda de samba...está bom que está danado.
Dedé : Tem turista?
Coca : Vi uns gringos.
Dedé : Vou até lá.
Rosa : Sabe que horas são? Três horas da tarde. Você não está com fome?
Zé : Não. Vá ali na mulher no tabuleiro,compre qualquer coisa para você.
M.T. : Que é,Iaiá?
Rosa : Qualquercoisa para matar a fome.
M.T. : Precisa mesmo. É de hoje que vosmincês estão aí...
Rosa : Desde manha cedo.
M.T. : E ele parece um homem tão bom...
Secreta : Uma dupla.
Rosa : - - - - -
M.T. : Diga a ele que não desanime,Iansan tem fé!
Guarda : Vejam! Primeira página com retrato e tudo!
Rosa : Meu retrato?
Guarda : Eu também saí.
Rosa : Hum...o senhor saiu muito bem...a cópia fiel!
Guarda : É...eu acho que sai bem...vou levar pra minha mulher.
Rosa : Quem saiu mal fui eu...Horrível.
Guarda : Não ligue. Fotografia de gazeta é assim mesmo.
Zé : Afinal,que é que diz aí?
Guarda : Ah,sim..."O novo Messias prega a revolução."
Zé : Revolução.
Guarda : É,revolução. Está aqui. "Sete léguas carregando uma cruz, pela reforma agrária e contra a exploração do homem pelo homem."
Zé : Eu bem achei que aquele camarda não era certo da bola...
Guarda : "Para o vigário da paróquia de Santa Bárbara,é Satanás disfarçado. Quem será afinal Zé-do-Burro? Um místico ou um agitador? O povo o olha com admiração e respeito,pelos caminhos por onde passa com sua cruz,mas o vigário expulsa-o do templo. No entanto,Zé-do-burro está disposto a lutar até o fim!" Acho que o moço não entendeu bem o seu caso. O u então foi eu que não entendi. Podem ler.Mas não joguem fora. Quero levar pra casa.
Rosa : Zé,não estou gostando disso.
Zé : Nem eu.
Rosa : Não entendi bem o que botaram na gazeta,mas uma coisa me diz que isso nao é bom.
Zé : Bem Maria de Iansan disse. A promessa tinha que ser bem grande...Com certeza Santa Bárbara achou que não era bastante...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.413



bastante o que eu prometi e está cobrando o restante. Ou está me gastigando poor eu ter prometido tao pouco.

Rosa : Então eu também estou sendo gastigada...

Zé : Pode ser que esteja me fazendo passar por tudo isso para mim experimentar. Pra ver se eu desisto da promessa. Santa Bárba, ~~xxxxxxxx~~ está me tentando...E ainda pouco quase que eu caio.

Rosa : Quando?

Zé : Quando aque sujeita disse tudo aquilo. O sangue me subiu a cabeça e se eu me dáixo tentar tinha matado um homem e uma mulher... Ia preso...E não podia comprir a promessa. Pensei nisso naquela hora,e aquentei tudo calado. Foi uma prova. Tudo isso é uma provação.

Rosa : Deve ser,sim. É a unica explicação para tudo que aconteceu. Santa Bárbara me usou para por você à prova.

Zé : Mas Santa Bárbara não teria feito isso se não conhecesse você melhor do que eu.

Rosa : Eu-senti,Zé...Senti que havia uma vontade mais forte do que a minha me empurrando para lá...E você ajudando. Você também é culpado. Eu não queria ir e você insistia. Não é pra mim desculpar,mas se tudo é obra de Santa Barbara,o que é que eu podia fazer?

Zé : Podia resistir a tentação,como eu tenho resistido.

Rosa : Era diferente. Não era a mim que ela estava pondo a prova. Era você. E se ela é santa ,se elsa pode fazer milagra,pode me obrigar a fazer o que eu não quero,como obrigou. Pode botar o diabo no meu corpo,como botou. Mas isso não vai acontecer mais. Acho até que isso nem aconteceu. Pois se foi uma provação divina...

Zé : Esse assunto nós vamos ~~xxxxxxx~~ resolver depois na volta.

Bonitão : Voce veio depressa. Uma dose.

Secreta : O que é que você quer falar comigo? Se é sobre a sua volta a Polícia...

Bonitão : Não, Nada disso. Nem estou pensando mais em voltar. Estou muito bem de vida.

Secreta : Mas tome cuidado. Estão com a sua ficha em dia...

Bonitão : Não acredito. Voces vivem comendo mosca. Olhe aí...No meu tempo,esse cabra já estava no xilindró. E vocês me expulsaram

Secreta : Quem é ele?

Bonitão : Tome,leia...vocês nêm lêm gazeta e querem estar em dia.

Secreta : Você já conversou com ele?

Bonitão : Já. O homem é ~~xxxxx~~ perigoso. Banca o anjo de procissão,mas não é atoa que o padreco dali de frente fechou a igreja e jurou que ele não entra.

Secreta : É,mas a coisa é esquisita.

Bonitão : Eu,se fosse você guardava ele por uns dias...

Secreta : Também não pode ser assim. Tenho que investigar,depois comunicar ao comissário.

Bonitão : Qual,voces não sabem trabalhar. Dá o fraga no homem.

Secreta : Fraga do que? Ele não está fazendo nada...

Bonitão : Como não? Agitação social.

Secreta : Venha comigo.

Bonitão : Ele vai lhe contar a história de um burro,mas não vá nessa conversa.

Galego : Polícia...Estão querendo el hombre.

Coca : Está certo não. Fazer promessa não é crime.

Bonitão : Um amigo. Quer coversar com voces...Quer ajudar.

Secreta : Olá.

Zé : Ajudar...Todo mundo quer ajudar...

Rosa : Não faça isso,homem! É do guarda. Ele pediu pra guardar.

Zé : O guarda também quer ajudar. Todos querem ajudar...Todos...

Secreta : O senhor sabe que suas idéias são muito perigosas?

Zé : Perigosas?

Secreta : O senhor não devia dizer isso no jornal e muito menos aqui, em praça pública. Porque isso pode lhe dar muita aporrinha -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P414



Zé : Mais do que já tive?

Secreta : Por muito menos, tenho visto muita gente ir parar no xadrez.

Rosa : xadrez?

Secreta : Estou avisando como amigo.

Zé : Amigo. Já vi que estou cercado de amigos. É amigo por todo lado...Cada qual querendo ajudar mais do que o outro.

Secreta : O senhor é um revoltado.

Zé : Não era, não. Mas estou ficando.

Secreta : É por isso que está aqui desde está madrugada?

Zé : É. E daqui não saio enquanto não fizer com que todo mundo me entenda! Todo mundo.

Secreta : Como pretende fazer isso?

Zé : Como...sei lá...mas tem que haver um jeito...tem de haver um jeito...A vontade que eu tenho é de jogar uma bomba...Que Deus me perdoe. Padre, padre. Padre andei sete léguas pra vir até aqui. Deus é testemunha. Ainda não comi hoje...e não vou comer até que abra a porta. Um dia, dois...um mês...vou morrer de fome na porta de sua igreja, padre.

Zé : Padre, é preciso que me ouça, padre.

Padre : Que pretende com essa gritaria? Desrespeitar está casa, que é a casa de Deus?

Zé : Não, padre, lembrar somente que ainda estou aqui com a minha cruz.

Padre : Estou vendo. E essa insistência na heresia mostra o quanto está afastado da igreja.

Zé : Está bem, padre. Se for assim, Deus vai me castigar. E o senhor não tem culpa.

Padre : Tenho, sim. Sou um sacerdote. Devo zelar pela glória do senhor e pela felicidade dos homens.

Zé : Padre eu naõ tenho parte com o diabo, mas o senhor está me fazendo tão infeliz, padre.

Padre : Não. Estou defendendo a sua felicidade, impedindo que se nas trevas da bruxaria.

Zé : Mas eu não tenho nada com bruxaria, e sim com santa Barbara.

Padre : Estive o dia todo estudando este caso. Consultei livros textos sagrados. Naquele burro está a explicação de tudo. E'satanás. Só mesmo satanás podia levar alguém a ridicularizar o sacrificio de Jesus.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.415



Rosa : Não, padre, não.
Padre : Porque não?
Rosa : Porque ele é um bom homem. Eu conheço ele. Até hoje só fez o bem.
Padre : Lúcifer também foi anjo.
Rosa : É até bom demais. Nunca fez mal a ninguém, nem mesmom a um passarinho. É capaz de repartir o que é dele com os outros. De deixar de comer até...pra dar de comer a um burro. É um homem bom, isso eu garanto.
Padre : Como pode garantir?
Rosa : Sou mulher dele. Vivo com ele. Durmo na mesma cama, como na mesma mesa.
Padre : Isso não quer dizer nada...
Rosa : Como que não?
Padre : Lúcifer iludiu o senhor até o ultimo momento. Mas eu conheço seus adeptos. Mesmo quando se disfarçam sob a pele do cordeiro. Mesmo quando se escondem atrás da cruz de Cristo. A mesma cruz que querem destruir. Mas não destruirão. Não destruirão.
Padre : Monsenhor.
Sacristão : Monsenhor Otaviano.
Padre : Deixem passar o monsenhor.
Monsenhor : Já sei. Estou tratando do seu caso.
Guarda : É monsenhor Otaviano. Deve ter sido mandado pelo Arcebispo.
Rosa : O padre ficou apavorado quando viu ele, reparou?
Dedé : Com certeza o Arcebispo MANDOU puxar as orelhas do padre.
Minha tia : Bem feito.
Galego : Bem feito, nada. Se deixam el hombre entrar, prejudicam nuestro negócio.
Zé : Será?...será que o Arcebispo chegou a saber?
Guarda : Ora, a cidade inteira já sabe. O radio já deu.
Coca : Não se fala noutra coisa, da cidade baixa até a cidade alta
Zé : Ele vir aqui só por causa disso...
Rosa : É porque veio trazer alguma ordem. E ordem do Arcebispo.
Dedé : Mandou o padre deixar de ser besta.
Coca : Mandou abrir a porta.
Minha tia : Eu disse: Iansan tem força. Agora ele vai entrar. Vai entrar.
Zé : Eu sabia que santa Barbara não ia me desamparar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.416



Monsenhor : Venho aqui a pedido do Monsenhor Arsebispo. S. Excia. está muito preoculpado com o vulto que está tomando este incidente e incimbiu-me, pessoalmente, de resolver a questão. A fim de dar uma prova de tolerância da igreja para com aqueles que se desviam dos cânones sagrados...

Zé : Padre, eu sou católico. Não entendo nada do que dizem mas queria que o senhor entendesse que eu sou católico. Pode ser que eu tenha errado, mas sou católico.

Monsenhor : Pois bem. Vamos lhe dar uma oportunidade. Se é católico, renegue todos os atos que praticou por inspiração do diabo e volte ao seio da santa madre igreja.

Zé : Como, Padre.

Monsenhor : Abjure a promessa que fez, reconheça que foi feita ao diabo, atire fora essa cruz e venha, sozinho, pedir o Perdão a Deus.

Zé : O senhor acha mesmo que eu devia fazer isso?

Monsenhor : É a única maneira de você se salvar. A igreja católica concede a nós, sacredodes, o direito de trocar uma promessa por outra.

Rosa : Zé...talves fosse melhor...

Zé : Mas Rosa...se eu faço isso, estou faltando a minha promessa...seja Iansan, seja Santa Bárbara...estou faltando...

Monsenhor : Com a autoridade de que estou investindo, eu o liberto dessa promessa, já disse. Venha fazer outra...

Padre : Monsenhor está dando prova de sua tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da igreja e a sua propria intransigência.

Zé : O senhor me liberta... mas não foi ao senhor que eu fiz a promessa, foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como,castigo, quando eu voltar pra minha roça não vou encontrar meu burro morto.

Monsenhor : Decida. Renega ou não renega?

Minha Tia : Êêparrei. Maleme pra ele, minha mãe.

Coca : Maleme.

Zé : Não. Não posso fazer isso. Não posso arriscar a vida do meu burro.

Padre : Então é porque você acredita mais na força do demonio do que na força de Deus. É porque tudo que fez foi por inspiração do diabo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.417



Monsenhor : Nada mais posso fazer então.
Zé : Monsenhor..Me deixe explicar. Me deixe explicar.
Padre : Que ninguém agora nos acuse de intolerantes. E que todos se lembrem das palavras de Jesus: "Porque surgirão falsos cristos falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodigios, que, se possivel fora, enganariam a muitos".
Zé : Padre, eu não quero ~~fazer~~ enganar ninguém.
Padre : Enganaria a muitos, sim. E muitos o seguiriam ao sair daqui.
Zé : Eu não quero que ninguém me siga.
Padre : Mas seguiriam, como já o seguiram pelas estradas, sem saber que seguiam a satanás.
Zé : Padre. Por Santa Bárbara ou por satanás, vou colocar esta cruz dentro da igreja, custe o que custar.
Padre : Eis a prova: um católico não ameaça invadir a casa de Deus. Guarda. Prenda esse homem.
Coca : Fiquem aqui. Vou chamar o resto do pessoal...
Bonitão : Que está esperando?...Não está convencido ainda?...
Secreta : Espere...
Rosa : Espere o quê? Quem é ele?
Bonitão : Um secreta.
Rosa : Policia. Você...? Você denunciou...?
Bonitão : Daqui a pouco, você vai ficar livre desse idiota.
Rosa : Você não devia ter feito isso. Não devia.
Bonitão : É pro seu bem. Pro nosso bem.
Rosa : Não...assim, não. Eu não queria assim....
Bonitão : Agora...está feito.

## TERCEIRO ATO

(Roda da capoeira)

M.T. : Óia,o caruru! Caruru de Santa Bárbara,minha gente!
Manoelzinho: Tu tá um bicho na capoeira,Mestre Coca.
Coca : Você é quem diz.
Manoelzinho: Tinha ido lá pro mercado,pensando que ia ser lá a vadiação. Lá medisseram que tinha vindo todo mundo pra cá...
Coca : Por causa do homem da cruz.
Manoelzinho: Diz que ele quer cumprir obrigação para Iansan...
Coca : Quer botar essa cruz lá dentro da igreja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.718



Manoelzinho : E já quizeram até prender ele.
Coca : Só por causa por causa disso?
Manoelzinho : Não pode.
Dedé : Amanhã...amanhã você entra, meu camarada. Lhe garanto. Vou hoje pra casa escrever a história desse padre. Sei umas coisas dele...e se precisar a gente inventa. Amanhã vou chegar aqui com uma tabuleta: "Aguardem. O padre que feichou a casa de Deus". Vai ver se ele abre ou se não abre a porta. Ou abre ou vai ter que me passar uma gaita pra não publicar os versos.
Minha Tia : Não quer também, iaiá?
Rosa : Não.
Minha Tiá : Caruru de Santa Bárbara. Antigamente a gente fazia isso e era de graça. Hoje, com a vida do jeito que está, a gente tem mesmo é que cobrar.
Galego : Pero yo no cobro nada. Oferta da casa.
Zé : Pra mim?
Galego : Si, para usted. Cachorro quente. Después traré un cafezito.
Zé : Não, obrigado.
Galego : Pode aceitar sin constrangimento. E podemos até hacer un negócio. Se usted prometer no arredar pé de acá, yo me comprometo a fornecer comida e bebida gratuitamente para los dos.
Zé : Não, não tenho fome.
Galego : Pero, asi usted no podera resistir.
Zé : Não importa.
Galego : A senhora não quer?
Rosa : Não estou com vontade.
Galego : Bien...
Zé : Que é que você tem?
Rosa : Nada, queria ir embora.
Zé : Sozinha?
Rosa : Não, com você.
Zé : Pensei que estivesse farta de mim.
Rosa : Estou frata dessa palhaçada. Estamos aqui bancando os bobos. Toda essa gente está rindo de nós, Zé. Quem não está querendo se aproveitar de nós. Largue essa cruz onde está, e vamos embora pra nossa roça. Antes que seja tarde demais.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.419



Zé : De que é que você está com medo?
Rosa : De tudo.
Zé : Não é de você mesma?
Rosa : Também! Mas já não sou eu quem corre perigo,é você.
Zé : Que perigo?
Rosa : Você não vê? Não sente? Não respira? Está no ar!...E - cada minuto que passa,aumenta o perigo. Esta praça es tá ficando cada vez menor...como se eles estivessem fe chando todas as saídas. Vamos embora Zé,enquanto é tempo.
Zé : Que deu em você assim de repente?
Rosa : Não é de repente,desde que chegamos que eu estou que-- rendo voltar. Você foi que teimou em ficar. Por mim,vo cê tinha largado aí essa cruz e voltado no mesmo pé. - A esta hora,já estava na estrada,longe dqui,e nada ti- nha acontecido...
Zé : Você acha que depois de andar sete léguas eu ia voltar sem cumprir a promessa?
Rosa : Você já pagou essas promessa Zé. Não é sua culpa se há gente sempre disposta a ver demônios em toda parte,até mesmo naqueles que estão do seu lado e que odeiam tam- bém o demônio. É gente que vai acabar exergando na pró pria sombra a figura do diabo.
Rosa : Está vendo? O Padre mandou ver se você ainda estava -- aqui;não vai abrir a porta enquanto a gente não for em bora. Vamos Zé!
Zé : Não,já disse que não. Só arredo pé daqui depois de le- var a cruz lá dentro da igreja.
Secreta : Uma meladinha.
Zé : Que há?
Rosa : Ele não é nosso amigo.
Zé : E que temisso?
Rosa : Ouvi dizer que é da polícia.
Zé : Não sou nenhum criminoso,não fiz mal a ninguém.
Rosa : Por isso mesmo que eu tenho medo, por que você não-- sabe fazer mal... e eles sabem!
Galego : Que van hacer com o homem?
Secreta : Deixe que eu cuido disso.
Coca : Mas ele não fez nada...
Secreta : É melhor não se meterem onde não são chamados.
Rosa : Ele só veio ver se a gente ainda estava aqui...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.420


vamos aproveitar, antes que ele volte.

Zé : Deixe de bobagem. Não seu menino que quando brinca com fogo mija na cama.

Marli : ( Atravessa a cena )

Dedé : Boa moça...Só que...casou com a humanidade...

Marli : Viu Bonitão?

Galego : Já esteve aqui várias Vezes, hoy.

Marli : Eu sei...e sei também o motivo.

Galego : Festa de Iansan?...

Marli : Não é bem Iansan, é outro orixá...

Rosa : Vou ali, preciso falar com aquela mulher.

Zé : Que é que você ainda tem que falar com ela? Não lhe basta a vergonha que ela lhe fez passar?

Rosa : Mas eu preciso, Zé. Eu preciso. Preciso falar com você.

Marli : Comigo?

Rosa : Ou melhor, com ele, Bonitão. Onde está ele?

Marli : Sujeita sem vergonha. Dá em cima do meu homem e ainda tem o descaramento de vir me pedir pra dizer onde ele está. Não lhe basta o seu? Precisa do meu pra se contentar?

Rosa : Não preciso do seu homem pra nada. Quero só falar com ele, pra evitar uma desgraça.

Marli : Se você quer mesmo evitar uma desgraça, o melhor é deixar elë em paz.

Rosa : Mas eu tenho que falar com ele. Juro que é assunto sério.

Marli : Você pode enganar o trouxa do seu marido. Mas a mim, não.

Rosa : Onde ele mora?

Marli : Mora comigo.

Rosa : Mentira. Eu sei que ele mora num hotel.

Marli : Pois vá atras dele, pra ver o que lhe acontece.

Rosa : Páre com isso que eu não tenho medo de você.

Marli : Nem eu de você.

Zé : Rosa, você perdeu a cabeça? Não sabe qual é o seu lugar Discutindo na rua com uma...

Marli : Com uma o que, seu beato panonha? Carola duma figa. A mulher dando em cima do meu homem e ele agarrado ai com essa cruz. Isso também faz parte da promessa?

Rosa : Cale essa boca. Não se meta com ele. Ele n~o tem nada com isso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0564, P.421



Marli : Não tem. Não é seu marido?
Rosa : É, mas não se a discutir com você.
Marli : Como manso.
Rosa : Zé.
Galego : Perdon...no se puede dar confianga a essas mujeres...
Zé : Esta noite a gente vai embora.
Rosa : E porque não agora?
Zé : Vamos deixar passar o dia de santa Bárbara.
Rosa : De noite, talvez seja tarde...
Zé : Tarde porque?
Rosa : Pra voltar.
Zé : O que você ainda queria falar com aquele sujeito?
Rosa : Pedir pra ele deixar você em paz.
Zé : A mim?
Rosa : Ele denunciou você à policia.
Zé : Mas eu sou um homem de bem. Nunca tive nada com a polici
Rosa : Eu sei. Mas eles torcem as coisas. Confundem tudo. Zé. Ouga o que eu digo. A gente devia ganhar a estrada ago ra mesmo. Neste minuto.
Repórter : Eh, que é isso? Já estão pensando em ir embora?
Zé : Vou embora quando quiser, não tenho que dar conta disso a ninguém.
Repórter : Vocês não estão falando sério, não?... Sim, porque eu es peño que vocês cumpram o que prometeram. Meu jornal est tá cumprindo. Já tomei todas as providências para sua es tada aqui até segunda-feira seja a mais agradavel possiv
Rosa : Como?...
Repórter : Fomos ao nossos clientes e eles se dispuseram prontamen te acolaborar conosco.
Zé : O senhor trouxe essas coisas...pra nós?
Repórter : Bem...julgamos que un pouco de conforto durante esses dias não reduzirá também o valor de sua promessa. Além disso, segunda-féira, depois da entrada triunfal na igre ja, o senhor percorrera a cidade em carro aberto, com ba tedores, num percurso que irá daqui até aredação do nos so jornal. De lá, irá ao palácio do governo, onde será recibido pelo governador. Já sei: vai dizer que o vigari de Santa Bárbara não o deixou entrar na igreja, o gover nador vai lhe bater com a porta na cara. Não se preocupe. Já estamos mexendo os pauzinhos. E se o senhor puder di zer uma palavrinha a favor do candidato oficial nas pró ximas eleiçoes, estara tudo arranjado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.422



Rosa : Por favor, leve tudo isso daqui. Nós estamos de partida.

Repórter : De partida? Não, não pode ser...isso seria um desastre para mim...O jornal já fez despesas...já compramos foguetes, contratamos uma banda de música para a volta...

Rosa : A volta vai ser hoje mesmo.

Repórter : Hoje? Mas não dá tempo...Não está nada preparado...O que é que a senhora pensa? Que é assim tão simples preparar uma promoção de venda? É muito fácil pegar uma cruz, jogar nas costas e andar sete léguas. Mas um jornal é uma coisa muito complexa. Mobilizar todos os departamentos para dar cobertura...e depois, eu já lhe disse, amanhã é domingo, não tem jornal.

Rosa : E qual é o meu? Que se dane o seu jornal. Eu quero é ir embora daqui. O Zé tem razão, vocês todos querem ajudar, ajudar...ajudam mais é a desgraçar a vida da gente.

Repórter : Está precisando de alguma ajuda...particular?

Rosa : Estou. A policia anda rondando a praça.

Repórter : A policia?

Rosa : Um secreta. Estão querendo levar ele preso.

Repórter : Por quê?

Rosa : Talvez porque ele é bom demais...E o resto é gente safada.

Repórter : Hum...bem me pareceu que por trás dessa história do burro,da promessa,havia qualquer coisa...uma intenção oculta e um objetivo político. A Polícia,naturalmente,percebeu também...

Rosa : Mas ele não tem nenhuma intenção,a não ser a de pagar a promessa!

Repórter : É claro que a senhora não vai dizer. Nem ele também. — Mas podem contar comigo e com o meu jornal. Se ele for preso,daremos toda a cobertura. Abriremos manchetes na primeira página. Será uma maravilha para ele!

Rosa : Maravilha! Maravilha ser preso?!

Repórter : Todo lider precisa ser preso pelo menos uma vez!

Rosa : Líder...eu acho que o senhor é maluco. O senhor,esse Padre,a polícia. E eu também,se não me cuidar,vou acabar ficando.

Repórter : (para o fotografo) Prepare-se,que daqui a pouco é capaz de haver um bafafá...

Rosa : Desista,Zé. Desista.

Zé : Por quê você não senta aqui e espera até a hora de ir embora?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.473



Rosa : É o jeito é esperar...

Dodó : E enquanto espera,deve aproveitar para melhorar sua cultura. O"ABC da Mulata Esmeralda",modestia a parte,é uma verdadeira jóia da literatura brasileira. Por 1o cruzeiros apenas,o senhor poderá ler os mais inspirados versos que uma mulata jamais inspirou. Poesia está muito por baixo Minha Tia.Quem está por cima é o caruru.

M.T. : Não desanime moço. Hoje é dia de Iansan,mulher de Xangô, Orixá dos ráios e das tempestades. Mais logo,nos terreiros,ela está descendo no corpo dos seus cavalos. Vai falar com ela,moço,vai pedir a proteção de Iansan,que tudo quanto é porta há-de se abrir. (trovões) Cia! Iansan está falando!...Êparrei,minha mãe!

Zé : Aonde vai,Rosa?

Rosa : Vou ali,já volto.

Zé : Ali aonde?

Rosa : No hotel onde dormi. Lembrei-me agora que esquêci lá o meu lenço

Zé : Rosa!

Rosa : Que é?

Zé : Deixe esse lenço pra lá!

Rosa : Não posso,Zé. Eu preciso dele!

Zé : Compro outro pra você,Rosa!

Rosa : Pra que,Zé,gastar dinheiro à toa...é daquele que eu gosto!

Dodó : (canta) Quem corta e prepara o pau/quem cava e faz a gamela,/toma a si todo o trabalho/e depois fica sem ela...

Beata : Falta de respeito! Bem em frente da igreja. Este mundo está perdido!...

M.T. : Caruru,Iaiá?

Beata : Quê?

M.T. : Caruru de Iansan...

Beata : Iansan?!E que é que eu tenho com dona Iansan? Sou católica apóstolica romana,não acredito em bruxarias!

M.T. : Adiscurpe,Iaiá,mas Iansan e Santa Bárbara não é a mesma coisa?

Beata : Não é não senhora! Santa Bárbara é uma santa. E Iansan é... é coisa do candomblé,que Deus me perdoe!...

Coro : Quem corta e prepara o pau/Quem cava e faz a gamela,/Toma a si todo o trabalho/E depois fica sem ela.

Coca : Meu camarada,trate de ir embora! Estão lhe arrumando uma patota!

Zé : O que?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0064,P.424



Coca : Chegou um carro da Polícia! Eles estão com o Padre na - sacristia.

M.T. : Vieram por causa dele?

Coca : Então!

Zé : Mas eu não roubei,não matei ninguém.

Dedé : Quer um conselho? Experiência própria:com a polícia,é me'-lhor fugir do que discutir.

Coca : Ande depressa que nós aguentamos eles aqui até você ganhar mundo!

Zé : Não,eu não vou fugir como qualquer criminoso,se estou com a minha consciência tranqüila.

Dedé : Ele não se separa da cruz.

Coca : A gente esconde a cruz.

M.T. : E de noite ele leva pra Iansan.

Coca : Vamos todo mundo levar! Todos os capoeiras da Bahia!

M.T. : É a mesma coisa,meu filho! Iansan é Santa Bárbara. Eu lhe mostrolá no "peji" a imagem da santa.

Coca : É preciso se decidir,meu camarada! Antes que seja tarde.

Zé : Santa Bárbara me abandonou! Por quê,eu não sei...não sei!

Rosa : (desce a ladeira correndo) Zé! Não adianta...não adianta-mais...Falei com ele,mas não adianta. A polícia já está-ai! Vem cercar a praça!

Coca : Eu não disse?

Dedé : É preciso andar depressa meu irmão!

M.T. : Some daqui,meu filho!

Rosa : Vamos Zé!

Zé : Santa Bárbara me abandonou,Rosa!

Rosa : Se ela abandonou você,abandone também a promessa. Quem sa-be se não é ela mesmo que não que que você cumpra o prome-tido?

Zé : Não...mesmo que ela me abandone...eu preciso ir até o — fim...ainda que já não seja por ela...que seja só para fi-car em paz comigo mesmo.

Secreta : É esse aí.

Guarda : Eu já cansei de pedir a ele pra sair daqui,seu delegado,- não adiantou...

Delegado : Seus documentos?...

Zé : Documentos?...

Delegado : Crteira de Identidade.

Zé : Tenho não...

Delegado : Outra carteira,outro documento qualquer.

Zé : Moço,eu vim só pagar uma promessa. A Santa me conhece,não precisava trazer a carteira de identidade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564/P.425



Delegado : Pagar uma promessa...pensa que nós somos idiotas.
Secreta : Não demora e ele conta a história do burro...
Delegado : Ele vai contar estas histórias todas mas é na Delegacia. Vamos,acompanhe-me.
Zé : Acompanhar o senhor...prá quê?
Delegado : Mais tarde você verá. Sou Delegado deste distrito. Obedeça.
Zé : Não posso. Não posso sair daqui.
Delegado : Não pode por quê?
Coca : Promessa,seu Delegado. Ele é crente.
Delegado : O Padre disse que ele ameaçou invadir a igreja. Pediu garantias.
Secreta : Eu mesmo ouvi ele dizer que ia jogar uma bomba. Todo mundo aqui é testemunha!
Delegado : Uma bomba,hem...Vamos à Delegacia...quero que o senhor me explique isso tudo direitinho.
Secreta : Vamos. Que é? Vai reagir?
Guarda :(Apaziguador)Acho melhor o senhor obedecer...
Delegado : Se ele reagir,pior para ele. Não estou disposto a perder tempo e conheço de sobra esses tipos. Só se entregam mesmo é à bala.
Rosa : Não!
Zé : Os senhores devem estar enganados. Devem estar me confundindo,com outra pessoa. Sou um homem pacato,vim só pagar uma promessa que fiz a Santa Bárbara. Aí está o vigário para dizer se é mentira minha!
Padre : É mentira sim! E não somente mentira,também sacrilégio!
Zé : Padre,o senhor não pode dizer que é mentira,que eu não fiz essa promessa!
Padre : Sim,talvez tenha feito,por inspiração de Satanás! Há quem diga que não estamos mais em época de acreditar em bruxas No entanto,elas ainda existem! Mudaram talvez de aspecto, como Satanás mudou de métodos. É mais difícil contê-las - agora,porque são inúmeros os seus disfarces. Mas o objetivo de todas continua ser um só: a destruição da Santa Madre Igreja!
Delegado : Padre,este homem...
Padre : Este homem teve todas as oportunidades para arrepender-se Deus é testemunha de que fiz todo o possível para salvá - lo. Mas ele não quer ser salvo. Pior para ele.
Delegado : Sim,pior para ele.
Zé : Não! Ninguém vai me levar preso! Não fiz nada para ser preso!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 426



Delegado : Se não fez não tem o que temer,será solto depois. Vamos à Delegacia.
Rosa : Não,Zé,não vá!
Guarda : É melhor...na Delegacia o senhor explica tudo.
Dedé : Não ceia nesse,meu camarado.
Zé : Agora eu decidi: só me levam daqui. Juro por Santa Bárbara,só morto.
Secreta : Tome cuidado,Chefe,que ele está armado!E essa gente está do lado dele!
Coca : Estamos mesmo. E aqui voces não vão prender ninguém!
Delegado : Não vamos por quê?
Manoelzinho: Por que não está direito!
Delegado : Estão querendo comprar barulho?
Coca : Vocês que sabem...
Delegado : Não se metam,senão vão se dar mal!
Secreta : É melhor que se afastem
Rosa : Zé!
Zé : Me deixe,Rosa! Não venha para cá!
Rosa : Zé! (há uma confusão,ouve-se um tiro e Zé está morto no meio da praça)
Padre : Virgem Santíssima!
Delegado : Vamos buscar reforço.
Rosa? : (para o Padre) Não chegue perto!
Padre : Queria encomendar a alma dele...
Rosa : Encomendar a quem? Ao Demônio?

(Colocam Zé sobre a cruz e carregam-no,como numa padiola para dentro da igreja. Uma grande tempestade desaba sobre a praça)

M.T. : Êparrei,minha mãe.

F I M

JCO/FSP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.427

# TEATRO

TÍTULO O PAGADOR DE PROMESSA

A. DIAS GOMES

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 ANOS -

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.:

DF. __/ 6 / 5 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 02 de agosto de 1976

Maria Amélia L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE, 18 anos na forma do parecer, processo anterior

Em, 02 / 08 / 1976

Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.128

, 12 de maio de 1.976

344/76-SCTC/SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

: Informação (faz)
Ref.Of.nº 1125/76-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V.Sª. que a peça teatral intitulada "O PAGADOR DE PROMESSA" de Alfredo Dias Gomes, acha-se registrada nesta Divisão de Censura sob o nº 515, com o certificado válido até 25 de abril de 1.980, com a classificação etária de 18 (dezoito) anos.

Na oportunidade, renovo a V.Sª.protestos de estima e consideração.

De ordem.
Encaminhe-se ao Arquivo, para assinalar
ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP
procedimento do SCOP/SR/SP
6- 13-5-76

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.424

SRA/FICHADO

DPF-SRA

MJ - DPF - SRA/BSB

28 JUL 10 53 76 029561

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

M. J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

OF.

Nº. 4648/76-SCDP/SR/SP

Em, 16 de julho de 1976.

FICHADO P.A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.Sa., os relatórios de textos e ensaios gerais das peças teatrais "UM HOMEM COM UM CARTAZ NO PEITO" ou "ALUGA-SE EM ESTADO DE NOVO"/original de Charles Dyer, "UMA GARGALHADA EM QUATRO TEMPOS" original de Zé Branco e Atair Soares, "O PAGADOR DE PROMESSAS" original de Dias Gomes, "TEM BANANA NA BANDA" ou "SUAVE É A BOMBA" original de Luis C. Saroldi, "GENTE FINA É OUTRA COISA" original de A. Bivar, "SAI DE MIM, TINHOSO" original de Luis Antonio M. Correa "NOSSA SRª APARECIDA" original de Heber S. Lima, "UM POETA NO PALCO" original de Geraldo D. S. do Nascimento, "NATAL MAIOR" original de Geraldo D.S. do Nascimento, "OS RATONAUTAS" original de Mª Eunice Q. Gonzales, "PORTUGAL, CHORANDO E RINDO" original de Cardoso Silva, "EQUUS" original de Peter Shaffer, "FOGO SEM CHAMA" original de Jean J.Bernard, "UM GRITO PARADO NO AR" original de G. Guarnieri, "FANDO E LIS" original de F. Arrabal, "A ONÇA COR DE ROSA" original de J. Pereira, "A BOMBA DE CHICO SIMÃO" original de Oscar V. Phful, "AUTO DA COMPADECIDA" original de A. Suassuna.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar para solicitar a V.Sa., a remessa dos certificados das peças acima mencionadas.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

MARIA SYLVIA BARRETO NOGUEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP - SUBST.

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas/BSB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 430

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 164, 76

TÍTULO: O PAGADOR DE PROMESSAS

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Para maiores de 18 anos

Procedí a leitura do texto da peça em epígrafe, de autoria de Dias Gomes.

O têma desta peça, trata da luta do homem do campo contra as classes mais favorecidas, girando, também, conflitos religiosos.

Esta peça já foi encenada por grupos profissionais, tendo recebido total apoio e elogios de toda a classe teatral do país e do exterior, inclusive foi filmada, tornando-se grande exito de bilheteria, conquistando o prêmio Palma de Ouro em Canes.

Diante do que foi exposto, opino pela liberação da mesma para maiores de 18 anos, sem restrições.

Em 05 de Maio de 1976

Jácomo Fortunato Santoro
Técnico de Censura nº305

De acordo com o Parecer
Ch. SCDP/SP.

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.431

Parecer 165/76

" O PAGADOR DE PROMESSAS " de Dias Gomes

18 (dezoito) anos

Trata-se de uma obra já conhecida de todo o grande público brasileiro e que, como filme, consagrou o seu autor no festival de Cannes.

Tudo ocorre com um homem simples, um camponês que, tendo seu burro doente, resolve carregar um pesado madeiro, até uma igreja de Santa Bárbara, como paga de uma promessa para salvar o animal.

É impressionante a maneira como está focalizada a ignorância deste homem que, mesmo indo de encontro com os princípios da Igreja, segue o ditado pela sua consciência: cumprir o prometido.

A temática é idêntica a da película que, pelo Brasil e outras plagas, mostrou para muitos o que pode o cinema nacional.

Em face do exposto, e considerando-se toda a problemática da obra, concordamos, S.M.J., com liberação anterior ou seja: proibição para menores de 18 anos.

São Paulo, em 24 de maio de 1 976.

Eliel José de Sousa
Técnico de Censura

De acordo com o Parecer. Expedir Certificado Provisório e remeter o processo à DCDP.
Em 25/5/76
Chefe SCDP/SP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 432

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

253

PARECER Nº 163/76

TÍTULO: O PAGADOR DE PROMESSAS- AUTOR: DIAS GOMES

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: PARA MAIORES DE 18 ANOS

Verificado o presente texto teatral, opino pela sua liberação para MAIORES DE 18 ANOS, sem / cortes.

A temática deste escrito são as diferenças entre o homem do meio rural e o da cidade, entrando também no mérito religioso.

Esta apresentação teatral já foi devidamente liberada pela DCDP, para outro Grupo Teatral, recebendo o Certificado de Censura nº 515/73. Teve o Ensaio Geral realizado no dia 12 de Setembro de 1973.

Feita a confrontação dos dois (02) textos, constatei serem idênticos, devendo, como determinam as normas, ser mantida a Faixa Etária anterior.

Sub Censura.

São Paulo, 03 de Maio de 1976

DRAULIO SEIMANN DORNELLAS COELHO
TÉCNICO DE CENSURA 292

De acordo com o Parecer Expedir Certificado Provisório e remeter o processo à DCDP

Em 25/5/76

Ch SCDP/SP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.433

30/07/76

675/76-SCTC/SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

Encaminhamento ( faz )

Ref.Of. nº 4648/76-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente:

Em cumprimento a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a V.Sa. as anexas 1ª e 2ª vias do certificado de censura da peça teatral intitulada "O PAGADOR DE PROMESSA" de Alfredo Dias Gomes.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.

P/ ROGÉRIO NUNES
Diretor/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564.P.434

515/76

: O PAGADOR DE PROMESSA

: ALFREDO DIAS GOMES

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE 18
DEZOITO ANOS

02 AGOSTO 81

02 AGOSTO 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0568, p. 435

: O PAGADOR DE PROMESSA

ALFREDO DIAS GOMES

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS - SP -

02 AGOSTO 76

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVI - DAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 ANOS

02 AGOSTO 76

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mbf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.436

# Festival Missioneiro de Teatro Estudantil

RUA BARÃO DE SANTO ÂNGELO, 832 - FONE 2320 - SANTO ÂNGELO

SEC/DAC - 3.ª CRE - SETUR - PREFEITURA MUNICIPAL/DETURE

22 - 23 - 24 - 25/09/76

MJ - DPF - SRA/BSB
RECEBIDO POR:
6 AGO 14 30 76 030856

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do Departamento da Polícia Federal.
Brasília - DF

ao arquivo
verificar e parecer
16876

CRENOLBE MÁRIO BASSO SIMON, brasileiro, casado, professor, residente e domiciliado em Santo Ângelo - RS, exercendo suas funções na Assessoria Especial da 3a. Coordenadoria Regional de Educação com sede à rua Barão de Santo Ângelo, 832, em Santo Ângelo - RS e, designado a responder pela Assessoria Técnica do 1º FESTIVAL MISSIONEIRO DE TEATRO ESTUDANTIL, vem, mui respeitosamente solicitar a V.Sa. que se digne examinar e liberar a peça O PAGADOR DE PROMESSAS....., de autoria de ..... Alfredo Dias Gomes....., em ...três... atos, do gênero de Drama..... e com estas particularidades .....
.....

Nestes termos,
pede deferimento.

Santo Ângelo, 13 de julho de 1976.

Assessor Técnico do FEMITE

Eu - 03-08-76

DIREITOS AUTORAIS
SICAM SDDA - SBAT - INC
Agencia
Santo Ângelo RS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.437

# TEATRO

137

TÍTULO O Pagador de Promessa

Alfredo Alves Gomes

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior Livres

Praça Santo Ângelo - RS

Obs.:

DF. 12 / 08 / 76 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, 21 cortes e com os dados constantes do requerimento de fls. 8, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 15 de setembro de 1976

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 18 anos

Brasília-DF, 16 / 09 / 76

Cristóvão de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.438

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 5123 /76

TÍTULO: O PAGADOR DE PROMESSAS - peça de Alfredo Dias Gomes.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos .

Feito o confronto da peça, constatamos que:

-o enredo e a mensagem não foram alterados, apesar de haver supressão no início do terceiro ato;

-há certificado em vigor.

Tendo em vista o exposto, sugiro ' seja liberado com a classificação etária anterior: restrição máxima, condicionada ao exame do ensaio geral.

Brasília, 15 de setembro de 1976.

Yunko Akegava

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 434

159
P

881/76-SCTC/SC/DCDP 17-5-76

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

"O PAGADOR DE PROMESSA"

Alfredo Dias Gomes

Superintendente:

Stº Ângelo-RS
Cht

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.440

160

515/76-

: O PAGADOR DE PROMESSAS

: ALFREDO DIAS GOMES

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

16 SETEMBRO 81

16 SETEMBRO 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.441

: O PAGADOR DE PROMESSAS

: ALFREDO DIAS GOMES

FESTIVAL MISSIONEIRO DE TEATRO ESTUDANTIL - RS

15 - SETEMBRO - 76

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

16 SETEMBRO 76

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

MHF

586

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 442

MJ - DPF - SR/BSB
-7 OUT 1126 038423

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RECEBIDO POR:
SRA FICHADO

OF. Nº 189/76-SCDP/SR/RS

Porto Alegre, 04/10/1976

De ordem
ao arquivo
em 08/10/76
Rosales

Senhor Diretor.

Pelo presente, encaminho a V. Sª o relatório anexo, relativo a peça "O PAGADOR DE PROMESSA" em atenção ao seu ofício nº 881/76-SCTC/SC/DCDP de 17 de setembro de 1976.

Na oportunidade, reafirmo a V. Sª meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

FICHADO

A Sua Senhoria o Senhor
Diretor da DCDP
BRASÍLIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.443

167

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Visto. Em 29.09.76
JOÃO EISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

RELATÓRIO Nº 065/76-SCC

Senhor Chefe:

Cumprindo determinação de V.Sª, compareci, no dia 22 do corrente mês, no auditório do Colégio Verzeri, em Santo Ângelo /RS, para proceder ao exame do ensaio geral da peça teatral "O Pagador de Promessas", original de Alfredo Dias Gomes, Certificado de Censura nº 515/76, impropriedade de 18 anos, sem cortes.

O ensaio geral teve um desenrolar normal, tendo os atores seguido o texto liberado e estando devidamente caracterizados. A duração do referido ensaio foi de aproximadamente 120 minutos, nada havendo em desacordo com a legislação vigente. Opino pela liberação do espetáculo, mantendo a impropriedade de 18 anos / estabelecida pela DCDP.

Era o que me cumpria relatar.

Porto Alegre, 28/09/1976.

Renato Rodrigues de Faria
Técnico de Censura
Matr. 2.415.816

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.444

MJ - DPF - SR/SP/BSB
12 NOV 1121 76 042547

DPF-SRA
fl. n.º 1
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

SRA/FICHADO

OF.
Nº. 4731/76-SCDP/SR/SP

Em, 11 de novembro de 1976.

FICHADO S.A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "PLUFT, O FANTASMINHA" original de Maria Clara Machado, "SHOW DE VARIEDADES" ou "SHOW ELETRON" original de João Barbosa de Araujo, "A FLOR DESABROCHOU" original de Antonio Toro, "LALA, LOLO e LULU" original de Jaine Carozzi, "UM PAPAI NOEL DIFERENTE" ou "GUERRA DOS ANJOS" original de Otto Prado, "UM PONTO DE LUZ" original de Fauzi Arap, "A ARTE DE SER PAI" original de Ruy Afonso, "VAMOS COLORIR O MUNDO" origimal de Jurandyr Pereira, "O PAGADOR DE PROMESSAS" original de Dias Gomes, "MACHADO DE ASSIS ESTA NOITE" adaptação de José Antonio de Souza, "ARENA CONTA TIRADENTES" original de G.Guarnieri e A. Boal, "UM PEDIDO DE CASAMENTO" original de Anton Tchékov, "O URSO" original de Anton Tchekov, "A MALDIÇÃO DO VELHO CASTELO" criação coletivado Gœupo Renacença, "O NAVIO NEGREIRO" original de Castro Alves, "DIZER...NÃO EXPLICAR" original de Ivan José.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.445

1964

São Paulo, 25 de outubro de 1976.

Ilmo. Sr.
Diretor do departamento de Censura Federal
( Departamento de Polícia Federal )
SÃO PAULO - S.P.

O "TACO", Teatro dos Alunos do Colégio Objetivo, setor Paulista, através do seu representante MAURO LUIS IASI, portador do RG. 10307623 e abaixo assinado vem requerer a V.Sa que se digne mandar censurar a peça "O PAGADOR DE PROMESSAS" de autoria de DIAS GOMES, que será apresentada a partir do dia 15 de novembro no IV FESTIVAL TEATRO AMADOR DO TIJUCUSSU ;

Para tanto junto a esse requerimento, três cópias do referido texto.

Nestes termos,
P. Deferimento

Mauro Luis Iasi
MAURO LUIS IASI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564.P.446

165

1359/76-SCTC/SC/DCDP 14 dezembro 76

São Paulo

4731/76-SCDP-SR/SP

"O PAGADOR DE PROMESSAS"

Dias Gomes

515

18 anos.

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 447

# TEATRO

166

TÍTULO O PAGADOR DE PROMESSAS

Dias Gomes

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 ANOS

Praça SP- SP

Obs.:

DF. / 13 / 12 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de 18 (dezoito) anos, seu cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 28 de janeiro de 1977

Brasília – DF de de 1.97

Jeanete Mª de Oliveira Farias
Ch. SCTC - SC/DCDP
Substituto

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 31 / Jan / 1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.998

Of. 404/77, 17.01.77
SCDP-SR/SP

Parecer 428/76

O PAGADOR DE PROMESSA

18 ANOS

Procedí ao exame do ensaio geral da peça teatral "O pagador de promessa", em 3 atos, da autoria/ de Alfredo Dias Gomes.

Drama que narra a história de um homem simples e de sua fé, de sua tenacidade no cumprimento/ de uma promessa feita à Santa Bárbará para salvar o seu burro e que se choca com os princípios rígidos de um padre e de uma comunidade, que após julgá-lo e condená-lo, acaba / por absolvê-lo quando assistem o sacrifício de sua morte,/ mostrando, pois, as contradições do homem e das institui - ções dentro da sociedade.

O texto foi obedecido na íntegra. O cenário e o vestuário, correspondendo a uma pracinha do interior, sua igrejinha, sua gente simples, seus tipos característicos.

Pelo seu conteúdo dramático, abordando, ainda, tema de ordem sociológica, ~~sugiro a liberação do es~~ petáculo para maiores de 18 anos.

São Paulo, 12 de novembro de 1976.

Maria Estrella Dalva B. de Cavaco

De acordo com o Parecer
Expedir Cert Class. e remeter
o processo a DCDP
Em 22/XI/76
Chefe SCDP/SR/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.449

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

168

PARECER Nº 429/76

TÍTULO: "O PAGADOR DE PROMESSAS" - peça teatral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (dezoito) anos, sem córtes

Trata-se de uma peça já apresentada por vários Grupos Teatrais, liberada com impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos, sem córtes.

Seu autor é Dias Gomes. A peça receceu os maiores elogíos, tendo sido inclusive filmada.

Confrontando o presente texto, com os anteriores, constatámos serem identicos, razão por que opinamos pela sua liberação, mantendo-se a impropriedade anterior, conforme estabelecem as normas.

São Paulo, 9 de novembro de 1976.

Hugo Alberico Santoro
Tec.de censura - 304

Procedam Em São Paulo
Ch SCDP/SP.

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.450

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

169

PARECER Nº 430, 76

TÍTULO: "O PAGADOR DE PROMESSAS"-texto teatral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 Anos.

"O PAGADOR DE PROMESSAS", original de Dias Gomes, teve seu texto anterior liberado pela D.C.D.P. com a faixa etária para maiores de 18 anos. O atual, ora em confronto, em nada foi alterado ou modificado, correspondendo integralmente com o primeiro. A obra é bastante conhecida, tendo sido apresentada por diversas vezes ao grande público. Mostra as distinções entre o homem da cidade e o do meio rural, aborda também aspectos religiosos. Pela identidade de textos, opino por sua liberação, ratificando a faixa etária de 18 anos, sem cortes.

São Paulo, 09 de novembro de 76

MARIA APARECIDA DE R.P. COELHO
Téc. de Censura 293

Proceder Ensaio Geral
Ch SCDP/SP.

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564.P.451

170 fls

Of.nº 149/77-SCTC/SC/DCDP , 27 de janeiro de 1.977

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo

: Encaminhamento (faz)

Ref.Of.nº 404/77-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a V.Sª. as anexas 1ª e 2ª vias do certificado da peça teatral intitulada "O PAGADOR DE PROMESSAS" de Alfredo Dias Gomes.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.452

515/77

O PAGADOR DE PROMESSAS

: ALFREDO DIAS GOMES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 DEZOITO ANOS

25 ABRIL 80

28 JANEIRO 77

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.453

: O PAGADOR DE PROMESSAS

: ALFREDO DIAS GOMES

TACO - .SP.

MAURO LUÍS IASI

28 JANEIRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVI - DAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

28 JANEIRO 77

mhf

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.454

MJ - DPF - DCDP - BSB

23 NOV 09 42 F 005170

RECEBIDO POR_____

177

**Universidade de Brasília**
Diretoria de Assuntos Comunitários

OE.DAC - 021/77 Brasília, 17 de novembro de 1977

DA: Diretoria de Assuntos Comunitários
AO: Departamento de Censura de Diversões Públicas

Prezado Senhor:

Em anexo estamos encaminhando o texto da peça de Dias Gomes "O Pagador de Promessas" para a devida censura e expedição do certificado correspondente.

Essa peça será montada por um grupo de alunos da UnB sob a direção de Dimer Camargo Monteiro.

Certa da atenção de Vossa Senhoria subscrevo-me

Atenciosamente,

NANCY DE PILLA MONTEBELLO
Diretora de Assuntos Comunitários

Ilmo. Sr.
ROGÉRIO NUNES
D.D. Diretor do DCDP
NESTA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PT.

# TEATRO

TÍTULO O PAGADOR DE PROMESSAS

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça BRASÍLIA - DF

Obs.:

DF. 24 / XI / 77 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame e ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 30 de nov. de 1977

Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: dezoito (18) anos, sem cortes.
Brasília-DF, 01 / dez. / 1977

CARLOS ALMOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.456

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**
**DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

PARECER Nº 5169 / 77

TÍTULO: " O PAGADOR DE PROMESSA " Autor: Antonio Dias Gomes.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

Procedendo o confronto da peça com o original existente em nossos arquivos, constatamos a perfeita identidade emtre os diálogos, conteúdo e mensagem, e acréscimo das marcações sem alterar o contexto geral.

Já liberada anteriormente com a impropriedade para menores de 18 anos, sugerimos a manutenção da mesma classificação etária: 18 anos.

Brasília, 30 de novembro de 1977

Maria Lucia Ferreira de Holanda
Maria Lucia Ferreira de Holanda

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.457

SRA/FICHADO

MJ-DPF-SRA/BSB
14 ABR 1148 78 010107

DPF SR
Fl. nº 2
Rub.

FICHADO
S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Of. nº 380 /78 -SCDP/SR/DPF-RJ Em 12 / 04 /1978

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/DPF-RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

Assunto : Encaminhamento (faz)

Ref.: Prot. nº 006099 /1978 -SCDP/SR/DPF-RJ

Arquivo verif. e provid. ... 14478

Peça " O PAGADOR DE PROMESSAS "

Autor DIAS GOMES

Tradução

Adaptação

Requerente JOSÉLIA HADDAD MONTEIRO (REPRESENTANTE DO GRUPO AMADORISTA MUCIO DA PAIXÃO)

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/DPF-RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.458

# TEATRO

TÍTULO O PAGADOR DE PROMESSAS

1776

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça Rio de JANEIRO - RJ

Obs.:

DF. 19/04/78/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Cens:, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 24 de maio de 1978

Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: dezoito (18) anos, sem cortes.

Brasília-DF, 24 maio/

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura/DCDP
SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.459

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

177

PARECER Nº 1.810 / 78

TÍTULO: " O PAGADOR DE PROMESSAS "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

Autor: Alfredo Dias Gomes

Feito o estudo comparativo entre os textos, verificamos a perfeita identidade entre os diálogos e acrescimo , somente, das marcações. Sugerimos, então, sua liberação para maiores de 18 anos, anteriormente adotada.

Brasília, 22 de maio de 1978

Maria Lucia F. de Holanda

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.460

178

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

771/78 - BSB, 23/05/78.

no Rio de Janeiro

380/78-SCDP-SR/RJ

: "O PAGADOR DE PROMESSAS", de Dias Gomes.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.461

179

515/78

O PAGADOR DE PROMESSAS

ALFREDO DIAS GOMES

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

25 ABRIL 80

24 MAIO 78

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.462

O PAGADOR DE PROMESSAS

ALFREDO DIAS GOMES

GRUPO AMADORISTA NUCIO DA PAIXÃO - RJ

JOSÉLIA HADDAD MONTEIRO

24 MAIO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

24 MAIO 78

ofb

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO-SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, p.463

SRA/FICHADO
DPF - SRA
FL nº 1
Rub.
MJ - DPF - SRA/BSB
10 OUT 0953 Nº 028825
RECEBIDO POR:

FICHADO
S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

Ofício **nº 533/79-SCDP/SR/RJ** Em 08/10/79

Do **Chefe de Serviço de Censura de Diversões Públicas**

Endereço

Ao **Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Pública**

Assunto: **Encaminhamento (faz)**

De ordem,
ao Arquivo,
à providência
E— 11.10.79
Arésio Teixeira Peixoto
Matr. 2.405.306

**Senhor Diretor:**

Encaminho a V.Sa. texto, parecer e ensaio geral da peça teatral "O PAGADOR DE PROMESSAS", de autoria de Dias Gomes, liberada com impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos.

Para efeito de certificado definitivo, esclareço que o exame da obra foi requerido pela Bloch Editores S/A.

Na oportunidade apresento meus protestos de estima e consideração.

**AUGUSTO DA COSTA**
**Chefe de SCDP/SR/RJ**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.464

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF.

181

Peça Teatral: "O PAGADOR DE PROMESSAS"
Autor: Alfredo Dias Gomes
Leitura de Texto -(Comparativa)
Classificação - Liberada -
Parecer. 1956.....

Senhor Chefe do SCDP.

De ordem dessa chefia , li o texto acima e verifiquei que trata-se do mesmo "script" já existente nesse SCDP.

Opinamos pela liberação dependendo do ensáio geral para final deliberação da faixa etéria.

Rio de Janeiro, 1º de Outubro de 1979.

Maria R. Almeida
Maria Ribeiro de Almeida
Técnica de Censura
Mat. 1.939.756.

MOD. 32

71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.465

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Título-O Pagador de Promessas-
Original de Dias Gomes
Local do ensaio geral -Teatro Manchete R.J.
,Data 7-10-1979-a partir das 21,45 h
2008

A peça em apreço possui numeroso elenco,com vestes comuns baianas e capoeristas.

O cenário é único uma ladeira com casas própria da Bahia onde s e passa a peça vindo a terminar num largo de igreja de S.Bá.

Conta a história do Zé do Burro de um homem simples do interior,que acompanhado da esposa e carregando uma cruz de madeira no ombro caminha 7(sete léguas)cumprindo uma promessa pelo restabelecimento do seu animal.E no entanto impedido pelo vigario da igreja de entrar com a mesma,salvo que renegasse a quela promessa que foi feita em um terreiro de candonblé,pois de onde veio não havia igreja de S. Bárbara os crentes que vão chegando para a festa tomam partido do Zé mas a polícia foi chamada e no tumuldo é ferido mortalmente o Zé do burro,é então colocado na cruz e introduzido dentro da igreja.

Em cena a figura do cafetão,da prostituta e da esposa do Zé que se deixa prostituir pelo Gigolô.

De acordo com o assistido,cenas de crime e prostituição.

Impróprio para menores de 18 (dezoito anos)

Rio 8-10-1979

Téc.C.Guterres

De acordo
8/10/79

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.466

# TEATRO

TÍTULO "O Pagador de Promessas"

Dias Gomes

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça Rio de Janeiro (RJ).

Obs.:

DF. / 15 / 10 / 79

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: Impróprio para menores de 18 anos, sem cortes, condicionado ao exame do ensaio

Obs.: Consta Ensaio Geral

Brasília, 16 de Outubro de 1979

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 16 / 10 / 1979

Eliel José de Sousa
Matr. 2 095 665

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.467

O PAGADOR DE PROMESSAS

ALFREDO DIAS GOMES

BLOCH EDITORES S/A - RIO DE JANEIRO (RJ)

16 OUTUBRO 79

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

16 OUTUBRO 79

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.468

187

515/79

"O PAGADOR DE PROMESSAS"

ALFREDO DIAS GOMES

16 OUTUBRO 84

16 OUTUBRO 79

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 464

155

Of. nº 772/79-SE/DCDP

16/10/79

RJ

531-532-533/79-SCDP/SR/RJ

"O PIRATA TUBARÃO E AS ESMERALDAS DO ÍNDIO XAVANTE", de Rubem Rocha Filho, "O CONSERTADOR DE BRINQUEDOS", de Stella Leonardos e "O PAGADOR DE PROMESSAS", de Alfredo Dias Gomes.

Na oportunidade, reitero a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 470

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O PAGADOR DE PROMESSA"

"ALFREDO DIAS GOMES"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564.P.471

MJ - DPF - DCDP - BSB
28 JAN 1632 000759
RECEBIDO POR

CHADO DCDP 187

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

OF. Nº 011/81-SCDP/SR/DPF/AM - Manaus, Em 23 de janeiro de 1981.

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça teatral (encaminha)

Senhor Diretor:

Estamos encaminhando a V. Sa. três vias do texto teatral "O PAGADOR DE PROMESSA", de autoria de Dias Gomes, para expedição do certificado de censura, para o Grupo de Teatro Amador Cristão.

Deixamos de emitir parecer, porque o texto, conforme Radiograma Nº 036/DCDP-210181, já está liberado pela DCDP. Também não emitimos certificado provisório, nem realizamos exame de ensaio geral, porque o requerente nos informou que o espetáculo ainda não foi montado.

Na oportunidade, renovamos protestos de consideração e apreço.

Bel. AVELINO GAMBIM
Chefe do SCDP/SR/DPF/AM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.472

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

144
jl

Antônio Aurino Pinto, maior, solteiro,
Requerente

brasileiro, ,
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade nº 342.339
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua D. Leopoldina nº 303
bairro de Santo Antônio, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) peça teatral O PAGADOR DE PROMESSA abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Dias Gomes

O PAGADOR DE PROMESSA
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Manaus, 16 de janeiro de 1980
Local e Data

P/ Antônio Aurino Pinto
Requerente

**Anexos:**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.473

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: Grupo de Teatro Cristal CGC:

Sede: Avenida Pe. Francisco S/N (Sto Antonio) MANAUS – AMAZONAS CEP: 69.000

Diretor ou Responsável: José Cunha.

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: Dias Gomes

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 – **PARCERIA**

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA:

Ass.:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.674

ILMO.SR.CHEFE DE DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO AMAZONAS

189
81

Antonio Aurino Pinto, brasileiro, maior, solteiro, cédula de identidade de nº 342.339, residente e domiciliado nesta cidade de Manaus, Estado do Amazonas à rua D. Deopoldina nº 303, bairro de Santo Antonio, vem mui. respeitosamente requerer a V.Sa. de determinar que seja encaminhada a Divisão de Censura de Diversões Públicas as três vias anexas da peça teatral O PAGADOR DE PROMESSA, de autoria de Dias Gomes, para exame censurario e liberação.

A referida peça será apresentada no Teatro Amazonas , ainda sem data marcada, no ano de 1981.

A peça será levada na direção de Antonio Aurino Pinto e co-direção de José Cunha, na programação do Grupo de Teatro Cristão "Grutec".

N.Têrmos
P.Deferimento

Manaus, 12 de Janeiro de 1981
Atenciosamente

Antonio Aurino Pinto (Diretor)

José Cunha do Carmo (Co-Diretor)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.475

FICHADO DCDP

1758 190

19 JAN 1981

DCDP

922133DPFE BR
MANAUS NR 116 20 1901 0914/Q

DCDP BSA

NR 006/SCDP 1 90181 PT SOL INFO SOBRE PEÇA TEATRAL ASPAS O PAGADOR DE PROMESSAS/ASPAS VG AUTORIA DIAS GOMES PT

SR/AM

N N N N N N N
T/NC 190181
R/...
922133DPFE BR

RECÉBI o original
Brasília, 19/01/81

DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.476

ARQUIVO/DCDP

INFORMO QUE A PEÇA "O PAGADOR DE PROMESSAS" DE "DIAS GOMES" CONSTA REGISTRO EM NOSSO ARQUIVO. Reg: 515, Liv: 1, Pág:16. Clas: 18 anos, Censura em 16.10.79.

Bsb, 19.01.81

Mª da Penha

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 477

**RADIOGRAMA**

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA**
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

**3ª VIA**

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

191

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

POSIÇÃO:

ENDEREÇO

SR/AM - MNS -

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 036/DCDP de 21 _01 _81 ___ RERA NR 06/SCDP/AM DE 19.01.81 VG

INFO PEÇA " O PAGADOR DE PROMESSAS" LIB 18 ANOS PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor..... Eliel José de Sousa Mat. 2.099.663 ..... DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.478

193

# TEATRO

TÍTULO "O PAGADOR DE PROMESSA"

ALFREDO DIAS GOMES

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 ANOS

Praça MANUAS / AM

Obs.:

DF. / 29 / 01 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Sr. Chefe do SC

Efetuado o confronto, os srs. fés de censura propõem reduções da jurisdição atribuída anteriormente a este peça, considerando que os aspectos motivadores de restrições maior no passado, hoje são irrelevantes; p/ 14 anos.

Brasília – DF 11 de 02 de 1.981

Hellé Nadente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor do DCDP:

Os censores que re-examinaram esta peça estão sugerindo a sua liberação para maiores de quatorze anos, apesar de sua liberação anterior para maiores de dezoito anos.

À sua consideração.

E 11.02.81

Arésio Teixeira Deixeira
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De acordo com as informações, pela liberação para maiores de 14 (Quatorze) anos

Em 12.02.81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.005.869

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.479



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 4174 / 81

TÍTULO: " O PAGADOR DE PROMESSAS "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ( QUATORZE ) ANOS

AUTOR: ALFREDO DIAS GOMES

Ao proceder o confronto da referida peça teatral, tendo por base o primeiro texto anexo ao processo, constatamos identidade de diálogos, com inclusão, apenas, de especificações cênicas, que naquele não existe.

Com relação a exibição da peça teatral para o público adolescente, acreditamos que a abordagem de situações como adultério, prostituição e caftinagem não chegam a contrariar os critérios indicados para o público em questão, pois apresenta-se de forma discreta e semelhante a outras expostas em veículos de comunicação, como sua própria versão cinematográfica já exibida na TV, às 22 horas.

O abrandamento dos aspectos mencionados, leva-nos a sugerir a redução da faixa etária, ou seja, para quatorze anos.

Brasília, 10 de fevereiro de 1 981.

Maria das Dores Oliveira Fr...
Técnica de Censura
Mat. 2.397.399

Jussara França Costa
Técnico de Censura
Mat. 2.416999

DPF—742

194

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.480

515

O PAGADOR DE PROMESSAS

ALFREDO DIAS GOMES

13 FEVEREIRO 86

13 FEVEREIRO 81

14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.481

O PAGADOR DE PROMESSAS

ALFREDO DIAS GOMES

ANTÔNIO AURINO PINTO MANAUS/AM

10 FEVEREIRO 81

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

13 FEVEREIRO 81

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 ANOS

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 162

195

427/81-SE/DCDP 13/02 81

Chefe do SCDP/SR/AM

"O PAGADOR DE PROMESSAS"

ALFREDO DIAS GOMES

Chefe,

em Manaus

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

...DTANDOB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.483

196/2

MJ - DPF - DCDP - BSB
- 6 MAI 1440 004097
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF NO CEARÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 71/82-SCDP/SR/CE Fortaleza, 5 de maio de 1982.

Do: Chefe do SCDP/SR/CE
À : Diretora da DCDP
Assunto: Encaminhamento (FAZ)

Senhora Diretora,

Encaminho a V. Sa. o relatório estatístico do mês de abril (período de 01 a 30), como também cópias dos relatórios de "scripts", relatório do ensaio geral e certificado provisório da peça teatral "O Pagador de Promessas", de Dias Gomes.

Na oportunidade, renovo a V. Sa. os protestos de estima e apreço.

Francisca Iêda Augusto Fernandes
Chefe do SCDP/SR/CE

BR DFANBSB N8.0.P.TEA.PE. 0564, P.484 197

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA P/OF: 879/75 - DCDP/BSB de 31.7.75

**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS- CE

Relatório estatístico do SCDP, referente ao mês de ABRIL/82 de 1982...

| ESPECIFICAÇÃO | QUANTIDADE |
|---|---|
| **I - SERVIÇO** | |
| **1. APROVAÇÃO DE PROGRAMAS** | |
| 1.1. Cinemas | 029 |
| 1.2. Emissoras de Televisão | 019 |
| 1.3. Emissoras de Rádio | 023 |
| 1.4. Discotecas | - |
| 1.5. Bares e Restaurantes | 070 |
| 1.6. Clubes Esportivos e Recreativos | 016 |
| 1.7. Boites | 001 |
| 1.8. Outros | 066 |
| Total: | 224 |
| **2. ALTERAÇÕES EM PROGRAMAS APROVADOS** | |
| 2.1. Cinema | - |
| 2.2. Emissoras de Televisão | - |
| 2.3. Emissoras de Rádio | - |
| 2.4. Outros (Textos de peças teatrais) | 1 |
| Total : | 1 |
| **3. EXPEDIÇÃO DE CERTIFICADOS** | |
| 3.1. Filmes (Publicitários) | - |
| 3.2. Jornais Cinematográficos | - |
| 3.3. Documentários | - |
| 3.4. Programas de Televisão | - |
| 3.5. Programas de Rádio | - |
| 3.6. Outros (Peça Teatral) | 1 |
| Total : | 1 |

Continua.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0964,P.485



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

continuação.

| | QUANTIDADE |
|---|---|
| 4. LIBERAÇÕES | |
| 4.1. Letras Musicais..... | - |
| 4.2. Publicidades..... | - |
| 4.3. Fotos e Cartazes..... | 2 |
| 4.4. Outros..... | 2 |
| Total : | 4 |
| 5. LIBERAÇÕES NEGADAS | |
| 5.1. Letras Musicais..... | - |
| 5.2. Publicidades..... | - |
| 5.3. Fotos e Cartazes..... | - |
| 5.4. Outros..... | - |
| OBS: (Relação anexa) Total : | - |
| 6. PENALIDADES APLICADAS | |
| 6.1. Advertências..... | - |
| 6.2. Multas (Cr$ 20,00)..... | - |
| 6.3. Multas (Cr$ 40,00)..... | - |
| 6.4. Suspensão..... | - |
| OBS: (Relação anexa) Total : | - |
| 7. EXPEDIENTE DA SECRETARIA | |
| 7.1. Rádios - expedidos..... | 001 |
| 7.2. Radiogramas recebidos..... | 006 |
| 7.3. Ofícios expedidos..... | 011 |
| 7.4. Nada consta..... | - |
| 7.5. Processos..... | - |
| Total : | 018 |

continua.....

0564, P.486 199/8

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

Continuação.

II - SEÇÃO DE FISCALIZAÇÃO

| 8. AUTOS DE INFRAÇÃO LAVRADOS | QUANTIDADE |
|---|---|
| 8.1. Cinemas..... | - |
| 8.2. Emissoras de Televisão..... | - |
| 8.3. Emissoras de Rádio..... | - |
| 8.4. Clubes Esportivos e Recreativos..... | - |
| 8.5. Boites..... | - |
| 8.6. Bares e Restaurantes..... | - |
| 8.7. Outros..... | - |
| OBS: (Relação anexa) Total : | - |

| 9. AUTOS DE APREENSÃO LAVRADOS | |
|---|---|
| 9.1. Cinemas..... | - |
| 9.2. Emissoras de Televisão..... | - |
| 9.3. Emissoras de Rádio..... | - |
| 9.4. Livrarias..... | - |
| 9.5. Bancas de Jornais..... | - |
| 9.6. Distribuidoras de Livros e Revistas..... | - |
| 9.7. Outros..... | - |
| OBS: (Relação anexa) Total : | - |

III - SEÇÃO DE COORDENAÇÃO E CONTROLE

| 10. REGISTRO DE PESSOAS | |
|---|---|
| 10.1. Físicas (artistas e op. cinematográficos)..... | - |
| 10.2. Jurídicas (empresas)..... | - |
| OBS: (Relação anexa) Total : | - |

| 11. CARTÕES DE REGISTRO EXPEDIDOS | |
|---|---|
| 11.1. Artistas e op. cinematográficos..... | - |
| 11.2. Empresas..... | - |
| Total : | - |

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 487

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

200

PEÇA TEATRAL: "O Pagador de Promessas"
AUTOR: Dias Gomes
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 Anos
JUSTIFICATIVA: Drama social e crime
ASSUNTO: Leitura de "script"

# R E L A T Ó R I O

Peça bastante conhecida no Brasil e no exterior (na versão cinematográfica).

"O Pagador de Promessas" enfoca o misticismo popular em seus variados aspectos e a relação da Igreja com o candomblé, os valores, as distorções, o pensamento e o comportamento do homem crente que enfrenta as maiores dificuldades, a incompreensão das autoridades, a exploração da imprensa para alcançar o seu objetivo: O cumprimento da promessa que fez a Santa Bárbara, para que seu burro de estimação ficasse curado de uma ferida.

A estória acontece na época atual e tem como cenário a cidade de Salvador (Bahia).

Os personagens que aparecem com mais frequencia são: Zé do Burro (O pagador de promessas), Rosa (sua mulher), Benitão (O gigolô), o padre e o sacristão.

Considerando que a peça enfoca um drama social com crime, exploração humana e violencia, concordo com a classificação dada anteriormente pela DCDP: Imprópria para menores de 14 anos.

Fortaleza, 02 de Fevereiro de 1982

Maria Eunice Meira Mayer
Téc. de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.488

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA: O PAGADOR DE PROMESSAS
AUTOR: DIAS GOMES
CLASS.ETÁRIA: 14 ANOS
ASSUNTO: LEITURA DE "SCRIPT"
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: Drama Social e Crime

Senhor Chefe:

Em cumprimento a sua determinação fiz o exame da peça teatral O PAGADOR DE PROMESSAS, de Dias Gomes.

O pagador de promessas apresenta em seu desenvolver um drama de um homem simples que fez uma promessa a Sta.Bárbara na intenção de salvar seu burro doente de vários dias e sem esperança de salvar-se. Zé-de-Burro, assim chamado por todos, no cumprimento da promessa, fez uma cruz enorme e a carregou nos ombros uma distância de sete léguas, de seu sítio. Sua mensagem é distorcida pelo padre que através de seus rígidos princípios não aceita a promessa feita num terreiro de candomblé a Iansan ou seja, Sta. Bárbara. Proíbe, então, a entrada de Zé na Igreja, onde o mesmo daria por paga totalmente sua promessa. O mesmo ficou nos degraus da igreja, esperando que o padre a abrisse finalmente. A problemática é distorcida e invertida também, pelos repórteres e polícia, pois, em todo contexto, o que há é uma luta de Zé-de-burro contra toda uma sociedade, não adiantando seu linguajar simples, tentando esclarecer a situação. A polícia intervem, os capoeiras caem sobre os policiais para defender Zé-de-Burro. Este é morto com um tiro. Os capoeiras o colocam na cruz e o levam ao interior da igreja.

A peça não ultrapassa a capacidade de compreensão dos pimpolhos e não contém estímulos prejudiciais à sua formação. Entretanto, levando em consideração o drama desenvolvido através dos diálogos e dos confrontos chocantes de verdades e suas interpretações, possa chocar os mais despretegidos, os infantis, opino pela liberação do mesmo com a impropriedade para menores de quatorze anos.

Nada mais tendo a relatar, submeto à apreciação de V.S.
Fortaleza, 29 de janeiro de 1982.

Maria Eli Almeida Lima
Técnica de Censura - Mat. 2.417.076

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.489

202/78

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: O PAGADOR DE PROMESSAS
AUTOR: DIAS GOMES
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS S/CORTES
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: DRAMA SOCIAL E CRIME
ASSUNTO: LEITURA DE "SCRIPT"

# R E L A T Ó R I O

Homem simples do campo, na ânsia de salvar seu burro, companheiro inseparável, por isto ser chamado Zé-do-burro, apela para tudo que está ao seu alcance. Desde curandeiros, rezadores, candomblé, até ao catolicismo.

Enfim, o animal sara e Zé-do-burro sai de seu povoado, carregando enorme cruz de madeira em seu ombro, para a Igreja de Santa Bárbara, a Kilômetros de distância, a fim de pagar a promessa que fizera. Lá, posta-se em frente da igreja e é impedido pelo padre da paróquia, de entrar e depositar a cruz aos pés do Altar, como prometera a Iansan, que no catolicismo corresponde à Santa Bárbara.

Daí, Zé-do-burro vê distorcidos seu pensamento, suas intenções, suas palavras e se vê envolvido num emaranhado de incompreensões, o que resulta em sua morte em praça pública.

A peça mostra a figura da prostituta, do gigolô e a simplicidade ingênua do homem do campo. Enfoca também o fanatismo, os costumes e crendices populares.

Pelos conflitos e drama social apresentados, concordo com a classificação etária determinada anteriormente pela DCDP - 14 anos s/cortes.

Fortaleza, 01 de fevereiro de 1982.

Maria Iranilde da Silva Batista
Técnica de Censura

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - Mod. 49 - Papel 24 Kg. Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 0281

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569, V.2 490



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

# R E L A T Ó R I O

**Peça Teatral: "O PAGADOR DE PROMESSAS"**
**Autor: Dias Gomes**
**Classificação Etária: 14 (quatorze) anos**
**Justificativa de impropriedade: Temática complexa e cenas de violência**
**Data, local e horário: 07/04/82, Centro Comunitário Presidente Médici, 17 hs**
**Assunto: Ensaio Geral**

O tema da peça é por demais conhecido já que o texto foi encenado inúmeras vêzes.

Os autores que representaram são todos amadores, o que contribuiu para uma encenação modesta. O cenário era composto apenas de um pano de fundo no qual estava pintada uma igreja. O vestuário também era simples, como aliás a temática exige.

O texto foi seguido fielmente por todos os artistas; apenas a cena de capoeira do início do terceiro arto foi omitida, devido - segundo o diretor da peça - à carência de bons capoeiristas no elenco.

Quanto à classificação etária, concordamos com a liberação para maiores de 14 (quatorze) anos já que a temática é complexa e inclui uma ou outra cena de violência.

Fortaleza, 12 de abril de 1982.

Maria Lucia Holanda Gurgel do Amaral - TC
Matrícula 2.417.045

MARIA IRANILDE DA SILVA BATISTA - TC
Mat. nº. 2 397 403

RAIMUNDO NONATO DE ARAÚJO SOUZA
Técnico de Censura, matrícula nº. 2.407

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 Papel Aperg. 24 Kg. Champion Bond. 15000 Fls. Dim. 297x210 mm 03/79

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.491

204

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

# TEATRO

Certificado Nº 50/82-SCDP/SR/CE (PROVISÓRIO)

PEÇA "O PAGADOR DE PROMESSAS"

ORIGINAL DE DIAS GOMES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
IMPRÓPRIO PARA MENORES DE
14 ANOS
"DRAMA SOCIAL E CRIME"

VÁLIDO ATÉ 07 de julho de 19 82

Fortaleza ~~Brasília~~, 12 de abril de 19 82

p/Diretor da DCDP

# M.J-D.P.F
# CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O PAGADOR DE PROMESSAS"

Original de DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por JOÃO JACQUES FERREIRA LIMA

Tendo sido censurada em 07 de abril de 1982 e recebido a seguinte classificação: ~~impróprio para menores de 14 anos S/Cortes~~

Fortaleza
~~Brasília~~, 12 de abril de 1982

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, p.492

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.443

205/2

# TEATRO

TÍTULO "O PAGADOR DE PROMESSAS"

AUTOR: ALFREDO DIAS GOMES

## 1) ARQUIVO

Clas. Anterior NOVA

Praça SCDP/SR/DPF/CE

Obs.:

DF. 07 / 05 / 82 /

Ismaria

Resp. pela elaboração do Processo

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

## 3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se [illegible], de acordo com requerimento de [illegible] a classificação: imprópria [illegible] 14 (quatorze) anos, se [illegible] exame do ensaio [illegible].

Obs.: art. Provisório - SR/CE

Brasília 10 de 05 de 1982

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

S.I. Tema complexo - Crime

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de peça para o qual os censores propõem a classificação etária de 14 (quatorze) anos

Brasília-DF, 12 de maio de 1982

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

## 5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 12 / 5 / 1982

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.494

206
1

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

# TEATRO

Certificado Nº 515

PEÇA O PAGADOR DE PROMESSAS

ORIGINAL DE ALFREDO DIAS GOMES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
" TEMA COMPLEXO - CRIME "

14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

VÁLIDO ATÉ 12 de MAIO de 19 87

Brasília, 12 de MAIO de 19 82

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

# M.J-D.P.F
# CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O PAGADOR DE PROMESSAS

Original de ALFREDO DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por JOÃO JACQUES FERREIRA LIMA FORTALEZA - CE

Tendo sido censurada em 07 de ABRIL de 19 82 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 12 de MAIO de 19 82

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO
Chefe do Serviço de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.445

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 496

207

17 MAIO 82

1.102/82-SE/DCDP

CE

"O PAGADOR DE PROMESSAS", de Alfredo Dias Gomes.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 497

ILMO SR DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

M.J. - DPF - DCDP - BSB
13 DEZ 1552 012199
RECEBIDO POR
DPF DCDP Fls. N.º 208 Rubrica

ALEXANDRE TEIXEIRA DE ALVARENGA
Requerente

BRASILEIRO, INSTRUTOR DE ALUNOS
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade M-1.309.197 SSPMG
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à AV. 7 DE SETEMBRO 1094/APT. 901 - JUIZ DE FORA/MG, vem, mui respeitosamente, requerer de V Sª que se digne examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) PEÇA TEATRAL abaixo relacionada (s) de autoria de
Especie

DIAS GOMES

Título (s)

O PAGADOR DE PROMESSAS

Nestes termos,

Pede deferimento.

JUIZ DE FORA, 25/10 de 1982
Local e data

Alexandre T. de Alvarenga
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567, P.498

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: GRUPO TEATRO ACADEMIA CGC

Sede: COLÉGIO CRISTO REDENTOR (ACADEMIA DE COMÉRCIO)

CEP

Diretor ou Responsável: ALEXANDRE TEIXEIRA DE ALVARENGA

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: ALFREDO DIAS GOMES

Pseudônimo: DIAS GOMES Filiação:

Nacionalidade: BRASILEIRO Naturalidade: SALVADOR / BAHIA

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão ESCRITOR E AUTOR TEATRAL

Endereço:

CEP:

3 - PARCERIA

Nome: Pseudônimo:

Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil

Profissão:

Endereço: CEP:

Nome: Pseudônimo:

Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço: CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 25 de OUTUBRO de 1982

Ass: Alvarenga

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0864,P.499

DPF
DCDP
Fls. N.º 287
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DZM- JUIZ DE FORA /MG
SETOR DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

---

PARECER nº 144/82

TÍTULO: O PAGADOR DE PROMESSAS
AUTOR : Dias Gomes
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA : 18(dezoito) anos
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: Temática Adulta

---

A fim de pagar uma promessa, um homem percorre sete léguas, a pé, com uma cruz às costas, até chegar à Igreja de Santa Bárbara. O padre da igreja, acreditando ser um ritual pagão, pois tivera sua origem em um terreiro de candomblé , não o deixou entrar. A persistência do homem acabou levando-o à morte e, só depois de morto, conseguiu completar a promessa - seu corpo, sobre a cruz, foi carregado para dentro da igreja.

A mensagem principal é positiva. Mostra a perseverança de um homem para alcançar o que deseja.

As mensagens secundárias, negativas, podem ser subtraídas do que se segue:

- apesar da luta do marido em conseguir o seu intento, junto à Santa Bárbara, a mulher não resiste aos apelos do sexo e o trai por duas vezes;

- o personagem, em causa, fiel a sua crença, é visto como um estravagante e, por isto, explorado por comerciantes, repórteres, etc.;

- o pensamento contrário do representante da Igreja, um fanático, elevou o sofrimento do personagem e provocou uma situação de marginalidade que ocasionou a sua morte;

- os fatos deturpados, publicados pela imprensa, contribuiram para a condenação, sem justa causa, de um inocente;

Cont...

BR.DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.500

DPF
DCDP
Fls. N.º 288
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Cont...

- a atuação de um cáften, que se aproveita de seu vigor sexual e de sua beleza máscula, para explorar mulheres carentes.

A linguagem utilizada é simples, clara e com um mínimo de palavras chulas e algumas gírias. Certos diálogos, entretanto, exigem um público amadurecido para uma maior compreensão.

PARECER: Tendo em vista o exposto e considerando as múltiplas mensagens negativas - relação extra-conjugal, lenocínio-prostituição, desrespeito pelo ser humano, violência, culminando em morte - somos favoráveis à liberação da obra para os maiores de 18(dezoito) anos, ficando condicionada ao exame do ensaio geral.

Juiz de Fora, 03 de novembro de 1982.

Ivone Zimmermann
Técnica de Censura - Mat. 022.742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.501

DPF
DCDP
Fls. N.º 289
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DZM - JUIZ DE FORA/MG
SETOR DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO DE ENSAIO GERAL DE PEÇA TEATRAL Nº 073/82

TÍTULO: " O PAGADOR DE PROMESSAS"
AUTOR : Dias Gomes
GÊNERO: Tragédia
DIREÇÃO: Alexandre Teixeira de Alvarenga
SONOPLASTIA: Márcio Fagundes
FIGURINO: Grupo Teatro da Academia
ILUMINAÇÃO: Carlos Carneiro
PROMOÇÃO: Grupo Teatro da Academia
LOCAL: Colégio Cristo Redentor - Rua Halfeld, 1.179 - JF/MG
DATA: 19/11/82
HORÁRIO: 20 horas
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16(dezesseis) anos
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: Temática Adulta

---

Com o exame do ensaio geral, em Juiz de Fora, verificamos que a encenação manteve-se fiel ao texto aprovado pelo SCDP/MG.

O cenário utilizado foi a entrada do Colégio, onde se realizou a apresentação, local parecido com uma igreja, em virtude de sua escadaria e pátio assemelhando-se a adro.

O figurino caracterizou muito bem cada personagem - Zé do Burro, com sua cruz, beata, padre, Rosa, mulher de Zé do Burro, Bonitão, prostituta, etc., o que ocorreu de modo sóbrio.

A sonoplastia se resumiu em sons gravados de trovoadas, foguetes, sino e em som vivo de berimbau, indispensável para a capoeira, coreografia que foi enriquecida com cantos subtraídos do próprio texto.

A iluminação, a princípio fraca, por exigência do "script", dando idéia de amanhecer, foi utilizada mais como marcação no início e término de cada ato.

Cont...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.502

DPF
DCDP
Fls. N.º 290
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Continuação...

A presente peça teatral recebeu, no certificado provisório, a classificação etária de 18(dezoito) anos. Entretanto, com o exame do ensaio geral, pudemos constatar que as situações de relacionamento extra-conjugal, lenocínio-prostituição, violência,culminando em morte,etc., ficaram amenizadas com o desenrolar da encenação. Além disto, a peça é educativa e mostra aos jovens as consequências funestas que podem advir de atos de fanatismos e de preconceitos.

PARECER: Considerando o exposto, somos favoráveis ao rebaixamento da classificação etária da peça para 16(dezesseis) anos.

Juiz de Fora, 24 de novembro de 1982.

Ivone Zimmermann
Técnica de Censura - Mat. 022.742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.503

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SR/MG

# CENSURA FEDERAL

# TEATRO

DPF DCDP Fls. N.º 291 Rubrica

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA O PAGADOR DE PROMESSAS

ORIGINAL DE DIAS GOMES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
TEMÁTICA ADULTA

PROIBIDO
ATÉ
— 18 ANOS —

VÁLIDO ATÉ 09 de JANEIRO de 1983

Brasília, B. Hte. 09 de NOVEMBRO de 1982

Jaúfer de Morais
CHEFE DO SCDP/SR/DPF/MG
Diretor da DCDP

# M.J-D.P.F
# CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O PAGADOR DE PROMESSAS

Original de DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO TEATRO ACADEMIA JUIZ DE FORA

Requerida por ALEXANDRE TEIXEIRA DE ALVARENGA

Tendo sido censurada em 09 de NOVEMBRO de 19 82 e recebido a seguinte classificação: 18 ANOS ( CONDICIONADA AO ENSAIO GERAL )

Brasília, 09 de NOVEMBRO de 19 82

Ana Maria Coelho Linares

p/ Chefe do Serviço de Censura

DPF—150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,1509

# TEATRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.505

DPF
DCDP
Fls. N.º 292
Rubrica

TÍTULO O PAGADOR DE PROMESSAS

AUTOR: ALFREDO DIAS GOMES

1) ARQUIVO

Clas. Anterior ~~LIVRE~~ 18 anos

Praça SCDP/SR/MG

Obs.:

DF. 14 / 12 / 82 /

Consolação
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 18 (dezoito) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensa-

Obs.: Cert. Provisório SR/MG

Brasília-DF, 17 de 12 de 1982

Kellé Prudente Carvalhedo
Mat. 2 415 791

Brasília – DF de 1.97

II - Temática adulta

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 18 anos

Brasília-DF 20 de 12 de 1982

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DEFIRO-SE
na forma do parecer
Em, 20 / 12 / 1982

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

DPF
DP
Fls. N.° 293
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.506

3003/82-SE/DCDP 22 dez

Minas Gerais

"UM TANGO ARGENTINO" de Maria Clara Machado; "RESSUSCITA-ME, QUERO ACABAR DE VIVER..", de autoria de Ricardo Pinto de Paula e "O PAGADOR DE PROMESSAS" de autoria Alfredo dias Gomes.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.507

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 294
Rubrica

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 586

PEÇA " O PAGADOR DE PROMESSAS "

ORIGINAL DE ALFREDO DIAS GOMES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

" TEMÁTICA ADULTA "

VÁLIDO ATÉ 20 de DEZEMBRO de 19 87

Brasília, 20 de DEZEMBRO de 19 82

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

# M.J-D.P.F
# CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O PAGADOR DE PROMESSAS

Original de ALFREDO DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO TEATRO ACADEMIA

Requerida por ALEXANDRE TEIXEIRA DE ALVARENGA - JUIZ DE FORA/MG -

Tendo sido censurada em 09 de NOVEMBRO de 19 82 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS,CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 20 de DEZEMBRO de 19 82

CLEUSA MARIA BARROS DORNELES
Chefe do Serviço de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 506

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.509

MJ - DPF - DCDP - BSB
23 MAR 1983 002393
RECEBIDO POR
DPF DCDP Fls. N.º 295 Rubrica
RICHADO DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO RIO GRANDE DO NORTE

Of. 006/83-SCDP/SR/DPF/RN Natal, 22/MAR/83

Senhora Diretora,

Encaminhamos a V.Sª, em 3 vias, a peça intitulada "O PAGADOR DE PROMESSAS", de Dias Gomes, para fins de exame por essa Divisão de Censura.

Na oportunidade, renovamos a V.Sª protestos de elevada estima e distinta consideração.

João Camelier
Chefe do SCDP/SR/DPF/RN

À
Dra. Solange Maria T. Hernandes
MD. Diretora da DCDP
Brasília - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P-510

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURAS DE DIVERSÕES PÚBLICAS
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

DPF
DCDP
Fls. N.º 296
Rubrica

JESIEL MACIEL DE FIGUEIRÊDO
Requerente

brasileira , teatrólogo
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 53.121 IMLEC / NATAL/RN
Nº. e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Moita Bonita =2020 = Conjunto Igapó Natal/Rn = Fome 223 =2195, vem' mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) a peça abaixo
Espécie

relacionada(s), de autoria de: Dias Gomes
O PAGADOR DE PROMESSAS
Título(s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Natal, 15 de março de 1983
Local e Data

Requerente
JESIEL MACIEL DE FIGUEIRÊDO

Anexos: 03 vias do texto, datilografadas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.S11

## 1 - Empresa ou Grupo (Se houver)

Nome: TEATRO DE AMADORES UNIDOS CGC: 08 539 678/0001/59

Sede: Teatro Jesiel Figueirêdo = Rua Fonseca e Silva /SN 3Alecrim

Natal/RN CEP: 59.000

Diretor ou Responsável: Jesiel Maciel de Figueirêdo

## 2 - Dados do Autor

Nome: Dias Gomes

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

## 3 - Parceria

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Natal, 15 de março de 1983

Ass:

DPF-1085

O PAGADOR DE PROMESSAS, de Dias Gomes

NATAL/RN

DPF
D. DP
Fls. N.º 297
Rubrica

PRIMEIRO QUADRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0064.P-512

Ao subir o pano, a cena está quase às escuras. Apenas um jato de luz da direita, lança alguma claridade sôbre o cenário. Mesmo assim, após habituar a vista, o espectador identificará fàcilmente uma pequena praça, onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da ribalta, outra à esquerda, ao fundo, de frente para a platéia, subindo, enladeirada e sinuosa, no perfil de velhos sobrados coloniais. Na esquina da rua da direita, vemos a fachada de uma igreja relativamente modesta, com uma escadaria de quatro ou cinco degraus. Numa das esquinas da ladeira, do lado oposto, há uma vendola, onde também se vende café, refresco, cachaça, etc.; a outra esquina da ladeira é ocupada por um sobrado cuja fachada forma ligeira barriga pelo acúmulo de andares não previsto inicialmente. O calçamento da ladeira é irregular e na fachada dos sobrados vêem-se alguns azulejos estragados pelo tempo. Enfim, é uma paisagem típicamente baiana, da Bahia velha e colonial, que ainda hoje resiste à avalanche urbanística moderna.

Devem ser, aproximadamente, quatro e meia da manhã. Tanto a igreja como a vendola estão com suas portas cerradas. Vem de longe o som dos atabaques dum candomblé distante, no toque de Iasan. Decorrem alguns segundos até que Zé-do-Burro surja, pela rua da direita, carregando nas costas uma enorme e pesada cruz de madeira. A passos lentos, cansado, entra na praça, seguido de Rosa, sua mulher. Ele é um homem ainda moço, de 30 anos presumíveis, magro, de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um "quê" de infantilidade. Seus gestos são lentos, preguiçosos, bem como sua maneira de falar. Tem barba de dois ou três dias e traja-se decentemente, embora sua roupa seja mal talhada e esteja amarrotada e suja de poeira. Rosa parece pouco ter de comum com ele. É uma bela mulher, embora seus traços sejam um tanto grosseiros, tal como suas maneiras. Ao contrário do marido, tem "sangue quente". É agressiva em seu "sexy", revelando, logo à primeira vista, uma insatisfação sexual e uma ânsia recalcada de romper com o ambiente em que se sente sufocar. Veste-se como uma provinciana que vem à cidade, mas tam

DPF
DCDP
Fls. N.º 298
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.513 02

bêm como uma mulher que não deseja ocultar os encantos que possui.

Zê-do-burro vai até o centro da praça e aí pousa a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está aexausto. Enxuga o suor da testa.

ZÉ

(olhando a igreja) É essa. Só pode ser essa. (Rosa pára também, junto aos degraus, cansada, enfastiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma).

ROSA

E agora? Está fechada.

ZÉ

É cedo ainda. Vamos esperar que abra

ROSA

Esperar? Aqui?

ZÉ

Não tem outro jeito

ROSA

(Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato). Estou com cada bôlha d'água no pé que dá medo.

ZÉ

Eu também. (Contorce-se num ritus de dor. Despe uma das mangas do paletó) Acho que os meus ombros estão em carne viva.

ROSA

Bem feito. Você não quis botar almofadinhas, como eu disse.

ZÉ

(Convicto) Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinhas.

ROSA

Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.

ZÉ

Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.

ROSA

Não usou porque não deixaram

ZÉ

Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez o Santo olha,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 514

DPF
DCDP
Fls. N.º 299
Rubrica



consulta lá os seus assentamentos e diz: - Ah, você é o Zé-do-Burro, aquele que já me passou a perna ! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.

ROSA

Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta? Já não chega?...

ZÉ

Sei não...a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia. (Ele sobe um ou dois de graus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição).

ROSA

Que é que você está procurando?

ZÉ

Qualquer coisa escrita...pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.

ROSA

E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?

ZÉ

É que pode não ser essa...

ROSA

Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse? Uma igreja pequena, numa praça, perto duma ladeira...

ZÉ

(Corre os olhos em volta) Se a gente pudesse perguntar a alguém...

ROSA

Essa hora está todo o mundo dormindo. (Olha-o quase com raiva). Todo o mundo...menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. (levanta-se e procura convencê-lo). Escute, Zé... já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama?...

ZÉ

E a cruz?

ROSA

Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia...

ZÉ

Podem roubar...

ROSA

[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.515

DPF
DCDP
Fls. N.º 300
Rubrica



Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus? Pra que serve uma cruz?

Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou: se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. Sete léguas.

ROSA

Pra quê? Você explicava à santa que tinha sido roubado, ela não ia fazer questão.

ZÉ

É o que você pensa. Quando você vai pagar uma conta no armarinho e perde o dinheiro no caminho, o turco perdoa a dívida? Uma ova!

ROSA

Mas você já pagou a sua promessa, já trouxe uma cruz de madeira da roça até à igreja de Santa Bárbara. Está aí a igreja de Santa Bárbara, está aí a cruz. Pronto. Agora, vamos embora.

ZÉ

Mas aqui não é a igreja de Santa Bárbara. A igreja é da porta pra dentro.

ROSA

Oxente! Mas a porta está fechada e a culpa não é sua. Santa Bárbara deve saber disso, que diabo.

ZÉ

(pensativo) Só se eu falasse com ela e explicasse a situação...

ROSA

Pois então...fale!

ZÉ

(Ergue os olhos para o céu, medrosamente e chega a entreabrir os lábios, como se fôsse dirigir-se à santa. Mas perde a coragem) Não, não posso...

ROSA

Por quê, homem?!Santa Bárbara é tão sua amiga...Você não está em dia com ela?

ZÉ

Estou, mas êsse negócio de falar com santo é muito complicado. Santo nunca responde em língua da gente...não se pode saber o que ele pensa. E além do mais, isso também não é direito. Eu prometi levar a cruz até dentro da igreja, tenho que levar. Andei sete léguas. Não vou me sujar com a santa por causa de meio metro.

ROSA

É pra

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564.P.516

DPF
DCDP
Fls. N.º 301
Rubrica



ROSA

E pra você não se sujar com a santa, eu vou ter que dormir no chão, no "hotel do padre". (Olha-o com raiva e vai deitar-se num dos degraus da escada da igreja) E se tudo isso ainda fôsse por alguma coisa que valesse a pena...

ZÉ

Você podia não ter vindo. Quando eu fiz a promessa, não falei em você, só na cruz.

ROSA

Agora você diz isso. Dissesse antes...

ZÉ

Não me lembrei. Você também não reclamou...

ROSA

Sou sua mulher. Tenho que ir pra onde você for...

ZÉ

Então...

Rosa ajeita-se da melhor maneira possível no degrau, enquanto Zé-do-Burro, não menos cansado do que ela, faz um esfôrço sobre-humano para não adormecer. Cochila, montando guarda à sua cruz. Subitamente, irropem, na praça Marli e Bonitão. Ela tem, na realidade, vinte e oito anos, mas aparenta mais dez. Pinta-se com algum exagêro, mas mesmo assim não consegue esconder a tez amarelo-esverdeada. Possui alguns traços de uma beleza doentia, uma beleza triste e suicida. Usa um vestido muito curto e decotado, já um tanto gasto e fora de moda, mas ainda de bom efeito visual. Seus gestos e atitudes refletem o conflito da mulher que quer libertar-se de uma tirania que, no entanto, é necessária ao seu equilíbrio psíquico - a exploração de que é vítima por parte de Bonitão vem, em parte, satisfazer um instinto maternal frustrado. Há em seu amor e em seu aviltamento, em sua degradação voluntária, muito de sacrifício maternal, ao qual não falta, inclusive, um certo orgulho. Bonitão é insensível a tudo isso. Ele é frio e brutal em sua "profissão". Encara a exploração a que submete Marli e outras mulheres, como um direito que lhe assiste, ou melhor, um dom que a natureza lhe concedeu, juntamente com seus atributos físicos. Em seu entender, sua beleza máscula e seu vigor sexual, aliados a um direito natural de subsistir, justificam plenamente seu modo de vida. É de estatura um pouco acima da média, forte e de pele trigueira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.517

DPF
DCDP
Fls. N.302
Rubrica



ra, amulatada. A ascendência negra é visível, embora os cabelos sejam lisos, reluzentes de gomalina e os traços regulares, com exceção dos lábios grossos e sensuais e das narinas um tanto dilatadas. Veste-se sempre de branco, colarinho alto, sapatos de duas côres. Descem a ladeira, ela na frente, a passos rápidos. Ele a segue, como se viessem já de uma discussão.

BONITÃO

Espere. Não adianta andar depressa...

MARLI

É melhor discutirmos isso em casa.

BONITÃO

(Alcança-a e obriga a parar torcendo-lhe violentamente o braço) Não, vamos resolver aqui mesmo. Não tenho nada que discutir com você...

MARLI

(Livra-se dêle com um safanão, mas seu rosto se contrai dolorosamente) Estúpido!

BONITÃO

Ande, vamos deixar de mas-mas. Passe pra cá o dinheiro.

MARLI

(Tira do bolso do vestido um maço de notas e entrega a êle). Não podia esperar até chegar em casa?

BONITÃO

(Chega mais para perto do jato de luz e conta as notas, rápidamente) Só deu isto?

MARLI

Só. A noite hoja não foi boa. Você viu, o "castelo" estava vazio.

BONITÃO

E aquele galego, que estava conversando com você quando cheguei?

MARLI

Uma boa conversa. Queria se fretar comigo. Ficou mangando a noite toda e não se resolveu...

BONITÃO

(Mete subitamente a mão no decote de Marli e tira de entre os seios uma nota) Sua vaca! Ele faz menção de dar-lhe um bofetão, ela corre e refugia-se atrás da ctuz. Zé-do-Burro desperta de sua semi-sonolência.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.518

DPF
DCDP
Fls. N.º 303
Rubrica



MARLI

Eu precisava desse dinheiro. Pra pagar o quarto, você sabe.

BONITÃO

Não gosto de ser tapeado. Por quê não pediu?

MARLI

E você dava?

BONITÃO

Claro que não. (Guarda o dinheiro na Carteira) Isso ia fazer falta no meu orçamento. Tenho compromissos e você bem sabe que não gosto de pedir dinheiro emprestado. É uma questão de feito.

MARLI

E eu, que faço pra pagar o quarto? Já devo dois meses e a dona anda me olhando atravessado.

BONITÃO

(Indiferente) É um problema seu. Tenho muita coisa em que pensar.

MARLI

Eu sei, eu sei no que você pensa...

BONITÃO

(Sorri e há em seu sorriso uma sombra de ameaça) Penso, por exemplo, que você, de três meses pra cá, está fazendo muito pouco. A Matilde está fazendo quase o dôbro...

MARLI

(Compreende a ameaça, avança para ele sacudida pelo ciúme e pelo pavor de perdê-lo) Eu sei, você está dando em cima daquela arreganhada. Ela mesma anda dizendo.

BONITÃO

Eu não dou em cima de mulher nenhuma, você sabe disso. É uma questão de princípios.

MARLI

Quer dizer que é ela quem está dando em cima de você?

BONITÃO

Ela perguntou se eu estava precisando de dinheiro.

MARLI

(Ansiosamente) E você?...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.519

DPF
DCDP
Fls. N.º 304
Rubrica
08

BONITÃO

Eu só pedi umas informações de ordem técnica: arrecadação diária, etc...

MARLI

(Agarra-o frenèticamente pelos braços) Bonitão, você não aceitou o dinheiro dela, aceitou?! Você não aceitou o dinheiro daquela vagabunda!

BONITÃO

(Olha-a friamente) E que tinha, se aceitasse? Eu também preciso viver.

MARLI

Mas o que eu lhe dou não chega?

BONITÃO

Você compreende, eu também tenho ambições. Se eu não tivesse qualidades, bem. Mas eu sei que tenho qualidades. É justo que viva de acordo com essas qualidades.

MARLI

Mas o que lhe falta? Eu não tenho lhe dado tudo que você me pede? Se fôr preciso, dou mais ainda. Não pense que é por mêdo de que você me largue pela Matilde, não. (Alisa sua roupa e admira-o, maternalmente). E porque tenho prazer em ver você vestido com a roupa que eu dei, com os sapatos que eu comprei e com a carteira recheada de notas que eu ganhei pra você. Tenho orgulho, sabe?

BONITÃO

(Desvencilha-se dela) Pois então veja se na próxima vez não esconde dinheiro no decote. Tenho certeza de que a Matilde não é capaz de um gesto feio dêsses.

MARLI

Ela é capaz de coisas muito piores. Se você quiser, eu lhe conto...

BONITÃO

(Bruscamente) Não quero ouvir nada. Quero é que você vá pra casa.

MARLI

(Decepcionada) Você não vai comigo?

BONITÃO

Não, vou ficar um pouco mais por aqui. Vá na frente que daqui a pouco eu apareço por lá.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.530
DPF
DCDP
Fls. N.º 305
Rubrica



(Enciumada) E o que ẽ que você vai ficar fazendo na rua a uma hora dessas?

BONITÃO

(Com muita seriedade) Ora mulher, eu preciso trabalhar! (Acende um cigarro, abstraindo-se da presença de Marli, que o fita como um cão escorraçado pelo dono. Sõ então este se mostra intrigado com a cruz no meio da praça. Examina-a curiosamente e por fim dirige-se a Zẽ-do-Burro) Ẽ sua?

Zẽ balança a cabeça em sinal afirmativo. Marli vai atẽ à escada da igreja, senta-se num degrau, sem se incomodar com Rosa, deitada nais acima, tira os sapatos e movimenta os dedos doloridos.

BONITÃO

(Nota a igreja, faz uma associação de idẽias) Encomenda?

ZẼ

Não, promessa.

BONITÃO

(A princípio parece não entender, depois ri). Gozado.

ZẼ

Não acho.

BONITÃO

Não falei por mal. Eu também sou meio devoto. Atẽ uma vez fiz promessa pra Santo Antônio...

ZẼ

Casamento?

BONITÃO

Não, ela era casada.

ZẼ

E conseguiu a graça?

BONITÃO

Consegui. O marido passou uma semana viajando...

ZẼ

E o senhor pagou a promessa?

BONITÃO

Não, pra não comprometer o santo.

ZẼ

Nunca se deve deixar de pagar uma promessa. Mesmo quando ẽ dessas de comprometer o santo. Garanto que da prõxima vez Santo Antônio vai se fingir de surdo. E tem razão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564_521
DPF DCDP Fls. N.º 306 Rubrica


BONITÃO

O senhor compreende, Santo Antônio ia ficar mal se soubessem que foi ele quem fez o trouxa viajar. (Nota que Marli ainda não se foi) Que é que você ainda está fazendo aí?

MARLI

Esperando você.

BONITÃO

(Vai a ela) Já lhe disse que vou depois. Vai ficar agora grudada em mim?

MARLI

(Levanta-se) Escute, Bonitão...você não podia deixar eu ficar ao menos com aquela nota?

BONITÃO

Já lhe disse que não. Não insista.

MARLI

Mas eu preciso pagar o quarto!

BONITÃO

O quarto é seu, não é meu.

MARLI

Mas o dinheiro é meu. É justo que eu fique ao menos com algum.

BONITÃO

É justo por quê?

MARLI

Porque fui eu que trabalhei.

BONITÃO

E desde quando trabalhar dá direito a alguma coisa? Quem lhe meteu na cabeça essas idéias? (Olha-a de cima a baixo, com desconfiança) Está virando comunista?

Marli fita-o com ódio e sai bruscamente pela direita. Bonitão acompanha-a com o olhar e depois sorri, tira o dinheiro do bolso e torna a contá-lo.

ZÉ

(Cândidamente) Esse dinheiro...é dela mesmo?

BONITÃO

(Guarda o dinheiro) Bem, esta é uma maneira de olhar as coisas. E tôda coisa tem pelo menos duas maneiras de ser olhada. Uma de lá pra cá, outra, de cá pra lá. Entendeu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.532

DPF DCDP Fls. N.º 307 Rubrica



BONITÃO

Não vale a pena explicar. É uma questão de sensibilidade.

ZÉ

O Senhor é...marido dela?

BONITÃO

Não, sou assim uma espécie de fiscal do impôsto de renda. Sobe, como se fôsse sair, mas se detém diante de Rosa, cujo vestido, levantado, deixa ver um palmo de coxa).

ROSA

(Abre os olhos, sentindo que está sendo observada) Que é?

BONITÃO

Nada...estava só olhando...

Rosa conserta o vestido.

BONITÃO

Não deve ser lá muito confortável essa cama...

Rosa olha-o com raiva.

BONITÃO

(Olha-a mais detidamente) E olhe que você bem merece coisa melhor.

ROSA

Diga isso a ele (Aponta Zé-do-Burro).

BONITÃO

A ele?

ROSA

Meu marido.

BONITÃO

Ah, você também veio pagar promessa...

ROSA

Eu não, ele. E por causa dele estou dormindo aqui, no batente de uma igreja, como qualquer mendiga. (Senta-se).

ZÉ

Não deve faltar muito para abrir a igreja. O Senhor sabe que horas são?

BONITÃO

(Consulta o relógio) Um quarto para as cinco.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564 P.523

DPF
DCDP
Fls. N.º 308
Rubrica



ZÉ

Sabe a que horas abre a igreja?

BONITÃO

Não, não é bem o meu ramo...

ZÉ

Mas às seis horas deve ter missa. Hoje é o dia de Santa Bárbara...

ROSA

(Ressentida) Às seis horas. Tenho que aguentar mais de uma hora ainda neste batente duro. E a promessa não é minha!

BONITÃO

É capaz da porta da sacristia já estar aberta.

ZÉ

O senhor acha?

BONITÃO

Padre acorda cedo...

ZÉ

Às cinco horas?

BONITÃO

Então; tem que se preparar para a missa das seis.

ZÉ

É verdade...

BONITÃO

Por quê o senhor não vai ver?

ZÉ

É...(Hesita um pouco)

BONITÃO

A porta é do lado de lá...

ZÉ

Rosa, você vigia a cruz, eu vou dar a volta...não demoro. (Sai).

BONITÃO

Pode ir sem susto que eu ajudo a tomar conta de sua cruz... (Depois que Zé-do-Burro sai) das duas.

ROSA

Só que uma ele carrega nas costas e a outra...se quiser que vá atrás dele. (Levanta-se).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.524

DPF
DCDP
Fls. N.º 309
Rubrica



BONITÃO

E você não é mulher para andar atrás de qualquer homem...ao contrário, é uma cruz que qualquer um carrega com prazer...

ROSA

(Com recato, mas no fundo envaidecida) Ora, me deixe.

BONITÃO

Palavra. Seu marido não lhe faz justiça. Isso não é trato que se dê a uma mulher...mesmo sendo mulher da gente.

ROSA

Se ele faz pouco de mim, faz pouco do que é dele.

BONITÃO

Não discuto. Só acho que você não é mulher para dormir em batente de igreja. Tem qualidades para exigir mais: boa cama, com colchão e melhor companhia.

ROSA

Não fale em cama pra quem tem o corpo moído, como eu.

BONITÃO

Tão cansada assim?

ROSA

Duas noites sem dormir, sete léguas no calcanho...

BONITÃO

Sete léguas? Quantos quilômetros?

ROSA

Sei lá...só sei que sete vêzes amaldiçoei aquele dia em que fui roubar caju com ele na roça dos apdres...

BONITÃO

Ah, foi assim...

ROSA

A gente faz cada besteira...

BONITÃO

Quanto tempo faz?

ROSA

Oito anos...

BONITÃO

E você casou com ele?

ROSA

Casei.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.525

DPF
DCDP
Fls. N.º 310
Rubrica



BONITÃO

Sem gostar?

ROSA

(Depois de um tempo) Gostava, sim. Sabe, na roça, o homem é feio, magro, sujo e mal vestido. Ele até que era dos melhores. Tinha um sítio...

BONITÃO

E daí?

ROSA

Daí, eu achei que ele garantia tudo que eu queria da vida: homem e casa. A gente quando é franga, com lecença da palabra, tem merda na cabeça.

BONITÃO

(Algo interessado) Ele tem um sítio, é?

ROSA

Tinha, agora tem só um pedaço. Dividiu o resto com os lavradores pobres.

BONITÃO

Por quê?

ROSA

Fazia parte da promessa.

BONITÃO

Que é que está esperando? Virar santo?

ROSA

Não brinque. Pelo caminha tinha uma porção de gente querendo que ele fizesse milagre. E não duvide. Ele é capaz de acabar fazendo. Se nãp fôsse a hora, garanto que tinha uma romaria aqui, atráz dele.

BONITÃO

Depois de cumprir a promessa, ele vai voltar pra roça?

ROSA

Vai.

BONITÃO

E você?

ROSA

Também. Por quê?

BONITÃO

Se você viesse pra cidade, eu podia lhe garantir um bonito futuro...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.526

DPF
DCDP
Fls. N.º 311
Rubrica



ROSA

Fazendo o quê?

BONITÃO

Isso depois se via.

ROSA

Eu não sei fazer nada.

BONITÃO

(Segura-a por um braço) Mulheres como você não precisam saber coisa alguma, a não ser o que a natureza ensinou...

Rosa puxa o braço bruscamente, depois de manter, por alguns segundos, um olhar de desafio.

ROSA

Não faça isso! Ele pode voltar de repente.

BONITÃO

Ele deve ter ido acordar o padre. (Volta a aproximar-se dela).

ROSA

(Desvencilha-se dele novamente) Me solte, (Volta a sentar-se na escada) Eu queria e ra dormir. Dava a vida por uma cama... com um lençol branco...e uma bacia d'água quente onde meter os pés.

BONITÃO

Eu posso lhe arranjar um hotelzinho aqui perto...

Rosa lança-lhe um olhar hostil.

BONITÃO

Isso sem segundas intenções...só pra você dormir, descansar dessa romaria.

ROSA

Não quero meter em encrencas.

BONITÃO

Não há nenhum perigo de encrenca. Sou muito cotado com o porteiro do hotel e tenho boas relações com a polícia. Nesta zona, todos respeitam o Bonitão.

ROSA

(Quase sensualmente) Bonitão...

BONITÃO

(Vaidoso) É um apelido...

ROSA

(Olha-o de cima a abixo)

BONITÃO

(Senta-se junto dela).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,[illegible]
DPF DCDP Fls. N.º 312 Rubrica



ROSA

Não chegue perto, estou muito suada.

BONITÃO

No hotel tem banheiro...para quem andou sete lêguas, um banho de chuveiro e depois uma cama com colchão de mola...

ROSA

Colchão de mola mesmo?

BONITÃO

Então...

ROSA

Nunca dormi num colchão de mola. Deve ser bom.

BONITÃO

Uma delícia...

Entra Zé-do-Burro pela direita. Bonitão levanta-se.

ZÉ

Tudo fechado. Tem jeito não.

ROSA

(Revoltada) E eu que aguente este batente duro até Deus sabe lá que horas.

ZÉ

Paciência, Rosa. Seu sacrifício fica valendo.

ROSA

Pra quem? Pra Santa Bárbara? Eu não fiz promessa nenhuma.

ZÉ

Oxente! Melhor ainda. Amanhã, quando você fizer, a santa já está lhe devendo!

ROSA

Nunca vi santo pagar dívida. (Volta a deitar-se no degrau).

BONITÃO

(Assumindo um ar tão eclesiástico quanto possível)A Senhora faz mal em ser tão descrente. Quem sabe se Santa Bárbara já não está providenciando o pagamento dessa dívida? E quem sabe se não escolheu a mim pra pagador?

ZÉ

(Muito ingênuamente) O Senhor não era fiscal do impôsto de renda? Agora é pagador de Santa Bárbara...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.52

DPF
DCDP
Fls. N.º 313
Rubrica



BONITÃO

Meu caro, com o custo de vida aumentando dia a dia, a gente tem que se virar. Mas não é êsse o caso. Digo que Santa Bárbara já deve estar tratando de liquidar o débito hoje contraído com sua senhora, porque me fez passar por aqui esta noite.

ZÉ

Não vejo nada de mais nisso.

BONITÃO

Porque o senhor não sabe que eu posso, em cinco minutos, arranjar uma boa cama, com colchão de mola, num hotel perto daqui.

ZÉ

Pra ela?

BONITÃO

E pro senhor também.

ZÉ

Eu não posso. Tenho que esperar abrir a igreja. Se soubesse que não iam roubar a cruz...

BONITÃO

(Rápidamente) Oh, não, a cruz não deve ficar sòzinha. Esta zona está cheia de ladrões. A cruz é de madeira e a madeira está carissima.

ZÉ

É o que eu acho. Não devo sair daqui.

BONITÃO

Mas eu posso ficar tomando conta, enquanto o senhor e sua senhora vão descansar.

ZÉ

O Senhor?

BONITÃO

E por quê não?

ZÉ

Mas a igreja pode demorar a abrir. Pelo menos uma hora ainda.

BONITÃO

Eu espero. Sua esposa me contou a caminhada que fizeram, o senhor carregando nas costas essa cruz através de léguas, para cumprir uma promessa. Isso me comoveu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0561,P.529

DPF DCDP Fls. N.º 314 Rubrica



ZÉ

Mas não é justo. Não foi o senhor quem fêz a promessa.

ROSA

Ele está querendo ajudar, Zé.

ZÉ

Mas não é direito. Eu prometi cumprir a promessa sózinho, sem ajuda de ninguém. E essa história de dormir no hotel não está no trato.

BONITÃO

E sua senhora está no trato?

ZÉ

Rosa? Não, ela pode ir.

BONITÃO

Nesse caso, se quiser que eu leve sua senhora...ao menos ela descansa enquanto espera pelo senhor.

ZÉ

Você quer, Rosa? Quer ir esperar por mim no hotel? (Volta-se para Bonitão) É hotel decente?

BONITÃO

(Fingindo-se ofendido)Ora, o Senhor acha que ia indicar...

ZÉ

Desculpe, é que sempre ouvi dizer que aqui na cidade...

BONITÃO

Pode confiar em mim.

ZÉ

É longe daqui?

BONITÃO

Não, basta subir aquela ladeira...

ZÉ

Que é que você diz, Rosa?

ROSA

(Percebendo o jogo de Bonitão) Quero não, Zé, Prefiro ficar aqui com você.

ZÉ

Inda agora mesmo você estava se queixando.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564 P.530

DPF DCDP Fls. N.º 315 Rubrica



BONITÃO

Não é pra menos. Deve estar exausta. Sete léguas.

ZÉ

Afinal de contas, você tem razão, a promessa é minha, não é sua. Vá com o môço, não tenha acanhamento.

BONITÃO

Eu vou com ela até lá, apresento ao porteiro, que é meu conhecido - sim, porque uma mulher sózinha, o senhor sabe, eles não deixam entrar - depois volto para lhe dizer o número do quarto.

Daqui a pouco, depois de cumprir a sua promessa, o senhor vai prá lá.

ZÉ

Se o senhor fizesse isso, era um grande favor, Eu não posso me afastar daqui.

BONITÃO

Nem deve. Primeiro, Santa Bárbara.

ROSA

Zé, é melhor eu ficar com você...

ZÉ

Pra quê, Rosa? Assim você vai logo descansar numa boa cama, não precisa ficar aí deitada nesse batente frio...

BONITÃO

Um perigo! Pode pegar uma pneumonia.

ROSA

(Inicia a saída. Pára, hesitante. Pressente o perigo que vai correr. Procura, com o olhar, fazer Zé-do-Burro compreender o seu receio) Zé...

ZÉ

Ahn, sim (Enfia a mão no bôlso, tira um maço de notas) Pode ser que precise pagar adiantado...

ROSA

(Recebe o dinheiro. Encara o marido) Talvez seja melhor, depois de entregar a cruz, você mandar também rezar uma missa em ação de graças...

ZÉ

(Sem entender o alcance da sugestão) É, não é má idéia.

Rosa sobe a ladeira e Bonitão a segue.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.531

DPF DCDP Fls. N.º 316 Rubrica 20

BONITÃO

(Saindo) Volto num minuto.

ZÉ

Está bem.

(Senta-se ao pé da cruz e procura uma maneira de apoiar o corpo sobre ela. Aos poucos, é vencido pelo sono. As luzes se apagam em resistência).

SEGUNDO QUADRO

As luzes voltam a acender-se, lentamente, até dia claro. Ouvem-se, distante, ruídos esparsos da cidade que acorda. Um ou outro buzinar, foguetes estouram saudando Iansan, a Santa Bárbara nagô, e o sino da igreja começa a chamar para a missa das seis. Mas nada disso acorda Zé-do-Burro. Entra, pela ladeira, a Beata. Tôda de prêto, véu na cabeça, passinho miúdo, vem apressada, como se tivesse chegar atrasada. Passa por Zé-do-Burro e a cruz sem notá-los. Pára diante da escada e resmunga![1]

BEATA

Porta fechada. É sempre assim. A gente corre, com mêdo de chegar atrasada e quando chega aqui a porta está fechada. Por que não abrem primeiro a porta, pra depois tocar o sino? Não, primeiro tocam o sino, depois abrem a porta. Isso é êsse sacristão. (Pára de resmungar ao ver a cruz. Ajeita os óculos, como se acreditasse no que está vendo. Aproxima-se e examina detalhadamente a cruz e o seu dono adormecido. Sua expressão é da maior estranheza) Virgem Santíssima.

Neste momento, abre-se a porta da igreja e surge o sacristão. É um homem de perto de 50 anos. Sua mentalidade, porém anda aí pelos quatorze. Usa óculos de grossas lentes, é míope.

1. Fica a critério da direção utilizar neste quadro figurantes que descerão a ladeira e entrarão na igreja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.532

DPF
DCDP
Fls. N.317
Rubrica



O cabelo teima em cair-lhe na testa, acentuando a aparência de retardado mental. Ele parece bêbedo de sono. Boceja largamente, ruidosamente, depois de abrir a primeira banda da porta. Espreguiça-se e solta um longo gemido. Depois que abre toda a porta, encosta-se por um momento no portal e cochila, sem dar pela Beata, que se aproxima.

BEATA

(Dá-lhe uma leve cotovelada) Ei, rapaz... ....

SACRISTÃO

(desperta muito assustado) Sim, Padre, já vou!...

BEATA

Que padre coisa nenhuma...

SACRISTÃO

Ah, é a senhora...

BEATA

Vou me queixar ao Padre Olavo dessa sua mania de bater o sino antes de abrir a porta da igreja. Eu ouço o toque, venho pondo as tripas pela bôca, chego aqui, e a porta ainda está fechada.

SACRISTÃO

Também por quê a senhora vem logo na missa das seis? Por quê não vem mais tarde?

BEATA

(Malcriada) Porque quero. Porque não é da sua conta. (Aponta para acruz) Que é isso?

SACRISTÃO

Isso o quê?

BEATA

Está vendo não? Uma cruz enorme no meio da praça...

SACRISTÃO

(Apura a vista) Ah, sim...agora percebo...é uma cruz de madeira...e parece que há um homem junto dela...

BEATA

Vista prodigiosa a sua! Claro que é uma cruz de madeira e que há um homem junto dela. O que eu quero saber é a razão disso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.533

DPF
DCDP
Fls. N.° 318
Rubrica



SACRISTÃO

Não sei...como quer que eu saiba? Por quê a senhora não pergunta a ele?

BEATA

(Bruscamente) Eu é que não vou perguntar coisa nenhuma!

SACRISTÃO

Talvez ele tenha desgarrado da procissão...

BEATA

Que procissão? De santa Bárbara? A procissão ainda não saiu. E já viu alguém carregar cruz em procissão? Nem na do Senhor Morto. (Benze-se e entra apressadamente na igreja).

O Sacristão aproxima-se de Zé-do-Burro, curioso. É quando entra Bonitão, pela ladeira. Ele vê a igreja aberta, estranha.

BONITÃO

Oxente...

SACRISTÃO

(Olha-o aparvalhado) É uma cruz mesmo...

BONITÃO

E que pensou você que fosse? Um canhão? (Aproxima-se de Zé-do-Burro) Sono de pedra... não acordou nem com os foguetes de Santa Bárbara que têm a consciência tranquila e a alma leve... (Cínico) Eu também sou assim, quando caio na cama é um sono só. (Sacode Zé-do-Burro) Camarado...oh, meu camarado!...

ZÉ

(Desperta) Oh, já é dia...

BONITÃO

Já. E a igreja já está aberta, você pode entregar o carreto.

ZÉ

(Levanta-se, com dificuldade, os músculos adormecidos e doloridos) É verdade....

BONITÃO

Eu voltei aqui pra lhe dizer o número do quarto de sua mulher. É o 27. Um bom quarto, no segundo andar. (Apressadamente) Pelo menos foi o que o porteiro me garantiu.

ZÉ

Ah, obrigado...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.534

DPF
DCDP
Fls. N.° 319
Rubrica



BONITÃO

O hotel é aquele ali, o primeiro, logo depois de subir a ladeira e dobrar à direita. Hotel Ideal. Eu demorei um pouco porque fiquei jogando damas com o porteiro.

SACRISTÃO

(Vivamente interessado) Ganhou?

BONITÃO

Empatamos.

SACRISTÃO

Ah, eu também sou louco por damas!

BONITÃO

(Examina-o de cima a baixo) Francamente, ninguém diz...

Padre Olavo surge na porta da igreja.

SACRISTÃO

(Como se tivesse sido surpreendido em falta)

Padre Olavo!...

ZÉ

Preciso falar com ele...

Sacristão dirige-se apressadamente à igreja. Pára na porta, ante o olhar intimidador de Padre Olavo. É um padre moço ainda. Deve contar, no máximo, quarenta anos. Sua convicção religiosa aproxima-se do fanatismo. Talvez, no fundo, isto seja uma prova de falta de convicção e autodefesa. Sua intolerância - que o leva, por vêzes, a chocar-se contra princípios de sua própria religião e a confundir com inimigos aquêles que estão de seu lado - não passa, talvez, de uma couraça com que se mune contra uma fraqueza consciente.

PADRE

(Para o Sacristão) Que está fazendo aí?

SACRISTÃO

(À guisa de defesa) Estava conversando com aquêles homens.

PADRE

E eu lá dentro à espera para ajudar à missa. (Repara em Bonitão e Zé-do-Burro) Quem são?

SACRISTÃO

Não sei. Um dêles quer falar com o senhor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.535

DPF DCDP Fls. N.º 320 Rubrica



ZÉ

(Adianta-se) Sou eu, Padre. (Inclina-se, respeitoso e beija-lhe a mão).

PADRE

Agora está na hora da missa. Mais tarde, se quiser...

ZÉ

É que eu vim de muito longe, Padre. Andei sete léguas..

PADRE

Sete léguas? Para falar comigo?

ZÉ

Não, pra trazer esta cruz.

PADRE

(olha a cruz, detidamente) E como a trouxe...num caminhão?

ZÉ

Não, Padre, nas costas.

SACRISTÃO

(Espandindo infantilmente a sua admiração) Menino!

PADRE

(Lança-lhe um olhar enérgico) Psiu!Cale a bôca! (Seu interêsse por Zé-do-Nurro cresce) Sete léguas com essa cruz nas costas. Deixe ver seu ombro.

Zé-do-Burro despe um lado do paletó, abre, a camisa e mostra o ombro. Sacristão espicha-se todo para ver e não esconde a sua impressão.

SACRISTÃO

Está em carne viva!

PADRE

(Parece satisfeito com o exame) Promessa?

ZÉ

(Balança afirmativamente a cabeça) Pra Santa Bárbara.Estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO

Deve ter recebido dela uma graça muito grande!

Padre faz um gesto nervoso para que o Sacristão se cale.

ZÉ

Graças a Santa Bárbara, a morte não levou o meu melhor amigo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.536

DPF
DCDP
Fls. N.º 321
Rubrica



PADRE

(Padre parece meditar profundamente sobre a questão) Mesmo assim, não lhe parece um tanto exagerada a promessa? E um tanto pretensiosa também?

ZÉ

Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo, não. É toma lá, dá cá. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.

PADRE

Foi por causa dêsse...Nicolau, que você fêz a promessa?

ZÉ

Foi.Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO

Santa Bárbara! A árvore caiu em cima dêle?!

ZÉ

Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Êle chegou em casa, escorrendo sangue de meter mêdo! Eu e minha mulher tratamos dele, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE

Uma hemorragia.

ZÉ

Só estancou quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE

(Enojado) Mas meu filho, isso é atraso! Uma porcaria!

ZÉ

Foi o que o doutor disse quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE

Sem dúvida.

ZÉ

Eu tirei. Ele limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E quêde que o doutor fazia o sangue parar? Ensopava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não acaba mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou pra mim e gritou: Corre, homem de Deus, vai buscar uma bosta de vaca, senão ele morre!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.537



DPF
DCDP
Fls. N.º 322
Rubrica

PADRE

E...o sangue estancou?

ZÉ

Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigário sabia? Não sendo de vaca, de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.

PADRE

Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.

ZÉ

Bem, o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pôde se levantar. Foi a primeira vez que isso aconteceu, em seis anos: eu saí, fui fazer compras na cidade, entrei no Bar de Jacob pra tomar uma cachacinha, passei na farmácia de "seu" Zequinha pra saber das novidades - tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou, porque quem quisesse saber onde eu estava, era só procurar Nicolau. Se eu ia na missa, êle ficava esperando na porta da igreja...

PADRE

Na porta? Por que ele não entrava? Não é católico?

ZÉ

Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não é por isso que ele não entra na igreja. É porque o vigário não deixa. (Com grande tristeza) Nicolau teve o azar de nascer burro...de quatro patas.

PADRE

Burro?! Então esse...que você chama de Nicolau, é um burro?! Um animal?!

ZÉ

Meu busso...sim senhor.

PADRE

E foi por ele, por um burro, que fez essa promessa?

ZÉ

Foi... é bem verdade que eu não sabia que era tão difícil achar uma igreja de Santa Bárbara, que ia precisar andar sete léguas pra encontrar uma, aqui na Bahia...

BR DFANRSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.538

DPF DCDP Fls. 327 N.º Rubrica

BONITÃO

(Que assistiu a tôda a cena, um pouco afastado, solta uma gargalhada grosseira) Ele se estrepou...

Padre Olavo olha-o, surpreso, como se só agora tivesse notado a sua presença, Bonitão pára de rir quase de súbito, desarmado pelo olhar enérgico do padre.

ZÉ

Mas mesmo que soubesse, eu não deixava de fazer a promessa. Porque quando vi que nem as rezas do preto Zeferino davam jeito...

PARE

Rezas?! Que rezas?!

ZÉ

Seu vigário me disculpe...mas eu tentei de tudo. Preto Zeferino é rezador afamado na minha zona: Sarna de cachorro, bicheira de animal, peste de gado, tudo isso ele cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo o mundo diz... e eu mesmo, uma vez, estava com uma dor de cabeça danada, que não havia meio de passar... Chamei preto Zeferino, ele disse que eu estava com o Sol dentro da cabeça. Botou uma toalha na minha testa, derramou uma garrafa dágua, rezou uma oração, o sol saiu e eu fiquei bom.

PADRE

Você fez mal, meu filho. Essas rezas são orações do demo.

ZÉ

Do demo, não senhor.

PADRE

Do demo, sim. Você não soube distinguir o bem do mal. Todo homem é assim. Vive atrás do milagre em vez de viver atrás de Deus. E não sabe se caminha para o céu ou para o inferno.

ZÉ

Para o inferno? Como pode ser, Padre, se a oração fala em Deus? (Recita) "Deus fez o sol, Deus fez a luz, Deus fez toda a claridade do Universo grandioso. Vai-te Sol, da cabeça desta criatura para as ondas do Mar Sagrado, com os santos poderes do Padre, do Filho e do Espírito Santo". Depois rezou um Padre Nosso e a dor de cabeça sumiu no mesmo instante.

SACRISTÃO

Incrível!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567,P.539

DPF DCDP Fls. N.º 324 Rubrica



PADRE

Meu filho, êsse homem era um feiticeiro.

ZÉ

Como feiticeiro, se a reza é pra curar?

PADRE

Não é para curar, é para tentar. E você caiu em tentação.

ZÉ

Bem, eu só sei que fiquei bom. (Noutro tom) Mas com o Nicolau não houve reza que fizesse ele levantar. Preto Zeferino botou o pé na cabeça do coitado, disse uma porção de orações e nada. Eu já estava começando a perder a esperança. Nicolau de orelhas murchas, magro de se contar as costelas. Não comia, não bebia, nem mexia mais com o rabo para espantar as môscas. Eu vi que nunca mais ia ouvir os passos dele me seguindo por toda a parte, como um cão. Até me puseram um apelido por causa disso: Zé-do-Burro. Eu não me importo. Não acho que seja ofensa. Nicolau não é um burro como os outros. É um burro com alma de gente. E faz isso, por amizade, por dedicação. Eu nunca monto nele, prefiro andar à pé ou a cavalo. Mas de um modo ou de outro, ele vêm atrás. Se eu entrar numa casa e me demorar duas horas, duas horas ele espera por mim, plantado na porta. Um burro dêsses, seu padre, não vale uma promessa?

PADRE

(Secamente, contendo ainda a sua indignação)
Adiante.

ZÉ

Foi então que comadre Miúda me lembrou: por que eu não ia no candomblé de Maria de Iansan?

PADRE

Candomblé?!

ZÉ

Sim, é um candomblé que tem duas léguas adiante da minha roça. (Com a consciência de quem cometeu uma falta, mas não muito grave) Eu sei que seu Vigário vai ralhar comigo. Eu também nunca fui muito de frequentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Contei pra Mãe-de-Santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com Iansan, dona dos ráios e das trovoadas. Iansan tinha ferido Nicolau...pra ela eu devia fazer uma obrigação, quer dizer: uma promessa. Mas tinha que ser uma promessa bem grande, porque

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.540

DPF DCDP Fls. N.º 325 Rubrica



Iansan, que tinha ferido Nicolau com um raio, não ia voltar atrás por qualquer bobagem. E eu me lembrei então que Iansan é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça até a igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.

PADRE

(Como se anotasse as palavras) Tão pesada como a de Crsito. O senhor prometeu isso a...

ZÉ

A Santa Bárbara.

PADRE

A Iansan!

ZÉ

É a mesma coisa...

PADRE

(Grita) Não é a mesma coisa! (Controla-se) Mas continue,

ZÉ

Prometi também dividir minhas terras com os lavradores pobres, mais pobres que eu.

PADRE

Dividir? Igualmente?

ZÉ

Sim, padre, igualmente.

SACRISTÃO

E Nicolau...quero dizer, o burro, ficou bom?

PADRE

Sim, você. Você que acaba de repetir a Via Crucis, sofrendo o martírio de Jesus. Você que, presunçosamente, pretende imitar o Filho de Deus...

ZÉ

(Humildemente) Padre...eu não quis imitar Jesus...

PADRE

(Corta terrível) Mentira! Eu gravei suas palavras! Você mesmo disse que prometeu carregar uma cruz tão pesada quanto a de Cristo.

ZÉ

Sim, mas isso...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.541

DPF
DCDP
Fls. N.326
Rubrica



PADRE

Isso prova que você está sendo submetido a uma tentação ainda maior.

ZÉ

Qual, Padre?

PADRE

A de igualar-se ao Filho de Deus.

ZÉ

Não, Padre.

PADRE

Por quê então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade? Não, para salvar um burro!

ZÉ

Padre, Nicolau...

PADRE

É um burro com nome cristão! Um quadrúpede, um irracional!

A Beata sai da igreja e fica assistindo à cena, do alto da escada.

ZÉ

Mas Padre, não foi Deus quem fez também os burros?

PADRE

Mas não à Sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou seu Filho. Foi por nós, por você, por mim, pela Humanidade!

ZÉ

(Angustiadamente tenta explicar-se) Padre, é preciso explicar que Nicolau não é burro comum...o senhor não conhece Nicolau, por isso...é um burro com alma de gente...

PADRE

Pois nem que tenha alma de anjo, nesta igreja você não entrará com essa cruz! (Dá as costas e dirige-se à igreja. O sacristão trata logo de segui-lo.

ZÉ

(Em desespêro) Mas Padre...eu prometi levar a cruz até o altar-mor! Preciso cumprir a minha promessa!

PADRE

Fizesse-a então numa igreja. Ou em qualquer parte, menos num antro de feitiçaria.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.542

DPF DCDP Fls. N.º 327 Rubrica



ZÉ

Eu já expliquei...

PADRE

Nãi se pode servir a dois senhores, a Deus e ao diabo!

ZÉ

Padre...

PADRE

Um ritual pagão, que começou num terreiro de candomblé, não pode terminar na nave de uma igreja!

ZÉ

Mas Padre, a igreja...

PADRE

A igreja é a casa de Deus. Candomblé é o culto do diabo!

ZÉ

Padre, eu não andei sete léguas para voltar daqui. O senhor não pode impedir a minha entrada. A igreja não é sua, é de Deus!

PADRE

Vai desrespeitar a minha autoridade?

ZÉ

Padre, entre o senhor e Santa Bárbara, eu fico com Santa Bárbara.

PADRE

(Para o Sacristão) Feche a porta. Quem quiser assistir à missa que entre pela porta da sacristia. Lá não dá para passar essa cruz. (Entra na igreja)

A Beata entra também apressadamente, atrás do padre.

O Sacristão, prontamente, começa a fechar a porta da igreja, enquanto Zé-do-Burro, no meio da praça, nervos tensos, olhos dilatados, numa atitude de imcompreensão e revolta, parece disposto a não arredar pé dali. Bonitão, um pouco afastado, observa, tendo nos lábios um sorriso irônico. A porta da igreja se fecha de todo, enquanto um foguetório tremendo saúda Iansan.

CAI O PANO LENTAMENTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0563, P.543

DPF
DCDP
Fls. N.º 388
Rubrica



PRIMEIRO QUADRO

Aproximadamente, duas horas depois. Abriu-se a venda e o Galego aparece trepado num caixote, amarrando um cordão com bandeirolas vermelhas e brancas que vai da porta da venda ao sobrado do lado oposto. Zé e sua cruz continuam no meio da praça. Ouve-se um pregão: "Bei-jú...olha o bei-ju! " Logo após, surge no alto da ladeira uma preta em trajes típicos, com um tabuleiro na cabeça. Ela desce a ladeira e ao passar pelo Galego saúda.

MINHA TIA

Iansan lhe dê um bom dia.

GALEGO

(Espanhol) Gracias, Minha Tia.

Minha Tia vai até à igreja e aí, junto dos degraus, pára.[1]

MINHA TIA

(Para o Galego) Quer vir aqui dar uma mãozinha pra sua tia, meu branco?

Galego apressa-se a ir ajudá-la. Retira primeiro o cavalete que está sobre o tabuleiro, abre-o, depois ajuda-a a tirar o tabuleiro da cabeça e colocá-lo em cima do cavalete.

MINHA TIA

Santa Bárbara lhe pague. (Nota Zé-do-Burro) Oxente! Que é aquilo?

GALEGO

Não sei. Já estava acá quando abri a venda. Parece maluco. (Volta a pregar as bandeirolas, enquanto Minha Tia põe-se a arrumar o fogareiro, procura acendê-lo).

Desce a ladeira, passo mole, preguiçoso, Dedé cospe-Rima. Mulato, cabeleira pixaim, sob o surrado chapéu de côco -um

1. A critério da direção e em momentos em que não prejudiquem a ação, transeuntes cruzarão a preça, durante todo o ato.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.544
DPF DCDP Fls. N.329 Rubrica


adôrno necessário à sua profissão de poeta-comerciante. Traz, em baixo do braço, uma enorme pilha de folhetos: abecês, romances populares em versos. E dois cartazes, um no peito, outro nas costas. Num se lê: "ABC da Mulata Esmeralda - uma obra prima" e no outro "Saiu agora, tá fresco ainda! "O que o cego Jeremias viu na Lua".

DEDÉ

(declama)

Bom dia, Galego amigo!
dia assim eu nunca vi;
para saudar Iansan,
não repare eu lhe pedi:
me empreste por obséquio
dois dedos de parati.

GALEGO

É, com esta história de hacer versos, usted sempre me leva na conversa, (entra na venda e dá a volta por trás do balcão) É boa mesmo essa del cego Jeremias? (Serve o parati).

DEDÉ

(Bombástico, teatral) Uma epopéia. Uma nova Ilíada, onde Tróia é a Lua e o cavalo de Tróia é o cavalo de São Jorge! (Tira um exemplar e coloca sobre o balcão) Em paga do parati.

GALEGO

Si, pero...yo prefiro la otra, la da mulata Esmeralda.

DEDÉ

Uma prova de bom gosto, Galego! (Troca os folhetos) É também uma obra prima. Lembra Castro Alves, modéstia à parte. (Bebe o parati de um trago. Refere-se às bandeirinhas) Bandeirinhas vermelhas e brancas, as cores de Iansan. Depois diz que não crê EM Candomblé.

GALEGO

Yo no crêo, péro hay quem crêa. E yo soy um comerciante...

DEDÉ

Somos dois! (Estende novamente o cálice) Mais uma dose. Esta eu pago amanhã. (Galego faz cara feia, mas enche de novo o cálice).

A Beata entra da direita e detém-se junto a Minha Tia, ao ver Zé-do-Burro. Mostra-se surpresa e indignada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.545
DPF DCDP Fls. N.330 Rubrica



BEATA

É o cúmulo! Ainda está aí!

MINHA TIA

Não vai abrir a igreja hoje, Iaiá? Dia de Santa Bárbara...

BEATA

(lança um olhar acusador a Zé-do-Burro) Não enquanto esse individuo não for embora.

MINHA TIA

Que foi que ele fêz?

BEATA

Quer entrar com essa cruz na igreja.

MINHA TIA

Só isso?

BEATA

E você acha pouco? Acha que Padre Olavo ia permitir?

MINHA TIA

Oxente! Por que não? Foi promessa que ele fêz?

BEATA

Foi. Mas promessa de candomblé. Pra uma tal de Iansan...que Deus me perdoe. (Benze-se. Dirige-se para a esquerda e ao passar por Zé-do-Burro insulta-o) Hereje! (Sobe a ladeira, seguida do olhar de comovedora incompreensão de Zé-do-Burro).

DEDÉ

(Ouviu a conversa. Para o Galego) Vou ver se Minha Tia me dia um abará. (Atravessa a praça. Não sem mostrar-se intrigado e curioso ao passar por Zé-do-Burro) Bom dia, Minha Tia!

MINHA TIA

Bom dia, seu Dedé. (Oferece) Acarajé, abará, beiju...Vem benzer!

DEDÉ

(Aponta) Um abará. Pago daqui a pouco, quando entrar o primeiro dinheiro.

MINHA TIA

Eu já sabia...(Entrega o abará embrulhado numa folha de bananeira).

DEDÉ

(Referindo-se a Zé-do-Burro) Que história é essa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.546

DPF
DCDP
Fls. N.331
Rubrica



MINHA TIA

O Senhor ouviu?

DEDÉ

Ouvi.

MINHA TIA

(Com respeito) Obrigação para Iansan...(Toca com as pontas dos dedos o chão e a testa).

DEDÉ

Por isso o Padre não deixou ele entrar?

MINHA TIA

É...coitado.

DEDÉ

Chegou a fechar a porta.

MINHA TIA

O senhor entende?

DEDÉ

Entendo não.

MINHA TIA

O Padre é um homem tão bom.

DEDÉ

A senhora acha?

MINHA TIA

Então. Ele é tão amigo dos pobres, faz tanta caridade.Sei não.

O Guarda entra pela direita. Vai direto a Zé-do-Burro. É um homem que procura safar-se dos problemas que se lhe apresentam. Sua noção do dever coincide exatamente com o seu temor à responsabilidade. Seu maior desejo é que nada aconteça, a fim de que a nada ele tenha que impor a sua autoridade. No fundo, essa autoridade o constrange terrivelmente e mais ainda o dever de exercê-la.

GUARDA

Olá, amigo.

ZÉ

Olá.

GUARDA

(Refere-se à cruz) É para a procissão de Santa Bárbara?

ZÉ

Não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.084,P.547

DPF DCDP 36 Fls. N.º 332 Rubrica

GUARDA

Porque a procisão não sai daqui, sai do Mercado aqui perto e vai até à igreja da Saúde.

ZÉ

Não tenho nada com essa procissão.

GUARDA

E o senhor está aqui fazendo o quê? Esperando a festa? Ainda é muito cedo. São oito e meia da manhã. Só na parte da tarde é que isso pega fogo.

ZÉ

Estou aqui desde quatro e meia da manhã.

GUARDA

Quatro e meia?! (Coça a cabeça, preocupado) O senhor deve ser um devoto e tanto! Mas acontece que escolheu um mau lugar...

ZÉ

A culpa não é minha.

GUARDA

Sim, eu sei, não foi o senhor quem inventou a festa de Santa Bárbara. Mas eu também não tenho culpa de ser guarda. Minha obrigação é facilitar o trânsito, tanto quanto possível.

ZÉ

Sinto muito, mas não posso sair daqui.

GUARDA

(Sua paciência começa a esgotar-se) Ai, ai, ai, ai, ai... eu estou querendo me entender com o senhor...

ZÉ

(Irritando-se também um pouco) Eu também estou querendo me entender com o senhor r com todo o mundo. Mas acho que ninguém me entende.

Dedé Cospe-Rima, que assistiu a toda a cena, não resiste à curiosidade e vem presenciá-la mais de perto. Minha Tia também acompanha tudo com interêsse.

ZÉ

Aquela mulher me chamou de hereje, o Padre fechou a porta da igreja como se eu fosse Satanás em pessoa. Eu, Zé-do-Burro, devoto de Santa Bárbara.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.548

37 DPF DCDP Fls. N.333 Rubrica

DEDÉ

Mas afinal, o que é que o senhor quer?

ZÉ

Que me deixem colocar esta cruz dentro da igreja, nada mais. Depois prometo ir embora. E já estou vexado mesmo por isto!

DEDÉ

Foi promessa. Promessa que ele fez.

GUARDA

(Raciocina, - operação que lhe parece custar tremendo esfôrço físico) Promessa...colocar a cruz, dentro da igreja...Não vejo dificuldade nenhuma nisso. Fala-se com o padre e...

ZÉ

Se o senhor conseguir que ele abra a porta e me deixe entrar, está tudo resolvido.

GUARDA

(Pensa mais um pouco, vê que não há outra maneira de resolver o problema, decide-se) Pois bem, eu vou falar com ele. (Dirige-se para a porta da igreja. Ante os olhares de grande espectativa do Galego, de Dedé, de Minha Tia).

DEDÉ

Não vou lá ajudar também porque eu e esse padre estamos de relações cortadas, (Sai).

GUARDA

(Bate na porta várias vezes, sem resultado, encosta o rosto na porta e chama) Padre? Abra um instante, por favor!

Segundos após, abre-se uma fresta e surge por ela a cabeça do Sacristão, receoso.

GUARDA

Quero falar com o padre.

SACRISTÃO

(Certifica-se de que não há perigo, abre um pouco mais a porta).

Entre!

Guarda tira o quepe e entra. Sacristão fecha a porta rapidamente. Rosa desce a ladeira. Vem um pouco apressada, como se temesse não mais encontrá-lo ali. Mas quando vê Zé-do-Burro, diminui o passo, tranquiliza-se em parte. Não perde, entretanto, um certo ar culposo, que procura disfarçar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0569, P.549

DPF
DCDP
Fls. N.º 334
Rubrica



ROSA

Você ainda está aí! (Nota a igreja fechada) A igreja não abriu?

ZÉ

Abriu, sim. Mas o Padre não quer me deixar entrar com a cruz.

ROSA

Por quê?

ZÉ

(Balança a cabeça, na maior infelicidade) Não sei, Rosa, não sei...Há duas horas que tento compreender...mas estou tonto, tonto como se tivesse levado um coice no meio da testa. Já não entendo nada...parece que me viraram pelo avesso e estou vendo as coisas ao contrário do que elas são. O céu no lugar do inferno... o demônio no lugar dos santos.

ROSA

(Refletindo na própria experiência) É isso mesmo. De repente, a gente percebe que é outra pessoa. Que sempre foi outra pessoa...é horrível.

ZÉ

Mas não é possível,Rosa. Eu sempre fui um homem de Bem. Sempre temi a Deus.

ROSA

(Concentrada em seu problema) Zé, isso está parecendo castigo!

ZÉ

Castigo? Castigo por quê? Por eu ter feito uma promessa tão grande? Por ter sido no terreiro de Maria de Iansan? Mas se Santa Bárbara não estivesse de acordo com tudo isso, não tinha feito o milagre.

ROSA

Zé, esqueça Santa Bárbara. Pense um pouco em nós.

ZÉ

Em nós?

ROSA

Em mim, Zé.

ZÉ

Em você?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.550

DPF
DCDP
Fls. Nº 335
Rubrica



ROSA

Sim Zé, em mim, sua mulher.

ZÉ

Que é que você quer? Não dormiu, não descansou.

ROSA

(Sem fitá-lo) Zé, vamos embora daqui.

ZÉ

Agora?

ROSA

Sim, agora mesmo.

ZÉ

Não posso. Você sabe que eu não posso voltar antes de chegar ao fim da promessa. Não ia ter sossêgo o resto da vida.

ROSA

Você acredita demais nas coisas.

ZÉ

É porque você não pensa no que pode acontecer.

ROSA

Mais do que já aconteceu?

ZÉ

Que aconteceu? A caminhada, as noites sem dormir, e agora ser xingando como a figura do diabo? Tudo isso é nada, comparado com o castigo que pode vir.

ROSA

Mas se o Padre não quer deixar você entrar com a cruz, que é que você ainda vai ficar fazendo aqui?

ZÉ

O Guarda foi falar com ele. Estou esperando.

(Como que desculpando-se por não pensar na situação dela) Você, se quiser, pode ir comer qualquer coisa.

ROSA

(Ante a impossibilidade de comunicar a ele o seu problema) Já tomei café no hotel.

ZÉ

Não era bom o hotel que aquele camarada arranjou?

ROSA

Muito bom. Tinha até pia no quarto e colchão de mola.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.551

DPF DCDP Fls. N.º 336 Rubrica



ZÉ

Fiquei um pouco preocupado.

ROSA

(Ferida pela falta de ciúmes dele) Comigo?

ZÉ

Você num hotel sózinha. Cidade grande, a gente nunca sabe. Se bem que o môço garantiu que era hotel de família.

ROSA

Não tinha então que ter cuidado. O Moço era de toda confiança. Tão amável, tão prestativo...

REPÓRTER

(Entra acompanhado do fotógrafo) Lá está ele. (Vai a Zé, enquanto o fotógrafo circula à procura de ângulos. O Repórter é vivo e perspicaz. Dirige um cumprimento entusiasta a Zé-do-Burro) Bom dia, amigo! (Aperta efusivamente a mão de Zé-do-Burro) Parabéns! O senhor é um herói.

ZÉ

(Olha-o com estranheza) Herói?

REPÓRTER

(Com entusiamo) Sim, sete léguas carregando esta cruz. (Clacula o pêso) Pesada hem? Sete léguas...quarenta e dois quilômetros. A maior marcha que eu fiz de vinte e quatro quilômetros, no Serviço Militar. E o fuzil não pesava tanto assim. (Ri, mas seu riso murcha como um balão, ante o ar de desconfiança de Rosa e Zé-do-Burro) Oh, desculpe...eu sei que o senhor fêz uma promessa. A comparação não foi muito feliz...(Para o fotógrafo) Carijó, pode bater uma chapa. (Posa de frente para Zé-do-Burro, de caderno e lápis em punho) Finja que está falando comigo.

ZÉ

( Começa a impacientar-se) Fingir que estou falando... pra quê?

REPÓRTER

E dentro de algumas horas o Brasil inteiro vai saber. O senhor vai ficar famoso.

ZÉ

(Contrariado) Mas eu não quero ficar famoso, eu quero...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.552



DPF DCDP Fls. N.º 337 Rubrica

ROSA

(Interrompe, em tom de repreensão) Que é isso, Zé. Seja mais delicado como môço. Ele é da gazeta...

REPÓRTER

Mulher dêle?

ROSA

Sou. Também andei sete léguas - meu pé tem cada calo dágua deste tamanho.

REPÓRTER

Maravilhoso. E em quanto tempo cobriram o percurso?

ROSA

(Não entendeu) Como?

REPÓRTER

Quero dizer: quando sairam de lá, de sua cidade?

ROSA

Da roça. Saímos ontem de manhãnzinha. Cinco horas da manhã.

REPÓRTER

A que horas chegaram aqui?

ROSA

Antes das cinco

REPÓRTER

Fizeram o percurso então em 24 horas. Com uma cruz que deve pensar?...(Olha interrogativamente para Zé-do-Burro).

ZÉ

(Contrariado) Não sei, não pesei.

REPÓRTER

Por menos que pese, é um "record"! Sob êste aspecto, podemos considerar um garnde feito esportivo. Uma prova de resistência física...(para Rosa) e de dedicação...

Rosa sorri, envaidecida, sentindo-se heroína também.

REPÓRTER

Mas como nasceu a idéia dessa...peregrinação? (As perguntas são feitas a Zé-do-Burro, mas este recusa-se a respondê-las).

ROSA

Não nasceu idéia nenhuma. O burro adoeceu, ia morrer - ele fêz promessa pra Santa Bárbara.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.553

DPF DCDP Fls. N.º 338 Rubrica



REPÓRTER

O burro? Que burro?

ROSA

O Nicolau.

ZÉ

(Irritado) Por quê? O Senhor também vai achar que o meu burro não vale uma promessa?

REPÓRTER

Não, de modo algum...eu...eu apenas não sabia...então tudo isso...quarenta e dois quilômetros...a cruz...tudo por causa de um burro...(Repetinamente antevendo o interêsse que despertará a reportagem) Fabuloso!

ROSA

E não foi só isso. Ele prometeu também repartir o sítio com aquela cambada de preguiçosos.

ZÉ

Que preguiçosos. Gente que quer trabalhar e não tem terra.

REPÓRTER

Repartir o sítio...diga-me, o senhor é a favor da reforma agrária?

ZÉ

(Não entende) Reforma agrária? Que é isso?

REPÓRTER

É o que o senhor acaba de fazer em seu sítio. Redestribuição das terras entre aqueles que não as possuem.

ZÉ

E não estou arrependido, môço. Fiz a felicidade de um bocado de gente e o que restou pra mim dá e sobra.

REPÓRTER

(Toma notas) É a favor da reforma agrária.

ZÉ

É bem verdade que se o meu burro não tivesse ficado doente, eu não tinha feito isso...

REPÓRTER

Mas, e se todos os proprietários de terra fizessem o mesmo. Se o govêrno resolvesse desapropriar as terras e dividi-las entre os camponeses?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564/P.554

DPF DCDP Fls. N.º 339 43 Rubrica

ZÉ

Ah, era muito bem feito. Cada um deve trabalhar o que é seu.

REPÓRTER

(Anota) É contra a exploração do homem pelo homem. O senhor pertence a algum partido político?

ZÉ

(Com alguma vaidade, dissimulada num sorriso modesto) Já quiseram me fazer vereador...qual...

ROSA

O que atrapalhou foi o burro.

REPÓRTER

O burro? Por quê?

ROSA

Aonde ele vai, o burro vai atrás. Se ele fôsse eleito, o burro também tinha que ser...

REPÓRTER

É, mas desta vez, "seu"...

ZÉ

Zé-do-Burro, seu criado.

REPÓRTER

..."seu" Zé-do-Burro, o senhor será eleito com burro e tudo. (Confidencial) Escute aqui, será que essa história da promessa não é um golpe para impressionar o eleitorado?...

ZÉ

(Ofendido) Golpe?!

REPÓRTER

E de mestre! Avalio a agitação que o senhor fêz com isso. Pelas estradas, no caminho até aqui, deve ter-se juntado uma verdadeira multidão para vê-lo passar.

ZÉ

É, tinha...

ROSA

Muito moleque também.

REPÓRTER

E imaginem a volta! A chegada à sua cidade, em carro aberto, banda de música, foguetes!

ZÉ

O senhor está maluco? Não vai haver nada disso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.555

DPF
DCDP
Fls. N.º 340
Rubrica



REPÓRTER

Vai. Vai porque o meu jornal vai promover. Só faço questão de uma coisa: que o senhor nos dê a exclusividade. Que não conceda entrevistas a mais ninguém. (Noutro tom) É claro que o senhor terá uma compensação...(Faz com o indicador e o polegar um gesto característico) e também a publicidade. Primeira página, com fotografias, o senhor e sua senhora...mandaremos fotografar também o burro - em poucas horas o senhor será um herói nacional.

ZÉ

(Profundamente contrariado) Môço eu acho que o senhor não me entendeu...ninguém ainda me entendeu...

REPÓRTER

(Sem lhe dar atenção) O diabo foi o senhor ter escolhido um dia como o de hoje. Sábado. Amanhã é domingo, o jornal não sai. Só segunda-feira. E o nosso Departamento de Promoções precisaria preparar a coisa...Podemos dar o furo na edição de hoje, mas o barulho mesmo só segunda-feira. Quando o senhor pretende voltar?

ZÉ

Por mim, já estava de volta.

Abre-se parcialmente a porta da igreja. O sacristão deixa o Guarda passar e torna a fechá-la. O Guarda vem ao encontro de Zé-do-Burro, que o aguarda sem muita esperança.

GUARDA

(Balança a cabeça, desanimado) Não consegui nada.

ZÉ

O senhor falou com o Padre.

GUARDA

Falei, argumentei...não adiantou. E ainda tive que ouvir um sermão deste tamanho. Ele acha que, em vez de ir pedir para deixar o senhor entrar na igreja, eu devia era levá-lo prêso. Claro que eu não vou fazer isso, mas o senhor bem que podia ter arranjado uma promessinha menos complicada.

ROSA

Também acho.

GUARDA

Porque não adianta o senhor ficar aqui; o padre já disse que não abre a porta e não abre mesmo - eu conheço ele.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.556

DPF
DCDP
Fls. 5 N.º 341
Rubrica

REPÓRTER

Ótimo! Mas isso é ótimo! Assim temos um pretexto para diar a entrega da cruz para segunda-feira. Dará tempo de organizarmos tudo. As entrevistas, as apresentações no rádio... e a sua volta triunfal com batedores e banda de música!

ZÉ

(Cada vez mais contrariado e mais infeliz) Môço eu vim a pé e vou voltar a pé.

ROSA

(Ela vislumbrou nas palavras do Repórter uma possibilidade confusa de liberação, ouviu-as num entusiasmo crescente) Oxente! Não seja estúpido, homem! O môço está querendo ajudar a gente.

ZÉ

Então ele que me ajude a convencer o vigário a abrir a porta...

REPÓRTER

Eu vou já entrevistar o vigário. Mas fique certo de uma coisa: seja qual fôr o seu objetivo, uma publicidadezinha não fará mal algum...(Pisca o ôlho para Zé-do-Burro, que não percebe a insinuação) Carijó, bata mais uma chapa. (Para Zé-do-Burro) Quer fazer o favor de carregar a cruz? (Para Rosa) A senhora também.

Zé-do-Burro fica indeciso, sem palavras para traduzir a sua indignação.

ROSA

Vamos, Zé! (Empurra-o para baixo da cruz e coloca-se a seu lado, numa atitude forçada).

O guarda também procura, discretamente, aparecer na fotografia. A cena é caricatural, com Rosa escancarando-se num sorriso de dentrifício, Zé-do-Burro vergado ao pêso da cruz e de sua imensa infelicidade. E o Guarda, de peito estufado, disputando honrosamente a sua participação no acontecimento.

GALEGO

(Sai da venda, apressado e dirige-se ao Fotógrafo) Um momento! O senhor não podia fazer aparecer também o meu estabelecimento? Sabe... uma publicidadezinha...

Fotógrafo coloca-se de molde a aparecer, no fundo, a venda. Galego corre para junto do balcão e posa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.557



DPF DCDP Fls. N.342 Rubrica

REPÓRTER

Ótimo. Pode bater, Carijó.

O Fotógrafo bate a chapa.

REPÓRTER

Obrigado. Esta vai sair hoje na primeira página (Para o Fotógrafo) Vamos agora entrevistar o vigário.

GUARDA

É melhor o senhor ir pela porta da sacristia.

ZÉ

Eu levo o senhor até lá.

REPÓRTER

(Não gosta da idéia) Não, acho melhor o senhor esperar aqui...

ZÉ

(Com decisão) Mas eu quero ir com o senhor.

REPÓRTER

(Cede, de má vontade) Está bem. (Sai, com Zé-do-Burro e o Fotógrafo.)

Ouvem-se buzinas insistentes.

GUARDA

Garanto que agora o padre vai abrir a igreja. Não há quem não tenha medo da imprensa. (Olha na direção da direita). Eu vou pra lá que a coisa está piorando. (Sai pela direita).

Bonitão desce a ladeira e pára na vendola. Rosa o vê e não esconde a sua emoção.

BONITÃO

(Para o Galego) Uma dupla.

GALEGO

Olá, Bonitão, Usted por aqui "de madrugada"...(Serve a cachaça).

ROSA

(Vai à venda e encosta-se no balcãi, ao lado de Bonitão) Um café, môço...

BONITÃO

Ainda?...

ROSA

Ainda.

BONITÃO

Não sei como você aguenta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 6564, P.558

47 DPF DCDP Fls. N.º 343 Rubrica

ROSA

Eu também não.

BONITÃO

Ele desconfiou de alguma coisa?

ROSA

Nada. Ele só pensa na cruz e na promessa.

BONITÃO

Sabe que eu fui pra casa dormir e não consegui?

ROSA

Por quê?

BONITÃO

Fiquei pensando em você.

ROSA

Melhor que não pense.

BONITÃO

Está arrependida?

ROSA

Estou.

BONITÃO

Agora é um pouco tarde.

ROSA

Não é não. Uma noite a gente pode apagar.

BONITÃO

A gente pode apagar uma porção de noites. Isso não deixa marca.

ROSA

Em mim deixou. Nem sei como ele não vê. Dá até raiva. Dá vontade de contar tudo.

BONITÃO

Não é má idéia. Ele não é homem violento. Podia era largar você aqui na cidade e voltar sózinho pra roça. Isso resolvia tudo.

ROSA

Resolvia o quê?

BONITÃO

Sua vida. Você tem futuro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE0564,P.559

DPF DCDP Fls. N.344 Rubrica



ROSA

Adianta não. Minha sina é essa mesma. As vezes eu tenho vontade, sim de arrumar a trouxa e ganhar a estrada. Mas não tenho coragem. E se tivesse, não ia saber pra onde ir...

BONITÃO

Quando eu era menino, fui guia de cego...

ROSA

Não estou cega. E sabia, muito bem o que estava fazendo. Como sei também que sou capaz de fazer de nôvo, se ele não me levar daqui. Mesmo sem querer.

BONITÃO

Se você não se livrar dêle, vai acabar idiota como ele.

ROSA

(Procurando uma justificativa para sua falta de coragem) Ele precisa de mim.

BONITÃO

Ele tem o burro.

ROSA

Estúpido!

BONITÃO

Não quis comparar...

ROSA

Ele é muito homem, fique sabendo!

BONITÃO

Se é assim, por quê você tem tanta sede?...

ROSA

(Ela se sente cada vez mais empurrada para ele, como para um abismo, e não há nela, precisamente, um desejo de resistir ao salto definitivo. Há apenas a imensa fraqueza da pessoa humana no momento das grandes decisões) Que tinha você de aparecer aqui de nôvo?

BONITÃO

Foi você quem veio falar comigo.

ROSA

Você me obriga a fazer o que eu não quero.

BONITÃO

(Ri, cônscio de seu poder de sedução) Que culpa tenho eu de ter nascido com tantas qualidades?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.560

DPF DCDP Fls. N.º 345 Rubrica



Ela vai voltar ao centro da praça. Ele a segura pelo braço.

BONITÃO

(Baixo) Espere...

ROSA

(idem) Está louco?

BONITÃO

Pelo jeito, ele ainda vai ficar muito tempo aí. Entendeu?

ROSA

(Solta-se dele com um safanão) Não entendo nada. Você é doido e eu estou ficando doida também.

BONITÃO

Ele não pode sair de junto da cruz. Mas você pode...pode ir descansar no hotel...ou mesmo ir rezar em outra igreja, pedir a outro santo pra ajudar a convencer o padre a abrir a porta...Um reforço sempre é bom...

Entra Zé-do-Burro. Rosa e Bonitão disfarçam.

MINHA TIA

(Detendo-o) E então?

ZÉ

Eles não quiseram que eu entrasse. Acham melhor falar com o Padre em particular...

MINHA TIA

(Assume uma atitude de extrema cumplicidade) Meu filho, eu sou "ekédi" no candomblé da Menininha. Mais logo o terreiro está em festa. Você Fêz obrigação pra Iansan, Iansan está lá pra receber!

ZÉ

(Ele não entende) Como?...

MINHA TIA

Eu levo você lá! Você leva a cruz e a santa recebe! Você fica em paz com ela!

ZÉ

Iansan...

MINHA TIA

Foi ela quem lhe atendeu!

ZÉ

Mas a igreja...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.561

DPF DCDP Fls. N.346 Rubrica



MINHA TIA

Mande o padre pro inferno! Leve a sua cruz no terreiro! Eu vou com você!

ZÉ

(Hesita um pouco e por fim reage com veemência) Não, não foi num terreiro que eu disse que ia levar a cruz, foi numa igreja. Numa igreja de Santa Bárbara.

MINHA TIA

Santa Bárbara é Iansan. E Iansan está lá! Vai baixar nos seus cavalos! Vamos!

ZÉ

Não. Não é a mesma coisa. Não é a mesma coisa.

Abre-se a porta da igreja e surgem Repórter, fotógrafo e Sacristão.

REPÓRTER

(Para o Sacristão) O senhor acha que o padre não deixa mesmo ele entrar?

SACRISTÃO

O senhor não ouviu ele dizer? É Satanás! Satanás sob um dos seus múltiplos disfarces!

REPÓRTER

Satanás disfarçado em Jesus Cristo...acho que é um pouco forte. Em todo caso, isso é lá com ele. Eu confesso que não sou muito entendido na matéria. O que interessa é mantê-lo aqui, pelo menos até segunda-feira. Se for preciso, mandarei vir comida e bebida. Contanto que ele não vá embora antes da segunda-feira.

Zé-do-Burro dá um passo em direção à igreja. Sacristão assusta-se.

SACRISTÃO

Com licença, senhores, com licença. (Entra e fecha a porta, precipitadamente).

Fotógrafo vai à vendola.

REPÓRTER

(Indo a Zé-do-Burro) Nada feito, meu camarada. O padre é uma rocha. (procura estimulá-lo a resistir) Mas ele vai acabar cedendo. Se você não arredar pé daqui, ele vai ter que abrir a igreja. Eu lhe garanto. Agora a causa não é somente sua, é também do nosso jornal. E sendo do nosso jornal, é do povo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.562

DPF
DCDP
Fls. N.347
Rubrica



Zé-do-Burro olha-o como se procurasse inutilmente entender um ser vindo de outro planêta.

REPÓRTER

Eu o aconselho a resistir. Afinal de contas, é um direito. Direito que o senhor adquiriu em 42 quilômetros de "via cruzis". Eu confio no senhor. (Para Rosa) Leia o meu jornal hoje à tarde. Vai ser um estouro. (Sai seguido do Fotógrafo).

BONITÃO

Jornalistas, é?

ROSA

É. (Com vaidade) Tiraram o meu retrato. Será que vão publicar mesmo?

BONITÃO

Se tivesse nua, eu garantia. Assim...não sei. Neste momento, entra Marli pela direita. Ao ver Bonitão junto a Rosa, avança para ele em atitude agressiva.

MARLI

Eu sabia!...Tinha que estar atrás de algum rabo de saia!

BONITÃO

Que é que você vem fazer aqui?

MARLI

Venho saber por que o senhor não apareceu em casa esta noite.

BONITÃO

Que casa?

MARLI

A minha casa!

BONITÃO

Estava indisposto. Fui para o meu hotel.

MARLI

(Mede Rosa de alto a baixo) Sim, eu estou vendo a sua "indisposição".

BONITÃO

(Em voz contida, mas enérgico) Não faça escândalo!

MARLI

Por quê? Está com medo do marido dela?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.563

DPF DCDP Fls. N.º 348 Rubrica



BONITÃO

Não estou com medo de ninguém, mas não vou deixar você fazer a senhora passar vexame.

MARLI

(Irônica) A senhora...se ela é senhora, eu sou donzela...

BONITÃO

'Autoritário) Marli, me obedeça!

MARLI

Está querendo bancar o machão na frente dela, é?

BONITÃO

Eu não tenho nada com ela!

MARLI

Você passou a noite com ela!

O rosto de Zé-do-Burro se cobre de sombras e ele busca nos olhos de Rosa uma explicação. Ela não o fita.

(Segura Marli por um braço, violentamente) Vamos para casa!

MARLI

Não! Primeiro quero tirar a limpo. Quero que essa vaca saiba que você é meu. (Com orgulho) Meu! (Grita para Rosa) Esta roupa foi comprada com o meu dinheiro! Esta e todas as que ele tem.

BONITÃO

(Perde a paciência, ameaçador) Se você não for para casa imediatamente, nunca mais eu deixo você me dar nada!

MARLI

(Deixando-se arrastar por ele na direção da direita) Ele é meu, ouviu? Fique com seu beato e deixe ele em paz! É meu homem! É meu homem!.

Há uma pausa terrivelmente longa, na qual Zé-do-Burro apenas fita Rosa, silenciosamente, sob o impacto da cena. Em seu olhar, lê-se a dúvida, a incredulidade e sobretudo o pavor diante de um mundo que começa a desmoronar. As luzes se apagam em resistência.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.564

DPF
Fls. N.º 349
Rubrica

Três horas da tarde. Zé-do-Burro e Rosa continuam no meio da praça. Minha Tia com seu tabuleiro, na porta da igreja, o Galego na venda, Dedé Cospe-Rima entra da direita.

"ABC da Mulata Esmeralda", romance completo contando toda a vida de Esmeralda, desde o nascimento, no Bêco das Inocências, até a morte, por trinta facadas, na Rua da Perdição. (Oferece a Zé-do-Burro) 10 cruzeiros...

Zé-do-Burro recusa com um gesto.

DEDÉ

(Lê, declamando)
Ai, meu Senhor do Bonfim,
dai-me muita inspiração,
dai-me rima e muita métrica
pra fazer a descrição
das penas de Esmeralda
na Rua da Perdição.

(Para Zé-do-Burro) Estava pensando...sabe que essa sua briga com o Padre dava um abecê? Quer, eu escrevo.

ZÉ

(Com decisão) Não.

DEDÉ

Por quê não quer? Abecê em versos, ficava bonito,..

ZÉ

Não.

DEDÉ

Versos que, modéstia à parte, são lidos pela Bahia inteira inteira. (Com intenção) Inclusive pelo Padre Olavo... e não é por me gabar, meu camarada, mas aqui como me vê, poeta pela graça da Virgem e do Senhor do Bonfim, eu sou um homem temido! Quando eu anuncio que vou escrever um folheto contando as bandalheiras desse ou daquele deputado...ah, menino, não tarda o fulano me procurar pra adoçar meus versos. (Faz com os dedos um sinal característico de dinheiro). Se eu anunciar nesta tabuleta que vou escrever o "ABC de Zé-do-Burro", tenho certeza que o Padre abre logo a porta e vem ele mesmo carregar a cruz.

Zé olha-o com desconfiança.

ROSA

Que é preciso pra isso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.565

DPF DCDP 54 Fls. N.º 350 Rubrica

DEDÉ

Bem, o consentimento dele, em primeiro lugar.E em segundo, sabe...papel está pela hora da morte, a tipografia está cobrando os olhos da cara...

ROSA

Ah, é preciso pagar...

DEDÉ

Aí uns cinco contos pra ajudar. (Vai a Zé) Mas garanto o resultado.

ZÉ

(Vigorosamente) Não quero que faça nada.

DEDÉ

Olhe que o senhor se arrepende. Garanto que basta anunciar, o Padre se borra todo...

ZÉ

(Corta,irritado) Não quero, já disse!

DEDÉ

Está bem. Quem perde é o senhor. O senhor e a Poesia nacional.

Mestre Coca desce a ladeira, gingando e pára na vendola. É um mulato alto, musculoso e ágil. Veste calças brancas"bôca de sino" e camisa de meia.

COCA

Buenas.

GALEGO

Ôpa!

DEDÉ

Boa tarde, Mestre Coca.

COCA

Dedé Cospe-Rima...precisa arranjar um serviço de homem, meu camarada...(Para o Galego) Me dá um porongo. (Galego serve a cachaça) (Ouvem-se trovões longíquos) Dia de Santa Bárbara...tem que roncar trovoada.

DEDÉ

Já largou a estiva, Mestre Coca?

COCA

Já. Descarreguei um cargueiro holandês até a uma hora e caí no mundo. Hoje, dia de Iansan, não é dia de carregar pêso, é dia de vadiar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0567, P.566

DPF DCDP Fls. N.° 351 Rubrica



DEDÉ

Vamos ter capoeira hoje?

COCA

Mais logo. Mais logo vamos ter vadiação. Vou jogar com Manoelzinho Sua-Mãe. (Nota Zé-do Burro) Me disseram que tinha aqui um homem querendo entrar na igreja com uma cruz e o Padre não queria deixar...

GALEGO

É esse aí.

COCA

Mas lugar de cruz não é dentro da igreja?

DEDÉ

É, mas parece que a cruz é pra Iansan, e o Padre não gostou da história.

COCA

E fechou a porta?

DEDÉ

Não é de admirar. Outro dia ele não quis proibir que eu vendesse meus livros aqui na porta da igreja?

COCA

Por quê?

DEDÉ

Disse que o "ABC da Mulata Esmeralda" era indecente. Falou isso num sermão. E de lá pra cá essas beatas quando passam por mim viram a cara, como se eu fôsse a pintura do Cão.

GALEGO

No me gustan los padres. Pero esse está haciendo um buen serviçio. Por causa dele a freguesia aumentou e já fui até fotografado.

DEDÉ

Se ele quisesse, eu fazia o Padre abrir a porta em dois tempos.

GALEGO

Nada. Deixa el hombre aí. Quanto mais demorar, mejor...

DEDÉ

Vou dar um pulo até o Mercado de Santa Bárbara.

COCA

Ah, lá a festança já começou é de hoje. Capoeira, roda de samba...está bom que está danado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.567

DPF DCDP Fls. N.352 Rubrica



DEDÉ

Tem turista?

COCA

Vi uns gringos.

DEDÉ

Vou até lá (Sobe a ladeira com os folhetos embaixo do braço).

ROSA

(Para o marido) Sabe que horas são? Três horas da tarde. Você não está com fome?

ZÉ

Não. Vá ali na mulher no tabuleiro, compre qualquer coisa pra você. (Tira do bolso uma nota)

Rosa toma a nota e vai a Minha Tia.

MINHA TIA

Que é, Iaiá?

ROSA

Qualquer coisa pra matar a fome.

MINHA TIA.

Precisa mesmo. É de hoje que vosmincês estão aí...

ROSA

Desde manhã cedo.

MINHA TIA

(Fitando Zé-do-Burro com simpatia e incredulidade) E ele parece um homem tão bom...

SECRETA

(O "tira" clássico. Chapéu enterrado até os olhos, mãos nos bolsos, inspira mais receio que respeito. À primeira vista, tanto pode ser o representante da lei, como o fugitivo da lei. Entra pela direita e atravessa a cena, lentamente, em direção à vendola. Ao passar por Zé-do-Burro, demora nele um olhar de desabusada curiosidade). Uma dupla. (Olha em tôrno procurando alguém, consulta o relógio).

ROSA

(Durante a entrada do Secreta, esteve escolhendo alguns quitutes no tabuleiro da baiana. Recebe-os agora, embrulhados em folha de banana, das mãos da preta. Paga).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.561

DPF
DCDP
Fls. N.º 353
Rubrica





Diga a ele que não desanime, Iansan tem fôrça!

Rosa ri, leva os quitutes para Zé-do-Burro. Este recusa com um gesto. Entra da direita o Guarda, com um jornal na mão.

GUARDA

Vejam! Primeira página com retrato e tudo! (Mostra o jornal a Rosa, que corre ansiosamente).

ROSA

Meu retrato?

GUARDA

Eu também saí.

ROSA

(Examina o retrato) Hum...o senhor saiu muito bem... vou levar pra minha mulher.

ROSA

Quem saiu mal fui eu...(Faz uma careta de desagrado) Horrível.

GUARDA

Não ligue. Fotografia de gazeta é assim mesmo.

ZÉ

(Sua atitude para com Rosa é agora de recalcada e surda revolta. Embora ele não pareça ter certeza ainda de sua infidelidade, institivamente começa a perceber que ela se encontra do outro lado, do lado daqueles que, por este ou aquêle motivo, não o compreendem, ou fingem não compreendê-lo) Afinal, que é que diz aí?

GUARDA

(Como se só agora lhe ocorresse ler a reportagem) Ah, sim...(lê) "O novo Messias prega a revolução".

ZÉ

(Estranha) Revolução?...(Espicha o pescoço e lê por cima do ombro do guarda).

GUARDA

É, revolução. Está aqui. (Continua) "Sete léguas carregando uma cruz, pela reforma agrária e contra a exploração do homem pelo homem". (Entreolham-se sem entender).

ZÉ

Eu bem achei que aquele camarada não era certo da bola....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.569

DPF DCDP Fls. N.º 354 Rubrica



GUARDA

(Continuando a ler) "Para o vigário da paróquia de Santa Bárbara, é Satanás disfarçado. Quem será afinal Zé-do-Burro? Um místico ou um agitador? O povo o olha com admiração e respeito, pelos caminhos por onde passa com sua cruz, mas o vigário explusa-o do templo. No entanto, Zé-do-Burro está disposto a lutar até o fim! " Acho que o môço não entendeu bem o seu caso. (Olha-o com certa desconfiança) Ou então fui eu que não entendi. (Dá o jornal a Zé-do-Burro) Podem ler. Mas não joguem fora. (Iniciando a saída) Quero levar pra casa. (Sai).

ROSA

Zé, não estou gostando disso.

ZÉ

Nem eu.

ROSA

Não entendi bem o que botaram na gazeta, mas uma coisa me diz que isso não é bom.

ZÉ

(Não esconde o ressentimento que guarda dela). Bem Maria de Iansan disse. A promessa tinha que ser bem grande... Com certeza Santa Bárbara achou que não era bastante o que eu prometi e está cobrando o restante. (Fita Rosa) Ou está me castigando por eu ter prometido tão pouco.

ROSA

Então eu também estou sendo castigada...

ZÉ

Ou pode ser que esteja me fazendo passar por tudo isso pra me experimentar. Pra ver se eu desisto da promessa. Santa Bárbara está me tentando...e ainda há pouco quase que eu caio.

ROSA

Quando?

ZÉ

Quando aquela sujeita disse tudo aquilo. O sangue me subiu na cabeça e se eu me deixo tentar tinha matado um homem ou uma mulher...Ia prêso...e não podia cumprir a promessa. Pensei nisso, naquela hora, e aguentei tudo calado. Foi uma prova. Tudo isso é uma provação.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.580

DPF DCDP Fls. N.º 355 Rubrica



ROSA

(Agarrando a uma justificativa para sua própria falta) Deve ser, sim. É a única explicação pra tudo que aconteceu. Santa Bárbara me usou pra pôr você à prova.

ZÉ

Mas Santa Bárbara não teria feito isso se não conhecesse você melhor que eu...

ROSA

(Veemente) Eu senti, Zé...senti que havia uma vontade mais forte do que a minha me empurrando pra lá...E você ajudando. Você também é culpado. Eu não queria ir e você insistia. Não é pra me desculpar, mas se tudo é obra de Santa Bárbara, o que é que eu podia fazer?

ZÉ

Podia resistir à tentação, como eu tenho resistido.

ROSA

Era diferente. Não era a mim que ela estava pondo à prova. Era a você. E se ela é santa, se ela pode fazer milagre, pode me obrigar a fazer o que eu não quero, como me obrigou. Pode botar o diabo no meu corpo, como botou. Mas isso não vai acontecer mais. Acho até que isso nem aconteceu. Pois se foi uma provação divina...

ZÉ

(Não muito convencido) Esse assunto nós vamos resolver depois, na volta. (Lê o jornal).

Entra Bonitão pela direita e vai diretamente à vendola. Aproxima-se do Secreta. Traz um jornal em baixo do braço.

BONITÃO

(Em voz baixa, disfarçadamente) Você veio depressa. (Para o Galego) Uma dose.

Galego serve.

SECRETA

(Idem) Que é que você quer falar comigo? Se é sobre a sua volta à polícia...

BONITÃO

(Corta, sorrindo) Não, nada disso. Nem estou pensando mais em voltar. Estou muito bem de vida.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,IP.571

DPF
DCDP
Fls. N.º 356
60
Rubrica

SECRETA

Mas tome cuidade. Estão com sua ficha em dia...

BONITÃO

(Ri) Não acredito. Vocês vivem comendo môsca. Olha aí...(Indica, com o olhar, Zé-do-Burro) No meu tempo, esse cabra já estava no xilindró. (Noutro tom) E vocês me expulsaram...

SECRETA

Quem é ele?

BONITÃO

(Mostrando o jornal) Tome, leia...Vocês nem lêêm gazeta e querem estar em dia. (O Secreta põe-se a ler o jornal atentamente, dando de vez em quando, uma mirada para Zé-do-Burro, como a comprovar as afirmativas. Bonitão atira uma nota sobre o balcão).

SECRETA

Você já conversou com ele?

BONITÃO

Já. O homem é perigoso. Banca o anjo de procissão, mas não é à toa que o padreco dali de frente fechou a igreja e jurou que ele não entra.

SECRETA

É, mas a coisa é esquisita.

BONITÃO

Eu, se fosse você, "guardava" ele por uns dias...

SECRETA

Também não pode ser assim. Tenho que investigar, depois comunicar ao Comissário.

BONITÃO

Qual, vocês não sabem trabalhar. Dá o flagra no homem!

SECRETA

Flagra de quê? Ele não está fazendo nada...

BONITÃO

Como não? Agitação social!

SECRETA

Venha comigo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.572

DPF
DCDP
Fls. N.357
Rubrica



BONITÃO

(Iniciando a passagem) Ele vai lhe contar a história de um burro, mas não vá nessa conversa.

GALEGO

(Para mestre Coca) Polícia...estão querendo prender el hombre!

COCA

Está certo, não. Fazer promessa não é crime.

Zé-do-Burro recebe Bonitão e Secreta com desconfiança.

Rosa mostra certo constrangimento diante de Bonitão. Este apresenta o Secreta.

BONITÃO

Um amigo, Quer conversar com vocês...quer ajudar.

SECRETA

Olá!

ZÉ

(Dentro dele, uma revolta de proporções imprevisíveis começa a crescer) Ajudar...todo o mundo quer ajudar...(arrebata o jornal das mãos de Rosa e o faz em pedaços).

ROSA

(Assustada) Não faça isso, homem! É do Guarda! Ele pediu pra guardar!

ZÉ

O Guarda também quer ajudar. (Repete como uma obcessão) Todos querem ajudar...(Seu olhar, que começa a ser agora um olhar de fera acuada, cai sobre Bonitão) Todos...

SECRETA

O senhor sabe que suas idéias são muito perigosas?

ZÉ

Perigosas?

SECRETA

O senhor não devia dizer isso no jornal. E muito menos aqui, em praça pública. Porque isso pode lhe dar muita aporrinhação.

ZÉ

Mais do que já tive?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.513

DPF DCDP Fls. N.º 358 Rubrica



SECRETA

Por muito menos, tenho visto muita gente ir parar no xadrez.

ROSA

Xadrez?

SECRETA

Estou avisando como amigo.

ZÉ

Amigo. Já vi que estou cercado de amigos. É amigo por todo o lado. Cada qual querendo ajudar mais do que o outro.

SECRETA

O senhor é um revoltado.

ZÉ

Não era, não. Mas estou ficando.

SECRETA

É por isso que está aqui desde esta madrugada?

ZÉ

É. (Inflamando-se) E daqui não saio enquanto não fizer com que todo mundo me entenda! Todo mundo!

SECRETA

Como pretende fazer isso?

ZÉ

Como...sei lá...mas tem de haver um jeito...tem de haver um jeito...(Desesperado). A vontade que eu tenho é de jogar uma bomba... (Inicia um gesto, como se atirasse uma bomba contra a igreja, mas o braço se mobiliza no ar, ele percebe a heresia que ia proferir, deixa o braço cair e ergue os olhos para o céu). Que Deus me perdoe! (Secreta e Bonitão trocam olhares significativos. Zé-do-Burro avança dois ou três passos em direção à igreja, isola-se do grupo e grita a plenos pulmões) Padre! Padre! (Dedé desce a ladeira e fica assistindo à cena, curioso) Padre, eu andei sete léguas pra vir até aqui! Deus é testemunha! Ainda não comi hoje...e não vou comer até que abra a porta! Um dia, dois...um mês...vou morrer de fome na porta da sua igreja, padre!

Galego deixa a vendola e vem para o meio da praça, no momento em que surgem também na ladeira dois tocadores de berimbau, de instrumento em punho. Colocam-se ao lado de Mestre Coca e ficam apreciando.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.574

DPF DCDP Fls. N.º 359 Rubrica



ZÉ

(Gritando, alucinadamente) Padre, é preciso que me ouça, padre!

Abre-se de súbito a porta da igreja e entra o Padre. O Sacristão atrás dele amedrontado. Grande silêncio. O Padre avança até o começo da escada.

PADRE

Que pretende com essa gritaria? Desrespeitar esta casa, que é a casa de Deus?

ZÉ

Não, Padre, lembrar somente que ainda estou aqui com a minha cruz.

PADRE

Estou vendo. E essa insistência na heresia mostra o quanto está afastado da igreja.

ZÉ

Está bem, Padre. Se fôr assim, Deus vai me castigar. E o senhor não tem culpa.

PADRE

Tenho sim. Sou um sacerdote. Devo zelar pela glória do Senhor e pela felicidade dos homens.

ZÉ

Mas o senhor está me fazendo tão infeliz, padre!

PADRE

(Sinceramente convicto) Não! Estou defendendo a sua felicidade, impedindo que se perca nas trevas da bruxaria.

ZÉ

Padre, eu não tenho parte com o Diabo, tenho com Santa Bárbara.

PADRE

(Agora para toda a praça) Estive o dia todo estudando este caso. Consultei livros, textos sagrados. Naquele burro está a explicação de tudo. É Satanás! Só mesmo Satanás podia levar alguém a ridicularizar o sacrifício de Jesus.

ROSA

Não, Padre, não!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.575

DPF DCDP Fls. N.º 360 Rubrica



PADRE

Por quê não?

ROSA

Porque eu conheço ele. É um bom homem. Até hoje só fez o bem.

PADRE

Lúcifer também foi anjo.

ROSA

É até bom demais. Nunca fêz mal a ninguém, nem mesmo a um passarinho. É capaz de repartir o que é dêle com os outros. De deixar de comer até...pra dar de comer a um burro. É um homem bom, isso eu garanto.

PADRE

Como pode garantir?

ROSA

Sou mulher dele. Vivo com ele. Durmo na mesma cama, como na mesma mesa.

PADRE

Isso não quer dizer nada...

ROSA

(Com mais veemência) Como é que não?! Entra o Guarda da direita e se detém no meio da praça.

PADRE

Lúcifer iludiu o Senhor até o último momento! (Leva o dedo em riste) Mas eu conheço seus adeptos! Mesmo quando se disfarçam sob a pele do cordeiro! Mesmo quando se escondem atrás da cruz de Cristo! A mesma cruz que querem destruir! Mas não destruirão! Não destruirão!

Neste momento, entra Monsenhor. O Padre está no auge de sua cólera. Ao ver Monsenhor, seu braço se mobiliza no ar, como ante uma aparição sobrenatural.

PADRE

Monsenhor!

SACRISTÃO

Monsenhor Otaviano!

PADRE

(Grita para a praça) Deixem passar Monsenhor!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.576

DPF DCDP Fls. N.º 361 Rubrica



Todos abrem passagem e se curvam respeitosamente. Monsenhor avança para a igreja. Ao passar por Zé-do-Burro, este lhe cai aos pés e beija-lhe a mão.

MONSENHOR

(Paternal, magnânimo) Já sei. Estou tratando do seu caso. (Entra na igreja, seguido dos seminaristas, do Padre e do Sacristão. Fecha-se a porta).

GUARDA

É Monsenhor Otaviano! Deve ter vindo a mando do Arcebispo!

ROSA

E o Padre ficou apavorado quando viu ele, reparou?

DEDÉ

Com certeza o Arcebispo mandou puxar as orelhas do Padre.

MINHA TIA

Bem feito!

GALEGO

Bem feito, nada. Se deixam el hombre entrar, prejudicam nuestro negócio.

ZÉ

(Com esperança) Será?...será que o Arcebispo chegou a saber?!

GUARDA

Ora, a cidade inteira já sabe! O rádio já deu!

COCA

Não se fala noutra coisa, da Cidade Baixa até a Cidade Alta!

ZÉ

E ele vir até aqui por causa disso...

ROSA

É, porque veio trazer alguma ordem. E ordem do Arcebispo.

DEDÉ

Mandou o Padre deixar de ser besta.

COCA

Mandou abrir a porta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.517

DPF DCDP Fls. N.º 362 Rubrica



MINHA TIA

Eu disse: Iansan tem fôrça! Agora ele vai entrar! Vai entrar!

ZÉ

Eu sabia que Santa Bárbara não ia me desamparar!

Abre-se a porta da igreja. Surgem Monsenhor e Padre, seguidos do Sacristão. Há um grande silêncio de espectativa.

MONSENHOR

Venho aqui a pedido de Monsenhor Arcebispo. S.Excia. está muito preocupado com o vulto que está tomando este incidente e incubindo-me, pessoalmente, de resolver a questão. A fim de dar uma prova da tolerância da igreja para com aqueles que se desviam dos canônes sagrados...

ZÉ

(Interrompe) Padre, eu sou católico. Não entendo muita coisa do que dizem, mas queria que o senhor entendesse que eu sou católico.

MONSENHOR

Pois bem. Vamos lhe dar uma oportunidade. Se é católico, renegue todos os atos que praticou por inspiração do Diabo e volte ao seio da Santa Madre Igreja.

ZÉ

(Sem entender) Como, Padre?

MONSENHOR

Abjure a promessa que fêz, reconheça que foi feita ao Demônio, atire fora essa cruz e venha, sòzinho, pedir perdão a Deus.

ZÉ

(Cai num terrível conflito de consciência) O senhor acha mesmo que eu devia fazer isso?!..

MONSENHOR

É sua única maneira de salvar-se. A igreja católica concede a nós, sacerdotes, o direito de trocar uma promessa por outra.

ROSA

(Incitando-o a ceder) Zé...talvez fôsse melhor...

...

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.578



DPF DCDP Fls. N.363 Rubrica

ZÉ

(Angustiado) Mas Rosa...se eu faço isso, estou faltando à minha promessa...seja Iansan, seja Santa Bárbara...estou faltando...

MONSENHOR

Com a autoridade de que estou investido, eu o liberto dessa promessa, já disse. Venha fazer outra...

PADRE

Monsenhor está dando uma prova de tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da Igreja e a sua própria intransigência.

ZÉ

(Pausa) O senhor me liberta...mas não foi ao senhor que eu fiz a promessa, foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como castigo, quando eu voltar pra minha roça não vou encontrar meu burro morto.

MONSENHOR

Decida! Renega ou não renega?

MINHA TIA

Eparrei! Maleme pra ele, minha mãe!

COCA

Maleme!

ZÉ

Não! Não posso fazer isso! Não posso arriscar a vida do meu burro!

PADRE

Então é porque você acredita mais na força do demônio do que na força de Deus! É porque tudo que fêz foi mesmo por inspiração do diabo!

MONSENHOR

Nada mais posso fazer então. (Atravessa a praça e sai).

ZÉ

(Corre na direção de Monsenhor) Monsenhor! Me deixe explicar! (No auge do desêspero) Me deixe explicar!

PADRE

Que ninguém agora nos acuse de intolerantes. E que todos se lembrem das palavras de Jesus: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas; e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fôra, enganariam a muitos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.379

DPF DCDP Fls. N.º 364 Rubrica



ZÉ

Padre, eu não quero enganar ninguém.

PADRE

Enganaria a muitos, sim. E muitos o seguiriam ao sair daqui.

ZÉ

Eu não quero que ninguém me siga!

PADRE

Mas seguiriam, como já o seguiram pelas estradas, sem saber que seguiam a Satanás!

ZÉ

(Súbitamente fora de si, corre para a cruz, levanta-a nos braços como um aríete e grita) Padre! Por Santa Bárbara ou por Satanás, vou colocar esta cruz dentro da igreja, custe o que custar!

PADRE

(Ante a decisão que vê estampada no rosto de Zé-do-Burro, recua amedrontado) Eis a prova: um católico não ameaça invadir a casa de Deus! Guarda! Prenda esse homem! ( E ante a investida de Zé-do-Burro, que caminha para a igreja, corre seguido do Sacristão e cerra a porta no momento mesmo em que Zé sobe os degraus. Este, revoltado e vencido, atira a cruz contra a porta. A cruz tomba, extrondosamente, sobre a escada. Zé-do-Burro senta-se num dos degraus e esconde o rosto entre as mãos).

COCA

(Para os tocadores de berimbau) Fiquem aqui. Vou chamar o resto do pessoal...(Sobe a ladeira).

BONITÃO

(Para o Secreta) Que está esperando?...Não está convencido ainda?...

SECRETA

(Faz um sinal afirmativo com a cabeça) Espere...(Sai pela direita).

ROSA

(Que percebeu a troca de palavras entre o Secreta e Bonitão) Espere o quê? Quem é ele?

BONITÃO

Um secreta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.560

DPF
DCDP
Fls. N.365
Rubrica



ROSA

(Começando a compreender) Polícia! Você...?! Você denunciou...?!

BONITÃO

Daqui a pouco, você vai ficar livre dêsse idiota.

ROSA

(Horroriza-se ante a idéia da traição) Você não devia ter feito isso! Não devia!

ROSA

(Angustiada pelo conflito de consciência que se apossa dela) Não...assim, não! Eu não queria assim!...

BONITÃO

Agora...está feito.

Rosa se debate em seu conflito: de um lado, sua noção de lealdade gerando um repúdio natural à delação. Do outro, todos os seus recalques sexuais, sua ânsia de libertação, de realização mesmo, como mulher, que Bonitão veio despertar. Enquanto isso, Zé-do-Burro, sentado nos degraus da igreja, sofre uma crise nervosa. Soluça convulsivamente, Os tocadores de berimbau fazem gemer a corda de seus instrumentos.

E lentamente, enquanto as luzes de cena se apagam, CAI O PANO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.581

DPF
DCDP
Fls. N.º 366
Rubrica



Entardecer. A praça está cheia de gente. Na escandaria da igreja, Zé-do-Burro e Rosa. Na Vendola o Galego. À frente da vendola, formou-se uma roda de capoeira. Dois tocadores de berimbau, um de pandeiro e um de reco-reco, sentados num banco, e os "camarados", formando um círculo, ao centro do qual, de cócoras, diante dos músicos, estão Mestre Coca e Manoelzinho Sua-Mãe, Dedé Cospe-Rima está entre os componentes da roda e Minha Tia não se encontra em cena. Choram os berimbaus e Rosa, dominada pela curiosidade, aproxima-se da roda.

MESTRE DO CÔRO

(Canta):

Sinhazinha que vende aí?
Vendo arros do Maranhão
Meu sinhô mandô vendê
Na terra do Salomão.
Aruandê
Camarado

CÔRO

É ê
Aruandê
Camarado

MESTRE

Galo cantô

CÔRO

É, ê
Aruandê
Camarado

MESTRE

Cocorocô

CÔRO

É, ê
Aruandê
Camarado

MESTRE

Goma de gomá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.582

DPF
DCDP
Fls. N.º 367
Rubrica



CÔRO

É, ê
Goma de gomã
Camarado

MESTRE

Ferro de matã

CÔRO

É, ê
Ferro de matã
Camarado

MESTRE

É faca de ponta

CÔRO

É, ê
Faca de ponta
Camarado

MESTRE

Vamos embora

CÔRO

É, ê
Vamos embora
Camarado

MESTRE

Pro mundo Afôra

CÔRO

É, ê
Pro mundo afôra
Camarado

MESTRE

Dã volta ao mundo

CÔRO

É, ê
Volta do mundo
Camarado.

E tem início o jogo. Mestre Coca e Manoelzinho Sua-Mãe percorrem a roda virando o corpo sôbre as mãos e começam a luta-dança, cuja coreografia é ditada pelo toque do berimbau.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.583



DPF
DCDP
Fls. N.º 368
Rubrica

DEDÉ

(Grita) Quero ver um "rabo d'arraia", Mestre Coca!

UMA VOZ

Manoelzinho Sua-Mãe é porreta no aü!

OUTRA VOZ

Eu queria vê isso à vêra.

MESTRE DO CÔRO

Quem te ensinô essa mandinga?
- Foi o nêgo de sinhã.
O nêgo custô dinhêro
dinhêro custô ganhã,
Camarado.

CÔRO

Cai, cai, Catarina,
sarta de mã, vem vê Dalina.

MESTRE DO CÔRO

Amanhã é dia santo,
dia de corpo de Deus
Quem tem roupa vai na missa,
quem não tem faz como eu.

CÔRO

Cai, cai, Catarina,
sarta de mã, vem vê Dalina.

MESTRE DO CÔRO

Minino, quem foi teu mestre?
quem te ensinô a jogã?
- Sô discip'o que aprendo
meu mestre foi Mangangã,
na roda que ele estêve,
outro mestre lã não hã,
Camarado.

CÔRO

Cai, cai, Catarina,
sarta de mã, vem vê Dalina.

Rosa, apreensiva, nervosa, desinteressa-se da capoeira: vai atê a ladeira, olha para o alto, ansiosamente, como se esperasse alguêm, depois volta pra junto do marido. Muda o rítmo do jogo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564/PSP4

DPF
DCDP
Fls. N.º 369
Rubrica



MESTRE DO CÔRO

Panha a laranja no chão, tico-tico
Ãi, se meu amô fô s'imbora eu não fico

CÔRO

Panha a laranja no chão, tico-tico

MESTRE DO CÔRO

Minha camisa ẽ de renda de bico

CÔRO

Ponha a laranja no chão, tico-tico

MESTRE DO CÔRO

Ãi, se meu amô fô s'imbora eu não fico.

E novamente muda o jogo, agora, com os dois jogadores empenhando-se em golpes de espantosa agilidade, no rítmo cada vez mais acelerado da música.

MESTRE DO CÔRO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuã

CÔRO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuã

MESTRE DO CÔRO

Vou pidi a Santa Bárbara
Pra ela me ajudã

CÔRO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuã[1]

Esse estribilho ẽ repetido várias vezes em rítmo cada vez mais rápido, atẽ que Minha Tia surge no alto da ladeira e merca, num canto sonoro.

MINHA TIA

Ôia, o ca-ru-ru!

Cessa de repente o canto e o acompanhamento. Os jogadores param de jogar.

MINHA TIA

Ẽ o carurũ de Santa Bárbara, minha gente!

A roda de capoeira se desfaz, alegremente! Todos cer-

1 A capoeira não deve durar mais que dois minutos, a fim de não quebrar a continuidade dramática da peça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.585

DPF DCDP Fls. N.º 370 Rubrica



Minha Tia, que vai instalar seu tabuleiro no local costumeiro, ajudada pelos capoeiristas. Apenas os músicos continuam nos seus bancos e Mestre Coca vai à vendola. Rosa também permanece junto do marido, demonstrando um nervosismo, uma ansiedade crescente.

DEDÉ

O primeiro carurú é meu, Minha Tia!

Minha Tia enche um prato e coloca-o de lado, no chão.

DEDÉ

Pra quem é esse?

MINHA TIA

É pra Santa. (Enche outro parto, dá a Dedé)

Agora sim, é seu.

Dedé recebe o prato e dirige-se à vendola.

COCA

(Coloca uma nota sobre a de Mestre Coca) Casado.

COCA

Fica na mão de quem? (Dedé vem se aproximando) De Dedé Cospe-Rima.

DEDÉ

Também quero entrar nessa aposta.

COCA

O Galego diz que o padreco não deixa o homem entrar. Eu digo que vai acabar entrando, hoje mesmo, com cruz e tudo.

GALEGO

Entra nada. Yo conheço esse padre. Moça com vestido decotado no entra nesta igreja. Yo mismo já vi ele parar la missa até que uma turista americana, de calças compridas, se retirasse...

DEDÉ

E eu digo que o homem emtra, mas não hoje, amanhã. O Padre quer humilhar ele primeiro, mas depois vai ficar com mêdo de le ir se queixar pra Santa Bárbara e vai abrir a pirta.

GALEGO

Pero usted no entenderam la cosa. Ele no fêz promessa pra Santa Bárbara. Fêz para Iansan, num Candomblé.

COCA

E que tem isso?

GALEGO

Tem que candomblé és candomblé e igreja és igreja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.586

DPF
DCDP
Fls. N.371
Rubrica



COCA

E a Santa não ē a mesma?

DEDĒ

Não, o Galego tem razão. A santa pode ser a mesma, mas o Padre tem mēdo da concorrência e quer defender o seu negócio.

COCA

Mas não adianta. Iansan tem força. O homem entra.

GALEGO

Nem Iansan nem todos os orixās do candomblē fazem ele entrar.

DEDĒ

Entra, sim. Amanhã ele entra. (Num tom de mistério) E não se admirem se fôr eu que fizer ele entrar...

GALEGO

Usted?

DEDĒ

Sim, eu, Dedē Cospe-Rima.

COCA

E como?

DEDĒ

Ah, isso ē segrêdo profissional...

COCA

Então, se ele entrar hoje, ganho eu. Se entrar amanhã, ganha você. Se não entrar, ganha o Galego.

DEDĒ

Fechado.

COCA

Bota cem pratas (Estende a mão).

(Segura o prato com u'a mão, com a outra remexe os bolsos) Não tenho ainda não, mas de noite eu lhe dou.

COCA

(Desconfiado) Vê lā, heim? (Dā o dinheiro ao Galego) Por via das dūvidas, fica com o dinheiro, Galego.

MANOELZINHO

(Aproxima-se de Mestre Coca) Tu tā um bicho na capoeira, Msetre Coca.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.587

DPF
DCDP
Fls. N.º 342
Rubrica



COCA

Você é quem diz.

MANOELZINHO

Tinha ido lá pro mercado, pensando que ia ser lá a vadiação. Lá me disseram que tinha vindo todo mundo pra cá...

COCA

Por causa do homem da cruz.

MANOELZINHO

Diz que ele quer cumprir obrigação pra lansan...

UM CAPOEIRA

Quer botar essa cruz lá dentro da igreja.

OUTRO CAPOEIRA

E já quiseram até prender ele.

MANOELZINHO

Só por causa disso?

UM CAPOEIRA

Então.

MANOELZINHO

Não pode!

COCA

Não pode e não vão fazer. O homem não fêz nada.

DEDÉ

(Aproxima-se de Zé-do-Burro) Amanhã... Vou hoje pra casa escrever a história dêsse padre. Sei umas coisas dele...e se precisar a gente inventa. Amanhã vou chegar aqui com uma tabuleta: "Aguardem! O padre que fechou a casa de Deus!" Vai ver se ele abre ou não abre a porta. Ou abre ou vai ter que me passar uma gaita pra não publicar os versos. (pisca o olho e afasta-se).

MINHA TIA

(Para Rosa) Não quer também, iaiá?

ROSA

Não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.588 077 DPF DCDP Fls. N.º 373 Rubrica



Caruru de Santa Bárbara. Antigamente a gente fazia isso e era de graça. Hoje, com a vida do jeito que está, a gente tem mesmo é que cobrar.

GALEGO

(Atravessa a praça com um prato de sanduiche na mão e vai a Zé-do-Burro) Pero yo no cobro nada. (Oferece) Oferta da casa.

ZÉ

Pra mim?

GALEGO

Si, para usted. Cachorro quente. Después traré um cafezito.

ZÉ

Não, obrigado.

GALEGO

Pode aceitar sin constragimento. E podemos até hacer un negócio. Se usted promete no arredar pé de acá, yo me comprometo a fornecer comida e bebida gratuitamente para los dos.

ZÉ

Não, não tenho fome.

GALEGO

(Muito preocupado) Pero, asi usted no poderá resistir!

ZÉ

Não importa.

GALEGO

(Oferece a Rosa) A Senhora não quer?...

ROSA

Não estou com vontade.

GELEGO

(Encolhe os ombros, conformado) Bien....(Volta à venda).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.589



DPF
DCDP
Fls. N.º 374
Rubrica

ZÉ

(Ele observa a intranquilidade indisfarçável de Rosa, que a todo o momento olha assustada para a ladeira ou para a rua, esperando ver surgir a polícia). Que é que você tem?

ROSA

Nada. Queria era ir embora.

ZÉ

Sózinha?

ROSA

Não, com você.

ZÉ

(Com intenção) Pensei que estivesse farta de mim.

ROSA

(Nervosamente) Estou farta é dessa palhaçada. Estamos aqui bancando os bobos. Toda essa gente está rindo de nós, Zé! Quem não está rindo,está querendo se aproveitar! É uma gente má, que só pensa em fazer mal. (Sacode-o pelos ombros, como para chamá-lo à realidade) Largue a cruz onde está, Zé, e vamos embora pra nossa roça, antes que seja tarde demais!

ZÉ

De que é que você está com mêdo?

ROSA

De tudo.

ZÉ

Não é de você mesma?

ROSA

Também! Mas já não sou eu quem corre perigo.

ZÉ

Que perigo?

ROSA

Você não vê? Não sente? Não respira? Está no ar!... E cada minuto que passa, aumenta o perigo. (Olha para todos os la

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,PS90
DPF DCDP Fls. N.° 575 Rubrica



dos, como fera acuada) Esta praça está ficando cada vez menor... como se eles estivessem fechando todas as saídas. (Volta-se para ele, com veemência) Vamos embora, Zé, enquanto é tempo!

ZÉ

(Desconfiado) Que deu em você assim de repente?

ROSA

Não é de repente, desde que chegamos que eu estou querendo voltar. Você foi que teimou em ficar. Por mim, você tinha largado aí essa cruz e voltado no mesmo pé. (Com intenção) A esta hora, já estava na estrada, longe daqui, e nada tinha acontecido...

ZÉ

Você acha que depois de andar sete léguas eu ia voltar sem cumprir a promessa?

ROSA

Você já pagou essa promessa, Zé. Não é sua culpa se há gente sempre disposta a ver demônios em toda a parte, até mesmo naqueles que estão do seu lado e que odeiam também o demônio. É gente que vai acabar enxergando na própria sombra a figura do diabo.

Entreabre-se a porta da igreja e surge na fresta a cabeça do Sacristão, que, ao ver Zé-do-Burro, torna a entrar e fechar a porta.

ROSA

Está vendo? O Padre mandou ver se você ainda estava aqui; não vai abrir a porta enquanto a gente não for embora. Vamos, Zé!

ZÉ

(Reage com irritação, procurando combater em si mesmo o desejo de ceder) Não, já disse que não. Só arredo pé daqui depois de levar a cruz lá dentro da igreja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564 P.591

DPF
DCDP
Fls. N.º 346
Rubrica



O Secreta entra da direita e atravessa a praça em direção à vendola, observando, dissimuladamente, Zé-do-Burro. Ao vê-lo, Rosa não esconde a sua inquietação. Acompanha-o com um olhar amedrontado até a vendola.

SECRETA

(Para o Galeto) Uma meladinha.

Galego serve a cachaça com mel.

ZÉ

(Notando a apreensão de Rosa) Que há?

ROSA

Ele não é nosso amigo.

ZÉ

E quem tem isso?

ROSA

Ouvi dizer que é da Polícia.

ZÉ

Não sou nenhum criminoso, não fiz mal a ninguém.

ROSA

Por isso mesmo que eu tenho mêdo, porque você não sabe fazer mal...e eles sabem!

Mestre Coca e Manoelzinho vão à vendola, encostam-se no balcão junto do Secreta.

GALEGO

Quem van hacer com o homem?

SECRETA

Deixe que eu cuido disso.

COCA

Mas ele não fêz nada...

SECRETA

(Lança a Mestre Coca um olhar de intimidação) E é melhor não se meterem onde não são chamados.

Secreta bebe a cachaça de um trago, coloca uma moeda sobre o balcão e volta a atravessar a cena, com ar misterioso, saindo pela rua da direita. Mestre Coca a Manoelzinho trocam um olhar de solidariedade.

ROSA

Ele só veio ver se a gente ainda estava aqui... vamos aproveitar, antes que ele volte.

ZÉ

Deixe de bobagem. Não sou menino que quando brinca com fogo mija na cama. (Põe-se a picar fumo num andar faquinha).

MARLI!

(Entra da direita, atravessa a cena, lentamente, num andar provocante).

DEDÉ

(Referindo-se a Marli) Boa moça...Só que... casou com a humanidade...

Mestre Coca ri.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.592

DPF
DCDP
Fls. N.° 317
Rubrica



MARLI

(Na vendola, para o Galego) Viu Bonitão?

GALEGO

Já estêve aqui várias vêzes, hoy.

MARLI

(Referindo-se a Rosa) Eu sei...e sei também o motivo.

GALEGO

Festa de Iansan?...

MARLI

Não é bem Iansan, é outro orixá...

ROSA

(Para Zé-do-Burro) Vou ali, preciso falar com aquela mulher.

ZÉ

Que é que você ainda tem que falar com ela? Não lhe basta a vergonha que ela lhe fêz passar?

ROSA

Mas eu preciso, Zé! Eu preciso! (Vai à vendola, Zé-do-Burro a segue com um olhar de profunda desilusão)Preciso falar com você.

MARLI

(hostil, estranhando) Comigo?

ROSA

Ou melhor, com ele, Bonitão. Onde está ele?

MARLI

Sujeita sem vergonha. Dá em cima do meu homem e ainda tem o descaramento de vir me pedir pra dizer onde ele está! Não lhe basta o seu? Precisa do meu pra se contentar?

ROSA

Não preciso do seu homem pra nada. Quero só falar com ele, pra evitar uma desgraça.

MARLI

(Ameaçadora) Se você quer mesmo evitar uma desgraça, o melhor é deixar ele em paz.

ROSA

Mas eu tenho que falar com ele. Juro que é assunto sério.

MARLI

Você pode enganar o trouxa do seu marido. Mas a mim, não!

ROSA

Onde ele mora?

MARLI

Mora Comigo.

ROSA

Mentira. Eu sei que ele mora num hotel.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.593

DPF DCDP Fls. N.° 348 Rubrica



MARLI

Pois vá lá atrás dele, pra ver o que lhe acontece.

ROSA

(Reagindo) Páre com isso que eu não tenho medo de você.

MARLI

Nem eu de você,

As duas se olham desafiadoramente a ponto de quase se atracarem. Zé-do-Burro, que ouviu a discussão, aproxima-se.

ZÉ

Rosa, você perdeu a cabeça? Não sabe qual é o seu lugar? Discutindo na rua com uma...(completa a frase com um gesto de* desprezo).

MARLI

Com uma o quê, seu beato pamonha? Carola duma figa! A mulher dando em cima do homem da gente e ele agarrado aí com essa cruz! Isso também faz parte da promessa?

ROSA

Cale essa boca! Não se meta com ele. Ele não tem nada com isso!

MARLI

Não Tem! Não é seu marido?

ROSA

É, mas não se rebaixa a discutir com você.

MARLI

(Mede-o de cima a baixo, com mais desprezo ainda)Côr no manso! (Dá-lhe as costas, bruscamente e sobe a ladeira).

Galego solta uma gargalhada, que corta de súbito,ante o olhar ameaçador de Zé-do-Burro. Este, num gesto institivo, ergue a pequena faca de picar fumo.

ROSA

Zé!

GALEGO

(Intimidado) Perdon...no se puede dar confiança a esas mujeres...

ZÉ

(Para Rosa, num tom que revela sua desilusão, sua revolta e sua decisão de não mais deixar-se iludir) Esta noite a gente vai embora.

ROSA

E por quê não agora?

ZÉ

Vamos deixar passar o dia de Santa Bárbara.

ROSA

De noite, talvez seja tarde...

ZÉ

Tarde pra quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.594

DPF
DCDP
Fls. N.º 379
Rubrica



ROSA

Pra voltar!

ZÉ

O que você ainda queria falar com aquele sujeito?

ROSA

Pedir pra ele deixar você em paz.

ZÉ

A mim?

ROSA

Ele denunciou você à polícia.

ZÉ

Mas eu sou um homem de bem. Nunca tive nada com a polícia.

ROSA

Eu sei. Mas eles torcem as coisas. Confundem tudo. (Angustiada) Zé! Ouça o que eu digo. A gente devia ganhar a estrada agora mesmo. Neste minuto.

O Repórter e o fotógrafo entram pela direita, a tempo de ouvirem a última "fala" de Rosa.

REPÓRTER

Eh, que é isso? Já estão pensando em ir embora?!

ZÉ

(Hostil) Vou embora quando quiser, não tenho que dar conta disso a ninguém. (Dá as costas ao Repórter, ostensivamente e volta para junto da cruz, na escadaria da igreja. O Fotógrafo conversa qualquer coisa com os componentes da roda de capoeira e sai seguido de Mestre Coca e mais três ou quatro).

REPÓRTER

Vocês não estão falando sério, não?...Sim, porque eu espero que você cumpram o que prometeram. Meu jornal está cumprindo. Já tomei todas as providências para que sua estada aqui até segunda-feira seja a mais agradável possível.

ROSA

Como?

Neste instante, entram os capoeiristas conduzindo primeiro uma tenda de pano já armada e em seguida um colchão de molas. Na tenda, há um letreiro: Oferta da Casa da Lona. No colchão há outro: Gentileza da Loja Sonho Azul. Com enorme espanto de Zé-do-Burro e Rosa, eles colocam a barraca no meio da praça e o colchão dentro da barraca.

REPÓRTER

Fomos aos nossos clientes e eles se dispuseram prontamente a colaborar conosco.

Entra o Fotógrafo trazendo uma mesinha e um aparelho de rádio de pilha que coloca também na barraca.

ZÉ

(Surpreso) O Senhor trouxe essas coisas...pra nós?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.595



DPF DCDP Fls. N.º 380 Rubrica

REPÓRTER

Bem...julgamos que um pouco de conforto durante esses dias não reduzirá também o valor de sua promessa. Além disso, segunda-feira, depois da entrada triunfal na igreja, o senhor percorrerá a cidade em carro aberto, com batedores, num percurso que irá daqui até a redação do nosso jornal. De lá, irá ao Palácio do Governo, onde será recebido pelo Governador. (Zé vai dizer qualquer coisa e ele o interrompe) Já sei: vai dizer que se o vigário de Santa Bárbara não o deixar entrar em sua igreja, o Governador vai também lhe bater com a porta na cara. Não se preocupe. Já estamos mexendo os pausinhos. E se o senhor puder dizer uma palavrinha a favor do candidato oficial nas próximas eleições, estará tudo arranjado.

ROSA

Por favor, leve tudo isso daqui. Nós estamos de partida.

REPÓRTER

De partida? Não, não pode ser...isso seria um desastre para mim...O jornal já fez despesas...já compramos foguetes, contratamos uma banda de música para a volta...

ROSA

A volta vai ser hoje mesmo.

REPÓRTER

Hoje?! Mas não dá tempo!...Não está nada preparado.. O que é que a senhora pensa? Que é assim tão simples organizar uma promoção de venda? É muito fácil pegar uma cruz, jogar nas costas e andar sete léguas. Mas um jornal é uma coisa muito complexa. Mobilizar todos os departamentos para dar cobertura... e depois, eu já lhe disse, amanhã é domingo, não tem jornal!

ROSA

(Irritando-se) E qual é o meu?! Que se dane o seu jornal! Eu quero é ir embora daqui! O Zé tem razão, vocês todos querem ajudar, ajudar...ajudam mas é a desgraça a vida da gente.

REPÓRTER

Está precisando de alguma ajuda...particular?

ROSA

Estou. A Polícia anda rondando a praça.

REPÓRTER

A Polícia?

ROSA

Um secreta. Estão querendo levar ele preso.

REPÓRTER

Por quê?

ROSA

(Pensa um pouco) Talvez porque ele é bom demais... E o resto é gente safada.

REPÓRTER

Hum...bem me pareceu que por trás dessa história do burro, da promessa havia qualquer coisa...uma intenção oculta e um objetivo político. A Polícia, naturalmente, percebeu também...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P596



DPF DCDP Fls. N.º 381 Rubrica

ROSA

Mas ele não tem nenhuma intenção, a não ser a de pagar a promessa.

REPÓRTER

(Sorri, descrente) É claro que a senhora não vai dizer. Nem ele também. Mas podem contar comigo e com o meu jornal. Se ele for prêso, daremos toda a cobertura. Abriremos manchetes na primeira página. Será uma maravilha para ele!

ROSA

Maravilha! Maravilha ser prêso?!

REPÓRTER

Todo líder precisa ser prêso pelo menos uma vez!

ROSA

Líder...eu acho que o senhor é maluco. O senhor, esse padre, a polícia, todos. E eu também, se não me cuidar, vou acabar ficando.

(Olha, ansiosamente, para o alto da ladeira)

REPÓRTER

(Chama de parte o Fotógrafo) Prepare-se, que daqui a pouco é capaz de haver um bafafá...

Rosa, angustiada, volta para junto do marido.

ROSA

Desista, Zé. Desista.

ZÉ

Por quê você não senta aqui e espera até a hora de ir embora?

ROSA

(Senta-se num degrau) É, o jeito é esperar...

DEDÉ

(Vai a eles com seus folhetos) E enquanto espera, deve aproveitar para melhorar sua cultura. O "ABC da Mulata Esmeralda", modestia à parte, é uma verdadeira jóia da literatura brasileira. Por 10 cruzeiros apenas, o senhor poderá ler os* mais inspirados versos que uma mulata jamais inspirou. Zé-do-Burro balança negativamente a cabeça. Dedé vai a minha Tia.

DEDÉ

Poesia está muito por baixo, Minha Tia. Quem está por cima é o caruru. (Aproxima-se da roda de capoeira. Zé-do-Burro sobe um ou dois degraus, fita, revoltado, a porta cerrada).

MINHA TIA

(Para Zé-do-Burro) Não desanime, moço. Hoje é dia de Iansan, mulher de Xangô, Orixá dos ráios e das tempestades. Mais logo, nos terreiros, ela está descendo no corpo dos seus cavalos. Vai falar com ela, moço, vai pedir a proteção de Iansan que tudo quanto é porta há-de se abrir. (Ouvem-se trovões mais fortes que da vez anterior) Óia!... (Aponta para o céu) Iansan está falando!...(Abaixa-se, toca o chão com a ponta dos dedos, depois a testa e saúda Iansan) Êparrei, minha mãe!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.549
086
DPF
DCDP
Fls. N.º 382
Rubrica

Neste momento, surge Bonitão na ladeira. Rosa, levanta-se, movida por uma mola. Zé-do-Burro, com os olhos pregados na porta da igreja, não o vê. Não vê que os olhares de Rosa e Bonitão se cruzam de um extremo a outro da praça. É que ele, da ladeira, faz para ela um gesto, convidando-a a acompanhá-lo. Rosa hesita, presa de tremendo conflito. Olha para Zé-do-Burro, para Bonitão. Este a espera, certo de que ela acabará por ir ao seu encontro. Minha Tia, Galego e Dedé percebem o que se passa e aguardam atentamente. Vendo que ela não se decide, Bonitão dá de ombros, sorri e acena num gesto curto de despedida. Inicia a subida da ladeira, mas pára depois de dar dois ou três passos, fora do ângulo visual de Rosa e Zé-do-Burro. Ela, como que atraída por um imã, inicia o movimento para segui-lo, quando Zé-do-Burro volta-se.

ZÉ

Aonde vai, Rosa?

ROSA

(Detém-se) Vou ali, já volyo.

ZÉ

Ali aonde?

ROSA

No hotel onde dormi. Lembrei agora que esqueci o meu lenço. (Avança mais na direção da ladeira).

ZÉ

Rosa!

ROSA

(Pára já na altura da ladeira, vê Bonitão à sua espera) Que é?

ZÉ

(Num apêlo e numa advertência que é quase uma súplica) Deixe esse lenço pra lá!

ROSA

(Hesita ainda um pouco) Não posso, Zé. Eu preciso dele!

ZÉ

Compro outro pra você, Rosa!

ROSA

Pra quê, gastar dinheiro à toa...é daquele que eu gosto! (Sobe a ladeira).

Bonitão passa o braço pela cintura dela e os dois sobem a ladeira. Galego e Dedé Cospe-Rima trocam olhares significativos.

DEDÉ

(Canta)
Quem corta e prepara o pau,
quem cava e faz a gamela
toma a si todo o trabalho
e depois fica sem ela...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.548



DPF DCDP Fls. N.º 383 Rubrica

O sino da igreja começa a tocar as Ave-Maria A Beata surge no alto da ladeira, apressada. Ao passar pela roda de capoeira, que novamente se anima, tem um ar de repulsa e indignação.

BEATA

Falta de respeito Bem em frente da igreja. êste mundo está perdido...

MINHA TIA

(oferece) Caruru,Iaiá?

BEATA

(pára junto a ela) Que?

MINHA TIA

Caruru de Iansan...

Beata

(Como se ouvisse o nome do diabo)Iansan?
E que é que eu tenho com dona Iansan?Sou católica apostpolica romana, não acredito com bruxarias.

MINHA TIA

Adiscurpe Iaiá, mas Iansan e Santa Bárbara não é a mesma coisa?

BEATA

Não é não senhora Santa Bárbara é uma santa. E Iansan é....é coisa de candomblé que Deus me perdôe...(benze-se repetidas vêes e sai)

CÔRO

Quem corta e prepara o pau
Quem cava e faz a gamela,
Toma a si todo trabalho
E depois fica sem ela

Mestre Coca, entra correndo.

COCA

(A ZÉ-do-burro) Meu camarada trate de ir embora

ZÉ

O que?

COCA

Chegoi um carro da Policia Êles estão com o Padre, na sacristia.

MINHA TIA

Vieram por causa dêle?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564 P.599 Fl 158

DPF DCDP Fls. N.º 384 Rubrica

COCA

Então

ZÉ

Mas eu não roubei, não matei ninguém

DEDÉ

Quer um conselho? Experiência própria: com a policia, é melhor fugir do que discutir.

COCA

Ande depressa que nós aguentamos êles aqui até você ganhar o mundo

ZÉ

Não, eu não vou fugir como qualquer criminoso, se estou com a minha consciência tranquila.

DEDÉ

Êle não se separa da cruz.

COCA

A gente esconde a cruz

MINHA TIA

E de noite êle leva ela pra Iansan.

COCA

Vamos todo mundo levar Todos os capoeiras da Bahia

MINHA TIA

É a mesma coisa, meu filho Iansan é Santa Bárbara. Eu lhe mostro lá no "pêji" a imagem da santa.

COCA

É preciso se decidir, meu camarada Antes que seja tarde

ZÉ

(Balança a cabeça a cabeça, sentindo-se perdido e abandonado)
Santa Bárbara me abandonou Por quê, eu não sei... não sei

ROSA

(desce a ladeira correndo) Zé Não adianta... não adianta mais... Falei com êle, mas não adianta. A Policia já está ai Vem cercar a praça

COCA

Eu não disse?

DEDÉ

É preciso andar depressa, meu irmão

MINHA TIA

Some daqui, meu filho

ROSA

Vamos, Zé

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.600 FL 89

DPF DCDP Fls. N.º 385 Rubrica

ZÉ

Santa Bárbara me abandonou, Rosa

ROSA

Se ela abandonou você, abandone também a promessa Quem sabe se não é ela mesma que não quer que você cumpra o prometido?

ZÉ

Não... mesmo que ele me abandone... eu preciso ir até o fim... ainda que já não seja por ela... que seja só pra ficar em paz comigo mesmo.

Súbitamente, abre-se a porta da igreja e entram o Delegado, o Secreta, o Guarda o Padre e o Sacristão.

SECRETA

(Aponta para Zé-do-Burro) É esse ai,(Avança para ZÉ-do-Burro, seguido do Delagado e do Guarda)

GUARDA

(Como que se desculpando) Eu Já cansei de pedir a êle pra sair daqui, seu Delegado, não adiantou...

DELEGADO

Faz o Guarda calar com um gesto autoritário) Seus documentos.

ZÉ

(Estranha) Documentos?....

DELEGADO

Carteira de identidade

ZÉ

Tenho não...

DELEGADO

Outra carteira, outro documento qualquer.

ZÉ

Moço, eu vim só pagar uma promessa. A Santa me conhece, não precisava carteira de identidade.

DELEGADO

( Sorri irônico) Pagar processa... pensa que nós somos idiotas.

SECRETA

Não demora e êle conta a história do burro...

DELEGADO

Você vai contar essas histórias tôdas mas é na Delegacia. Vamos acompanhe-me

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.601

DPF DCDP Fls. N.º 386 Rubrica



ZÉ

(Seu olhar vai do Delegado ao Secreta e ao Guarda sem entender o que se passa) Acompanhar o senhor... pra que?

DELEGADO

Mais tarde você verá. Sou delegado distrito.Obedeça.

ZÉ

Não posso. Não posso sair daqui

DELEGADO

Não pode por que?

COCA

Promessa, seu Delegado. êle é crente.

DELEGADO

O Padre disse que êle ameaçou invadir a igreja.Pediu garantias

SECRETA

Eu mesmo ouvi você dizer que ia jogar uma bomba. Todo mundo aqui é testeminha.

DELEGADO

Uma bomba, hem... Vamos à Delegacia... quero que o senhor me explique isso tudo direitinho.

SECRETA

Vamos (Segura Zé-do-Burro por um braço mas êste se desvencilha) Que é? Vai reagir?

GUARDA

(Apaziguador) Acho melhor o senhor obedecer...

DELEGADO

Se êle reqgir,pior para êle. Não estou disposto a perder tempo e conheço de sobra êsses tipos. Só se emtregam mesmo é á bala.

ROSA

NÃO

ZÉ

Os senhores devem estar enganados. Devem estar me confundindo com outra pessoa. Sou um homem pacato, vim só pagar uma promessa que fiz a Santa Bárbara. (Aponta para o Padre)Ai está o vigário para dizer se é mentira minha

z PADRE

È mentira sim. E não sómente mentira, tambem um sacrilégio

ZÉ

Padre, o senhor não pode dizer que é mentira, que eu não fiz essa promessa.

PADRE

Sim, talvez tenha feito, por inspiração de Satanás. Há quem diga que não estamos mais em época de acreditar em bruxas. No entanto, elas ainda existem. Mudaram talvez de aspecto,como Satanais mudou de métodos. É mais difícil combatê-las agora, poqque são inúmeros os seus disfarce. Mas o objetivo de tôdos continua a ser um só: a destruição da Santa Madre Igreja.

DELEGADO

Padre, êste homem...

PADRE

Êste homem teve tôdas as oportunidades para arrepender-se Deus é testemunha de que fiz todo o possivel para salvá-lo.Mas êle não quer ser salvo.Pior para êle.

DELEGADO

(que ganhou decisão com o sermão do Padre)
Sim pior para êle (Avança um passo na direção de Zé-do-Burro que recua e fica encurralado contra a parede)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.602



DPF DCDP Fls. N.º 387 Rubrica

ZÊ

(Decidido a resistir) Não. Ninguem vai me levar prêso. Não fiz nada pra ser prêso

DELEGADO

Se não fêz não tem o que temer, será sôlto depois. Vamos à Delegacia.

ROSA

Não, Zé, não vá

GUARDA

É melhor... na Delegacia o senhor esplica tudo

DEDÉ

Não cáia nessa, meu camarada

ZÉ

Agora eu decido: só morto me levam daqui. Juro por Santa Bárbara, só morto.

SECRETA

(Vê a faca ha mão de Zé-do-Burro) Tome cuidado,(Chefe) que êle está armado.(Observa a atitude hostil dos capoeiras) E essa gente está do lado dêle

COCA

Estamos mesmo. E aqui vocês não vão prender ninguém

DELEGADO

Não vamos por que?

MANOELZINHO

Porque não está direiro

DELEGADO

Estão querendo comprar barulho?

COCA

Vocês que sabem...

DELEGADO

Não se metem, senão vão se dar mal

SECRETA

E é melhor que se afastem.

ROSA

Zé

ZÉ

Me deixe, Rosa. Não venha pra cá

Zé-do-Burro, de faca em punho recua em direção à igreja Sobe um ou dois degraus, de costas. O Padre vem por trás e dá uma pancada em seu braço fazendo com que a faca vá cair no meio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569, P.603

# TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 388
Rubrica

TÍTULO O PAGADOR DE PROMESSAS

AUTOR: DIAS GOMES

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anos

Praça SR/RN

Obs.:

DF. BSB / 24 / 03 / 83

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 18 (dezoito) anos, Sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: confronto

Brasília-DF, 08 de 04 de 1983

Hellé Prudente Carvalhedo
Mat. 2 415 791

Brasília-DF de de 1.97

II - Temática adulta

4) SERVIÇO DE CENSURA

Á consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 18 anos.

Brasília-DF, 11 de 04 de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 11 / 04 / 1983

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.604

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 389
Rubrica

PARECER Nº 1706 / 83

TÍTULO: "O PAGADOR DE PROMESSAS"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

AUTOR - ALFREDO DIAS GOMES

A peça - texto -,contém a estória de um lavrador,devoto de Santa Bárbara,que se vê em apuros para conseguir cumprir a promessa feita à santa ou seja - levar carregando nas costas,uma pesada cruz de madeira -,de sua roça até uma igreja de Santa Bárbara na cidade,pela graça alcançada com a sobrevivencia de seu burro "Nicolau",que fora atingido por uma árvore ao cair,sendo o animal,salvo somente por uma deferencia especial - milagre - da santa.

O dilema maior do pagador de promessas surge , após sua chegada à igreja,onde o padre não lhe permite entrar com a cruz,dizendo que Zé do burro estava sendo tentado pelo demônio etc.,uma vez ter sido a promessa feita em favor de animal irracional.É dia de Santa Bárbara, a praça fica apinhada de gente - devotos e/ou curiosos com aquele homem e sua cruz -,aparecem os"amigos" cada qual querendo ajudar ao roceiro,todos,entretanto, têm segundas intenções,dentre estes está "Bonitão, um jigolô,interessado em Rosa a mulher do matuto,consegue seu intento,levando-a para um hotel próximo.

Um jornalista,antevendo o sensacionalismo e consequentemente uma grande tiragem de seu jornal,faz uma entrevista com Zé do burro,tira fotos,publicando destorcidamente as palavras e intenções do simples camponês.

O padre apavorado com toda aquela confusão , e,persistencia do homem em pagar sua dívida para com a santa,chama a polícia que tenta prender Zé,no entanto,

BR DFANBSB NO.CPR.TEAP.TE 0569, P.005

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 390
Rubrica

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: " O PAGADOR DE PROMESSAS"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

AUTOR - ALFREDO DIAS GOMES

CONTINUAÇ-ÃO

os capoeiristas devotos de Yansan - do candomblé, não permitem a ação da polícia, gerando-se um tremendo hifi fi, que termina com a morte de Zé do burro ferido por um tiro. A polícia retira-se para buscar reforço, os protagonista, aproveitam e colocando o cadáver sobre a Cruz, levam-no até o Altar-Mor, sob os olhares atônitos do padre e o sacristão.

O texto ora apresentado para confronto com os já liberados e anexados ao processo, mantém a idéia central em seu todo, há inserções e supressões, que no entanto não altera o conteúdo do mesmo, em relação aos demais já liberados.

Por não haver interesse expresso, por parte do interessado, em rebaixamento de faixa etária, ratificamos a estipulada anteriormente para a peça - texto-, ou seja, 18 (dezoito) anos, levando-se a temática do mesmo, digo, levando-se em conta a temática, tratada no texto.

Brasília, 07 de abril de 1983.

TC - Mat. 2.405.294

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.606

DPF
DCDP
Fls. N.° 331
Rubrica

589/83-SE/DCDP 13-04-83

Chefe do Serviço de Censura da SR/RN

"O PAGADOR DE PROMESSAS"

ALFREDO DIAS GOMES

Chefe,

NATAL - RN

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,p.609

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 392
Rubrica

Certificado Nº 586

PEÇA "O PAGADOR DE PROMESSAS"

ORIGINAL DE ALFREDO DIAS GOMES.

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
"[illegible]MATICA ADULTA"

VÁLIDO ATÉ 11 de ABRIL de 19 88

Brasilia, 11 de ABRIL de 19 83

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

# M.J-D.P.F
# CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O PAGADOR DE PROMESSAS

Original de ALDREDO DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por JESIEL MACIEL DE FIGUEIREDO - NATAL/RN

Tendo sido censurada em 08 de ABRIL de 1983 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 11 de ABRIL de 1983

NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.608

DPF--150

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 09202
30 SET 1005 007131

DPF
DCDP
Fls. Nº 393
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício : nº 282/85 -SCDP/SR/RS EM : 24.09.85

DO : Chefe do SCDP/SR/RS

ENDEREÇO : Av. Presidente Roosevelt, 420 - Porto Alegre/RS

AO: Sr. Diretor da DCDP

ASSUNTO : Encaminhamento (Faz)

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada **O PAGADOR DE PROMESSAS**, de autoria de **DIAS GOMES**;

2 - requerimento do interessado;

3 - relatórios da comissão técnica;

4 - relatórios do ensaio geral e

5 - uma via do Certificado de Censura.

Respeitosamente,

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.609

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P610

MJ-DPF SCDP/SR/RS
10/06 16:15
Nº 08443 003000185
RECEBIDO POR:

DPF
DCDP
Fls. N.º 394
Rubrica

**ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

Ilona Christensen Ramos
Requerente

Brasileira, Coreógrafa e Diretora de Teatro
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 2005999292 SSP
Nº e Órgão Expedidor

Residente e domiciliado à Rua Garibaldi, 1102
Bom Fim, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Texto de Teatro abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Dias Gomes

Título (s)

"O Pagador de Promessas

Nestes termos,

Pede deferimento.

Porto Alegre, 7 de junho de 1985
Local e Data

Ilona Christensen Ramos
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564.P.611

1 - **EMPRESA OU GRUPO (Se houver)**

Nome: Ilona Christensen Ramos CGC:

Sede: Rua Garibaldi, 1102 — Bom Fim

CEP:

Diretor ou Responsável:

2 - **DADOS DO AUTOR**

Nome: Dias Gomes

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Bras. Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 - **PARCERIA**

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: Porto Alegre, 7 de junho de 1985

Ass.: Ilona Christensen Ramos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.612

# "O PAGADOR DE PROMESSAS"

Dias Gomes

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO T
TODAS REPRESENTAÇÕES
SUJEITAS À NOVA AUTOR
REPRESENTANTE

CENSURA FEDERAL
D.P.F.
SCDP/SR/RS

## PRIMEIRO QUADRO

*Ao subir o pano, a cena está quase às escuras. Apenas um jato de luz, da direita, lança alguma claridade sôbre o cenário. Mesmo assim, após habituar a vista, o espectador identificará fàcilmente uma pequena praça, onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da ribalta, outra à esquerda, ao fundo, de frente para a platéia, subindo, enladeirada e sinuosa, no perfil de velhos sobrados coloniais. Na esquina da rua da direita, vemos a fachada de uma igreja relativamente modesta, com uma escadaria de quatro ou cinco degraus. Numa das esquinas da ladeira, do lado oposto, há uma vendola, onde também se vende café, refrêsco, cachaça, etc.; a outra esquina da ladeira é ocupada por um sobrado cuja fachada forma ligeira barriga pelo acúmulo de andares não previsto inicialmente. O calçamento da ladeira é irregular e na fachada dos sobrados vêem-se alguns azulejos estragados pelo tempo. Enfim, é uma paisagem tìpicamente baiana, da Bahia velha e colonial, que ainda hoje resiste à avalanche urbanística moderna.*

*Devem ser, aproximadamente, quatro e meia da manhã. Tanto a igreja como a vendola estão com suas portas cerradas. Vem de longe o som dos atabaques dum candomblé distante, no toque de Iansan. Decorrem alguns segundos até que Ze-do-Burro surja, pela rua da direita, carregando*



DPF
DCDP
Fls. 95
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.613

*nas costas uma enorme e pesada cruz de madeira. A passos lentos, cansado, entra na praça, seguido de Rosa, sua mulher. Êle é um homem ainda moço, de 30 anos presumíveis, magro, de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um "quê" de infantilidade. Seus gestos são lentos, preguiçosos, bem como sua maneira de falar. Tem barba de dois ou três dias e traja-se decentemente, embora sua roupa seja mal talhada e esteja amarrotada e suja de poeira. Rosa parece pouco ter de comum com êle. É uma bela mulher, embora seus traços sejam um tanto grosseiros, tal como suas maneiras. Ao contrário do marido, tem "sangue quente". É agressiva em seu "sexy", revelando, logo à primeira vista, uma insatisfação sexual e uma ânsia recalcada de romper com o ambiente em que se sente sufocar. Veste-se como uma provinciana que vem à cidade, mas também como uma mulher que não deseja ocultar os encantos que possui.*

*Zé-do-Burro vai até o centro da praça e aí pousa a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está exausto. Enxuga o suor da testa.*

---

ZÉ

*(Olhando a igreja)* É essa. Só pode ser essa.

*(Rosa pára também, junto aos degraus, cansada, enfastiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma).*

ROSA

E agora? Está fechada.



ZÉ

É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ROSA

Esperar? Aqui?

ZÉ

Não tem outro jeito.

ROSA

(*Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato*). Estou com cada bôlha dágua no pé que dá mêdo.

ZÉ

Eu também. (*Contorce-se num ritus de dor. Despe uma das mangas do paletó*) Acho que os meus ombros estão em carne viva.

ROSA

Bem feito. Você não quis botar almotadinhas, como eu disse.

ZÉ

(*Convicto*) Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinhas.

ROSA

Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.

ZÉ

Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.



DPF DCDP Fls. N.396 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.614

ROSA

Não usou porque não deixaram.

ZÉ

Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: — Ah, você é o Zé-do-Burro, aquêle que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.

ROSA

Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta? Já não chega?...

ZÉ

Sei não... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia. *(Êle sobe um ou dois degraus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição).*

ROSA

Que é que você está procurando?

ZÉ

Qualquer coisa escrita... pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.

ROSA

E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ZÉ

É que pode não ser essa...

ROSA

Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse? Uma igreja pequena, numa praça, perto duma ladeira...

ZÉ

*(Corre os olhos em volta)* Se a gente pudesse perguntar a alguém...

ROSA

Essa hora está todo o mundo dormindo. *(Olha-o quase com raiva).* Todo o mundo... menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. *(Levanta-se e procura convencê-lo)* Escute, Zé... já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama?...

ZÉ

E a cruz?

ROSA

Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia...

ZÉ

Podem roubar...

ROSA

Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus? Pra que serve uma cruz?



DPF DCDP Fls. N.º 391 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.615

ZÉ

Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou: se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. Sete léguas.

ROSA

Pra quê? Você explicava à santa que tinha sido roubado, ela não ia fazer questão.

ZÉ

É o que você pensa. Quando você vai pagar uma conta no armarinho e perde o dinheiro no caminho, o turco perdoa a dívida? Uma ova!

ROSA

Mas você já pagou a sua promessa, já trouxe uma cruz de madeira da roça até à igreja de Santa Bárbara. Está aí a igreja de Santa Bárbara, está aí a cruz. Pronto. Agora, vamos embora.

ZÉ

Mas aqui não é a igreja de Santa Bárbara. A igreja é da porta pra dentro.

ROSA

Oxente! Mas a porta está fechada e a culpa não é sua. Santa Bárbara deve saber disso, que diabo.

ZÉ

(*Pensativo*) Só se eu falasse com ela e explicasse a situação...



CENSURA FEDERAL - D.P.F. - SCDP/SR/RS

ROSA

Pois então... fale!

ZÉ

(*Ergue os olhos para o céu, medrosamente e chega a entreabrir os lábios, como se fôsse dirigir-se à santa. Mas perde a coragem*) Não, não posso...

ROSA

Por quê, homem?! Santa Bárbara é tão sua amiga... Você não está em dia com ela?

ZÉ

Estou, mas êsse negócio de falar com santo é muito complicado. Santo nunca responde em língua da gente... não se pode saber o que êle pensa. E além do mais, isso também não é direito. Eu prometi levar a cruz até dentro da igreja, tenho que levar. Andei sete léguas. Não vou me sujar com a santa por causa de meio metro.

ROSA

E pra você não se sujar com a santa, eu vou ter que dormir no chão, no "hotel do padre". (*Olha-o com raiva e vai deitar-se num dos degraus da escada da igreja*) E se tudo isso ainda fôsse por alguma coisa que valesse a pena...

ZÉ

Você podia não ter vindo. Quando eu fiz a promessa, não falei em você, só na cruz.

ROSA

Agora você diz isso. Dissesse antes...



DPF DCDP Fls. Nº 398 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.616

ZÉ

Não me lembrei. Você também não reclamou...

ROSA

Sou sua mulher. Tenho que ir pra onde você fôr...

ZÉ

Então...

*Rosa ajeita-se da melhor maneira possível no degrau, enquanto Zé-do-Burro, não menos cansado do que ela, faz um esfôrço sôbre-humano para não adormecer. Cochila, montando guarda à sua cruz. Sùbitamente, irrompem na praça Marli e Bonitão. Ela tem, na realidade, vinte e oito anos, mas aparenta mais dez. Pinta-se com algum exagêro, mas mesmo assim não consegue esconder a tez amarelo-esverdeada. Possui alguns traços de uma beleza doentia, uma beleza triste e suicida. Usa um vestido muito curto e decotado, já um tanto gasto e fora de moda, mas ainda de bom efeito visual. Seus gestos e atitudes refletem o conflito da mulher que quer libertar-se de uma tirania que, no entanto, é necessária ao seu equilíbrio psíquico — a exploração de que é vítima por parte de Bonitão vem, em parte, satisfazer um instinto maternal frustrado. Há em seu amor e em seu aviltamento, em sua degradação voluntária, muito de sacrifício maternal, ao qual não falta, inclusive, um certo orgulho. Bonitão é insensível a tudo isso. Êle é frio e brutal em sua "profissão". Encara a exploração a que submete Marli e outras mulheres, como um direito que lhe assiste, ou melhor, um dom que a natureza lhe concedeu, juntamente com seus atributos físicos. Em seu entender, sua beleza máscula e seu vigor sexual, aliados a um direito natural de subsistir, justificam plenamente seu modo de vida. É de estatura um pouco acima da média, forte e de pele trigueira, amulatada. A ascendência negra é visível, embora os cabelos sejam lisos, reluzentes de gomalina e os traços regulares, com exceção dos lábios grossos e sensuais e das narinas um tanto dilatadas. Veste-se sempre de branco, colarinho alto, sapatos de duas côres. Descem a ladeira, ela na frente, a passos rápidos. Êle a segue, como se viessem já de uma discussão.*



BONITÃO

Espere. Não adianta andar depressa...

MARLI

É melhor discutirmos isso em casa.

BONITÃO

*(Alcança-a e obriga a parar torcendo-lhe violentamente o braço)* Não, vamos resolver aqui mesmo. Não tenho nada que discutir com você...

MARLI

*(Livra-se dêle com um safanão, mas seu rosto se contrai dolorosamente)* Estúpido!

BONITÃO

Ande, vamos deixar de mas-mas. Passe pra cá o dinheiro.

MARLI

*(Tira do bolso do vestido um maço de notas e entrega a êle)* Não podia esperar até chegar em casa?



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/GB

DPF DCDP Fls. N.º 399 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.617

BONITÃO

(*Chega mais para perto do jato de luz e conta as notas, ràpidamente*) Só deu isto?

MARLI

Só. A noite hoje não foi boa. Você viu, o "castelo" estava vazio.

BONITÃO

E aquêle galego que estava conversando com você quando cheguei?

MARLI

Uma boa conversa. Queria se fretar comigo. Ficou mangando a noite tôda e não se resolveu...

BONITÃO

(*Mete sùbitamente a mão no decote de Marli e tira de entre os seios uma nota*) Sua vaca!

*Êle faz menção de dar-lhe um bofetão, ela corre e refugia-se atrás da cruz. Zé-do-Burro desperta de sua semi-sonolência.*

MARLI

Eu precisava dêsse dinheiro. Pra pagar o quarto, você sabe.

BONITÃO

Não gosto de ser tapeado. Por quê não pediu?

MARLI

E você dava?

BONITÃO

Claro que não. (*Guarda o dinheiro na carteira*) Isso ia fazer falta no meu orçamento. Tenho



compromissos e você bem sabe que não gosto de pedir dinheiro emprestado. É uma questão de feitio.

MARLI

E eu, que faço pra pagar o quarto? Já devo dois meses e a dona anda me olhando atravessado.

BONITÃO

(*Indiferente*) É um problema seu. Tenho muita coisa em que pensar.

MARLI

Eu sei, eu sei no que você pensa...

BONITÃO

(*Sorri e há em seu sorriso uma sombra de ameaça*) Penso, por exemplo, que você, de três meses pra cá, está fazendo muito pouco. A Matilde está fazendo quase o dôbro...

MARLI

(*Compreende a ameaça, avança para êle sacudida pelo ciúme e pelo pavor de perdê-lo*) Eu sei, você está dando em cima daquela arreganhada. Ela mesma anda dizendo.

BONITÃO

Eu não dou em cima de mulher nenhuma, você sabe disso. É uma questão de princípios.

MARLI

Quer dizer que é ela quem está dando em cima de você!



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS
DPF DCDP Fls. N.º 2100 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.618

BONITÃO

Ela perguntou se eu estava precisando de dinheiro.

MARLI

(*Ansiosamente*) E você?...

BONITÃO

Eu só pedi umas informações de ordem técnica: arrecadação diária, etc. ...

MARLI

(*Agarra-o frenèticamente pelos braços*) Bonitão, você não aceitou o dinheiro dela, aceitou?! Você não aceitou o dinheiro daquela vagabunda!

BONITÃO

(*Olha-a friamente*) E que tinha, se aceitasse? Eu também preciso viver.

MARLI

Mas o que eu lhe dou não chega?!

BONITÃO

Você compreende, eu também tenho ambições. Se eu não tivesse qualidades, bem. Mas eu sei que tenho qualidades. É justo que viva de acôrdo com essas qualidades.

MARLI

Mas o que lhe falta? Eu não tenho lhe dado tudo que você me pede? Se fôr preciso, dou mais ainda. Não pense que é por mêdo de que você me largue pela Matilde, não. (*Alisa sua roupa e admi-*



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

*ra-o, maternalmente*) É porque tenho prazer em ver você vestido com a roupa que eu dei, com os sapatos que eu comprei e com a carteira recheada de notas que eu ganhei pra você. Tenho orgulho, sabe?

BONITÃO

(*Desvencilha-se dela*) Pois então veja se na próxima vez não esconde dinheiro no decote. Tenho certeza de que a Matilde não é capaz de um gesto feio dêsses.

MARLI

Ela é capaz de coisas muito piores. Se você quiser, eu lhe conto...

BONITÃO

(*Bruscamente*) Não quero ouvir nada. Quero é que você vá pra casa.

MARLI

(*Decepcionada*) Você não vai comigo?

BONITÃO

Não, vou ficar um pouco mais por aqui. Vá na frente que daqui a pouco eu apareço por lá.

MARLI

(*Enciumada*) E o que é que você vai ficar fazendo na rua a uma hora dessas?

BONITÃO

(*Com muita seriedade*) Ora, mulher, eu preciso trabalhar! (*Acende um cigarro, abstraindo-se da presença de Marli, que o fita como um cão escorraçado pelo dono. Só então êste se mostra intrigado*



DPF DCDP Fls. N.º 401 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.619

*com a cruz no meio da praça. Examina-a curiosamente e por fim dirige-se a Zé-do-Burro)* É sua?

*Zé balança a cabeça em sinal afirmativo. Marli vai até à escada da igreja, senta-se num degrau, sem se incomodar com Rosa, deitada mais acima, tira os sapatos e movimenta os dedos doloridos.*

BONITÃO

(*Nota a igreja, faz uma associação de idéias*) Encomenda?

ZÉ

Não, promessa.

BONITÃO

(*A princípio parece não entender, depois ri*). Gozado.

ZÉ

Não acho.

BONITÃO

Não falei por mal. Eu também sou meio devoto. Até uma vez fiz promessa pra Santo Antônio...

ZÉ

Casamento?

BONITÃO

Não, ela era casada.

ZÉ

E conseguiu a graça?



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

BONITÃO

Consegui. O marido passou uma semana viajando...

ZÉ

E o senhor pagou a promessa?

BONITÃO

Não, pra não comprometer o santo.

ZÉ

Nunca se deve deixar de pagar uma promessa. Mesmo quando é dessas de comprometer o santo. Garanto que da próxima vez Santo Antônio vai se fingir de surdo. E tem razão.

BONITÃO

O senhor compreende, Santo Antônio ia ficar mal se soubessem que foi êle quem fêz o trouxa viajar. (*Nota que Marli ainda não se foi*) Que é que você ainda está fazendo aí?

MARLI

Esperando você.

BONITÃO

(*Vai a ela*) Já lhe disse que vou depois. Vai ficar agora grudada em mim?

MARLI

(*Levanta-se*) Escute, Bonitão... você não podia deixar eu ficar ao menos com aquela nota?

BONITÃO

Já lhe disse que não. Não insista.



DPF DCDBR Fls. N.º 402 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.600

MARLI

Mas eu preciso pagar o quarto!

BONITÃO

O quarto é seu, não é meu.

MARLI

Mas o dinheiro é meu. É justo que eu fique ao menos com algum.

BONITÃO

É justo por quê?

MARLI

Porque fui eu que trabalhei.

BONITÃO

E desde quando trabalhar dá direito a alguma coisa? Quem lhe meteu na cabeça essas idéias? (*Olha-a de cima a baixo, com desconfiança*) Está virando comunista?

*Marli fita-o com ódio e sai bruscamente pela direita. Bonitão acompanha-a com o olhar e depois sorri, tira o dinheiro do bôlso e torna a contá-lo.*

ZÉ

(*Cândidamente*) Êsse dinheiro... é dela mesmo?

BONITÃO

(*Guarda o dinheiro*) Bem, esta é uma maneira de olhar as coisas. E tôda coisa tem pelo menos duas maneiras de ser olhada. Uma de lá prá cá, outra, de cá pra lá. Entendeu?

ZÉ

Não...



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

BONITÃO

Não vale a pena explicar. É uma questão de sensibilidade.

ZÉ

O senhor é... marido dela?

BONITÃO

Não, sou assim uma espécie de fiscal do impôsto de renda. (*Sobe, como se fôsse sair, mas se detém diante de Rosa, cujo vestido, levantado, deixa ver um palmo de coxa*)

ROSA

(*Abre os olhos, sentindo que está sendo observada*) Que é?

BONITÃO

Nada... estava só olhando...

*Rosa conserta o vestido.*

BONITÃO

Não deve ser lá muito confortável essa cama...

*Rosa olha-o com raiva.*

BONITÃO

(*Olha-a mais detidamente*) E olhe que você bem merece coisa melhor.

ROSA

Diga isso a êle (*Aponta Zé-do-Burro*).

BONITÃO

A êle?

ROSA

Meu marido.



DPF DCDP Fls. N.º 405 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.621

BONITÃO

Ah, você também veio pagar promessa...

ROSA

Eu não, êle. E por causa dêle estou dormindo aqui, no batente de uma igreja, como qualquer mendiga. *(Senta-se)*

ZÉ

Não deve faltar muito para abrir a igreja. O senhor sabe que horas são?

BONITÃO

*(Consulta o relógio)* Um quarto para as cinco.

ZÉ

Sabe a que horas abre a igreja?

BONITÃO

Não, não é bem o meu ramo...

ZÉ

Mas às seis horas deve ter missa. Hoje é o dia de Santa Bárbara...

ROSA

*(Ressentida)* Às seis horas. Tenho que agüentar mais de uma hora ainda neste batente duro. E a promessa não é minha!

BONITÃO

É capaz da porta da sacristia já estar aberta.

ZÉ

O senhor acha?



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

BONITÃO

Padre acorda cedo...

ZÉ

Às cinco horas?

BONITÃO

Então; tem que se preparar para a missa das seis.

ZÉ

É verdade...

BONITÃO

Por quê o senhor não vai ver?

ZÉ

É... *(Hesita um pouco)*

BONITÃO

A porta é do lado de lá...

ZÉ

Rosa, você vigia a cruz, eu vou dar a volta... não demoro. (*Sai*)

BONITÃO

Pode ir sem susto que eu ajudo a tomar conta de sua cruz... *(Depois que Zé-do-Burro sai)* das duas.

ROSA

Só que uma êle carrega nas costas e a outra... se quiser que vá atrás dêle. *(Levanta-se)*



DPF DCDP Fls. Nº 204 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.622

BONITÃO

E você não é mulher para andar atrás de qualquer homem... ao contrário, é uma cruz que qualquer um carrega com prazer...

ROSA

*(Com recato, mas no fundo envaidecida)* Ora, me deixe.

BONITÃO

Palavra. Seu marido não lhe faz justiça. Isso não é trato que se dê a uma mulher... mesmo sendo mulher da gente.

ROSA

Se êle faz pouco de mim, faz pouco do que é dêle.

BONITÃO

Não discuto. Só acho que você não é mulher para dormir em batente de igreja. Tem qualidades para exigir mais: boa cama, com colchão e melhor companhia.

ROSA

Não fale em cama pra quem tem o corpo moído, como eu.

BONITÃO

Tão cansada assim?

ROSA

Duas noites sem dormir, sete léguas no calcanho...



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/IRS

BONITÃO

Sete léguas? Quantos quilómetros?

ROSA

Sei lá... só sei que sete vêzes amaldiçoei aquêle dia em que fui roubar caju com êle na roça dos padres...

BONITÃO

Ah, foi assim...

ROSA

A gente faz cada besteira...

BONITÃO

Quanto tempo faz?

ROSA

Oito anos...

BONITÃO

E você casou com êle?

ROSA

Casei.

BONITÃO

Sem gostar?

ROSA

*(Depois de um tempo)* Gostava, sim. Sabe, na roça, o homem é feio, magro, sujo e mal vestido. Êle até que era dos melhores. Tinha um sítio...



DPF DCDP fls. Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA:PTE. 0564, P.623

BONITÃO

E daí?

ROSA

Daí, eu achei que êle garantia tudo que eu queria da vida: homem e casa. A gente quando é franga, com licença da palavra, tem merda na cabeça.

BONITÃO

*(Algo interessado)* Êle tem um sítio, é?

ROSA

Tinha, agora tem só um pedaço. Dividiu o resto com os lavradores pobres.

BONITÃO

Por quê?

ROSA

Fazia parte da promessa.

BONITÃO

Que é que está esperando? Virar santo?

ROSA

Não brinque. Pelo caminho tinha uma porção de gente querendo que êle fizesse milagre. E não duvide. Êle é capaz de acabar fazendo. Se não fôsse a hora, garanto que tinha uma romaria aqui, atrás dêle.

BONITÃO

Depois de cumprir a promessa, êle vai voltar pra roça?



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ROSA

Vai.

BONITÃO

E você?

ROSA

Também. Por quê?

BONITÃO

Se você viesse pra cidade, eu podia lhe garantir um bonito futuro...

ROSA

Fazendo o quê?

BONITÃO

Isso depois se via.

ROSA

Eu não sei fazer nada.

BONITÃO

*(Segura-a por um braço)* Mulheres como você não precisam saber coisa alguma, a não ser o que a natureza ensinou...

*Rosa puxa o braço bruscamente, depois de manter, por alguns segundos, um olhar de desafio.*

ROSA

Não faça isso! Êle pode voltar de repente.

BONITÃO

Êle deve ter ido acordar o padre. *(Volta a aproximar-se dela)*



DPF DCDP Fls. N.º 406 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0569,P627

ROSA

*(Desvencilha-se dêle novamente)* Me solte. *(Volta a sentar-se na escada)* Eu queria era dormir. Dava a vida por uma cama... com um lençol branco... e uma bacia dágua quente onde meter os pés.

BONITÃO

Eu posso lhe arranjar um hotelzinho aqui perto...

*Rosa lança-lhe um olhar hostil.*

BONITÃO

Isso sem segundas intenções... só pra você dormir, descansar dessa romaria.

ROSA

Não quero me meter em encrencas.

BONITÃO

Não há nenhum perigo de encrenca. Sou muito cotado com o porteiro do hotel e tenho boas relações com a polícia. Nesta zona, todos respeitam o Bonitão.

ROSA

*(Quase sensualmente)* Bonitão...

BONITÃO

*(Vaidoso)* É um apelido...

ROSA

*(Olha-o de cima a baixo).*

BONITÃO

*(Senta-se junto dela).*



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ROSA

Não chegue perto, estou muito suada.

BONITÃO

No hotel tem banheiro... para quem andou sete léguas, um banho de chuveiro e depois uma cama com colchão de mola...

ROSA

Colchão de mola mesmo?

BONITÃO

Então...

ROSA

Nunca dormi num colchão de mola. Deve ser bom.

BONITÃO

Uma delícia...

*Entra Zé-do-Burro pela direita. Bonitão levanta-se.*

ZÉ

Tudo fechado. Tem jeito não.

ROSA

*(Revoltada)* E eu que agüente êste batente duro até Deus sabe lá que horas.

ZÉ

Paciência, Rosa. Seu sacrifício fica valendo.

ROSA

Pra quem? Pra Santa Bárbara? Eu não fiz promessa nenhuma.



DPF DCDP Fls. Nº 407 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.605

ZÉ

Oxente! Melhor ainda. Amanhã, quando você fizer, a santa já está lhe devendo!

ROSA

Nunca vi santo pagar dívida. *(Volta a deitar-se no degrau)*

BONITÃO

*(Assumindo um ar tão eclesiástico quanto possível)* A senhora faz mal em ser tão descrente. Quem sabe se Santa Bárbara já não está providenciando o pagamento dessa dívida? E quem sabe se não escolheu a mim pra pagador?

ZÉ

*(Muito ingênuamente)* O senhor não era fiscal do impôsto de renda? Agora é pagador de Santa Bárbara...

BONITÃO

Meu caro, com o custo de vida aumentando dia a dia, a gente tem que se virar. Mas não é êsse o caso. Digo que Santa Bárbara já deve estar tratando de liquidar o débito hoje contraído com sua senhora, porque me fez passar por aqui esta noite.

ZÉ

Não vejo nada de mais nisso.

BONITÃO

Porque o senhor não sabe que eu posso, em cinco minutos, arranjar uma boa cama, com colchão de mola, num hotel perto daqui,



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ZÉ

Pra ela?

BONITÃO

E pro senhor também.

ZÉ

Eu não posso. Tenho que esperar abrir a igreja. Se soubesse que não iam roubar a cruz...

BONITÃO

*(Ràpidamente)* Oh, não, a cruz não deve ficar sòzinha. Esta zona está cheia de ladrões. A cruz é de madeira e a madeira está carissima.

ZÉ

É o que eu acho. Não devo sair daqui.

BONITÃO

Mas eu posso ficar tomando conta, enquanto o senhor e sua senhora vão descansar.

ZÉ

O senhor?

BONITÃO

E por quê não?

ZÉ

Mas a igreja pode demorar a abrir. Pelo menos uma hora ainda.

BONITÃO

Eu espero. Sua espôsa me contou a caminhada que fizeram, o senhor carregando nas costas essa



DPF DCDP Fls. N.º 208 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.626

cruz através de léguas e léguas, para cumprir uma promessa. Isso me comoveu.

ZÉ

Mas não é justo. Não foi o senhor quem fêz a promessa.

ROSA

Êle está querendo ajudar, Zé.

ZÉ

Mas não é direito. Eu prometi cumprir a promessa sòzinho, sem ajuda de ninguém. E essa história de dormir no hotel não está no trato.

BONITÃO

E sua senhora está no trato?

ZÉ

Rosa? Não, ela pode ir.

BONITÃO

Nesse caso, se quiser que eu leve sua senhora... ao menos ela descansa enquanto espera pelo senhor.

ZÉ

Você quer, Rosa? Quer ir esperar por mim no hotel? (*Volta-se para Bonitão*) É hotel decente?

BONITÃO

(*Fingindo-se ofendido*) Ora, o senhor acha que ia indicar...

ZÉ

Desculpe, é que sempre ouvi dizer que aqui na cidade...



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/IPS

BONITÃO

Pode confiar em mim.

ZÉ

É longe daqui?

BONITÃO

Não, basta subir aquela ladeira...

ZÉ

Que é que você diz, Rosa?

ROSA

(*Percebendo o jôgo de Bonitão*) Quero não, Zé. Prefiro ficar aqui com você.

ZÉ

Inda agora mesmo você estava se queixando.

BONITÃO

Não é pra menos. Deve estar exausta. Sete léguas.

ZÉ

Afinal de contas, você tem razão, a promessa é minha, não é sua. Vá com o môço, não tenha acanhamento.

BONITÃO

Eu vou com ela até lá, apresento ao porteiro, que é meu conhecido — sim, porque uma mulher sòzinha, o senhor sabe, êles não deixam entrar — depois volto para lhe dizer o número do quarto.



DPF DCDP Fls. N. 209 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.627

Daqui a pouco, depois de cumprir a sua promessa, o senhor vai pra lá.

ZÉ

Se o senhor fizesse isso, era um grande favor. Eu não posso me afastar daqui.

BONITÃO

Nem deve. Primeiro, Santa Bárbara.

ROSA

Zé, é melhor eu ficar com você...

ZÉ

Pra quê, Rosa? Assim você vai logo descansar numa boa cama, não precisa ficar aí deitada nesse batente frio...

BONITÃO

Um perigo! Pode pegar uma pneumonia.

ROSA

(*Inicia a saída. Pára, hesitante. Pressente o perigo que vai correr. Procura, com o olhar, fazer Zé-do-Burro compreender o seu receio*) Zé...

ZÉ

Ahn, sim. (*Enfia a mão no bôlso, tira um maço de notas*) Pode ser que precise pagar adiantado...

ROSA

(*Recebe o dinheiro. Encara o marido*) Talvez seja melhor, depois de entregar a cruz, você mandar também rezar uma missa em ação de graças...



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ZÉ

(*Sem entender o alcance da sugestão*) É, não é má idéia.

*Rosa sobe a ladeira e Bonitão a segue.*

BONITÃO

(*Saindo*) Volto num minuto.

ZÉ

Está bem.

*(Senta-se ao pé da cruz e procura uma maneira de apoiar o corpo sôbre ela. Aos poucos, é vencido pelo sono. As luzes se apagam em resistência)*

## SEGUNDO QUADRO

*As luzes voltam a acender-se, lentamente, até dia claro. Ouvem-se, distante, ruídos esparsos da cidade que acorda. Um ou outro buzinar, foguetes estouram saudando Iansan, a Santa Bárbara nagô, e o sino da igreja começa a chamar para a missa das seis. Mas nada disso acorda Zé-do-Burro. Entra, pela ladeira, a Beata. Tôda de prêto, véu na cabeça, passinho miúdo, vem apressada, como se temesse chegar atrasada. Passa por Zé-do-Burro e a cruz sem notá-los. Pára diante da escada e resmunga.*[1]

BEATA

Porta fechada. É sempre assim. A gente corre, com mêdo de chegar atrasada e quando chega aqui a porta está fechada. Por que não abrem primeiro

[1] Fica a critério da direção utilizar neste quadro figurantes que descerão a ladeira e entrarão na igreja.



DPF DCDP Fls. N.º Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,1628

a porta, pra depois tocar o sino? Não, primeiro tocam o sino, depois abrem a porta. Isso é êsse sacristão. (*Pára de resmungar ao ver a cruz. Ajeita os óculos, como se não acreditasse no que está vendo. Aproxima-se e examina detalhadamente a cruz e o seu dono adormecido. Sua expressão é da maior estranheza*) Virgem Santíssima!

*Neste momento, abre-se a porta da igreja e surge o Sacristão. É um homem de perto de 50 anos. Sua mentalidade, porém, anda aí pelos quatorze. Usa óculos de grossas lentes, é míope. O cabelo teima em cair-lhe na testa, acentuando a aparência de retardado mental. Êle parece bêbedo de sono. Boceja largamente, ruidosamente, depois de abrir a primeira banda da porta. Espreguiça-se e solta um longo gemido. Depois que abre tôda a porta, encosta-se por um momento no portal e cochila, sem dar pela Beata, que se aproxima.*

BEATA

(*Dá-lhe uma leve cotovelada*) Ei, rapaz...

SACRISTÃO

(*Desperta muito assustado*) Sim, Padre, já vou!...

BEATA

Que padre coisa nenhuma...

SACRISTÃO

Ah, é a senhora...

BEATA

Vou me queixar ao Padre Olavo dessa sua mania de bater o sino antes de abrir a porta da



CENSURA FEDERAL D.P.F. SÃO PAULO

igreja. Eu ouço o toque, venho pondo as tripas pela bôca, chego aqui, e a porta ainda está fechada.

SACRISTÃO

Também por quê a senhora vem logo na missa das seis? Por quê não vem mais tarde?

BEATA

(*Malcriada*) Porque quero. Porque não é da sua conta. (*Aponta para a cruz*) Que é isso?

SACRISTÃO

Isso o quê?

BEATA

Está vendo não? Uma cruz enorme no meio da praça...

SACRISTÃO

(*Apura a vista*) Ah, sim... agora percebo... é uma cruz de madeira... e parece que há um homem dormindo junto dela...

BEATA

Vista prodigiosa a sua! Claro que é uma cruz de madeira e que há um homem junto dela. O que eu quero saber é a razão disso.

SACRISTÃO

Não sei... como quer que eu saiba? Por quê a senhora não pergunta a êle?

BEATA

(*Bruscamente*) Eu é que não vou perguntar coisa nenhuma!



DPF DCDP Fls. Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.624

SACRISTÃO

Talvez êle tenha desgarrado da procissão...

BEATA

Que procissão? De Santa Bárbara? A procissão ainda não saiu. E já viu alguém carregar cruz em procissão? Nem na do Senhor Morto. (*Benze-se e entra apressadamente na igreja*)

*O Sacristão aproxima-se de Zé-do-Burro, curioso. É quando entra Bonitão, pela ladeira. Êle vê a igreja aberta, estranha.*

BONITÃO

Oxente...

SACRISTÃO

(*Olha-o aparvalhado*) É uma cruz mesmo...

BONITÃO

E que pensou você que fôsse? Um canhão? (*Aproxima-se de Zé-do-Burro*) Sono de pedra... não acordou nem com os foguetes de Santa Bárbara. Dizem que é assim que dormem as pessoas que têm a consciência tranqüila e a alma leve... (*Cínico*) Eu também sou assim, quando caio na cama é um sono só. (*Sacode Zé-do-Burro*) Camarado... oh, meu camarado!...

ZÉ

(*Desperta*) Oh, já é dia...

BONITÃO

Já. E a igreja já está aberta, você pode entregar o carreto.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/ERJ/RS

ZÉ

(*Levanta-se, com dificuldade, os músculos adormecidos e doloridos*) É verdade...

BONITÃO

Eu voltei aqui pra lhe dizer o número do quarto de sua mulher. É o 27. Um bom quarto, no segundo andar. (*Apressadamente*) Pelo menos foi o que o porteiro me garantiu.

ZÉ

Ah, obrigado...

BONITÃO

O hotel é aquêle ali, o primeiro, logo depois de subir a ladeira e dobrar à direita. Hotel Ideal. Eu demorei um pouco porque fiquei jogando damas com o porteiro.

SACRISTÃO

(*Vivamente interessado*) Ganhou?

BONITÃO

Empatamos.

SACRISTÃO

Ah, eu também sou louco por damas!

BONITÃO

(*Examina-o de cima a baixo*) Francamente, ninguém diz...

*Padre Olavo surge na porta da igreja.*



DPF DCDP/12 Fls. Nº 412 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.630

SACRISTÃO

*(Como se tivesse sido surpreendido em falta)* Padre Olavo!...

ZÉ

Preciso falar com êle...

*Sacristão dirige-se apressadamente à igreja. Pára na porta, ante o olhar intimidador de Padre Olavo. É um padre moço ainda. Deve contar, no máximo, quarenta anos. Sua convicção religiosa aproxima-se do fanatismo. Talvez, no fundo, isto seja uma prova de falta de convicção e autodefesa. Sua intolerância — que o leva, por vêzes, a chocar-se contra princípios de sua própria religião e a confundir com inimigos aquêles que estão de seu lado — não passa, talvez, de uma couraça com que se mune contra uma fraqueza consciente.*

PADRE

(*Para o Sacristão*) Que está fazendo aí?

SACRISTÃO

(*À guisa de defesa*) Estava conversando com aquêles homens.

PADRE

E eu lá dentro à sua espera para ajudar à missa. (*Repara em Bonitão e Zé-do-Burro*) Quem são?

SACRISTÃO

Não sei. Um dêles quer falar com o senhor.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ZÉ

(*Adianta-se*) Sou eu, Padre. (*Inclina-se, respeitoso e beija-lhe a mão*)

PADRE

Agora está na hora da missa. Mais tarde, se quiser...

ZÉ

É que eu vim de muito longe. Padre. Andei sete léguas...

PADRE

Sete léguas? Para falar comigo?

ZÉ

Não, pra trazer esta cruz.

PADRE

(*Olha a cruz, detidamente*) E como a trouxe... num caminhão?

ZÉ

Não, Padre, nas costas.

SACRISTÃO

*(Espandindo infantilmente a sua admiração)* Menino!

PADRE

(*Lança-lhe um olhar enérgico*) Psiu! Cale a bôca! (*Seu interêsse por Zé-do-Burro cresce*) Sete léguas com essa cruz nas costas. Deixe ver seu ombro.



DPF SCDP/SR/RS Fls. 43 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.631

*Zé-do-Burro despe um lado do paletó, abre a camisa e mostra o ombro. Sacristão espicha-se todo para ver e não esconde a sua impressão*

SACRISTÃO

Está em carne viva!

PADRE

(*Parece satisfeito com o exame*) Promessa?

ZÉ

(*Balança afirmativamente a cabeça*) Pra Santa Bárbara. Estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO

Deve ter recebido dela uma graça muito grande!

*Padre faz um gesto nervoso para que o Sacristão se cale.*

ZÉ

Graças a Santa Bárbara, a morte não levou o meu melhor amigo.

PADRE

(*Padre parece meditar profundamente sôbre a questão*) Mesmo assim, não lhe parece um tanto exagerada a promessa? E um tanto pretensiosa também?

ZÉ

Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo, não. É toma



CENSURA FEDERAL D.P.F. SÃO PAULO SR/DPF

lá, dá cá. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.

PADRE

Foi por causa dêsse... Nicolau, que você fêz a promessa?

ZÉ

Foi. Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO

Santa Bárbara! A árvore caiu em cima dêle?!

ZÉ

Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Êle chegou em casa, escorrendo sangue de meter mêdo! Eu e minha mulher tratamos dêle, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE

Uma hemorragia.

ZÉ

Só estancou quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE

(*Enojado*) Mas meu filho, isso é atraso! Uma porcaria!

ZÉ

Foi o que o doutor disse quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

BIBLIOTECA SESC POS AMBULANTE
DPF DCDP Fls. Nº 214 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,1.2.32

PADRE

Sem dúvida.

ZÉ

Eu tirei. Êle limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E quéde que o doutor fazia o sangue parar? Ensopava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não acaba mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou pra mim e gritou: corre, homem de Deus, vai buscar mais bosta de vaca, senão êle morre!

PADRE

E... o sangue estancou?

ZÉ

Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigário sabia? Não sendo de vaca, de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.

PADRE

Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.

ZÉ

Bem, o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pôde se levantar. Foi a primeira vez que isso aconteceu, em seis anos: eu saí, fui fazer compras na cidade, entrei no Bar do Jacob pra tomar uma cachacinha, passei na farmácia de "seu" Zèquinha pra saber das novidades — tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou, porque quem quisesse saber onde eu estava, era só procurar



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

Nicolau. Se eu ia na missa, êle ficava esperando na porta da igreja...

PADRE

Na porta? Por que êle não entrava? Não é católico?

ZÉ

Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não é por isso que êle não entra na igreja. É porque o vigário não deixa. (*Com grande tristeza*) Nicolau teve o azar de nascer burro... de quatro patas.

PADRE

Burro?! Então êsse... que você chama de Nicolau, é um burro?! Um animal?!

ZÉ

Meu burro... sim senhor.

PADRE

E foi por êle, por um burro, que fêz essa promessa?

ZÉ

Foi... é bem verdade que eu não sabia que era tão difícil achar uma igreja de Santa Bárbara, que ia precisar andar sete léguas pra encontrar uma, aqui na Bahia...

BONITÃO

(*Que assistiu a tôda a cena, um pouco afastado, solta uma gargalhada grosseira*) Êle se estrepou...



DPF Fls. N.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.633

CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

*Padre Olavo olha-o, surpreso, como se só agora tivesse notado a sua presença, Bonitão pára de rir quase de súbito, desarmado pelo olhar enérgico do padre.*

ZÉ

Mas mesmo que soubesse, eu não deixava de fazer a promessa. Porque quando vi que nem as rezas do prêto Zeferino davam jeito...

PADRE

Rezas?! Que rezas?!

ZÉ

Seu vigário me disculpe... mas eu tentei de tudo. Prêto Zeferino é rezador afamado na minha zona: Sarna de cachorro, bicheira de animal, peste de gado, tudo isso êle cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo o mundo diz... e eu mesmo, uma vez, estava com uma dor de cabeça danada, que não havia meio de passar... Chamei prêto Zeferino, êle disse que eu estava com o Sol dentro da cabeça. Botou uma toalha na minha testa, derramou uma garrafa dágua, rezou uma oração, o sol saiu e eu fiquei bom.

PADRE

Você fêz mal, meu filho. Essas rezas são orações do demo.

ZÉ

Do demo, não senhor.

PADRE

Do demo, sim. Você não soube distinguir o bem do mal. Todo homem é assim. Vive atrás do milagre



em vez de viver atrás de Deus. E não sabe se caminha para o céu ou para o inferno.

ZÉ

Para o inferno? Como pode ser, Padre, se a oração fala em Deus? (*Recita*) "Deus fêz o Sol, Deus fêz a luz, Deus fêz tôda a claridade do Universo grandioso. Com Sua Graça eu te benzo, te curo. Vai-te Sol, da cabeça desta criatura para as ondas do Mar Sagrado, com os santos podêres do Padre, do Filho e do Espírito Santo". Depois rezou um Padre Nosso e a dor de cabeça sumiu no mesmo instante.

SACRISTÃO

Incrível!

PADRE

Meu filho, êsse homem era um feiticeiro.

ZÉ

Como feiticeiro, se a reza é pra curar?

PADRE

Não é para curar, é para tentar. E você caiu em tentação.

ZÉ

Bem, eu só sei que fiquei bom. (*Noutro tom*) Mas com o Nicolau não houve reza que fizesse êle levantar. Prêto Zeferino botou o pé na cabeça do coitado, disse uma porção de orações e nada. Eu já estava começando a perder a esperança. Nicolau de orelhas murchas, magro de se contar as costelas. Não comia, não bebia, nem mexia mais com o rabo



DPF SCDP Fls. 416 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.634

CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/PS

para espantar as môscas. Eu vi que nunca mais ia ouvir os passos dêle me seguindo por tôda a parte, como um cão. Até me puseram um apelido por causa disso: Zé-do-Burro. Eu não me importo. Não acho que seja ofensa. Nicolau não é um burro como os outros. É um burro com alma de gente. E faz isso por amizade, por dedicação. Eu nunca monto nêle, prefiro andar a pé ou a cavalo. Mas de um modo ou de outro, êle vem atrás. Se eu entrar numa casa e me demorar duas horas, duas horas êle espera por mim, plantado na porta. Um burro dêsses, seu padre, não vale uma promessa?

PADRE

*(Sêcamente, contendo ainda a sua indignação)* Adiante.

ZÉ

Foi então que comadre Miúda me lembrou: por que eu não ia no candomblé de Maria de Iansan?

PADRE

Candomblé?!

ZÉ

Sim, é um candomblé que tem duas léguas adiante da minha roça. (*Com a consciência de quem cometeu uma falta, mas não muito grave*) Eu sei que seu Vigário vai ralhar comigo. Eu também nunca fui muito de frequentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Contei pra Mãe-de-Santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com Iansan, dona dos ráios e das trovoadas. Iansan tinha ferido Nicolau... pra ela eu devia fazer uma obrigação, quer dizer:



uma promessa. Mas tinha que ser uma promessa bem grande, porque Iansan, que tinha ferido Nicolau com um raio, não ia voltar atrás por qualquer bobagem. E eu me lembrei então que Iansan é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça até a Igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.

PADRE

(*Como se anotasse as palavras*) Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a...

ZÉ

A Santa Bárbara.

PADRE

A Iansan!

ZÉ

É a mesma coisa...

PADRE

(*Grita*) Não é a mesma coisa! (*Controla-se*) Mas continue.

ZÉ

Prometi também dividir minhas terras com os lavradores pobres, mais pobres que eu.

PADRE

Dividir? Igualmente?

ZÉ

Sim, padre, igualmente.

SACRISTÃO

E Nicolau... quero dizer, o burro, ficou bom?



DPF SCDP Fls. 11 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.635

CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/PE

ZÉ

Sarou em dois tempos. Milagre. Milagre mesmo. No outro dia já estava de orelha em pé, relinchando. E uma semana depois todo o mundo me apontava na rua: — "Lá vai Zé-do-Burro com o burro de nôvo atrás!" (*Ri*) E eu nem dava confiança. E Nicolau muito menos. Só eu e êle sabíamos do milagre. (*Como que retificando*) Eu, êle e Santa Bárbara.

PADRE

(*Procurando inicialmente controlar-se*) Em primeiro lugar, mesmo admitindo a intervenção de Santa Bárbara, não se trataria de um milagre, mas apenas de uma graça. O burro podia ter-se curado sem intervenção divina.

ZÉ

Como, Padre, se êle sarou de um dia pro outro...

PADRE

(*Como se não o ouvisse*) E além disso, Santa Bárbara, se tivesse de lhe conceder uma graça, não iria fazê-lo num terreiro de candomblé!

ZÉ

É que na capela do meu povoado não tem uma imagem de Santa Bárbara. Mas no candomblé tem uma imagem de Iansan, que é Santa Bárbara...

PADRE

(*Explodindo*) Não é Santa Bárbara! Santa Bárbara é uma santa católica! O senhor foi a um



ritual fetichista. Invocou uma falsa divindade e foi a ela que prometeu êsse sacrifício!

ZÉ

Não, Padre, foi a Santa Bárbara! Foi até a igreja de Santa Bárbara que prometi vir com a minha cruz! E é diante do altar de Santa Bárbara que vou cair de joelhos daqui a pouco, pra agradecer o que ela fêz por mim!

PADRE

(*Dá alguns passos de um lado para outro, de mão no queixo e por fim detem-se diante de Zé-do-Burro, em atitude inquisitorial*) Muito bem. E que pretende fazer depois... depois de cumprir a sua promessa?

ZÉ

(*Não entendeu a pergunta*) Que pretendo? Voltar pra minha roça, em paz com a minha consciência e quite com a santa.

PADRE

Só isso?

ZÉ

Só...

PADRE

Tem certeza? Não vai pretender ser olhado como um nôvo Cristo?

ZÉ

Eu?!



DPF DCDP Fls. Nº 418 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.636

PADRE

Sim, você. Você que acaba de repetir a Via Crucis, sofrendo o martírio de Jesus. Você que, presunçosamente, pretende imitar o Filho de Deus...

ZÉ

(*Humildemente*) Padre... eu não quis imitar Jesus...

PADRE

(*Corta terrível*) Mentira! Eu gravei suas palavras! Você mesmo disse que prometeu carregar uma cruz *tão pesada quanto a de Cristo.*

ZÉ

Sim, mas isso...

PADRE

Isso prova que você está sendo submetido a uma tentação ainda maior.

ZÉ

Qual, Padre?

PADRE

A de igualar-se ao Filho de Deus.

ZÉ

Não, Padre.

PADRE

Por quê então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade? Não, para salvar um burro!



CENSURA FEDERAL
D.P.F.
SCDP/SR/RS

ZÉ

Padre, Nicolau...

PADRE

É um burro com nome cristão! Um quadrúpede, um irracional!

***A Beata sai da igreja e fica assistindo à cena, do alto da escada.***

ZÉ

Mas Padre, não foi Deus quem fez também os burros?

PADRE

Mas não à Sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou seu Filho. Foi por nós, por você, por mim, pela Humanidade!

ZÉ

(*Angustiadamente tenta explicar-se*) Padre, é preciso explicar que Nicolau não é um burro comum... o senhor não conhece Nicolau, por isso... é um burro com alma de gente...

PADRE

Pois nem que tenha alma de anjo, nesta igreja você não entrará com essa cruz! (*Dá as costas e dirige-se à igreja. O sacristão trata logo de segui-lo*).

ZÉ

(*Em desespêro*) Mas Padre... eu prometi levar a cruz até o altar-mor! Preciso cumprir a minha promessa!

PADRE

Fizesse-a então numa igreja. Ou em qualquer parte, menos num antro de feitiçaria.



DPF
DCDP
Fls.
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.637

ZÉ

Eu já expliquei...

PADRE

Não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao diabo!

ZÉ

Padre..

PADRE

Um ritual pagão, que começou num terreiro de candomblé, não pode terminar na nave de uma igreja!

ZÉ

Mas Padre, a igreja...

PADRE

A igreja é a casa de Deus. Candomblé é o culto do diabo!

ZÉ

Padre, eu não andei sete léguas para voltar daqui. O senhor não pode impedir a minha entrada. A igreja não é sua, é de Deus!

PADRE

Vai desrespeitar a minha autoridade?

ZÉ

Padre, entre o senhor e Santa Bárbara, eu fico com Santa Bárbara.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

PADRE

(*Para o Sacristão*) Feche a porta. Quem quiser assistir à missa que entre pela porta da sacristia. Lá não dá para passar essa cruz. (*Entra na igreja*)

*A Beata entra também apressadamente, atrás do padre.*

*O Sacristão, prontamente, começa a fechar a porta da igreja, enquanto Zé-do-Burro, no meio da praça, nervos tensos, olhos dilatados, numa atitude de incomprensão e revolta, parece disposto a não arredar pé dali. Bonitão, um pouco afastado, observa, tendo nos lábios um sorriso irônico. A porta da igreja se fecha de todo, enquanto um foguetório tremendo saúda Iansan.*

CAI O PANO LENTAMENTE.



DPF DCDP Fls. N.º 420 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.638

CENSURA FEDERAL
D.P.F.
SCDP/SR/RS

SEGUNDO ATO

DPF
SCDP/SR/RS
Fls. 121
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.639

CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

## PRIMEIRO QUADRO

*Aproximadamente, duas horas depois. Abriu-se a vendola e o Galego aparece trepado num caixote, amarrando um cordão com bandeirolas vermelhas e brancas que vai da porta da venda ao sobrado do lado oposto. Zé e sua cruz continuam no meio da praça. Ouve-se um pregão: "Bei-jú... olha o bei-jú!" Logo após, surge no alto da ladeira uma preta em trajes típicos, com um tabuleiro na cabeça. Ela desce a ladeira e ao passar pelo Galego saúda.*

MINHA TIA

Iansan lhe dê um bom dia.

GALEGO

(*Espanhol*) Gracias, Minha Tia.

*Minha Tia vai até à igreja e aí, junto dos degraus, pára.*[1]

MINHA TIA

(*Para o Galego*) Quer vir aqui dar uma mãozinha pra sua tia, meu branco?

*Galego apressa-se a ir ajudá-la. Retira primeiro o cavalete que está sôbre o tabuleiro, abre-o, de-*

[1] A critério da direção e em momentos em que não prejudiquem a ação, transeuntes cruzarão a praça, durante todo o ato.



DPF DCDP 02 Fls. Nº 639 Rubrica

BR DFANBSB S.CPR.TEA.PTE. 0564, P.640

*pois ajuda-a a tirar o tabuleiro da cabeça e colocá-lo em cima do cavalete.*

MINHA TIA

Santa Bárbara lhe pague. (*Nota Zé-do-Burro*) Oxente! Que é aquilo?

GALEGO

Não sei. Já estava acá quando abri a venda. Parece maluco. (*Volta a pregar as bandeirolas, enquanto Minha Tia põe-se a arrumar o fogareiro, procura acendê-lo*).

*Desce a ladeira, passo mole, preguiçoso, Dedé Cospe-Rima. Mulato, cabeleira pixaim, sob o surrado chapéu de côco — um adôrno necessário à sua profissão de poeta-comerciante. Traz, em baixo do braço, uma enorme pilha de folhetos: abecês, romances populares em versos. E dois cartazes, um no peito, outro nas costas. Num se lê: "ABC da Mulata Esmeralda — uma obra prima" e no outro "Saiu agora, tá fresco ainda! "O que o cego Jeremias viu na Lua".*

DEDÉ

*(declama)*

Bom dia, Galego amigo!
dia assim eu nunca vi;
para saudar Iansan,
não repare eu lhe pedi:
me empreste por obséquio
dois dedos de parati.

GALEGO

É, com esta história de hacer versos, usted sempre me leva na conversa, (*entra na venda e dá*



CENSURA FEDERAL D.P.F. del SCDP/SR/RS

*a volta por trás do balcão*) É boa mesmo a do cego Jeremias? (*Serve o parati*).

DEDÉ

(*Bombástico, teatral*) Uma epopéia. Uma nova Ilíada, onde Tróia é a Lua e o cavalo de Tróia é o cavalo de São Jorge! (*Tira um exemplar e coloca sôbre o balcão*) Em paga do parati.

GALEGO

Si, pero... yo prefiro la otra, la da mulata Esmeralda.

DEDÉ

Uma prova de bom gôsto, Galego! (*Troca os folhetos*) É também uma obra prima. Lembra Castro Alves, modéstia à parte. (*Bebe o parati de um trago. Refere-se às bandeirinhas*) Bandeirinhas vermelhas e brancas, as côres de Iansan. Depois diz que não crê em candomblé.

GALEGO

Yo no creo, pero hay quem crea. E yo soy um comerciante...

DEDÉ

Somos dois! (*Estende novamente o cálice*) Mais uma dose. Esta eu pago amanhã. (*Galego faz cara feia, mas enche de novo o cálice*).

*A Beata entra da direita e detém-se junto a Minha Tia, ao ver Zé-do-Burro. Mostra-se surpresa e indignada.*

BEATA

É o cúmulo! Ainda está aí!



DPF DCDP Fls. N.º 223 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.641

MINHA TIA

Não vai abrir a igreja hoje, Iaiá? Dia de Santa Bárbara...

BEATA

*(Lança um olhar acusador a Zé-do-Burro).* Não enquanto êsse indivíduo não fôr embora.

MINHA TIA

Que foi que êle fêz?

BEATA

Quer entrar com essa cruz na igreja.

MINHA TIA

Só isso?

BEATA

E você acha pouco? Acha que Padre Olavo ia permitir?

MINHA TIA

Oxente! Por que não? Foi promessa que êle fêz?

BEATA

Foi. Mas promessa de candomblé. Pra uma tal de Iansan... que Deus me perdoe. (*Benze-se. Dirige-se para a esquerda e ao passar por Zé-do-Burro insulta-o*) Hereje! (*Sobe a ladeira, seguida do olhar de comovedora incompreensão de Zé-do-Burro*).

DEDÉ

(*Ouviu a conversa. Para o Galego*) Vou ver se Minha Tia me dia um abará. (*Atravessa a praça.*



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

*Não sem mostrar-se intrigado e curioso ao passar por Zé-do-Burro*) Bom dia, Minha Tia!

MINHA TIA

Bom dia, seu Dedé. (*Oferece*) Acarajé, abará, beiju... Vem benzer!

DEDÉ

(*Aponta*) Um abará. Pago daqui a pouco, quando entrar o primeiro dinheiro.

MINHA TIA

Eu já sabia... (*Entrega o abará embrulhado numa folha de bananeira).*

DEDÉ

(*Referindo-se a Zé-do-Burro*) Que história é essa?

MINHA TIA

O Senhor ouviu?

DEDÉ

Ouvi.

MINHA TIA

(*Com respeito*) Obrigação pra Iansan... (*Toca com as pontas dos dedos o chão e a testa*).

DEDÉ

Por isso o Padre não deixou êle entrar?

MINHA TIA

É... coitado.

DEDÉ

Chegou a fechar a porta.



DPF DCDP Fls. Nº 44 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569, P.643

MINHA TIA

O senhor entende?

DEDÉ

Entendo não.

MINHA TIA

O Padre é um homem tão bom.

DEDÉ

A senhora acha?

MINHA TIA

Então. Êle é tão amigo dos pobres, faz tanta caridade. Sei não.

*O Guarda entra pela direita. Vai direto a Zé-do-Burro. É um homem que procura safar-se dos problemas que se lhe apresentam. Sua noção do dever coincide exatamente com o seu temor à responsabilidade. Seu maior desejo é que nada aconteça, a fim de que a nada êle tenha que impor a sua autoridade. No fundo, essa autoridade o constrange terrìvelmente e mais ainda o dever de exercê-la.*

GUARDA

Olá, amigo.

ZÉ

Olá.

GUARDA

(*Refere-se à cruz*) É para a procissão de Santa Bárbara?



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ZÉ

Não.

GUARDA

Porque a procisão não sai daqui, sai do Mercado aqui perto e vai até à igreja da Saúde.

ZÉ

Não tenho nada com essa procissão.

GUARDA

E o senhor está aqui fazendo o quê? Esperando a festa? Ainda é muito cedo. São oito e meia da manhã. Só na parte da tarde é que isso pega fôgo.

ZÉ

Estou aqui desde quatro e meia da manhã.

GUARDA

Quatro e meia?! (*Coça a cabeça, preocupado*) O senhor deve ser um devoto e tanto! Mas acontece que escolheu um mau lugar...

ZÉ

A culpa não é minha.

GUARDA

Sim, eu sei, não foi o senhor quem inventou a festa de Santa Bárbara. Mas eu também não tenho culpa de ser guarda. Minha obrigação é facilitar o trânsito, tanto quanto possível.

ZÉ

Sinto muito, mas não posso sair daqui.



DPF DCDP Fls. Nº 425 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.643

GUARDA

(*Sua paciência começa a esgotar-se*) Ai, ai, ai, ai, ai... eu estou querendo me entender com o senhor...

ZÉ

(*Irritando-se também um pouco*) Eu também estou querendo me entender com o senhor e com todo o mundo. Mas acho que ninguém me entende.

*Dedé Cospe-Rima, que assistiu a tôda a cena, não resiste à curiosidade e vem presenciá-la mais de perto. Minha Tia também acompanha tudo com interêsse.*

ZÉ

Aquela mulher me chamou de hereje, o Padre fechou a porta da igreja como se eu fôsse Satanás em pessoa. Eu, Zé-do-Burro, devoto de Santa Bárbara.

DEDÉ

Mas afinal, o que é que o senhor quer?

ZÉ

Que me deixem colocar esta cruz dentro da igreja, nada mais. Depois, prometo ir embora. E já estou vexado mesmo por isto!

DEDÉ

Foi promessa. Promessa que êle fêz.

GUARDA

(*Raciocina, — operação que lhe parece custar tremendo esfôrço físico*) Promessa... colocar a cruz



CENSURA FEDERAL D.P.F. DCDP/SR/RS

dentro da igreja... Não vejo dificuldade nenhuma nisso. Fala-se com o padre e...

ZÉ

Se o senhor conseguir que êle abra a porta e me deixe entrar, está tudo resolvido.

GUARDA

(*Pensa mais um pouco, vê que não há outra maneira de resolver o problema, decide-se*) Pois bem, eu vou falar com êle. (*Dirige-se para a porta da igreja. Ante os olhares de grande espectativa do Galego, de Dedé, de Minha Tia*).

DEDÉ

Não vou lá ajudar também porque eu e êsse padre estamos de relações cortadas. (*Sai*)

GUARDA

(*Bate na porta várias vêzes, sem resultado, encosta o rosto na porta e chama*) Padre? Abra um instante, por favor!

*Segundos após, abre-se uma fresta e surge por ela a cabeça do Sacristão, receoso.*

GUARDA

Quero falar com o padre.

SACRISTÃO

(*Certifica-se de que não há perigo, abre um pouco mais a porta*).

Entre!

*Guarda tira o quepe e entra. Sacristão fecha a porta ràpidamente. Rosa desce a ladeira. Vem um pouco apressada, como se temesse não mais encon-*



DPF DCDP Fls. N.º 226 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.644

*trá-lo ali. Mas quando vê Zé-do-Burro, diminui o passo, tranquiliza-se em parte. Não perde, entretanto, um certo ar culposo, que procura disfarçar.*

ROSA

Você ainda está aí! (*Nota a igreja fechada*) A igreja não abriu?

ZÉ

Abriu, sim. Mas o Padre não quer me deixar entrar com a cruz.

ROSA

Por quê?

ZÉ

(*Balança a cabeça, na maior infelicidade*) Não sei, Rosa, não sei... Há duas horas que tento compreender... mas estou tonto, tonto como se tivesse levado um coice no meio da testa. Já não entendo nada... parece que me viraram pelo avesso e estou vendo as coisas ao contrário do que elas são. O céu no lugar do inferno... o demônio no lugar dos santos.

ROSA

(*Refletindo na própria experiência*) É isso mesmo. De repente, a gente percebe que é outra pessoa. Que sempre foi outra pessoa... é horrível.

ZÉ

Mas não é possível, Rosa. Eu sempre fui um homem de bem. Sempre temi a Deus.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ROSA

(*Concentrada em seu problema*) Zé, isso está parecendo castigo!

ZÉ

Castigo? Castigo por quê? Por eu ter feito uma promessa tão grande? Por ter sido no terreiro de Maria de Iansan? Mas se Santa Bárbara não estivesse de acôrdo com tudo isso, não tinha feito o milagre.

ROSA

Zé, esqueça Santa Bárbara. Pense um pouco em nós.

ZÉ

Em nós?

ROSA

Em mim, Zé.

ZÉ

Em você?

ROSA

Sim Zé, em mim, sua mulher.

ZÉ

Que é que você quer? Não dormiu, não descansou?

ROSA

(*Sem fitá-lo*) Zé, vamos embora daqui.



DPF DCDP Fls. N.º 427 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.645

ZÉ

Agora?

ROSA

Sim, agora mesmo.

ZÉ

Não posso. Você sabe que eu não posso voltar antes de chegar ao fim da promessa. Não ia ter sossêgo o resto da vida.

ROSA

Você acredita demais nas coisas.

ZÉ

É porque você não pensa no que pode acontecer.

ROSA

Mais do que já aconteceu?

ZÉ

Que aconteceu? A caminhada, as noites sem dormir, e agora ser xingado como a figura do diabo? Tudo isso é nada, comparado com o castigo que pode vir.

ROSA

Mas se o Padre não quer deixar você entrar com a cruz, que é que você ainda vai ficar fazendo aqui?

ZÉ

O Guarda foi falar com êle. Estou esperando.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

*(Como que desculpando-se por não pensar na situação dela)* Você, se quiser, pode ir comer qualquer coisa.

ROSA

(*Ante a impossibilidade de comunicar a êle o seu problema*) Já tomei café no hotel.

ZÉ

Não era bom o hotel que aquêle camarada arranjou?

ROSA

Muito bom. Tinha até pia no quarto e colchão de mola.

ZÉ

Fiquei um pouco preocupado.

ROSA

(*Ferida pela falta de ciúmes dêle*) Comigo?

ZÉ

Você num hotel, sòzinha. Cidade grande, a gente nunca sabe. Se bem que o môço garantiu que era hotel de família.

ROSA

Não tinha então que ter cuidado. O môço era de tôda confiança. Tão amável, tão prestativo...

REPÓRTER

(*Entra acompanhado do Fotógrafo*) Lá está êle. (*Vai a Zé, enquanto o Fotógrafo circula à procura*



DPF DCDP Fls. N. 428 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.646

*de ângulos. O Repórter é vivo e perspicaz. Dirige um cumprimento entusiasta a Zé-do-Burro)* Bom dia, amigo! (*Aperta efusivamente a mão de Zé-do-Burro*) Parabéns! O senhor é um herói.

ZÉ

(*Olha-o com estranheza*) Herói?

REPÓRTER

(*Com entusiasmo*) Sim, sete léguas carregando esta cruz. (*Calcula o pêso*) Pesada, hem? Sete léguas... quarenta e dois quilômetros. A maior marcha que eu fiz foi de vinte e quatro quilômetros, no Serviço Militar. E o fuzil não pesava tanto assim. (*Ri, mas seu riso murcha como um balão, ante o ar de desconfiança de Rosa e Zé-do-Burro*) Oh, desculpe... eu sei que o senhor fêz uma promessa. A comparação não foi muito feliz... (*Para o Fotógrafo*) Carijó, pode bater uma chapa. (*Posa de frente para Zé-do-Burro, de caderno e lápis em punho*) Finja que está falando comigo.

ZÉ

(*Começa a impacientar-se*) Fingir que estou falando... pra quê?

REPÓRTER

E dentro de algumas horas o Brasil inteiro vai saber. O senhor vai ficar famoso.

ZÉ

(*Contrariado*) Mas eu não quero ficar famoso, eu quero...



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/IRS

ROSA

(*Interrompe, em tom de repreensão*) Que é isso, Zé. Seja mais delicado com o môço. Êle é da gazeta...

REPÓRTER

Mulher dêle?

ROSA

Sou. Também andei sete léguas — meu pé tem cada calo dágua dêste tamanho.

REPÓRTER

Maravilhoso. E em quanto tempo cobriram o percurso?

ROSA

(*Não entendeu*) Como?

REPÓRTER

Quero dizer: quando saíram de lá, de sua cidade?

ROSA

Da roça. Saímos ontem de manhãzinha. Cinco horas da manhã.

REPÓRTER

A que horas chegaram aqui?

ROSA

Antes das cinco

REPÓRTER

Fizeram o percurso então em 24 horas. Com



DPF DCDP Fls. N.º 122 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 647

uma cruz que deve pesar?... (*Olha interrogativamente para Zé-do-Burro*)

ZÉ

(*Contrariado*) Não sei, não pesei.

REPÓRTER

Por menos que pese, é um "record"! Sob êste aspecto, podemos considerar um grande feito esportivo. Uma prova de resistência física... (*para Rosa*) e de dedicação...

*Rosa sorri, envaidecida, sentindo-se heroína também.*

REPÓRTER

Mas como nasceu a idéia dessa... peregrinação? (*As perguntas são feitas a Zé-do-Burro, mas êste recusa-se a respondê-las*).

ROSA

Não nasceu idéia nenhuma. O burro adoeceu, ia morrer — êle fêz promessa pra Santa Bárbara.

REPÓRTER

O burro? Que burro?

ROSA

O Nicolau.

ZÉ

(*Irritado*) Por quê? O senhor também vai achar que o meu burro não vale uma promessa?

REPÓRTER

Não, de modo algum... eu... eu apenas não



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/GR/RS

sabia... então, tudo isso... quarenta e dois quilômetros... a cruz... tudo por causa de um burro... (*Repentinamente, antevendo o interêsse que despertará a reportagem*) Fabuloso!

ROSA

E não foi só isso. Êle prometeu também repartir o sítio com aquela cambada de preguiçosos.

ZÉ

Que preguiçosos. Gente que quer trabalhar e não tem terra.

REPÓRTER

Repartir o sítio... diga-me, o senhor é a favor da reforma agrária?

ZÉ

(*Não entende*) Reforma agrária? Que é isso?

REPÓRTER

É o que o senhor acaba de fazer em seu sítio. Redistribuição das terras entre aquêles que não as possuem.

ZÉ

E não estou arrependido, môço. Fiz a felicidade de um bocado de gente e o que restou pra mim dá e sobra.

REPÓRTER

(*Toma notas*) É a favor da reforma agrária.



PPF DCDP Fls. Nº 6130 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.648

ZÉ

É bem verdade que se o meu burro não tivesse ficado doente, eu não tinha feito isso...

REPÓRTER

Mas, e se todos os proprietários de terra fizessem o mesmo. Se o govêrno resolvesse desapropriar as terras e dividi-las entre os camponeses?

ZÉ

Ah, era muito bem feito. Cada um deve trabalhar o que é seu.

REPÓRTER

(*Anota*) É contra a exploração do homem pelo homem. O senhor pertence a algum partido político?

ZÉ

(*Com alguma vaidade, dissimulada num sorriso modesto*) Já quiseram me fazer vereador... qual...

ROSA

O que atrapalhou foi o burro.

REPÓRTER

O burro? Por quê?

ROSA

Aonde êle vai, o burro vai atrás. Se êle fôsse eleito, o burro também tinha que ser...

REPÓRTER

É, mas desta vez, "seu"...



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ZÉ

Zé-do-Burro, seu criado.

REPÓRTER

..."seu" Zé-do-Burro, o senhor será eleito com burro e tudo. (*Confidencial*) Escute aqui, será que essa história da promessa não é um golpe para impressionar o eleitorado?...

ZÉ

(*Ofendido*) Golpe?!

REPÓRTER

E de mestre! Avalio a agitação que o senhor fêz com isso. Pelas estradas, no caminho até aqui, deve ter-se juntado uma verdadeira multidão para vê-lo passar.

ZÉ

É, tinha...

ROSA

Muito moleque também.

REPÓRTER

E imaginem a volta! A chegada à sua cidade, em carro aberto, banda de música, foguetes!

ZÉ

O senhor está maluco? Não vai haver nada disso.

REPÓRTER

Vai. Vai porque o meu jornal vai promover. Só



UPF DCDP Fls. N.º 431 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.6564/P.649

faço questão de uma coisa: que o senhor nos dê a exclusividade. Que não conceda entrevistas a mais ninguém. (*Noutro tom*) É claro que o senhor terá uma compensação... (*Faz com o indicador e o polegar um gesto característico*) e também a publicidade. Primeira página, com fotografias, o senhor e sua senhora... mandaremos fotografar também o burro — em poucas horas o senhor será um herói nacional.

ZÉ

(*Profundamente contrariado*) Môço, eu acho que o senhor não me entendeu... ninguém ainda me entendeu...

REPÓRTER

(*Sem lhe dar atenção*) O diabo foi o senhor ter escolhido um dia como o de hoje. Sábado. Amanhã é domingo, o jornal não sai. Só segunda-feira. E o nosso Departamento de Promoções precisaria preparar a coisa... Podemos dar o furo na edição de hoje, mas o barulho mesmo só segunda-feira. Quando o senhor pretende voltar?

ZÉ

Por mim, já estava de volta.

*Abre-se parcialmente a porta da igreja. O Sacristão deixa o Guarda passar e torna a fechá-la. O Guarda vem ao encontro de Zé-do-Burro, que o aguarda sem muita esperança.*

GUARDA

(*Balança a cabeça, desanimado*) Não consegui nada.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCOP/SR/RS

ZÉ

O senhor falou com o Padre

GUARDA

Falei, argumentei... não adiantou. E ainda tive que ouvir um sermão dêste tamanho. Êle acha que, em vez de ir pedir para deixar o senhor entrar na igreja, eu devia era levá-lo prêso. Claro que eu não vou fazer isso, mas o senhor bem que podia ter arranjado uma promessinha menos complicada.

ROSA

Também acho.

GUARDA

Porque não adianta o senhor ficar aqui; o padre já disse que não abre a porta e não abre mesmo — eu conheço êle.

REPÓRTER

Ótimo! Mas isso é ótimo! Assim temos um pretexto para adiar a entrega da cruz para segunda-feira. Dará tempo então de organizarmos tudo. As entrevistas, as apresentações no rádio... e a sua volta triunfal com batedores e banda de música!

ZÉ

(*Cada vez mais contrariado e mais infeliz*) Môço, eu vim a pé e vou voltar a pé.

ROSA

(*Ela vislumbrou nas palavras do Repórter uma possibilidade confusa de libertação, ouviu-as num entusiasmo crescente*) Oxente! Não seja estúpido, homem! O môço está querendo ajudar a gente.



DPF DCDP Fls. N.º 432 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.650

ZÉ

Então êle que me ajude a convencer o vigário a abrir a porta...

REPÓRTER

Eu vou já entrevistar o vigário. Mas fique certo de uma coisa: seja qual fôr o seu objetivo, uma publicidadezinha não fará mal algum... (*Pisca o ôlho para Zé-do-Burro, que não percebe a insinuação*) Carijó, bata mais uma chapa. (*Para Zé-do-Burro*) Quer fazer o favor de carregar a cruz? (*Para Rosa*) A senhora também.

*Zé-do-Burro fica indeciso, sem palavras para traduzir a sua indignação.*

ROSA

Vamos, Zé! (*Empurra-o para baixo da cruz e coloca-se a seu lado, numa atitude forçada*)

*O Guarda também procura, discretamente, aparecer na fotografia. A cena é caricatural, com Rosa escancarando-se num sorriso de dentifrício, Zé-do-Burro vergado ao pêso da cruz e de sua imensa infelicidade. E o Guarda, de peito estufado, disputando honrosamente a sua participação no acontecimento.*

GALEGO

(*Sai da venda, apressado e dirige-se ao Fotógrafo*) Um momento! O senhor não podia fazer aparecer também o meu estabelecimento? Sabe... uma publicidadezinha...

*Fotógrafo coloca-se de molde a aparecer, no fundo, a venda. Galego corre para junto do balcão e posa.*



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP

REPÓRTER

Ótimo. Pode bater, Carijó.
*O Fotógrafo bate a chapa.*

REPÓRTER

Obrigado. Esta vai sair hoje na primeira página. (*Para o Fotógrafo*) Vamos agora entrevistar o vigário.

GUARDA

É melhor o senhor ir pela porta da sacristia.

ZÉ

Eu levo o senhor até lá.

REPÓRTER

(*Não gosta da idéia*) Não, acho melhor o senhor esperar aqui...

ZÉ

(*Com decisão*) Mas eu quero ir com o senhor.

REPÓRTER

(*Cede, de má vontade*) Está bem. (*Sai, com Zé-do-Burro e o Fotógrafo*)

*Ouvem-se buzinas insistentes.*

GUARDA

Garanto que agora o padre vai abrir a igreja. Não há quem não tenha mêdo da imprensa. (*Olha na direção da direita*). Eu vou pra lá, que a coisa está piorando. (*Sai pela direita*).

*Bonitão desce a ladeira e pára na vendola. Rosa o vê e não esconde a sua emoção.*



DPF DCDP Fls. N.º 433 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.651

BONITÃO

(*Para o Galego*) Uma dupla.

GALEGO

Olá, Bonitão. Usted por aqui "de madrugada"... (*Serve a cachaça*).

ROSA

(*Vai à venda e encosta-se no balcão, ao lado de Bonitão*) Um café, môço...

BONITÃO

Ainda?...

ROSA

Ainda.

BONITÃO

Não sei como você agüenta.

ROSA

Eu também não.

BONITÃO

Êle desconfiou de alguma coisa?

ROSA

Nada. Êle só pensa na cruz e na promessa.

BONITÃO

Sabe que eu fui pra casa dormir e não consegui?



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ROSA

Por quê?

BONITÃO

Fiquei pensando em você.

ROSA

Melhor que não pense.

BONITÃO

Está arrependida?

ROSA

Estou.

BONITÃO

Agora é um pouco tarde.

ROSA

Não é não. Uma noite a gente pode apagar.

BONITÃO

A gente pode apagar uma porção de noites. Isso não deixa marca.

ROSA

Em mim deixou. Nem sei como êle não vê. Dá até raiva. Dá vontade de contar tudo.

BONITÃO

Não é má idéia. Êle não é homem violento. Podia era largar você aqui na cidade e voltar sòzinho pra roça. Isso resolvia tudo.



DPF DCDP Fls. N.º 234 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.652

ROSA

Resolvia o quê?

BONITÃO

Sua vida. Você tem futuro.

ROSA

Adianta não. Minha sina é essa mesma. Às vêzes eu tenho vontade, sim, de arrumar a trouxa e ganhar a estrada. Mas não tenho coragem. E se tivesse, não ia saber pra onde ir...

BONITÃO

Quando eu era menino, fui guia de cego...

ROSA

Não estou cega. E sabia muito bem o que estava fazendo. Como sei também que sou capaz de fazer de nôvo, se êle não me levar daqui. Mesmo sem querer.

BONITÃO

Se você não se livrar dêle, vai acabar idiota como êle.

ROSA

(*Procurando uma justificativa para sua falta de coragem*) Êle precisa de mim.

BONITÃO

Êle tem o burro.

ROSA

Estúpido!



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

BONITÃO

Não quis comparar...

ROSA

Êle é muito homem, fique sabendo!

BONITÃO

Se é assim, por quê você tem tanta sêde?...

ROSA

*(Ela se sente cada vez mais empurrada para êle, como para um abismo, e não há nela, precisamente, um desejo de resistir ao salto definitivo. Há apenas a imensa fraqueza da pessoa humana no momento das grandes decisões)* Que tinha você de aparecer aqui de nôvo?

BONITÃO

Foi você quem veio falar comigo.

ROSA

Você me obriga a fazer o que eu não quero.

BONITÃO

(*Ri, cônscio de seu poder de sedução*) Que culpa tenho eu de ter nascido com tantas qualidades?

*Ela vai voltar ao centro da praça. Êle a segura pelo braço.*

BONITÃO

(*Baixo*) Espere...

ROSA

(*Idem*) Está louco?



DPF DCDP Fls. N.º 432 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.653

BONITÃO

Pelo jeito, êle ainda vai ficar muito tempo aí. Entendeu?

ROSA

(*Solta-se dêle com um safanão*) Não entendo nada. Você é doido e eu estou ficando doida também.

BONITÃO

Êle não pode sair de junto da cruz. Mas você pode... pode ir descansar no hotel... ou mesmo ir rezar em outra igreja, pedir a outro santo pra ajudar a convencer o padre a abrir a porta... Um reforço sempre é bom...

*Entra Zé-do-Burro. Rosa e Bonitão disfarçam.*

MINHA TIA

(*Detendo-o*) E então?...

ZÉ

Êles não quiseram que eu entrasse. Acham melhor falar com o Padre em particular...

MINHA TIA

(*Assume uma atitude de extrema cumplicidade*) Meu filho, eu sou "ekédi" no candomblé da Menininha. Mais logo o terreiro está em festa. Você fêz obrigação pra Iansan, Iansan está lá pra receber!

ZÉ

(*Êle não entende*) Como?...



CENSURA PRÉVIA D.P.F. SCDP/SR/RS

MINHA TIA

Eu levo você lá! Você leva a cruz e a santa recebe! Você fica em paz com ela!

ZÉ

Iansan...

MINHA TIA

Foi ela quem lhe atendeu!

ZÉ

Mas a igreja...

MINHA TIA

Mande o padre pro inferno! Leve a sua cruz no terreiro! Eu vou com você!

ZÉ

(*Hesita um pouco e por fim reage com veemência*) Não, não foi num terreiro que eu disse que ia levar a cruz, foi numa igreja. Numa igreja de Santa Bárbara.

MINHA TIA

Santa Bárbara é Iansan. E Iansan está lá! Vai baixar nos seus cavalos! Vamos!

ZÉ

Não. Não é a mesma coisa. Não é a mesma coisa.

*Abre-se a porta da igreja e surgem Repórter. Fotógrafo e Sacristão.*

REPÓRTER

(*Para o Sacristão*) O senhor acha que o padre não deixa mesmo êle entrar?



DPF DCDP Fls. N.º 436 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564/P-654

SACRISTÃO

O senhor não ouviu êle dizer? É Satanás! Satanás sob um dos seus múltiplos disfarces!

REPÓRTER

Satanás disfarçado em Jesus Cristo... acho que é um pouco forte. Em todo caso, isso é lá com êle. Eu confesso que não sou muito entendido na matéria. O que interessa é mantê-lo aqui, pelo menos até segunda-feira. Se fôr preciso, mandarei vir comida e bebida. Contanto que êle não vá embora antes de segunda-feira.

*Zé-do-Burro dá um passo em direção à igreja. Sacristão assusta-se.*

SACRISTÃO

Com licença, senhores, com licença. (*Entra e fecha a porta, precipitadamente*).

*Fotógrafo vai à vendola.*

REPÓRTER

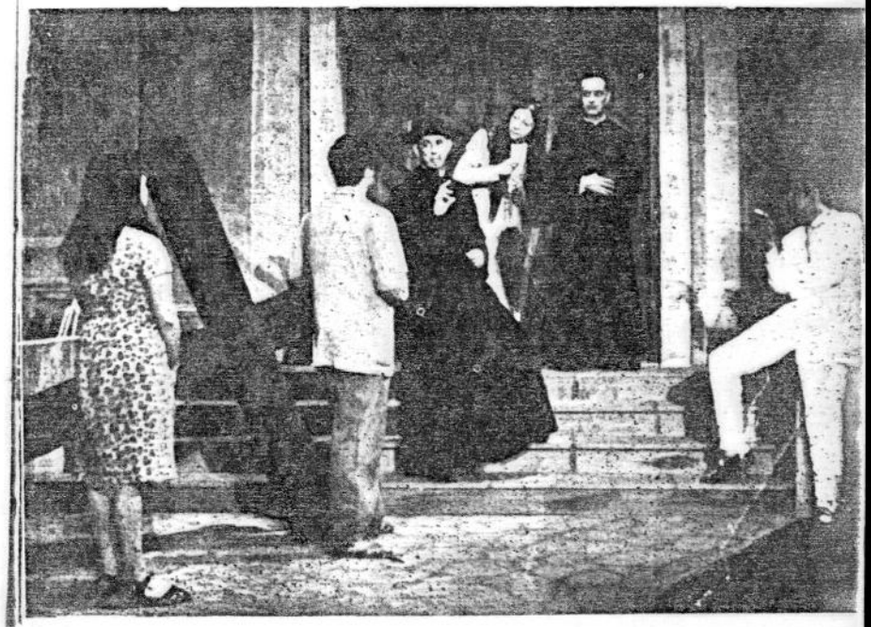
(*Indo a Zé-do-Burro*) Nada feito, meu camarada. O padre é uma rocha. (*Procura estimulá-lo a resistir*) Mas êle vai acabar cedendo. Se você não arredar pé daqui, êle vai ter que abrir a igreja. Eu lhe garanto. Agora a causa não é sòmente sua, é também do nosso jornal. E sendo do nosso jornal, é do povo!

*Zé-do-Burro olha-o como se procurasse inùtilmente entender um ser vindo de outro planêta.*

REPÓRTER

Eu o aconselho a resistir. Afinal de contas, é um direito. Direito que o senhor adquiriu em 42 quilômetros de "via crucis". Eu confio no senhor.

*Cena da versão cinematográfica que conquistou a "Palma de Ouro" no Festival de Cannes (1962)*



*Rosa, Zé, Monsenhor, Beata, Padre Olavo, Bonitão. (Teatro de Amadores de Pernambuco, outubro 1963.)*

DPF DCDP Nº 437 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.655

*Leonardo Vilar (Zé-do-Burro) e Natália Timberg (Rosa), na cena inicial da peça. (Montagem do Teatro Brasileiro de Comédia, São Paulo. Direção de Flávio Rangel.)*

CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

(*Para Rosa*) Leia o meu jornal hoje à tarde. Vai ser um estouro. (*Sai seguido do Fotógrafo*)

BONITÃO

Jornalistas, é?

ROSA

É. (*Com vaidade*) Tiraram o meu retrato. Será que vão publicar mesmo?

BONITÃO

Se estivesse nua, eu garantia. Assim... não sei.

*Neste momento, entra Marli pela direita. Ao ver Bonitão junto a Rosa, avança para êle em atitude agressiva.*

MARLI

Eu sabia!... Tinha que estar atrás de algum rabo de saia!

BONITÃO

Que é que você vem fazer aqui?

MARLI

Venho saber por que o senhor não apareceu em casa esta noite.

BONITÃO

Que casa?

MARLI

A minha casa!

BONITÃO

Estava indisposto. Fui para o meu hotel.



DPF DCDP Fls. N.º 438 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.656

MARLI

(*Mede Rosa de alto a baixo*) Sim, eu estou vendo a sua "indisposição".

BONITÃO

(*Em voz contida, mas enérgico*) Não faça escândalo!

MARLI

Por quê? Está com mêdo do marido dela?

BONITÃO

Não estou com mêdo de ninguém, mas não vou deixar você fazer a senhora passar vexame.

MARLI

(*Irônica*) A senhora... se ela é senhora, eu sou donzela...

BONITÃO

(*Autoritário*) Marli, me obedeça!

MARLI

Está querendo bancar o machão na frente dela, é?

BONITÃO

Eu não tenho nada com ela!

MARLI

Você passou a noite com ela!

*O rosto de Zé-do-Burro se cobre de sombras e êle busca nos olhos de Rosa uma explicação. Ela não o fita.*



CENSURA FEDERAL D.P.F. DCDP/SR/RS

(*Segura Marli por um braço, violentamente*) Vamos para casa!

MARLI

Não! Primeiro quero tirar isso a limpo. Quero que essa vaca saiba que você é meu. (*Com orgulho*) Meu! (*Grita para Rosa*) Esta roupa foi comprada com o meu dinheiro! Esta e tôdas as que êle tem!

BONITÃO

(*Perde a paciência, ameaçador*) Se você não fôr para casa imediatamente, nunca mais eu deixo você me dar nada!

MARLI

(*Deixando-se arrastar por êle na direção da direita*) Êle é meu, ouviu? Fique com seu beato e deixe êle em paz! É meu homem! É meu homem!

*Há uma pausa terrìvelmente longa, na qual Zé-do-Burro apenas fita Rosa, silenciosamente, sob o impacto da cena. Em seu olhar, lê-se a dúvida, a incredulidade e sobretudo o pavor diante de um mundo que começa a desmoronar. As luzes se apagam em resistência.*

## SEGUNDO QUADRO

*Três horas da tarde. Zé-do-Burro e Rosa continuam no meio da praça. Minha Tia com seu tabuleiro, na porta da igreja, o Galego na venda, Dedé Cospe-Rima entra da direita.*



DPF DCDP Fls. Nº 433 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.657

"ABC da Mulata Esmeralda", romance completo contando tôda a vida de Esmeralda, desde o nascimento, no Bêco das Inocências, até a morte, por trinta facadas, na Rua da Perdição. (*Oferece a Zé-do-Burro*) 10 cruzeiros...

*Zé-do-Burro recusa com um gesto.*

DEDÉ

*(Lê, declamando)*

Ai, meu Senhor do Bonfim,
dai-me muita inspiração,
dai-me rima e muita métrica
pra fazer a descrição
das penas de Esmeralda
na Rua da Perdição.

*(Para Zé-do-Burro)* Estava pensando... sabe que essa sua briga com o Padre dava um abecê? Quer, eu escrevo.

ZÉ

(*Com decisão*) Não.

DEDÉ

Por quê não quer? Abecê em versos, ficava bonito...

ZÉ

Não.

DEDÉ

Versos que, modéstia à parte, são lidos pela Bahia inteira. (*Com intenção*) Inclusive pelo Padre Olavo... e não é por me gabar, meu camarada, mas aqui como me vê, poeta pela graça da Virgem e do Senhor do Bonfim, eu sou um homem temido! Quando eu anuncio que vou escrever um folheto contando as bandalheiras dêsse ou daquele deputado... ah, menino, não tarda o fulano me procurar pra adoçar meus versos. (*Faz com os dedos um sinal característico de dinheiro*). Se eu anunciar nesta tabuleta que vou escrever o "ABC de Zé-do-Burro", tenho certeza que o Padre abre logo a porta e vem êle mesmo carregar a cruz.

*Zé olha-o com desconfiança.*

ROSA

Que é preciso pra isso?

DEDÉ

Bem, o consentimento dêle, em primeiro lugar. E em segundo, sabe... papel está pela hora da morte, a tipografia está cobrando os olhos da cara...

ROSA

Ah, é preciso pagar...

DEDÉ

Aí uns cinco contos pra ajudar. (*Vai a Zé*) Mas garanto o resultado.

ZÉ

(*Vigorosamente*) Não quero que faça nada.

DEDÉ

Olhe que o senhor se arrepende. Garanto que basta anunciar, o Padre se borra todo.



POLÍCIA FEDERAL D.P.F. DCDP/SR/RS
BIBLIOTECA SESC RGS AMBULANTE
DPF DCDP N.º 4110 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 658

ZÉ

(*Corta, irritado*) Não quero, já disse!

DEDÉ

Está bem. Quem perde é o senhor. O senhor e a Poesia nacional.

*Mestre Coca desce a ladeira, gingando e pára na vendola. É um mulato alto, musculoso e ágil. Veste calças brancas "bôca de sino" e camisa de meia.*

COCA

Buenas.

GALEGO

Ôpa!

DEDÉ

Boa tarde, Mestre Coca.

COCA

Dedé Cospe-Rima... precisa arranjar um serviço de homem, meu camarada... (*Para o Galego*) Me dá um porongo. (*Galego serve a cachaça*) (*Ouvem-se trovões longínquos*) Dia de Santa Bárbara... tem que roncar trovoada.

DEDÉ

Já largou a estiva, Mestre Coca?

COCA

Já. Descarreguei um cargueiro holandês até a uma hora e caí no mundo. Hoje, dia de Iansan, não é dia de carregar pêso, é dia de vadiar.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/1958

DEDÉ

Vamos ter capoeira hoje?

COCA

Mais logo. Mais logo vamos ter vadiação. Vou jogar com Manoelzinho Sua-Mãe. (*Nota Zé-do-Burro*) Me disseram que tinha aqui um homem querendo entrar na igreja com uma cruz e o Padre não queria deixar...

GALEGO

É êsse aí.

COCA

Mas lugar de cruz não é dentro da igreja?

DEDÉ

É, mas parece que a cruz é pra Iansan, e o Padre não gostou da história.

COCA

E fechou a porta?

DEDÉ

Não é de admirar. Outro dia êle não quis proibir que eu vendesse meus livros aqui na porta da igreja?

COCA

Por quê?

DEDÉ

Disse que o "ABC da Mulata Esmeralda" era indecente. Falou isso num sermão. E de lá pra cá



DPF DCDP Fls. N.º Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.659

essas beatas quando passam por mim viram a cara, como se eu fôsse a pintura do Cão.

GALEGO

No me gustan los padres. Pero êsse está haciendo um buen servicio. Por causa dêle a freguesia aumentou e já fui até fotografado.

DEDÉ

Se êle quisesse, eu fazia o Padre abrir a porta em dois tempos.

GALEGO

Nada. Deixa el hombre aí. Quanto mais demorar, mejor...

DEDÉ

Vou dar um pulo até o Mercado de Santa Bárbara.

COCA

Ah, lá a festança já começou é de hoje. Capoeira, roda de samba... está bom que está danado.

DEDÉ

Tem turista?

COCA

Vi uns gringos.

DEDÉ

Vou até lá. (*Sobe a ladeira com os folhetos embaixo do braço*).



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ROSA

(*Para o marido*) Sabe que horas são? Três horas da tarde. Você não está com fome?

ZÉ

Não. Vá ali na mulher no tabuleiro, compre qualquer coisa pra você. (*Tira do bôlso uma nota*) *Rosa toma a nota e vai a Minha Tia*

MINHA TIA

Que é, Iaiá?

ROSA

Qualquer coisa pra matar a fome.

MINHA TIA

Precisa mesmo. É de hoje que vosmincês estão aí...

ROSA

Desde manhã cedo.

MINHA TIA

(*Fitando Zé-do-Burro com simpatia e incredulidade*) E êle parece um homem tão bom...

SECRETA

(*O "tira" clássico. Chapéu enterrado até os olhos, mãos nos bolsos, inspira mais receio que respeito. À primeira vista, tanto pode ser o representante da lei, como o fugitivo da lei. Entra pela direita e atravessa a cena, lentamente, em direção à vendola. Ao passar por Zé-do-Burro, demora nêle*



DPF DCDP Fls. 42 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.660

*um olhar de desabusada curiosidade*). Uma dupla. *(Olha em tôrno, procurando alguém, consulta o relógio).*

ROSA

*(Durante a entrada do Secreta, estêve escolhendo alguns quitutes no tabuleiro da baiana. Recebe-os agora, embrulhados em folha de banana, das mãos da preta. Paga).*

MINHA TIA

Diga a êle que não desanime, Iansan tem fôrça!

*Rosa ri, leva os quitutes para Zé-do-Burro. Êste recusa com um gesto. Entra da direita o Guarda, com um jornal na mão.*

GUARDA

Vejam! Primeira página com retrato e tudo! *(Mostra o jornal a Rosa, que corre ansiosamente)*

ROSA

Meu retrato?

GUARDA

Eu também saí.

ROSA

*(Examina o retrato)* Hum... o senhor saiu muito bem... a cópia fiel!

GUARDA

*(Sorri, vaidoso)* É... eu acho que saí bem... vou levar pra minha mulher.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ROSA

Quem saiu mal fui eu... *(Faz uma carêta de desagrado)* Horrível.

GUARDA

Não ligue. Fotografia de gazeta é assim mesmo.

ZÉ

*(Sua atitude para com Rosa é agora de recalcada e surda revolta. Embora êle não pareça ter certeza ainda de sua infidelidade, instintivamente começa a perceber que ela se encontra do outro lado, do lado daqueles que, por êste ou aquêle motivo, não o compreendem, ou fingem não compreendê-lo)* Afinal, que é que diz aí?

GUARDA

*(Como se só agora lhe ocorresse ler a reportagem)* Ah, sim... *(lê)* "O novo Messias prega a revolução".

ZÉ

*(Estranha)* Revolução?... *(Espicha o pescoço e lê por cima do ombro do guarda).*

GUARDA

É, revolução. Está aqui. *(Continua)* "Sete léguas carregando uma cruz, pela reforma agrária e contra a exploração do homem pelo homem." *(Entreolham-se sem entender).*

ZÉ

Eu bem achei que aquêle camarada não era certo da bola...



DPF DCDP Fls. N.º 943 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.661

GUARDA

*(Continuando a ler)* "Para o vigário da paróquia de Santa Bárbara, é Satanás disfarçado. Quem será afinal Zé-do-Burro? Um místico ou um agitador? O povo o olha com admiração e respeito, pelos caminhos por onde passa com sua cruz, mas o vigário expulsa-o do templo. No entanto, Zé-do-Burro está disposto a lutar até o fim!" Acho que o môço não entendeu bem o seu caso. *(Olha-o com certa desconfiança)* Ou então fui eu que não entendi. *(Dá o jornal a Zé-do-Burro)* Podem ler. Mas não joguem fora. *(Iniciando a saída)* Quero levar pra casa. *(Sai).*

ROSA

Zé, não estou gostando disso.

ZÉ

Nem eu.

ROSA

Não entendi bem o que botaram na gazeta, mas uma coisa me diz que isso não é bom.

ZÉ

*(Não esconde o ressentimento que guarda dela)* Bem Maria de Iansan disse. A promessa tinha que ser bem grande... Com certeza Santa Bárbara achou que não era bastante o que eu prometi e está cobrando o restante. *(Fita Rosa)* Ou está me castigando por eu ter prometido tão pouco.

ROSA

Então eu também estou sendo castigada...



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCOP/SR/RS

ZÉ

Ou pode ser que esteja me fazendo passar por tudo isso pra me exprimentar. Pra ver se eu desisto da promessa. Santa Bárbara está me tentando... e ainda há pouco quase que eu caio.

ROSA

Quando?

ZÉ

Quando aquela sujeita disse tudo aquilo. O sangue me subiu na cabeça e se eu me deixo tentar tinha matado um homem ou uma mulher... Ia prêso... e não podia cumprir a promessa. Pensei nisso, naquela hora, e agüentei tudo calado. Foi uma prova. Tudo isso é uma provação.

ROSA

*(Agarrando-se a uma justificativa para sua própria falta)* Deve ser, sim. É a única explicação pra tudo que aconteceu. Santa Bárbara me usou pra pôr você à prova.

ZÉ

Mas Santa Bárbara não teria feito isso se não conhecesse você melhor que eu...

ROSA

*(Veemente)* Eu senti, Zé... senti que havia uma vontade mais forte do que a minha me empurrando pra lá... E você ajudando. Você também é culpado. Eu não queria ir e você insistia. Não é pra me desculpar, mas se tudo é obra de Santa Bárbara, o que é que eu podia fazer?



DPF DCDP Fls. N. Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.667

ZÉ

Podia resistir à tentação, como eu tenho resistido.

ROSA

Era diferente. Não era a mim que ela estava pondo à prova. Era a você. E se ela é santa, se ela pode fazer milagre, pode me obrigar a fazer o que eu não quero, como obrigou. Pode botar o diabo no meu corpo, como botou. Mas isso não vai acontecer mais. Acho até que isso nem aconteceu. Pois se foi uma provação divina...

ZÉ

*(Não muito convencido)* Êsse assunto nós vamos resolver depois, na volta. *(Lê o jornal).*

*Entra Bonitão pela direita e vai diretamente à vendola. Aproxima-se do Secreta. Traz um jornal em baixo do braço.*

BONITÃO

*(Em voz baixa, disfarçadamente)* Você veio depressa. *(Para o Galego)* Uma dose.

*Galego serve.*

SECRETA

*(Idem)* Que é que você quer falar comigo? Se é sôbre a sua volta à Polícia...

BONITÃO

*(Corta, sorrindo)* Não, nada disso. Nem estou pensando mais em voltar. Estou muito bem de vida.



CENSURA D.P.F. SCDP/SR/RS

SECRETA

Mas tome cuidado. Estão com sua ficha em dia...

BONITÃO

*(Ri)* Não acredito. Vocês vivem comendo môsca. Olha aí... *(Indica, com o olhar, Zé-do-Burro)* No meu tempo, êsse cabra já estava no xilindró. *(Noutro tom)* E vocês me expulsaram...

SECRETA

Quem é êle?

BONITÃO

*(Mostrando o jornal)* Tome, leia... Vocês nem lêem gazeta e querem estar em dia. *(O Secreta põe-se a ler o jornal atentamente, dando de vez em quando, uma mirada para Zé-do-Burro, como a comprovar as afirmativas. Bonitão atira uma nota sôbre o balcão).*

SECRETA

Você já conversou com êle?

BONITÃO

Já. O homem é perigoso. Banca o anjo de procissão, mas não é à toa que o padreco dali de frente fechou a igreja e jurou que êle não entra.

SECRETA

É, mas a coisa é esquisita.

BONITÃO

Eu, se fôsse você, "guardava" êle por uns dias...



DPF DCDP Fls. N.º 445 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.663

SECRETA

Também não pode ser assim. Tenho que investigar, depois comunicar ao Comissário.

BONITÃO

Qual, vocês não sabem trabalhar. Dá o flagra no homem!

SECRETA

Flagra de quê? Êle não está fazendo nada...

BONITÃO

Como não? Agitação social!

SECRETA

Venha comigo.

BONITÃO

*(Iniciando a passagem)* Êle vai lhe contar a história de um burro, mas não vá nessa conversa.

GALEGO

*(Para Mestre Coca)* Polícia... estão querendo prender el hombre!

COCA

Está certo, não. Fazer promessa não é crime.

*Zé-do-Burro recebe Bonitão e Secreta com desconfiança.*

*Rosa mostra certo constrangimento diante de Bonitão. Êste apresenta o Secreta.*

BONITÃO

Um amigo. Quer conversar com vocês... quer ajudar.

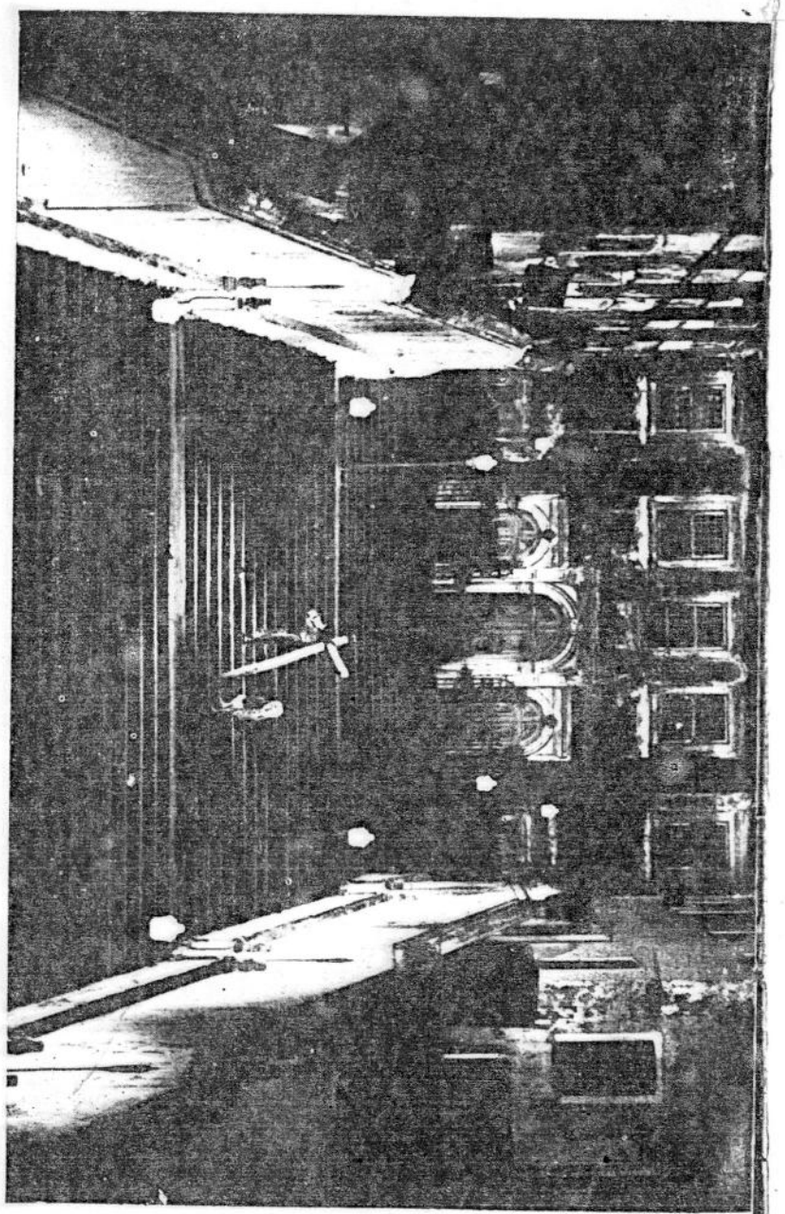
*Leonardo Vilar e Natália Timberg. (Cena final. Versão original do TBC. Direção de Flávio Rangel)*

PADRE — *Sete léguas com essa cruz nas costas. Deixe ver seu ombro. (Cena do 1.º ato, com Sebastião Vasconcellos, Ganzarolli, Luiz Linhares e Lucia Magna. Versão do Teatro Nacional de Comédia. Direção de José Renato.)*

DPF DCPR Fls. 146 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564 fl. 664

CENSURA FEDERAL - D.P.F. - SCDP/SR/RS



*Leonardo Vilar e Glória Menezes na versão cinematográfica de Anselmo Duarte*

SECRETA

Olá!

ZÉ

*(Dentro dêle, uma revolta de proporções imprevisíveis começa a crescer)* Ajudar... todo o mundo quer ajudar... *(Arrebata o jornal das mãos de Rosa e o faz em pedaços)*

ROSA

*(Assustada)* Não faça isso, homem! É do Guarda! Êle pediu pra guardar!

ZÉ

O Guarda também quer ajudar. *(Repete como uma obcessão)* Todos querem ajudar... *(Seu olhar, que começa a ser agora um olhar de fera acuada, cai sôbre Bonitão)* Todos...

SECRETA

O senhor sabe que suas idéias são muito perigosas?

ZÉ

Perigosas?

SECRETA

O senhor não devia dizer isso no jornal. E muito menos aqui, em praça pública. Porque isso pode lhe dar muita aporrinhação.

ZÉ

Mais do que já tive?



DPF DCDP Fls. N.º 447 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P665

SECRETA

Por muito menos, tenho visto muita gente ir parar no xadrez.

ROSA

Xadrez?

SECRETA

Estou avisando como amigo.

ZÉ

Amigo. Já vi que estou cercado de amigos. É amigo por todo o lado... Cada qual querendo ajudar mais do que o outro.

SECRETA

O senhor é um revoltado.

ZÉ

Não era, não. Mas estou ficando.

SECRETA

É por isso que está aqui desde esta madrugada?

ZÉ

É. *(Inflamando-se)* E daqui não saio enquanto não fizer com que todo mundo me entenda! Todo mundo!

SECRETA

Como pretende fazer isso?

ZÉ

Como... sei lá... mas tem de haver um



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RP

jeito... tem de haver um jeito... *(Desesperado)* A vontade que eu tenho é de jogar uma bomba... *(Inicia um gesto, como se atirasse uma bomba contra a igreja, mas o braço se imobiliza no ar, êle percebe a heresia que ia proferir, deixa o braço cair e ergue os olhos para o céu)* Que Deus me perdoe! *(Secreta e Bonitão trocam olhares significativos. Zé-do-Burro avança dois ou três passos em direção à igreja, isola-se do grupo e grita a plenos pulmões)* Padre! Padre! *(Dedé desce a ladeira e fica assistindo à cena, curioso)* Padre, eu andei sete léguas pra vir até aqui! Deus é testemunha! Ainda não comi hoje... e não vou comer até que abra a porta! Um dia, dois... um mês... vou morrer de fome na porta da sua igreja, padre!

*Galego deixa a vendola e vem para o meio da praça, no momento em que surgem também na ladeira dois tocadores de berimbau, de instrumento em punho. Colocam-se ao lado de Mestre Coca e ficam apreciando.*

ZÉ

*(Gritando, alucinadamente)* Padre, é preciso que me ouça, padre!

*Abre-se de súbito a porta da igreja e entra o Padre. O Sacristão atrás dêle, amedrontado. Grande silêncio. O Padre avança até o começo da escada.*

PADRE

Que pretende com essa gritaria? Desrespeitar esta casa, que é a casa de Deus?

ZÉ

Não, Padre, lembrar sòmente que ainda estou aqui com a minha cruz.



DPF DCDP Fls. N.º 648 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564.P.666

PADRE

Estou vendo. E essa insistência na heresia mostra o quanto está afastado da igreja.

ZÉ

Está bem, Padre. Se fôr assim, Deus vai me castigar. E o senhor não tem culpa.

PADRE

Tenho, sim. Sou um sacerdote. Devo zelar pela glória do Senhor e pela felicidade dos homens.

ZÉ

Mas o senhor está me fazendo tão infeliz, padre!

PADRE

*(Sinceramente convicto)* Não! Estou defendendo a sua felicidade, impedindo que se perca nas trevas da bruxaria.

ZÉ

Padre, eu não tenho parte com o Diabo, tenho com Santa Bárbara.

PADRE

*(Agora para tôda a praça)* Estive o dia todo estudando êste caso. Consultei livros, textos sagrados. Naquele burro está a explicação de tudo. É Satanás! Só mesmo Satanás podia levar alguém a ridicularizar o sacrifício de Jesus.

ROSA

Não, Padre, não!



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

PADRE

Por quê não?

ROSA

Porque eu conheço êle. É um bom homem. Até hoje só fêz o bem.

PADRE

Lúcifer também foi anjo.

ROSA

É até bom demais. Nunca fêz mal a ninguém, nem mesmo a um passarinho. É capaz de repartir o que é dêle com os outros. De deixar de comer até... pra dar de comer a um burro. É um homem bom, isso eu garanto.

PADRE

Como pode garantir?

ROSA

Sou mulher dêle. Vivo com êle. Durmo na mesma cama, como na mesma mesa.

PADRE

Isso não quer dizer nada...

ROSA

*(Com mais veemência)* Como é que não?!

*Entra o Guarda da direita e se detém no meio da praça.*

PADRE

Lúcifer iludiu o Senhor até o último momento! *(Leva o dedo em riste)* Mas eu conheço seus



DPF DCDP Fls. N.º 449 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0567,P.667

adeptos! Mesmo quando se disfarçam sob a pele do cordeiro! Mesmo quando se escondem atrás da cruz de Cristo! A mesma cruz que querem destruir! Mas não destruirão! Não destruirão!

*Neste momento, entra Monsenhor. O Padre está no auge de sua cólera. Ao ver Monsenhor, seu braço se imobiliza no ar, como ante uma aparição sobrenatural.*

PADRE

Monsenhor!

SACRISTÃO

Monsenhor Otaviano!

PADRE

(*Grita para a praça*) Deixem passar Monsenhor!

*Todos abrem passagem e se curvam respeitosamente. Monsenhor avança para a igreja. Ao passar por Zé-do-Burro, êste lhe cai aos pés e beija-lhe a mão.*

MONSENHOR

(*Paternal, magnânimo*) Já sei. Estou tratando do seu caso. (*Entra na igreja, seguido dos seminaristas, do Padre e do Sacristão. Fecha-se a porta*).

GUARDA

É Monsenhor Otaviano! Deve ter vindo a mando do Arcebispo!

ROSA

E o Padre ficou apavorado quando viu êle, reparou?



CENSURA FEDERAL · D.P.F. · SCDP/SR/RS

DEDÉ

Com certeza o Arcebispo mandou puxar as orelhas do Padre.

MINHA TIA

Bem feito!

GALEGO

Bem feito, nada. Se deixam el hombre entrar, prejudicam nuestro negócio.

ZÉ

(*Com esperança*) Será?... será que o Arcebispo chegou a saber?!

GUARDA

Ora, a cidade inteira já sabe! O rádio já deu!

COCA

Não se fala noutra coisa, da Cidade Baixa até a Cidade Alta!

ZÉ

E êle vir até aqui por causa disso...

ROSA

É porque veio trazer alguma ordem. E ordem do Arcebispo!

DEDÉ

Mandou o Padre deixar de ser besta.

COCA

Mandou abrir a porta!



DPF DCDP Fls. Nº 456 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.668

MINHA TIA

Eu disse: Iansan tem fôrça! Agora êle vai entrar! Vai entrar!

ZÉ

Eu sabia que Santa Bárbara não ia me desamparar!

*Abre-se a porta da igreja. Surgem Monsenhor e Padre, seguidos do Sacristão. Há um grande silêncio de espectativa.*

MONSENHOR

Venho aqui a pedido de Monsenhor Arcebispo. S. Excia. está muito preocupado com o vulto que está tomando êste incidente e incumbiu-me, pessoalmente, de resolver a questão. A fim de dar uma prova da tolerância da igreja para com aquêles que se desviam dos cânones sagrados...

ZÉ

(*Interrompe*) Padre, eu sou católico. Não entendo muita coisa do que dizem, mas queria que o senhor entendesse que eu sou católico. Pode ser que eu tenha errado, mas sou católico.

MONSENHOR

Pois bem. Vamos lhe dar uma oportunidade. Se é católico, renegue todos os atos que praticou por inspiração do Diabo e volte ao seio da Santa Madre Igreja.

ZÉ

(*Sem entender*) Como, Padre?

MONSENHOR

Abjure a promessa que fêz, reconheça que foi



CENSURA PRÉVIA D.P.F. DIVERSÕES PÚBLICAS

feita ao Demônio, atire fora essa cruz e venha sòzinho, pedir perdão a Deus.

ZÉ

(*Cai num terrível conflito de consciência*) O senhor acha mesmo que eu devia fazer isso?!...

MONSENHOR

É sua única maneira de salvar-se. A igreja católica concede a nós, sacerdotes, o direito de trocar uma promessa por outra.

ROSA

(*Incitando-o a ceder*) Zé... talvez fôsse melhor...

ZÉ

(*Angustiado*) Mas Rosa... se eu faço isso, estou faltando à minha promessa... seja Iansan, seja Santa Bárbara... estou faltando...

MONSENHOR

Com a autoridade de que estou investido, eu o liberto dessa promessa, já disse. Venha fazer outra...

PADRE

Monsenhor está dando uma prova de tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da Igreja e a sua própria intransigência.

ZÉ

(*Pausa*) O senhor me liberta... mas não foi ao senhor que eu fiz a promessa, foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como castigo, quando eu



DPF DCDP Fls. N.º 951 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.669

voltar pra minha roça não vou encontrar meu burro morto.

MONSENHOR

Decida! Renega ou não renega?

MINHA TIA

Êparrei! Maleme pra êle, minha mãe!

COCA

Maleme!

ZÉ

Não! Não posso fazer isso! Não posso arriscar a vida do meu burro!

PADRE

Então é porque você acredita mais na fôrça do demônio do que na fôrça de Deus! É porque tudo que fêz foi mesmo por inspiração do diabo!

MONSENHOR

Nada mais posso fazer então. (*Atravessa a praça e sai*)

ZÉ

(*Corre na direção de Monsenhor*) Monsenhor! Me deixe explicar! (*No auge do desespêro*) Me deixe explicar!

PADRE

Que ninguém agora nos acuse de intolerantes. E que todos se lembrem das palavras de Jesus: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas,



CENSURA FEDERAL D.P.F. SOD/DPF/RS

e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se sível fôra, enganariam a muitos".

ZÉ

Padre, eu não quero enganar ninguém.

PADRE

Enganaria a muitos, sim. E muitos o seguiriam ao sair daqui.

ZÉ

Eu não quero que ninguém me siga!

PADRE

Mas seguiriam, como já o seguiram pelas estradas, sem saber que seguiam a Satanás!

ZÉ

(*Sùbitamente fora de si, corre para a cruz, levanta-a nos braços como um aríete e grita*) Padre! Por Santa Bárbara ou por Satanás, vou colocar esta cruz dentro da igreja, custe o que custar!

PADRE

(*Ante a decisão que vê estampada no rosto de Zé-do-Burro, recua amedrontado*) Eis a prova: um católico não ameaça invadir a casa de Deus! Guarda! Prenda êsse homem! (*E ante a investida de Zé-do-Burro, que caminha para a igreja, corre seguido do Sacristão e cerra a porta no momento mesmo em que Zé sobe os degraus. Êste, revoltado e vencido, atira a cruz contra a porta. A cruz tomba, extrondosamente, sôbre a escada. Zé-do-Burro senta-se num dos degraus e esconde o rosto entre as mãos*).



DPF DCDP Fls. N.º 952 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, p. 670

COCA

(*Para os tocadores de berimbau*) Fiquem aqui. Vou chamar o resto do pessoal... (*Sobe a ladeira*).

BONITÃO

(*Para o Secreta*) Que está esperando?... Não está convencido ainda?...

SECRETA

(*Faz um sinal afirmativo com a cabeça*) Espere... (*Sai pela direita*)

ROSA

(*Que percebeu a troca de palavras entre o Secreta e Bonitão*) Espere o quê? Quem é êle?

BONITÃO

Um secreta.

ROSA

(*Começando a compreender*) Polícia! Você...?! Você denunciou...?!

BONITÃO

Daqui a pouco, você vai ficar livre dêsse idiota.

ROSA

(*Horroriza-se ante a idéia da traição*) Você não devia ter feito isso! Não devia!

BONITÃO

É pro seu bem. Pro nosso bem.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ROSA

(*Angustiada pelo conflito de consciência que se apossa dela*) Não... assim, não! Eu não queria assim!...

BONITÃO

Agora... está feito.

*Rosa se debate em seu conflito: de um lado, sua noção de lealdade gerando um repúdio natural à delação. Do outro, todos os seus recalques sexuais, sua ânsia de libertação, de realização mesmo, como mulher, que Bonitão veio despertar. Enquanto isso, Zé-do-Burro, sentado nos degraus da igreja, sofre uma crise nervosa. Soluça convulsivamente. Os tocadores de berimbau fazem gemer a corda de seus instrumentos.*

*E lentamente, enquanto as luzes de cena se apagam,* CAI O PANO.



DPF DCDP Fls. N.º 453 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.671

CENSURA FEDERAL
D.P.F.
SCDP/SR/RS

TERCEIRO ATO

DPF
DCDP
Fls. N. 254
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564/P.672

CENSURA FEDERAL
D.P.F.
SCDP/GR/RS

*Entardecer. A praça está cheia de gente. Na escandaria da igreja, Zé-do-Burro e Rosa. Na vendola, o Galego. À frente da vendola, formou-se uma roda de capoeira. Dois tocadores de berimbau, um de pandeiro e um de reco-reco, sentados num banco, e os "camarados", formando um círculo, ao centro do qual, de cócoras, diante dos músicos, estão Mestre Coca e Manoelzinho Sua-Mãe. Dedé Cospe-Rima está entre os componentes da roda e Minha Tia não se encontra em cena. Choram os berimbaus e Rosa, dominada pela curiosidade, aproxima-se da roda.*

MESTRE DO CÔRO

(*Canta*):

Sinhazinha que vende aí?
Vendo arroz do Maranhão
Meu sinhô mandô vendê
Na terra do Salomão.
Aruandê
Camarado.

CÔRO

Ê ê
Aruandê
Camarado

MESTRE

Galo cantô



DPF
DCDP
Fls. N.º 455
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.6564, P.673

CÔRO

Ê, ê
Aruandê
Camarado

MESTRE

Cocorocó

CÔRO

Ê, ê
Aruandê
Camarado

MESTRE

Goma de gomá

CÔRO

Ê, ê
Goma de gomá
Camarado

MESTRE

Ferro de matá

CÔRO

Ê, ê
Ferro de matá
Camarado

MESTRE

É faca de ponta

CÔRO

Ê, ê
Faca de ponta
Camarado

MESTRE

Vamos embora.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

CÔRO

Ê, ê
Vamos embora
Camarado

MESTRE

Pro mundo afóra

CÔRO

Ê, ê
Pro mundo afóra
Camarado

MESTRE

Dá volta ao mundo

CÔRO

Ê, ê
Volta do mundo
Camarado

*E tem início o jôgo. Mestre Coca e Manoelzinho Sua-Mãe percorrem a roda virando o corpo sôbre as mãos e começam a luta-dança, cuja coreografia é ditada pelo toque do berimbau.*

DEDÉ

(*Grita*) Quero ver um "rabo d'arraia", Mestre Coca!

UMA VOZ

Manoelzinho Sua-Mãe é porreta no aú!

OUTRA VOZ

Eu queria vê isso à véra.



DPF DCDP Fls. N.º 456 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 674

MESTRE DO CÔRO

Quem te ensinô essa mandinga?
— Foi o nêgo de sinhá.
O nêgo custô dinhêro,
dinhêro custô ganhá,
Camarado.

CÔRO

Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.

MESTRE DO CÔRO

Amanhã é dia santo,
dia de corpo de Deus
Quem tem roupa vai na missa,
quem não tem faz como eu.

CÔRO

Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.

MESTRE DO CÔRO

Minino, quem foi teu mestre?
quem te ensinô a jogá?
— Só discip'o que aprendo
meu mestre foi Mangangá,
na roda que êle estêve,
outro mestre lá não há,
Camarado.

CÔRO

Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina.



CENSURA FEDERAL D.P.F SCDP/SR/RS

*Rosa, apreeensiva, nervosa, desinteressa-se da capoeira: vai até a ladeira, olha para o alto, ansiosamente, como se esperasse alguém, depois volta pra junto do marido. Muda o ritmo do jôgo.*

MESTRE DO CÔRO

Panha a laranja no chão, tico-tico
ái, se meu amô fô s'imbora eu não fico

CÔRO

Panha a laranja no chão, tico-tico

MESTRE DO CÔRO

Minha camisa é de renda de bico

CÔRO

Panha a laranja no chão, tico-tico

MESTRE DO CÔRO

Ái, se meu amô fô s'imbora eu não fico
*E novamente muda o jôgo, agora rápido, com os dois jogadores empenhando-se em golpes de espantosa agilidade, no ritmo cada vez mais acelerado da música.*

MESTRE DO CÔRO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuá

CÔRO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuá



DPF DCDP Fls. N.º 954 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,v.675

MESTRE DO CÔRO

Vou pidi a Santa Bárbara
Pra ela me ajudá

CÔRO

Santa Bárbara que relampuê
Santa Bárbara que relampuá[1]

*Êsse estribilho é repetido várias vêzes em ritmo cada vez mais rápido, até que Minha Tia surge no alto da ladeira e merca, num canto sonoro.*

MINHA TIA

Óia, o ca-ru-ru!

*Cessa de repente o canto e o acompanhamento. Os jogadores param de jogar.*

MINHA TIA

É o carurú de Santa Bárbara, minha gente!

*A roda de capoeira se desfaz, alegremente. Todos cercam Minha Tia, que vai instalar seu tabuleiro no local costumeiro, ajudada pelos capoeiristas. Apenas os músicos continuam nos seus bancos e Mestre Coca vai à vendola. Rosa também permanece junto do marido, demonstrando um nervosismo, uma ansiedade crescente.*

DEDÉ

O primeiro carurú é meu, Minha Tia!

[1] A capoeira não deve durar mais que dois minutos, a fim de não quebrar a continuidade dramática da peça.



CENSURA FEDERAL DPF DCDP

*Minha Tia enche um prato e coloca-o de lado, no chão.*

DEDÉ

Pra quem é êsse?

MINHA TIA

É pra Santa. (*Enche outro prato, dá a Dedé*) Agora sim, é seu.

*Dedé recebe o prato e dirige-se à vendola.*

COCA

(*Tira do bôlso uma nota e coloca-a sôbre o balcão*) Aposto cem.

GALEGO

(*Coloca uma nota sôbre a de Mestre Coca*) Casado.

COCA

Fica na mão de quem? (*Dedé vem se aproximando*) De Dedé Cospe-Rima.

DEDÉ

Também quero entrar nessa aposta.

COCA

O Galego diz que o padreco não deixa o homem entrar. Eu digo que vai acabar entrando, hoje mesmo, com crüz e tudo.

GALEGO

Entra nada. Yo conheço êsse padre. Moça com



DPF DCDP Fls. 458 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.676

vestido decotado no entra nesta igreja. Yo mismo já vi êle parar la missa até que uma turista americana, de calças compridas, se retirasse...

DEDÉ

E eu digo que o homem entra, mas não hoje, amanhã. O Padre quer humilhar êle primeiro, mas depois vai ficar com mêdo dêle ir se queixar pra Santa Bárbara e vai abrir a porta.

GALEGO

Pero usteds no entenderam la cosa. Êle no fêz promessa pra Santa Bárbara. Fêz para Iansan, num candomblé.

COCA

E que tem isso?

GALEGO

Tem que candomblé és candomblé e igreja és igreja.

COCA

E a Santa não é a mesma?

DEDÉ

Não, o Galego tem razão. A santa pode ser a mesma, mas o Padre tem mêdo da concorrência e quer defender o seu negócio.

COCA

Mas não adianta. Iansan tem fôrça. O homem entra.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/RJ/MJ

GALEGO

Nem Iansan nem todos os orixás do candomblé fazem êle entrar.

DEDÉ

Entra, sim. Amanhã êle entra. (*Num tom de mistério*) E não se admirem se fôr eu que fizer êle entrar...

GALEGO

Usted?

DEDÉ

Sim, eu, Dedé Cospe-Rima.

COCA

E como?

DEDÉ

Ah, isso é segrêdo profissional...

COCA

Então, se êle entrar hoje, ganho eu. Se entrar amanhã, ganha você. Se não entrar, ganha o Galego.

DEDÉ

Fechado.

COCA

Bota cem pratas. (*Estende a mão*)

DEDÉ

(*Segura o prato com u'a mão, com a outra remexe os bolsos*) Não tenho ainda não, mas de noite eu lhe dou.



DPF DCDP Fls. N.º 459 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0504, P.677

COCA

(*Desconfiado*) Vê lá, hem? (*Dá o dinheiro ao Galego*) Por via das dúvidas, fica com o dinheiro, Galego.

MANOELZINHO

(*Aproxima-se de Mestre Coca*) Tu tá um bicho na capoeira, Mestre Coca.

COCA

Você é quem diz.

MANOELZINHO

Tinha ido lá pro mercado, pensando que ia ser lá a vadiação. Lá me disseram que tinha vindo todo mundo pra cá...

COCA

Por causa do homem da cruz.

MANOELZINHO

Diz que êle quer cumprir obrigação pra Iansan...

UM CAPOEIRA

Quer botar essa cruz lá dentro da igreja.

OUTRO CAPOEIRA

E já quiseram até prender êle.

MANOELZINHO

Só por causa disso?



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

UM CAPOEIRA?

Então.

MANOELZINHO

Não pode!

COCA

Não pode e não vão fazer. O homem não fêz nada.

DEDÉ

(*Aproxima-se de Zé-do-Burro*) Amanhã... amanhã você entra, meu camarada. Lhe garanto. Vou hoje pra casa escrever a história dêsse padre. Sei umas coisas dêle... e se precisar a gente inventa. Amanhã vou chegar aqui com uma tabuleta: "Aguardem! O padre que fechou a casa de Deus"! Vai ver se êle abre ou não abre a porta. Ou abre ou vai ter que me passar uma gaita pra não publicar os versos. (*Pisca o ôlho e afasta-se*).

MINHA TIA

(*Para Rosa*) Não quer também, iaiá?

ROSA

Não.

MINHA TIA

Caruru de Santa Bárbara. Antigamente a gente fazia isso e era de graça. Hoje, com a vida do jeito que está, a gente tem mesmo é que cobrar.

GALEGO

(*Atravessa a praça com um prato de sandui-*



DPF DCDP Fls. N.º 460 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,8678

*ches na mão e vai a Zé-do-Burro*) Pero yo no cobro nada. (*Oferece*) Oferta da casa.

ZÉ

Pra mim?

GALEGO

Si, para usted. Cachorro quente. Después trarê un cafezito.

ZÉ

Não, obrigado.

GALEGO

Pode aceitar sin constrangimento. E podemos até hacer un negócio. Se usted promete no arredar pé de acá, yo me comprometo a fornecer comida e bebida gratuitamente para los dos.

ZÉ

Não, não tenho fome.

GALEGO

(*Muito preocupado*) Pero, asi usted no poderá resistir!

ZÉ

Não importa.

GALEGO

(*Oferece a Rosa*) A senhora não quer?...

ROSA

Não estou com vontade.



CENSURA FEDERAL D.P.F. DCDP/SR/RS

GALEGO

(*Encolhe os ombros, conformado. Bicha*) (*Volta à venda*)

ZÉ

(*Êle observa a intranqüilidade indisfarçável de Rosa, que a todo o momento olha assustada para a ladeira ou para a rua, esperando ver surgir a polícia*) Que é que você tem?

ROSA

Nada. Queria era ir embora.

ZÉ

Sòzinha?

ROSA

Não, com você.

ZÉ

(*Com intenção*) Pensei que estivesse farta de mim.

ROSA

(*Nervosamente*) Estou farta é dessa palhaçada. Estamos aqui bancando os bobos. Tôda essa gente está rindo de nós, Zé! Quem não está rindo, está querendo se aproveitar! É uma gente má, que só pensa em fazer mal. (*Sacode-o pelos ombros, como para chamá-lo à realidade*) Largue a cruz onde está, Zé, e vamos embora pra nossa roça, antes que seja tarde demais!

ZÉ

De que é que você está com mêdo?



DPF DCDP Fls. N.º 461 Rubrica

SR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564/P.679

ROSA

De tudo.

ZÉ

Não é de você mesma?

ROSA

Também! Mas já não sou eu quem corre perigo, é você.

ZÉ

Que perigo?

ROSA

Você não vê? Não sente? Não respira? Está no ar!... E cada minuto que passa, aumenta o perigo. (*Olha para todos os lados, como fera acuada*) Esta praça está ficando cada vez menor... como se êles estivessem fechando tôdas as saídas. (*Volta-se para êle, com veemência*) Vamos embora, Zé, enquanto é tempo!

ZÉ

(*Desconfiado*) Que deu em você assim de repente?

ROSA

Não é de repente, desde que chegamos que eu estou querendo voltar. Você foi que teimou em ficar. Por mim, você tinha largado aí essa cruz e voltado no mesmo pé. (*Com intenção*) A esta hora, já estava na estrada, longe daqui, e nada tinha acontecido...

ZÉ

Você acha que depois de andar sete léguas eu ia voltar sem cumprir a promessa?



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ROSA

Você já pagou essa promessa, Zé. Não é sua culpa se há gente sempre disposta a ver demônios em tôda a parte, até mesmo naquêles que estão do seu lado e que odeiam também o demônio. É gente que vai acabar enxergando na própria sombra a figura do diabo.

*Entreabre-se a porta da igreja e surge na fresta a cabeça do Sacristão, que, ao ver Zé-do-Burro, torna a entrar e fechar a porta.*

ROSA

Está vendo? O Padre mandou ver se você ainda estava aqui; não vai abrir a porta enquanto a gente não fôr embora. Vamos, Zé!

ZÉ

(*Reage com irritação, procurando combater em si mesmo o desejo de ceder*) Não, já disse que não. Só arredo pé daqui depois de levar a cruz lá dentro da igreja.

*O Secreta entra da direita e atravessa a praça em direção à vendola, observando, dissimuladamente, Zé-do-Burro. Ao vê-lo, Rosa não esconde a sua inquietação. Acompanha-o com um olhar amedrontado até a vendola.*

SECRETA

(*Para o Galego*) Uma meladinha.
*Galego serve a cachaça com mel.*

ZÉ

(*Notando a apreensão de Rosa*) Que há?



DPF DCDP Fls. 468 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, 8.60

ROSA

Êle não é nosso amigo.

ZÉ

E que tem isso?

ROSA

Ouvi dizer que é da Polícia.

ZÉ

Não sou nenhum criminoso, não fiz mal a ninguém.

ROSA

Por isso mesmo que eu tenho mêdo, porque você não sabe fazer mal... e êles sabem!

*Mestre Coca e Manoelzinho vão à vendola, encostam-se no balcão junto do Secreta.*

GALEGO

Que van hacer com o homem?

SECRETA

Deixe que eu cuido disso.

COCA

Mas êle não fêz nada...

SECRETA

(*Lança a Mestre Coca um olhar de intimidação*) E é melhor não se meterem onde não são chamados.

*Secreta bebe a cachaça de um trago, coloca uma moeda sôbre o balcão e volta a atravessar a cena,*



CENSURA FEDERAL D.P.F. DCDP/SR/RS

*com ar misterioso, saindo pela rua da direita. Mestre Coca a Manoelzinho trocam um olhar de [illegible] ricdade.*

ROSA

Êle só veio ver se a gente ainda estava aqui... vamos aproveitar, antes que êle volte.

ZÉ

Deixe de bobagem. Não sou menino que quando brinca com fogo mija na cama. (*Põe-se a picar fumo com uma faquinha*).

MARLI

(*Entra da direita, atravessa a cena, lentamente, num andar provocante*).

DEDÉ

(*Referindo-se a Marli*) Boa moça... Só que... casou com a humanidade...

*Mestre Coca ri*

MARLI

(*Na vendola, para o Galego*) Viu Bonitão?

GALEGO

Já estêve aqui várias vêzes, hoy.

MARLI

(*Referindo-se a Rosa*) Eu sei... e sei também o motivo.

GALEGO

Festa de Iansan?...



DPF DCDP Fls. 163 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.681

MARLI

Não é bem Iansan, é outro orixá...

ROSA

(*Para Zé-do-Burro*) Vou ali, preciso falar com aquela mulher.

ZÉ

Que é que você ainda tem que falar com ela? Não lhe basta a vergonha que ela lhe fêz passar?

ROSA

Mas eu preciso, Zé! Eu preciso! (*Vai à vendola. Zé-do-Burro a segue com um olhar de profunda desilusão*) Preciso falar com você.

MARLI

(*Hostil, estranhando*) Comigo?

ROSA

Ou melhor, com êle, Bonitão. Qnde está êle?

MARLI

Sujeita sem vergonha. Dá em cima do meu homem e ainda tem o descaramento de vir me pedir pra dizer onde êle está! Não lhe basta o seu? Precisa do meu pra se contentar?

ROSA

Não preciso do seu homem pra nada. Quero só falar com êle, pra evitar uma desgraça.

MARLI

(*Ameaçadora*) Se você quer mesmo evitar uma desgraça, o melhor é deixar êle em paz.



CENSURA FEDERAL D.P.F. DCDP/SR/RS

ROSA

Mas eu tenho que falar com êle. Juro que é assunto sério.

MARLI

Você pode enganar o trouxa do seu marido. Mas a mim, não!

ROSA

Onde êle mora?

MARLI

Mora comigo.

ROSA

Mentira. Eu sei que êle mora num hotel.

MARLI

Pois vá lá atrás dêle, pra ver o que lhe acontece.

ROSA

(*Reagindo*) Páre com isso que eu não tenho mêdo de você.

MARLI

Nem eu de você.

*As duas se olham desafiadoramente a ponto de quase se atracarem. Zé-do-Burro, que ouviu a discussão, aproxima-se.*



DPF DCDP Fls. 964 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.66

ZÉ

Rosa, você perdeu a cabeça? Não sabe qual é o seu lugar? Discutindo na rua com uma... (*completa a frase com um gesto de desprêzo*).

MARLI

Com uma o quê, seu beato pamonha? Carola duma figa! A mulher dando em cima do homem da gente e êle agarrado aí com essa cruz! Isso também faz parte da promessa?

ROSA

Cale essa bôca! Não se meta com êle. Êle não tem nada com isso!

MARLI

Não tem! Não é seu marido?

ROSA

É, mas não se rebaixa a discutir com você.

MARLI

(*Mede-o de cima a baixo, com mais desprêzo ainda*) Côrno manso! (*Dá-lhe as costas, bruscamente e sobe a ladeira*).

*Galego solta uma gargalhada, que corta de súbito, ante o olhar ameaçador de Zé-do-Burro. Êste, num gesto instintivo, ergue a pequena faca de picar fumo.*

ROSA

Zé!

GALEGO

(*Intimidado*) Perdon... no se puede dar confiança a essas mujeres...



CENSURA FEDERAL D.P.F. SOD/SR/RS

ZÉ

(*Para Rosa, num tom que revela sua decisão, sua revolta e sua decisão de não mais deixar-se ir*) Esta noite a gente vai embora.

ROSA

E por quê não agora?

ZÉ

Vamos deixar passar o dia de Santa Bárbara.

ROSA

De noite, talvez seja tarde...

ZÉ

Tarde pra quê?

ROSA

Pra voltar!

ZÉ

O que você ainda queria falar com aquêle sujeito?

ROSA

Pedir pra êle deixar você em paz.

ZÉ

A mim?

ROSA

Êle denunciou você à polícia.



DPF DCDP Fls. N.º 465 Rubrica

BR DFANBSB-NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.683

ZÉ

Mas eu sou um homem de bem. Nunca tive nada com a polícia.

ROSA

Eu sei. Mas êles torcem as coisas. Confundem tudo. (*Angustiada*) Zé! Ouça o que eu digo. A gente devia ganhar a estrada agora mesmo. Neste minuto.

*O Repórter e o Fotógrafo entram pela direita, a tempo de ouvirem a última "fala" de Rosa.*

REPÓRTER

Eh, que é isso? Já estão pensando em ir embora?!

ZÉ

(*Hostil*) Vou embora quando quiser, não tenho que dar conta disso a ninguém. (*Dá as costas ao Repórter, ostensivamente e volta para junto da cruz, na escadaria da igreja. O Fotógrafo conversa qualquer coisa com os componentes da roda de capoeira e sai seguido de Mestre Coca e mais três ou quatro*).

REPÓRTER

Vocês não estão falando sério, não?... Sim, porque eu espero que vocês cumpram o que prometeram. Meu jornal está cumprindo. Já tomei tôdas as providências para que sua estada aqui até segunda-feira seja a mais agradável possível.

ROSA

Como?...



CENSURA FEDERAL D.P.F. DIVISÃO DE CENSURA

*Neste instante, entram os capoeiristas conduzindo primeiro uma tenda de pano já armada e em seguida um colchão de molas. Na tenda, há um letreiro: Oferta da Casa da Lona. No colchão há outro: Gentileza da Loja Sonho Azul. Com enorme espanto de Zé-do-Burro e Rosa, êles colocam a barraca no meio da praça e o colchão dentro da barraca.*

REPÓRTER

Fomos aos nossos clientes e êles se dispuseram prontamente a colaborar conosco.

*Entra o Fotógrafo trazendo uma mesinha e um aparêlho de rádio de pilha, que coloca também na barraca.*

ZÉ

(*Surpreso*) O senhor trouxe essas coisas... pra nós?

REPÓRTER

Bem... julgamos que um pouco de confôrto durante êsses dias não reduzirá também o valor de sua promessa. Além disso, segunda-feira, depois da entrada triunfal na igreja, o senhor percorrerá a cidade em carro aberto, com batedores, num percurso que irá daqui até a redação do nosso jornal. De lá, irá ao Palácio do Govêrno, onde será recebido pelo Governador. (*Zé vai dizer qualquer coisa e êle o interrompe*) Já sei: vai dizer que se o vigário de Santa Bárbara não o deixar entrar em sua igreja, o Governador vai também lhe bater com a porta na cara. Não se preocupe. Já estamos mexendo os pausinhos. E se o senhor puder dizer uma palavrinha a favor do candidato oficial nas próximas eleições, estará tudo arranjado.

BIBLIOTECA AMBULANTE SESC P.G.S.



DPF DOOP Fls. N.º 466 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P684

ROSA

Por favor, leve tudo isso daqui. Nós estamos de partida.

REPÓRTER

De partida? Não, não pode ser... isso seria um desastre para mim... O jornal já fêz despesas... já compramos foguetes, contratamos uma banda de música para a volta...

ROSA

A volta vai ser hoje mesmo.

REPÓRTER

Hoje?! Mas não dá tempo!... Não está nada preparado... O que é que a senhora pensa? Que é assim tão simples organizar uma promoção de venda? É muito fácil pegar uma cruz, jogar nas costas e andar sete léguas. Mas um jornal é uma coisa muito complexa. Mobilizar todos os departamentos para dar cobertura... e depois, eu já lhe disse, amanhã é domingo, não tem jornal!

ROSA

*(Irritando-se)* E qual é o meu?! Que se dane o seu jornal! Eu quero é ir embora daqui! O Zé tem razão, vocês todos querem ajudar, ajudar... ajudam mas é a desgraçar a vida da gente.

REPÓRTER

Está precisando de alguma ajuda... particular?

ROSA

Estou. A Polícia anda rondando a praça.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

REPÓRTER

A Polícia?

ROSA

Um secreta. Estão querendo levar êle prêso.

REPÓRTER

Por quê?

ROSA

*(Pensa um pouco)* Talvez porque êle é bom demais... E o resto é gente safada.

REPÓRTER

Hum... bem me pareceu que por trás dessa história do burro, da promessa, havia qualquer coisa... uma intenção oculta e um objetivo político. A Polícia, naturalmente, percebeu também...

ROSA

Mas êle não tem nenhuma intenção, a não ser a de pagar a promessa!

REPÓRTER

*(Sorri, descrente)* É claro que a senhora não vai dizer. Nem êle também. Mas podem contar comigo e com o meu jornal. Se êle fôr prêso, daremos tôda a cobertura. Abriremos manchetes na primeira página. Será uma maravilha para êle!

ROSA

Maravilha! Maravilha ser prêso?!



DPF SCDP Fls. 061 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, p. 685

REPÓRTER

Todo líder precisa ser prêso pelo menos uma vez!

ROSA

Líder... eu acho que o senhor é maluco. O senhor, êsse padre, a polícia, todos. E eu também, se não me cuidar, vou acabar ficando.

*(Olha, ansiosamente, para o alto da ladeira)*

REPÓRTER

*(Chama de parte o Fotógrafo)* Prepare-se, que daqui a pouco é capaz de haver um bafafá...

*Rosa, angustiada, volta para junto do marido.*

ROSA

Desista, Zé. Desista.

ZÉ

Por quê você não senta aqui e espera até a hora de ir embora?

ROSA

*(Senta-se num degrau)* É, o jeito é esperar...

DEDÉ

*(Vai a êles com seus folhetos)* E enquanto espera, deve aproveitar para melhorar sua cultura. O "ABC da Mulata Esmeralda", modestia à parte, é uma verdadeira jóia da literatura brasileira. Por 10 cruzeiros apenas, o senhor poderá ler os mais inspirados versos que uma mulata jamais inspirou. *Zé-do-Burro balança negativamente a cabeça. Dedé vai a Minha Tia.*

DEDÉ

Poesia está muito por baixo, Minha Tia. Quem



está por cima é o caruru. *(Aproxima-se da roda de capoeira. Zé-do-Burro sobe um ou dois degraus, fita, revoltado, a porta cerrada)*

CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RJ

MINHA TIA

*(Para Zé-do-Burro)* Não desanime, môço. Hoje é dia de Iansan, mulher de Xangô, Orixá dos ráios e das tempestades. Mais logo, nos terreiros, ela está descendo no corpo dos seus cavalos. Vai falar com ela, môço, vai pedir a proteção de Iansan, que tudo quanto é porta há-de se abrir. *(Ouvem-se trovões mais fortes que da vez anterior)* Óia!... *(Aponta para o céu)* Iansan está falando!... *(Abaixa-se, toca o chão com a ponta dos dedos, depois a testa e saúda Iansan)* Êparrei, minha mãe!

*Neste momento, surge Bonitão na ladeira. Rosa levanta-se, movida por uma mola. Zé-do-Burro, com os olhos pregados na porta da igreja, não o vê. Não vê que os olhares de Rosa e Bonitão se cruzam de um extremo a outro da praça. É que êle, da ladeira, faz para ela um gesto, convidando-a a acompanhá-lo. Rosa hesita, prêsa de tremendo conflito. Olha para Zé-do-Burro, para Bonitão. Êste a espera, certo de que ela acabará por ir ao seu encontro. Minha Tia, Galego e Dedé percebem o que se passa e aguardam atentamente. Vendo que ela não se decide, Bonitão dá de ombros, sorri e acena num gesto curto de despedida. Inicia a subida da ladeira, mas pára depois de dar dois ou três passos, fora do ângulo visual de Rosa e Zé-do-Burro. Ela, como que atraída por um ímã, inicia o movimento para segui-lo, quando Zé-do-Burro volta-se.*

ZÉ

Aonde vai, Rosa?



DPF DCDP Fls. N.º 468 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.686

ROSA

*(Detém-se)* Vou ali, já volto.

ZÉ

Ali aonde?

ROSA

No hotel onde dormi. Lembrei agora que esqueci lá o meu lenço. *(Avança mais na direção da ladeira).*

ZÉ

Rosa!

ROSA

*(Pára, já na altura da ladeira, vê Bonitão à sua espera)* Que é?

ZÉ

*(Num apêlo e numa advertência que é quase uma súplica)* Deixe êsse lenço pra lá!

ROSA

*(Hesita ainda um pouco)* Não posso, Zé. Eu preciso dêle!

ZÉ

Compro outro pra você, Rosa!

ROSA

Pra quê, Zé, gastar dinheiro à toa... é daquêle que eu gosto! *(Sobe a ladeira)*

*Bonitão passa o braço pela cintura dela e os*



CENSURA FEDERAL D.P.F SCDP/SR/RS

*dois sobem a ladeira. Galego e Dedé Cospe-Rama trocam olhares significativos.*

DEDÉ

*(Canta)*

Quem corta e prepara o pau,
quem cava e faz a gamela,
toma a si todo o trabalho
e depois fica sem ela...

*O sino da igreja começa a tocar as Ave-Marias. A Beata surge no alto da ladeira, apressada. Ao passar pela roda de capoeira, que novamente se anima, tem um ar de repulsa e indignação.*

BEATA

Falta de respeito! Bem em frente da igreja. Êste mundo está perdido!...

MINHA TIA

*(Oferece)* Caruru, Iaiá?

BEATA

(*Pára junto a ela*) Quê?

MINHA TIA

Caruru de Iansan...

BEATA

*(Como se ouvisse o nome do diabo)* Iansan?! E que é que eu tenho com dona Iansan? Sou católica apostólica romana, não acredito em bruxarias!



DPF DCDP Fls. N.º Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, p. 667

MINHA TIA

Adiscurpe, Iaiá, mas Iansan e Santa Bárbara não é a mesma coisa?

BEATA

Não é não senhora! Santa Bárbara é uma santa. E Iansan é... é coisa de candomblé, que Deus me perdôe!... *(benze-se repetidas vêzes e sai)*

CÔRO

Quem corta e prepara o pau
Quem cava e faz a gamela,
Toma a si todo trabalho
E depois fica sem ela.

*Mestre Coca, entra correndo.*

COCA

*(A Zé-do-Burro)* Meu camarada, trate de ir embora! Estão lhe arrumando uma patota!

ZÉ

O quê?

COCA

Chegou um carro da Polícia! êles estão com o Padre, na sacristia.

MINHA TIA

Vieram por causa dêle?

COCA

Então!



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ZÉ

Mas eu não roubei, não matei ninguém!

DEDÉ

Quer um conselho? Experiência própria: com a polícia, é melhor fugir do que discutir.

COCA

Ande depressa que nós agüentamos êles aqui até você ganhar o mundo!

ZÉ

Não, eu não vou fugir como qualquer criminoso, se estou com a minha consciência tranqüila.

DEDÉ

êle não se separa da cruz.

COCA

A gente esconde a cruz.

MINHA TIA

E de noite êle leva ela pra Iansan.

COCA

Vamos todo mundo levar! Todos os capoeiras da Bahia!

MINHA TIA

É a mesma coisa, meu filho! Iansan é Santa Bárbara. Eu lhe mostro lá no "pêji" a imagem da santa.



DPF DCDP Fls. N.º 210 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0664,P.688

COCA

É preciso se decidir, meu camarada! Antes que seja tarde.

ZÉ

*(Balança a cabeça, sentindo-se perdido e abandonado)* Santa Bárbara me abandonou! Por quê, eu não sei... não sei!

ROSA

*(Desce a ladeira correndo)* Zé! Não adianta... não adianta mais... Falei com êle, mas não adianta. A Polícia já está aí! Vem cercar a praça!

COCA

Eu não disse?

DEDÉ

É preciso andar depressa, meu irmão!

MINHA TIA

Some daqui, meu filho!

ROSA

Vamos, Zé!

ZÉ

Santa Bárbara me abandonou, Rosa!

ROSA

Se ela abandonou você, abandone também a promessa. Quem sabe se não é ela mesma que não quer que você cumpra o prometido?



CENSURA FEDERAL D.P.F SCDP/SR/RS

ZÉ

Não... mesmo que ela me abandone... eu preciso ir até o fim... ainda que já não seja por ela... que seja só pra ficar em paz comigo mesmo.

*Sùbitamente, abre-se a porta da igreja e entram o Delegado, o Secreta, o Guarda, o Padre e o Sacristão.*

SECRETA

*(Aponta para Zé-do-Burro)* É êsse aí. *(Avança para Zé-do-Burro, seguido do Delegado e do Guarda).*

GUARDA

*(Como que se desculpando)* Eu já cansei de pedir a êle pra sair daqui, seu Delegado, não adiantou...

DELEGADO

*(Faz o Guarda calar com um gesto autoritário)* Seus documentos.

ZÉ

*(Estranha)* Documentos?...

DELEGADO

Carteira de identidade.

ZÉ

Tenho não...

DELEGADO

Outra carteira, outro documento qualquer.



DPF DCDP Fls. N.º 1171 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.689

ZÉ

Môço, eu vim só pagar uma promessa. A Santa me conhece, não precisava trazer carteira de identidade.

DELEGADO

*(Sorri irônico)* Pagar uma promessa... pensa que nós somos idiotas.

SECRETA

Não demora e êle conta a história do burro...

DELEGADO

Êle vai contar essas histórias tôdas mas é na Delegacia. Vamos, acompanhe-me.

ZÉ

*(Seu olhar vai do Delegado ao Secreta e ao Guarda, sem entender o que se passa)* Acompanhar o senhor... pra quê?

DELEGADO

Mais tarde você verá. Sou delegado dêste distrito. Obedeça.

ZÉ

Não posso. Não posso sair daqui.

DELEGADO

Não pode por quê?

COCA

Promessa, seu Delegado. Êle é crente.



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

DELEGADO

O Padre disse que êle ameaçou invadir a [illegible] ja. Pediu garantias.

SECRETA

Eu mesmo ouvi êle dizer que ia jogar uma bomba. Todo mundo aqui é testemunha!

DELEGADO

Uma bomba, hem... Vamos à Delegacia... quero que o senhor me explique isso tudo direitinho.

SECRETA

Vamos. *(Segura Zé-do-Burro por um braço mas êste se desvencilha)* Que é? Vai reagir?

GUARDA

*(Apaziguador)* Acho melhor o senhor obedecer...

DELEGADO

Se êle reagir, pior para êle. Não estou disposto a perder tempo e conheço de sobra êsses tipos. Só se entregam mesmo é à bala.

ROSA

Não!

ZÉ

Os senhores devem estar enganados. Devem estar me confundindo com outra pessoa. Sou um homem pacato, vim só pagar uma promessa que fiz a Santa Bárbara. *(Aponta para o Padre)* Aí está o vigário para dizer se é mentira minha!



DCDP Fls. N.º 642 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.690

PADRE

É mentira, sim! E não sòmente mentira, também um sacrilégio!

ZÉ

Padre, o senhor não pode dizer que é mentira, que eu não fiz essa promessa!

PADRE

Sim, talvez tenha feito, por inspiração de Satanás! Há quem diga que não estamos mais em época de acreditar em bruxas. No entanto, elas ainda existem! Mudaram talvez de aspecto, como Satanás mudou de métodos. É mais difícil combatê-las agora, porque são inúmeros os seus disfarces. Mas o objetivo de tôdas continua a ser um só: a destruição da Santa Madre Igreja!

DELEGADO

Padre, êste homem...

PADRE

Êste homem teve tôdas as oportunidades para arrepender-se. Deus é testemunha de que fiz todo o possível para salvá-lo. Mas êle não quer ser salvo. Pior para êle.

DELEGADO

*(Que ganhou decisão com o sermão do Padre)* Sim, pior para êle. *(Avança um passo na direção de Zé-do-Burro, que recua e fica encurralado contra a parede).*



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

ZÉ

*(Decidido a resistir)* Não! Ninguém vai levar prêso! Não fiz nada pra ser prêso!

DELEGADO

Se não fêz não tem o que temer, será sôlto depois. Vamos à Delegacia.

ROSA

Não, Zé, não vá!

GUARDA

É melhor... na Delegacia o senhor explica tudo.

DEDÉ

Não cáia nessa, meu camarado.

ZÉ

Agora eu decidi: só morto me levam daqui. Juro por Santa Bárbara, só morto.

SECRETA

*(Vê a faca na mão de Zé-do-Burro)* Tome cuidado, Chefe, que êle está armado! *(Observa a atitude hostil dos capoeiras)* E essa gente está do lado dêle!

COCA

Estamos mesmo. E aqui vocês não vão prender ninguém!

DELEGADO

Não vamos por quê?



DPF DCDP Fls. N. 615 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.691

MANOELZINHO

Porque não está direito!

DELEGADO

Estão querendo comprar barulho?

COCA

Vocês que sabem...

DELEGADO

Não se metam, senão vão se dar mal!

SECRETA

E é melhor que se afastem.

ROSA

Zé!

ZÉ

Me deixe, Rosa! Não venha pra cá!

*Zé-do-Burro, de faca em punho, recua em direção à igreja. Sobe um ou dois degraus, de costas. O Padre vem por trás e dá uma pancada em seu braço, fazendo com que a faca vá cair no meio da praça. Zé-do-Burro corre e abaixa-se para apanhá-la. Os policiais aproveitam e caem sôbre êle, para subjugá-lo. E os capoeiras caem sôbre os policiais para defendê-lo. Zé-do-Burro desaparece na onda humana. Ouve-se um tiro. A multidão se dispersa como num estouro de boiada. Fica apenas Zé-do-Burro no meio da praça, com as mãos sôbre o ventre. Êle dá ainda um passo em direção à igreja e cai morto.*

ROSA

*(Num grito)* Zé! *(corre para êle)*



CENSURA FEDERAL D.P.F. SCDP/SR/RS

PADRE

*(Num comêço de reconhecimento de culpa)* Virgem Santíssima!

DELEGADO

*(Para o Secreta)* Vamos buscar refôrço. *(Sai, seguido do Secreta e do Guarda).*

*O Padre desce os degraus da igreja, em direção do corpo de Zé-do-Burro.*

ROSA

*(Com rancor)* Não chegue perto!

PADRE

Queria encomendar a alma dêle...

ROSA

Encomendar a quem? Ao Demônio?

*O Padre baixa a cabeça e volta ao alto da escada. Bonitão surge na ladeira. Mestre Coca consulta os companheiros com o olhar. Todos compreendem a sua intenção e respondem afirmativamente com a cabeça. Mestre Coca inclina-se diante de Zé-do-Burro, segura-o pelos braços, os outros capoeiras se aproximam também e ajudam a carregar o corpo. Colocam-no sôbre a cruz, de costas, com os braços estendidos, como um crucificado. Carregam-no assim, como numa padiola e avançam para a igreja. Bonitão segura Rosa por um braço, tentando levá-la dali. Mas Rosa o repele com um safanão e segue os capoeiras. Bonitão dá de ombros e sobe a ladeira. Intimidados, o Padre e o Sacristão recuam, a Beata foge e os capoeiras entram na igreja com a cruz, sôbre ela o corpo de Zé-do-*



DPF DCDP Fls. N.º 474 Rubrica

*-Burro. O Galego, Dedé e Rosa fecham o cortejo. Só Minha Tia permanece em cena. Quando uma trovoada tremenda desaba sôbre a praça.*

MINHA TIA

*(Encolhe-se tôda, amedrontada, toca com as pontas dos dedos o chão e a testa)* Êparrei, minha mãe!

E O PANO CAI LENTAMENTE.

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 697

*Ô Pagador de Promessas* foi apresentado, pela primeira vez, no dia 29 de julho de 1960, no Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo, com os seguintes intérpretes:

Zé-do-Burro ..... *Leonardo Vilar*
Rosa ..... *Natália Timberg*
Marli ..... *Cleyde Yaconis*
Bonitão ..... *Maurício Nabuco*
Padre Olavo ..... *Elísio de Albuquerque*
Sacristão ..... *Odavlas Petti*
Guarda ..... *Stênio Garcia*
Beata ..... *Amélia Bittencourt*
Galego ..... *Jorge Ovalle*
Minha Tia ..... *Jacyra Sampaio*
Repórter ..... *Altamiro Martins*
Dedé Cospe-Rima ..... *Jorge Chaia*
Secreta ..... *Moacyr Marchesi*
Delegado ..... *Marcello Bittencourt*
Mestre Coca ..... *Jean Thurret*
Monsenhor ..... *Sérgio Dantas*
Manoelzinho Sua-Mãe ..... *Batista Oliveira*
Roda de capoeira ..... *Assis — Ananias — Vicente — Félix — João — Jorge.*

Direção de FLÁVIO RANGEL

Cenário e figurinos de CYRO DEL NERO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564,P.693

DPF
DCDP
Fls. N.º 476
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

**SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/DPF/RS**

RELATÓRIO Nº 326/85-SCC

Visto.
Em 26.06.85

JOÃO BISPO DA HORA
Tec. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

1. Identificação:
   Título: O PAGADOR DE PROMESSAS
   Autor: Dias Gomes
   Espécie: Texto teatral.

2. Conteúdo:
   2.1. Enredo:

"Zé-do-Burro", homem simples da roça e honesto, fizera uma promessa a Santa Barbara, por haver atribuido a ela a cura do seu burro Nicolau. Na madrugada do dia dedicado à santa, depois de andar 7 léguas carregando uma enorme cruz de madeira, chega a praça fronteiriça a igreja dedicada a santa. Pede informações sobre o horário de abrir a igreja. Está cedo. Ele espera e insiste para que a mulher, Rosa, acompanhe um gigolô, que se faz passar por amigo, até um hotel, onde ela é seduzida por ele.

O padre entende que a promessa fora feita não a Santa Bárbara, mas a Iansan e que então, sendo coisa do demônio, Zé-do-Burro teria de desistir de cumprir seu intento. Proibe-o de introduzir a cruz no templo.

Na praça, o povo movimenta-se. "Minha Tia" tenta convencê-lo a levar a cruz ao seu terreiro de candomblé, mas Zé argumenta que a promessa fora feita para levar a cruz até a igreja e mantém-se irredutível. O povo o apóia. Os repórteres aparecem e deturpam o fato, dizendo tratar-se ele de um revolucionário. Bonitão, interessado em explorar Rosa na prostituição, com o fito de que a polícia prendesse o marido dela, atiça a polícia contra o pobre homem, dizendo que realmente era um homem perigoso.

Dedé, um escritor de cordel, ameaça escrever contra o padre que proibira introduzir a cruz na igreja.

Um emissário do bispo chega para resolver o problema: Zé-do-Burro teria que renegar sua promessa "demoníaca" e poderia entrar na igreja como penitente e substituir sua promessa por outra. Mas Zé quer apenas cumprir a promessa feita, como fez, não adiantam os apelos da sua mulher nem dos amigos que conquistou na praça e mantém irredutível sua decisão de entrar com a cruz na igreja.

A polícia reúne-se com o padre e decidem a prisão do pagador de promessas. Os lutadores de capoeira e outros decidem intervir e não deixam levar Zé para a delegacia. Como Zé, instintivamente leva a mão, ou melhor, ergue a faquinha com que picava fumo, em atitude de defesa, um tiro safra-lhe a vida. O Padre ainda quer prestar-lhe assistencia, mas Rosa não deixa.

Os capoeiristas, depois disto, introduzem no templo a cruz dela pendendo o corpo do pagador de promessas.

   2.2. Mensagem:

Crítica ao fanatismo religioso e ao abuso de poder por quem tem autoridade.

- segue -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P. 694

DPF
DCDP
Fls. N.º 477
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/DPF/RS
RELATÓRIO Nº 326/85-SCC - continuação 

3. Público alvo: O geral.

4. Linguagem: Coloquial.

5. Grau de persuasão: Superior.

6. Perspectiva Censória:

O texto retrata uma cultura regional da Bahia, em que, dum fato resultante da atitude pessoal de ignorância e sincretismo religiosos se estabelece uma situação conflitante entre o popular e o representante religioso "oficial". Mostra uma imprensa deturpadora dos fatos, com o fim de promover sua venda pelo sensacionalismo. Apresenta um gigolô seduzindo uma roceira ingenua e alcaguetando um inocente à polícia para conseguir seus intentos. Mostra um grupo organizado de pessoas enfrentando a polícia. Por fim apresenta a vitória do "sem-sentido" (de apromessa ser paga com a própria vida do pagador) sobre os arrazoados embora obscurantistas do padre ou permissivistas da mãe de santo.

Consta que a peça tem classificação LIVRE na DCDP. A nosso ver, a complexidade da temática socio-política-religiosa e ainda a violência e a manipulação da verdade fazem dela uma peça para adolescentes, inadequada a crianças. Em todo caso trata-se de um clássico do teatro e cinema brasileiros.

PARECER:

Opinamos pela liberação da peça teatral em epígrafe, pois não fere a legislação vigente.

Classificação etária: IMPRÓPRIO PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS, considerando-se o acima exposto, a não ser que do ensaio geral se infira diferentemente.

Justificação de impropriedade:

"Tema sócio-político-religioso, com cena de violência moderada".

Porto Alegre, 19 de junho de 1985.

AVELINO GAMBIM
Matr. Nº 2 324 369

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,P.695

DPF
DCDP
Fls. N.º 478
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 327/85-SCC

Visto.
Em 26.06.85

JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

I. Identificação: a. Título: "O PAGADOR DE PROMESSA".
b. Autor: Dias Gomes.
c. Espécie: Análise do texto.

II. Trata-se de um drama em três atos, enfocando a tragédia de ingênuo pagador de promessa. O personagem principal é o pró-/prio camponês ingênuo e analfabeto, chamado Zé-do-Burro. Este nome se deve ao apêgo extremado que ele tinha pelo seu / burro Nicolau. Quando Nicolau ficou doente, Zé apelou para tudo e só conseguiu curá-lo através de um milagre de Sta Bárbara. Então ele fez uma promessa de levar uma cruz, igual a de Cristo, até a Igreja da capital da Bahia. Então, ele dirige-se com sua mulher, a pé, com a cruz às costas, caminhando muitas léguas. A promessa de Zé-do-Burro consistia em colocar a cruz no altar da igreja, no dia da procissão de Sta Bárbara. Ao chegar pela/ madrugada, à praça da igreja, os dois estavam esgotados e aguardavam a hora de abrirem a igreja. A partir daí, desenvolve-se o conflito entre Zé-do-Burro e o vigário da igreja. Na praça,-/ aos poucos vão surgindo os personagens da vida urbana bahiana, com seu sincretismo religioso. Um guarda noturno, vendedores e por último um gigolô, de nome Bonitão, conversa com Zé e se oferece para levá-los a um hotel, devido ao cansaço deles. Porém com a recusa de Zé, o gigolô leva Rosa e consegue dormir com ela. No dia seguinte, a amante do gigolô, ao ver Bonitão caminhando/ com Rosa, faz um escândalo, xinga Rosa em público, na frente de Zé. Finalmente, ao chegar o vigário, Zé conta sua história e sofre / uma grande decepção ao ser proibido de entrar na igreja. Nisto, chega um repórter, que logo procura explorar o fato, colocando Zé em manchete, com apoio da imprensa. Posteriormente chega um policial que, aos poucos, tenta prender Zé. O caso chega ao bispo, que manda um monsenhor, que propõe ao Zé fazer outra promessa. Entretanto, Zé, na sua intuição primária, fica irredutível. A praça começa a ficar cheia de gente. O policial, agora acompanhado, tenta levar Zé preso. Os capoeiras procuram impedir e, no tumulto, ouve-se um disparo. Todos param e então observam Zé-do-Burro estirado no chão, morto com um tiro na barriga. O padre lamenta e Rosa chora.

(Continua). MENSAGEM:

HUMBERTO LUIZ DE SOUZA
TC - Matr. 2.018.156

Código 012.101

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564 P696

DPF
DCDP
Fls. N.º 479
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 327/85-SCC (Continuação).

III. Mensagem: A peça aborda o sincretismo religioso da Bahia, dentro deste caso típico do matuto da roça sofrendo o impacto / da vida urbana. Neste aspecto de reprodução de costumes a mensagem é positiva. A relação mais complexa se dá entre Zé-Padre e/ o gigolô com a mulher do Zé.

IV. Público alvo: maiores de 14 anos.

V . Linguagem : Comum, coloquial.

VI . Grau de persuasão : convincente (forte).

VII. Perspectiva censória: Considerando o valor do aspecto ilustrativo da obra, dependendo do ensaio geral, o texto em apreço / destina-se à um público acima de 14 anos. Isto porque o confronto entre Zé e o padre exige certo discernimento, bem como o relacionamento entre o gigolô Bonitão e a mulher de Zé-do-Burro.

XI . PARECER: Pelo exposto acima, opino pela liberação do texto na dependencia do ensaio geral, para maiores de 14 anos.

Justificativa de impropriedade: Relacionamento anti-social com cenas de violência.

PORTO ALEGRE, 20 de Junho de 1985.

Humberto Luiz de Souza.

HUMBERTO LUIZ DE SOUZA
TC - Matr. 2.018.156

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.697

DPF
DCDP
Fls. N.º 480
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER n 334/85 -SCC-

Visto.
Em 26.06.85

JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

TÍTULO : O PAGADOR DE PREMESSAS
AUTOR : DIAS GOMES
ESPÉCIE: TEXTO DE TEATRO
CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

Enredo : Um ingênuo camponês, pagando uma promessa, chega a Salvador/BA, trazendo uma cruz às costas com o fito de depositá-la na igreja de Santa Bárbera. Ao justificar sua promessa ao Padre, este entende que se tratava de um desrespeito à Igreja, que o campones "Zé do Burro ", estava sendo tentado pelo demônio ao pretender ocupar o lugar de Cristo. Apartir desse conflito, vão surgindo personagems característicos da época e do lugar, e que vêm a interferir no caso de acordo com seus interesses. Assim o jornal apresenta sensacionalismo político com idéias socialistas, a Igreja intransigente, temendo o sincretismo religioso, A polícia no seu entender, persegue um criminoso e agitador. É somente compreendido pelo povo, representado pelos "capoeiras " que o defendem. Paralelamente, sua mulher é tenteda a abandoná-lo por um / "Bon-vivent" que vive da exploração do lenocínio, este tramando a prisão de "Zé do Burro", não consegue seu intento, pois o camponês é morto, e Rosa, sua mulher, acompanha o corpo do marido.
Mensagem: A distorsão de valores humanos e sociais através de interesses egoísticos e ambição de poder.
Linguagem : Coloquial, regional sem grosseirismos.
Publico Alvo: Jovem .
Perspectiva Censória: Drama abordando a decadência dos valores humanos, fazendo do homem vítima de interesses inescrupulosos e do extremismo do poder.
Parecer :O texto nada apresenta que contrárie a legislação censória ou mesmo que imponha restrições de idade, pelo que opino pela liberação sem restrições de idade. Livre.

Porto Alegre, 25 de junho de 1985.

Frigóis Rosa Pedroso
T. CENSURA - SCDP/
MAT. 2.404.837

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.698

DPF
DCDP
Fls. N.º 481
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº 522/85 - SCC

Visto.
Em 26.09.85
João Bispo da Hora
Censor Federal - Matr. 2.324.463
Chefe da SCDP/SR/DPF/RS

1 - IDENTIFICAÇÃO

1.1 - Título: "O pagador de promessas"
1.2 - Autor: Dias Gomes
1.3 - Espécie: Texto teatral
1.4 - Local: Teatro do IPE
1.5 - Data: 13.09.85
1.6 - Hora: 10:30 hs

2 - CONTEÚDO

2.1 - Enredo: Zé-do-Burro chega a uma cidade do interior da Bahia, após ter percorrido quilômetros a pé, carregando pesada cruz às costas. Ele pretende colocar essa cruz na Igreja de Santa Bárbara: foi a promessa que fizera pela recuperação da saúde de seu burro. O padre, porém, o impede de concretizar seu objetivo, pois vem a saber que tal promessa fora feita em terreno de candoblé não a Santa Bárbara propriamente, mas a Iansan, entidade equivalente à Santa católica no sincretismo religioso afro-brasileiro. A promessa, portanto, para o padre, não passava de um grande sacrilégio. A partir dessa temática central, a peça registra o conflito que explode entre o camponês ingênuo (Zé-do-Burro), com sua visão simplória da religião e o padre autoritário, com seu entendimento meramente formal dos sentimentos religiosos do ser humano. Como pano de fundo, a obra retrata costumes e hábitos da Bahia, bem como alguns personagens típicos regionais, abordando, ainda, de forma irônica, o sensacionalismo da "imprensa marrom", personificada na figura de um jornalista irresponsável e arrivista.

2.2 - Mensagem: Reflexões sobre o sincretismo religioso brasileiro, com uma crítica sobre os posicionamentos radicais decorrentes de concepções religiosas estereotipadas.

3 - PÚBLICO ALVO

Adolescentes e adultos.

4 - LINGUAGEM

Coloquial.

5 - GRAU DE PERSUASÃO

Muito convincente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564.P.699

DPF
DCDP
Fls. N.º 482
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº 522/85 - SCC (CONTINUAÇÃO)

6 - COMPOSIÇÃO CÊNICA

6.1 - Cenário: Uma igreja e um bar feitos de madeira e papelão.
6.2 - Iluminação: Sem efeitos especiais.
6.3 - Som: Não houve música por problemas técnicos.
6.4 - Guarda-Roupa: Trajes comuns.
6.5 - Expressão Corporal: Não é muito utilizada.

7 - PERSPECTIVA CENSÓRIA

7.1 - Comentário: A peça é muito rica em observações sobre aspectos da sociedade e da política brasileira. Há farpas distribuídas em todas as direções. O desfecho do enredo, com a introdução do cadáver de Zé-do-Burro na igreja, feita pelo povo, parece indicar ser preferível, apesar dos pesares, uma visão simplista da religião do que um ponto de vista dogmático.

7.2 - Parecer: Pela liberação com restrição etária, nada havendo na peça que contrarie a legislação censória em vigor.

7.3 - Classificação: Imprópria para menores de 14 (quatorze) anos.

7.4 - Justificação: Conflito religioso e crítica de costumes.

Porto Alegre, 13 de setembro de 1985.

Alex Cardia Eschiletti

Alex Cardia Eschiletti
Censor Federal - Mat. 022.923

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564,V.100

DPF
DCDP
Fls. N.º 983
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº 523/85-SCC

Visto. Em 26.09.85

I. Identificação: a. Título: " O PAGADOR DE PROMESSA"

b. Autor : Dias Gomes

c. Análise do Ensaio Geral .

Censor Federal Mat. 2.324.463 SCDP/SR/DPF/RS

II. Resumo: Trata-se de um drama em três atos, enfocando o sincretismo religioso na Bahia, através de um pagador de promessa. O personagem principal é Zé do Burro, por andar sempre acompanhado pelo seu burro Nicolau. Acontece que Nicolau ficou doente e graças à Sta Bárbara conseguiu curar-se. Então Zé do Burro prometeu à Santa de marchar até a capital, Salvador, e colocar uma cruz, igual à de Cristo no altar da Igreja de Sta. Bárbara. Zé levou a cruz às costas, acompanhado por sua mulher por várias léguas, chegando pela madrugada na praça da Igreja. Lá ele se defrontou com a complexidade da vida urbana, representada por segmentos sociais. O vigário suspeitando de mistura da promessa com o Candoblé, proibe Zé do Burro de entrar com a cruz na Igreja. Baseado neste conflito é que se desenvolve toda a trama. Os populares estão a favor de Zé. Sua mulher, igualmente ingênua, estava cansada e foi seduzida por um gigôlo para dormir com ele / num hotel, com consentimento de Zé do Burro, que não suspeitava / que o gigôlo iria traí-lo. Por fim, após um apêlo do Bispo, Zé do Burro fica exaltado, sem condições de entender porque desistir, / ameaçado pela polícia, gera um tumulto, que termina com um tiro. Todos fazem silêncio, e surge a vítima estirada no meio da praça, que era Zé do Burro. Os populares colocam seu corpo no meio da cruz e introduzem dentro da Igreja.

III. MENSAGEM: Positiva; apresenta uma ilustração dos costumes e do sincretismo religioso na Bahia, com valor de atualidade.

IV. Público alvo: Maiores de 14 anos.

V . Linguagem: Coloquial ,normal.

VI. Grau de persuasão: convincente.

ENSAIO GERAL: O palco apresenta uma fachada de igreja do lado direito e um bar à esquerda, simulando uma praça ao centro. Os personagens estão devidamente caracterizados, sem restrições. Zé do Burro e sua mulher, com traje caipira; o policial de farda (digo, o guarda) O gigôlo sofisticado, o padre de batina e a prostituta de saia curta. A iluminação é direta, sem efeitos especiais. Não há som, nem canto na representação.

PARECER: Considerando o aspecto positivo da ilustração cultural da reprodução dos costumes na Bahia, com seu sincretismo religioso com resalva para o papel do gigôlo e da prostituta, opino pela liberação do espetáculo em apreço, para maiores de 14 anos.

Justificativa: "Conflito religioso e crítica de costumes".

PORTO ALEGRE, 18 de Setembro de 1985.

Humberto Luiz de Souza
Censor Federal - Mat. 2.018.156

Código 012.101

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P.701

DPF
DCDP
N.º 484
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 525/85-SCC

Visto.
Em 26.09.85

João Bispo da Hora
Censor Federal - Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

1-DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Título: O PAGADOR DE PROMESSAS
Autor :Dias Gomes
Espécie:Ensaio Geral
Local:Teatro do IPE
Data :13/09/85
Horário:10:30h

2-CONTEÚDO:

2.1-Enredo: Zé do Burro faz uma promessa :carregar uma cruz tão pesada quanto a de Jesus,se o seu burro de estimação(Nicolau) sarar,pois durante uma tempestade caíra uma árvore em sua cabeça e agora ele não consegue se recuperar.O burro fica curado e Zé vai pagar a promessa carregando a cruz por sete léguas até a igreja de Santa Bárbara.Sua mulher o acompanha na jornada.Ao chegar à Igreja,o padre se recusa a deixá-lo entrar,pois Zé contara que fizera a promessa num terreiro de umbanda.Zé não desiste e continua em frente à Igreja,o padre também continua firme na determinação de não deixá-lo cumprir toda a promessa e o acusa de ter partes com satanás.Aos poucos,o povo vai tomando conhecimento do fato e se reúne na praça.O jornal faz uma matéria sensacionalista com afirmações de Zé(supostas),dizendo que ele quer fazer até a reforma agrária.O Bonitão,um explorador de prostitutas envolve a mulher de Zé,induzindo-a a manter relações amorosas com ele.Arrependida,ela conta para o marido e este reage,mas depois acha que isto faz parte de sua provação.Como a cidade começa a ficar agitada com a situação,a polícia resolve prender Zé e como este tenta reagir,é morto.Só então o padre abre as portas da Igreja e os populares o carregam na cruz,levando-o até o altar.

2.2-MENSAGEM PRINCIPAL:mostrar que o fanatismo religioso,tanto a favor como contra determinada crença leva ao extremismo,podendo culminar com a agitação do povo e causar mortes desnecessárias e procura pregar a tolerância religiosa e o amor entre os homens. É positiva.

3-PÚBLICO ALVO:maiores de 14 anos.

4-LINGUAGEM:coloquial,com termos e pronúncia nordestinos.

5-GRAU DE PERSUASÃO:forte.

6-PERSPECTIVA CENSÓRIA: O texto enfoca o fanatismo religioso,a intolerância e o medo de alguns diante da fé e das convicções de outros,temendo que declarações de um homem simples,as quais foram truncadas, possam mudar o status quo reinante no interior do nordeste.

6.1-PARECER:Pelo exposto,não contrariando a Legislação Censória,opinamos pela LIBERAÇÃO,com restrição de idade para 14 anos.

6.2-CLASSIFICAÇÃO:impróprio para menores de 14 anos.

6.3-JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE:Conflito religioso e crítica social.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0564, P. 702

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



DPF
DCDP
Fls. N.º 485
Rubrica

RELATÓRIO Nº 525/85-SCC

7-COMPOSIÇÃO CÊNICA:

-Cenário: as ruas de uma cidade do interior(uma tenda de venda de artigos diversos,desde cachaça),uma Igreja,algumas casas.
-Figurinos: roupas de uso normal do cotidiano para Zé e sua mulher; terno e gravata bem estilo "Gardel" para o gigolô;terno tradicional para o delegado,farda para o brigadiano,e vestido de baiana para a vendedora de acarajé.
-Iluminação: geral,sem efeitos especiais.
-som: não houve sonorização devido a problemas técnicos.
-Marcação:seguida conforme o texto.

Porto Alegre ,15 de setembro de 1985.

Luci de Mello Lira
Censora Federal - Matr. 022.403

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0564, P.703

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 486
Rubrica

Certificado Nº 449/85-RS

VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL

PEÇA O PAGADOR DE PROMESSAS

ORIGINAL DE DIAS GOMES

APROVADO PELO SCDP/SR/RS ~~PELA D.C.D.P.~~.

VÁLIDO ATÉ 24 de setembro de 1990

CLASSIFICAÇÃO
CONFLITO RELIGIOSO E CRÍTICA DE COSTUMES.

P. Alegre, ~~Brasília~~, 24 de setembro de 1985

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS
~~Diretor da DCDP~~

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 14 ANOS

# M.J-D.P.F
# CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O PAGADOR DE PROMESSAS

Original de DIAS GOMES

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por ILONA CHRISTENSEN RAMOS - PORTO ALEGRE/RS

Tendo sido censurada em 24 de setembro de 1985 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS, SEM CORTES. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RS.

P.Alegre, Brasília, 24 de setembro de 1985

Renato Rodrigues de Faria
Censor Federal - Matr. 2.415.816
Chefe da SCC/SCDP/SR/RS
Chefe do Serviço de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0561 P.704

DPF—150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0569,P.705/705

# TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 487
Rubrica

TÍTULO " O PAGADOR DE PROMESSAS "

AUTOR DA PEÇA: " DIAS GOMES "

**1) ARQUIVO**

Clas. Anterior " L I V R E "

Praça " SCDP/SR/RS "

Obs.:

DF. 01 / OUT. / DE / 1985

Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

**2) PROGRAMAÇÃO**

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

**3) CHEFE DA S.C.T.C.**

Senhor Chefe do SC.
Esta peça já foi liberada para 18 e 14 anos anteriormente. Encontram-se válidos certificados com ambas as classificações.
Em razão disto, já que está dado o certificado definitivo, entendo que permaneça a faixa etária deste, ou seja 14 anos.
BSB, 03/10/85

Elisio Marcelo Pinato
CF - Mat. 1227
Chefe da SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

**4) SERVIÇO DE CENSURA**

De Acordo.
Em: 05 de 10 de 1985

Raymundo Eustáquio de Mesquito
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

Em de de 1.9

**5) DIRETOR DA D.C.D.P.**

De Acordo.
Em: 16 de 10 de 1985

Hellé Prudente Carvalhedo
CF - Mat. 2.415.791
Dir. Subst. da DCDP